COLEÇÃO GRANDES ROMANCES

NORTE

Louis-Ferdinand CÉLINE

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Tradução de Vera de Azambuja Harvey

Espírito atormentado e contraditório, Louis-Ferdinand Céline é um desses escritores insubmissos que não perdoam à realidade e aos homens sua estupidez fundamental e sua falta de sentido. Seus livros revolucionaram a literatura francesa ao introduzirem a frase curta e truncada, não raro incoerente, recurso expressivo que procurava reproduzir a fala popular. Em Norte, *romance fortemente autobiográfico, o autor narra parte de uma jornada inglória que empreendeu através de uma Alemanha em chamas, nos estertores da Segunda Guerra Mundial. Espécie de ópera-bufa que mescla o patético e o burlesco, este é um dos romances mais característicos de um escritor que, admirado por uns, odiado por outros, decididamente não vê com bons olhos o que os homens fazem da vida e de si mesmos.*

De Louis - Ferdinand Céline
leia também:

Morte a crédito

20 ANOS
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Autor de uma obra em grande parte autobiográfica, que reflete um espírito atormentado e cheio de contradições, Louis-Ferdinand Céline revolucionou a literatura francesa, entre as duas grandes guerras, com um estilo que, desafiando as convenções literárias da época, procurava reproduzir cruamente a maneira pela qual se expressava o povo. Mas seu objetivo não era tornar-se um escritor popular, e sim expressar de modo direto e brutal os sentimentos de revolta que experimentava contra uma realidade que lhe parecia estúpida, degradante e sem sentido.

Céline teve vida movimentada e irregular. Participou da Primeira Guerra Mundial, quando sofreu um ferimento na cabeça que o deixou parcialmente inválido, e obteve uma condecoração militar. Na década de 20, após formar-se em medicina, fez diversas viagens a trabalho: esteve em Genebra, República dos Camarões, Canadá, Estados Unidos, Cuba. Em 1932, com o romance Voyage au bout de la nuit, *em que descreve sua experiência de guerra como algo sórdido, sem nenhuma grandeza, obtém o prêmio Renaudot e provoca furor nos meios literários.*

Alcançaria novo sucesso em 1936, com Morte a crédito, *baseado em recordações da juventude. Em 1944, em plena guerra, Céline envolve-se numa aventura rocambolesca ao tentar atravessar a Alemanha para atingir a Dinamarca, onde depositara suas economias. Considerado como suspeito por alemães e aliados, amarga uma prisão na Alemanha e outra na Dinamarca. Acusado de colaboracionismo, seus bens são confiscados pelo governo francês. Será mais tarde anistiado e voltará à França em 1951.*

A travessia que fez da Alemanha em chamas é o assunto de Norte. *Em companhia de sua mulher, Lili, do ator Le Vigan e do gato Bébert, o escritor realiza uma jornada que nada tem de gloriosa ou heróica, pois assemelha-se mais a uma ópera-bufa que mesclasse de maneira insólita o burlesco e o patético. O estilo é formado por frases curtas, truncadas, e sempre remete à afetividade, nunca à razão. Pois o que pretende, na verdade, é expressar a evanescência dos homens e das coisas, o absurdo fundamental da existência, a estupidez dos atos humanos. E, se não transmite ao leitor conforto moral ou intelectual, concede-lhe o prazer de uma experiência literária incomum.*

Capa Victor Burton, sobre detalhe de *L'ange du foyer*, de Max Ernst

Louis-Ferdinand Céline

Norte

Tradução de
Vera de Azambuja Harvey

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: NORD

© Éditions Gallimard, 1960

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP: 22.461 — Tel.: 286-7822
Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Revisão tipográfica
RENATO ROSÁRIO CARVALHO
SONIA MARIA OLIVEIRA LIMA
RICARDO CRUZ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Céline, Louis-Ferdinand, 1894-1961.
C387n Norte / Louis-Ferdinand Céline; tradução de Vera de Azambuja Harvey. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Tradução de: Nord.

1. Literatura francesa — Romance. I. Harvey, Vera de Azambuja, trad. II. Título.

85-0968 CDD — 843

Nascido em 1894, em Courbevoie, perto de Paris, Louis-Ferdinand Céline (pseudônimo de L.-F. Destouches) preparou-se sozinho, já trabalhando, para o exame de madureza. Tendo-se alistado em 1912, foi gravemente ferido em novembro de 1914. Inválido em 75% e reformado, foi enviado aos Camarões (1916) e depois a Londres (1917). Após a Vitória, estudou medicina e foi encarregado de missões na África e nos Estados Unidos pela Liga das Nações. De volta à França, exerceu a medicina nos subúrbios de Paris e publicou, em 1932, seu primeiro livro: *Viagem ao fundo da noite,* ao qual se seguiu, em 1936, *Morte a crédito* (publicado no Brasil pela Nova Fronteira em 1982). De 1944 a 1951, Céline viveu exilado na Alemanha e na Dinamarca. Voltando à França, instalou-se em Meudon, onde continuou a escrever sua obra (*D'un château l'autre, Nord, Rigodon*) e a tratar essencialmente dos pobres. Morreu em 1961.

Céline no meio da Alemanha em chamas, é este o tema de Norte. *Ator, narrador e espectador ao mesmo tempo, o autor encontra-se em Baden-Baden, nos meses que precederam a derrocada do Reich, num grande e estranho hotel onde se dá mais importância ao caviar, à* bouillabaisse *e ao champanhe do que aos bombardeios e onde a surpreendente baronesa von Seckt, sobrevivente de um mundo desaparecido, julga Hitler: "Ora, Sr. Céline, o triunfo do Diabo deve-se principalmente ao fato de que as pessoas que o conheciam já se foram..."*

Depois surge Berlim com suas casas arrebentadas, a demonstração de uma organização obsessiva no meio das ruínas. Céline e

seus companheiros de infortúnio (sua esposa Lili, o ator Le Vigan e o gato Bébert) são enviados a cem quilômetros da capital, a Zornhof, para uma imensa propriedade dirigida por um louco. A leste, a planície estende-se até o Ural. Em volta dos quatro franceses (pois Bébert vale por um francês), vive uma família shakespeariana, numa região habitada por poloneses, prostitutas berlinenses e pacifistas, todos bem gordos e robustos, que fabricam ataúdes por ordem do Reich.

Céline proclama-se cronista, mas descreve a Alemanha em derrocada como Dante visitava os círculos de seu Inferno.

De um lado, os grandes deste mundo, sempre ávidos de gozar a vida; do outro, os miseráveis a quem se lança um "ideal" como um osso a ser roído. E, incessantemente, "o mundo dos gregos, o mundo trágico, preocupações todos os dias e todas as noites".

O texto de Nord *apresentado nesta edição é o do volume* Romans II *da* Bibliothèque de la Pléiade.

Oh, sim, disse com os meus botões, logo tudo vai acabar!... *ufa!... já vimos muita coisa...* aos sessenta e cinco anos e lá vai fumaça, porra, que importância tem para a gente a pior das piores arquibombas H?... Z?... Y?... um sopro!... uma ninharia! mas o que é horrível é o sentimento de ter perdido tanto tempo e ter feito toneladas e toneladas de esforços por esse bando horroroso e diabólico de bêbados, filhos da puta, puxa-sacos... que diabo, minha senhora!... "venda seus rancores, cale a boca"!... bolas, eu aceito!... sim, mas para quem?... os compradores me amarram a cara, é o que parece... só apreciam e compram os autores quase iguais a eles, os que já foram condecorados... o lacaio, o lambe-sola, o limpa-rabo, indiscrições, beatas, forcas, bidês, guilhotinas, envelopes por baixo do pano... para o leitor sentir-se em terreno conhecido, como um semelhante, um irmão, bem compreensivo, disposto a tudo...

"Cale a boca!... nas galeras, já havia dez por cento de "voluntários", o senhor é um deles!"

*

Pode-se muito bem não votar nunca e, mesmo assim, ter uma opinião... e até muitas... é um privilégio da idade... chega um momento em que não se lêem mais todos os artigos... só os anúncios... eles já contam tudo... e o obituário... a gente sabe o que as pessoas querem... e sabe que estão mortas... e basta!... o resto é conversa fiada... esquerda, centro ou direita! Agências de tolerância, como outrora as "casas"... para todos os

gostos... as pequenas manias e as grandes...

Você os vê darem ouvidos aos pobres refugiados esmirnotas, búlgaros-batavos, afro-polacos, todos de fazer dó, mas, que merda, e você? você não é mais ninguém!... ainda não percebe?... apagou-se da face da terra.

*

A turma de 1912 é antiga, claro!... mas eu vou dizer uma coisa, é de cem anos a.C. que a gente devia ser!... tudo o que a gente conta é chato!... as peças de teatro, só se vêem bocejos! e o cinema e a tevê... uma calamidade! O que eles querem, o povão e a elite, é circo... matanças e sangue escorrendo!... a arena cheia de estertores, torturas, tripas à mostra!... acabaram-se as meias de seda, os seios postiços, os suspiros e bigodes, Romeus, Camélias, Cornudos... não!... Stalingrado!... caminhões de cabeças cortadas! heróis com o pau na boca! é preciso voltar com carradas de olhos dos grandes festivais... acabaram-se os programinhas em letra dourada! coisa séria, sangrenta... chega de falsas lutas repetidas!... Não!... o Circo vai acabar fazendo todos os teatros fecharem... a moda esquecida vai ser um sucesso... a de trezentos anos antes de Cristo! "até que enfim!", que oportunidade para o romance! vou me apressar... o traje a rigor é obrigatório? Claro que não! claro que não! "a vivissecção dos feridos"!... aí está! tanta arte, séculos das chamadas obras-primas para nada! Roubalheira! crimes!

*

"Afinal o senhor se considera uma cronista?

— Nem mais nem menos!...

— Assim, sem nenhuma cerimônia?

— Não me desafie! ainda estou ouvindo a Sra. von Seckt...

— Eu garanto, Sr. Céline, se o meu marido fosse vivo, nunca teríamos tido Hitler... esse homem-catástrofe!... a inteligência sem a vontade não leva a nada, não é?... mas a vontade sem a inteligência?... catástrofe!... dá no que deu, Hitler!... é essa, também, a sua opinião, Sr. Céline?...

— Naturalmente, senhora, naturalmente!..."

Só Deus sabe se os hóspedes do Hotel Brenner, em Baden-Baden, eram partidários de De Gaulle, anti-hitleristas de todos os tipos... se estavam preparados para os Aliados!... cruz de Lorena no coração, nos olhos, na língua... e não eram gentinha sem sorte, comerciantes enlouquecidos e rudes... não! eram todos clientes de alto luxo, da alta categoria, com duas ou três camareiras por apartamento! um balcão de repouso ensolarado dando para a *Lichtenthalallée*... à beira do Oos, aquele riachinho de marulhos tão distintos, margeado por todos os tipos de árvores raras... uma paisagem de alto refinamento... salgueiros de cabeleiras prateadas, à beira d'água, durante vinte... trinta metros... jardim aprimorado pela arte de três séculos... o Brenner só admitia famílias muito, muito boas, antigos príncipes reinantes ou magnatas do Ruhr... desses grandes capitães de fundições com cem... duzentos mil operários... e na ocasião de que estou falando, em julho de 44, ainda abastecidos muito bem e pontualmente... eles e a criadagem... manteiga, ovos, caviar, geléia inglesa, salmão, conhaque, champanhe... lançados de pára-quedas sobre Viena na Áustria... diretamente de Rostov, Túnis, Epernay, Londres... as guerras que explodem em sete frentes e em todos os mares nada podem contra o caviar... a superarrasa-tudo, bomba Z, lança-pedras ou mata-moscas, respeitará sempre as *delikatessen* das mesas da alta-roda... não há de ser amanhã que se vai ver Krukruzof comendo carne de lata! Nixon passando a pão e laranja, Millamac, à cenoura crua... as mesas da alta são "Razões de Estado"... O Brenner tinha tudo para isso!... assassinos em todos os andares, vestidos de ajudantes de cozinha... levando compota de cereja pra lá e pra cá... quanto ao dinheiro, já se pode imaginar que eram gente sem preconceito... a "Bolsa do marco" com dez, quinze milhões, de uma vez, numa só carta, divertia os clientes e os criados... ah! que pressa de se livrar daquele dinheiro de farsa!... comprar com qualquer coisa! mas de onde vinha a muamba? da vizinhança!... da Suíça... e por lá, do Oriente, de Marrocos... e por que preços!... carradas de marcos!... muito bem... muito bem... mas ainda era preciso um bazar!... um andar inteiro do Brenner foi transformado... com seus mercadores autênticos!... de cabelos crespos, untados

de brilhantina, trigueiros, cautelosos adrede... amabilidades de onça, sorrisos de crocodilo, primos de Nasser, Laval, Mendès, Yousef... "ora vamos! caros fregueses!" era preciso ver o que os magnatas traziam de dinheiro!... caminhões!... o bazar Brenner em plena atividade!... o supra-sumo! um tapete Bukhara: cinco quilos de *Schlacht Bank!* era pesar e levar!... amanhã vai se ver o mesmo bazar no Kremlin, Rússia, na Casa Branca, Estados Unidos, uma outra guerra no auge!... dez, vinte Hiroximas por dia, vai se poder pensar que as coisas vão bem... que os ruídos são tremendos, e só! benignidades, fricotes, melindres atrozes... tudo, contanto que Mercúrio tenha uma oportunidade!... é o essencial!... seja nos trabalhos forçados russos, em Buchenwald, ou nos "piores hospícios", ou debaixo das cinzas atômicas, lá está Mercúrio! seu pequeno templo?... podem ficar tranqüilos... a vida continua... Nasser também é o seu canal!... e a geléia inglesa!... e os legítimos esturjões de Rostov!... que o último pára-quedas que sobrar faça o favor de não perder tempo em jogar outra coisa que não seja um caixote de *Chianti* mais as taças e espelhos *biseautés,* "autênticos de Veneza", e, ainda melhor, conjuntos camisola-robe de náilon, com rendas imitação valencianas!... tudo bem em cima da mesa das senhoras "Komnissar"!... ali, ídolos perfumados, enfastiadas das torturas, bocejando diante das forças... imaginem as camisinhas de náilon do último pára-quedas!... não vamos repetir! já basta de falar desses troços chatos para reduzir a pó cinco províncias! agitar nêutrons tão fortes, capazes de acabar com a estação Saint-Lazare!... a ponto de não sobrar um só parafuso de locomotiva!... já chega de extravagância!

Garanto que, em Baden-Baden, no Hotel Brenner, havia muito o que ver e contar!... lá não estava só o pessoal dos *Koncern* de Ruhr e dos bancos da Europa Central-Balcãs, mas também os generais feridos, poucos, de todas as frentes, principalmente à mesa do ministro Schulze, representante da Chancelaria!... toda essa gente não passava mal, juro... comidas finas e cada complô, trama e horário!... vão pensar que estou inventando... mas, absolutamente... sou cronista fiel!... era preciso estar lá pra ver claro... as circunstâncias! não é qualquer pessoa... o fim das refeições abarrotadas de assados, pesados segredos e vinho

de Borgonha... cardápios irresistíveis!... requinte de ponta a ponta, das entradas aos morangos com creme... pêssego melba... calda?... mais?... menos?... um nada?... e o bando de garçons muito atentos, à escuta e anotando tudo, entre hesitações, *já* e suspiros... as finas flores das redes de espionagem, gigolôs, *fifis, geheimdienst,* Wilhelmstrasse, *tutti frutti,* todas as tendências!... tão hábeis e prontos a servir quatro "micros" de uma só vez quanto a apresentar faisões, lagosta com dois molhos e aipo, com uma só mão! ao mesmo tempo! a doze convivas... agilidade, silêncio, precisão! muitos já tinham servido Pétain e, no Ritz, em Paris, Goering... e não só o Hermann! todos os altos dignitários nazistas mais a baronesa de Rothschild... para os perdidos, miseráveis, fracassados, baboseiras racistas... a elite é a elite, de qualquer forma, em qualquer lugar!... para os outros, os *meetings,* e a merda! levantes, gritaria, punhos levantados, punhos abaixados, polegares pra baixo, de joelho, deitados, que vá à merda a corja toda! um garçom da Casa Branca, do Kremlin, de Vichy ou do Brenner tem o mesmo jeito inconfundível de oferecer a salada... o patife típico, coma ele repolho roxo ou couve-flor, *bortch* ou cozido, soltará sempre o mesmo peido de dar pena... seja ele regado a *beaujolais* ou vodca! mas outras digestões bem diferentes vão se fazer em Windsor, no Kremlin, no palácio do Elysée!... o que é que quer o jornal de esquerda *L'Humanité,* a *intelligentsia* dos condenados?... a sua felicidade, o seu fervor? dar os mesmos peidos de Kruschev ou Picasso!... ser maldito como eles!... não é tão fácil!... estilo, tradições, carpetes espessos, pratos servidos sem ruído!... hem, seus matutos!... "O senhor deseja, por favor, este consomê com pontas de aspargos?... mais cremoso!...

— Muito obrigado, Alteza!"

Aqui está... E também o badejo!... não precisa repetir duas vezes!...

É claro que a Bebecê, a Brazzaville e a Chaux-de-Fonds eram informadas antes de nós das mínimas variações de humor, dos menores gorgolejos dos bidês... podiam-se ouvir de hora em hora, através de todos os alto-falantes dos corredores, todas as estações do mundo e todas as notícias do Brenner... ficava-se sabendo pela rádio de Trebizonda o que estava acontecendo no quarto ao lado... as chegadas e as partidas... Porra! ninguém fazia ceri-

mônia... com a enorme barriga, bem apertada, "plenos poderes", o *legationsrat* Hanz Schulze só pensava em safar-se... todos os seus pensamentos eram: segurança!... os bens e a família na Baviera... e para nós, claro, o matadouro!... ele estava seguro, tinha a sua "rede"!... todos os lacaios, da cozinha, dos corredores e do restaurante vinham lhe contar tudo religiosamente... de hora em hora... tudo o que acontecia nos quartos, o bacará, as farras, a coca... quanto às doenças, era eu o encarregado... um relatório todas as manhãs!... é verdade, ninguém ousaria nunca afirmar que havia algo escondido no Hotel Brenner... eu já disse isso, no meu último livro, falando de Sigmaringen, em um dado momento, contanto que as informações cheguem, se embaralhem, se amontoem... tudo vai bem!... pode continuar desse jeito durante séculos, como, por exemplo, Roma, Nínive, Bizâncio, Babilônia... e mais perto de nós, os soviéticos... nós podemos durar dois... três milênios, nós e os soviéticos, nesse vaivém entre processos por fuga e apresentação do corpo de baile, entre matanças sangrentas de touradas interpoliciais... e toma discursos e toma eleições! hurra! viva a pitecantropia! não foi à toa que ela saiu das cavernas!... palavrório, espreita, microfilmes e boa vida, requinte de foda e ágapes!... o nosso, o *legationsrat* Schulze não queria outra coisa... informações e uma vida de príncipe! Cuidei dele e da família... ele ocupava os gabinetes, e as governantas e crianças, toda a "ala ensolarada" do hotel... não podia querer nada melhor!... ah, podia... quanto à cozinha!... não estava nada satisfeito! não acertavam as *bouillabaisses!*... e não era por falta de cuidado... mas faziam de propósito! era evidente! mandar aqueles caldos ralos para Schulze, conhecedor requintado, cônsul em Marselha durante dez anos! era sabotagem!

"Doutor ! Doutor! prove só isso!... parece sopa do Exército da Salvação!"

Ele, que durante dez anos tinha sido cônsul em Marselha, mandava chamar o chefe-cozinheiro... que era também de Marselha! e lá vinham as explicações! Com sotaque e tudo! Todo o exército alemão podia estar em derrocada, podiam dizer que estava perdendo a Europa, deixava para trás vinte exércitos, mas a *bouillabaisse* de Schultz sempre foi a grande preocupação do Hotel Bren-

ner... o abastecimento por "entrega rápida"! rascasso, alho, açafrão, peixes pequenos da Côte des Maures, vinte espécies diferentes, lançados na cozinha à hora certa, frescos, em aquários, por avião... para que não se dissesse, mais tarde que, por causa da guerra ou não, houvera negligência no Hotel Brenner... mas aquela *bouillabaisse* despertava mais do que comentários... suspeitas!

Acho que, talvez na cozinha, no subsolo, eles ficavam um pouco agitados... certos *Marauders* mal-educados fingiam que estavam fazendo mira no hotel... mas só fingiam... e nada!... *looping*, piruetas e tchau!... iam bombardear o campo!... mas no subsolo, na cozinha eles podiam pensar que era lá... a terra tremia... e as panelas... e os preparos da *bouillabaisse*... mas, mesmo assim, Schulze e o chefe-cozinheiro não estavam convencidos de que não fosse um ajudante de cozinha...

E não conto nada do Cassino!... esquecimento bem grave!... Cassino "ponto de encontro da Europa", toda a alta... gente da nobreza, embaixadas, do teatro... muito antes de as massas terem acesso às viagens e de a América chegar aqui em três horas... imaginem só aquelas salas de jogo, estilo barroco da Transilvânia, com cortinas e tapetes de veludo framboesa e ouro... parece que Des Grieux vai chegar... Manon* está ensaiando... mas não é uma, são dez Manon!... e nem um pouco arrependidas!... jogadoras das piores!... carregadas de pintura vermelha e preta... uns cílios postiços, uns peitos!... umas cadeiras!... e uns sutiãs que mais mostravam do que escondiam!

Coronéis congestionados, conselheiros hepáticos, coroas prestes a desmaiar, cardíacos pálidos... pálidos... sem mais nenhuma ficha para jogar... e nem força pra se levantarem... e irem embora... como estávamos em guerra, não havia orquestra... o único ruído era o *rrrrrr* da roleta... e a voz do crupiê... "as apostas estão encerradas"...

Os clientes fidalgos do Brenner vinham dar uma volta... de nariz empinado, como convinha... mas os colaboracionistas "re-

---

* Personagem do romance e da ópera *Manon Lescaut*, cuja heroína é uma cortesã. (N. da T.)

fugiados", principalmente as senhoras, agarravam-se, três, quatro, a uma cadeira só... ofegantes... tentando a sorte...

A confeitaria do Cassino estava sempre atopetada de viúvas de guerra alemãs... em pleno tratamento para choques emocionais... e tome bolos ao rum!... suspiros e brioches aos punhados!... tortinhas de murtilas e bandejas de bombas... dava gosto vê-las!... tenho de admitir que aproveitávamos um pouco... como passamos mal mais tarde...! já contei! os doces sintéticos de Sigmaringen, mais pareciam reboco do que farinha... não me queiram mal, se conto tudo em desordem... o fim antes do começo!... tanto faz! o que vale é a verdade!... vai dar para entender! eu entendo direitinho!... é só ter um pouco de boa vontade!... é como quando se olha um quadro moderno, dá mais trabalho!... não é tão exorbitante imaginar viúvas de guerra em pleno tratamento de superalimentação de tortas, biscoitinhos, folheados de morango... e bules de chocolate bem cremoso... não é difícil! todas de bocas cheias, escorrendo... e que dificuldade para saírem... para passarem pelas portas giratórias!... era preciso que os garçons empurrassem... todas aquelas senhoras meio adormecidas... que fossem cair cá e lá... no parque... num banco ou em outro... arrotando... pensativas... giboiando ainda por muitas horas...

Os crupiês não estavam de brincadeira... e nem tinham tempo de comer um biscoitinho! escravos das fichas!... "o troco, aqui!... *no cinco!*... e ainda por cima eles treinavam os alunos, cada um tinha um... num banquinho ao lado, mutilado escolhido a dedo, perneta e fardado... não havia tempo a perder! na reabilitação do mutilado!... tinha que aprender, depressa, a lançar a bolinha... e *zás!* cinco! três! quatro! "as apostas estão encerradas!" a destreza da sorte!... o impulso harmonioso, a seqüência ininterrupta, o troco... a voz impecável anunciando!... a tradição do Baden Cassino não é de ontem!... Berlioz jogou lá e Liszt também... e todos os príncipes Romanoffs, os Naritzkines e os Savóias... Bourbons e Braganças... nós, é claro, éramos intrusos, nós, coitados, de quem nenhuma praia da Europa queria saber... afinal era uma ópera, do gênero cômico... como espectador pode-se fazer qualquer coisa... a História passa, faz o seu jogo e lá está você... e eu conto...

Eram exatamente os mesmos crupiês de Monte Carlo... todos considerando-se como "exilados"... os mesmos topetes com gomalina... os mesmos narizes aduncos, os *smokings* de bolsos costurados... como em Ostende, Zopott, Enghien... as vozes aflautadas e cortantes... "façam suas apostas"... afinal, uma única novidade, a reabilitação dos pernetas pelos especialistas monegascos... o grande *Reich* pensava em tudo... e agora estão descobrindo seus defeitos! ora essa!... o que se conta agora dos gauleses, de Luís XIV e até de Félix Faure!... todos os vencidos são lixo!... eu sei... e muito bem!...

*

Nas crônicas bem antigas dá-se às guerras outro nome: viagens dos povos... termo que é ainda perfeitamente adequado... vamos ver, por exemplo, junho de 40... o povo e os exércitos franceses só fizeram uma viagem de Berg-op-Zoom aos Pireneus... as bundas sujas de cocô, o povo e os exércitos... nos Pireneus se encontraram! todos... os Fritz e os François!... não lutaram, beberam, se sentaram, dormiram... e acabou-se a viagem!... e agora vamos voltar a Baden-Baden!... que bagunça! um mafuá de idéias!... por que tivemos de sair de Montmartre de novo? o maldito pavor de ser massacrado como na avenida Junot quatro anos depois... oh! que confissões inglórias! todos os amigos e parentes estavam contando com que me esfolassem, todos mancomunados, prestes a pular, a esvaziar os armários, repartir os meus lençóis e torrar o resto... e foi o que fizeram. Nossa Senhora! não tenho nada que reclamar, fui eu que provoquei... eu tinha me crucificado por eles... Cristo não morre todos os dias, dez mil anos depois?... é uma lição que nem todos perderam! querem a prova? é só olhar as estradas... o que passa nelas de sem-vergonhas motorizadas, cheias de caviar, brilhantes, férias... sacrificativas coisa nenhuma!

Foi em 40, já que estamos falando, que o exército francês saiu cagando, naquele galope Berg-op-Zoom, Bayonne... nós, Lili, eu, Bébert, La Vigue, em 44... da rua Girardon a Baden-Baden... cada um com sua desastrosa epopéia! o pequeno Tintin,

condenado à morte, para salvar a honra e a pele, meteu-se num avião para Lurdes... não vou regalar ninguém com *Vidas paralelas*... Tintin é uma coisa, eu sou outra... a sua crônica também vale milhões!... a minha, ora, uns poucos "cem francos" pesados... Tintin tem estátuas por toda parte, eu... na pedra da minha sepultura, não vão se atrever sequer a gravar o meu nome... já com a minha mãe no Père-Lachaise, limparam-lhe a sepultura, apagaram nosso nome... é isso que dá não fugir, quando chega a hora, para o lugar certo... e pensar que, em La Rochelle, tive que resistir ao exército francês, que queria de qualquer maneira comprar-me a ambulância!... mas ela não era minha!... eu, a honestidade em pessoa, não me dispunha a vender nada! a ambulância do meu dispensário em Sartrouville... nem pensar!... levei-a de volta para o lugar de onde vinha, aquela maldita caranguejola! mais as duas avós passageiras com sua gordura etílica e os três recém-nascidos... toda a tropa em perfeito estado! e quem foi que me agradeceu por isso? ninguém, caramba! Imaginem mil infâmias. Sou eu! Sou eu!... dava para encher as galés! vinte bandidos, Landru e companhia!... se eu tivesse vendido a ambulância pelo preço que eles me ofereciam, mais os bebês, as enfermeiras e as velhas, eu estaria no auge agora; herói da Resistência, com uma baita estátua! mas quando soa o rebate final, ah, é um Deus nos acuda!... não há crime de que a gente não tenha culpa! mal a gente oferece a garganta e já estão cortando a porcaria da carótida!... covarde!... é o que gritam pra gente os milhões das arquibancadas!... e tudo isso por orgulho e pretensão, para levar a geringonça de volta, ela não era minha, absolutamente!... pertencia a Sartrouville! que vaidade!.... se eu a largasse para os Fritz, para a francesada, para os fifis, para qualquer um, nos banhos e duchas, todos eram compradores, as velhas, as enfermeiras e os recém-nascidos incluídos! eu seria o muito respeitado, o aposentado feliz e não o vagabundo velho na pior...

Um pequeno consolo, talvez, eram, todas as manhãs, no *Figaro*, os necrológios das partidas... "que em seu castelo de Aulnoy-les-Topines, o grande comendador Espanta-medo bateu as botas... toda a família enlutada, antes de passar no cartório, agradece... as manifestações de apoio... condolências... etc."

A assinatura do *Figaro* tem suas razões... o *Correio das Parcas* já me trouxe notícias como essa de gente que tinha jurado comer meus miolos... em decomposição... chifrudos altivos! saudações à família enlutada!... coitada, atrapalhada com Aulnoyles-Topines... as florestas e o castelo... aporrinhando o tabelião!

*

É bem possível, mesmo que todo este vale do Oos não passe de um canal de átomos daqui a um ano... dois talvez... sendo assim, vale a pena falar dele!... minha narrativa não tem nenhuma ordem?... ora, o leitor vai conseguir situar-se assim mesmo!... sem pé nem cabeça?... diabo!... deixei você no Hotel Löwen sem dar-lhe a chave... não tive tempo... só umas palavras das mulheres grávidas .. o que se há de fazer?... o livro inteiro está na Editora Gallimard e o pessoal de lá pouco se importa com isso também!... lembranças e memórias!... só as férias para despertá-los! vou levá-lo de volta às mulheres grávidas... bem, espero... nossa primeira etapa, depois de Paris, foi mesmo Baden-Baden... e eu não lhe contei!... parece até que tenho vergonha!... mas é tão admissível como *Marble Arch* ou *Times Square!*... a Medway ou as margens dos Oos... a *Lichtenthal-allée!*... o supra-sumo da elegância em passeio da gente mais refinada da Europa... do mesmo nível que em Evian ou Bath!... reconheço que é uma questão de sorte!... gira a roda e fazem-se as apostas!... a sorte está contra você?... que vergonha nunca vista! você está ganhando?... pode fazer tudo o que quiser!... as mais belas avenidas com o seu nome! todas as Chancelarias a lamber-lhe o rabo!... o Cassino "Vale-tudo" da História tem uma roleta que não é de brincadeira, que está se lixando com os seus argumentos!... então, jogue uma ficha falsa, é a que você tem! o que é que tem?... se der o seu número, você vai ser adorado!... mas a nossa ficha era bem mixuruca... perguntei à sra. von Seckt, passeando na alameda Lichtenthal... à beira do Oos... aquele riozinho que corria murmurante, gorgolejante, com reflexos de todas as cores... por que nos tinham posto lá, logo nós?... nós que não éramos nem para ser mostrados nem admitidos naquele lugar... e naquele hotel...

"Oh! não tenha receio, Sr. Céline, eles têm os seus planos!... o senhor vai ver que essa grande catástrofe vai acontecer segundo um plano... os exércitos do Reich estão saindo da Rússia segundo um plano!... dez mil mortos por quilômetro... quanto à França, ainda não lhe posso dizer, por enquanto... mas com certeza também... outros tantos por quilômetro... o príncipe Metternich estava me dizendo ontem que em Paris as represálias já... tome cuidado... Sr. Céline, os nossos loucos são extremamente sorrateiros, e cavalheiros, e metódicos... que mistura barroca, não?... o senhor vai ver!... a arte barroca é uma arte alemã... típica, não é?... típica!... eles levam tempo, o senhor vai ver, vai ver tudo, Sr. Céline... veja só minha situação, a minha própria casa em Potsdam, tenho certeza de que foi bombardeada pela Luftwaffe! e de modo algum pela R.A.F.!... uma ordem do louco para me fazer desaparecer com a casa e tudo, e mais os papéis do meu marido!... vieram bem ao meio-dia, na hora do almoço... eu estava em casa de minha filha, em Grünwald... oh, a minha casa não existe mais... uma turma da Chancelaria veio remexer nos escombros! não acharam nada... se estou viva, devo-o ao príncipe Metternich, ele veio buscar-me às onze horas... e agora, Baden-Baden, não?... e pensar que, quando meu marido era vivo, nós queríamos comprar alguma coisa por aqui... uma casa de verão... veja só o que é o destino!... eu também gostaria de saber por que eles nos puseram aqui, todos juntos, ou melhor, não gostaria de saber, eu sei... com certeza o senhor observou... essas bombas caindo... não muito longe do hotel... e na hora do almoço... isso acontece tão seguido... não?... que ninguém mais tem medo... todo mundo se habitua... não acredita mais!... se o senhor tem meios de sair do Brenner, faça-o, Sr. Céline!... o Hotel Brenner está adormecido com seus hóspedes!... num encantamento!... só uma bomba pode acordar tudo!... estou brincando, Sr. Céline... na verdade, o senhor sabe, este vale é um paraíso... em nenhum lugar do mundo podem-se encontrar essências como as daqui, e bosques... uma vida agradável como a que se leva aqui... talvez em Tsarskoie-Selo?... só os salgueiros, não?... não são folhas, são lágrimas de ouro e prata à beira do Oos... um fascínio, realmente! e tantos passarinhos!...

— Uma maravilha, Sra. von Seckt.

— No tempo de Max de Bade, talvez houvesse mais ninhos... para os pássaros de *Lichtenthal* havia uma Sociedade... eles tinham um espaço cercado só para eles, todo plantado de alpiste e linhaça... e para as aves de arribação um cercado pedregoso... pensavam em tudo, então..."

Eu não queria que ela percebesse que, se os passarinhos piavam tanto e de longe, era por causa de Bébert que não nos largava, bichano fiel!... não saía dos nossos calcanhares... ele, claro, pensava nos canários-da-terra, nas toutinegras, nos pintarroxos, ele e os passarinhos se entendiam... de certa maneira...

Estou falando muito da Sra. von Seckt mas não a estou mostrando... uma senhora idosa, miudinha, toda vestida de cetim roxo... luto aliviado... oh, mas nem um pouco triste! sempre disposta a rir... absolutamente nada abatida pelos acontecimentos, achando tudo divertido... "jóias que eu não usava desde que fiquei de luto"... punha tudo ao mesmo tempo... três cordões, anéis e pulseiras muito bonitas... "um relicário, Sr. Céline, um relicário, foi tudo o que eu achei da minha casa!... estou ridícula, não?... o senhor acha?... a moça é faceira para agradar, a velha para parecer rica, é preciso ser rica ou sumir!... veja, as minhas sobrinhas vinham visitar-me em Potsdam... iam casar logo... a minha casa era enorme, um casarão, quatro andares, os escritórios de meu marido eram lá, era grande demais para mim... eu pensava em vir passar o fim da vida por aqui... eu teria dado a casa para elas... Hitler resolveu tudo, não é?... não é engraçado!... por onde andarão as minhas sobrinhas?... com certeza, nunca mais vou vê-las... e eu, onde é que o senhor acha que eu vou acabar?... no Hotel Brenner?... de novo debaixo de uma bomba? oh, com certeza não vai ser no Oos!... até hoje ninguém conseguiu afogar-se lá!... nenhum jogador!... por mais azarado que fosse!... em Monte Carlo, todo mundo pode se afogar! há o mar... aqui, o Oos foi feito especialmente para o Cassino!... ele marulha, murmura mas não afoga ninguém, nunca!... o senhor o está ouvindo?... olhe o detalhe picante, Sr. Céline: o gorjeio dele é regulável, varia de acordo com a hora e o tempo que está fazendo... é controlado por uma mocinha encarregada das fontes, uma funcionária do Cassino, o

Oos não pode respingar em ninguém, nem importunar, nem afogar... só pode encantar!... as autoridades do Vale pensam em tudo... tudo deve-se passar aqui como num sonho... como o senhor pôde ver..."

Não era exatamente o nosso caso... eu não achava absolutamente que estivéssemos num sonho... e sim na verdade, uma verdade bem reles!... como hoje em 59... como a burguesia se esforça em pensar que ainda está em 1900... maldita palhaçada!... não se podiam negar certos atrativos, o luxo fora de moda, muito acolchoado e aconchegante... prazeres ciganos para séculos e séculos de infâmias... mas para nós, faça o favor, animais marcados, zombarias! é raro a gente ver os animais se divertirem em frente ao matadouro... de qualquer forma, era um bonito monumento! que valia a pena até para nós, animais encurralados: a igreja russa... cinco cúpulas, enormes cebolas de ouro recortando-se no céu azul... de um tal efeito que se exclama: oh, que prece deslumbrante!... o pope estava lá esperando... esperando a volta dos czares... ou, pelo menos, de algum arquiduque... dois já tinham vindo desde 1917... nem um nem outro com muitas dádivas... foram pedir ícones emprestados... para mostrar em Roma... o pope nunca mais os vira... esse pope morava no Brenner também, na cozinha!... fazia parte do Vale, à espera de tempos melhores, tinha sido colocado no hotel pelas autoridades... de vez em quando, ele mostrava a sua igreja... Lili, eu, Bébert e a Sra. von Seckt fizemos com que falasse um pouco... antes de ir um pouco mais adiante, ao "parque das rosas"... era ali que acabava o passeio... desde o tempo dos romanos, das primeiras termas, ele acaba ali... é preciso descansar um pouco... o "parque das rosas" não admite bandidos! camareiros suspeitos!... malandros! o "parque das rosas" só recebe os visitantes de classe... as flores estão ali desde o tempo de Tibério...

*

Bosquetes... canteiros... rosas... tons pastéis intensos... inacreditáveis!... estávamos ali, num banco de mármore, a Sra. von Seckt contando mais uma vez as suas temporadas na China, com o marido, general, genial reorganizador do exército de Mao... e o

funesto palhacinho não teria resistido nem dois meses!... "ah, Sr. Céline... acredite!..." aquele marido estava lá!

"O senhor sabe, Sr. Céline, o triunfo do diabo resulta em grande parte do fato de que as pessoas que o conheciam bem já se foram... imagine como esse Adolf Hitler pode aproveitar! não tem medo de ninguém!... somente de um outro diabo!..."

Eu estava mesmo pensando que as coisas iam cada vez pior... a Sra. von Seckt estava caducando mas eu acho que tinha razão... não tínhamos mais nenhuma notícia de minha mãe.. nem de ninguém... só um pouco pelo rádio... A retirada das barricadas em Paris... todo o pessoal do Brenner comunicava-se por intermédio de Lausanne... a cidade toda, aliás... crupiês, manicures, comerciantes e o próprio *Legationsrat,* o nosso *führer*... todo mundo concordava em que a Radio-Sottens era muito mais confiável que o Canal Göbbels ... Schulze, o nosso *führer* não se declarava francamente a favor dos aliados... mas depois de cada grande derrota, mandava rezar uma missa solene na igreja das Termas, ele e a família comungavam... sem comentários!... nós estávamos ali, pensando, naquele lugar de encantamento, a Sra. von Seckt estava nos mostrando o lugar, no meio das rosas, em que se erguia outrora, e viam-se ainda alguns tijolos, o Pavilhão dos Filósofos... onde Grimm, Mme de Staël, Benjamin Constant se encontravam todas as manhãs... a Sra. von Seckt ia lá quando criança, conhecia todos os arbustos, todas as alamedas, todos os labirintos, desespero das governantas!...

"Também conheço um pouco a China... a Itália... e a Espanha... e Monte Carlo... tenho que admitir, Sr. Céline, fui muito mimada... como não se é mais hoje em dia!... nem sequer uma rainha! digo-o sem pudor, acabou-se... até uma rainha por direito divino tem de levar em consideração a opinião dos seus súditos... a milionária mais adulada tem sua "ficha em dia" com a qual sua camareira toma muito cuidado... as menores loucuras da patroa, grandes jantares, amantes, abortos, estão apontados e observados... os tempos mudaram!... mais frágeis do que Maria Stuart! mais vigiadas do que Maria Antonieta... mas acontece, Sr. Céline, que eu sou ignorante e vou morrer ignorante... estupidez!... uma soma com mais de quatro algarismos, tenho de deixar que os outros façam, eu me perco!..."

Tenho de admitir que a minha dançarina Lili achava também muito natural que eu corrigisse as suas somas...

Como era ridículo!... nós nos divertíamos!... e como o tempo era lindo!... quente mas com uma brisa... um tempo paradisíaco...

Eu, que estou sempre inquieto, que nunca consigo gozar o minuto que passa, não vendo ninguém por ali, nem debaixo do caramanchão, nem nos gramados, imaginava a causa daquele silêncio... principalmente às onze da manhã, a hora das famílias... num dia como aquele... nosso "parque das rosas tão perfumado que não dava para agüentar!... Lili, apesar de tão discreta, perguntou à Sra. von Seckt se não podíamos andar até o outro banco... até os plátanos, na sombra... a Sra. von Seckt estava nos contando como no Brenner quando recém-casada, o marido, então capitão, tinha desafiado para um duelo o embaixador do Brasil por causa de uma rosa!... sim!... uma rosa príncipe-negro!... tinha caído de cima... do balcão deles... das janelas do embaixador!... de propósito, acusava o marido... não! protestava Sua Excelência... chegou-se a um entendimento... graças ao príncipe!...

"O príncipe Metternich..."

A Sra. von Seckt tinha ainda recordações... muitas outras... *Achtung... Achtung!...* uma sirena toca... *cuidado! cuidado!* e em seguida uma daquelas fanfarras!... seria para anunciar uma vitória de novo?... impossível! havia mais de dois anos que eles só recuavam... uma paz em separado com a Rússia?... podia ser!... o alto-falante estava muito longe... entre o hotel e o roseiral... escuto... escutamos... não se tratava de vitória!... *Achtung! Achtung!...* mas de um atentado contra Hitler!... era só o que faltava!

"Não dizem se ele morreu?..."

A Sra. von Seckt pergunta... e acrescenta:

"Se não morreu, vai ser uma beleza..."

Não se surpreenda, leitor... no momento daquele atentado, os incidentes e mal-entendidos confundiram-se de modo que até agora ainda não se conseguem destrinchar essas confusões paralelas... conjurações contraditórias... acho que o melhor é imaginar uma tapeçaria, no alto, embaixo, em diagonal, todos os temas ao mesmo

tempo e todas as cores... todos os motivos!... todos sem pé nem cabeça!... ter a pretensão de apresentá-los horizontalmente, em pé ou deitados, seria uma mentira... a verdade: mais nenhuma ordem em coisa alguma a partir daquele atentado...

Se eles o tivessem matado, se tivessem conseguido, haveria ordem! agora que ele tinha escapado, como íamos situar-nos? entramos na desordem para sempre!... portanto, leitor, considere natural que eu lhe apresente o Hotel Brenner, de Baden-Baden, depois do Löwen de Sigmaringen... onde nós só estivemos muito depois!... faça o possível para situar-se... o tempo! o espaço! Faço crônica como posso!... é o que eu digo!... os pintores e músicos fazem o que querem!... e são tão mais festejados, cobertos de milhões e de honrarias!... nos cinemas, nos jogos de bocha!... e por que não posso costurar a história à minha moda?... e, então, me arrasam?... Que abuso!... Que loucura!... que vergonha!... saio às carreiras com os meus trapos e farrapos!... e os cães atrás!... É de dar pena! Saudações, senhoras e senhores... as apostas estão encerradas? azar!... Não liguem! situem-se!... a roleta está emperrando?... façam boa cara!... a bola ficou biruta?... perdão!... que besteira!... a culpa é desse atentado mole!...

Ah, senhoras e senhores, é claro que eu não podia ver ninguém naquele paraíso de parque!... nem nos bancos, nem debaixo das árvores!... todo mundo tinha se escondido! desde os primeiros *achtung! achtung!* no fundo dos porões do Brenner... para ninguém vê-los nem ouvi-los!... mas lá na piscina, logo depois, pertinho, aumentavam as discussões! uma algazarra! não só dos altofalantes mas do público!... todo o Brenner, o pessoal e os clientes... toda aquela gente pouco se importava com Adolf e o atentado... que o tivessem reduzido a pedaços ou não... "as suas ancas, bruaca! vai se foder! Cai n'água, sua puta!..."

De que bunda estariam falando? "bunda grande"?... de quem?...

"O *führer* morreu!

— Você não sabe nada, benzinho, pula logo n'água!... piranha! *unverschämt!*... sem-vergonha!... *raus! raus!* fora!...

As coisas estavam esquentando... e logo outros gritos...

"Ela tem direito! nazistas de uma figa! vocês estão ofendendo uma moça!

— Moça! na latrina!..."

Aí chegaram às vias de fato! *plaft!... plaft!*

"Cadela!"

Do roseiral, nós ouvíamos tudo... estava se transformando numa verdadeira batalha... os prós e os contras!... mas a bunda de quem era?...

"Fora daqui! fora, desgraçada!..."

Todo o vale repetia...

"Sai daqui, nojenta!"

Uma mulher sai da piscina... vem correndo para o nosso lado...

"Sra. von Seckt!... Sra. von Seckt!..."

É nossa conhecida!... A Srta. de Chamarande!... é por causa dela, por seus atributos, que toda a piscina está urrando e lutando!... e a briga continua!... *plaft!... plaft!...* cada bofetada!... um *plaft* mais forte!... do trampolim!... e mais outro!... jogam-se na água... e na água a coisa continua... a Srta. de Chamarande está ali... sentada ao nosso lado... sem fôlego... o maiô em frangalhos... pega na mão da Sra. von Seckt... começa a chorar...

"Senhora! Senhora! por favor... eles bateram em mim!... estão loucos!... querem me matar porque o *führer* deles morreu!... eles vêm vindo, Sra. von Seckt!... vão matar todo mundo!... eles disseram!

— Mas, absolutamente, minha filha!... o *führer* não morreu! já passou por outras!... foi só um pequeno atentado! você está com muito pouca roupa, é só isso!... esses banhistas vêem coisas demais!... que importância! o seu maiô é muito reduzido! cubra-se e fique aqui! tome o meu lenço!... enxugue as lágrimas! assim você vai acabar com os seus olhos!...

— Mas o meu robe, Sra. von Seckt! eles me arrancaram o meu segundo robe!... amarelo e vermelho! não quiseram devolvê-lo!

— É claro; eu já vou buscá-lo!... a mim, eles vão devolver!

— Sra. von Seckt, eles estão furiosos! loucos furiosos!

— Mas não comigo, minha querida, a velhice faz os mais loucos recobrarem a razão... espere aqui! pode ter certeza de que eles não vão deixar de me devolver o robe! amarelo e vermelho, não é?

Ficamos ali os quatro!... Exato!... ela vai até lá... pela alameda de areia até a piscina... com o seu passinho curto... e volta logo depois, com o robe vermelho e amarelo.

"Não lhe disseram nada?

— Claro que não, nada, minha filha! cubra-se agora!... vamos voltar ao hotel!... todos juntos!"

Realmente, passamos os quatro pela tropa de garçons... há pouco naquela luta, agora muito tranqüilos... nem um murmúrio... a Sra. von Seckt olha para eles, pára:

"Afinal de contas, veja, minha cara, a culpa não é só deles!"

De fato, a nossa amiga fizera tudo, desde que chegara há três semanas, para deixar todos os homens da piscina indóceis... todos os dias, um novo maiô, cada vez mais provocante... oh, nádegas fantásticas, tenho que admitir... e o que fazia com elas!... rebolava... requebrava lá do trampolim!... e depois, ao nadar... uma espécie de *crawl* que parecia mostrar dez ancas ao mesmo tempo... debatendo-se na espuma... na água... debaixo d'água... era mesmo para mexer com a piscina... quero dizer, com os clientes... cabeleireiros, crupiês, funcionários do balneário... e os desocupados do nosso hotel... oficiais convalescentes, é claro, claro, com os nervos à flor da pele... o atentado contra Hitler tinha feito a temperatura subir... e, ainda por cima, ela, ali, com aquela bunda! se não fosse a Sra. von Seckt, ela teria sido linchada... só uma palavra, e tudo se acalmara... tornamos a passar em frente ao bando de massagistas, salva-vidas, cozinheiros, todos bem hipócritas e cheios de mesuras! A Srta. de Chamarande, salvo a mania deplorável de exibir o assento, era uma pessoa muito amável, até muito simpática, culta... farmacêutica em Barcy-sur-Aude... "colaboradora" por acaso, fora amada por um advogado da Milícia por quem estava muito apaixonada... iam casar-se... o idílio acabara de repente, dois dias antes do Desembarque, o pessoal da Resistência matara o noivo em plena pretoria... ela fugira, sua casa em chamas, a farmácia, tudo, e sua avó também... um tanque da S.S. a encontrara num campo de alfafa! um maqui inteiro estava atrás dela... ela tinha escapado... por um fio! deitada de bruços entre as balas! ... ah! a Srta. de Chamarande!... que emoções!... podia se dar ao luxo de ser um pouco esquisita!... ao fugir, tinha-se juntado a todas as outras famílias mili-

cianas em Gérardmer... e não era só isso!... ao tomar banho, tinha conquistado toda a Embaixada Alemã em retirada para Frankfurt... e mais os crupiês de Monte Carlo, que deviam abrir em Stuttgart outra escola, filial dali... já que não tinha mais farmácia, nem casa, nem avó, somente uns malandros cercando-a por todos os lados para tirar-lhe o couro, a mocinha, que não era boba, tinha se desmanchado em amabilidade com os senhores dos dois lados, crupiês partidários de De Gaulle, nazistas diplomáticos... talvez rebolasse um pouco demais para aqueles homens jovens com os nervos à flor da pele... principalmente no trampolim!... a prova disso você já sabe, aquela luta baixa entre os garçons de Vichy, "resistentes escondidos" no Brenner, e os moradores de Baden-Baden, mutilados nazistas, corcundas, aleijados, dos hospitais, que também vinham à piscina assistir gratuitamente a um *strip-tease*... excitados naturalmente, prontos para *dar cabo de nós*, já preparando a pedra para nos amarrarem no pescoço... se não fosse a Sra. von Seckt... aproveitamos a trégua e voltamos à margem do Oos, vinha alguém ao nosso encontro... a *Fräulein* Fisher!... mais uma que gosta muito de nós... e que se gaba de ser muito má... os americanos deram-lhe umas palmadas... ela colocava todos nós no mesmo saco!... é feia, de certo modo, do gênero corcunda de Notre-Dame... e só pode ter-lhe feito bem... foi em Argel que apanhou... no Consulado... estava ali, agora, com Schulze, como secretária... a natureza fora pródiga com ela, a face esquerda era uma mancha só, cor de vinho, os cabelos vermelhos, espetados tipo rabo de vaca, os olhos: um azul, outro cinzento... e vesga... ela também chamava atenção!... e se gabava daquilo!... que era de Hartz, da terra das feiticeiras... aliás, ela se preocupava com o cenário, no quarto dela, quadros e bonecas de bruxaria... na parede, em pequenos objetos, em pratos... pendurados no teto... uma porção de bruxas montadas em vassouras... "sabem... nos avisava... nós vamos todas ao sabá!"... Fazia questão de manter a lenda... imaginava-se mexendo o caldeirão, e dentro, fervendo, nós e os americanos, sem a pele... Em Argel, por ocasião do desembarque, os americanos tinham passado piche nela... e a culpa era nossa! Imaginem!... o que significaria aquela pressa?... que "boa" notícia teria ela para vir assim ao nosso encontro?...

"Doutor! Doutor!..."

Era comigo...

"O Sr. *legationsrat* deseja falar com o senhor... é urgente!... por favor..."

— Srta. Fisher, estou às suas ordens!... vou acompanhá-la."

Dois minutos... lá estava eu com Schulze.

"Doutor, o senhor sabe o que aconteceu?

— Oh, mais ou menos, senhor ministro... mais ou menos...

— Oh, não, doutor, o senhor não sabe!... mas vai saber!... o senhor conhece este hotel!... já o percorreu todo?...

— Sim, mais ou menos... acho que sim...

— Então, por favor... se não se importar... vou mandar um dos meus homens acompanhá-lo... ele vai levar uma chave especial... uma "chave-mestra"... o senhor sabe, não adianta bater nas portas... o senhor abre e encontra os doentes... tenha a bondade de levar tudo o que for necessário, a sua maleta... principalmente estes!... vou dar-lhe os números!..."

Escreve.....

"113... 117... 82... entre sem bater!... são capazes de não abrir... não diga a eles que fui eu quem mandou...

— Oh, nem uma palavra, senhor ministro!

— Depois que tratar deles... volte aqui!... não diga nada a ninguém sobre o que tiver visto... nunca!... nunca!...

— Sou um túmulo! Um túmulo, senhor ministro!

— Então, muito obrigado, doutor!... vamos tornar a nos ver... depois..."

São quartos que eu conheço... o 117... o 113 principalmente... não era preciso ser bruxo!... já dava na vista há meses, bastava olhá-los... toda aquela gente, os figurões do Brenner, os maiores apartamentos, principalmente o 117, estava metida no complô, ora essa!... os magnatas com carradas de marcos... talvez se tivessem suicidado... era isso que Schulze mandava ver... eu não achava graça nenhuma... ou estavam mortos ou bêbados... assim que se começa a festejar alguma coisa, boa ou ruim, o homem cai na bebedeira, enche a barriga o quanto pode... pego a seringa, a maleta, as ampolas... "vamos ver se alguém se enforcou", penso... o 113 é pertinho!... é melhor ver, primeiro!... *toc, toc!* ninguém responde... o sujeito da chave abre... uma

mulher sai da escuridão, uma morena bonita... descabelada, as roupas em desalinho... "Oh! é o senhor! oh, é o senhor, caro doutor... entre, por favor, entre!"

Acho que, em matéria de complô, o que está acontecendo parece mais uma boa orgia... quantos são?... cinco ou seis vultos começam a mexer-se... lá no fundo... eu não tinha nada que ver com aquilo!... aquela mulher era bem cerimoniosa habitualmente... mal dava um sorriso... ali, de robe entreaberto, acho-a mais amável... de repente, ela me beija! quem sabe se quer que eu me junte aos outros? ora! eu não vim para isso!... vim para poder ir embora!... quantos são?... eu não consigo distinguir... uma confusão!... reconheço um camareiro e um comandante... e uma manicura... esta, pelada... e mais cinco... seis casais... tudo isso no escuro... fecharam tudo! só têm uma vela, uma só... o que estarão fazendo além das massagens?... feitiço?... está cheirando a incenso... eu enxergo melhor, acostumo-me como acontece com o rádio... a bela descabelada pára de me beijar, me larga, despenca e logo em seguida, está roncando... vejo, na parede, um retrato grande de Hitler, pendurado de cabeça para baixo... com uma tarja preta de um lado a outro da moldura... deviam estar celebrando a morte dele... e Schulze me recomendara que não dissesse nada a ninguém, pudera!... que a bomba fora um fiasco!... eles estavam lá, festejando, crentes que fora um sucesso!... mas o Adolf não tinha batido as botas!... nada disso!... o coronel careca e o garoto do elevador caídos no tapete... os dois bêbados também!... soluçando... prestes a vomitar... e os outros também... nada engraçados... Hitler é que estava engraçado, de cabeça para baixo com o seu fumo... digo ao rapaz da chave: "Está bem!... agora vamos ao 117!..." Vejo ainda que eles puseram mesas... três ou quatro... com um verdadeiro festim! frangos inteiros cortados... enormes compoteiras com tudo que se possa imaginar... frutas cristalizadas... suspiros... nem conseguiram tocar neles, de tanto que estavam vomitando... caixas de champanhe!... havia provisão para pelo menos uma semana... a morena, tão amável, continua roncando... nem percebe que vou embora... os outros aposentos devem ser daquele mesmo teor libertino... 214... 182... talvez nem todos em missa negra... podia ser que estivessem tocando piano... se entediando... em

atitudes edificantes... nas circunstâncias trágicas há sempre dois clãs, os que vão ver as cabeças serem cortadas e os que vão pescar... no salão de baixo estavam tocando piano, eu podia ouvir... era só descer três andares... disse ao rapaz das chaves: "vamos lá,"... eu não me enganara... mas não era num salão só!... em dois, três salões... grande reunião das famílias... oh! mas muito corretos! industriais e generais convalescentes... e franceses colaboradores... pais, mães, filhos e cachorrinhos... com certeza estão a par do atentado... mas não parecem absolutamente preocupados... estão embevecidos pela música!... eu ouço... *lieder*... romanças... justamente é o nosso Constantini quem está cantando... tem boa voz, não se pode negar... a Sra. von Seckt acompanha-o muito bem, sem partitura... todo o repertório, ao gosto dela... todas as óperas...

*Si vous croyez que je vais dire qui j'ose aimer**

a ária favorita da Sra. von Seckt... antiquada talvez, mas agradável principalmente naqueles salões de época, cheios de brocados, veludos, franjas, pompons, lampadários, abajures imensos...

Si vous croyez...

agora é Amery!... o filho do ministro inglês... o que Constantini tem de hercúleo o Amery tem de frágil... cavalheiro... janota... oh, mas nada afetado!... pois bem... já que estão cantando, que continuem... e que ele faça o seu próprio acompanhamento!...

A Srta. d'Armentières, sabe?
A Srta. d'Armentières!

a voz dele é bem grave... é baixo, com certeza...

Mademoiselle d'Armentières...
hasn't been kissed for forty years! **

---

* Se você acha que eu vou dizer quem ouso amar! (N. da T.)
** A Srta. d'Armentières... não é beijada há quarenta anos! (N. da T.)

A Sra. von Seckt não é apanhada de surpresa pela *Mademoiselle d'Armentières!*... ataca-a, imediatamente, com cada acorde!... no outro piano!... para agitar as famílias!... para as famílias também cantarem!... o estribilho!... em francês!... e em inglês... conto isso para mostrar a vocês até onde pode chegar o bom entendimento...

Mas vejo lá adiante, bem ao fundo, alguém fazendo um sinal para mim... do vestíbulo... esse alguém é Schulze, oh, não contarei nada... a gente sempre fala demais... vou a seu encontro... acompanho-o... um corredor... depois outro... em direção ao fundo da outra ala do hotel... "os salões da correspondência"... onde ninguém vai nunca... mais outro salão *Privat*... senta-se... eu também... ele vai falar...

"Doutor, tudo isto vai acabar! naturalmente o senhor está a par...

— De nada absolutamente, senhor ministro!... não vi nada, nem ouvi nada!

— O senhor está respondendo muito bem, doutor! é preciso admitir!... mas eu, então, preciso dizer-lhe que todos os quartos deste hotel devem ser evacuados hoje de noite!... esta noite! têm de estar vazios amanhã, digamos, ao meio-dia!... É ordem do Ministério!... e nenhuma dessas pessoas deve permanecer em Baden-Baden... o senhor tem muitos doentes?... quero dizer: doentes de cama?

— Dois... talvez...

— Irão para o hospital... A Sra. von Seckt também vai...

— Para o hospital?

— Para onde quiser!... ou para o hospício... é louca... virão buscá-la esta noite... não lhe diga nada!...

— Está bem, Sr. Schulze!

— O senhor, doutor, segundo minhas instruções... está designado para Berlim, para a *Reichsarztkammer*... o Prof. Harras vai se encarregar do senhor, lá... o senhor deve embarcar amanhã de madrugada, num trem de transporte de tropas... vou levá-lo à estação... eu mesmo... não diga nada... a ninguém!...

— Oh, pode ter certeza, Sr. Schulze! mas posso levar minha mulher?... e o meu gato?... e Le Vigan?

— É claro! É claro!"

"Mas não fale com mais ninguém, por favor... e não se despeça de ninguém... vou mandar-lhes suas três refeições para o quarto, esta noite... e uma cesta para a viagem... e amanhã, de madrugada, estejam prontos!... digamos, às cinco horas!...

— Com certeza, senhor, com certeza!"

Os outros, lá da outra ala, nem imaginam o que os espera... continuavam cantando... dava para ouvi-los... um pouquinho... estavam escutando outro artista... desta vez, um alemão... uma voz muito bonita...

Vater!... ô Vater. *

Schumann... nunca mais tornei a ver nenhum daqueles refugiados de Baden-Baden... soube, não faz muito tempo, que Amery tinha sido enforcado em Londres... Londres foi aparentemente feita para isso... e o acordeom... o machado também... e entre os dois um salmo...

*

Desde o momento em que saímos, tenho de admitir, sem banda de música, da nossa rua Girardon, perseguidos pelos "pequenos ataúdes", fomos sempre de mal a pior... vejo muita gente inconseqüente, empanturrada de álcool e cigarros, e de besteiras de jornais, fazer pouco caso desses pressentimentos! tão sérios!... melhor ainda! fofocar mais do que no começo do século... alimentada pelos "Consultórios Sentimentais"!... a "Economia Doméstica"... a "Arte de curar"... que belo futuro! macacos mecanizados de choque!... pitecantropos bacharéis!... ei, um momento! o fio da História? que seja! com as roupas de hominídeos encharcadas, vocês não teriam tanta dor de barriga se estivessem em jejum... pobres de vocês!... o fio da História pelo rabo!... os detalhes são meio engraçados... vamos rir dos choques e contrachoques... como na feira, rebentar de riso!... atômicos, e muitos anos e mais anos, através de mutações e mitos! de Vênus a Marte e à Lua... aonde vamos parar? à saúde!... espectros!... viagem

* Pai!... ó Pai. (N. da T.)

a mil anos-luz!... pode acreditar se eu lhe contar, leitor... já tomei um pequeno impulso, num caixão, retinho, vertical, de zinco, na Polícia de Copenhague... e como saí fora do Tempo!... tenho minhas razões... você mesmo pode cometer um pequeno furto! na primeira loja que aparecer... eles o farão experimentar a sua "cabine espacial"... vamos! vamos! uma boa chacoalhada!... turista vulgar! você vai conhecer muitos lugares!... vai contar suas aventuras!... pitorescas!... vividas... o meu Achille, por exemplo, o meu filantropo tão velho, que não tem mais idade, adora...

"Ainda não acabou? Céline, o senhor me deve milhões!... não se esqueça!"

Foi no mês passado que se festejou o seu "não tem mais idade"!... ninguém mais fazia caso de que ele fosse estrábico e surdo, enfim quase, das doenças, dos abusos... há tanto tempo que tropeçava nos móveis, pedia para repetirem as perguntas que ninguém mais ligava... mas o seu "não tem mais idade" foi assim mesmo uma hora comovente... delegações de empregados e redatores, diretores de escolas com os orfeões à frente, acompanhados de três ou quatro ataúdes de náilon, simbólicos, adornados com sutiãs e meias pretas, enfeitados de coroas de sempre-vivas com grandes faixas de seda "ao nosso Achille bem-amado"... um dos caixões cheio de chocalhos... outro cheio de francos... o outro, de óculos... e, claro, um mês de férias para aqueles que ainda não estavam...

Eu estava vendo que o "não tem mais idade" dele tinha, afinal de contas, sido um sucesso... o número especial da "Revista Compacta"... "Ele não tem mais idade, vai permanecer!" tinha-lhe feito um bem enorme, uma injeção bem forte de sacanagem...

"O senhor ainda não acabou?

— Não, Sr. Achille, ainda não!

— Cuidado, nada de filosofia! nada de observações inteligentes! cuidado! estou com os porões cheios delas!... jogo no Sena... galpões cheios, cargueiros, toneladas de 'sutis observações' a respeito de tudo! manuscritas e impressas, inteligentíssimas! até sádicas, de chicote na mão, sangrando! 'pimenta sem cheiro', Céline!... o meu 'não tem mais idade' me deu muito prazer, mas os meus livros encalhados! o senhor pensa neles?... verdadeiro Sísifo carregando essa mercadoria para fazê-la atravessar a crista

atroz, para despencar-se, esmagando os leitores, esses monstros fanfarrões, e para que não me caia sempre na cabeça! entenda, Céline!... tente! lembre-se de que me deve uma nota!... fuja, fuja da inteligência, como o pardal do gavião!... não roce tanto os abismos!... ora, diacho! eu não tenho mais idade! não tenho mais idade!... É claro!"

É fácil entender que estou resumindo muito os comentários... Achille, apesar do seu "não tem mais idade" e da sua "Revista Compacta", está em grande perigo... vou levá-lo depressa, leitor. de volta a Baden-Baden! esqueça-se de tudo o que foi dito! comentários inúteis! lamúrias, adeus! estamos de volta ao Brenner... lembra-se?... pois bem, uma surpresa! mal subimos ao nosso quarto... *toc! toc!* batem à porta... A Sra. von Seckt!... as luzes estão apagadas... é difícil nos achar... pelos patamares e corredores... ela nos procurou, número por número... está com uma vela na mão...

*

A Sra. von Seckt já sabia que íamos partir de madrugada...

"Tomei a liberdade de bater à sua porta...

— Oh, senhora!... Senhora!... por certos sinais, eu pensava...

— Não pense!... não pense, caro doutor! nada mais tem sentido!... estamos todos à mercê do louco... o senhor também, doutor!... e a senhora!... esse Schulze não sabe mais o que diz!... nem quem deve trair... não sabe mais!... ele é muito engraçado, doutor! de matar de rir! rir!"

Eu também estava pensando em Schulze... ele tinha com que nos assustar... mas também! também! um telefonema de Berlim e o Sr. Schulze *legationsrat,* com a sua vida regalada, estava acabado!... era bem possível, agora que estavam saneando os altos escalões, mais ou menos metidos no complô... Schulze devia estar por dentro...

Convido a Sra. von Seckt a entrar...

"Não... não, doutor, desculpe!... eu só quero despedir-me dos senhores... dos dois... fugi do meu quarto, mas sabem como são os corredores!... há pelo menos um olho em cada buraco

de fechadura!... não é engraçado?... com certeza me viram sair!... sabem?"

Cita-me nomes... uma amiga... outra... que já tinham ido embora...

"Sra. Céline, não tenho mais nada quase... mas de qualquer maneira, faça a gentileza de aceitar esta pequena lembrança..."

Vejo um leque...

"Não tem pretensões artísticas, como podem ver... pintado por mim... todas as moças pintavam naquele tempo... logo estará todo desbotado... mil felicidades!... amanhã, partiremos também!... todos!

— A senhora vai partir?

— Vou, depois dos senhores, ao meio-dia!... eu, para o hospício!... o príncipe, para o hospital... é o sistema deles, uns por aqui... outros por ali!... Doutor! Doutor, vamos nos separar!... estamos conspirando!..."

Foi-se embora... não tem medo dos buracos de fechadura... pode-se vê-la ao longe com sua vela na mão... este corredor é imenso... largo... comprido... faz-nos um aceno de adeus!... adeus! seu quarto fica na outra extremidade do andar...

*

Sim, admito, não há ordem nenhuma!... mas você vai se situar, espero! já lhe mostrei Sigmaringen, Pétain, de Brinon, Restif... que estouvamento!... diacho! Primeiro, Baden-Baden!... só depois, muito depois, nós tornamos a encontrar o Marechal, a Milícia, e os "homens de choque" da "Europa nova" que ainda estão mais ou menos perdidos por aí ou nas valas... a "Europa nova" será construída sem eles! com certeza! e com a bomba! e atômica!... acredito nisso como um e um são dois!... e com os chineses ainda por cima... como é de se esperar!... você não vai achar nada que o informe no seu jornal habitual... nem na "coluna dos teatros"...

Vou voltar à minha história... a Sra. von Seckt estava se despedindo de nós... a sua lembrancinha, o leque... é isso!... no dia seguinte de manhã, como estava previsto, de madrugada, Schulze bate à porta... todo o hotel ainda está dormindo...

mas nós estamos prontos, Bébert no seu saco... nossas duas malas... e lá fomos nós!... a estação, o *legationsrat* embarcanos... a caminho!... o trem apita... ainda levou seis meses para aquilo virar uma verdadeira bagunça, o tráfego ficava interrompido por um dia, dois, nada mais do que isso... era só consertar e a caminho!... contanto que você não se perca com este jeito que eu tenho de me adiantar demais... de não saber mais... com essa desordem... de outros avatares esquecidos... *ploft!* aquela hesitação nas horas, nas pessoas, nos anos... eu acho realmente que esse bricabraque é o resultado das correrias e dos maus-tratos... abalos excessivos... um atrás do outro... uma pessoa bem-intencionada me faz parar e diz: "Doutor, eu sei que não é verdade, mas, pelo jeito de o senhor andar, parece que andou bebendo..." sim, realmente... mas todos os velhos são assim... repare nas saídas do asilo de Nanterre!... uma das minhas clientes, da minha idade, anda gingando e se bamboleando e não esconde que o caso dela é mesmo a bebida... ela me brande a garrafa à altura da testa... e diz que, se eu disser mais uma palavra, ela me parte a cabeça!... assim mesmo! eu estou longe de ser tão brutal... Puxa! agora deixei o leitor esquecido na plataforma da estação... Baden-Baden... eu ainda me mantinha de pé perfeitamente, só em Berlim, vinte e quatro horas mais tarde é que eu percebi que estava esquisito... comecei a andar em ziguezague... e balançando de um lado para o outro... é raro os doentes do cérebro e do cerebelo poderem dizer o momento exato em que ficaram caducos... comigo aconteceu em Berlim-Anhalt... na saída!... depois da plataforma... oh! não soltei o corrimão... mas nunca mais andei em linha reta... o meu medo iria durar?... Durou!... e como!... não me cuidei muito bem... mas mesmo assim!... poderia ter me adaptado um pouco... veja as "saídas" em Nanterre... há pequenos solavancos, tristeza, mas não é só lá, até dentro de Paris, até Nation... vamos falar a sério!... no desembarque em Berlim-Anhalt, eu já estava me vendo cair da plataforma, embaixo do trem... digo a Lili: "Eu precisaria de uma bengala!..." claro!... e saímos em busca de uma!... mas onde encontrar?... começamos a perguntar... "vão por aqui!... vão por ali!..." e lá fomos nós! Lili me dá o braço... nenhuma loja aberta, nem de

bengala, nem de coisa alguma... vamos ter de andar muito!... perguntamos outra vez... "vão por aqui!... vão por lá!" tudo o que se vê são fachadas arrebentadas... e outras retorcidas... parafusos... "com certeza vão achar?..." chegamos à porta de Brandemburgo!... uma avenida sob as *Linden!*... nem sequer uma tília!... havia séculos que tentavam fazê-las crescer... mais longe... cada vez mais longe!... mais outra avenida larga... em suma, Berlim, a capital, está em ruínas... eu ainda não tinha visto lojas... exceto as portas corrediças de ferro e, a cada duas ou três vitrinas, enormes montes de tijolos, calhas, telhas... amontoados... mulheres muito velhas catavam tudo, isto é, tentavam, faziam montes bem arrumadinhos, como pequenas fortalezas, na calçada... arrumavam os escombros... brinquedos de crianças, areia, buracos, tijolos, para avós maníacas... e eu ainda não tinha visto nenhuma bengala!... enfim, mais adiante! eles disseram! fomos a uma esquina... mais outra... oh, até que enfim!... até que enfim! aqui está!...

Um edifício realmente imponente!... de seus oito andares... mas em que estado! andares inteiros saindo pelas janelas... pendurados... como ferro-velho... cacarecos, vidros... cascateando... em farrapos... balançando ao vento... eu não consigo imaginar o que eles possam ter para vender! aproveitamos a poeira... uma rajada... e nos metemos lá dentro!... as bombas fizeram uma mixórdia! não se vêem mais as seções... nem as escadas... vitrinas... elevadores... tudo aquilo tinha despencado numa bagunça, no subsolo... ah, ainda tem gente!... uns sujeitos muito velhos, os senhores vendedores... oh, muito amáveis... cheios de sorrisos... dois, três em cada seção... seções de nada... debaixo das tabuletas... "Sedas"... "Porcelanas"... "Ternos"... mas cadê as bengalas?... e as muletas?...

"Oh, naturalmente! mas claro... claro que sim!... no terceiro andar!"

Lá vamos nós para cima!... não há mais escada... só banquinhos e pequenas escadas portáteis... passamos pela "Passamanaria"...

"Leider! leider, vamos receber logo! *bald!"*

Os velhos senhores sempre sorridentes nos deixam desapontados... as bengalas estão no "quarto andar"... mais uns ban-

cos... lá tem... ora! a única seção bem arrumada! todas as bengalas possíveis! um mundo de bengalas!... a única seção ainda viva! militares e civis... e garotos... lá, os vendedores não são velhos mas todos mutilados!... estropiados... aleijados... pernetas... tão abatidos quanto os fregueses... a seção dos doentes... um verdadeiro "Pátio dos milagres"!

Eu não perco tempo, escolho duas bengalas de junco, leves, com ponta de borracha, perfeitas!... tiram a nota!... passo na caixa!... vinte marcos... que prazer! eu já estou preparado para as vertigens... futilidade!... todos os começos são divertidos, até o de capengar!... que emoção e alegria! por ter encontrado a única seção com vendedores e bengalas para escolher à vontade naquela loja tão enorme e tão vazia...

Onde estará agora?... em que zona?... o que terá acontecido com ela?... com aquela loja sem escadas?... andei perguntando... aqui e ali... as pessoas ficam me olhando... me acham esquisito... não sabem...

*

Eu, as minhas bengalas, Lili, Bébert viramos turistas... em busca de um hotel! a cidade já sofreu bastante... quantos buracos e quantas calçadas rebentadas!... engraçado, não se ouvem aviões... por acaso, não se interessam mais por Berlim?... eu não estava entendendo, mas pouco a pouco descobri... era uma cidade feita só de cenários... ruas inteiras de fachadas com os interiores desmoronados, afundados em buracos... não tudo, mas quase... parecia Hiroxima... mas muito mais limpo, nítido, tosado... a organização dos bombardeios também é uma ciência, mas ainda não estava bem aperfeiçoada... ali os dois lados da rua ainda davam uma certa ilusão... com as persianas fechadas... também o que era bastante curioso era que, sobre cada calçada, todos os escombros, vigas, telhas, chaminés, estavam ajuntados numa ordem impecável, não em montes, de qualquer maneira, cada casa tinha os seus escombros em frente à porta, à altura de um ou dois andares... e eram escombros numerados!... se, por acaso, amanhã a guerra acabasse de repente... não iam levar nem uma semana para colocar tudo no lugar...

em Hiroxima não poderiam mais, o progresso tem o seu lado mau... lá em Berlim, numa semana, eles levantariam tudo!... as vigas, as calhas, cada um dos tijolos, já localizados por números pintados em amarelo e vermelho... por essas coisas se vê um povo, se tem a noção de ordem inata... a casa bem morta, como uma cratera, todas as tripas e tubos de fora, a pele, o coração, os ossos, mas, mesmo assim, todo o interior em ordem, bem arrumadinho na calçada... como o animal no matadouro... um toque da varinha e pronto... todas as vísceras no lugar! e upa!... ei-lo a galopar! Se Paris tivesse sido destruída, imaginem só as turmas de reconstrução!... o que fariam dos tijolos, vigas, calhas?... talvez duas ou três barricadas... pode ser!... lá naquela triste Berlim, eu via homens, mulheres da minha idade e até mais velhos, na casa dos setenta, dos oitenta... e até cegos... dando duro... carregando tudo para a calçada, empilhando em frente de cada fachada, numerando... os tijolos aqui! telhas amarelas ali... cacos de vidro num buraco, tudo!... nada de deixar pra lá!... faça chuva ou faça sol, ou neve, Berlim nunca fez ninguém rir!... um céu que nada pode alegrar nunca... já a partir de Nancy não se tem mais nada a esperar... além de mais e mais aborrecimentos, sérios, enormes problemas, crises de tristeza, guerras de sete anos... mil anos... sempre!... é só olhar para a cara deles!... e até para as águas!... o Spree... o Estige dos teutões... como passa, inexorável, lento... tão cheio de limo, tão escuro... que só o fato de olhar para ele tira o bom humor, a vontade de rir, de muitos povos... nós, Lili, eu e Bébert, ficamos a olhar para ele do parapeito... uma senhora, uma alemã, aproxima-se... quer falar conosco... é uma amiga dos animais... quer acariciar Bébert... ele está com a cabeça fora do saco... está olhando o Spree conosco... a senhora pergunta-nos de onde viemos... de Paris!... somos "refugiados"... é uma mulher de bom coração, compreende a nossa tristeza...

"Oh, vão ter muitas dificuldades com o seu gato!"

Eu não sabia, ela me explica que os animais domésticos, gatos, cachorros, que "não são de raça" e "não são reprodutores", são considerados "inúteis"... que o regulamento do Reich obriga a entregá-los com a maior brevidade à "Sociedade Protetora".

"Tomem cuidado nos hotéis! com qualquer pretexto o delegado deles passa... para uma 'visita veterinária' segundo ele... e vocês não vêem mais o seu gato!... os S.S. se exercitam com ele, arrancam-lhe os olhos..."

Já estamos prevenidos... eu agradeço... desconfiaremos dos hotéis!... Bébert não é nem reprodutor nem de "raça"... mesmo assim eu tenho um passaporte para ele... levei-o para ser examinado no Hotel Crillon... pelo coronel veterinário do exército alemão... "o gato de nome 'Bébert', proprietário: Dr. Destouches, rua Girardon n.º 4, não nos pareceu sofrer de nenhuma doença transmissível (fotografia de Bébert)"... o coronel veterinário não tinha mencionado nada a respeito da raça... íamos ver na polícia!... era muito bonito ficar sonhando, imaginando, mas e nós, os nossos vistos?... oh, pensei!... não seremos recebidos em nenhum lugar sem passaporte regularizado... Schulze já nos prevenira bem... "passem logo pela polícia!"

"Vamos, meu bem! vamos lá!"

Tínhamos andado um pouco a esmo... pergunto ao primeiro *schuppo* que aparece... do outro lado da ponte... pelo "serviço de vistos"... não é longe!... ele me mostra dois... três barracões entre o Museu e o bonde... muito bem!... estamos chegando... uma tabuleta... algo como "pessoas deslocadas"... ao chegar mais perto, vimos, ouvimos, todas as algaravias possíveis... crianças, avós, moças... poderia ser um tumulto mas havia uma certa ordem, com tabuletas... como os tijolos... os "Balcãs" aqui... os "Rússia" ali!... a "Itália" mais adiante, nós os *Franzosen* lá no fundo... vamos lá... batemos numa porta... há uma pequena fila... *herein!*... é aqui!... é só chamar a atenção do homem sentado à máquina de escrever... somos mais ou menos uns vinte em cima dele... respondendo às perguntas dos outros... respostas para tudo, nada egoístas... para os casos de todos os da fila... os de Noirmoutier... Gargan... Marly... Villetaneuse... não sabem falar alemão!... se a gente não responde por eles!... não deixam tempo para o homem da máquina de escrever perguntar nada... é a ele que fazem perguntas... às quais todo mundo responde ao mesmo tempo... uns pelos outros... o que se quer é que ele assine... e o carimbo! ele tenta dizer o que gostaria que se fizesse... os

papéis! nossos papéis!... ora, ele que visse, estamos cheios de papéis! para dar e vender!... com as bolsas e os bolsos cheios!... o que é que aquela besta quer fazer com eles? eu mesmo fico só olhando o que carrego de papelada, certificados, carteiras!... depois de uma certa idade, é horrível! é de desanimar... o que a gente recolhe pela vida afora de certidões, fotocópias, atestados, contribuições... em três, dois exemplares!... aparece um outro caça-papéis... veio pedir nossas fotografias... que nós tínhamos e como!... principalmente La Vigue!... as melhores do seu último filme... o burocrata encara-nos... compara nossas caras... nada satisfeito! não!... isso aí, o senhor?... nunca!... nem eu, nem Lili, nem La Vigue!... nenhuma semelhança!... E o cúmulo! será possível que não reconhecemos mais nossos próprios retratos!

"Ach!... nein!... nein!"

Que topete o daquele cu-de-ferro!... não estamos assim tão mudados!... ele é cego! tão rápido assim! está nos sacaneando! quem pensa ele que somos?... eu olho, comparo... é claro que estamos abatidos... emagrecemos, mas é só! como nos vê ele? como pára-quedistas?... sabotadores?... só se fala disso nos jornais!... em todo caso, uma coisa é certa: ele quer outras fotografias!... outros retratos, o que significa ir em frente... ao barracão do outro lado do Spree... "Photomaton"... vê-se o quiosque, amarelo e vermelho...

"Ele é estranho, não é?"

Ele deve estar é mancomunado com aquele pessoal... pelo menos, tem a mania de nunca achar ninguém parecido com os retratos... eis a prova: aquele casal ali!... um senhor muito distinto, de barbicha, e a esposa, debulhada em lágrimas... tinham vindo a Berlim para visitar o filho no hospital... "de Caridade"... ferido no Leste... o maníaco de lornhão também não os achava parecidos... vinham de Carcassonne... explicavam-se... pediram a nossa opinião...

"Nós talvez tenhamos mudado um pouco, mas não tanto, não é, senhora?... a tristeza, a viagem?..."

Olhamos e comparamos... era claro que havia alguma coisa mas não a ponto de não se reconhecerem os dois!... aquele funcionário de lornhão ou é um maníaco ou um patife... em todo

caso um sujeito perigoso... ele decide-se, nos põe de castigo no canto do barracão para ter tempo de copiar nossos documentos... à mão, primeiro... e depois, à maquina... o senhor da barbicha, de Carcassonne, zás! fartou-se!... quem estavam pensando que ele era?... que brincadeira! oh, La Vigue concorda!... estão fazendo pouco de nós!... é isso mesmo!... aquele tira burocrata está passando dos limites!

"Imagine, só, senhor! eu não estou reconhecível, logo eu!... eu!... o meu retrato em todas as paredes! a Europa inteira tem o meu retrato! pobre de mim! coitado! e a América! e esse idiota não me reconhece! de onde é que esse cretino pode ter vindo?... eu só queria saber... é esta a polícia deles!... boa turma de aporrinhadores de reserva!... seria bem melhor se ele tivesse estado no trem, o nosso trem!... eu estava no trem, senhor!... o último trem da estação do Leste... veja a minha mala!"

Aproxima-se da banqueta, em frente a nós... tira a mala de baixo... levanta-a bem alto... abre-a... uma bola de roupa esparrama-se pelo chão... farrapos... camisas... lenços... cuecas...

"Veja só!... depois de Epernay, o trem transformou-se num alvo!... o trem-alvo!... dos dois aterros!... de um lado e do outro! tap! tap!... rrrrrt! não foram só as minhas malas!... quantos mortos?... nunca se saberá! eu tinha mais três sacolas!... deixei-as lá! os maquis estão mandando na França!... eu vi!... eu sei!... até em Paris!... em Paris! os senhores não sabem?... eu vi!..."

Ali, em pé, ele estava revendo...

"Os senhores não sabem! as ratinhas cinzentas, as telefonistas!... com as línguas arrancadas, amarradas duas a duas, no Sena!... da ponte da Concorde!"

O casal, o barbicha e a sua chorona, parecia duvidar... ah! essa não!

"O senhor não acredita em mim?... passe agora mesmo por qualquer ponte de Paris e depois me conte!..."

Aqueles céticos o horripilavam! as suas malas estavam perfuradas?... que boa prova! três... quatro balas!

"Vem, Ferdine, não agüento mais!"

Saiu, levando-me com ele direto a uma tabuleta, na outra porta, *Abort*... W. C. ... entramos...

"Aqueles são secretas! você não viu? esses tais de Carcassonne!... faça-me o favor! o que querem é nos fazer falar!...

— Você acha?

— Pode ter certeza!... o barracão está cheio de microfones!..."

Concordo... fico pensando...

"Ferdine, se nós não sairmos daqui, não dentro de uma hora!... mas agora, já!... já!... não vamos sair nunca!"

Concordei com ele.

"Vá chamar Lili!... vamos dizer ao sujeito de serviço que vamos almoçar ali em frente, e que voltamos logo depois!... que deixamos os papéis! todos os nossos papéis!... que vamos voltar com as fotografias!... é um imbecil, garanto!

— Você tem razão!"

Faço sinal a Lili... um pulinho até o burocrata!... quando digo pulinho é maneira de falar!... o nosso burocrata não está mais lá, está na bóia... puxa! é outro! o outro me ouve... concorda com que voltemos daí a pouco etc., mas me avisa de que não conseguiremos comer nada se não apresentarmos os passaportes!

"Posso dar-lhes uma "pequena licença"... é tudo o que posso fazer!... a *hausgericht!*... refeição frugal..."

Oh, sim, claro que sim!... o principal é que nos deixe sair e não nos prenda no seu barraco! aquele casal de Perpignan talvez fosse bem honesto! nem um pouco secretas!... a coisa errada, horrível, com eles, é não terem reconhecido La Vigue... nem do teatro, nem do cinema!... que gente seria?... incríveis!... capazes de qualquer coisa!...

"Vamos, Ferdine! ande logo! não espere que o outro tira caia em cima de nós!"

Insiste para que nos apressemos...

"Primeiro, a bóia!... Não, primeiro, já, já, o "Photomaton"! Não te contei tudo, Ferdine!... o nosso trem da alegria! o último trem da estação do Leste!... metralhado quatro vezes, meu filho!... Epernay... Mézières... e depois na Bélgica!... os dois aterros apinhados de maquis! imagina só!"

Começa tudo de novo!

"Olha só, a minha mala!"

Torna a abri-la... o conteúdo espalha-se... a calçada fica coberta de camisas!... o pessoal da fila precisa saber o que fora o último trem!... e que os dois chorões de Carcassonne não tinham visto nada!

"A França agora é assim!"

Oh! pronto! alguém reconheceu-o!... um!... dez!...

"Le Vigan!... Le Vigan!... é ele!"

Ele agradece... uma vez... duas... inclina-se... e mete seus trecos na mala... os bagulhos todos... depressa!...

"Agora, meu filho, vamos lá!"

Lá não era longe... do outro lado da avenida, o Thüringer Hof... decidimos afinal que só iríamos depois tirar as fotos... Lili carrega Bébert na bolsa...

"Você não pode mais andar sem bengalas?" pergunta-me ele.

"Sim! poderia, mas sinto-me melhor com elas!

— Você está ficando velho!"

É o pavor dele, a velhice! envelhecer!...

"Mas escuta, filho, você tem dez anos menos! vai ver uma coisa daqui a dez anos!..."

Era natural que eu cambaleasse, ele era mais esticado do que uma vareta.

Chegando ao Thüringer Hof!... o pálace... bem avariado... entre dois edifícios completamente arrasados... esburacados diria eu... o Thüringer ainda se mantém de pé, só uma varanda está meio pendurada... entramos... a "Recepção"... no meio de um grande saguão, todo dourado... mostro o nosso pequeno passe: "uma refeição"...

"*Stimmt*... pois não!... querem comer?

— Oh sim!... sim!... sim!..."

Responde Le Vigan...

"Querem um quarto?

— Dois quartos!... um para mim e minha mulher!... e outro aqui para o meu amigo!..."

Este porteiro é dos tempos áureos, com um fraque enorme, cheio de galões, boné de superalmirante... mas pôs os olhos em Bébert... a cara que ele faz!... Bébert também olha fixamente para ele...

"Os senhores têm um gato?"

Porra, ele viu!... plaft!... fecha o livro de registros... não quer mais saber de nós!

"Não se admite nenhum animal!

— E então?

— E então?"

Podíamos lhe responder na bucha: lacaio, alemão, *schleu*, etc. ... que fosse se foder!... não ia adiantar muito...

"Mostre a sua mala, burro!" disse eu a La Vigue... ele obedece, mostra os buracos... a roupa em farrapos... eu lhe mostro minhas bengalas... que não me agüento em pé...

"Feridos! Feridos! *verwundet!* minha mulher também!...

— Então vão para lá!... lá, recebem gente com animais..."

Escreve o nome num cartão para nós... Hotel Zenith... Schinkelstrasse...

Eu não quero que La Vigue faça mais nenhuma besteira, assumo o comando...

"Muito obrigado, senhor porteiro, vamos lá em seguida, por sua recomendação... o senhor poderia ter a bondade de avisar o Hotel Zenith... telefonar?"

E o outro, contente de se ver livre:

"Ja!... ja!... ja!..."

Dobro uma nota de cem marcos em quatro... em oito... meto-a entre as mãos dele, que aperto com força... logo ele consegue a comunicação com o Zenith... ouço a conversa... "está bem!... *stimmt!* podem ir!" eles podem nos receber, nós sabemos dar boas gorjetas...

Preparo logo outra nota de cem marcos para estar prevenido ao chegar... chega de ser amaldiçoado pelo universo!...

"Agora, La Vigue, vamos lá!"

Acabou-se a brincadeira!... se nos pusessem para fora do Hotel Zenith, onde é que íamos nos meter? repito a Lili e ao nosso amigo, ilustre artista... que me perguntem antes de falar!... que não metam os pés pelas mãos!...

Primeiro temos de achar a tal Schinkelstrasse!... o almirante-porteiro digna-se sair... mostrar-nos... a quarta?... terceira?... à esquerda?... não podemos nos enganar!... que seja!... mas eu conheço o cenário das fachadas, a gente pensa que uma rua

existe, e ela não existe mais... toda a sua parte interna, vigas, tijolos, escadas, está caindo, dependurada das janelas... ou amontoada em frente às portas... se a gente vê, de longe, um monte de tijolos, é tudo o que sobrou do edifício... a gente acaba se habituando... a calçada não passa de um pequeno corredor, que dá apenas para uma pessoa passar... entre o muro alto de lixo e as pretensas casas... lá, do Thüringer até a tal rua Schinkel, depois de dois minutos, eram só pedaços de fachadas flutuando, desmanchando-se... e persianas... era até engraçado! quando há temporal, venta muito numa cidade que não tem mais edifícios... deve ser terrível em Hiroxima!... Plaft... lá despenca uma janela em cima de nós!... a gente podia muito bem ser morta!... com bengalas... sem bengalas... oh! avisto a Schinkelstrasse... o número 15... o monte de escombros não ultrapassa a primeira varanda... Hotel Zenith... só sobrou um pedaço da placa: *nith*... não é engano!... a campainha não toca mais! paciência!... adiante!... ninguém para nos receber! o que sobra do Hotel Zenith, basta olhar... e, antes de tudo, achar alguém... avisto lá no fundo uma espécie de pátio... montes de lixo, tijolos e tudo mais... mas não em ordem, em pilhas... nada disso!... do tipo velha zona... e, ainda por cima, excrementos... bom!... é uma questão de estilo!... e, ali, o fundo, quase no escuro... escuro e coberto de mofo!... de um lado está o andar térreo... sem janela nem porta... no lugar delas reposteiros pendurados... pergunto-me se esta barraca é habitada?... chamo: oh! oh!... sai alguém daquele mofo... um mujique... digo: verdadeiro!... de barba, botas, camisa bufante... e um sorriso aberto... enfim, uma pessoa amável!... fala comigo em alemão... não muito bem mas o suficiente... eu também lhe respondo no meu alemão... nos entendemos... ele é o gerente do Zenith, explica que é da Sibéria... prisioneiro?... deportado?... Vlasoff?... Não faço perguntas... mas que entusiasmo!... começa a conversar... pouca coisa... elogia a sua Sibéria!... enquanto isso, ficamos esperando... como a Sibéria é rica! exuberante! florida! verdejante! acolhedora! eu nem posso imaginar!... que vales!... que pastagens!... que arbustos!... que gardênias! eu não posso calcular!... faz-me uma dessas propagandas em dose maciça... que nós poderíamos embarcar em

seguida!... para morar na Sibéria!... mas eu retruco! claro! naturalmente! mas Berlim não quer nos soltar... será ele agente da *Intourist?* Perguntarei, depois... deve ser a mulher dele a olhar para nós, ela levantou um pedaço da cortina... uma verdadeira *baba,* de olhos puxados, lenço na cabeça... é de pouca conversa... eu quero ajudar... La Vigue vai ao seu encontro... cem marcos bem dobrados... ela vê que nós temos bons modos, faz sinal ao seu mujique de que somos aceitáveis... que nos pode receber...

"E o quarto?"

Claro, o quarto! imediatamente!... dois quartos! mas com certeza!... onde quiséssemos! segundo andar?... já é uma coisa garantida... não íamos dormir na rua... e a bóia?... iria nos pedir cupons?... não, será sopa, a sopa deles, três tigelas, e pão preto, e cerveja... esse hotel não tem boa cara mas pelo menos tem uma coisa, aceita-nos!... a ocupação russa tem as suas "vantagens"! agora vamos ao nosso andar!... a escada!... faltam degraus... não se pode subir mais... o "terceiro" não existe mais... está a céu aberto... serve o "segundo"! que números!... tanto faz!... "puxe! empurre!" que piada!... as portas não abrem!... emperradas, empenadas... tentamos, todos juntos!... as paredes, os tabiques cedem muito depressa!... oh, muito bem!... desaba uma parede inteira em cima de nós!... o outro tabique despenca... pode-se ver o cômodo, pode-se até entrar... entramos... pisando na caliça, nos papéis descolados das paredes, em tijolos... oh! duas camas... Lili, eu, Bébert... e La Vigue onde ficará? no quarto ao lado! pela porta não, ora!... nós já sabemos! se insistíssemos em pô-la abaixo, todo o corredor ia despencar!... talvez todo o Zenith! as paredes estão prestes a partir-se... mas com jeito! La Vigue é jeitoso com seu canivete, destaca um tijolo, mais um, muito sutilmente... sem tocar nas portas!... pronto!... o quarto dele é como o nosso mas sem mesa-de-cabeceira... nem jarro nem bacia... só um pequeno espelho quebrado, mas mesmo assim!...

"Olha, Ferdinand, com que cara eu estou!...

— Oh, não! você está só um pouco abatido, é natural!"

Ele adquire com facilidade a expressão da pior das desgraças... Jesus no jardim das oliveiras... isso desde o seu filme *A Paixão*...

e agora desde a estação do Leste, o ataque ao seu trem, suas camisas em farrapos e o estado da França, ele tem razão para estar um pouco acabrunhado... já no seu Jesus não se saíra mal... depois que representam o papel de Jesus, nem que seja uma vez só, já observei, os atores e até os diretores continuam a fazê-lo pelo resto da vida assim que aparece uma oportunidade... pergunte sempre a um ator se já fez o papel de Jesus, se ele disser sim, pode ficar esperando... no caso de uma mulher, se ela representou a Virgem Maria, vai continuar bancando Nossa Senhora até os cem anos... eu não queria que La Vigue começasse a fazer das dele, que se pusesse como um crucificado na cama... já bastava o drama que estávamos vivendo, achava eu... mais que depressa começo a falar-lhe da sopa, do mujique, das tigelas... que ele fosse fazer o favor de ver... para não se esquecerem de nós... ele já tinha visto os confins do pátio... naquele momento, apareceu alguém... ouvimos passos... é o barbudo!... mudo de assunto... pergunto-lhe sobre o último alerta...

"Oh, todas as noites! Mas não há mais bombas! acabaram-se as bombas!"

Eu quero acreditar mas acho que aqueles aviões malucos vão recomeçar... aliás, é claro, eles voltaram, mas meses mais tarde, e foi para o espetáculo final... quanto a nós, por enquanto, era a calmaria... estavam tratando das fronteiras e dos reides sobre Londres, e não de Berlim... nós, em todo caso, tínhamos um teto, não muito firme, mas já era alguma coisa... tudo era frágil!... se estivéssemos em Paris, seriam as nossas vidas que iam ser sacudidas e escancaradas!... portanto, nada de queixas! mais valia o Zenith do que o matadouro!...

Sentamo-nos nas nossas camas e começamos a pensar... havia muito em que pensar... Bébert foi fazer suas explorações... é o jeito dos gatos... assim que chegam a qualquer lugar, mesmo diante do perigo, eles têm que reconhecer os lugares e as vizinhanças... o seu espaço vital... é por isso que é tão arriscado levá-los ao campo... seguem o instinto, fogem e vão acabar na panela de alguém... ali no Zenith, o espaço vital tinha o comprimento do corredor... Bébert chega logo à outra ponta... Lili o chama... ele não vem... ela vai ver... um reposteiro...

vou também, ficamos os três olhando, Lili, eu e Bébert... nada! o vazio!... oh! um vazio de pelo menos sete andares, um funil de bombas bem possantes, tão vasto como vários edifícios juntos... o Zenith pode dizer que escapou por um fio!... os bombardeios são como a loteria!... se for a sua vez, acabou-se! se você estiver com sorte, são os outros que vão perder! você pode jogar a partir de hoje, já que vai sair em férias, quem vai perder? ele? ela? eu?... no Zenith, pesando-se os prós e os contras, estávamos com sorte... Le Vigan torna a subir com as tigelas... a sopa estava ótima! repolho roxo com creme, o mujique vem atrás dele com a cerveja e a água mineral... é o trivial perfeito!... ah, também umas bolas... pão preto... esse mujique nos trata a vela de libra! não pede cupons... recostamo-nos, temos direito, depois de tanto bater perna... não há mais janelas... quero dizer, quase, só os caixilhos e duas ou três semividraças... o russo é mesmo simpático, e traz dois tapetes grandes para pendurar à guisa de cortinas... ajeitamos logo tudo... pronto!... agora sim, podemos esperar... a privacidade, se se pode dizer... cada um no seu canto!... isso é modo de falar... para passar para o quarto de Le Vigan basta tirar duas placas de gesso... mas para ir ao corredor, só estando no quarto dele e fazendo girar quatro tijolos... pela porta não dá!... de modo algum!... todo o andar desabaria! Bébert passa por onde bem entende... brechas... buracos de ratos, cortinas... por certas brechas um pouco mais largas, Lili passa também... vai à outra extremidade do corredor... chama-me... eu não quero ir...

"Venha! Venha sim!

— O que é que você está vendo?

— Um outro buraco!"

Está bem!... faço um esforço... andando de quatro... esburaquei um pouco a parte de baixo da parede... La Vigue também vem, de quatro... lá estamos nós na outra ponta do andar... mais um, "a pique" sobre uma cratera, outro!... um grande tapete pendurado à guisa de parede... atrás do tapete, o vazio, o outro buraco... onde cabiam bem uns três edifícios... talvez estejam lá... com certeza... o Hotel Zenith teve sorte, podia muito bem ter-se partido em dois... já lhe arrancaram bons pedaços, já que só sobraram dois andares... "andares" é

força de expressão... aliás, eu preciso perguntar ao mujique onde estão os outros hóspedes... *sight-seeing?... new-Berlin?...* estou brincando!... mas por falar nisso... as nossas fotografias!"

"La Vigue! os nossos 'photomatons'!"

O tira dos passaportes deve estar imaginando o que aconteceu conosco, já deve ter voltado da bóia... seria ruim para nós se ele pensasse que não o estamos levando a sério! ora!... temos que descansar primeiro! um pouco!... principalmente depois da sopa de repolho... não tenho nada contra, mas era um bocado pesada... voltamos de novo, de gatinhas, a procurar outra brecha mais larga, mais fácil... Bébert encontra uma para nós, escancarada, eu não a tinha visto... pronto!... conseguimos! mas cobertos de caliça, areia, cinzas... vamos nos lavar!... eu chamo:

"Ivan! Ivan!"

Ele não me disse como se chama mas não pode se zangar com Ivan... ele talvez tenha uma escova? estávamos tão cobertos de caliça e de toda aquela sujeira que precisaríamos de uma vassoura!...

"Ivan! Ivan!"

Não veio ninguém... podemos deitar-nos... La Vigue quase em seguida começa a roncar... eu também bem que gostaria de relaxar... Lili cochila... Bébert, entre nós dois...

Era quase noite quando as sirenas começaram... primeiro uma!... depois cem!... se não fossem elas, ainda estaríamos dormindo...

"La Vigue!... La Vigue!

— Não se aflija! o russo disse que não bombardeiam mais! eles só passam!"

Ouço Ivan no corredor... o que quer ele?

"Mas escute, e os buracos? não são na Lua!"

Retruco...

"Deixe estar! eu lhe digo que eles vão pra outro lugar!"

La Vigue tem fé.

Ah, o Ivan! estava chegando!... mais três tigelas, batatas e beterrabas, e água mineral! de onde tira tudo aquilo?...

"Ivan, será que você tem um pouco de carne?... não é para nós!... é para o nosso gato...

— *Da! da! da! Ich will!"*

Eu acho que Ivan caiu do céu... tem direito a outros cem marcos... eu sou capaz de me arruinar por Ivan!

"La Vigue!... La Vigue!... está na mesa!"

Ele passa pela sua brecha e chega bocejando...

"Escute, é assim na Rússia?"

Eu quero saber.

"*Ach, viel besser!* bem melhor!

— E na Sibéria?

— *Noch viel besser!* Muito melhor ainda!

— Você está vendo o que temos que fazer!...

— Não precisa nem pensar duas vezes!"

Que programa!... Ivan fica ali olhando para nós... saber se gostamos mesmo das suas tigelas?

"*Merkwürdig!* Ivan! maravilhoso!"

Acho que, quanto à Sibéria, podemos resolver mais tarde!

"Primeiro, o tira!"

La Vigue está em dúvida!

"Não espera mais que voltemos!

— Mas e as fotografias?"

Sou mais corajoso, acho que é preciso! Ivan volta com o pedacinho de carne... eu sou entendido... essa carne não tem mau cheiro... mas é pálida... não quero impressionar, mas afinal de contas... o lugar... "só se vê aquilo para que se olha e não se olha para o que já se tem em mente"... Bébert fareja um pouco aquele pedaço de carne pálida... morde uma pontinha... não a rejeita... sem comentários... uma coisa boa, ele já tem o que comer!... La Vigue volta ao seu estrado, torna a roncar em seguida... nós também, acho... nem pensar em conversar... só se ouvem as sirenas... Há pelo menos uma hora que estão tocando o alerta... duas horas... alerta à-toa... nem uma bomba sequer... bem que Ivan tinha dito... encenação sonora e nada mais!... cochilemos pois, se pudermos... descansar!... vou ver o amanhecer... eu posso ficar assim horas seguidas, estou acostumado... eu pressentia que Ivan não devia estar longe... devia estar espiando o que fazíamos... devia ter algum buraco, alguma brecha só dele...

"*Komm* Ivan! *komm!* venha cá!"

Não quero constrangê-lo!... quero conversar um pouco com ele... ele me irrita rondando assim... aí está ele!

"Ivan! E os outros hóspedes?

— *Alle weg!* foram todos embora!"

Compreendo o motivo de termos conseguido quartos!

"E o café?"

Sua mulher devia ter lá embaixo... dou-lhe mais cem marcos... vai ficar rico se continuar assim... Ivan entendeu!... desce, sobe novamente com uma bandeja, três tigelas pequenas, um bule, leite em pó, e bastante pão preto... inteiro e em fatias...

"Açúcar, Ivan!"

O açúcar sai do bolso dele... em seguida!... pedaços grandes, dois para cada um!... não podemos reclamar!...

"Ivan!... *Kunstler!*... Você bem que se arranja! você merece voltar para a Sibéria... pra você montar um Pálace por lá!... *nach Siberia!*

— *Ach!... Ach!... ach!...*"

Rimos bastante... não estivemos ali para chorar!... moral em alta, no Hotel Zenith! a prova disso é que bebemos todo o seu café fajuto e o seu pão preto, não muito pão, na verdade, meio-serragem... e o açúcar... só sacarina!... e, para coroar, café morno!...

"Olhe só Ferdine!"

Vou olhar no quarto dele pela janela, afasto a cortina... a Schinkelstrasse está acordando... há gente indo e vindo... reparo que são principalmente turmas recolhendo, empilhando pedras, escombros, telhas... tudo desmoronando... batalhões de homens e mulheres, velhos... apanhando, amontoando tudo em cima de outros montes... em ordem... logo não haverá mais calçadas... há montes demais, altos demais, largos demais, pirâmides... já contei, as fachadas que sobraram estão frouxas, flutuam, desfalecem, descascam ao vento... as turmas do cata-cata saem dos buracos de madrugada... ratos diurnos... não trabalham depressa, não têm entusiasmo, mas são organizados... mãos muito velhas, seres muito velhos, cheios de reumatismo, macilentos, tortos... onde comerão? a gente fica na dúvida se são russos... bálticos... mendigos dali mesmo... todos vestem calças... isto é, quase todos... fico olhando... os que estão de saia parecem

mais homens... todos fumam, parece... o que fumam? logo não vai sobrar nada das casas... só poeira e crateras... o Zenith pode contar que em breve será só um monte... já tem dois andares em frente à porta... aquelas turmas de velhos coveiros trabalha para o futuro! Hamlet não passava de um pequeno J3... dialético mimado, se tivesse atacado o Castelo, demolindo-o pedra por pedra, isso lhe teria feito muito bem! teria soltado menos ais! eu via ali aqueles velhinhos trabalhando, verdadeiros fantasmas, é claro que não muito depressa mas muito direitinho, empilhando as telhas para que não ficasse nenhuma solta no chão... e até procurando em frente, nos outros montes, o que era do Zenith, o que pertencia à nossa ruína... pode-se dizer que era gente conscienciosa... não eram um bando de sujos ao deus-dará... turmas que, quando tudo só for cinzas e o planeta não passar de uma mixórdia de nêutrons, vão fazer montinhos dessas químicas, três ou quatro montinhos, digamos, para uma capital... cinco montes para Brooklyn-Manhattan... oh, estou brincando! mas, lembrei-me de repente!... lá estávamos nós na Schinkelstrasse... dois montes para Paris!... não estamos mais lá! estamos aqui!... olhando a rua... essa gente pondo tudo em ordem... não são só tijolos... cai de tudo... chaminés, calhas, banheiras... mas e nós... lembrei-me dos "photomatons"...

"Você se lembra onde era?

— Claro que sim..."

Tanto melhor!... bem ao lado do Thüringer... de onde nos expulsaram!... ai! um sobressalto! a polícia era capaz de estar nos procurando! vamos depressa cuidar dos retratos! mesmo irreconhecíveis! chamo Ivan! ele vem!... recomendo-lhe que não mexa em nada, vamos nos apresentar à "Polícia"... não vamos demorar mais de cinco minutos... não vamos ficar namorando as vitrinas!... na rua percebo que preciso mesmo de bengalas, estou tropeçando a cada três passos... sou como as casas... ondulante... passamos ainda pelas ruas... com certeza as mesmas... tão cheias de velhos como a nossa... catando, empilhando... fumando também, qualquer coisa... estão vestidos da mesma maneira, trapos e barbantes, farrapos de saias e farrapos de calças... fala-se da miséria de Xangai, mas por toda parte ela existe... ah! lá está o nosso "photomaton"! conseguimos encon-

trar o lugar sem dificuldade!... oh! mas quanta gente!... eu tenho direito a duas prioridades!... inválido de guerra e médico... minha braçadeira!... "Defesa passiva de Bezons"... coloco-a no braço... não faço caso das pessoas... entro diretamente no barracão, com Lili, La Vigue e Bébert... o pessoal cochicha!... mostro minha "cruz vermelha"... eles estão vendo... e eu anuncio bem alto:... "Relações Exteriores"!... eu diria qualquer coisa !... que somos Belzebu e sua corte... para chegar até a moça, para que não nos mandem embora por chegarmos fora de hora... a moça não pede explicações, manda que nos sentemos... cada um diante de um grande olho de vidro... La Vigue pede que o deixem pensar... um segundo... só para se arrumar um pouco... mas qual nada!... tique! taque! tique!... pronto!... a técnica não pode esperar!... aponta para todo o pessoal lá fora!... nossos três tamboretes são ocupados imediatamente!... e nós, expulsos, de pé... tudo é revelado ali mesmo num quartinho... dois minutos e pronto!... pago... lá fora, olhamos nossas caras!... ali temos tempo... olhamos... uma vez e mais outra... Lili, eu, La Vigue, mudamos de cara!... o tira da *Polizei* tem razão... eu não presto muita atenção ao meu rosto mas agora está mesmo muito engraçado!... os olhos, uma bola de gude enorme que parece saltar das órbitas... as bochechas sumiram!... as bocas murchas como de afogados... os três!... ficamos realmente horríveis... três monstros!... não se pode negar!... como é que viramos monstros?... como no caso das bengalas... de repente... estou cambaleando desde Baden-Baden... deve ser também desde o Brenner que ficamos com essas caras patibulares... deve ter sido o susto... estamos umas gracinhas!... principalmente Le Vigan, que está cômico, ele, o galã famoso, tão charmoso na rua quanto no cinema ou no teatro... era de deixar as mulheres loucas!... está tão esquisito quanto nós no "photomaton"... acuado, assustado, Lili também, ela que era tão bonitinha, de traços regulares, não tinha nada de criminosa, está parecendo uma megera, assassina, os cabelos revoltos num furacão, o Sabá, uma feiticeira envelhecida, ela que não tem nem vinte anos...

"Definitivamente, não estamos nos dando bem na Alemanha!..."

É de preocupar!...

"O tira vai dizer que não somos nós!..."

Podíamos ter certeza!... estou prevendo complicações... é melhor não ir lá!... haja o que houver!...

"Voltemos ao hotel!"

Andar pelas ruas?... não é coisa recomendável!... eu ainda não estava habituado a ser idêntico a mim mesmo e, mesmo assim, irreconhecível... depois fiquei acostumado, e bem, a andar com um sósia, uma espécie de morto, um morto com bengalas e preocupações... se um malvado nos matasse não faria mais do que mandar para o cemitério quem nunca deveria ter saído de lá... eu, desde 14... não apenas desde 44!... não vou votar, eu sei por que motivo, estou sendo esperado lá... os empregados dos cemitérios sabem quem é quem... mais ou menos ainda as mesmas cores e formas e lembranças... mas quais? não adianta nada raciocinar... apanham a gente assim mesmo!... e já pra cova! no nosso caso, os retratos, a coisa era séria!... a polícia não ia querer saber deles nunca!... não dava para apresentá-los... eu proponho que voltemos ao Zenith...

"Vamos experimentar com o Ivan!..."

Não corremos nenhum risco... chame-o... ele estava atrás da parede... pergunto-lhe o que acha das nossas fotografias... ele pega as fotos, vira-as, olha-as pela frente e por trás... de cabeça pra baixo, não acha nada... estamos transformados em quadros de Picasso... nosso caso é realmente muito grave... só no Tribunal e na prisão é que são capazes de nos reconhecer... e isso pra afanar os móveis da gente... aí eles não se enganam... em Berlim, só estávamos começando, eu não sabia tudo o que se pode fazer com as pessoas fora da lei... haja o que houver!... peço mais três tigelas e uma coisinha para Bébert... quando se tem fotografias como as nossas, é preciso mostrar-se generoso... lá se vão mais duas notas de "cem marcos"... de novo!... não conheço as idéias dele sobre política, mas de uma coisa eu sei: Ivan nunca ia poder dizer que eu não era amável... era verdade que só estávamos nós três no que sobrava do Hotel Zenith... só os nossos dois quartos ocupados!... e, apesar de tudo, ainda há um telefone... eu o ouço tocar... e até muitas vezes... onde estaria o aparelho?... no

pátio, no térreo?... ou no fundo de uma daquelas crateras? mas quem estaria telefonando para ele?... Le Vigan também se perguntava... não vamos lhe fazer perguntas!... Vamos pensar mais um pouco!... agora já sabemos muito bem passar para o quarto de La Vigue... pelos tijolos... tornamos a ver a rua, a Schinkel, o vaivém dos velhos... como raspam, descascam, empilham!... fariam outra rua com tanta telha e tijolo se a guerra durasse uns dez anos... Aí está Ivan de volta com os seus repolhos com creme e o pedacinho de carne esbranquiçada para Bébert... Lili chama a minha atenção para alguma coisa... um andar, uma casa em frente, como que suspenso entre as colunas do edifício... como uma rede... os andares acima e abaixo não existem mais... o vento os levou!... além disso, esse andar parece uma vitrina... vitrina de florista... florista, loja suspensa... rosas, hortênsias, clematites... suspensa entre as colunas como uma rede... não sobrou mais nada do edifício além dessa sobreloja aérea... e a escadaria... o único andar habitado, creio, de toda a Schinkelstrasse... ah e os nossos quartos cobertos de caliça do Hotel Zenith... pergunto:

"Escute, Ivan!..."

Aponto-lhe o outro lado da rua... a loja-rede...

"Da? da? blumen? geshäft?... florista?

— *Nein!... nein? doktor* Pretorius!"

Tudo bem quanto a Pretorius!... comentamos que aquela sobreloja talvez fosse para os casamentos e enterros... buquês e coroas... ainda não tínhamos visto nenhum mas devia haver... as condições eram propícias... bem que gostaríamos de comprar flores... para enfeitar os nossos quartos!... em vasos!... para dar um certo requinte ao nosso *home!*... gerânios... Lili preferia clematites... discutimos amavelmente... sobre decoração, sobre flores... e ervas para Bébert... Pretorius devia ter tudo: não!... primeiro, terminar nossas tigelas!... aquilo também nos intrigava... repolho roxo com creme?... onde o barbudo teria arranjado aquele creme?... Ivan, com aquele ar de campônio, dava jeito para tudo... repolho roxo também não devia ser fácil!... sugiro: "agora que esvaziamos as tigelas, que tal darmos um pulo ali em frente?" qual é o risco?... primeiro, para ver se aquele tal Pretorius existe mesmo... se não é uma inven-

ção! e, depois, para comprar dois vasos de gerânios... Dr. Pretorius... será que existe mesmo... com a calçada cheia de apanhadores... por onde se subia até aquele bicho papão? veremos!... fomos!... descemos, atravessamos a rua... passamos entre duas trincheiras de tijolos... perguntamos pela escada... por ali!... vejo três andares em degraus de corda... e depois descer à sobreloja! que bagunça!... com as bengalas debaixo do braço foi uma luta... o velhote lá em cima devia divertir-se vendo os fregueses levarem cada tombo!... isso devia acontecer!... oh, aí está ele... "*Doktor* Pretorius"... é o nome dele mesmo... o nome gravado numa placa de cobre... dependurada num arame... na Alemanha todo mundo é doutor... "doktor" florista?... lá vem ele... nos viu chegar... e logo nos pergunta, em francês:

"Com quem tenho a honra de falar?

— Minha esposa!... o Sr. Coquillaud! e este seu criado!"

Não disse mais nada... bastava... ao primeiro contato parecia um homem nem vulgar nem grosseiro, bastante gordo... de uns cinqüenta e poucos anos... e de óculos...

"Por aqui, por favor!"

Caminha à nossa frente... mancando um pouco...

"Vão me desculpar... ouvi o que disseram... as palavras ecoam neste edifício vazio!... não sou florista!... infelizmente... lamento muito, minha senhora! eu sou doutor mesmo, é verdade... mas doutor em direito... e advogado...

— Oh, queira desculpar, doutor!... que bobagem a nossa!... o Ivan, lá na frente, devia ter explicado!...

— Esse que vocês chamam de Ivan não sabe nada!... chama-se Petroff... é burro como todos esses russos... burro, bêbado e mentiroso... toda essa gente do Leste é assim... aqui, ficam desorientados com as nossas boas maneiras... não sabem mais o que vêem nem o que ouvem, nem sabem quem são!... na terra deles levam chicotadas todos os dias... assim que param de apanhar, começam a delirar... é o caso de Petroff, esse que vocês chamam de Ivan... acha que eu sou florista!... é verdade, eu tenho flores... mas para enfeitar meu escritório, não para vender!... ele vem muito aqui... vem para me vender creme... já disse cem vezes a ele: 'Sou advogado, Petroff'...

ele precisava apanhar até ficar em carne viva para se lembrar!... a força do hábito!

— Oh, claro, caro doutor, é muito justo!... muito justo!

— Gosto muito de flores, em Breslau eu tinha um verdadeiro jardim de flores tropicais... em duas estufas...

— Ah, o senhor esteve em Breslau?

— Sim senhor e acho, e creio, e digo que meu escritório era o mais importante da Alta Silésia... até Viena!... tanto em direito criminal como em civil!...

— O senhor, é claro, passou longas temporadas na França, não é doutor?

— Passei!... em Toulouse, até defendi uma tese sobre Cujas...

— Caro doutor, só de ouvi-lo... assim que começou a falar...

— Então acha que eu falo bem francês?

— Bem?... Bem?... Mas não se pode falar melhor, caro doutor... como não se fala mais... exceto alguns poucos grandes escritores... Duhamel, Delly, Mauriac... e quem sabe?...

— Ah, o senhor acha mesmo?... fico muito contente!... sente-se! sentem-se todos, por favor! aqui, senhora!... acho que este divã é mais confortável do que as poltronas! tudo é de 'segunda mão', dá para ver, não?... não pude salvar nada de Breslau!... nem sequer um processo!... e os senhores!... desculpem a pergunta... estão aqui como turistas?... já conhecem a cidade?...

— Oh, muito pouco... muito pouco...

— Então, vão me dar o prazer, já que estão hospedados aqui em frente, podem vir me buscar que eu lhes mostrarei os lugares pitorescos... esta cidade é um pouco misteriosa, como Lyon, na França... era muito falada, eu diria até aviltada... uma cidade muito sinistra!... cidade de pederastas, de monstros!... já devem ter ouvido falar com certeza...

— Oh, é puro ciúme, doutor! não é nada sério!...

— Vão ver!... vão ver com seus próprios olhos!... enquanto isso, disponham, meu apartamento está às ordens! às ordens! e as flores também! escolham para o seu quarto! o Zenith não parece grande coisa!... eu sei!... os quartos estão num estado lastimável!... esse hotel sofreu muito durante os últimos bom-

bardeios... aliás, toda a rua!... esta rua, agora, só tem fachadas... mal se vê, aqui e ali, um local habitável... algumas crateras adaptadas... é o que dizem... quanto a mim, voltei a construir, podem ver... com os meios de que dispunha!... uma sobreloja... suspensa! o teto, as paredes, são de outros edifícios... da frente... do lado... os móveis, de outros bairros arrasados... principalmente da *Alt Köln*... amigos daqui e de lá me ajudaram... neste edifício, todos os moradores morreram... morreram em casa... todos os corpos foram identificados... a lei está do meu lado... a partir do momento que eu reconstruo, ocupo o local, de acordo com as regras, e pago os impostos, estou na minha casa... é a lei de 1700, que não foi absolutamente revogada..."

Ele se animava!... defendia sua causa!... o pincenê tremia... e que ninguém se atrevesse a contestar!... ele tinha direito! já que estava ocupando o imóvel!... e não era florista, não!... era uma invenção de Petroff, aquele animal sujo, crápula que precisava apanhar, porco eslavo invejoso!

"Estou esperando que tudo entre nos eixos!... voltar a Breslau? não!... vou me registrar aqui!... vou montar um escritório aqui mesmo!

— Claro, claro, doutor!

— Localizado como o senhor está vendo, em pleno centro!... bem pertinho da Chancelaria!"

Dá uma palmada na testa...

"Como? como? os senhores não sabem?"

Levanta-se, é realmente incrível... olha para o relógio... o Chanceler... a Chancelaria ali pertinho!... é hora, são quase quatro horas!... bem pertinho!... nós queríamos?...

"Oh, claro!... encantados!... felicíssimos! que sorte!"

Bébert, o gato, foi para a sacola!... e a caminho!... não era longe... ele tinha razão... um minuto...

Então era isso a Chancelaria?... um grande retângulo de pedras tipo granito... mas bem mais triste que granito, mais fúnebre... não era de admirar o que tinha acontecido ali!... perto dela o Panteão, o palácio dos Inválidos, parecem até engraçados... e tudo aquilo numa pracinha de região administrativa muito sem graça... as portas da Chancelaria são realmente co-

lossais... blindadas seguramente... muito bem, mas não é só isso! e Adolf?... viemos para isso!... ele está lá dentro? trancado?... não vai sair?... pergunto a La Vigue... ele não sabe... ora bolas!... pergunto ao tal Pretorius... "psiu! psiu!" responde ele... "lá estão eles! não está ouvindo a banda?..." eu não ouço nada!... só estamos nós na pracinha! nós três, nós quatro, Lili, eu, La Vigue e ele... ninguém mais!... esperamos de pé... essa "praça da Chancelaria" é mesmo pouco freqüentada... nem sequer uma sentinela, nem um soldado, nem um guarda... já estou achando que ela é estranha... por que nos teria trazido até aqui?... já tínhamos visto a sua Chancelaria... Eu digo!...

"Está bem... vamos voltar!

— Psiu!... psiu!"

Ele ouve alguma coisa... olha para mim...

"Lá estão eles!..."

Não vejo nada... nem ouço...

"Você está vendo alguma coisa?"

Pergunto a Lili... e a La Vigue... não!... nada... o sujeito é de assustar... eu já estava imaginando... mas ali, é claro, não se via nada nem se ouvia... ele, ao contrário, não mais se contém!... grita!... urra!... na ponta dos pés!... *heil! heil!* Assim ao nosso lado... com o chapéu na mão!... *heil!... heil!*... enlouqueceu!... está vendo coisas!... não há nada, nada... posso garantir: nada!... está querendo nos gozar?... fazendo de propósito?... a praça está absolutamente vazia... todas as lojas ao redor, fechadas... e ele está vendo Hitler!

"Estão vendo?... Ele está entrando!... as portas estão se abrindo!... que beleza! que espetáculo! *heil!*"

Berra mais três *heil*... talvez queira que nós também... tornou a colocar o chapéu na cabeça... acabou...

"Vamos voltar!"

Eu não vou perguntar a ele se é verdade... calamos... vamos embora... ele continua falando e nós escutando... ele conta coisas... que Hitler estava com uma aparência muito boa... que a multidão estava tão contente!... nós concordamos com tudo o que ele diz... fomos assim até a sua casa da Schinkelstrasse... entre colunas e escombros... fazendo acrobacias...

primeiro a subida pelos bancos até o patamar do terceiro andar e depois a descida pela longa escada até a sua sobreloja-rede... que provação! principalmente para mim que tenho vertigens... pronto, chegamos... onde ele terá achado todos aqueles móveis?... explica-me com muita lógica, não é mais o energúmeno de há pouco... tem ótimas relações em todos os subúrbios de Berlim... compra os móveis das pessoas fugidas ou bombardeadas ou mortas... oh, não tudo... só as boas peças! eu estou vendo, é verdade, ele não está variando... só coisa boa!... cômodas, mesas, poltronas, não são nada feias! pergunto-lhe...

"E isso também é legal?

— Completamente... parágrafo 4! é a mesma lei de 1700!... reconstrução! eu estou reconstruindo!... estou morando!... pagando impostos!... tudo dentro da lei!"

Não é gira!

"Decreto de 13 de dezembro! Postdam 1700!..."

Isso mesmo!

Enquanto escuto, começo a pensar que conosco, na rua Girardon, deve ser a mesma coisa, devem estar aproveitando!... devem ter desencavado decretos do arco da velha! não encontraremos mais nada!... era tudo a mesma coisa; fosse do lado dos nazistas ou dos nossos caros compatriotas! uma corja de vigaristas, ladrões, vampiros dos desastres!... os uniformes não mudam nada, nem as bandeiras... são todos ladrões, assassinos! do outro lado do Reno, do Transcáucaso, da Touraine, de Arabidjan, de Connecticut, não é preciso procurar diferenças, são todos homens!... na Baixa-Provença ou na Alta-Silésia, estripadores, loucos disfarçados, manipuladores de Códigos caem em cima da gente!... tomam conta do que é nosso!... reputados reprovados? casos de forca... lá está o artigo!... 75... 113... 117... as forças estão pertinho!... em toda parte!... e a corda no pescoço! e a língua de fora!... o sujeito, o doutor, comportava-se, acho, de um modo um bocado arriscado... de uma hora para outra, tudo aquilo podia degringolar em cima dele, bibelôs raros, plantas exóticas, vitrinas suspensas, ia ser apanhado!... era só a RAF voltar a se preocupar com Berlim!... agora, era sem dúvida só um intervalo!... de que iam servir-lhe

os artigos e parágrafos? até os de Frederico da Prússia? onde iria parar? ele e o seu Hitler imaginário?

Ah! que sobreloja!... ah, que Chancelaria!... acho que é melhor aproveitarmos o intervalo... aquela espécie de rede florida do tal sujeito era bem alegre... era verdade que ele tinha visões... mas era por causa dos nervos, dos bombardeios... pergunto-lhe:

"O senhor perdeu tudo, caro doutor?... foi bombardeado?... em Breslau?..."

Eu conheço um pouco Breslau, uma região muito escura, tanto o céu como a terra, mais escura do que a Prússia e mais fria.

"Sim, tudo!... tudo! tudo! perdas materiais!... *ach!... ach!*"

Faz um gesto de que aquilo tinha pouca importância!... muito pouca!... mas!... mas!...

"Mas a minha mulher, a minha querida mulher, Anna!... e meu filho mais moço, Horst, de seis anos... lá se foram!"

Aquilo nos deixa tristes, claro... mas não é só:

"Mais dois filhos!... na Rússia!... há dezesseis meses sem notícias... meu irmão e meu sobrinho na França!... nenhuma notícia!"

Dissemos de novo: ah!... ah!... e só... mas ele, apesar de todo mundo ter desaparecido, ainda tinha força para arrumar o seu canto e também um escritório de advocacia... mais tarde, vi exatamente a mesma coisa, na avenida Junot, nos afanaram tudo e instalaram-se "muito direitinho"... a Depuração é coisa de instantes, acabam conosco e tomam conta de tudo o que é nosso num abrir e fechar de olhos! a gente vira as costas e acabou-se!... já está outro no seu lugar, lendo jornal, fumando cachimbo, a mulher procurando o sutiã, costurando, peidando e resolvendo aonde irão?... férias? férias? a menina tocando piano, desafinando... e a gente não pode fazer nada!... o jeito é seguir o seu caminho, e bater a bota sem dar um pio!... mas Pretorius estava confiante... instalado na sua rede, entre os seus móveis, mais ou menos dele, estava certo do futuro... pagando os impostos... não havia nada a temer!... mas mesmo assim, aquela trempe dele bem que balançava, por pouco o bricabraque inteiro não ia parar na calçada... só uma bombinha... e zás! adeus!... com aquele belchior ele podia muito bem estar instalado na rua

de Provence ou no Palais-Royal, com uma verdadeira loja... tinha de tudo, podiam-se ver pássaros empalhados, coleções de insetos... todos os reposteiros eram trabalhados... o fato de ter perdido a mulher, Anna, o filho, Horst, e com certeza muitos outros e mais o irmão, não o impedia absolutamente de pensar que a tragédia acabaria e que instalado, burguesmente, pagando os impostos, ele estava com o futuro garantido, principalmente situado como estava, a poucos metros da Chancelaria... era só esperar... eu também achava a mesma coisa! estava totalmente de acordo com ele... La Vigue e Lili felicitavam-no pelo bom gosto, pelos bibelôs tão interessantes, as flores tão bonitas, o francês perfeito...

"Acham mesmo?"

E continua falando.

Justamente naquele momento eu estava levantando para ver melhor... um objeto... e mais outro... ora! ora!... olho melhor!... não, estou enganado... aquele leque?... eu conheço... é, sim!... não digo nada, só penso... é o de Baden-Baden... o leque da Sra. von Seckt... não há erro possível... não há outro igual... vou deixar para comentar no hotel... em tais circunstâncias, uma palavra a mais pode ter conseqüências sérias... eu sei, já senti na carne: nada de desaforos! viro a cabeça e elogio mais ainda as suas flores, as suas jarras mexicanas... a presença de espírito que tivera em escolher o seu material entre os escombros da vizinhança... e até no Zenith ali em frente!... três marcos por tonelada de cascalho, dez marcos por metro quadrado de aterro!... que investimento! eu falava de tudo menos do leque! ele fez questão de reler todos os textos relativos aos seus direitos... mandou também Lili escolher flores, duas, dez, tudo o que quisesse!... a técnica para voltar consistia em descer primeiro pela escada até a calçada... lá embaixo ele nos mandaria uma cesta pendurada numa corda!... nós aceitávamos?... claro, tudo o que ele quisesse!...

"Amanhã, à mesma hora? tenham a bondade... iremos a Charlottenburgo! vocês gostam?

— Oh, claro, doutor, claro!"

Ah, enfim estamos na calçada!... a cesta está descendo... depressa, depressa! muito obrigado! mil vezes! adeus! adeus!

"Obrigado, doutor!... obrigado!"

Depressa, do outro lado!... em casa! atravessamos os escombros... cuidando para os velhos não nos emparedarem!... eles nem prestam atenção em nós... depressa a nossa escada!... ainda está lá!... os quartos também...

"Agora, escutem aqui, vocês dois!... não viram nada?"

Cochicho no ouvido deles...

"Não... as flores?

— Vocês não viram Hitler?

— Não!

— Quem é que vocês acham que é esse Pretorius?"

La Vigue não hesita...

"Ferdine, é um tira!

— O que é que ele queria?

— Que a gente falasse mal!

— Então ficou chupando o dedo! mas com certeza vai recomeçar! vocês não viram uma coisa... lá na casa dele... presa à cortina do fundo?

— O quê?

— Então não viram!

"É muito simples verificar se estou de miolo mole! Lili, onde é que você botou o leque da Sra. von Seckt?"

Conosco a coisa é fácil, levamos tudo numa mala só, a gente pode saber de imediato... Lili a procura e vai abri-la em cima da cama, nada... nem sombra do leque!...

"Vocês não viram?... está bem em frente a nós, na casa de Pretorius.

— E então?

— Então vamos dar no pé, já, já!

— Pretorius não esteve aqui!

— E Ivan?

— Estão de combinação? você acha?

— Rapaz, escute só o que eu digo! se não dermos o fora já, agorinha, vamos nos dar mal!... o roubo é besteira... mas o trabalho é de preocupar!..."

Ele custa a pensar em termos práticos, Lili também... ainda bem que eu decido!

"Se ficarmos aqui, estamos fritos!...

— Então, pra onde vamos?
— Tenho um endereço!"

Eu não queria utilizar aquele endereço! mas agora não podia fazer cerimônia!... paciência! a "polícia dos estrangeiros" com as nossas fotografias "anti-nós" não valia mais a pena! eu só tinha aquele último recurso! Harras... para falar francamente, um amigo bem comprometedor! super S.S.! paciência! *alea jacta!* César não se lançara com entusiasmo, pelo menos Harras era uma pessoa séria! não era um seminazista... era médico... Prof. Harras, presidente da Ordem dos Médicos do Reich... muito comprometedor, é verdade, mas abandonar a nossa pátria tinha sido o nosso primeiro crime fatal... é sempre o primeiro passo que importa!... nos cheques falsos, nos cofres, no roubo das vitrinas, na traição, em tudo!... o primeiro passo! o tobogã da desonra!... é só começar... uma vez... duas... pronto... não se pode mais parar!... Lili e La Vigue me entenderam bem...

"É sim, você tem razão!..."

Estão de acordo... mas em que apuros estamos metidos... o nosso destino estava decidido desde Montmartre!... até ele próprio, La Vigue, antes de partir tinha construído uma espécie de fortaleza na sua cozinha com as camas, mesas, cadeiras, bacias e panelões... mas acabariam por pegá-lo!... como pegaram Bonnot, Liabeuf e o valente Chabrol... Por falar do valente Chabrol, lembro-me de que, quando criança, eu vi o cerco... e a rendição... também a respeito disso, eu li mais tarde o quanto o tal de Guérin era suspeito... fosse ele, ou não, alcagüete, eu o vi ser derrubado em Ablon, pelos pontoneiros do 1.º de Engenharia, morto e bem morto, no cais da Écluse... durante a grande inundação de 1910... as lembranças da infância são sempre como se tivessem acontecido ontem...

La Vigue não quis resistir atrás da sua barricada para que não incendiassem o edifício... a zeladora, uma mulher de muito bom coração, tinha implorado:

"Vá embora, Sr. Le Vigan! o senhor sabe que todo mundo gosta do senhor!... o senhor voltará!..."

Eu também tinha pensado em mandar tudo pelos ares na rua Girardon... não teria merecido as honras como aquele anarquista

de primeira, Guérin... teria ficado com a vila Saïd... o Instituto Dentário... Cousteau teria me mandado para lá... e o jornal *Je Suis Partout*... não há necessidade de mais gente com ódio, os do meu clã bastam!... éramos uma turma bem apresentável, eu, Lili, La Vigue... e uma roda de amigos em volta cantando e dançando!

Era divertido ficar pensando, mas, no caso, tínhamos de partir imediatamente! pelo menos esperar os apanhadores se reunirem para a sopa, no "26"... mais adiante... para eles não nos verem dar o fora... e correr para o *Untergrundbahn*... eu já localizara a estação, no final da rua... não íamos perguntar a ninguém, era melhor nos perdermos do que deixar que descobrissem quem éramos... eu tinha o mapa do *Untergrundbahn*... comprara-o em Paris, em 39, e tinha pensado: quem sabe, um dia?... a gente tem desses pressentimentos... mas nunca totalmente claros, compulsivos!... de tudo o que eu devia ter pressentido! terrível! e não mais ou menos!... os meus dotes de vidente tinham acabado ali: o plano do metrô deles... eu poderia ter previsto mais... no embalo!... vidente de araque! digo a La Vigue:

"Agora você sabe, é Grünwald!

— Grünwald o quê?

— Idiota! Harras! Harras é o nosso homem! lembre-se do nome!"

Eu o forçara a pensar demais, ali na cama, ele olhava fixo, sem ver... reencarnando o seu papel... um papel que vez por outra assumia... o do "homem-de-lugar-nenhum".

"Harras, ora! eu já disse!... acorda... em Grünwald!... sete estações no mapa!... a Cúpula dos médicos do *Reich!*... Prof. Harras!... vamos para lá!... mas, cuidado!... como nazistas!... desculpe... *ober! ober Alles!*... não temos escolha, meu filho... não adianta ficar perguntando!... é ele ou a cadeia! você não está percebendo?

— É, meu filho, você tem razão..."

Tirei-o do sonho... Sacudiu-se...

"Você disse que é onde?

— Grünwald! parece até o Bois de Boulogne... olha!... sete!... oito estações!"

Eu mostro a ele... aviso-o...

"A gente toma no final da Schinkelstrasse... não! não, não é esta!... toma-se na Unterdenlinden... esta aqui, logo depois!...

— Tá!... mas e o Ivan?

— Dizemos que voltamos logo! que vamos à *Polizei* mostrar a mala que eles pediram.

— Como quiser!

— Lili, você entendeu?"

Com ela, fico mais sossegado, ela praticamente não fala, salvo com Bébert na sua sacola, umas palavrinhas, numa conversa só entre eles... estamos na escada... e na calçada... não encontramos ninguém... de Ivan, nem sombra!...

"Escute, La Vigue, você olhou?

— O quê?

— Debaixo das camas!...

— Olhei!... não havia nada!... e depois, você sabe, eles podiam estar escutando!

— Você tem razão... mas, agora, olho!"

No guichê peço três para Grünwald... o metrô é como o de Paris... corredores, escadas... mais um... quanto ao povo, é como em toda Berlim, uma multidão que não sabe mais por que deve ir para determinada rua... aquela? aquele corredor lá no final? aquele outro?... tropeçam... esbarram uns nos outros... *bitte! bitte!* desculpe!... em todas as línguas!... Lili pede desculpas... La Vigue também... eu não vou parar um desses desnorteados para perguntar onde fica Grünwald... em que cruzamento?... onde tínhamos que fazer baldeação... é naquela plataforma?... veremos o trem chegar?... ora, deve estar escrito... oh, um quadro!... imenso!... pelo menos cem estações! em vermelho e em neon!... e a multidão ao redor, procurando, soletrando... achando! não achando!... *bitte!* com licença! *versegoul! Teufel!* como se exaltam, mulheres, garotas, homens!... *bitte!* evidentemente, muitos mal sabem ler, fingem... pedem para alguém ler para eles, que perderam os óculos... sub-hebraicos, semiletões, triestinos, afro-tchecos, que souberam, que não sabem mais... e que língua?... desaprenderam a ler tantas vezes que tudo desabou em volta deles, trocaram de presidentes, de rio-fronteira, de montanha limítrofe, desde Sarajevo,

coitados!... canais e corredores, e petróleos! uma bagunça!... e agora aqueles nomes?... de definitivo só uma coisa... já se extraviaram mais de dez vezes!... passaram noites, dias nos bancos de pelo menos vinte estações... sem menos conforto do que em outro lugar!... melhor do que na rua!... *"Kraft! donnerwetter! ach!* merda!" há apátridas de Asnières que só sabem um pingo de alemão mas em compensação caminhões de desaforos da Extrema-Mongólia, rios de gíria escandinava e algaravia dos *lager*... de onde teria saído aquela gente?... plantações e fábricas aqui e ali!... muitos com a cabeça raspada a zero pelo exército Vlassoff... quanto a estes não dava para dizer que não havia Europa!... com tantos *ach! bitte!* a que plataforma eles devem dirigir-se?... precisam primeiro encontrar as alpargatas... na plataforma 5?... 6?... para nós, é Grünwald! eu sou muito paciente, mas assim era demais... tinha dito que não ia falar... avisto uma funcionária de boné cor de framboesa...

"Bitte! por favor!... Grünwald!

— *Hier,* aqui!..."

Não sei se me ouviu... é possível!... mas ouviu-se um trovão!... do túnel! uma chuva de cascalho!

"Para a frente!"

Parou!... não somos os únicos a nos precipitar, todos os que estavam debaixo do grande painel... o ataque do trem! não fazem questão de compreender... amontoam-se... precipitam-se... parecia Nova Iorque, das cinco às seis... todo mundo tinha de entrar!... vinte vezes mais pessoas e coisas do que a lotação!... exaltaram-se tanto que era como se Berlim inteira estivesse entrando ali!... e ainda com sacos enormes... e a Prefeitura!... e as Escolas!... que violência num só vagão!... murcham, se aglomeram... *ooooh!*... sobre a força pneumática das portas! pior do que a estação da *République,* em Paris... ou a Porte des Lilas... dentro, não dá nem para pensar!... grudar, é só... com aquela gente toda, pés e cabeças!... e tentar não ficar sufocado com qualquer solavanco... e *bangue!... dingue!... tonque!...* retomar o fôlego no dingue! não no tonque!... e o nosso bichano Bébert, coitado, massacrado pelas quinhentas pessoas do vagão... cada solavanco!... principalmente nas estações, o tampão das "entradas, saídas"... ah, Tiergarten! pergun-

to... Tiergarten será um fim de linha?... eu devia ter perguntado!... o povo sai... lentamente... pergunto novamente à moça de boné framboesa... é na outra plataforma, o nosso trem para Grünwald!... é preciso que saibamos com certeza!... a nossa direção! devíamos ter feito duas baldeações!... eu a fiz repetir para entender bem... monopolizo a única encarregada da plataforma... evidentemente todo mundo ao redor reclama! e com violência! ora, que palavrão esquisito! *fallschirm!*... pára-quedista!... é conosco!... eu já tinha percebido a impressão que davam as nossas japonas... à gurizada que nos alcançou... logo são dez... vinte!... apontando o dedo para nós, dizendo que somos pára-quedistas!... a moça de boné framboesa nem liga... é fácil de explicar... a gurizada toda é *Hitlerjugend*, usam a braçadeira com a "cruz suástica", "Juventude hitlerista"... Juventude de Átila, Pétain, Thiers, De Gaulle, amanhã vai ser de Krukru, Ramsés, Dache, basta entregar a insígnia! ficarão desvanecidos! vão apanhar e trazer carradas de escalpelos!

A "Juventude hitlerista" era famosa pela perseguição aos pára-quedistas... toda a Germânia aliás tinha a obsessão dos *fallschirmjäger*, sabotadores pára-quedistas!... todos os jornais, páginas inteiras, a gurizada heróica condecorada pelo próprio Hitler! cruzes de ferro de brilhantes!... garotos, garotas, beijados pelo Chanceler... estávamos perdidos, nós e as nossas japonas! amanhã vai se ver Astrabuth beijando os guris que nos tiverem cortado a cabeça, ninguém conhece Astrabuth, nem os guris, mas, quanto a isso, é certo, eles já nasceram no Império, estão remexendo nas braguilhas... quanto à nossa caçada de pára-quedistas, estava no auge... os guris não tinham só as cruzes de ferro em perspectiva, tinham também um prêmio: 100.000 marcos e o diploma de "Siegfried de choque"... ali, nós estávamos numa enrascada, eu já nos via na cadeia... as pessoas que já tinham saído voltaram da rua para nos ver... a nossa captura pelos *Hitlerjugend* não era brincadeira! a multidão fazia coro... e não eram só os nazistas, os estrangeiros também! todas as línguas! e havia uns exaltados: *da! da!* que nos apreciavam! *da! da!* nos apertavam, nos abraçavam!... como estavam felizes!... *parachutt!*... eram outros crentes!... que nós tínhamos caído do céu para eles!... uma família! depois outra!... levam no

peito a estrela "OST"... *da! da!* são como Ivan, trazidos do Leste pelo exército alemão para trabalhar na agricultura, desimpedir as estradas, pôr um pouco de ordem nas ruas, nas ruínas!... já estavam-se vendo salvos! porque nós usávamos as tais jaquetas... só viam aquilo! só podíamos ser americanos e sabotadores!... mas as nossas eram mesmo de Paris, feitas pela costureira de Lili, *Mademoiselle* Brancion, da rua Monge!... gritei-lhes: *von Paris! von Paris!* vão a merda! mas querem que sejamos canadenses!... a plataforma inteira!... a multidão inteira nas duas plataformas... de três metros! não podíamos fazer nada! então olham para as nossas japonas!... a etiqueta na gola!... não é de Nova Iorque!... é da rua Monge! pensavam que tínhamos vindo incendiar as colheitas! explodir as estradas de ferro!... vá contrariá-los!... eles querem e pronto!... para uns: "hurra!"... para outros: "mata!"... eu fico só olhando... pela maneira como estão se exaltando, guris e adultos, vão nos esfolar vivos... não temos meios de dar o fora, de debandar... cada vez aparece mais gente... hordas e mais hordas! se ainda fosse a polícia, talvez pudéssemos nos justificar... mas não se vê um *schuppo!* a moça de boné framboesa talvez tenha ido buscar socorro! em todo o caso, as coisas estão péssimas... a multidão, mais amontoada do que nos vagões... uns, felizes por sermos "parachutt"... os outros, porque estamos nas suas mãos, "monstros, descarriladores, incendiários"... eu já perdera uma das mangas!... La Vigue também!... será que vão nos devorar pelas mangas?... eu já estou vendo todos nós nus em pêlo... naquela efervescência da plataforma... ah! que milagre!... um homenzinho passa e reconhece Le Vigan...

"Mas é você! você mesmo, Le Vigan?" diz o francês de bonezinho, uns trinta e poucos anos e com um toco de cigarro na boca...

"Você está aqui a serviço?

— Estou sim, estou... T.O.!

— Eu também, obrigatório! aparece cada crime!... mas isso não vai durar!... você é de alguma rede?

— Ainda não... mas vamos tratar disso!

— Os três?

— Todos três!..."

La Vigue tem presença de espírito... o homem do bonezinho nos conta tudo... aos berros...

"Meu nome é Picpus, tá? me chame de você!... a gente dá cada golpe! já dei duro em sete fábricas!... a última era de torneiras!... Picpus de Boulogne, você vai se lembrar?... eles me despedem e eu dou um jeito deles me readmitirem... estou indo para Magdeburgo, uma fábrica de telhas, ora, precisam de gente! lá seremos quatro do mesmo bando! vamos dar cada golpe! peça para ir pra lá!... ele também!... e a sua mulher também!... vou escrever o nome da "firma"... vão contratar, não têm mais ninguém!... eu... os secretas deles andam atrás de mim! eu dou uma banana pra eles!... eu era Lacosse, em Hanover! o nome pegou, nem lhe conto!... andei mal... em Ertfurt, eu era Anatole! agora sou Picpus!... você não vai esquecer?"

O povo parou de gritar, todo mundo ficou escutando... ele nem liga...

"Escute, olhe esses documentos falsos!... é só escolher! com bigodes!... sem bigodes... o que você quiser..."

Era verdade, ele tinha mesmo!... uma coleção! os bolsos cheios!... quer dizer, um bolso... fotografias...

"Não estou bonito?"

Ele sabe que me impressiona... e a plataforma inteira com os olhos em cima de nós...

"Tou pouco ligando pros nazistas! se o sujeito não se impõe, tá perdido!

— É... é mesmo!"

Estamos de acordo!

"Norvins! Etienne! nós!"

La Vigue anunciou bem alto! para que repercutisse até a abóbada! para as duas plataformas! nossos dois nomes de guerra!... para todo mundo ficar sabendo!... ali na bucha!... aí, todo mundo ficou olhando pra nós!... não nos arrancam mais as mangas, ficam escutando La Vigue que berra ainda mais alto que Picpus! com autoridade!

"É claro que vou mudar de nome! agora sou Etienne Norvins!

— Claro, já entendi!... você vai ter a sua carteira!... a coisa, aqui, é organizada! vocês têm fotografias?"

Tínhamos... as "irreconhecíveis", doze cada um!

Demos três a ele...

"E os nomes de vocês, de vocês dois!... é melhor que seja diferente!

— Labarraque, Jean!... e Émilie!"

Eu tinha pensado logo... na bucha...

"Perfeito!... O.K.... Magdeburgo! é melhor não escrever, vocês se lembram?... *Firma Yasma!* de telhas! vocês vão achar logo!

— É claro que vamos achar!"

Mas os guris insistiam... uma outra matilha de *Hitlerjugend!* aquela turba violenta... exaltada! no mínimo cem...

"Não sejam idiotas, não liguem para eles!... umas boas bofetadas na cara!"

Picpus avança... e *paf!* e tome! e mais *paf!*... e os *Hitlerjugend,* zurrando!... e ele domando aquela corja, o Picpus!... a plataforma inteira!... mas que ousadia!... e que socos!... pontapés na bunda!... seus veados! dizia... e ainda repete!... desafia-os!

"Não viram que é La Vigue?... o artista da resistência? vocês não conhecem ele? Seus veados de merda!"

Para eles saberem com quem estavam se metendo! aqueles pirralhos melequentos! ele se arrisca um bocado a ver as coisas ficarem pretas... as plataformas se fartarem de ouvir desaforos... "vai se foder!" grita ele ainda mais alto!

"É Le Vigan, olhem bem pra ele! o herói e o artista!... e ele também!... e ela também!..."

Nós dois, eu e Lili, não tínhamos outra saída: cumprimentamos as duas plataformas.

"Escutem bem!... escutem bem, todos!... eles vêm descarrilar os trens?... seus burros!... eles vêm para libertar vocês!... animais cegos!

— Bravo! Viva!"

A reação foi boa, nas duas plataformas...

Picpus conseguiu modificar totalmente a opinião... daquela multidão das duas plataformas que estava pronta para nos estra-

çalhar... agora, depois do que Picpus dissera, nos viam como três heróis do ar!... estávamos devendo a vida a Picpus!... ele dominara o tumulto!... mesmo assim, havia um pequeno problema, os guris da *Hitlerjugend*, apesar das pancadas, olhos roxos e pontapés, ainda queriam brigar... principalmente as garotas, as safadinhas!... continuavam atrás de nós!... *fallschirm! fallschirm!* derramavam-se da rua... outros, das escadas... não eram mais cem... eram uns duzentos pelo menos!... com os das outras plataformas seriam mil! Picpus conseguira domar os dali!... mas os de lá! ele não podia... não iam nos deixar sair nunca... queriam por força nos agarrar!... mas atenção! e o endereço! o endereço de Harras? Picpus, de tanto dar socos, não se agüentava mais!... e chegavam sempre outros... os braços dele já não tinham força!... eu já estava vendo a hora em que eles iam jogá-lo debaixo do trem!... o nosso Picpus!... sozinho contra mil... mas e o nosso endereço?... eu não o tinha no bolso, tinha mandado costurá-lo no fundo das ceroulas... não o mostrara a ninguém: pensara em deixar para um caso extremo!... parece que chegamos ao caso extremo!... eu que não sou dessas coisas, de ficar em pêlo... ali mesmo tiro as calças brutalmente... eles me olham, todos, para ver o que estou fazendo... arranco o fundo... lá está o pedaço de papel! e o endereço!... desdobro e mostro a eles... *Reichsgesundheitskammer! Prof. Harras, Grünwald, Flieger Allee* 16... os guris não me soltam... não desgrudam de mim... mas um deles sabe ler... lê em voz alta...

"Wollen sie uns nicht führen?" pergunto, "vocês não querem nos levar lá?" queremos sim!... *ja!... ja!...* aceitam... devem achar divertido!... *ja! ja! ja!* eles sabem onde é, os guris!... o corredor, o guichê, a plataforma... bastava que os seguíssemos! Picpus disse que tínhamos razão... ele não pode mais mexer o braço... nem falar sequer... gritou tanto que só conseguiu cochichar...

"Então é para acabar com o sujeito!... como é que ele se chama?

— Harras!

— Não conheço!... mas é das S.S.?

— Oh, terrível! médico das S.S.!

— Vocês têm arma?

— Tiraram a nossa na alfândega...

— Tome uma granada!... inglesa!"

Do fundo do bolso... passa-a para mim... discretamente, para a minha japona... não tive tempo de ver, nem de dizer nada, agarro-a... apalpo... é pesada...

"Você sabe usar?

— Não!...

— É simples... você tira o pino e joga... você tem cinco segundos!... depois sai pra longe... é das mais potentes!... o sujeito rebenta! a casa! tudo! quando você joga... três! quatro! cinco!... Se manda! Nem um segundo a mais! jogue-se no chão! se ficar em pé, está perdido! entendeu?...

— Entendi!"

Como entendi!... ele não fica lá, vem conosco e os guris... mas dessa vez pelo caminho certo! tornamos a passar pelas mesmas estações... fazemos uma baldeação... depois outra... comprimidos, apertados, mas nem tanto!... ah, chegamos a Grünwald! todo mundo desembarca!... Picpus, nós, os guris... voltamos à luz do dia... está certo!... *Fliegerallee*, uma placa... muitas casas dos dois lados, entre árvores... mas parece que pegaram a doença... todas as casas têm janelas penduradas, ou janelas pela metade, calhas... telhados revirados... quanto a nós, é o *16*... na calçada da direita... formamos uma multidão, com as nossas juventudes hitleristas...

"Você não a perdeu, não?"

Picpus não confia muito! pensa que eu a deixei no metrô!...

"Mas apalpe aqui! deixe de nervosismo!"

Ele apalpa e sente-a...

"Você entendeu bem? o pino?... você joga! e se deita no chão! ao mesmo tempo!"

Eu só penso numa coisa... na granada explodindo antes de a gente chegar lá!... na nossa cara!... *27?* deve ser ali em frente... a porta com os dois guardas... na outra calçada... a placa vermelha: "Reichsgesundt"... é sim!

"Olha, Picpus!... Dê o fora! você está vendo a placa?..."

Ele vê... os guris também... e a suástica amarela e dourada, mais uma placa, é aqui mesmo!

"Sehen sie?... vocês estão vendo?"

Aceno para eles... eles vêem principalmente os guardas, que nos fazem sinal para darmos o fora... oh, um minuto!... o meu papel!... agito-o!... eles deixam que eu me aproxime, mas sozinho!...

"Prof. Harras?"

Quero falar com ele... um oficial sai de entre os arbustos... eu me apresento...

"Ich bin ein Artz von Paris! sou um médico de Paris!

— *Gut!... gut!... wer sind die da?"*

Refere-se aos garotos que nos acompanham... e a Lili e La Vigue...

"Minha mulher Lili... e meu amigo Le Vigan!..."

Eu não quero que ele nos separe...

"Gut! gut!"

Pergunta sobre os guris...

Eu digo que são curiosos.

Então basta! *weg! weg!...* diz a eles... todos fogem... e com eles Picpus!... mais ninguém!... o *weg! weg!* dele é mágico... agora só estamos nós três... o que ele irá dizer?

"Por favor! Já estou a par! os senhores estavam no Hotel Zenith!"

Noto que ele fala francês quando quer... e, afinal de contas, que ele estava esperando por nós... nos países onde há ditadura, mesmo em ruínas, antes de chegarmos a qualquer parte, já sabem quem somos... portanto, não precisamos falar... tanto melhor!... atrás dele... primeiro, um grande jardim, ou melhor, um parque... cheio de escombros ali e acolá... de outros palacetes, com certeza... o que sobrou! e pedaços de estelas e estátuas... cobertas de capim e de arame farpado... ah, uma estufa imensa, mas sem mais nenhuma vidraça... atravessamos o lugar... o oficial avança devagarinho... talvez fosse minado... bem que eu gostaria de perguntar... mas qual será o posto dele nas S.S.?... *Sturmführer* qualquer coisa? não é nada falante... eu gostaria de jogar fora uma coisa... mas onde? para ela não explodir!... poderia falar sobre aquilo com o S.S., talvez... ele deve saber que eu a tinha no bolso... de escombros e montes de tijolos afinal chegamos a um túnel... eles devem morar no fun-

do... reparo como aquele S.S. é limpo, escovado, impecável... deve ser uma caverna confortável... eu já vira muitas na Alemanha, perfeitamente habitáveis... não digo nada mas tenho certeza... veremos... ele avisa — *vorsicht!* atenção! *minen!* colocaram minas para o caso de um ataque... deviam ser capazes de explodir tudo, o túnel e o resto!... ainda bem que aquele *Sturmführer* não examinara nossos bolsos!... eu logo quis que ele visse Bébert!... mas era preciso que ele viesse à tona, que mostrasse a cabeça... ele colaborou... fico pensando... não tenho só a granada... mas também outros troços!... uma pequena Mauser, uma navalha, dois sabões de barba, três caixas de fósforos, uma fatia de toucinho... e mais outras coisas!... é impressionante o que a gente carrega quando é expulso de casa... é também impressionante o que a gente necessita para viver, mesmo muito humildemente... Mattey, o Ministro da Agricultura, nos deu uma aula mais tarde, em Sigmaringen... eu tinha dito a ele que ia para a Suíça... "tome cuidado, doutor, não fuja pelas matas sem levar consigo o essencial!... uma faca e fósforos! para cortar galhos e acender um foguinho! para comer sempre se pode esperar!... mas, à primeira noite fria, sem fogo, você pode acabar morrendo..." Mattey tinha toda a razão!... o fogo é que alimenta a vida, mesmo um foguinho de nada, uns poucos gravetos... como nas corridas de bicicletas, se você não tiver uma roda à sua frente, debaixo do nariz, adeus *Tour de France!*... eu quero a faca... os fósforos... mas a granada e o pino estão sobrando!... eu já estava vendo, o meu bolso, granada e pino, e nós também, tudo indo pelos ares, mais alto do que as árvores!... o S.S. estaria desconfiando?... ele que tomava tanto cuidado para nós não nos afastarmos da pequena trilha... claro, ele tinha medo das minas... e do meu bolso, teria também?... o parque era imenso, com grutas de pedra, bosques... quase todas as árvores desgalhadas... eu procurava ver, à direita, à esquerda, algum laguinho... onde pudesse jogar o meu material!... tinha visto muitos charcos pequenos, bem lamacentos, cheios de capim, de lodo... mas muito longe do nosso caminho! eu não tinha vontade de estraçalhar ninguém!... e se ela rebentasse no nariz daquele S.S.?... ia ser eu!... ele tinha de nos levar a Harras, era isso o que lhe tínhamos pedi-

do!... Harras, mesmo supernazista, era um homem que compreendia tudo, filósofo e acomodado, não era um bitolado de se espantar com qualquer coisa, o brutamontes do Partido... o gorila da braçadeira... ia compreender o nosso estado... eu esperava... senão estávamos fritos... com os tiras no rabo, e de volta ao trem!... já estávamos bem conhecidos, por exemplo, do Pretorius... na ponta dos pés, e *heil!* e do ladrão do Ivan... tínhamos feito tudo o que era preciso!... e as fotografias! e Picpus!... fiquei só pensando que de repente se ia ouvir uma corneta e tudo ia virar tira... Harras era a nossa última oportunidade... mais outra pequena vereda... o parque não acabava mais!... onde estaria ele nos levando?... oh, avisto uma cratera!... com água no fundo... muita água mesmo, gente tomando banho... uma porção de homens nus...

"Uma piscina para os finlandeses!..."

Todos eles são finlandeses?... ao lado, uma grande isbá, para o banho de vapor... entram lá dentro, se escaldam, tornam a sair depressa e, de novo, mergulham... não param... outro!... mais outro!... enquanto o S.S. explica para nós o quanto aqueles banhos são revigorantes... que ele toma também etc. etc., tiro a maldita granada do fundo do bolso e coloco-a na beirada do buraco, para ela escorregar devagar... empurro-a... de leve... *ploft!*... mergulha! se explodir, vai ser na água!... eu espero que seja falsa!... que aconteça o que tem que acontecer!... de que coisas já não me denunciaram? mesmo agora, em 1960?... em todos os clubes, terraços, partidos, latrinas!... besteiras!... por exemplo: a Convenção! que foi sangrenta, com as cabeças por um fio, ameaças trovejando, agora não significa absolutamente nada... menos do que um almoço apressado!... nós ali no parque ainda estávamos vivos... isto é, achávamos que estávamos... *Reichsgesundheitskammer* Grünwald!... acho que ninguém tinha me visto me desvencilhar daquela bagatela... talvez fosse até uma cópia... o principal era que eu já não a tinha mais comigo!... mas e o S.S.?... procuro-o... não está mais ali... olho de novo... com toda a atenção! sumiu!... oh, mas um homem gordo vem ao nosso encontro... um homem gordíssimo de roupão... não o reconheci!... é ele!... é ele mesmo! está saindo da isbá!...

"Ah, meu caro Céline!..."

Muito cordial...

"Meus respeitos, minha senhora!"

Eu não o tinha reconhecido!... Harras em pessoa!... faço as apresentações...

"O Sr. Le Vigan, o célebre ator!"

Le Vigan inclina-se... como estamos felizes com o reencontro!... oh! agora sim, estamos totalmente comprometidos, nazificados até o pescoço... e daí?... pelo menos ele não é duvidoso! Presidente da *Reichsgesundt*... deve ser pelo menos coronel... já o vi uniformizado, é só coronel... não é muito careca para um "professor" da sua idade... é simpático, dinâmico, de bom senso, sutil... tem um tipo de mentalidade que quase não temos: a profundidade engraçada... a sabedoria irrefutável com saídas de palhaço... o que será que Harras estava comandando ali?... um porão no meio do mato? um túnel?... acho que é *führer* de todos os que praticavam a medicina no Reich, *Gross Reich,* e protetorados... tudo... milagreiros, homeopatas e até *felchers,* agentes da Saúde, detectores de epidemias... só para se avaliar o poder que ele tinha, o sorridente e opulento Harras! claro, podia fazer qualquer coisa... arranjar para nós um empreguinho bem longe, eu estava pensando nos *felchers*... detectores de ratos mortos, no fundo dos vales morávios... e já nos imaginava muito "felchers"... ou catadores de "piolhos suspeitos" em Herzegovina... eram cargos que nos convinham! durassem o que durassem!... eu não fazia cerimônia com Harras... naquela hora, do buraco do túnel, acho, ouvimos uma banda tocando...

"Meu caro Harras, mais vinte e cinco cidades recuperadas! Rostov afinal!... e Sebastopol!

— E o senhor, meu caro Céline?

— Estamos acabados, meu caro professor! nem a sua polícia consegue mais nos encontrar! irreconhecíveis!... as nossas fotografias falsas!... o senhor também não nos reconhece? não é?

— Oh! que bobagem!... vou dar um jeito nisso!"

Cumprimento-o pela boa aparência... digo-lhe que parece estar em muito boa fórma!

"Está em má situação, Céline, porque quer."

E ri alto!...

"Está em Berlim... e não vem me ver!"

Eu não entendia a graça da história, mas alegre como ele estava... nossas provações deviam ter acabado! nós até que não nos tínhamos saído mal afinal de contas!... a risada é que era um pouco exagerada... para nós, era meio difícil rir depois da nossa saída de Montmartre... acabara-se a brincadeira... e ele, Harras, não parava de rir!... pelo menos com aquele "felizardo" teríamos com que comer, dormir e ele ainda daria um jeito na Polícia... eu não pensava só em mim, mas em Lili, La Vigue, Bébert...

"Já pensou que vamos ter bóia e que ele vai tratar das fotografias?"

Eu sacudo Le Vigan, que está pensativo, para ele perceber!

"Sim, companheiro! você tem razão!

— Olha o roupão dele!"

Faço com que ele apalpe... de toalha da melhor qualidade! com certeza de Londres ou da América! onde a teria arranjado?... ele não faz mistério...

"Em Lisboa!... tudo o que você quiser! tenho, lá embaixo, na casamata, tudo o que vocês quiserem!"

Harras, que coração de ouro! Íamos aproveitar! estávamos precisando!... ele era nazista, claro! mas quando eu penso, depois de tantos anos, em quantos se aproveitaram, que amontoaram milhões à custa dos judeus e com os nazistas, que continuam muito bem, porra, vejo que não passávamos de uns sem-vergonhas ingênuos... quando Juanovici sair da cadeia, ele vai contar boas... se a Duquesa, só porque conseguiu derrubar um trono com o traseiro, recebeu quase trezentos milhões para contar a história... então o Joseph, o cavaleiro leal e valente, o que ganhará?

Epa! estou ficando entusiasmado! vou acabar perdendo os leitores!... um idiota tão incoerente como qualquer outro!... embriagado com as palavras!... onde é que eu estava? vamos ver... ah! sim... com o Prof. Harras naquele grande parque *Reichskammer*... eu nunca teria imaginado!... parece que o estou vendo! naquela espécie de palácio, meio em ruínas, arrasado... todo coberto de trepadeiras... e de rolos de ara-

me!... O Parque Monceau já é uma bagunça, mas aquele então era uma mixórdia! cheio de cabeças de estátuas em montinhos como se tivessem acabado de jogar boliche... no meio da caliça e da areia... tudo aquilo devia ser proposital, uma camuflagem de ruínas... pergunto a Harras...

"Está pretendendo nos fazer voar pelos ares?

— No dia 14 de julho, Céline! 14 de julho! antes não!

— Já passou o 14 de julho!

— Então no dia do aniversário de Adolf!"

Não adianta ser discreto com ele!... ao contrário!... ele estava nos vendo como éramos, bem derrotistas... contanto que falássemos francês, podíamos continuar... tínhamos sido apanhados por sermos absurdos, ora! por sermos absolutamente sem força, gagás, desesperados, apaixonados por tudo o que era da França... os nossos comportamentos de descarriladores, nossas manias de incendiários não tinham a menor importância! ninharias! criancices!... nossos golpes sujos? uma tradição de travessuras!... o nosso prodigioso "historismo" compensava tudo!... *ach, was nun*?... nós, os últimos baluartes da "alegria de viver"!... podíamos botar tudo pra fora... aquele alemão era o último habitante do planeta que nos entregava qualquer coisa... o seu exército, com certeza o único, o último, que estava pronto a morrer por nós... mostramos as nossas naturezas naquilo! o leitor vai dizer que o futuro não é da nossa conta! o futuro é dos jovens!... desejo-lhes felicidades!... Harras, alemão, nazista cem por cento, não nos considerava hitleristas! absolutamente!... só o que pedia era que falássemos francês!... a gente podia ter um pouquinho de judeu, de negro ou de espanhol, pouco se lhe dava! ora! e de norte-americano também! que é que tinha? Harras não é do tipo imbecil, de antolhos... a prova é que ele fazia *psiu!* no parque para eu ouvir os aviões passarem...

"Não são alemães! absolutamente!... escute, Céline!"

Nós escutávamos.

"Musik!"

Eram sons agradáveis de ouvir!... nem um pouco como os do *Heinkel* deles!... que pareciam ferragens e correntes se arrastando... podíamos perceber! afinal, eu já podia perguntar o que ele fazia.

"Eu viajo, colega! viajo!... vou duas vezes por mês a Lisboa, para ver de frente o que há de novo... para trocar opiniões... se há tifo... se nós não temos nada no Leste? não!... nunca!... o pessoal todo é vacinado!... lá!... aqui! *ooooh!*"

Ele achava tudo engraçado!

"Como o senhor acha que as guerras podem acabar, agora, colega?

— Um vírus novo!

— Não compreendo como!... eles também não!... *oooh!*"

Percebi que ele não levava as coisas muito a sério...

De onde eu conhecia aquele tal de Harras?... é preciso confessar tudo!... de uma sessão de cinema nos Champs-Elysées!... era um filme inteiramente técnico sobre o tifo na Polônia... o tifo é a minha especialidade... como eu me chateara por causa do tifo!... quantos ataúdes eu recebi!... meu erro fatal foi mostrar coisas sérias a gente que não entendia!... bundas, sim! peitos cada vez maiores, enormes!... isso sim é que é interessante!... festas de arromba! carros do último tipo! muita porrada... o ideal!... as coisas sérias só trazem aborrecimentos!

O que eu via de bom em Harras é que os outros não passavam de comandados, ele é que era importante... já que estávamos no seu "Commando", era melhor ele nos mostrar tudo!... não só a sua sauna-cratera! e o seu boliche de cabeças de estátuas!... o resto devia estar debaixo da terra... claro, claro... o que eu quisesse!

Pronto, lá fomos nós atrás dele... um túnel... sob os escombros... ah! o estilo era totalmente diferente da sobreloja-rede de Pretorius... não se via nada do lado de fora... continuamos acompanhando Harras... uma gruta... um pouco de claridade... outra... e escritórios nas paredes... uma imensa sala decorada como em Nova Iorque, só que a pelo menos vinte metros debaixo da terra... datilógrafas também, como na América, muito amáveis e de calças compridas.

"O que está achando, Céline?

— É exatamente a nova Europa!"

Havia mais escritórios! dois andares abaixo... ouviam-se os ventiladores... mais datilógrafas sorridentes... ele atravessa tudo aquilo como um pachá, respondendo com pequenos *heil!*... sem-

pre enrolado naquele roupão espesso, verde-limão e azul-claro... mais uma escadinha... a biblioteca!... um andar inteiro de fichários... ao lado, um teto abobadado, uma caverna, as fichas... eu só pensava que devia ser assim também na Chancelaria... a vinte e cinco metros debaixo da terra... era por isso que não tínhamos visto nada... Hitler devia estar ainda mais no fundo... voltei ao caso mais grave, o tira dos vistos!

"Harras, caro colega! uma coisa!... um segundo! quer ver as nossas fotografias?"

Mostrei-as a ele...

"O senhor nos reconhece?"

Olha para elas... olha para nós...

"Não, é claro... eu posso reconhecer vocês... mas um estranho, principalmente um *polizei*, teria dificuldade...

— E os nossos vistos de permanência?

— Ah, Céline, seu malandro! sempre preocupado!... mas isso não é nada! absolutamente nada!... eu vou telefonar!... depois do chá!... eles trarão aqui para vocês!

— Para mim também?"

La Vigue acreditava ainda menos do que eu... ele não se parecia mais nada com o homem "de lugar nenhum".

"Mas naturalmente, meu caro Le Vigan!... também receberá o seu!"

Mas, mesmo assim, ainda estava nos achando incrédulos...

"Esperem um pouco! vou telefonar!"

Uma moça... *telefon! Polizei!* pediu um número... *heil Hitler!*... e começa... baixinho, cochichando... fala um tempão!... depois, os nossos nomes... La Vigue! Lili, eu...

"Pronto!... já está resolvido!"

Desliga...

"Vão recebê-los dentro de quinze minutos!"

Às vezes, recorrer às autoridades é bem agradável... ora! droga, traição! quando a gente sente as feras atrás da gente, pular na boca do lobo tem as suas vantagens, é uma pequena vingança... é melhor assim do que ser estraçalhado pelos ratos, parentes, amigos... amantes... esta *Reichsgesundt* debaixo da terra pelo menos tem uma coisa... a gente tinha tempo para pensar, na rua Lepic não teria dado... oh, não que eu pensasse que aquilo ia durar!... uma

semana ou duas talvez!... agora, o melhor é dormir muito! mas Harras quer que a gente coma antes... e há muita coisa... manda duas mocinhas sorridentes voltarem com bandejas de sanduíches! e não são de pão preto!... pão branco e manteiga... de tudo!... de tudo!... parece que estou vendo... sanduíches... sanduíches!... e depois mais nada...

*

Por falar em sono, como nos acordaram!... "atenção!... atenção!... *achtung!...*" todos os alto-falantes daqueles porões, escritórios, corredores, tudo ecoando, de rebentar os tímpanos e o teto... atenção pra quê?... La Vigue estava adormecendo no fundo de sua poltrona... a nossa "segurança" não tinha durado muito!... o conforto deles!...

"Ferdine, as coisas vão mal!"

Lá do alto, da superfície, chegavam até nós, *zuuuum,* os ecos das sirenas... ah, e os *rrrrr!... rrrr!* bem nítidos das metralhadoras... deviam estar atirando... contra quê?

"La Vigue!... e Lili?... você a viu?"

Ela havia saído da outra poltrona...

"Ela saiu com Bébert!"

— Que diabo, como é que você deixou?

"Por que não a impediu?

— E você?"

É verdade, eu devia ter desconfiado, cansado ou não, a mania de Lili é pouco se importar com o que seja proibido... sair de qualquer jeito... era dada a fugas... já tinha feito aquilo em Sartrouville, tinha levado Bébert para passear, às onze horas da noite, à beira do Sena... os alemães estavam ali em frente, em missão de reconhecimento... naturalmente tinham apontado para ela, com aquela lâmpada... *pum! pum!...* nós íamos partir no dia seguinte, com a ambulância e as crianças e a bomba de incêndios e os arquivos municipais... sete caminhões... Sartrouville... Saint-Jean-d'Angély... ela tinha achado muito engraçado aquele incidente dos tiros dos alemães... da outra margem... eu lhe tinha dito o que eu pensava... ela pouco se importava com o que eu pensava!... eu tinha certeza de que ela saíra justamente porque era proibido, e com Bébert!... apanho minhas bengalas...

La Vigue vem atrás de mim... uma escada... o corredor... subimos... o túnel... Ah! Eu já desconfiava!... ah! era só o que faltava! uma zoeira danada! o ar cheio de sirenas! *iiiiii!* talvez fosse um bombardeio!... eu não ouço as bombas!... só *paf!* e *rrrrr!* seria uma batalha de rua? quem sabe pára-quedistas, verdadeiros, e não de brincadeira como nós?... devem ser tiros de fuzil... bem pertinho... chamo:

"Lili!... Lili!...

— Estou aqui!... aqui!..."

Ah, ela está viva!

"Você está ferida?

— Claro que não!... mas o Bébert não sai mais!"

Torno a berrar:

"Não sai mais de onde?

— Ali, ali, daquele buraco!"

Vou mancando até lá... mas Lili está com a lanterna!... bem acesa!... quase um projetor! iluminava toda a clareira... atraíra gente, são pelo menos dez à nossa volta... olhando também para o buraco... entre os tijolos, sob o mato... dez *landsturm* barbudos... Lili nem liga... está chamando Bébert... deve estar no buraco, debaixo do mato... Harras!... lá vem ele!... felizmente!... e de muito bom humor!... e com outro roupão, laranja e roxo... tem uma coleção!... o que ele não trouxera de Lisboa!... dá pra abrir uma loja! em todo caso, fizemos com que desse boas risadas!... mostra-me os riscos nas nuvens! que agitação! os holofotes varrendo a escuridão! é o grande alerta! e é Lili e a *Volksturm* que começaram tudo! ah! que engraçado!... e bem francês!

"Ah, minha cara senhora! ah, meu caro Céline!... sua esposa alertou a *flach* de Berlim com a sua lanterna!... *ooooh!... oooooh!...* os canhões vão começar a atirar! vocês vão ver!... *oooh!... ooooh!...*"

Não tenho outra saída senão rir com ele...

"Os *Volksturm* do parque pensaram também que a sua esposa era pára-quedista! vocês os ouviram!... eles atiraram nas valetas! dois feriram-se!... *ooooh!... ach!...* completamente idiotas as nossas milícias!... como tiveram medo da senhora!... e do gato!... foram eles que alertaram a *flach!...*

É verdade, nas nuvens há pelo menos cem riscos, agora... ao norte... sul... leste... procurando a esquadrilha...

"A nossa *flach* é também completamente idiota! Colega... tão burra quanto os *Volksturm!*... eles deveriam iluminar os buracos! por aqui!... por ali!... Bébert não está no céu, está? ele está debaixo dos tijolos!... vou telefonar para a *flach*... não estão longe!... Potsdam! pode ser!... têm uma torre!... e um farol... para as patrulhas!... vocês conhecem?... Sans-Souci?

— *Telefon,* Otto!... *telefon!"*

O oficial de há pouco, Otto... vejo que traz ao ombro uma bobina bem grossa... vem vindo... desenrola a bobina... Harras pega o fone... *"Hier!... Hier* Harras!"

Harras fala... deve ser engraçado... ele fala de nós... para alguém de lá, da *flach*... muito engraçado!... *ach!... ach! ooooh!*... o oficial S.S. pega de novo o fone e o fio... imediatamente viram os holofotes... das nuvens para nós... em cima de nós!... raspando... primeiro um... depois três!... depois todos!... pode-se dizer que está claro... mais claro do que à luz do dia! até no meio do mato... uma claridade esmaecida... até os militares estavam desbotados, e os montes de tijolos, e Harras... com o seu roupão, ele parece um enorme boneco de neve, branco e ofuscante... só os lábios estão escuros... eu pergunto a ele:

"Agora eles vão atirar em nós?

— Ainda não, colega! ainda não!"

Estamos em plena brincadeira...

Ele se interessa por Bébert... onde está ele? maldito bichano! mas logo ali! atrás de uma árvore!... nem estava ligando... Lili o estava segurando pela correia e com um pulo ele tinha fugido... mais um pulinho no meio do mato... ele está olhando para nós... ele tinha alguma coisa... um rato!... o rato ainda estava quente!... ele o agarrara pela nuca... Harras olha, vira o rato...

"Este não morreu de peste!..."

Propõe:

"Vamos condecorar Bébert?"

Mas Bébert só pensa no banho... deixa o rato para nós!... começa pela ponta do rabo... e lambe!... lambe!... e depois uma pata!... e depois a outra...

Os burros dos *Volksturm* alertaram toda a *flach!*... eu concordo, Lili também tem um pouco de culpa com a sua lanterna tão forte! Bébert agora está nos gozando com a sua toalete tão cuidadosa... no nariz, na orelha... debaixo dos holofotes do céu, e dos faróis e da *flach*, tudo em cima dele e do rato...

"Agora é a orelha!" Alguém avisa...

"Se ele tocar a orelha, vai chover!..."

Eis o problema!... é o que importa! todos os *Volksturm* estão de acordo... e é verdade... ele passa a língua... e torna a passar! e de novo... mais duas vezes!... não há dúvidas! é aquilo mesmo!

"Leutnant Otto! telefon!"

Otto volta com a bobina... Harras está na maior gozação... avisa-os na *flach* que vai chover, que Bébert passou a pata na orelha, chega de projetores, que eles apaguem tudo! eles cumprem!... sobra apenas a lanterna... voltamos às nossas cavernas... e aos nossos sanduíches e poltronas... para cada um há um grosso roupão, prontinho... de toalha... tão grossos quanto o de Harras... vermelhos e amarelos, estampados de flores... tiramos nossas japonas... ufa!... mal temos tempo de comer um sanduíche ou dois... vamos poder dormir um pouco... até Bébert...

Ia me esquecendo de dizer que os nossos papéis estavam lá, sobre cada poltrona, assinados, carimbados.

*

Dormir... dormir... naturalmente!... a gente já estava cochilando... mas depois, uma preocupação... outra... uma idéia...

"La Vigue... La Vigue..."

Cochicho...

"Ele disse alguma coisa a você?

— Não, mas vai dizer...

— Por quê?... você acha?

— Tenho um pressentimento!..."

Enquanto esperávamos, não estávamos nada mal naquele *Reichsgesund* de subsolo... isto é, de cavernas e mais cavernas, salas de

duchas, ar condicionado, iluminação fluorescente... quanto à bóia, tudo que precisávamos, sanduíches, sanduíches, salada de beterraba e mingau... para beber, só água e suco de frutas... não há cerveja... mas não faz mal!... em vista do que nós éramos, do que nos ameaçava, eu teria topado ficar ali vinte anos... a vida subterrânea é como a vida submarina, é preciso passar por debaixo do pólo e só isso!... e não sair mal!... eu não conseguia nos imaginar saindo bem... não confiava em Harras... eu não fazia perguntas... ele nos tinha colocado, eu tinha reparado, nos escritórios de "reserva", mais profundos do que os outros... sem camas, mas com sofás enormes que deviam ser também de Lisboa... ele não nos pedia nada a não ser que falássemos francês e lhe corrigíssemos os erros... ele não falava nada mal, mas queria a perfeição, como Frederico o Grande...

"Já sou muito velho, meus amigos, e esta guerra está durando demais... gosto tanto de Versalhes!... é lá que eu gostaria de morrer..."

Subíamos, por volta do meio-dia, para tomar ar, subíamos à superfície, mas por pouco tempo, com o tenente Otto... Bébert ia conosco... um passeio de nada, em ziguezague entre os rolos de arames farpados... uma olhada na sauna, nos colegas pelados que nos faziam sinais amistosos... não me guardavam rancor pela granada... será que desconfiavam?... e retomávamos o caminho de volta atrás do tenente Otto... ele nos avisava: minas por todos os lados!... que parque acolhedor!... não seria a *flach* dessa vez! seríamos só nós, afundando entre as chamas!... e ninguém teria nada com aquilo!... acabado o passeio em ziguezague, voltávamos ao subsolo e havia troca de amabilidades com as jovens secretárias... mas nunca se dizia uma palavra sobre as frentes, nem sobre os aviões ou a política!... e sim sobre Bébert, seus hábitos, se tinha apanhado outros ratos... as moças falavam também das pessoas que moravam ali em cima, antes da guerra... tinham desaparecido... das famílias importantes de Grünwald... dos bombardeios, dos escombros... para parecer ocupado, eu me interessava pelos telegramas... Harras concordava... num outro porão... o telégrafo não parava... dois casos de tifo em Tzara-Plovo... um só de "vesícula" em Salamina!... nada, por assim

dizer, em comparação com as febres de 17!... era a mesma coisa, dizia Harras, do lado inimigo, em frente!... e eles tinham a Índia e o Oriente Próximo!... arrancavam os cabelos de desespero da mesma maneira!... eles que tinham os vales do Eufrates!... onde, mesmo antes de Moisés, assim que se armava um exército, apareciam as piores pestes! agora, era só ver no *telescript:* zero!... antes de 18, com três ou quatro rebordosas, os piores exércitos, os mais fanáticos, os mais ferozes pediam paz... um pouco também por causa da sede!... três barris de água!... apareciam cheios de pus!... agora nada!... os chacais lutavam entre eles!... exércitos, milhões de homens no deserto, perfeitamente sãos! até nos oásis infectos, nos charcos poluídos, nem um caso sequer! era esta a triste filosofia das "Altas Autoridades" de Lisboa... russo-ricanos-anglo-nazistas: "vacinamos demais, esta guerra não vai acabar nunca", e todos, infelizmente, de acordo! é por isso que Harras tinha tempo, em cada viagem, de comprar de tudo, sofás, almofadas, cobertores e aqueles roupões tão grossos! e comestíveis, presuntos, patês de porco, frangos em galantina, tanta coisa que daria para eles se manterem cem anos nos porões da *Gesundt*... bem que ele queria usar linguagem "técnica..." tratar do assunto do ponto de vista epidêmico... nada mais "virulava"!... era verdade! a guerra por massacre é uma coisa, faz estardalhaço, mas não resolve nada!... os micróbios perdem o interesse? piedade para os pobres batalhões! conflitos infinitos dão em nada... até a "atômica", eu garanto, não acabará nunca sem micróbios... o vírus, do fundo do silêncio, vem atacar o exército terrível, de tal modo que não sobra um sujeito de pé, em duas ou três semanas, todo mundo vomitando, arrasado! almas e tripas berrando pela Paz! isso sim é que é sério! era isso que estavam esperando em Lisboa... como acabaria tudo?... napalm, gás, bombas de enxofre, crueldades inúteis! a verdadeira peste não pegava mais! como é que a nossa maldita guerra de 44 ia acabar?... se todos os vírus milenares estavam recuando? os marechais podiam fazer muita coisa, desencadear canhões e cataclismos, mas não despertar um micróbio... os grandes imperadores podem se entender, repartir toneladas de cadáveres, de soldados, de cidades, de províncias, creches e hospitais, pessoas extraviadas,

ossuários, isso pode ser uma grande novidade, novos salamaleques, novas carnificinas, mas a guerra não acaba só por isso! micróbios inativos, guerra prolongada! milhões e milhões armados, prontos para tudo!... milhões de pulgas inúteis! dois tifos em Zagreb!... uma varicela em Chicago!... era de desanimar muita gente corajosa! até no vale do Vardar, onde, havia doze séculos, nenhum conquistador conseguira se manter, a situação agora era impecável, nem sequer um rato morto!... nem um *comitadji* com febre... para a humanidade a coisa andava preta... não são os marechais, os diplomatas, que ditam a paz, são as pulgas e os ratos... agora a zero!... e nós ali, sempre, Lili, eu, Bébert, La Vigue, tínhamos mais um troço, com certeza, ordens de prisão no traseiro! não só de Paris, de Berlim também!... não adiantava o que o nosso Harras dizia... ele queria falar comigo, eu via... mas alguma coisa o impedia... depois de três dias naqueles subsolos, a gente estava começando a recobrar um pouco de vida, a fazer pouco do telégrafo! sanduíches às pampas, água mineral e todo o conforto, sofás macios e três roupões de toalha cada um e, é preciso admitir, uma tranqüilidade perfeita... mas aquilo não podia durar... durante o minuto do alto-falante, da banda e das notícias, Harras aproveita e me cochicha:

"Amanhã, Céline, iremos visitar uma aldeia não muito longe daqui..."

Eu não ia perguntar por quê... voltamos a descer para o alojamento... conto a Lili e a La Vigue que amanhã vamos fazer uma excursão... estamos receosos... tentamos descobrir o que ele pode estar planejando... livrar-se de nós?... No dia seguinte às sete horas, estamos prontos... ele tinha dito às sete... ia nos levar... nós preferíamos dormir mais um pouco... o passeio não parecia muito promissor...

Às sete em ponto aparece Harras de uniforme de gala, com espada, condecorações, dragonas, botas...

"Estou ridículo, não, colega?... é preciso usá-lo no lugar aonde vamos! *ooooh!*"

E desanda a rir!

"O senhor vai nos mandar fuzilar?

— Não! não!... ainda não!"

Que seja! a vida continua!... um carro bem grande... não a gasogênio... a gasolina!... pega o volante... estamos em setembro... o tempo está lindo... lá, o campo em setembro fica vermelho, as folhas... já faz bastante frio... ele não corre... atravessamos Grünwald inteiro, alamedas de casas em escombros... e depois mais um parque... e prados... depois grandes extensões de terras cinzentas... onde, com certeza, não cresce nada... parece cinza... uma paisagem nada simpática!... duas ou três árvores... uma fazendola ao longe... mais perto um camponês está arando, acho... Harras diminui a marcha, pára, vai falar...

"Meus amigos, vocês vão ver uma antiga aldeia huguenote... Felixruhe! é aquela estrada, à esquerda... vocês não estão muito cansados?... só mais cinco quilômetros!...

— Não!... não!... não!..."

Estamos cheios de entusiasmo!... rumo àquela Felixruhe!... uma estrada muito estreita!... o Mercedes passa raspando!... e, logo em seguida, chegamos... é como um povoado normando, um Marcouville qualquer, mas arrasado, as paredes e os telhados só um buraco... as janelas e portas, só mato e musgo... e farrapos de choupanas...

"Aqui está o povoado huguenote!"

Não se pode passar para o outro lado, há um riacho separando... a ponte não é para carros, está muito carcomida... paramos... logo aparece um bando de gente... saem de todos os buracos, dos telhados e das choupanas, dos campos... velhos e velhas principalmente, e muitos guris... os outros devem estar trabalhando nos campos... ou então mobilizados... todo mundo descalço... e falando sem parar!... aproximam-se de nós... tocam no carro... nas janelas... Harras não está gostando... "fora! fora!... vão embora daqui!"... solta o volante... saltamos... o que é que viemos fazer ali?... turismo?...

"Sabem? Não são mais huguenotes!... são todos polacos!... ouviram o que eles diziam?... é a invasão eslava! como aconteceu na terra de vocês, os argelinos em Marselha!... é natural!... Berlim inteira está entregue aos polacos! é claro!... a transmigração dos povos!... por aqui! por ali!..."

Aponta para o leste, o oeste!

"Está tudo assim!... ao sul!... ao norte!..."

Palavras que ele não teria dito em Grünwald... nem de brincadeira... ali, ele estava de muito bom humor... como se estivesse livre de certa preocupação... mas qual?...

"Agora, se o caro senhor e a senhora não se importarem de nos esperar um pouco... eu tenho uma coisa para dizer a seu marido... todos esses polacos são ladrões, mas medrosos também, felizmente!... fique aqui, sim? no carro... eles não vão se aproximar... é só uma palavrinha que quero dizer a seu marido, só cinco minutos!..."

Só me restava segui-lo... é a mania desses políticos: "quero lhe falar em particular"... dar uma volta!... a gente não sabe se volta ou não... eu sempre pergunto...

"E então?"

Eu vejo a enorme Mauser dele... espero que seja só para fazer parte do traje...

"Não! não! ainda não, Céline! *ooooh!*... só quero falar-lhe!... em Grünwald, é impossível! só dá espionagem em Grünwald! você talvez tenha percebido...

— As moças?

— É claro! e os microfones! você não achou?

— Não procurei...

— Há microfones por toda parte! debaixo das mesas!... de todas as mesas!... debaixo de todas as poltronas!"

Lili, La Vigue e eu não tínhamos dito nada de escabroso... pouco importava se tivessem ouvido!... e depois, o que é que tínhamos para dizer uns aos outros?... nada! só que estávamos curiosos para saber o que iam fazer conosco... era natural! natural... estávamos metidos numa encrenca!... enquanto isso, para onde ele estava me levando?... aquela estrada tão estreita estava se alargando... era quase uma avenida... não era mais como nos nossos povoados... era grandiosa!... as mesmas ruínas, em frangalhos, dos dois lados, desabando, podres... cheias de urtigas saindo das janelas, das chaminés... com certeza, ninguém morava mais lá... pergunto a Harras:

"É longe?"

Realmente ele era gordo, porém ágil... mais moço do que eu...

"Em que ano nasceu, Harras?

— Em 1906?

— Ah, sim!... que energia!

— Chegamos! é ali!... ali!..."

Mostra-me... a igreja... tão esburacada, lascada, desmantelada de ponta a ponta quanto as casas ao redor, não deve ser usada com muita freqüência...

"Olhe, Céline!"

Olho por sobre o pórtico... uma data gravada... gravada em um mármore quadrado preto... 1695...

"Huguenotes, não? daqui a pouco, vão ser os russos! os polacos para começar! e os chineses para acabar! a transmigração dos povos! *oooooh!*...

— Não há microfones?"

Eu estou preocupado...

"Não!... não há microfones! ainda não!"

Harras era um palhaço em turismo! teria dado um bom Gulliver se tivesse nascido mais cedo...

"Olhe só para esta Igreja, Céline, para o interior, rezavam em francês lá dentro, há cinqüenta anos..."

Ele tem a chave... mas não é necessária!... eu empurro um dos batentes... olhamos lá para dentro... a igreja está a céu aberto... mais buracos do que tijolos...

"A última vez que eu vim aqui, o sino ainda estava no lugar, no alto... mas agora..."

Eu podia ver o sino, tinha caído no meio dos bancos... não tinham sido bombardeios!... fora a chuva e o tempo... não há nada para ver... só uns poucos quadros, em preto e azul... palavras tiradas dos salmos...

Mais perto de Nosso Senhor...
Por sua Paixão nós vivemos...

trepadeiras e cipós subiam por todos os lados, por cima do sino, do púlpito...

"Pronto!... já vimos... e agora?"

Pergunto a Harras...

"Vamos ao cemitério... lá estaremos ainda mais sossegados!..."

Vejo que o cemitério não é mais bem tratado do que a igreja... não há nenhuma flor, só enormes moitas de capim... podem-se ler nomes, muitas lápides... se apagando... o mato apaga os nomes... Harras já tinha procurado... ah! um!... "Anselme Preneste"... "Nicolas Pardon"... do outro lado das urtigas... "Elvira Roche Derrien"! e ali, olhe!... "Félix Robespiau"!

"Foi ele quem fundou a cidade! e a igreja!... Félix Robespiau!... estavam muito apertados em Berlim... já havia a crise da habitação!... *ooooh!*... e há é outras aldeias huguenotes ali!... mais alto! também em ruínas!"

Mostra-me... ao norte...

"Nós não iremos lá!"

Aquelas aldeias ao norte... não há mais estradas... só buracos... e mato...

Sentamo-nos... eu espero que agora ele fale... realmente o lugar é calmo...

"E então?

— Com certeza, Céline, você adivinhou... é preciso que eu dê um jeito com vocês... uma situação não só para você como também para o seu amigo e para a sua esposa...

— É claro!

— Você sabe, não é? deve ter lido que no nosso *Reich* todo mundo deve estar ocupado... na vanguarda!... na retaguarda!... sabe como são os comentários!... talvez haja um meio, durante certo tempo... você está doente, mutilado, deve descansar... bom!... o seu amigo Le Vigan está louco, e doente também, você cuida dele!... bom! ele é ator! pode dar um jeito!... a sua esposa cuida de você... você não acha?

— Mas é claro, meu caro Harras! mas então, no hospital?...

— Não!... não! de maneira alguma! vão convalescer... os três!... numa das nossas *Dienstelle*... sabe, uma repartição "anexa", não muito longe daqui, a cem quilômetros... você sabe, os bombardeios... se por acaso!... no norte!... vocês vão ficar muito bem, eu acho, os três... a cem quilômetros ao norte daqui!... em Zornhof... num pequeno castelo... vocês vão se divertir! o barão-conde *Rittmeister* von Leiden! um prussiano puro!... mais puro do que eu! mais caduco do que eu!... 74 anos! tem direito! está absolutamente degenerado... e para-

plégico! vão conhecer a filha dele, Marie-Thérèse... pianista! os dois falam francês bem, melhor do que eu!

— Oh, não! não, meu caro Harras!

— Você vai ver! e polacos por todos os lados! pior do que aqui! Vocês vão ver!... as terras estão cheias!... espere só... o filho dele! na fazenda em frente, sem pernas e epiléptico!... *ooooh!*... e a nora, Ísis, e a neta, Cillie... o aleijado não fala francês... e não são só polacos, você vai ver!... há russos também, lotando os campos de beterrabas!... mulheres, homens... prisioneiros... voluntários... russos que se dizem desertores... e os *Vlássov*... todos bolchevistas! espiões comunistas!... mas os mais bonitos, você vai ver, são os nossos *bibelforscher*, sabe?... nossos pacifistas... você vai ver tudo isso!... e as prostitutas de Berlim, perigosíssimas, sifilíticas incuráveis... você vai vê-las... elas trabalham na limpeza pública, não em Zornhof!... em Moorsburg, ao lado... são centenas!... comunistas também!... e trabalhadores franceses... esses são "anti-racistas" ferozes... não gostarão de vocês... e são espertos! quando eles souberem quem vocês são!... tome cuidado!... é preciso tomar cuidado também com o chefe da nossa *Dienstelle*... Kretzer e a mulher... não se sabe o jogo deles... mas eu vou descobrir um dia... vocês vão ficar bem perto de Moorsburg... vale a pena ver Moorsburg! vão ter bastante tempo!... ainda não foi bombardeado! lá também há um farmacêutico de quem é melhor desconfiar... a cidade de Frederico II onde os soldados dele faziam manobras!... abaixo de chicotadas!... *ooooh!*... a cidade era dele... feita especialmente... com praças para as manobras, que são como cinco ou seis praças Vendôme!... mas sem o Ritz! e sem a rua de la Paix!... *oooooh!* ele mandava chicotear, ali, no meio da praça, os seus campônios! se a coisa fosse grave, a ordem era chicotear até à morte!... era a disciplina!... depois, ele tocava flauta e escrevia para Voltaire em versos... versos ruins... mas mesmo assim... vocês não vão se entediar por lá! em convalescença... há um pequeno museu em Moorsburg... a senhora von Leiden os levará a passeios, a mulher do filho, o aleijado... ela pedirá aulas de francês, com certeza... oh! ela não é nada feia!... nem mutilada como o marido... você vai ver!... vocês não vão poder ficar aqui em Grünwald! é impossível!... sere-

mos bombardeados de novo em Grünwald, acabar com o que sobrou... e eu irei visitá-los sempre, lá, no seu castelo... se eu não morrer!... *oooooh!* lá você vai ter tudo para trabalhar... talvez também para exercer... dentro de alguns meses vamos procurar uma fábrica para você... talvez Le Vigan sirva para enfermeiro...

— Claro! claro! com certeza!"

Eu não tinha nada a dizer... mas não conseguia ver o que podíamos fazer em Zornhof...

"Não avise ninguém, por favor... nem a sua esposa... nem o seu amigo... eu mesmo vou levá-los, depois de amanhã... quarta-feira ao meio-dia... de carro!

— Está combinado, Harras! já entendi!"

Quantas precauções!... talvez ele não nos fosse levar a nenhum Zornhof... dou mais uma olhada para o cemitério, para aquelas moitas de capim... porque teria ele me levado para lá!... por gosto?... talvez... nada mais... um certo gosto macabro... a alemoada toda... eles não confessam mas adoram, sentem atração... tento ainda ler os nomes cobertos de mato...

"Harras, certamente você deve ter observado, Harras, são mulheres principalmente!..."

Harras tinha observado, como eu!...

"Foi de parto, não? naquela época! aconteceu o mesmo fenômeno nos Estados Unidos, na mesma época... há um trabalho muito bom de Eichel... você conheceu Eichel?"

Se eu conheci Eichel!... estatístico do estado de Nova Iorque, grande admirador de Balzac nas horas vagas...

"Um trabalho muito interessante sobre a mortalidade das mulheres no estado de Nova Iorque no fim do século XVII... Eichel... conhece?

— Mas claro!... sem dúvida, Harras!

— Aproximadamente três mulheres para cada homem... era normal na época... os homens tornavam a casar três... quatro vezes... era normal naquela época!... em Nova Iorque ou em Berlim... esses aí, os polacos de Felix não se enterram aqui, têm o seu próprio cemitério, mais para lá..."

Apontava com a mão.

"A leste... é longe!... não iremos!"

Aponta para um amontoado de árvores, no fim da planície... é engraçado ver como o infinito das pessoas pode estar na ponta dos dedos... um gesto... entre o céu e a terra.

Resumindo a situação:

"Então, veja bem, Céline, está combinado... quarta-feira ao meio-dia!... e nem uma palavra... a ninguém... nem uma palavra!

— Sou um túmulo, Harras, um túmulo!"

Não entendo a razão de todo aquele segredo mas ele deve saber... a partir do momento em que você é enxotado para fora de casa, você vira fantoche... todo mundo se diverte assustando a gente, para ver a cara que a gente faz... tudo vira um enigma... naquele caso, eu não tinha muita confiança em Harras... esse estranho passeio em Felixruhe! que diabo tínhamos vindo fazer ali?... não estava nada claro!... um simples passeio?... para admirar aqueles escombros de igreja?... o cemitério huguenote?... era para aquilo que ele estava naquele trinque, vestindo o uniforme de gala, com galões, dragonas e três cruzes suásticas?... para me dizer o quê?... Zornhof?... que íamos mudar?... com certeza para mais um povoado maldito!... com gente ainda mais "contra nós" do que ali... e ainda por cima, ele me avisara, prisioneiros da "Resistência"... a coisa prometia!...

"Você não a vê mas ela está lá! Cuidado!... a gente se precipita... pronto! é apanhada!..."

Era o que eu pensava! mas não dizia nada... só escutava Harras... ele continuava falando...

"Olhe! já vimos Felixruhe... vamos tornar a fechar a igreja... talvez não valha mais a pena, não é?"

Estava aberta por todos os lados... completamente! as urtigas e as trepadeiras silvestres tinham invadido todo o interior, recoberto todos os bancos, o sino...

"Transformarão essas velhas igrejas em cinemas! consertarão! *propaganda! propaganda! oooooh!*

— Quem?

— Os que vierem! são sempre lugares de propaganda! igrejas! agora são para materialistas! ateus... é isso que nos falta: ateus sérios!

— Mas vai haver, Harras! vai haver!

— Eu queria só ver os russos reeducando os chineses! fazendo-os carregar o sino até lá em cima!...

— Você vai ver, Harras! vai ver! Vai ver tudo!..."

Eu sou o animador, o otimista... torno a experimentar a chave... ela gira no vazio... já fizera o que tinha de fazer, a coitada! a igreja também... tão esburacada de ponta a ponta... nem precisava das bombas!

"Vai-se indo com o vento, Harras!"

Acabara mesmo... ele já me dissera o que tinha de dizer... que nós íamos nos mudar na quarta-feira... que bonita história!... era segredo?... por quê? ele não fala mais... tomamos outro caminho... ele não quer voltar pelo mesmo... por quê?... para encontrar o calhambeque... é um tal mastodonte que ninguém vai tirá-lo de lá... está no final do caminho!... não! não ele, não o próprio carro e sim, gente, em cima e ao redor, um enxame de pernas e traseiros, uns por cima dos outros... e no teto do carro!... Felixruhe inteiro está em cima do carro! vão acabar com ele!... aí, quem ri sou eu! e ele que tinha se empertiquitado todo só pra aquilo, com botas, dragonas, bicho-papão de ouro e prata! para mantê-los a distância! ele, a autoridade! e os campônios ali, aglomerados!... em cima do teto, do capô, das rodas... E Lili embaixo, e Le Vigan, e Bébert... começo a berrar...

"Lili!... Lili!..."

Ela responde através das gargalhadas... da caçoada das crianças!... elas querem ver Bébert... exigem...

"Pépert!... Pépert!..."

Impossível chegar perto... Assim não dá!... Harras olha para aquilo... sem dizer nada... pega a pistola... a enorme Mauser... e *pã! pã!*... atira para cima! descarrega a pistola! ah! o pessoal começa a correr!... todo mundo fugindo! os pequenos! os grandes! Harras não diz nada... outro pente de balas inteiro!... e de novo, para cima!

Harras não admite ser incomodado... nem pelos pássaros!... a estrada está desimpedida, vazia, não há mais ninguém... por mais longe que se olhe... nas árvores... pergunto a Lili e La Vigue o que aconteceu... não lhes roubaram nada?

"Não... queriam que nós falássemos polaco e que deixássemos Bébert sair!... *protche pani! protche pani!*"

La Vigue, além disso, tinha quase certeza de uma coisa... de que eles o haviam reconhecido!

"Eles me disseram logo: *franzouski! franzouski!*"

Afinal, tinha sido agradável... até houve entusiasmo... pelo formidável Mercedes, por Bébert e os *franzouski*... por La Vigue, quem sabe, principalmente?... por aquela sua bela expressão de "Cristo crucificado"... talvez?... de qualquer forma podíamos ir embora... não havia mais nada à nossa frente!... ah! sim!... duas moças!... duas mocinhas!... eu, que estava olhando para longe, não as tinha visto, ali, diante do nosso capô, de joelhos... implorando...

"Mit! mit! mit! bitte!"

Pedindo, aos prantos, que as levássemos conosco! Harras não hesita!... começa a praguejar! Mas, como é que pode!

"Atenção... cuidado!... *vorsicht!*... são as piores as que falam alemão!"

Deixa-as falar... uma coisa é certa... elas não tiveram medo... nem do Mercedes, nem de Harras, nem do seu revólver... contaram-nos, entre soluços... que os pais morreram, que estão sozinhas em Felixruhe, que todos os homens querem violentá-las... que os homens vão voltar da lavoura, estão plantando beterrabas... que foram expulsas de casa... que lhes roubaram os colchões... que não têm mais nada... que querem ir conosco... trabalhar para nós... fazer tudo... tudo o que quisermos!... na lavoura!... na cozinha! qualquer coisa... portanto, que as levemos! ou então que as matemos agora, aqui, se não queremos levá-las! que não hesitemos! tocam na Mauser de Harras... abrem o peito, de joelhos, e nos mostram onde podemos matá-las, ali, no coração!... com o revólver dele!... que ele não hesite!... contanto que elas não fiquem para trás, vivas!... no coração!... no coração!... Harras deve estar habituado a essa espécie de súplica... não parece nada surpreso!

"Sabe, colega, tudo isso é mentira!... só mentira!... nada disso é verdade!"

Fica pensando...

"Lembro-me de uma coisa... uma coisa importante! tiraram três mulheres lá de Grünwald na semana passada... foram não sei para onde!... eram polacas também!..."

Deixo-o pensar...

"Ah! sim!... já sei! lavadeiras! foram levadas para a frente oriental... já sei!..."

Está contente... dirige-se às mulheres:

"Nun!... ernst! agora, é sério! *wascher? wollen sie waschen?...* querem lavar roupa?

— *Ja!... ja!... ja!...*"

Tudo o que quiséssemos!... pronto, a decisão está tomada, ele as leva...

"Komm!... Não se importa, colega? Vamos levá-las conosco... mas primeiro tenho de revistá-las!... não se pode acreditar nelas!..."

Elas levantam-se, já sem lágrimas... ele apalpa-as... seus farrapos de roupas... as dobras... os cabelos... entre as pernas... elas não se importam... não se importam com nada... ele não acha nada... a não ser piolhos... mostra-me...

"Elas não terão mais, lá!"

Dirige-se a elas, então, para elas dizerem se querem mesmo ir... ah, e como!

"Ja!... ja!... ja!..."

Felicíssimas!... mais lágrimas! mas de felicidade! de felicidade!...

"Vamos, lá"... todo mundo para o carro!... Lili, eu, La Vigue, Bébert e nossas duas lavadeiras... que lindos cabelos elas têm!... louros como o trigo... agora podem-se ver os seus olhos, grandes, azuis, um pouco desmaiados... acho que é o que se chama o encanto eslavo... o encanto eslavo, aquele encanto traiçoeiro para qualquer homem cair, de cabeça, seja ele patrão ou operário!... aceitando qualquer coisa!... titubeando qual bêbado!... não é esse o caso de Harras! ele as sabe danadas, sem-vergonhas, prontas para tudo!... não se ilude!... zero para o encanto eslavo! mas uma coisa é certa, faltam lavadeiras em Grünwald! então, por que não aquelas tipas?

"Vocês têm de vigiá-las!... para elas não fazerem sinais pelas janelas! andem sempre atrás delas!"

La Vigue não queria outra coisa... já estavam trocando sorrisos... acabaram-se as lágrimas e a insistência em que as matassem... Harras olha de novo para a estrada... nada!... e para o povoado... ninguém!... torna a empurrar a Mauser e *pã!* descarrega de novo! para cima!... e mais uma vez!... em direção à igreja!... para que ninguém viesse ver a nossa partida... aí, pega o volante... e a caminho!... mais ou menos a duzentos metros, freia... salta, dessa vez tira de debaixo do assento uma metralhadora... com os acessórios, tripé, cartuchos... planta-se no meio da estrada e atira *vrrrrrr!* uma vez... duas... em Felixruhe...

"Sabe, colega, essa gente parece estar com medo... mas não está!... se você se esquece de atirar... eles atiram!... não parecem ter armas... mas têm!..."

Agora, pronto... torna a subir ao volante e pisa no acelerador! não é um modelo fraquinho, "a gasogênio", o seu Mercedes, é a gasolina... no carro ninguém diz nada... La Vigue, apesar da galanteria, volta aos seus pensamentos... está preocupado com a nossa volta a Grünwald?... mas eu não lhe dissera nada dos planos que havia para nós... eu, sim, podia estar pensativo, tinha motivo!... ele ia ver!... não havia muito que ver do lado de fora... a paisagem... o pessoal dando duro, descalço, principalmente mulheres, polacas, russas... a terra de Brandemburgo, cinzenta e bege... uma terra lavrada para o plantio de batatas... lá no final, uma coisa enorme entre o céu e a terra... uma imensidão deles... as nossas imensidões não são sinistras, as deles sim... seria nisso que Le Vigan estava pensando?... talvez?... de qualquer modo, que viagem!... a estrada não estava nada pensativa!... cheia de pedras, parecia de propósito para provocar solavancos! e *bum!*... e *bangue!*... caíamos sentados!... outro buraco!... *pã!* nossas cabeças no teto!... e *bum!* de novo... as lavadeirinhas se divertiam!... num instante os jovens transformam tudo em gargalhadas!... a cada pancada!

"Já estiveram lá?"

Perguntei no meu alemão macarrônico...

"Nein! nein!"

Não eram nada pretensiosas...

"Já estiveram em Berlim?

— *Nein! nein!*"

Felizmente, Harras tinha braços fortes para se manter firme na estrada, era preciso... buracos e mais buracos!... cada guinada!... de um lado ao outro! faz voar aquele carro enorme! aperta o acelerador em cima das crateras! na vinda, ele viera mais devagar!... mas na volta!... ia a todo vapor! cantarolando!...

Vater! ô Vater!
Pai! ó Pai!

A balada do *Rei das bétulas!*

"É preciso, caro Céline, é preciso!... não é divertimento!"

Divertimento ou não, daquele jeito vamos dar de cabeça em algum buraco!... numa valeta!... mas já estamos perto!... uma longa descida... acabaram-se os campos... só ruínas... à direita e à esquerda... e paralelepípedos... reconheço Grünwald... o jeito das casas com as tripas de fora, as sacadas penduradas... pronto!... chegamos! *Reichsgesundt*... agora precisamos ficar atentos!... para as garotas não escaparem!... Harras é gordo, pesado, mas rápido... pula do assento... mais um pulo!... abre a portinhola...

"Fiquem aí! esperem!"

Dá ordem ao tenente Otto para chamar alguém... *Frau?*... um nome que eu não conheço... ela chega... a tal *frau*... eu nunca a vira, grisalha, gorducha, de uniforme azul... uma cara que não estava para brincadeiras... entendo, pelo que dizem, que ela comanda alguma coisa... Harras apresenta-lhe as moças... assim que as moças a vêem, atiram-se aos pés dela, de joelhos! implorando... a mesma cena de Felixruhe!... mas a mulher de azul, a lavadeira-chefe, com certeza, fala-lhes logo na língua delas, em polaco... elas respondem soluçando, acabaram-se as risadas!... e ainda de joelhos!... e por ali, e por ali, gesticulam mostrando o carro... que têm alguma coisa ali! ali!... que aceitam mostrar para ela... não! não!... alguma coisa atrás! mais ainda!... mais?... na mala?... o quê?... elas não tinham nada!... não as vimos colocar na mala... vamos todos lá... a guarda toda e o tenente Otto e mais os *Volksturm* e a *frau* X, e nós... para as moças não aproveitarem a oportunidade para

fugir!... dentro da mala do carro, está uma bagunça!... seis pinos... três pneus... remexeram em tudo... o que elas teriam enfiado lá dentro?... no fundo da mala?... ah! lá está! um pacote! grande! uns trapos!... e dentro uma criança enrolada!... dormindo!... um menino!... elas tinham-no posto ali sem que ninguém visse... o coitadinho passara por maus bocados... não se queixa, está bem acolchoado, amarrado em pedaços de pano... começa a rir ao ver-nos...

"Que idade tem ele?"

As moças não sabem... eu acho que uns três anos... três e meio...

— "De quem é ele?

— É meu irmão!"

Harras interrompe...

"É mentira, elas todas mentem! sempre!... em tudo, colega!... todo o tempo!

— E o nome dele?

— Thomas!"

Thomas olha para nós... começamos a apalpá-lo... a virá-lo... a auscultá-lo... não tem nada no coração, nem gânglios, nem raquitismo, um garoto forte... ri enquanto mexemos nele... examinamos a garganta, nada!... a *frau* fala polaco com ele, baixinho... ele ri de novo... é uma criança bem fácil... olhando para nós!... aponta para algo... quer reaver... o quê?... procuramos... no fundo do buraco... no fundo da mala... um braço de boneca!... é isso que ele quer!... sai andando com ele... não anda mal para a idade, três anos, três e meio... aceita ir para qualquer lugar, obediente... cambaleando um pouco... tinha chegado de viagem!... sai andando, descalço, pelo cascalho, estende-nos o braço da boneca... e à governanta também, e depois a Harras e aos *Volksturm*... para nós brincarmos também! pelos solavancos do carro, deve ter algum galo na cabeça!... tornamos a pegá-lo, a apalpá-lo.. duas ou três manchas roxas de nada!... um garoto robusto!... Harras acha que já chega, que as moças já choraram bastante... já é tempo de que elas se levantem, de que levem o menino e de que todo mundo dê o fora!

"Frau Schwartz! bitte!"

Ah, agora eu já sei... Schwartz... o nome dela é Schwartz... ela que levasse tudo!...

"Até logo, Thomas!"

Não fomos a Felixruhe à toa... trouxemos gente!...

"Corri muito na volta, não?

— Correu, muito!

— Mas agora acabou... era preciso!"

Era preciso concordar, afinal não houve acidente nem nada...

"Otto, por favor... *butterbrötschen!*... sanduíches... bandejas com tudo!

— Faça o favor, minha senhora!"

Eu vi que La Vigue queria falar comigo...

"Depois!... depois!..."

*

É verdade, todo mundo pode reconhecer uma febre, uma tosse, uma cólica... são sintomas evidentes para o público em geral... mas só os pequenos sinais interessam ao clínico... estou chegando à idade em que, sem ser nada moralista, fico pensativo, quando me lembro de certas besteirinhas, milhares delas, análogas ou contraditórias... quanto a isso, vivem me censurando por eu me alongar demais sobre as minhas desgraças, por exibi-las... "Puxa, parece que essa besta pensa que é o único a ter tido problemas!... que vaidoso!..." porra! sim e não!... quantas cartas cheias de desaforos eu recebo por dia? sete ou oito... e outras de completa admiração?... tantas quanto... fui eu que pedi? claro que não! nunca! sou anarquista, sou, fui e continuo sendo e pouco me importa a opinião alheia!... é claro que não sou o único a ter "certos aborrecimentos"! mas e os outros? o que fizeram dos seus "aborrecimentos"? usaram tudo para me sacanear, pelo menos tanto quanto aqueles ali em frente! eu estava exposto, à mercê deles... que bom prato para tanta sujeira! e como eles aproveitaram!... os daqui e os de lá!... que se diziam inimigos... uma farsa!

"Ele se queixa!"... bolas, digo eu, não acabou! o muro das lamentações está mais firme do que nunca! dois mil anos!... vejam só!... a muralha da China é ainda mais velha!... e no

dia em que desabar, vai ficar todo mundo embaixo, feito pó de tijolo...

Mas eu não vou deixar o meu leitor se perder de novo!... estávamos em Grünwald... suco de frutas, sanduíches, água mineral... caviar... geléia de laranja!... frango... que vida regalada!... o que seria que aquilo estava escondendo?... mas aqueles divãs eram macios demais, enormes, cobertos de almofadas, para que gente como nós, com dor de cabeça, não sucumbisse ao sono...

Deve ter sido duas ou três horas depois que Harras apareceu...

"Colega, desculpe-me acordá-lo, mas é preciso... perdão!... O seu diploma... é preciso! eu estava me esquecendo do seu doutorado!... uma cópia!... uma fotocópia para o Ministério! para a sua "licença para exercer"!... vou tirar uma fotocópia! eu mesmo! já! já!... precisamos dela para amanhã!

— Perfeito!... perfeito, Harras!"

Está usando um roupão muito grosso! verde e vermelho!... dou um salto!... ele tinha falado baixinho... vejo que La Vigue desapareceu... deve ter ido deitar-se... Lili está ali, dormindo... mexo na bolsa onde eu guardara os documentos... tinha um bocado!... ah, lá está!... o meu diploma!... 1924!... no verso, todos os carimbos dos comissariados... quantos lugares diferentes! "pedra que rola..." só juntei aborrecimentos... não sou do tipo "amigo"...

"Vamos ao laboratório!

— Onde?

— Lá embaixo... dois andares para baixo!... devagarinho!..."

Ele não quer despertar Lili... eu não conhecia o laboratório... aonde ele me estaria levando?... pressentimentos... tem hora em que a gente desconfia tanto que dá vontade de não sair do lugar...

"Bom, Harras! vamos!

— Lili, eu já volto, vou com o Sr. Harras, dois andares abaixo... tirar umas fotocópias... já volto...

— A confiança não reina por aqui, observa Harras...

— Meu caro colega, nenhuma confiança!"

Ooooh!... provoquei mais risadas...

"Lá embaixo, você vai poder falar! não há microfone lá!... nenhum microfone!... Céline, seu malandro!"

Eu não podia fazer aquele malandro do Harras zangar-se... só podia achar graça... ele guia-me por um pequeno corredor... e um elevador... dois patamares abaixo... uma grande sala cheia de aparelhos tipo "rádio"...

"Você é como Ali Babá, Harras!... cavernas profundas e tesouros por todos os lados! há ainda outros, Harras? quero conhecer tudo!

— Mas claro, Céline, claro! mas primeiro o seu diploma! com licença!..."

Estamos diante do aparelho... *toc!*... pronto!... *tac! tac! tac!*... três vezes o meu diploma! e os carimbos dos comissários...

"Tome, Céline, amigo desconfiado! está vendo? estou lhe devolvendo... sou rápido!

— Obrigado!... obrigado!..."

Dobro-o em quatro... em oito... enfio-o numa das minhas sacolas... tenho quatro a tiracolo... que não solto nunca, até durmo com elas... já se sabe como é, nas catástrofes todo mundo afana os papéis de todo mundo... é só deixar a certidão de nascimento sobre uma mesa, uma cadeira e pronto! some!... é um outro cara, noutro ponto, que passa a viver no seu lugar, que virou você... daqui de onde estou escrevendo, de Bellevue, tenho um panorama de pelo menos cem mil casas, um milhão de janelas... quantas dessas pessoas lá de baixo, hipócritas, devem ter papéis que não são delas?... não são as que a gente pensa?... adotaram outras vidas, outros lugares de nascimento?... e vão morrer "por procuração"? digamos, mais quatro ou cinco derrocadas e outra mais, das boas, atômica, e todo mundo vai roubar os papéis de todo mundo... ninguém mais vai tornar a ser o que era antes... vai haver quinze, vinte e cinco Destouches, doutores em medicina... amarelos... vermelhos... do Franco-Condado... marroquinos... uma transmigração séria, definitiva, íntima, operando-se pelo roubo dos papéis e, se possível, pela transferência perfeita, o roubo seguido de assassinato para não sobrar nada do sujeito, o "autêntico" totalmente aniquilado!... silêncio!... quantos silêncios em todos aqueles andares!... exércitos de papéis falsos!... por todos os lados até à

igreja de Sacré-Coeur... só procurando de porta em porta... *toc!... toc!...*

"O senhor é mesmo o senhor?"

Era como ir ao palácio do Louvre procurar os "não-autênticos"... que boa brincadeira!...

Chega de bobagens!... eu estava contando sobre a fotocópia, que ele me tinha devolvido, o diploma...

"Céline, com certeza já percebeu que a administração do *Reich* é muito meticulosa... vou enviar um pedido ao "Interior"... para a sua "licença para exercer"... o ministro precisa dar o seu parecer... ora, veja bem, Céline, todos os burocratas do ministério do Interior são contra os nazistas!... até o ministro! e todos os funcionários! absolutamente! como todos os atores são contra a peça que representam! detestam-na! é assim em todos os teatros!... absolutamente o mesmo ódio!... anti!... você sabe disso!

— E daí?

— Vão fazer o que puderem para que o seu processo se extravie... e a sua "licença para exercer"!... um mês... dois... um ano...

— Já que ninguém nos ouve... foi o que você disse, Harras?... disse, não é?... ninguém?

— Não, não... pode falar!... você precisa!... diga... aqui não há microfone!... não foram instalados... ainda não!... mas logo!...

— Pois bem, Harras, já que você me dá licença, eu gostaria de lhe perguntar como é que o *Reich* está ainda de pé?

— É o caso de todos os estados fortes, Céline... a guerra por todos os lados!... complôs por toda parte!... o Reich está se agüentando à custa do ódio!... ódio entre os marechais!... e a aviação contra os tanques!... Hitler não inventou nada!... a marinha contra os nazistas! o Interior contra as Relações Exteriores... outras cem camarilhas contra mais cem... Atenas, Roma, Napoleão, por acaso, resistiram de outra maneira?... nós sabemos, Céline!

— É claro, Harras!... mas mesmo assim, em determinado momento, fazem falta alguns fanáticos...

— Os fanáticos no *Signal* de Goebbels!... muito poucos na rua...

— Nos exércitos?

— Os exércitos, você sabe, são a Arena... na Arena, é preciso morrer... não é?

— Claro!

— Pois bem, ouça, Céline, eu servi na frente durante dois invernos... na frente da Polônia... e depois na Ucrânia... como médico comandante e, mais tarde, coronel... vi muitos soldados morrerem de ferimentos, de frio, de doenças... mas não posso dizer se morriam felizes... talvez sim... porque tinha acabado... só por isso!... nós precisaríamos de outros soldados, de outros homens... é isso!... você também!... os seus últimos soldados morreram em 17, como os nossos... mas veja os russos, os deles ainda estão em 14... esses soldados sonâmbulos... que se deixam matar sem saber... mas isso não vai durar... você vai ver em outra guerra... eles vão saber!... os nossos soldados se jogavam em 14, franceses contra alemães!... agora, querem só ver... no Circo, sim... mas nas arquibancadas... só querem ver, espiar!... safados!

— Quanto a isso, meu caro Harras, Montluc já..."

Toc!... toc!... toc!... na porta...

A superintendente de cabelos grisalhos... quer falar com ele... ele vai ter com ela... começam a cochichar... ela parece muito aborrecida... ele, pelo contrário!... *psiu! psiu! psiu!* fazia ele... acalma-a...

"Eu vou ver! vou ver!"

Conta-me:

"Essa mulher está escandalizada... é a Espécie, não é, caro colega, a *Espécie!*... é uma solteirona!..."

Desisto de Montluc... o que seria o escândalo?... a Espécie?... onde? quem?... o quê?... eu estou meio desconfiado... voltamos pelo corredor bem estreito e pelos dois elevadores... logo depois, o escritório de La Vigue, a *garçonnière* dele...

"Sr. Le Vigan! o senhor está aí?

— É claro que estou aqui! e não estou sozinho!"

A resposta foi firme!...

"Mas que ótimo!"

Harras sabia... parece encantado...

"Posso entrar?

— Faça a fineza!... empurre com força!"

Harras empurra... e eu vejo... nós vimos... o nosso Le Vigan, de pijama cor-de-rosa, deitado, refestelado e sorridente... e as duas mocinhas polacas, de joelhos rezando, debaixo de um crucifixo, na parede em frente... tinham encontrado um crucifixo!...

"Veja, senhor, a fé é a fé!... certos bárbaros não sossegam enquanto não ultrajam os altares! saqueiam os lugares santos! certos homens são de outra raça, Prof. Harras! eles recolhem as ovelhas!... eles salvam! olhe para mim, Prof. Harras! eu salvo, eu sou um destes!"

Olhamos para ele... de pijama cor-de-rosa... tinha se erguido, bem esticado, em pé, sobre o sofá... exaltava-se ao falar...

"Professor, neste buraco úmido, o que o senhor encontrou?... um santuário!... essas meninas órfãs estão rezando! para que acabem as derrotas, vitórias e dilúvios! Neste triste lugar, aprisco de todos os inocentes!... Jesus!"

E desanda a falar...

Aliás, Thomas, o garotinho, bem enrolado em muitas cobertas, dormia ali, numa poltrona... nada daquilo perturbou Harras!... ele observou uma coisa:

"Veja, Céline, que malandro! eu estava lhe falando da natureza!... esse pijama cor-de-rosa é meu, eu não me atrevia a usá-lo, a governanta deu a ele!... assenta-lhe muito bem!"

Le Vigan olha para nós, foi ele que se espantou de que nós achássemos tudo aquilo tão natural... e então? o resto!... a cena toda! os braços abertos! a expressão, o rosto de Cristo!

Harras conclui:

"Ele seduziu a superintendente!"

Não respondo nada... era de esperar que ele conquistasse todo mundo e, ainda mais, se desse ao trabalho... embora aquela fiscal fosse muito velhusca... e nazifanática!... ou polaca!... pergunto a Harras...

"Só sei de uma coisa, ela veio de Brno, na Moravia, *Gross Deutschland*... você não conhece Brno? Brno é tudo! nazista! sudeto! austríaco! russo!... e antitudo! e polaco!... agora ela

está aqui conosco... está indo muito bem na lavanderia... tem uma mão de ferro... e gosta de roupões cor-de-rosa... fanática?... talvez?... veremos!... vamos tratar de Le Vigan!

— Sr. Le Vigan, o senhor precisa fumar?

— Claro que preciso!

— Um artista como o senhor! eu não paro de fumar! para esquecer os meus problemas!... o senhor é um Cristo admirável!..."

La Vigue pula do sofá, abandona a pose... lá está ele fumando, de pernas cruzadas, muito à vontade... as polacas devotas... param de rezar... levantam-se também... vêm sentar-se junto a La Vigue... querem fumar!... Harras oferece-lhes um maço... dois maços de Lucky Strike... as moças ficam logo radiantes!... soltam risadinhas!... os cabelos delas tinham sido lavados, encrespados de um modo bem natural... compridos, muito compridos... e elas tinham arrumado os trapos, muito faceiras, não eram mais aquelas pobres coitadas... enlameadas!... eram divertidas!... assumiram um papel!... com certeza a conselho de La Vigue... eu já podia imaginá-las em Montmartre... Harras está pensativo...

"Colega, vamos conversar... uma pequena mudança... e vocês, amigos, não fumem demais! isto é, moderem-se!... façam bastantes sanduíches!"

Aperta a mão de Le Vigan... beija as garotas... e Thomas também, no fundo da poltrona, que está acordando... leva-me para o andar de cima... um outro gabinete vazio... fecha bem a porta...

"Céline, partiremos amanhã de manhã... isto é, amanhã ao meio-dia... você compreende, não é?

— É claro, Harras!

— Não confio nessa mulher... ela está corrompendo o coitado de Le Vigan, isso vai ser descoberto pela Chancelaria... não é grave, claro! mas não vale a pena!... basta de escândalos!... as moças ainda vá lá, mas essa velha maluca! e os meus pijamas cor-de-rosa! que eu não uso nunca! tudo isso vai chegar aos ouvidos da Chancelaria, não? com comentários!... e o que é que eu vou dizer para explicar a eles?... e o crucifixo!...

— É impossível, Harras! impossível!"

*

No dia seguinte, ao meio-dia, realmente... o enorme Mercedes... nova cena de despedida, todo mundo se beija... as polaquinhas e Le Vigan choram... que melodrama!... até a superintendente chora... os *Volksturm* também... eles já tinham-se acostumado conosco... as mocinhas datilógrafas carregadas de buquês, de crisântemos, heras... margaridas, verdadeiras guirlandas... o Mercedes fica lotado... arrancamo-nos aos abraços... Harras dá a partida... pronto!... não é o mesmo caminho que para Felixruhe... na direção norte-leste... lá está a placa, Moorsburg, cem quilômetros, não há possibilidade de engano, à direita, nordeste... uma estrada que devia ter sido boa, mas muito esburacada... até perigosa... felizmente Harras não ia depressa, passamos por uma aldeia... duas aldeias... os campos... beterrabas... alfafa... o terreno não é acidentado... é quase plano... a vinte por hora, não íamos a quebrar nada!... ouvimos as sirenas! um pouquinho... ao longe... alertas... fim de alertas!... bombas também... o coração da guerra, as bombas!... *buum! iiiiiii!*

"Em quinze dias, vai ser uma coisa séria... você não vai ver!"

Eu não tinha dito nada... pensava no seu Moorsburg, ia ser ótimo e seríamos bem recebidos! mesmo com os nossos ramalhetes!... não gosto do campo... eu sei por quê... se por todos os lados recebem a gente como suspeito, imagine-se então o nosso caso... e na Prússia?... teria sido bem pior na França, admito!... Em Moorsburg? a alta proteção de Harras não ia adiantar muito para nós... a não ser para nos odiarem ainda mais... Harras teria por acaso ilusões? não acredito... estava se livrando de nós... não tinha escolha... o povoado para onde íamos, um vilarejo!... mostra-me no mapa: Zornhof... tínhamos de guardar aquele nome: Zornhof... a tragédia já estava encaminhada, mapa por mapa... não seria mau se fôssemos figurantes, só figurantes... em quinze dias ia haver um bombardeio pesado, já estava prometido... eu não via por quê... nosso caso era um pouco mais grave!

Mesmo indo devagarinho, acaba-se chegando... avisto uma cidade ao longe...

"É Moorsburg?"

É!... leváramos três horas... ele me avisara sobre o lugar, o pitoresco... era aquilo mesmo!... três... quatro praças Vendôme, digamos, numa região administrativa, era daquilo que Frederico precisava para as manobras da sua corja... e também para as execuções!... podia-se ver, de todas as janelas, a manobra, ao compasso do bastão, e também o carrasco funcionando... torturando... um espetáculo! mil vezes mais divertido do que a nossa punheta em sala escura... que gente feliz! soldadinhos marchando! todos os autores vão dizer a mesma coisa, a dificuldade que têm para atrair o povo... para conseguir o aplauso de três filas de platéia... que luta!... pornografia, manchetes na primeira página, *strip-tease* das lanterninhas, porradas dos *boys!* nada!... não se consegue nada senão com muito sangue, as tripas de fora... com realismo... vivissecção!... a bandeja cheia de tripas!... uma agonia! quem não for gladiador é um chato! e gladiador de barriga aberta!... contorcendo-se... eu sentia que estávamos meio ofegantes ali naquele carro enorme... nós, marcados no ombro, com o nosso artigo 75...

"Você está muito pensativo, Céline..."

Eu não dizia nada... não dissera nada desde Grünwald... os outros dois também não...

"Moorsburg não é nada feio..."

Eu queria ser amável!

"Oh, vocês vão voltar aqui sempre! é pertinho de Zornhof!... sete quilômetros... um passeio! mas, primeiro, aqui, quero apresentá-los ao *Landrat*..."

Pára o carro...

"Agora, tenho de preveni-lo, o conde Otto von Simmer não é muito moço... nem muito fácil de tratar... é um *Landrat* da "reserva" pode-se dizer... da aristocracia prussiana, seu pai foi governador do Grão-ducado Norte e Schleswig... ele foi coronel durante a outra guerra, esteve em Verdun, foi ulano a pé, ferido em Douaumont, ele manca, você vai ver, não gosta nem um pouco dos franceses nem dos russos, nem dos nazistas, nem dos polacos, nem de ninguém... mas acho que, apesar de tudo, gosta bastante

da baronesa von Leiden... você vai vê-lo em Zornhof... vai se divertir... não diga nada, claro... ele me odeia, primeiro porque sou mais moço do que ele, depois porque sou médico, depois S.S. e depois porque eu me dou com a baronesa... mas eu vou apresentar você a ele de qualquer maneira, é preciso!"

Adiante, então!... outra praça!... e mais outra!... é aqui!... dois velhos guardas em trajes civis... fuzis, braçadeiras... o Hotel do Landrat...

"Esperem um pouco... vou falar com ele... ele vai falar com você... se concordar!..."

Os guardas, em posição de sentido! Harras passa, sobe... dez minutos depois desce com o Landrat... um velhote dos seus setenta anos, muito mal barbeado, de mau humor, resmungando... veio ver... quem nós éramos... primeiro eu e depois os outros dois... um cumprimento breve e *b'jour!... b'jour!* em francês... eu vejo a cara dele ali bem próxima, só rugas e pêlo... mas precisava admitir que tinha uma certa beleza... quase feminina, de mulher velha... os olhos cinzentos, totalmente cinzentos... oh! olhava de frente, e não como um velho...

"Vão para a casa dos von Leiden?

— Sim, vou levá-los!

— *Gut!... gut!*"

Aperta a mão dos homens... e basta!... continência!... inclina-se diante de Lili... e meia-volta!... volta para os seus aposentos... tem dificuldade com os degraus... manca mais do que eu... acho que deve ter tido uma fratura no ilíaco... desaparece... ainda não falei do seu traje... dólmã com alamares, coronel... botas com galões de ouro, esporas de ouro, bigode à Guilherme II, mas ralo, só dois tufos...

"Não ficaria mal num balé!

— Que balé?

— O balé russo de 1912 no teatro do Châtelet!

— Você acha?... vai ver o de Zornhof! aquele sim serve para um balé!... é mais velho ainda!... este não é nada!"

A coisa estava prometendo!... adiante! esse Moorsburg, não contando as espécies de praças Vendôme, era uma cidadezinha... um quarto de Chartres, numa planície bem plana de areia e argila... não há quase gado nem pastagens... só lagos, juncos...

mas quantos gansos, patos, galinholas!... até em Moorsburg, as ruas estão cheias...

"Não são para comer! *verboten!*... de maneira alguma!... mais tarde!... mais tarde!... depois do Natal!...

— Já sei, Harras! além disso, nós comemos muito pouco!... não vamos tocar neles!... mesmo depois do Natal!

— Com os gansos não tem perigo, Céline! mas cuidado com o palhaço velho!

— Simmer?

— Não foi à toa que eu o apresentei a ele..."

Ah! chegamos!... em Zornhof! quantos gansos! e mais gansos!... levantando vôo de todas as poças d'água... umas vacas... um parque enorme... e lá no fundo um pequeno castelo de torres redondas... lá estávamos nós!

"Este parque foi desenhado por Mansard!... antes da Revogação!... não são huguenotes aqui!... os von Leiden são luteranos!... uma família com castelo, armas e pombal!"

Tínhamos que admitir... Mansard tinha tirado o melhor partido possível daquele pedaço de planície, cheio de lodo amarelo e cinzas... que árvores esplêndidas!... tinha-se realmente a impressão, naquele cenário de altos freixos, por aquela alameda de curvas sinuosas, de entrar na gentileza... Harras com o seu jeitão germânico também tinha compreendido muito bem.

"Por aqui, é Versalhes, Céline! deste lado, o castelo!... do outro a estepe!... a Rússia!... o Leste!..."

Fez-nos dar uma volta pelo arvoredo, pelo pequeno lago... de fato, parecia-se mesmo com Versalhes... a grande escadaria de mármore... com dois leões de bronze... do outro lado, a planície... a estepe como ele chama... realmente, uma planície infinita...

"Até o Ural!"

Algumas cortinas de altos carvalhos... e lagos... mas, em seguida, ali, debaixo das janelas, do lado da planície, do lado do Ural, vimos um pequeno charco de lodo e capim... deviam ter estado trabalhando ali...

"Agora, vejamos o interior!... o que prepararam para nós! e antes de tudo, uma visita ao *Rittmeister!* não é, colega?

— É claro! claro, Harras!

— *Rittmeister* Conde von Leiden!"

Anuncia... não o vejo... mas vejo duas... três meninas muito divertidas com a nossa chegada! às gargalhadas! vestidas também de farrapos e descalças... mas nada tristes! pés descalços e cabelos compridos... devem ter uns dez ou doze anos... polacas ou russas? pergunto...

"São ucranianas!... são as empregadinhas, ele tem cinco!... diverte-se muito com elas! dá palmadas nelas! de brincadeira! elas dão chicotadas nele! de brincadeira!... eles se dão muito bem! não é, de modo algum, um fidalgo malvado como aquele que você viu há pouco!... a não ser com o seu cachorro Iago!... vocês vão ver Iago..."

As meninas abrem as portas para nós... as cinco... e como acham graça! que risadas! as portas todas escancaradas! verdadeiros monumentos! tudo tão divertido!... e nós ali, principalmente!... ah! lá está ele sentado à escrivaninha, o *Rittmeister!*...

"Bitte! bitte! Kindern! crianças!"

Para elas se acalmarem! mas nada disso! agora é conosco! elas nos puxam as bolsas a tiracolo... principalmente a sacola de Bébert... Harras interrompe-as...

"*Ruhe!*... silêncio!"

O velho diante da escrivaninha implora... que não maltratássemos as meninas!... elas são impossíveis!... beliscam, gritam, todas querem acariciar Bébert ao mesmo tempo... incontroláveis!... Lili deixa-as fazer festas a Bébert... pronto! já têm o que fazer!... e agora vamos nos apresentar ao barão von Leiden!... bem mais amável que o *Landrat!*... fala francês, tinha estudado na Sorbonne antes da guerra de 70... levanta-se para nos falar melhor a respeito de Paris... oh! como se tinha divertido lá! tira o boné mostrando a careca, cambaleando, todo contente, pernas tortas... era cavaleiro, também, como o *Landrat* de Moorsburg, ulano também... Paris é assim! mostra-nos! assim! assim!... ele fora um grande dançarino!... um campeão de valsa!... ainda sabe dançar!... e do *Palais de Glace!*... mostra-nos como valsa e patina!... ensaia uns passos... com as suas pernas tortas, em diagonal, através do imenso gabinete!... e assobia, imita a orquestra!... e as garotas às gargalhadas! ah, não é de modo algum como o *Landrat*... escorrega e se agarra numa cadeira... também nos faz rir!... as cinco meninas rolam no

chão, se urinam de tanto rir quando ele banca o palhaço! esbarrando nos móveis... balançando-se de uma poltrona para outra! como é gozado! de repente, acabou, ele pára, elas estão rindo demais!... pára e começa a pensar... ah! ia nos mostrar os nossos quartos!... basta de brincadeira! eu e Lili na torre! íamos ver!... "vamos!"... ele mal consegue!... tinha dançado demais!... está ali tão torto quanto o *Landrat*, mas nem um pouco contraído, chateado, ao contrário, um anfitrião encantador... só é duro com o cachorro, Harras já me avisara... agora, para os quartos!... subimos... ele também, com muita dificuldade... grandes degraus de pedra... é ali... uma cela redonda, escura, uma cama, uma bacia, uma jarra só... bem menos que em Grünwald, um meio-termo entre convento e prisão...

"Você sabe, Céline, é só enquanto vocês esperam!...

— Oh, claro, Harras!"

Eu não ia fazer cara feia e Lili muito menos! e La Vigue aonde iria?... é preciso descer de novo... a escada de pedra... e mais outra... o reduto de La Vigue fica perto das cozinhas... no subsolo... vemos... uma cama também, um colchão de palha, uma pequena jarra... pior do que nós, afinal de contas... mas o quarto dele dá para a planície, ou melhor, para o charco das algas, o nosso dá para o parque, para os freixos... mas por uma seteira bem estreita... a de La Vigue é com grades... e então?... bem! é só isso!... depois que se entra nas "desgraças da guerra" é só uma questão de virar a página... para outra desgraça!... e mais outras!... e não para soltar ais!... a gente já está um pouco preparada, já não espera agrados nem gentilezas... entrou-se onde não devia, pronto!... o gladiador romano, se não se oferecia de corpo inteiro, já se sabe como era tratado, vaiado!... e a gente, então!... criminosa para sempre!... sem cerimônia!... é uma causa perdida!

Harras já tinha nos feito passear bastante, acho eu... ele também tinha os seus chefes, *super-Ober* invisíveis... que desconfiavam um pouco dele... a prova disso eram os microfones de Grünwald, em todas as paredes e debaixo das poltronas... a Chancelaria?... ou Conti, o ministro?... com certeza, estava fazendo tudo o que podia... era só uma questão de ganhar tempo... enquanto decidiam... o quê? meu Deus!... e havia escolha?... para Le Vigan, a propaganda no estilo de Ferdon-

net... eu, médico de fábrica... não estávamos muito entusiasmados, nem um nem outro!... no nosso lugar, o que teria feito o leitor?... "não deviam ter saído de Paris! o que é que fazia em Berlim?"... é isso mesmo!... não tínhamos porra nenhuma que fazer lá!... principalmente eu que, desde setembro de 14, estou bem informado! e não pelos livros, foi a experiência... as melhores aulas nas melhores escolas não servem para nada, e isso é a prova!... logo que vi Zornhof, de longe, pensei com os meus botões: pronto, você foi ao Leste, você ganhou!... mais idiota, mais imbecil do que os quarenta milhões de franceses! que pelo menos sabem se virar! recuar, fugir, cagar nas calças e voltar cobertos de glória, fenômenos de honra! admiráveis! cumulados de doações maravilhosas, sinecuras, com correção monetária, hereditárias, capazes de sufocar qualquer aristocrata!... "Ferdine, cretino-mor para todo mundo, você ainda não acabou!... você pode se divertir, aliás!... virar as páginas... muitas páginas! você nunca vai encontrar nada! lúcido, não lúcido, regalado!"

Eu não quero entristecer Lili nem La Vigue, essas são coisas que a gente guarda só para si... pois aquele maluco do von Leiden, *Rittmeister,* parecia, apesar de tudo, mais suportável do que o *Landrat* de Moorsburg... veríamos!... mas, primeiro, as apresentações!... a família, o castelo ali em frente, as granjas, o outro lado do parque... muito bem!... adiante! lá vamos nós!... é mesmo a agricultura em grande forma... estábulos e mais estábulos!... mugidos por todos os lados... esterqueiras... é uma dificuldade para o nariz distinguir o cheiro mais acerbo, o dos porcos?... das vacas?... ou dos silos?... buracos, riachos por todos os lados... tanques de urina e esterco no meio do pátio... eu que entendo um pouco do assunto, por força das circunstâncias, que já lidara com carradas de esterco e de urina, de todos os esquadrões do 12.°, tenho que admitir que ali é fortíssimo... principalmente o suco de beterraba...

Observo que dois homens, debaixo de um pórtico, estão indagando sobre o que estamos fazendo... não são polacos nem russos nem nazis... há birutas e birutas!... esses são franceses, não há dúvida... oh, estão com cara de poucos amigos... fitam-nos de longe... aparece um terceiro vindo do fundo do estábulo... afinal, um fala conosco, faz sinal para nos aproximarmos... "de onde é que vocês são?" um é de Saint-Germain...

o outro do Var... o outro do Alto-Marne... estão de olho no cigarro de La Vigue!... tá legal!... dou-lhes dois maços... o cigarro tem mais cotação do que qualquer coisa, do que a sopa, do que a manteiga, do que o álcool... não há quem resista ao cigarro... naquele momento, Harras atravessa o pátio, vai ver o filho, a nora, para avisá-los de que íamos visitá-los... justamente quando os três estão nos perguntando:

"Vocês são deportados?

— Não, somos colaboracionistas!"

Se eu não dissesse, eles ficariam sabendo depois...

"Pois bem, vamos avisar vocês, nós conhecemos essa gente!... não há piores filhos da mãe, comilões, traiçoeiros, assassinos do que esses sujeitos!... quanto mais *von,* piores!... o aleijado, Isis e o velho de pernas tortas não são sopa! e ainda por cima o *Landrat!* vocês vão ver!..."

Fazem sinal para nós:

"Os bolsos deles estão abarrotados!... enormes! assim!... é só vocês olharem!... os estábulos estão cheios!... os celeiros! e a nós eles matam de trabalhar!... é tudo só pra eles!... por eles não nos dariam uma cenoura sequer! vocês vão ver só como é o Sistema!... como eles vão tratar bem vocês!... é para isso que vêm, não é?... vocês não são os primeiros!... ninguém sai daqui com gordura sobrando, podem ter certeza! só ossos! vocês vão ver logo! nunca vão vê-los comer!... só fazem isso bem escondidos nos quartos!... na mesa, nada!... *mahlzeit,* só água sem nada dentro!... *heil!* pra vocês, nada dentro!... vocês não são os primeiros a passar por aqui!... vocês sabem o que o gordo Harras vem fazer aqui?

— Não!...

— Vem comer Isis e arranjar manteiga e tudo o mais!...

— Ah! ele se cuida!

— Oh! aquele porco!... mais sujo do que o de Moorsburg! Simmer, vocês conhecem?

— Conhecemos sim!...

— Aquele só pensa numa coisa, mandar fuzilar a gente!... ontem três!... diz que fugiram do campo!... não faz cerimônia!... ele também come a baronesa Leiden!... ele e Harras estão de combinação! ele também vem buscar manteiga, ovos! vocês vão ver!

— Que engraçado!

— Lá onde vocês estão é outra coisa, o velho gosta é das garotas!... ele dá palmadas nelas... e depois tira as calças, é a vez delas o chicotearem!... vocês viram as empregadinhas dele, não? é o castigo! *plaft! plaft!* chega a sangrar! é um vício! mas ele acha até engraçado! não é como o *Landrat!"*

Nesse momento, Harras desce da fazenda pela escadinha, reparo que está ajeitando a braguilha...

"O seu boneco!... vinte e dois centímetros!"

Na mesma hora voltam para a sombra do estábulo...

"Dê a ele mais um maço!

— Está bem!

— Passem por aqui, hoje de noite, depois da *mahlzeit!"*

Harras chegara, tinha vindo buscar-nos.

"Senhora, meus amigos, vou lhes apresentar... o filho de von Leiden, vão ver, é aleijado e está sempre de mau humor! mas ela vai ficar contente em vê-los... vai convidá-los para jantar..."

Saímos com ele... um caminho de cimento... entre duas poças... esterco... muitas aves... perus, galinhas... gansos principalmente... ouviam-se grunhidos... um estábulo do outro lado dos silos... porcos saindo... conduzidos pelo homem do Alto-Marne... subimos a escadinha... logo aparece a sala da fazenda... a Sra. Isis von Leiden e o marido... cumprimentos!... vejo o aleijado, encolhido no fundo de uma poltrona, mal olha para nós... hostil... ela faz uma certa cerimônia... ainda está muito bem... quarentona... o que se poderia chamar em Neuilly um "mulherão", muito bonita, carnuda, alta, de um certo encanto... sorridente mas distante... para algum interessado?... talvez?... o nosso Le Vigan, o nosso batuta número 1... está na hora de ele se valorizar!...

Mas ele, nada animado... está pensativo!...

"E o senhor?

— Bem obrigado, senhora!"

Não aproveitou a deixa... desesperador... logo ele, com aquela pinta, conquistador até debaixo d'água... totalmente gelado! seria o efeito de Zornhof? eu já nos via em maus lençóis com o aleijado, o *Landrat,* La Vigue... eu sozinho para ser amável!... Lili não falava alemão, exceto *Komm mit!* para chamar Bébert... ele obedecia... já atravessara toda a Alemanha duas vezes, Cons-

tança, Flensbourg, sob rajadas de metralhadoras e bombas! entre cinco exércitos na maratona, *finish!*... bombas de fósforo, trens blindados... não perdera Lili de vista! ela que não obedecia a ninguém... *komm mit!* era só... a única expressão alemã de que ele gostava, única que Lili aprendera... ali, diante do perneta e da mulher, eu me esforço... falo da beleza do campo, dos horizontes admiráveis... eles não respondem... aliás, dos janelões da sala de jantar deles, podem-se ver as rutabagas, os repolhos, os enormes bandos de gansos... e mais gansos!... alguns carneiros... e ao longe, muito ao longe, como uma orla de árvores, a grande floresta de sequóias... e gente também... pelas botas, achei que fossem russos... e as mulheres, russas também, pela maneira de amarrar o cinto acima dos seios... rodeadas de pirralhos, trocando socos, caindo e levantando, e rindo bastante... quando deixam de ser crianças, os homens ficam fúnebres, o cinema não muda nada... pelo contrário... por que é que eles iriam ficar contentes?... é preciso estar completamente bêbado para achar o caminho engraçado!... todos os caminhos!... ali, em Zornhof, entre as batatas, a criançada descalça se divertia muito... atirando nabos, cenouras uns nos outros! meninas contra meninos!... mais tarde, quando se tem sapatos, tem-se medo de estragá-los... naquela idade não se liga para nada! *plaft!* um tabefe, mais outro!... Lili também queria juntar-se a eles, divertir-se com a pirralhada... não achava graça em nós... nós, o aleijado, a nora, Harras... Le Vigan cada vez mais pensativo... aquilo estava prometendo!...

"Vocês estarão bem com os Kretzer, eles vão cuidar de vocês..."

Isis nos passa para os Kretzer... Harras já me avisara... nem um nem outro muito simpático, ele o "diretor da escrita" da *Dienstelle*... agência de campanha do *Reichsgesundt*... para o caso de destruição total, para a Grünwald desaparecer completamente, até as cavernas... e era coisa de esperar!...

Finalmente Isis, chamava-se Isis, ela me fala um pouquinho da fazenda... das dificuldades do momento... que eu não podia imaginar!... que eles não ficariam na fazenda se não fosse a falta de gasolina e os bombardeios de Berlim... que o pátio era imundo... com aquelas esterqueiras e o cheiro dos silos... nós tínhamos sentido?... e o pior era que não chovia quase, não

crescia nada ali!... uma seca desde o começo da guerra!... era o momento de eu perguntar:

"Vocês têm dois franceses aqui, não é?

— Temos, dois!... um para os porcos, Joseph... e o outro para os jardins, Léonard!"

Não sei que graça havia mas ela riu...

"É gente que não gosta de nós!"

O perneta interrompe...

"Mas eles nos odeiam! você está louca, Isis! Já viu algum francês gostar de nós? e por que não os polacos? os russos?... os chineses?... esse pessoal inimigo quer nos matar a todos, não é, Harras?... por que esses aí subiram até aqui?

— Não... não!... não fique tão zangado, von Leiden! você deve ter dormido mal!"

Isis acha que ele foi longe demais, que podíamos ficar espantados...

"Meu marido está de mau humor... muito mau!... o senhor já o conhece, Harras, ele passou mal a noite inteira!... desculpem!... ele está com um humor detestável!"

Ele protesta contra o humor detestável!... confirma o que dissera...

"Não!... não!... eu sei o que digo!... esse pessoal todo é espião!... estão aqui para sabotar! você está maluca!

— Ora! ora! descanse um pouco! você está sendo grosseiro!... Vou acompanhar estas pessoas! Harras, por favor!...

E a nós:

"Por favor, desculpem, não o levem a mal! Assim que vê alguém fica com ciúme! eu não posso estar sempre a dar-lhe injeções!

— Oh! claro que não!"

Se eu compreendo!... e Harras compreende muito bem também!... saímos, quando passamos em frente aos estábulos, os dois franceses, Joseph e Léonard, me fazem sinal de que gostariam de fumar outra vez... muito bem! está certo! vi que, com eles, tínhamos ainda uma chance de ser tolerados... concordo... Camels? Navy Cut?... tudo bem!... saímos da fazenda... naquele instante, os Kretzer vinham nos buscar... muito amáveis!... uma reverência para Isis von Leiden... para nós, calorosos apertos de mão... ele é engraçado, à moda de antes de 14, de pincenê e mangas de lustrina... a mulher, uma dona-de-

casa nervosa, não parece ser idiota, pelo contrário... mas é malvada... é ela quem manda... bom!... o importante para nós, que vamos depender dela, é que nos tolere! quanto a ele, apesar de usar braçadeira e distintivo de suástica, não tem voz ativa... é ela quem fala e quem resolve... mostra-nos de novo o nosso tugúrio, já conhecemos, o torreão com a cama, a jarra e a bacia... ah! e uma estampa de Frederico... eu não tinha visto!... "Fredericos" por todos os lados... mais ainda que os Hitlers!... embaixo, nos aposentos do velho, pelo menos cinco!... eu tinha me esquecido de contar... insistem para que olhemos pela nossa seteira para o lindo parque, a alameda desenhada por Mansard... as folhas tão graciosas ao cair, os freixos imensos... o outono... muitos passarinhos... já está começando a refrescar... mas nós não tínhamos vindo para nos divertir... estamos numa estação de repouso... penso nos cigarros... em Léonard e Joseph...

"Você vai voltar sempre, Harras?

— Sempre que puder... enquanto tivermos gasolina!"

Diz ainda:

"De qualquer forma, gostaria que você pensasse em alguma coisa, colega, vai ter tempo!... para mim! alguma coisa sobre medicina e história... para mim!... falarei depois do jantar... de medicina e história... vou jantar com os von Leiden aqui em frente, na fazenda... vocês vão jantar lá embaixo com as moças da *Dienstelle*... travarão conhecimento... e com o Sr. e a Sra. Kretzer!... ah, e Kracht também! lembre-se deste nome: Kracht!... é o meu homem de confiança aqui!... os outros não, absolutamente!... ele me telefona todos os dias... se vocês tiverem alguma queixa... é só falar com ele! só com ele!..."

Não era mau ficar sabendo!... quando a gente está numa enrascada, a menor informação, um fiapo que seja, pode muito bem ser a salvação... esse Kracht não me dizia grande coisa... mas os Kretzers tinham umas caras!... veríamos depois que Harras fosse embora... e que história era aquela dele?... história e ciência?... o que tinha a ver?... seria um meio de nos cansar... o cansaço é um grande luxo que merece castigo... se o remador das galeras adormece, o remo entra-lhe na barriga e põe as tripas todas para fora... bem feito!... quando a gente passa a ser odiada, freneticamente procurada, por milhões

e milhões de estripadores, só tem um único recurso: não dormir nunca mais!

O nosso caso era muito grave! eu já percebera em toda parte!... estávamos num beco sem saída...

Mas, na verdade mesmo, onde é que nós estávamos? Ah, é, em Zornhof! no nosso primeiro jantar à mesa da *Dienstelle*... a sala de jantar do castelo, nada alegre... a gente mal se enxerga... a sombra das grandes árvores!... duas velas nas pontas da mesa... as moças, as secretárias, até que são sorridentes, amáveis, mas menos do que em Grünwald... só uma tenta falar conosco, uma corcundinha... ah, eis o Kracht!... o contador nos apresenta... é um S.S. uniformizado... é farmacêutico na vida civil... mobilizado, é S.S.-chefe de Zornhof... esteve na frente do Leste, está descansando... não é um rapaz antipático... mas também não é muito comunicativo... parece que acredita na coisa... seria mesmo o primeiro nazista a se assemelhar àquilo que eles deviam ser, tapados, bem burros... feroz, com certeza... não é velho, uns trinta anos... divertido, um Homais* nazista!... ah, começa a falar!... todo mundo escuta... eu traduzo para Lili e La Vigue... os fatos, os comunicados...

"Olhe, pergunte a ele sobre o complô"...

Le Vigan quer saber... eu acho que não é pergunta que se faça... mas o tal Kracht ouviu...

"É verdade! há traidores, sim!... mas serão castigados!"

Ora, é muito simples!... repete em alemão para a mesa toda compreender... a mesa toda diz *ja! ja! sicher!* claro!... E o Sr. e a Sra. Kretzer... Kracht deve botar tudo no relatório "conversas à mesa"... os outros sabem... quanto à comida, não vejo grande coisa... a Kretzer pede-nos os cupons... Lili os dá... e agora, o que vamos comer? uma moça traz uma sopeira... temos direito a três conchas de um líquido insosso, morno... não vejo as moças provarem, nem os Kretzer, nem Kracht... acho que estão nos gozando... esperemos para ver o que segue... não há mais nada!... a Sra. Kretzer diz *mahlzeit!* em voz alta e levanta-se... todo mundo se levanta... saudação a Hitler, *heil!*... está acabado!... cada um torna a pôr a cadeira no lugar

---

* Personagem do romance *Madame Bovary*, de Flaubert, farmacêutico cuja predileção pelos lugares-comuns se tornou proverbial. (N. da T.)

e vai-se embora... para onde? para o escritório?... para os quartos?... pedimos uns restos para Bébert... mas restos de quê?... aparece o restinho!... meia batata no seu molho... não faço comentários... La Vigue faz, e alto...

"Foi pra isso que você deu os nossos cupons, Lili?... ai, que fome!... vocês também não estão morrendo de fome?

— Estamos sim!... vamos contar a Harras!

— Ora, Harras pouco se importa!... vocês não repararam na barriga dele?... deve estar se tratando, neste momento! você está sonhando, Ferdine!... na fazenda não falta nada, vocês não viram os gansos?... mas não são para o nosso bico!... em Grünwald havia sanduíches!... foi para isso que nos trouxeram! Para a gente morrer aqui!"

Falava alto...

"Mas isso já está combinado, Ferdine! onde é que você está com a cabeça? estão todos mancomunados! o chifrudo, Harras, a perua, o *Landrat!*... estão de perfeito acordo!... escute o que eu vou dizer!... quando saímos de Baden-Baden, a questão era não fazermos papel de bobos! merda e saudações!... não se vai ao norte! a leste! ao sul! volta-se à França!

— La Vigue, você está tendo visões! na França arrancariam sua pele! é isso, a pele!"

Começa a pensar...

"Ferdinand, eu admito, está certo!... eu sinto que você tem razão! é por isso que aqui eles tomam essas liberdades! eles sabem!

— E agora diga-me, e o seu quarto?

— Você vai ver só!... é uma beleza! vem cá!..."

Vou atrás dele... no subsolo... a escadinha... um corredor comprido... é uma cela fazendo as vezes de quarto, com grades... depois da cozinha, à esquerda... cozinha? isto é, uma espécie, nunca se viu ninguém por lá...

"E o cachorro, você está vendo?

— Está ali, mas não está rosnando...

— Não tem cara muito boa..."

Um enorme cão, mas bem magro, deitado de lado no ladrilho, não deviam dar-lhe muito o que comer... em todos os regimes há quem viva para a austeridade e a virtude... os fracos e os animais... quando se passava perto dele, rosnava um pouco...

seria capaz de nos comer?... além de fazê-lo jejuar, para demonstrar virtude, o velho von Leiden, comandante dos ulanos, saía com ele todos os dias, levava-o para dar uma volta pelo território, ele de bicicleta e o cachorro na correia... para todo o povoado ver que o enorme Iago estava morrendo de fome, que no castelo a coisa não era brincadeira... eu também nos via assim qualquer dia, atrelados a alguma coisa, os três, como trabalhadores bem típicos... pelo jeito como tínhamos jantado, sopa morna e *heil,* não havia muito a fazer... as moças não estavam magras, eram até bem roliças, mas não era da sopa!... deviam se desforrar em casa, a portas fechadas, e tome chucrute e salsichão... que ficassem para nós as sopas transparentes!... primeiro, o cheiro era bom demais! o terraço inteiro em frente aos quartos delas, com certeza estavam preparando seus quitutes, todas cozinhando, cheirava um pouco em toda a parte! de dar apetite!... só na sala de jantar que não... até o corredor do subsolo tem um cheirinho!... a gente não percebia logo... eu digo a La Vigue... "vamos lá!..." era preciso empurrar uma porta pesada... duas portas!... havia qualquer coisa num fogo de lenha!... um subsolo enorme ocupava toda a área da torre, e nós que pensávamos que aquele cômodo estava vazio! o fogo até que estava bem aceso, três fogões e uns caldeirões!... duas mulheres descalças e duas meninas amarrando pernis de carneiro... com toucinho!... nem se importam conosco, começam a rir... tínhamos achado a cozinha deles!... depois eu soube... soube tudo... aquelas garotas faziam parte do bando que divertia o velho, formavam todas uma tropilha lá em cima, russas e polacas... o velho tinha oitenta anos e ainda montara a cavalo até o ano anterior... agora o esporte era outro, eram as garotas que montavam nele, que o faziam andar de quatro... "upa, cavalinho!" batendo nele com o chicote!... até sangrar! ele adorava!... ao redor de todo o gabinete! mais depressa! mais depressa!... *los!*... até o quarto dele, ao lado... gritava para elas: "bruxas! bruxas!"... com as velhas nádegas de fora!...

Ele tinha muitos livros lá embaixo... e também em cima, na outra torre... na casa da irmã, Marie-Thérèse... vou falar dela depois... no torreão da outra ala do castelo... Paul de Kock... Dumas pai e filho... Murger... só queria saber de Paul de Kock... soube tudo isso por Isis... depois das andanças de

quatro, ele desabava, ficava deitado horas a fio com as nádegas bem vermelhas e a língua de fora... gostava de apanhar, o velho sujo, mas não de se privar da boa comida!... a cozinha de baixo, a do corredor de La Vigue, funcionava só para ele, ele não queria comer nada da fazenda, desconfiava de alguns petiscos...

Enquanto isso, a *Frau* Kretzer tinha se apoderado de todos os nossos cupons! não eram muitos! mas mesmo assim poderíamos ter conseguido pelo menos um pouco de margarina... e duzentos gramas de *leberwurst*... eu digo a Lili:

"Peça-os de volta a ela, iremos nós mesmos!... deve haver algum armazém aqui... ou em Moorsburg! peça com gentileza...

Com Lili eu posso ficar tranqüilo, nunca iria ofender ninguém... mas também nunca iriam devolver nada a ela... se ela não conseguir, La Vigue tentará... enquanto isso, paciência!... até Harras voltar!... tomara que termine logo o banquete com o malvado do perneta, Isis e o ulano... eu vou lhe dizer o que penso das hospitalidades do *Reich*... o *Landrat*, o ulano, come lá em frente... ele fala francês, segundo consta... não o ouvimos falar muito! ele não se dignara... ah, vem vindo gente!... ouvimos vozes!... vamos ver... sim, todos!... e com eles, o aleijado carregado por um prisioneiro russo, um fortão, o perneta segura-o pelo pescoço, os tocos das pernas ao redor da cintura dele... o aleijado nos olha de cima, trepado como está... pergunta em alemão:

"Então, franceses, tudo bem?"

Respondo logo:

"Melhor, impossível!"

Não quero que Le Vigan seja o primeiro a falar, eles estão todos um pouco exaltados... o *Landrat* principalmente... fala com a gente pela primeira vez... e em francês...

"Vão passear então?

— Claro, Sr. *Landrat!* se o senhor der licença...

— Dou!... dou sim!

— Não conhecem Zornhof?

— Não, Sr. *Landrat!*

— A baronesa vai lhes mostrar!..."

Logo, um projeto de excursão... ela nos levará... íamos ver que lugares soberbos!... as belezas da Prússia... e principal-

mente a grande floresta, única na Europa!... a única floresta de sequóias!... árvores gigantescas!... três mil hectares!... duas serrarias!... podíamos ver as árvores de longe!...

Nós víamos um pouco, com efeito, muito longe... esses von Leiden não têm nada de pobres coitados, penso eu, são ricos... verdadeiros senhores de imensos domínios... as refeições *mahlzeit* de água morna são propositais! é só olhar para a pança deles! até o aleijado é pançudo... eu não quero exasperar La Vigue até ele se zangar, seria pior do que em Baden-Baden, para onde é que iam mandar a gente?

"Muito contentes, caro Harras! não é, Lili? não é, La Vigue? que árvores prodigiosas as sequóias! sessenta metros! eu já tinha visto florestas assim na Califórnia mas não sabia que na Europa...

— Vocês vão ver... vão ver, Céline!... a baronesa vai ter o maior prazer!..."

Observo que o Simmer usa pó-de-arroz, batom e tem as unhas feitas... seria por acaso pederasta?... mas isso não o impediria, com certeza, de fazer o necessário com a *baronin*... são raros os invertidos totais, a maioria tem muitos filhos e são pais e avós exemplares... aquele ali, o Simmer, carregado de anéis, um com um cabochão bem grande, outro com o seu brasão e uma ametista, e no dedo mínimo um grande camafeu... além das três cruzes de ferro... é religioso, vejo que usa um cordão de ouro com um Espírito Santo pendurado... soube depois... eram todos podres de ricos... acho que não se dariam mal com refugiados como eles, bem alimentados, os Carbuccia por exemplo, os Gallimard, os Laval, mas nós, ali, pálidos, tristes porque ainda não tínhamos sido enforcados? a verdadeira cortina de ferro é a que existe entre os ricos e os miseráveis... as questões de idéias são ninharias entre fortunas iguais... o nazista opulento, um morador do Kremlin, o administrador da Gnome et Rhône são vinho da mesma pipa, trocam suas mulheres, bebericam o mesmo *Scotch,* percorrem os mesmos campos de golfe, regateiam os mesmos helicópteros, abrem juntos a estação de caça, tomam café da manhã em Honolulu e ceiam em Saint-Moritz!... e o resto que vá à merda!... é tudo besteira! os pobres-diabos suados que dão duro, que reivindicam, que dêem o fora com o rabo entre as pernas! é isso, o que pensam de nós, na certa!... os quatro e o aleijado na garupa do gigante... têm no rosto um

esboço de careta só de nos olharem... pergunto o nome do brutamontes...

"Nicolas!"

Harras conta-me de onde ele veio, do fundo do Leste, prisioneiro ferido, tinha sido ele próprio que o trouxera, para trabalhar na fazenda e na *Dienstelle*... mas a única coisa que ele faz é carregar o aleijado...

Ah, agora que eles tinham vindo nos visitar... querem nos mostrar os estábulos... atravessamos de novo o parque com eles... é um consolo, a gente pode observar como as pessoas se acomodam, tiram proveito das revoluções, se instalam o melhor que podem, em qualquer guerra ou terremoto... tudo pode desabar!... e daí? o que se há de fazer?... a vida passa!... um mês!... um ano!... e de repente, lá estão eles! instalados em outra situação ainda melhor, numa boa! só vamos ver depois da "atômica"!... formigas, cupins, revivendo das cinzas! vão reaparecer com o maior conforto, nessas galerias com ar condicionado nos subsolos do Kilimanjaro... *private!* lá estava o colosso, Nicolas, que viera do extremo do mar Cáspio, ferido, prisioneiro, para carregar o aleijado por todos os lados! os von Leiden não deviam estar passando nenhuma necessidade! Nicolas também não!... não estava ali pela virtude... esta era para nós e para lago!... ele devia receber ração dupla de carregador-enfermeiro!... eu estava esperando que saíssemos dos estábulos para falar com Harras a sós... mas qual nada!... é ele que tem algo a me dizer!... urgente!... leva-me para outra sala... que eu não conhecia... olho em volta... Luís XV... nada mal... seis janelas dando para a planície embaixo, via-se logo o laguinho, aquele mesmo do quarto de La Vigue... e gansos, e mais gansos... e outro lago cheio de juncos...

"Esta planície vai até o Ural, Céline!"

Ele já me tinha dito...

"Sim, até o Ural... mas primeiro Berlim!... vocês vão ver os bombardeios... os incêndios!...

— Logo?

— Oh, daqui a uns oito, dez dias!... aqui, não é? vocês não correm nenhum perigo!

— Você acha?

— Não vão prestar atenção em Zornhof!... o principal, nos tempos que correm, é ser pequeno, não merecer as bombas!

— Nós não merecemos?

— Não!... nem von Leiden nem a esposa nem o pai... nem os Kretzer...

— O velho tem uma irmã?

— Tem, no outro torreão... nunca se vê, a não ser nos domingos, na igreja, tocando órgão... quer dizer, agora eu não sei, os costumes mudam, você vai ver, talvez tenha se tornado leviana... mas há uma coisa que não vai mudar nunca: ela não gosta do irmão... do *Rittmeister!* nem do aleijado! nem de Isis!

— Bem, Harras, eu já sei... nós não vamos morrer de bomba, mas do que eles nos dão para comer, é coisa certa!

— Tem razão, Céline, toda a razão!... mas vocês estão melhor aqui do que em Paris!... não se esqueça disso!... não se esqueça nunca!... que toda essa gente, Kretzer, o *Landrat*, o velho von Leiden, o filho, a irmã, as moças do escritório, o bando todo não vale nem a forca... ora! mas claro... vocês estão melhor do que em Berlim, isso é o principal! Berlim vai ser, dentro de pouco tempo, um incêndio só!...

— Não pense, Harras, que eu estou me queixando!... mil calorias bastariam, mas a sopa não tem nem trezentas...

— Eu sei, a Kretzer apanhou os cupons...

— Todos, Harras!

— Vou dizer-lhe o que penso e depois vou falar com Isis, tudo vai se acomodar!

— Não acredito muito na Sra. von Leiden, talvez seja pior do que o filho, nem no velho... nem nos prisioneiros... esses nós já vimos, detestam-se mas estão maravilhosamente de acordo em que somos o que há de pior no mundo e que é horrível que estejamos aqui, e não enforcados!

— Você acha, Céline?... já lhe disseram?

— Harras, se eu esperasse que nos dissessem, há muito tempo que nos teriam liquidado...

— Tem razão, meu valente amigo, mas e agora? pelo menos vocês têm um teto, na França não teriam a menor chance!... aqui vocês terão o que comer! se quiserem... acha que as coisas vão tão bem entre nós? até entre o *Landrat* e os von Leiden?...

— Vivem como cão e gato... tenho certeza!... admito!... mas você não se priva de nada enquanto espera a derrocada final!... já é alguma coisa!...

— Você tem razão! mas é muito desagradável, acredite, colega!... toda essa gente denuncia, faz complôs!... delira!... não são só os prisioneiros! o pessoal da aldeia, todos!... *bibelforscher* também!... acho que até os gansos!... e as vacas!...

— Só imagino! mas denunciar o quê? e a quem?

— Tudo!... a Adolf Hitler! à Chancelaria!... o que não existe eles inventam! pois inventaram as Cruzadas, não é?... então?... não é só em Zornhof, em toda a Alemanha!... em vinte!... trinta mil povoados como este!... na França também é a mesma coisa!... antinazistas!... as Cruzadas! o *Landrat* prende muita gente... não há árvores que cheguem para enforcar tanta gente!... ah, se os coelhos falassem! os prisioneiros são grandes caçadores!... dois foram fuzilados na semana passada... eu já disse... esse *Landrat* não é bom mas, bom ou mau, seria a mesma coisa, ele sabe o que o espera, não é bobo, ele se vinga com antecedência... quando vocês estiverem passeando em Zornhof, não entrem nas casas, mesmo que sejam convidados... principalmente se forem convidados... são todos alemães, dizem eles, famílias alemãs... os homens estão na frente, lutando... mas na verdade são todos eslavos, há duas gerações aqui, mas permanecem eslavos... e eles nos detestam, polacos ou russos... os árabes também estão morrendo por vocês, são os seus melhores soldados, mas detestam vocês... é claro, os gladiadores romanos detestavam Roma!... aqui, os lansquenetes detestavam os seus comandantes... não paravam de guerrear por uma religião ou outra, não acreditavam em nada!... e faziam guerra contra outros lansquenetes tão ladrões, tão malandros quanto eles, de outras aldeias!... das mesmas, às vezes!... a coragem, a morte não querem dizer nada... os psicólogos são ridículos, os moralistas estão enganados a respeito de tudo... só existem os fatos e não duram muito tempo... por enquanto uma coisa é certa, os russos vão até Berlim e um pouco além... aqui eles estão em casa, nós não!... o pastor daqui é alemão, Rieder, vocês vão conhecê-lo, se ele tornar a aparecer! tão antinazista quanto os russos... nós já não temos polícia que chegue... em todo caso,

já os avisei, os mais perigosos para vocês ainda são os prisioneiros franceses...

— Harras, estamos acostumados!... ao ódio da família...

— Em todo caso, aqui não há nada a temer!... Kracht está aí!

— Está, mas que situação precária!...

— Um pássaro incauto... e o caçador!...

— Três, Harras!... e à míngua... estou vendo que é impossível!

— Não! não! venha por aqui!... tudo o que você quiser, Céline!"

Leva-me para o fundo da sala... um armário de duas portas... Luís XV, rosa e cinza-pérola, escancara-o, me dá as chaves... três chaves... três fechaduras... vejo que ainda há outras portas fechadas... *clac! clac!*... ele tem razão!... não ia nos faltar nada...

"Há de tudo, não é?"

Conservas até o teto... do outro lado, garrafas e cigarros... caixas de Navy Cut e Camel!...

"Dá para um regimento, Céline! apanhe tudo o que quiser mas não diga nada! a ninguém... como eles!... faça como eles!

— Harras, eles já devem ter vindo aqui!... não têm as chaves mas devem ter-se servido mesmo assim!...

— Não muito, Céline, não muito, estou vendo... eles sabem que eu sei... tudo isto vem de Portugal... não cozinhem nada... só comam presunto, patê de porco, manteiga... sardinhas... e tudo no quarto... como eles! joguem as latas vazias bem longe... quando saírem a passeio!

— No Ural?

— Não... tão longe não, mas nas lagoas... eles vão procurar... eles estão de olho... você sabe... e principalmente comportem-se à mesa!... repitam a sopa, como se estivessem sempre com fome... como se a apreciassem! e cada vez com mais fome! e o ar também! o ar livre!... os longos passeios!"

Toc! toc! é Lili... abro a porta... ela desculpa-se... tinha estado nos aposentos dos Kretzer, eles têm um andar só para eles... a outra escada...

"E então?"

— Eu lhe pedi que devolvesse os cupons, que queríamos que ela nos devolvesse, que íamos a Moorsburg comprar *leberwurst*... nós mesmos!

— Ela não quis?

— Não, disse que não valia a pena, que o marido dela iria... e teve um ataque! que nós não confiávamos nela! que pensávamos que era uma ladra!... que ela era uma mãe mártir!... que os seus dois filhos tinham sido mortos!... e pelos franceses!... chorei junto com ela, tanto quanto pude... ela não me deixou sair... estava furiosa...

"Vocês não me acreditam!"

"Mas claro que acreditamos!"

"Ela me mostrou as duas túnicas dos seus filhos... uma ornada de alamares, a outra, uma jaqueta com debruns... as duas rasgadas, furadas... cheias de coágulos secos...

"Eram mesmo dos filhos dela?"

Pergunto a Harras.

"São sim!... os dois filhos!... mas nem por isso ela é menos malvada!... acho que é até envenenadora... oh!, não é só ela!..."

"Não é só ela!" lembra-me outras coisas que eu tinha ouvido... pedaços de frases entre ele e Kracht... eu não ia pedir explicações... mas não eram coisa boa!... Lili tinha trazido as fotografias para nos mostrar... tinha prometido... realmente, vemos os dois rapazes de vinte a vinte e cinco anos, os dois artilheiros... parecem-se com a mãe... tinham sido mortos no mesmo dia... havia quatro anos... em frente a Péronne... Harras tinha conhecido os dois filhos...

E Bébert?... eu estava pensando nele... não gostava muito de presunto nem de sardinhas... o que queria era peixe vivo... felizmente havia a corcunda... aquela era mesmo muito amável... o pai morava em Berlim, num grande *bunker*... era pescador do Spree... vinha a calhar... todas as segundas-feiras, a filha nos trazia uma garrafa cheia de peixinhos... estava combinado... Bébert se regalaria a semana inteira... passasse o tempo que passasse!... há sempre um bom coração onde quer que seja, não se pode dizer que tudo seja crime...

Harras não era um nazista malvado mas... mas... era melhor esperar!...

"Harras, quando vai embora, colega?

— Amanhã de manhã! se você quiser, Céline, vou lhe pedir um pequeno conselho... e um trabalhinho... se você quiser, é claro!... vou lhe pedir para conversarmos, se estiver de acordo... um projeto! esta noite! depois do jantar estaremos sossegados?... aceita?...

— Mas claro, Harras! claro!... mas não muito tarde...

— Às nove horas!... às nove está bem?

— Está... eu estarei lá... Lili também... e La Vigue... e Bébert...

— Claro!"

*

Eu conhecia Harras, confesso, há anos, e nunca tivera a impressão de que ele nos levava a sério, mas também de que zombava de nós... éramos franceses e pronto... mais tarde, com tantos e tantos outros, eu tive a certeza de que nos achavam uns palhaços... e depois, todos os dias na França... acho que a vida inteira... quanto a isso, a pior espécie de sujeira, a mais temível: os benfeitores, que são os piores sádicos... divertem-se às gargalhadas com as contorsões da gente... que corja!... como o público de touradas e de todos os circos... desde o momento em que a gente não pode mais "dar queixa", a gente se torna um joguete, é só uma questão de fazer a gente dar mais ou menos gritos... a gente tem tudo a temer, primeiro o delegado que tira as impressões digitais para o Registro de Procurados... e os retratos... a cara da gente... o melhor divertimento para as famílias!... ah! olha só este aqui, não tem mais direito de "dar queixa", vamos preparar umas boas para ele! primeiro pôr fogo na cama dele, na mesa, nas cadeiras... e obrigá-lo a passar por um desses interrogatórios no Tribunal, que as tripas dele vão pular da barriga... ele vai dar a volta ao mundo em passo de corrida por caminhos cobertos de cacos de vidro e pistas de tábuas com pregos!... eu não temia Harras quanto a esse tipo de distrações!... com ele, eram as "ausências"!... a gente podia estar falando com ele e, de repente, *zás!*... ele deixava de estar ali com a gente, cordato!... ríspido!... era outra pessoa!... uma certa exaltação... o olhar... as palavras... mais tarde...

muito mais tarde... quando tornei a pensar nele e em outros alemães, médicos e doentes, como eu me aborrecia ao vê-los se perderem naqueles "estados secundários"!... mais tarde, muito mais tarde, compreendi que era o jeito deles, uma inspiração, um transe *místico*... coitado do Harras, era fatal que ele acabasse tão mal!... ainda muito pior do que eu!...

Oh, desculpem!... estava me extraviando! mas tínhamos um ponto em comum!... Harras e eu... pontualíssimos! militares!... às nove horas... desço até à sala... encontro-o à porta... entramos... ele torna a fechá-la... olho para a cara dele... comeu bem, e bebeu também... fico a escutá-lo...

"Meu caro Céline, chegou a hora, creio eu, de todos nós, de a nova Europa dar conhecimento ao grande público da antigüidade da colaboração entre as nossas duas nações em todas as áreas, na filosofia, na literatura, na ciência e na medicina! na medicina! a nossa seara, caro Céline!... há oito séculos, quantos professores alemães ensinaram nas suas escolas?... você imagina?... em Montpellier?... em Paris?... na Sorbonne?..."

É a ocasião de parecer convencido... de concordar...

"Vai encontrar tudo aqui!... nestas pastas!"

Um cofre que eu não abrira... algumas peças de veludo... e pastas! Quantas pastas!

"Tudo isso vem do Arquivo... do Museu das Ciências..."

É um meio, pelo que entendo, de nos manter ocupados!... oficialmente!... uma pilha de papéis!... mais outra! vários manuscritos em gótico... gótico verde e vermelho... e os retratos dos professores!... gravuras em madeira...

"Você vai me fazer este favor, Céline? você me compreende?"

Eu percebo o que ele está querendo...

"É claro! claro, Harras!"

Uma redação que eu ia arrastar por um mês... dois... os outros não iam se meter... não seríamos parasitas ociosos!... nós! mas sim propagandistas históricos!... *prima! prima!* excelente! *ooooh!*... começa a rir de novo! que graça!... oh! achamos outra gravura... os *Quatro Cavaleiros* de Dürer...

"Esta é para o nosso prefácio, não?

— Boa idéia!...

— Mas cuidado! muito cuidado, Céline! houve uma grande revolução! você sabe, não? a Peste tornou-se bem pequena...

a Fome também... pequenininha!... a Morte e a Guerra, enormes!... já não são as proporções de Dürer!... tudo mudou!... você concorda?..."

Claro que concordo!

"Oh! é o Apocalipse mesmo! mas sem a Peste e a Fome!

— A Fome ainda um pouco..." retruco...

"Você tem o armário inteiro, Céline! *ooooh!*"

Que engraçado!

"Em Berlim é uma calamidade, eu já lhe disse, Céline, você viu os telegramas, as epidemias não pegam mais... nem na Mongólia... nem na Índia... a guerra no tempo de Dürer teria acabado há dois anos!... esta não pode acabar nunca... diga isso no prefácio!... dois cavaleiros ao invés de quatro!... que pobreza!

— Harras, às suas ordens! tudo será escrito!

— O Apocalipse vacinado! é impossível!

— Eu compreendo!... estou vendo, Harras!"

Ele estava com a corda toda... eu pensava em Lili, ela devia estar um pouco preocupada... estava com Bébert... La Vigue no seu porão-cela não devia estar muito tranqüilo também... eu queria que Harras calasse a boca, que me deixasse subir... mas ele estava mais do que acostumado aos encontros internacionais... eu conheço bem o meio, já dei a volta ao mundo várias vezes com muitos sábios como ele... nesse caso, pode-se dizer que a razão não existe mais... é só prestar atenção!... não são só os políticos que dizem besteiras, os sábios também! são loucos por um auditório! solilóquios!... colóquios! há mais asneiras nos anais das Altas Instituições técnicas do que nos relatórios da Câmara... ou nos jornais... e não é só aqui, seria bom demais, em tudo: astronomia, histologia, em todos os meridianos possíveis... não há cor de pele, cortina de ferro, seita ou raça que resistam! quem ganha é quem diz mais besteiras!... são todos fanáticos, fascinados!... tanto doutos como ignaros! de joelhos! são tantas burrices que passam da Lua, não se sabe até onde irão parar de uma galáxia à outra!... mil anos!... mil anos!... eu já estava vendo Harras bem encaminhado... de uma coisa eu tinha certeza, pouco a pouco ele estava me dando sono!... falando de papéis... e daquele prefácio!... dos Quatro Cava-

leiros!... da pequena Fome e da pequena Peste!... eu já me via passando meses às voltas com o Apocalipse!...

Na S.D.N onde estive, que coisas eu ouvi!... os mais privilegiados cérebros da época, gênios à enésima potência! Harras por mais brilhante técnico que fosse não lhes chegava aos pés! nem de longe!... estou falando do calibre dos Bertrand Russell, Curie, Luchaire... aqueles eram verdadeiros titãs na arte de não dizer nada... o Apocalipse de Harras... ora!... bolas!... só ia dar para uns dois ou três meses... não mais do que isso! aviso-o!

"*Oooooh!* temos também a arma secreta!"

Quer ainda explicar-me isso...

"Harras, por favor, vamos deixar para amanhã...

— Está bem, amanhã de noite! *heil! heil!*"

*

Lili devia estar farta, lá no nosso torreão... que mal dava para a gente ficar em pé... Harras continuava... desenvolvia a sua tese: a medicina franco-alemã através dos séculos... as provas! um calhamaço!... e mais outro!... para cada retrato, uma história!... para eu me lembrar!... um certo professor alemão em Paris, em Montpellier... desde o século XI... XII... XV... as controvérsias deles!... oh, não eram amadores! verdadeiros sábios, já... com prestígio na corte ou perseguidos... de tudo...

Vejo a porta mexer-se... desconfio... Harras não vê nada... é Lili me fazendo sinal... "está bem!"... levanto devagarinho... Harras tinha assunto para mais umas duas horas... pelo menos... é homem de varar a noite discutindo um pequeno detalhe estatístico a respeito de um "Resumo de Conclusões"... que ia ser encontrado mais tarde no fundo de um jardim, datilografado... ou de uma cabana, empapado, ilegível... imprestável... sem que ninguém saiba mais para que serve... Harras era do tipo que passava as noites a aperfeiçoar o que se devia realmente pensar daquele sarampo nas ilhas Féroé... no século XVII... naquela ocasião, a sua paixão eram os nazistas em Montpellier nos séculos XII... XV...

Tínhamos saído da sala sem ele notar... estava fazendo uma conferência... para si mesmo... podia-se ouvi-lo da escada...

mas eu, deitado no colchão de palha, não dormia... pensava: na certa, ele vai perceber!... vai se ofender!... não se ouvia só o eco das palavras dele, havia o eco dos *bruuum!* ao longe... ele nem se incomodava, continuou mais uma hora e meia falando dos professores do século XII... nós estávamos descansando um pouco... eu estava quase cochilando... paciência!... *toc! toc!* não é surpresa!... é ele!... à porta!

"Colega! colega! com licença! tenho de ir embora!"

Levanto-me... vou falar com ele... está de pé num degrau... em traje completo de campanha... capa tríplice... granadas com cabos... estou a vê-lo muito bem, parece que estamos no cinema... ele com o seu grande *torch,* destacando-se no fundo escuro da escada.

"Vou partir imediatamente, Céline, é preciso!

— As coisas vão mal?

— Oh, andaram bombardeando um pouco... você não ouviu?

— Ouvi... mas longe!...

— É melhor viajar de noite!... eles só se preocupam com as estradas de dia!...

— Boa sorte, caro Harras!

— Vai preparar tudo?

— Tudo o quê?

— O resumo do arquivo, ora!

— Mas claro, meu caro Harras!... daqui a oito dias estará pronto!

— Mais devagar... Céline! mais devagar!... não se afobe!

— Às ordens, Harras! às suas ordens!

— Espere um pouco... posso entrar? só uma palavrinha! desculpe, senhora!"

Convido-o a entrar...

"Mas claro... Harras!"

Fecho a porta atrás dele... nós nunca o tínhamos visto em traje de guerra... ele, que já é enorme, parece um monstro!... principalmente no nosso torreão... é alto demais... tem de baixar a cabeça...

"Pois é, meus amigos, cuidado! não sei quando poderei voltar! Kracht vai telefonar para mim... talvez eu volte à frente russa... quem sabe?... ou vá de novo a Lisboa, isso vai depender. Vocês, aqui, já sabem... não se mexam... quanto às pessoas, já as avi-

sei!... primeiro o *Landrat,* vocês já o conhecem... quando o virem de longe, não tentem falar com ele, é um velho absurdo e mau... já viram como são o castelo e a fazenda... o outro velho, o *Rittmeister* das garotas, não é perigoso... são só manias de velho!... o filho de von Leiden, o inválido, e a mulher, da granja em frente, têm uma filhinha, Cillie... esta menina virá visitá-los, está combinado, vai trazer leite para vocês e Bébert... vejamos! vejamos!..."

Fica pensando...

"A mulher do filho, Isis, tem um temperamento difícil... não está na menopausa mas não anda longe... uma mulher bonita e que não foi compreendida, sabe?

— Ah, sim! sim!... claro...

— Espere... uma complicação!... o perneta toma drogas... é drogado... está aleijado há quatro anos... mais ou menos... as duas pernas... esclerose em placas? siringomielia?... já foi examinado dez vezes... vinte vezes... Paget? vamos ver o que vai acontecer para diagnosticar! não é?

— Claro!... claro!...

— Tem ataques do tipo tabífico mas não é tabe... o desenrolar do caso vai demonstrar, não?... são muito dolorosos... ele também é psicótico, claramente, e nisso é perigoso... tem cada acesso de raiva!... não era um homem mau em tempos normais, mas agora é... com a mulher, a filha, com todos, com vocês, se começar a encontrá-los... dei-lhe os calmantes costumeiros... e injeções... e por fim, ópio... em xarope... o coração dele também está falhando... ele vai pedir para você auscultá-lo... a mulher, Isis, faz tudo o que pode... eu digo a ela: cuidado com o excesso de remédios!... não é verdade? nesses casos, a gente fica sempre na dúvida... Kracht vai contar para você... ah! tem mais uma coisa... eu ia esquecendo! você ainda não a viu!... no outro torreão, ali, no alto!... Marie-Thérèse von Leiden, a irmã do velho... na outra torre do castelo... *baronin* Marie-Thérèse!... ela não recebe nem o irmão nem o sobrinho nem principalmente a sobrinha, Isis!... mora só, ela própria vai buscar o que lhe falta em Moorsburg, cozinha em casa, faz os seus pratinhos, tem medo de ser envenenada... só sai de casa às quintas-feiras para ir a Moorsburg... e aos domingos para tocar órgão...

talvez vocês vão à igreja... o pastor Rieder! antinazista!... ela toca muito bem... vocês poderão ouvi-la tocar piano em casa, ela vai convidá-los, é muito amável, quando quer... fala francês, foi criada na Suíça... como todas as moças de boas famílias da época!"

Resumindo:

"Pronto, agora vocês já sabem de tudo... tomem cuidado com os Kretzer... se eles hostilizarem vocês, Kracht irá me telefonar...

— Está bem, meu caro Harras, está combinado!

— E o meu trabalho?

— Vou me entregar a ele de corpo e alma!

— Que bom!... Céline, seu malandro!"

Oooooh! achava tudo engraçado!... vieram os apertos de mão!

"Desculpe, Sra. Céline! perdoe-me! perdoe-me!"

Desço com ele... quero ver como vai partir... ele concorda... Kracht está ao pé da escada com duas grandes malas abarrotadas.

"Você não está levando os documentos, Harras?

— Oh, não há perigo! tudo isso são víveres! frangos! manteiga!... presuntos! não lhe estou escondendo nada!

— Harras, você é um bom amigo!"

Colocamos as malas no carro... e ele dá a partida... engrena o motor!... e a caminho!... saudações hitleristas!

"Não se esqueça, Céline!

— Claro que não!... e fraternidade!"

Kracht aperta-me a mão, é a primeira vez que faz isso... não é comunicativo... volta para casa... e eu, para o meu torreão... o carro vai longe... ainda se ouve...

E também, mais longe... bem mais longe... uma porção de *paf! paf!*... a "Passiva" deles rebentando... não tinha havido alerta... aqui, o alerta era um toque de corneta... eles me contaram... o guarda-civil, Hjalmar, dá uma volta pelo povoado... é mais velho do que o velho von Leiden... quando é urgente, toca o tambor... só houve caso de urgência uma vez e por engano... era um avião alemão do campo ao lado que caíra em Platzdorf... fica a meio-caminho entre Moorsburg e nós...

*

La Vigue subiu conosco... não podíamos nos descuidar depois do que ficamos sabendo sobre aquele Zornhof, o castelo, a fazenda e os von Leiden... e sobre Kracht, o S.S. farmacêutico, espião... e sobre o pessoal da *Dienstelle*... Harras se livrara tranqüilamente de nós... estávamos muito melhor em Grünwald... mas quem sabe? talvez não... talvez estivéssemos mais bem situados em Zornhof... a partir do momento em que a gente não tem mais nada que dizer e só tem que obedecer, não tem mais nada a esperar, vira bicho...

Oh, é este o caso do mundo de hoje! todo mundo à espera do "Sputnik" que vem vindo! até no fundo de uma mina, eles preferem qualquer coisa, aceitam tudo!... menos o "Sputnik"!... todo mundo sai correndo para os vagonetes! ora! e cada um por si! toda essa gente já botou banca desde 44... mas acabou-se a festa... os gângsteres que dêem o fora... nós ali em Zornhof tínhamos ainda que passar por muita coisa!... estávamos à mercê... e pronto!... toda aquela gente à nossa volta, os prisioneiros, os nazistas do povoado, ou os russos ou polacos só podiam ter más intenções... a mesma coisa na França, onde todos os nossos irmãos nos esperam na Bretanha e em Montmartre para nos fazer em pedaços... portanto, muito engraçado! a pequena Esther tem o mundo inteiro a seu favor, nós o munto inteiro contra... a pequena Esther Loyola estava preparando o seu filme nos sótãos de Autredam... de nós não filmaram nada... cadeia e silêncio!... só propaganda? impostura, do outro lado: ruína, vergonha...

Em torno do Mirrus nós discutíamos um pouco sobre o que se faria... sobre o que não deveríamos fazer de maneira alguma... quase tudo... o que nós tínhamos visto... impressões... que não eram grande coisa!... no dia seguinte veríamos... enquanto isso, ao nosso suplemento... Lili tinha separado, e eu também, do jantar, duas fatias de pão preto... La Vigue, aipo e miolo de pão... repartimos... as aranhas vêm espiar... penduradas do teto, estão de olho em nós... e *zzz*! tornam a enrolar-se... são umas curiosas... é verdade que estamos na casa delas... La Vigue quer dar uma olhada embaixo, na sua cela, mas quer que eu vá com ele!... bem!... neste caso, vamos os três! deixamos Bébert... pegamos uma vela... vamos passar em frente aos

quartos de todas as secretárias da *Dienstelle*... não se vê nada exceto uns pequenos clarões debaixo de cada porta... e uns cochichos... e também vozes de rádios... não há mais eletricidade... são rádios de pilha... as moças da *Dienstelle* devem estar dando as suas festinhas, só para elas... há hora para tudo, há hora para ser discreto... descemos, pois, os grandes degraus... chamamos Iago lá de cima para ele ficar sabendo... tudo bem, ele não rosna muito alto... só para dizer que nos ouviu... deixa-nos passar... vamos ver a tal cela!...

Tantas aranhas como no nosso quarto... e tornamos a passar diante de Iago... e voltamos aos nossos colchões... gostaríamos de poder desligar-nos completamente, dormir... mas é justamente aquela, a hora das preocupações! o mundo dos gregos, o mundo trágico, preocupações todos os dias e todas as noites... a mesma coisa para os fora-da-lei... o mundo novo, comuno-burguês, que faz sermão, infinitamente hipócrita, automobilista, alcoólatra, comilão, canceroso, só conhece duas angústias: "o próprio rabo? e a sua conta?" quanto ao resto, que vá à merda! Prolos e Plutão juntos! totalmente de acordo!... nós ali, pobres-diabos encurralados, não tínhamos que dormir!... tínhamos que pensar nas nossas mancadas... o que nós devíamos ter dito... o que não devíamos... exames de consciência... bastava uma bobagem para nos perdermos... La Vigue lá embaixo na sua cela também devia estar pensando um bocado... só Bébert é que não pensava em nada, nós é que tínhamos de ser astuciosos... animal por animal, ele era bem mais feliz do que nós... eu não digo mais nada, não me mexo... gostaria que Lili dormisse um pouco... eu posso passar horas deitado, sem dormir... estou habituado, fico ouvindo a zoeira do meu ouvido... sei esperar o raiar do dia... a seteira fica cinzenta... depois clareia... não há muito que esperar, estamos em setembro... devem ser mais ou menos seis horas... eu não quero acordar Lili... vou chamar La Vigue... e o café, como vai ser? vou perguntar a ele... que café?... na fazenda? talvez ele saiba... desço descalço... passo de novo em frente a Iago... Iago dorme deitado na pedra... rosna para mim de leve... deixa-me passar...

La Vigue também está acordado... pergunto-lhe se pensou no café... mas claro que ele pensou!... vamos lá!... não à fazenda,

ali no corredor há uma cozinha, bem secreta, é certo, na segunda ou terceira porta... batemos um tempão!... ele as viu, são quatro, três russas e uma das garotas do velho... ninguém responde... Iago rosna quando batemos... as outras devem receber nos quartos... como eram cheias de segredinhos aquelas putas... cada um por si!... e o velho tem a cozinha dele no porão! evidentemente eles todos têm os seus pãezinhos!... mas ele, La Vigue, como é que conseguira luz? fósforos!... mostra e oferece-me uma caixa... para ele, três fósforos bastaram para se deitar... nós também com a vela, mas é perigoso!... é uma sorte não termos provocado um incêndio!... agora vamos atrás dos pãezinhos... uma idéia... se não estão ao lado, então... na fazenda!... La Vigue veste-se... isto é, calça ou sapatos, não nos despimos mais há muito tempo... ele não demora, saímos, faz frio no parque... na primeira curva da alameda damos de cara com os forçados... parecem forçados... uma dúzia, amarrando troncos de pinheiro uns sobre os outros... o que diabo estão fazendo? quem são?... eu ia perguntar a eles... mas não deu tempo, um soldado corta-me a palavra, um soldado de verdade, um S.S. bastante velho, sai do talude... pergunta-me o que quero... e o que somos... nada amável... explico-lhe que moramos no castelo, no torreão, logo ali... refugiados franceses... e que vamos à fazenda, ver se não há alguma coisa quente... ele amolece... bem que nos daria um pouco de café, mas haviam tomado o deles às quatro horas, ele e os seus forçados... não tem mais nada!... vira o cantil de cabeça para baixo para que eu veja, nem uma gota... acordam às quatro!... tira do fundo de um bolso um cebolão de aço preto... seis e meia!... mesmo bem interessados, de boa vontade, passamos sempre por ociosos... só mesmo os forçados pra dar duro de verdade... eles, que se tinham levantado antes de o sol nascer... estavam batalhando como uns danados... dava para ver... estavam construindo uma espécie de isbá, de uns trinta metros por trinta, toda de troncos de pinheiros... e sobre vigas de madeira! com certeza tinham uma serraria... pergunto ao S.S. ... ali, não... do outro lado do povoado, no *Dancing!... Tanzhalle!...* já que o S.S. quebrou o gelo, pergunto quem são eles? "trabalhadores do Evangelho"!... eu ouvira falar neles... ah, eram esses?... marceneiros barrigudos e "pacifistas"... se

fossem franceses, bem que teriam visto o que era brincar com a Bíblia e o pacifismo, eu digo isso ao S.S....

"Hitler é bom!... na França, *Kaput!*

— *Ja! ja! hier auch!* Aqui também!"

E bate na Mauser... bem alegre!... rimos!... somos amigos! "*Heil! heil!*"

Proponho:

"Vamos ali em frente, à casa dos von Leiden?... com certeza eles têm café...

— *Sicher!* claro!..."

Pois bem, vamos... através do parque e depois, do pátio... à esquerda os estábulos, a pocilga... e os altos silos de beterrabas que cheiram tão mal... o caminho de cimento ao longo da esterqueira... que fede ainda mais... puseram de tudo nesse pátio... e mais os gansos, patos e galinhas... com certeza para vigiar tudo, para ver o que se passa do alto, da casa da fazenda... não vejo os nossos trabalhadores, os dois franceses, Léonard e Joseph... ouço cantos russos... vejo mulheres e crianças... descalços... e homens de botas... atravessando o pátio... fazem-nos gestos... gritam coisas... talvez amáveis... não! têm cara de zangados... mas têm ritmo!... devem estar indo lavrar, arar a terra... lá na planície... só se vêem montes de batatas... pequenos... enormes... compridos, até Moorsburg... todo o horizonte... devem ir para lá... o que seria aquela gente?... Harras me dissera... são todos russos trazidos da Ucrânia... estão aqui como "voluntários", supostamente... aldeias inteiras ... Ivan, também do Zenith, era "voluntário", ele era da Sibéria... e os forçados, *bibelforscher?* La Vigue observa também como eles eram gordos... todos barrigudos... e fortes! nós seríamos esmagados pelas árvores que eles estavam levando de cá para lá... para quem seriam as isbás? mais uma complicação... para os médicos finlandeses, "colaboracionistas" como nós... viriam fazer repouso ali... talvez os de Grünwald... Harras tinha me dito... eu não tinha prestado atenção... para dizer a verdade, aquela nossa guerra tinha tido filhotes por todos os cantos da Europa... eu mesmo vi a prova disso em Copenhague. Na Dinamarca, as celas estavam cheias, andares inteiros, atulhados, de todas as idades, de todas as cores, traidores belgas, iugoslavos,

lituanos, letões, apátridas, judeus, relapsos, mongóis por parte de mãe, nortistas de pai, uma salada arrevesada de cem bandeiras, em plena conquista e com a equipagem de cabeça para baixo... ali, agora, eu estava perguntando a mim mesmo se aqueles meus colegas ainda iam construir uma sauna fria, quente?... com certeza! La Vigue achava que sim! mas dessa vez eu não tinha mais granada para jogar na piscina deles... uma coisa que eu precisava saber: quem dava de comer àqueles forçados tão gordos?...

— "Vamos lá! vamos perguntar ao S.S.!..."

O S.S. explica, não lhes falta nada... na sua cozinha, no *Tanzhalle*, eles têm de tudo... ele come com eles... macarrão, aipo, cenouras, repolho... tanto quanto quisessem!... bem diferente da nossa *mahlzeit!*... de vez em quando, até um ganso, um frango, para dar gosto, dá para se arranjar... eu me informo...

"Pode encontrá-los nas estradas, atropelados!..."

Bem! é bom não esquecermos! não passa nada nas estradas... por enquanto continuamos procurando um cafezinho... dissemos a ele: "vamos à fazenda!..." no parque, com suas alamedas tão graciosas, estava fazendo um frio danado! e com a umidade, ainda por cima... é de deixar a gente sem fala... batendo o queixo... despedimo-nos do S.S.... lembrou-me a Galeria Choiseul com as mulheres preparando macarrão... a única coisa que é possível cozinhar, o macarrão na água, que não dá cheiro... é o terror das rendeiras, o cheiro de comida!... posso dizer que fui criado... passei toda a infância e a mocidade no meio desse trabalho e do macarrão cozido na água... entre os *bibelforscher!* por outras razões, a bóia era a mesma... o S.S. não nos tinha convidado mas isso ainda podia acontecer... não comento nada com La Vigue, mas ele, com certeza, também pensava nisso... ah! chegamos à fazenda... à porta da cozinha... batemos!... com força! ... ninguém responde!... como no castelo... bom, vamos procurar o filho!... subimos pela escadinha... se nos fizerem cara feia, inventaremos alguma coisa! qualquer coisa, que tínhamos vindo nos desculpar pela véspera, que eles nos tinham convidado, que tínhamos confundido o dia... só para disfarçar... cheiro de café!... que coisa! e café do bom!... quem sabe não pensaram em nós?... que engraçado!... *toc! toc!*... batemos de novo... *herein!* entramos naquela espécie de saleta... estão sentados, o

filho aleijado e Isis, diante de uma mesinha quadrada, estavam botando as cartas... Nicolas, o gigante russo que carrega o filho de von Leiden, também está ali, de pé, encostado na poltrona... estão todos tirando a sorte...

"Por que estão aqui?"

Já se via que não estava contente... era o que eu estava esperando.

"Queríamos saber se não há um pequeno *frühstück*? um cafezinho?"

Eu ia dizer: uns pãezinhos!... estava vendo uma grande cesta cheia deles... ele não me deixa terminar...

"*Frau* Kretzer está encarregada de vocês... nós não!... aqui não!"

A mulher, Isis, é menos grosseira... tenta explicar-nos...

"Desculpem!... está esgotado!... passou muito mal a noite!... mandei minha filha, Cillie, levar leite... para vocês... está lá..."

Também nos manda embora, mas menos ríspida... mas o que nós queremos é o café!... o leite, talvez!...

"Vamos lá com as cartas..."

La Vigue irrita-se...

"O que há nas cartas?

— O que é que dizem?

— Dizem pra vocês saírem daqui já, já!..."

Realmente o aleijado tinha uma energia!... naquele tronco do diabo!... tornamos a descer, sem nos despedir... sem ter conseguido nada...

"Deve haver uma padaria por aí... um armazém... um botequim...

— Podemos tentar!..."

Mas onde?... do pátio avistamos um campanário... se fosse na França, haveria alguma loja ao redor da igreja... seguimos... não há ninguém nessa espécie de rua... só gansos, em bandos... agrupados... atacando, os bicos para a frente... o pescoço na horizontal!... *cuac! cuac!* passamos... acabou-se a cólera!... esvoaçam... em direção das poças enormes, fundas, cheias de lodo e areia... estou dizendo rua mas é, antes, uma estrada... larga como uma avenida... a região é imensa, com povoados enormes, as ruas como avenidas... uma aldeia imponente, a estrada da

largura da avenida dos Champs-Elysées... à beira da estrada, choupanas, mas três, quatro vezes maiores do que as nossas... uns casebres realmente imensos... e planícies que não acabam mais... vales e mais vales... e depois, mais outro... e ainda outro!... Harras já me mostrara gracejando, uma brincadeira de nazista, mas adequada...

"Está vendo esta planície, este céu, esta estrada, esta gente?... tudo isso é muito triste, não é?... russo!... triste!... até o Ural!... e mais adiante ainda!"

Era isso mesmo... um povoado... um buraco... outro povoado... gansos... terra lavrada... pelo menos tínhamos um ponto de referência, o campanário, o relógio... nove horas!... vamos ver... se há um armazém... deve estar aberto... dois ou três cachorros latem atrás de nós... reparo que a estrada, tão larga, arrodeia Zornhof, mas é bifurcada... divide-se nas primeiras choupanas e torna a encontrar-se no final do povoado... depois continua em linha reta... muito mais longe... são paisagens feitas para a música russa, com fanfarras e guizos... regimentos de cossacos afastando-se... mas lá está o campanário... e a igreja!... chegamos! não é absolutamente como em Felixruhe, a igreja não está desabando e sim em perfeito estado!... e dentro, há uma porção de crianças fazendo faxina, esfregando os bancos... meninos e meninas!... divertindo-se a valer!... não se supreendem com a nossa chegada... fazem sinal de que vão organizar um jogo... ficarão de um lado do púlpito e nós do outro... para ver quem varre mais depressa!... e mãos à obra!... que, assim, íamos aprender um pouco de russo... compreendo... são russos e alemães... polacos também... juntos... estão em guerra... mas não na nossa... mas têm bastante ânimo... queriam que entrássemos na deles... que aprendêssemos seus gritos de guerra... *lourcha! lourcha!* devia ser para nós... eu também pergunto a eles: "onde está o pastor?"... dirijo-me aos que falam alemão... "está com as abelhas!"... deve ser nas colmeias... saímos dali quase fugidos... é preciso, estão atirando coisas em nós... vassouras, baldes, escovas, de tudo! não gostam mais de nós, não queremos brincar... o presbitério deve ser ali pertinho... vamos ver... uma casa bem limpa, pintada de novo, com as janelas aber-

tas... e meninas olhando, debruçadas... contentes... rindo... perguntamos onde está o pastor... compreendem...

"Onde está o pastor?

— Com as abelhas!

— Ali?... Ali?"

Mostramos a horta...

"Não!... não!... longe! longe!"

Estão limpando o presbitério como os outros, os bancos da igreja... mas são menos rudes... não atiram as vassouras e escovas em cima de nós... bem que poderiam, estamos bem debaixo delas... há pelo menos quatro por janela... perguntam-nos se não vamos subir... mas estão bem desconfiadas! mais tarde, na prisão, conheci soldados alemães que haviam participado da guerra contra os russos nas florestas, a leste de Trodjem, e tinham aprisionado meninas perigosíssimas, atiradoras de primeira,... tinham um macete... trepadas no alto das árvores, sabiam reconhecer o oficial a mais de dois mil metros, embora ele estivesse vestido todo de branco como os seus homens... acertavam sempre! *pum!* com uma só bala, e dançavam de alegria! é o instinto! as fêmeas sabem... as cadelas também... quem é que manda!... por exemplo, Joana d'Arc, em Chinon, reconheceu Carlos VI que estava se escondendo...

Nós, em todo caso, quanto ao café, nem uma gota... olhamos o jardim, alhos-porós... batatas... macieiras...

"As abelhas?... longe?

— Sim!... sim!... *ja!*... *ja!*... longe!... longe!..."

Acho que o pastor vai demorar a voltar... o que queremos mesmo é uma coisinha quente... principalmente para levar à Lili... dissemos adeus às gracinhas... usam todas um lenço amarrado sob o queixo... muito risonhas!

Logo depois do barracão, um enorme cartaz... *Tanzhalle!*... *Dancing*... está fechado o *Tanzhalle!*... mas dentro ouviam-se marteladas! fortes!... e ruído de serra! e um *plom! plom!* de motor... deve ser ali a oficina deles... um deles deve nos ter visto... uma porta se abre... sai um *bibelforscher*, um forçado de blusão com um círculo amarelo e vermelho, como os nossos lá da isbá... não devem falar com ninguém... mas esse fala conosco... e muito bem... o que é que queríamos?...

"Estamos procurando um botequim aberto!... *wirtschaft! wirtschaft!*"

Faz um sinal para eu esperar o seu chefe, acho... é o mesmo da isbá, acabamos de falar com ele!... também era comandante lá!... Zornhof não é grande, ele a tinha percorrido depressa... ele nos recebe.

"Mas, *teufel!*... diabo! acabou-se o café! venham ver!"

Entramos no *Tanzhalle*... ele mostra o alojamento... o chão e a palha, dormem todos ali, ele e os trinta e cinco pacifistas... a camada de palha é bastante espessa... nós dormimos em colchões bem menos espessos, não um dia mas anos a fio... quanto ao café, tarde demais, ele mostra-me o bule... falamos de alhos e bugalhos... de pulgas... eles não têm...

"*Verboten!*"

Mas aranhas... o local está cheio delas!... o nosso também!

"*Nicht verboten!* as aranhas não são proibidas!"

Ao lado vê-se a banca... as bancas... quanta ferramenta!... é daqui o ruído do motor!... é aqui que serram as toras... vejo que não são preguiçosos, estão empilhando as tábuas na estrada... são pacifistas mas fazem jus à bóia! vamos ver! os panelões deles!... ao lado do dormitório... três enormes panelões estão cozinhando... tenho que experimentar um pouco... La Vigue também... uma concha de ensopado... não há só legumes no molho!... e sim dois gansos!... forçamos o S.S. a confessar... dois gansos de que tamanho?... dois... três quilos! entendo por que os forçados são pançudos!... onde é que arranjavam?... pelo campo!... de qualquer modo é um pouco melhor do que a sopa Kretzer... penso em Lili e Bébert... que belo passeio o nosso, fôramos enxotados da fazenda mas estávamos fartos de sopa... egoístas! uma tigela para Lili e Bébert? eu não vou me atrever... não ouso, mas bem que estou com vontade!... e La Vigue também... ainda não fizemos grande camaradagem com o S.S. carcereiro-mor mas estamos no bom caminho... é o que há de melhor quanto a comida nutritiva!... bem verdade que a vida deles não é mole, dão um duro danado mas comem... melhor do que na frente, e melhor do que nós... Voltamos pelo mesmo caminho, vimos muita coisa... já disse que só se viam choupanas... dos dois lados da estrada... ninguém olha para nós...

os homens moços estão na guerra e as mulheres trabalhando no campo, com as crianças... só se vêem gansos e patos... charcos até o meio da estrada, estamos chafurdando... fico pensando que nessa aldeia deve haver um bar... teríamos passado por algum sem perceber?... não! sobre um dos telhados do lado da planície, um cartaz... *Wirtschaft*... ah!... pintado de verde!... que sorte!... entramos... é uma sala de granja com bancos a toda a volta... a temperatura é cálida... é o fogão de tijolos... no meio... vejo que usam turfa como combustível... no fundo, uma mesa que eu não tinha visto, e um balcão... em pé, alguns lavradores... conto-os... seis!... falando francês!... começam logo a cochichar e a olhar para nós... já sabem o que somos... e logo, precipitam-se sobre nós! *"collabos!*... seus merdas!" Em Zornhof, Montmartre ou Meudon, trinta anos depois a celebridade!... de certo modo seria divertido com dinheiro, mas sem grana tudo se complica... enfim, paciência! há café!... vou até o balcão... eles se cutucam... olho para eles todos ali... são todos parecidos, acho-os um pouco mais atrevidos, mais insolentes, o que nos chamou de nazistas deve ser o chefe da "Resistência" no povoado... em todo caso, vejo que têm pão branco, manteiga, fatias... eles bem que se arranjam... *Fräulein!*... eu também não hesito... uma alemã de tranças... talvez seja a dona... deu o fora quando nos viu... mas volta... *nichts! nichts!*... nada para nós! que simpática a nossa aldeia! tão amável quanto Montmartre, em Paris!... o nosso *Oberführer* escolhera bem o lugar... um cantinho bem sossegado...

Por falar nisso, onde andaria ele? Harras? numa Lisboa qualquer atrás das epidemias e, enquanto isso, abarrotando-se de caviar, vinho do Porto, morangos com creme... ah, estava pouco ligando para o tifo!... que caia a cortina sobre a guerra e os seus furiosos combatentes!... teríamos a epidemia! não era necessário ir tão longe! ela naturalmente passaria por Zornhof! iam se ver os baços das moças estourarem de micróbios!

Claro!... mas enquanto isso, voltamos com o rabo entre as pernas! claro!... naturalmente! fomos até ameaçados! íamos contar a Lili?... não! com certeza!... tornamos a passar pelas choupanas vazias... ouvimos um toque de corneta... dois!... mais longe... digo a La Vigue: é o guarda-civil, vamos perguntar a

ele!... onde estaria?... num beco entre duas granjas, não liga para nós... está soprando... num trompete de pistom que só deve ter três notas, mas que de qualquer maneira dá uma impressão de alerta... pode-se ouvi-lo de longe, de dia... e até de noite... ele deve ser avisado por algum meio... não há mais telefone... eu acho que ele só toca por uma questão de princípios... não tem cara de alguém que sabe das coisas... é a função dele, ele faz o que deve... uma ruela... mais outra... usa um uniforme de "territorial", capacete de ponta de antes de 14, prussiano... uma correia larga de couro envernizado para o tambor... mas sem túnica, um blusão furado nos cotovelos, a calça em farrapos... aquele tinha passado por poucas e boas!... usa galochas, acho eu, não se pode ver,... só se enxerga um enorme torrão de lama nos pés dele e nas pernas, como botas... nós também estamos no mesmo gênero, podemos sair juntos a passeio em Zornhof... olhamos para ele ... está cansado, encosta-se, pára de tocar... o capacete de ponta cai na sua testa... chupa o bigode, as pontas, amarelas e brancas...

"Escute! Escute aqui, *Herr Landwehr!* o armazém? *Kolonialwaren?*"

Ele deve saber... olha para nós, tomara que não tenha esquecido!... mas é ele quem pergunta!...

"Onde é que vocês moram?

— Em casa do *Rittmeister!* lá! lá!"

Mostramos a direção.

"Ach! ja! ja!... franzosen!"

Está sabendo, não tem má vontade! pelo contrário, vai nos levar... o armazém?... é por ali!... bem na nossa direção! depois da segunda... terceira choupana!... conta nos dedos... dois... três... quatro... cinco!... não irá conosco... impossível errarmos... apertamos a mão dele... eu digo a La Vigue:

"Cuidado!... Se houver alguém, bico calado!... vamos tentar quando estivermos sozinhos... se forem como no botequim!...

— Você está querendo afanar?

— Não!... vamos usar a lábia!... escute, você tem que convencer... use os olhos!... se for mulher, vai cair como um patinho!..."

Realmente!... eu tinha adivinhado, era uma loura gorda, jeitosa... quanto ao armazém, uma grande choupana como as outras, mas lá dentro só prateleiras, à toda a volta das paredes!... já tinha visto assim no Canadá, em Saint-Pierre também, em Miquelon... em Camarões também, em 18... do tipo "reembolsável"... não estou querendo enganar, pretender que sou um viajante cosmopolita, o bamba dos "Trens Noturnos", agora que ir e voltar à cidade do Cabo é um simples programa para fim de semana!... e ir a Nova Iorque pela estratosfera é mais chato do que Robinson...

Quanto ao "reembolsável", eu mesmo tive um assim, todo em palhoças e fileiras de prateleiras em volta, foi em 17, entre os Mafeás, em Bikomimbo... um edifício de três andares totalmente construído por mim e pelos marceneiros do povoado... antropófagos, segundo se dizia... não os vi jantar... mas que eram piratas, posso garantir... tão ladrões quanto os meus espiões da rua Girardon e quanto, amanhã, os chineses aqui... eu tinha de tudo lá, era muito diferente de Zornhof! *cassoulet*, arroz, filés de bacalhau, pareôs... água, eu não tinha!... a água de pântano é perigosa... acaba com as tripas pro resto da vida... com o primeiro tufão, ia tudo pelos ares... prateleiras, quinquilharia, rolos de corda, arroz, barriletes de fumo!... todas as remessas de John Holdt e Cia.... e ainda há quem fale das noites dos trópicos! só sobram os escorpiões, as cobras e os percevejos... tudo mais sai voando!... como os meus trastes da rua Girardon... depois que a gente pega o hábito, acontece sempre a mesma coisa... em Copenhague, na Dinamarca, foi assim... nunca viverei para saber o que aconteceu depois... mas será sempre a mesma coisa... "Juventude esquecida"... a minha não se esqueceu de nada, a prova disso é que eu ganho a vida com as minhas lembranças... contar isso ou aquilo não vai adiantar muito... coquetéis e baboseiras e férias!... nós não estávamos ali para sonhar... eu estava vendo uma prateleira de pães... "cupons"? pergunta-me ela... eu tinha a certeza de que estavam todos de combinação com os Kratzer, os von Leiden, o *Landrat*, o S.S. Kracht, e todas as moças da *Dienstelle*... que nunca tornaríamos a ver os nossos cupons... vinte donas-de-casa discutiam diante dos víveres... fazendo questão de um pote de mostarda, um pedaço de falso queijo Brie...

exatamente como em Montmartre, na rua Girardon, e mais tarde na Dinamarca.

O ideal das pessoas sérias é controlar a dona do armazém que recebe os cupons... diante de uma fatia, elas perdem o controle... de repente percebem que a gente está ali, espiando... entram em pânico! *komm! komm!* juntam as cestas e as crianças... *komm! komm!* e levantam acampamento! o Harras está procurando pestes e varíolas para acabar com a guerra, pois não precisa de tanta coisa... nós três, só com aparecer, produzimos o terror e a devastação de forma admirável... toda aquela choupana... *kolonialwaren,* as donas-de-casa, a pirralhada, não resistiram três segundos à nossa presença, saíram correndo... sobrou um vazio!... pois é para vocês verem o nosso poder de aniquilação! se Harras nos tivesse levado para dar uma volta pela frente do Leste, a guerra teria acabado na mesma hora... os exércitos desembestados!... sumindo!... que debandada a das donas-de-casa... pernas para que te quero, cobrindo a cabeça com as saias levantadas, para não serem reconhecidas...

Com certeza, tenho que convir, Montmartre teria sido bem pior, os mesmos furiosos da "Bebecê" teriam se precipitado para nos reduzir a pedacinhos, brigar, disputar os nossos rins... um pedaço de fígado... nos carregar nas suas redes... oh, aquilo podia acontecer!... era mesmo provável! uma questão de poucas semanas... Zornhof... Montmartre... todo mundo tendo ataque, se contorcendo... até hoje ainda recebo cartas com ameaças horríveis, vinte anos depois, de pessoas que nem tinham nascido... é claro, estou acostumado!... aliás, as cartas ameaçadoras mais agressivas nunca são assinadas... enquanto as cartas do outro lado, de admiradores, por poucas que sejam, trazem todas os nomes e endereços... que gentis amadores de autógrafos!... o mais gozado é que talvez sejam os mesmos que avisam que vêm reduzir a gente a picadinho e, depois, na semana seguinte, com outra letra, acham que o nosso talento é incomparável e desolam-se e choram pensando como a humanidade pode ser tão abjeta a ponto de nos ter tratado e tratar ainda... muito pior do que o último dos parricidas... é preciso de tudo para fazer o mundo, e mais do que tudo no mesmo ser... o principal é fazer boa

cara!... no nosso caso havia um ponto positivo, estávamos sozinhos com a dona do armazém... eu digo a La Vigue...

"É agora!..."

Fico pensando... o melhor é atacar logo com "cem marcos", dou a ela...

"Para o pão! *brot!*"

Cem marcos bem dobradinhos... pronto! ela me dá uma broa... estávamos entendidos...

"Tem mel?"

Eu estou vendo os vidros...

"*Kunsthonig!*... mel artificial! e os cupons?

— Moorsburg."

Que cadela... mais cem marcos!... bom, um vidro!... ela me avisa:

"Não é bom!... o legítimo o senhor vai achar na granja do pastor Rieder!

— Nós sabemos!... está trabalhando nas colmeias!... não está em casa!"

Ela também sabia... as donas-de-casa de Zornhof não deviam tratá-la muito bem... os meus duzentos marcos foram longe... ela pensa que eu sou rico e não ligo para dinheiro... começa a me informar sobre o pastor...

"Anda atrás dos enxames!... é dono de todas as colmeias de Zornhof... as mulheres têm medo das abelhas... ele fica com a igreja e as abelhas... mas o senhor pode encontrá-lo à noite e aos domingos... à noite, depois das 8 horas!..."

Bem!... a gente iria ver!... falo-lhe do café... mais cem marcos! ali! na mão!... mas ela não tem... só aveia torrada!... a noite, depois das oito, quem sabe?... se eu quisesse voltar... pão também... mas eu devia bater na janela... quatro vezes... mostra-me como devo fazer... para avisá-la... ao mesmo tempo: *franzose!*... para ela saber...

Nossa saída não tinha sido inútil... um pão... um vidro de mel... mas tínhamos nos exibido... paciência!... La Vigue não precisou fazer a corte à senhora do armazém... os cem marcos funcionaram muito bem... e mais cem!... e é a minha grana, e não do Papa, nem de Adolf, nem de Juanovici, o meu dinheirinho suado, das minhas dores de cabeça... quando penso que ainda

estou aqui tentando distrair alguém!... quantos europeus valentes estariam esgotados a esta altura, pendurariam as chuteiras diante de tantas afrontas, de tais enxurradas de desfeitas!...

Mas, afinal de contas, bem que trouxemos alguma coisinha... não precisamos ter tanta vergonha!... é verdade que poderíamos ter trazido mais!... uma tigela grande do *Tanzhalle*? por cem marcos, o S.S. também?... era bem possível!... deveríamos ter arriscado... quem sabe um maço de Navy Cut? eu tinha a chave do armário... Harras não ia voltar tão cedo!... de qualquer maneira ele ia compreender logo... estava claro que ele era um espia sacana, mas não era intransigente... era um caso de força maior! ele tinha me dito: apanhe o que quiser! eu podia explicar... agora já estávamos no parque... a grande alameda... o peristilo... mas havia novidade!... um pouco a oeste, uma outra isbá... tinham andado depressa!... olho as horas no relógio da igreja... são mesmo carpinteiros de primeira!... quando saímos, não havia nada!... para que seria aquela nova construção? vou perguntar a eles... mas eles não podem falar com ninguém, o S.S. tinha me avisado, nem sequer uns com os outros!... eles nem nos olham... afinal, por que somos tão curiosos, se temos nosso mel e nosso pão?... subimos correndo! Lili deve estar preocupada... saltamos os degraus de quatro em quatro... que exagero!... afinal chegamos!... já não era sem tempo!... a nossa porta bem grossa... o nosso torreão... Lili não está sozinha... está recebendo!... vejo, primeiro, uma pequena lanterna... estão botando as cartas... quantas seriam? mulheres?... três... quatro... além de Lili... distingo as caras... aos poucos... uma das caras fala... num francês um pouco cantado... dirigindo-se a mim:

"Doutor, eu tomei a liberdade! a Sra. Céline estava sozinha!... sou Marie-Thérèse von Leiden... sua criada... e sua amiga!... irmã daquele lá de baixo que o senhor conhece! o conde Hermann von Leiden... o extravagante! e tia do que mora em frente... na fazenda! o aleijado!... agora já nos apresentamos... eu estava dizendo à Sra. Céline que não sou tão difícil quanto o meu sobrinho aqui da frente e o meu irmão lá de baixo!... nem como a minha sobrinha... aquela sim, Isis, é terrível! não sou absolutamente tão doente e maníaca como as pessoas que

me querem mal devem ter dito a vocês! talvez até o gordo Harras!... como é invejoso!... e mau!... tem inveja do meu francês!... é isso! imagine só, doutor!... fui criada em Lausanne! grande coisa!..."

A Srta. Marie-Thérèse devia andar lá pelos sessenta... mais ou menos... aos poucos, eu podia vê-la melhor... os olhos se habituam... a outra mulher era a Kretzer... ela também não quis deixar Lili sozinha... as mulheres sempre arranjam pretexto para fazer mexericos... a Kretzer tinha ido por causa dos cupons, para dizer que não estavam mais em Moorsburg, que nós íamos receber outros de Berlim... mas iam demorar um pouco... bem tínhamos feito em contar só conosco!... eu já tinha o pão e o mel artificial... e podia arranjar mais!... mas ainda há duas mulheres na penumbra... agora eu vejo as cabeças... duas secretárias do escritório... também vieram tirar a sorte... uma é a corcundinha dos peixes... mostra-me uma garrafa cheia de peixinhos, vivos, pulando, pescados em rede no Spree pelo pai dela... ele é pescador furtivo... no seu barco... moram num *bunker* em forma de torre, de paredes supergrossas de cimento armado... para eles, lá dentro, há um alvéolo, um privilégio porque ela perdera cinco irmãos e dois tios... dois na frente Oeste e quatro na Rússia... é o tal do *bunker* superblindado, a toda prova, que as bombas não podem destruir... só fazem ricochete... eu tinha visto, na saída de Berlim, aquelas construções de cimento armado tão altas e barrigudas, tão assustadoras que a gente tinha a certeza de que quem entrava lá não saía mais... a corcundinha e a mãe tinham tentado alojar-se lá mas não tinham conseguido... aquele castelo de cimento jogava tanto, com os ricochetes das bombas, balançava tanto com as explosões das minas, quanto um navio em pleno temporal... elas não tinham agüentado... não tinham dito nada, ninguém diz nada, ninguém fica lá, só bandidos, assaltantes, piratas... ou birutas... eu não conheci só um, mas dezenas, mais tarde, na prisão, alemães, russos, franceses, polacos... contaram-me o seu jeito de ajudar as pessoas apavoradas, principalmente as mães com a filharada, a espremerem-se nas portinhas... eles ajudavam a carregar as malas... e *zás!* lá se iam, sumiam na noite! havia "flagrantes", é claro, chateações, delitos, fuzilamentos na hora!... mas quantos tinham ficado ricos, feito

bons investimentos, só por causa do sangue-frio com as malas? quanto a mim, todo o pessoal que "ajudou" na minha mudança de Montmartre deve, agora, ser pelo menos "Comendador"... o que prova que o topete vale mais, no momento exato, do que a roleta e o bacará... quanto a isso, com exceção dos pobres coitados, todas as famílias dos heróis mortos, que tinham sofrido aquilo na pele, fugiam daqueles formidáveis abrigos como o diabo da cruz... da meia-noite até às cinco da manhã, centenas de "fortalezas" da R.A.F. passavam sobre a cidade, não se preocupavam mais com os bairros, voltavam à carga! a munição inteira em cima dos *bunker,* pontos de mira mais do que certos!... aqueles membros das famílias privilegiadas, que tinham tentado resistir de qualquer forma, saíram sem olhos, sem orelhas, botando os miolos pelo nariz, totalmente aloprados... em conclusão, preferiam morar em qualquer lugar, debaixo de uma porta, no fundo do metrô, mas num "torreão", nunca!... o Apocalipse que o outro queria que eu escrevesse existia!... debaixo do nariz dele!... da meia-noite às cinco da manhã, para as famílias que tinham passado por muitas provações, prioritárias, por terem perdido pelo menos três filhos na frente... em todo caso, a corcundinha tratava Bébert com muita gentileza e também o pai, pescador arriscado!... eram peixes pequenos, mas de espécies variadas! ah! como Bébert aguardava a chegada dela com a garrafa!... para quem conhece os bichanos, tão pouco amistosos, sempre desconfiados, era uma surpresa vê-lo, ele gostava muito dela, com corcunda e tudo... e não era só interesse, era também porque ela se preocupava com ele, ele percebia... eu ainda estava vendo mais um vulto... de perfil... uma menina... muito pálida... um perfil delicado, bonito... de uns onze ou doze anos... seria Cillie, a filha de Isis von Leiden?

"É minha sobrinha, veio trazer leite para vocês!..."

Agora eu estava feito... tínhamos, pelo menos, duas amigas!... Cillie von Leiden e a corcunda... não era pouco na nossa situação!... primeiro, em qualquer lugar e a qualquer hora, na paz, na tranqüilidade, na guerra, nas convulsões, há vaginas, estômagos, paus, bocas, cacetes às pampas... não há lugar pra tudo! às carradas!... mas os corações?... são muito escassos! há qui-

nhentos milhões de anos, os paus e os tubos gástricos são encontráveis, mas os corações?... se contam nos dedos!...

Epa! basta de filosofia! o que precisávamos saber era o que estavam preparando para nós... e isso, na certa, não estava nas cartas!

Ataco a *Frau* Kretzer, escondida ali no escuro, longe da vela... eu já estou farto!

"*Frau* Kretzer, e os nossos cupons?"

Ela começa logo a chorar, a soluçar...

"Estão em Berlim!"

E para a gente não falar mais naquilo, mostra de novo as duas túnicas dos filhos, trouxera de propósito, nos mostra o lugar das balas e as placas de sangue coagulado, à luz, bem próxima, da vela... e o rosto dela também juntinho!... como está arrasada pelo desgosto!... já nos tinha mostrado!... se ainda estiver viva, deve ter aperfeiçoado ainda mais a tal cena das lágrimas e das túnicas...

Mas onde estará agora?... E Kretzer?... a leste do Ural?... a leste do lago Baikal?... pessoas que parecem bem informadas garantem que aquela Prússia tornou-se, agora, completamente tártara e essas pessoas de quem estou falando seriam agora fantasmas por força das circunstâncias... já eram, admito... até a pequena Cillie, ali, com o seu fino perfil à luz da vela...

Naquele momento, em volta da mesa, fantasmas ou não, além de interrogar as cartas, elas saboreavam um cafezinho... oferecem-nos... oh! não é legítimo!... um *ersatz* pálido, morno... Marie-Thérèse acabara de predizer o futuro, estava embaralhando...

"E então?"... pergunto.

"Vem vindo um homem nu!... um homem completamente nu!"

E ri!... que adivinhação!...

"Só isso?

— Sim, é só! e chamas!... muitas chamas!"

Que original!

"Agora venham à minha casa!... tenham a bondade!" convida-nos.

"Vocês precisam de livros, não é?... livros franceses para a Sra. Céline... a biblioteca de meu irmão fica bem ao lado do meu quarto, vocês vão ver, podem escolher! ele não lê mais!"

Pronto! a sessão está encerrada... acho que ela quer falar conosco sem a Kretzer e sem a menina... bem!... ela deve ter alguma coisa para nos dizer... Cillie e a Sra. Kretzer saem primeiro... podemos ouvi-las na escada... nós ficamos com a tia e a corcundinha... bom!... agora ela não precisa fazer cerimônia...

"Estão convidados para jantar amanhã à noite, na fazenda em frente!... é claro que os três!... mas estou avisando!... em casa do meu sobrinho... vocês já o viram... o inválido!... vocês já conhecem também sua esposa, Isis!...

— Conhecemos, sim!

— Vão conhecê-los bem melhor! o *Landrat* vai ser convidado também!... Harras também seria convidado se não tivesse ido para onde o diabo perdeu as botas!

— Com muito prazer!"

Então faz uma observação, secamente:

"A mim, não convidam!"

Suspira... depois continua:

"Talvez a mãe dela seja convidada... vocês vão vê-la... cuidado com ela!... é mãe adotiva!... a condessa Tulff-Tcheppe!... eles são de Königsberg... de alta linhagem... mas Isis, não! de modo algum!... talvez seja filha natural... é uma filha adotiva e nada mais! que situação difícil, não? Tulff-Tcheppe, o pai, era metido a conquistador... quem sabe se ele a trouxe para a mulher, não? que bonito!... Isis está de mal com o mundo!... por causa do seu nascimento! vocês estão entendendo?... cuidado com ela!..."

Ora que história! Isis, filha adotiva!... o que é que nós tínhamos com aquilo? erros da nobreza!... que Isis era perigosa? e daí?... tinha boas relações, se quisesse livrar-se de nós!...

Ali está a nossa amiga Marie-Thérèse, ela sim legítima herdeira, se eu tinha entendido bem, e futura condessa von Leiden!... vamos ver a casa dela... não é do nosso lado do castelo... é na outra torre, do lado da planície... está muito escuro na escada, levamos Bébert na sua sacola... um andar... em direção à outra ala... a outra torre... mais um andar... chegamos... dois grandes candelabros Luís XV... ela acende tudo, não falta nada à tal senhorita... um *boudoir* muito bem arrumado, parece uma retros-

pectiva de retratos de família e de móveis antigos... mas não é bricabraque como no apartamento de Pretorius... não... são coisas de bom gosto, até os bordados, rústicos, do lugar são interessantes... a Srta. Marie-Thérèse é uma pessoa fina, os seus aposentos, muito agradáveis... as janelas não são seteiras como as nossas, dão para a planície... pode-se admirar o grande espetáculo... são pelo menos cem holofotes em ação sobre Berlim, varrendo o céu... a claridade chega até aqui... é o alerta como de costume, o céu está coberto de nuvens, uma enorme tela, de um horizonte ao outro... o Apocalipse tão anunciado, a questão sino-russa-ianque não vai precisar de holofotes! vão se descartar dos acessórios!... enquanto isso, nós ali, só esperando as confidências de Thérèse!... é para isso que Lili, La Vigue e eu viemos aqui...

"Caros amigos, vocês sabem, não falem nunca de nada na frente daquela Kretzer... nem de Kracht... nem de ninguém!... vão repetir tudo!... vocês trouxeram um pão!... eu vi... é claro que eles também viram!... e mel!... cuidado! até eu tomo o maior cuidado!... esses aí da frente, meu próprio irmão, meu sobrinho, me espionam... há espiões por todos os lados... a pequena Cillie é um encanto, não? uma gracinha, gosto muito dela, mas acho que ela também... em todo caso, conta pra eles tudo o que viu... ela vai aos aposentos de vocês levar o leite... vai olhar para tudo... espero que vocês não tenham armas...

— Não, oh não, senhorita!

— Tenho muito prazer em mostrar-lhes os meus aposentos!... é uma honra para mim... mas vocês têm que descer logo... o pessoal do escritório os viu... vou dizer depressa o que vocês devem saber... meu irmão, lá embaixo, no seu andar, com as suas polaquinhas, faz as suas perversidades... está muito velho, oitenta e quatro anos, é muita idade, não?... não se pode mais dizer nada!... virou criancinha com essas meninas, urina em cima delas, elas urinam nele, divertem-se!... não tenho medo de confessar, vocês já sabem, elas o chicoteiam! ele viveu demais, é isso!... se fossem enfermeiras, seria pior!... tivemos enfermeiras, elas roubavam tudo o que era dele!... essas só querem açúcar e biscoitos... bom, estou dizendo tudo bem depressa, é preciso...

vocês vão descer logo... essa história do meu irmão e das garotas não tem importância!... mas Harras... o caso do seu amigo Harras é mais sério, ele não vale nada!... não mostrou tudo a vocês... vocês vão descobrir!... eu o conheço bem!... quase me casei com ele!... com Simmer também, quase!... mas não houve nada! foi em 1912 que nos conhecemos!... Isis não tem a mesma moral, os mesmos princípios, ela conquistou o meu sobrinho!... esta noite vocês irão à fazenda... pois bem!... não falem de mim!... aquela mulher me odeia e eu não gosto dela! não é feia, admito, mas que alma! como é que ela conseguiu fazer-se adotar pelos Tulff-Tcheppe... ninguém sabe!... Harras talvez?... de qualquer modo, ela nunca será condessa von Leiden!... é baronesa pelo marido, meu sobrinho, mas é só isso!... seria preciso que eu morresse, mas não quero!...

— Ora, ora!"

Que idéia engraçada! oh! ah! ah!

"A mulher não é filósofa nunca, não é, doutor?... os homens, por mais degradados, sensuais, porcos que sejam, são antes de tudo filósofos!... uma perda de tempo para as mulheres!

— É realmente verdade, senhorita! quanto a nos calarmos, pode ficar sossegada! e nós falamos alemão tão mal! não dizer nada vai ser bem fácil!

— O senhor está me entendendo muito bem, doutor!... Harras sabe tudo isso perfeitamente! o *Landrat* também!... eles se divertem com aquela mulher!... e muitos outros também! há uma só herdeira aqui! eu!

— Claro!"

Estávamos de acordo...

"Ninguém sobe aqui nunca! nem ela, nem o meu sobrinho aleijado! imagine! ele está muito doente, o senhor vai ver... muito amargurado... a vida dela não é fácil!... oh! mas ela merece! um inferno!... ela vai lhe contar, deixe-a falar!... mesmo assim, ela não vai herdar!... nem o título, nem o castelo! se ela falar de mim não diga que contei nada, diga que eu não existo!

— Mas, naturalmente!

— A menina é herdeira... bem! que seja!... mas depois de mim!"

A... é teimosa, puxa! mas nós também não temos nossas preocupações?... os cupons, por favor, um pouquinho!... ela já falou bastante de si! não nos dá uma chance... mas eu arrisco...

"Os cupons de vocês?... Simmer fica com eles, vocês não desconfiaram?... ele detesta Harras e os S.S. todos!... e vocês também! Isis vai apanhá-los se quiser se dar ao trabalho!"

Que Isis, a perigosa sobrinha, trepasse com os dois... e outros mil!... besteiras... mas e os nossos cupons? ah, Messalina! ah, Zornhof!

"O senhor vai ver, doutor!... vai ver!

— Muito obrigado, senhorita! não veremos nada!

— Oh, desculpe, doutor!... os homens encurralados percebem... percebem..."

E volta a rir...

"O senhor viu os sanduíches, não?"

Eu não podia negar, La Vigue também não... uma daquelas bandejas!... pelo menos cem *butterbrot* grossos!... debaixo de uma campânula de cristal... mais bem servido do que em Grünwald!...

"São para vocês!... se me derem a honra!... acho que não tomam cerveja, não é?... então, talvez uma limonada?... uma laranjada?... querem?

— Oh... naturalmente!"

Para dizer a verdade, não são sanduíches com manteiga... com certeza, ela não recebe nada da fazenda...

"Sabe, Sr. Le Vigan, são uns pobres sanduíches de guerra!

— Ora, senhorita, deliciosos!... se a Sra. Kretzer tivesse...

— Ah, sabem? Foi com os meus cupons! até o mês passado ainda ia a Moorsburg... meu irmão me emprestava a charrete... eu mesma sempre fiz minhas compras... parece que agora não têm mais cavalos... estão todos no arado... Kracht me traz o que me faz falta... ele pode ir a Moorsburg... No fundo, eu prefiro... a estrada até Moorsburg não é longa, são só sete quilômetros, mas não é segura, não! das últimas vezes eu não estava nada tranqüila... sozinha na estrada...

— Ah?... ah?...

— Oh, vocês sabem, essa gente que anda por aí... de todo tipo!... desertores... prisioneiros... refugiados do Leste...

bibelforscher... assaltantes... prostitutas de Berlim... elas acampam perto daqui em Katteln... a polícia não pode estar em toda parte!... a nossa polícia está sobrecarregada!... o *Landrat* também! Kracht não tem nada a temer, anda armado!... eu não vou sair armada para ir buscar a minha ração, três punhados de chá artificial! Kracht me traz chá legítimo e também velas... os S.S. têm de tudo... há um ano que não temos mais nada, vocês repararam? acabaram-se as lâmpadas, a eletricidade, o carvão, e até a turfa... está tudo reservado para Berlim, vocês viram os holofotes deles?... é tudo para as nuvens!... é para isso que eles nos deixam aqui no escuro!... divertem-se pintando o céu de branco!... e nunca conseguem derrubar nenhum avião!... eu já disse a Simmer, a Kracht!... esses também não servem para nada! vou lhes dar um pacote de velas, vocês não vêem nada lá no torreão? também vou dar a vocês mel, do bom, das colméias do pastor... a propósito... vocês já falaram com ele?

— Fomos procurá-lo, mas ele não estava no presbitério...

— Ele nunca está lá... está sempre às voltas com as colméias, com os enxames... os enxames de uns nas colméias dos outros!... cômico!... já lhes contaram?

— Sim, os *bibel* do *Tanzhalle*...

— Eles não lhes contaram tudo, ora! não tudo!... vou falar do resto!... falem com o guarda!... vocês o conhecem?

— Conhecemos aquele do capacete pontudo.

— De corneta e tambor!... o tambor é para "o grande alerta"... mas vocês podem ver com os seus próprios olhos! quando não há mais holofotes nas nuvens, é "o grande alerta"! podem-se ouvir as "fortalezas" tão bem quanto ele!..."

Realmente, passavam rente à igreja... se fosse pelas bombas, poderiam ter destruído Zornhof havia anos!... só pelos motores, dava para se avaliar como passavam pertinho!... o castelo não parava de tremer... e não eram só as vidraças, as paredes também!... verdadeiras fábricas atmosféricas que eles traziam para cima de Berlim... Hjalmar podia tocar o tambor! e depois viam-se os incêndios!... amarelo... laranja... azul... umas línguas gigantes de uma nuvem a outra... elas traziam cada bomba!... o nosso capacete pontudo podia se agitar à vontade!... tocar tambor debaixo das janelas!... tinha um medo, coitado!... batia o tambor

e o queixo!... parecia até que estava gostando... Marie-Thérèse também... o castelo inteiro podia desmoronar em cima de nós que eles iam gostar... os alemães e as alemoas têm um certo gosto pelas catástrofes... como a francesada, o gosto pelos bons vinhos... uns são senhores, os outros, pobres-diabos... mas todos, uns sujos perigosos... eu é que sei o que uns e outros fizeram comigo... mesmo esquelético, eu ainda vou falar, que eles saíram correndo em 40, que voltaram pra me roubar, me condenar a tudo e pra erigirem estátuas pra eles... pronto! nunca mais vão voltar para o lugar de onde saem, esses guardas de ossários! vou contar tudo nas minhas Memórias...

"Mas onde estão essas Memórias?"

Esperem!... e os que vão me criticar, mil vezes mais ladinos do que os patifes de Montmartre e de Saint-Malo Ille-et-Vilaine... e não é pouco!... estou lhe contando, leitor, essas coisinhas de nada!... me arrisco!... sinto que simpatiza comigo!... lá em Zornhof toda aquela gente, inclusive Thérèse, a herdeira, pareciame terrivelmente duvidosa... mas eu não tinha escolha... eram eles ou nada!... voltar pra a França?... para a Villa Saïd?... para o Instituto Dentário?... para aqueles amigos tão generosos?... não era de entusiasmar!

"Cara Sra. Céline, se me permite, parece que a senhora é dançarina... ainda dança?

— Quando acho um lugar... onde dançar!... em Baden-Baden nós tínhamos, mas em Berlim..."

Naquela hora, o guarda-civil, parece de propósito, toca o tambor, bem forte! o mais que pode!... e toca a corneta!... alerta duplo!... bem embaixo da janela...

"Quando eu acho um lugar...

— Se quiser me dar a honra... venha dançar aqui, cara senhora, o assoalho está em boas condições, acho eu... mando enrolar os tapetes!... está vendo, ali, o meu piano? pode-se ouvi-lo... eles não bombardeiam sempre!"

Que engraçado!... eu e La Vigue também rimos...

"A senhora vai deixar que eu toque tudo o que a senhora quiser!

— Talvez o senhor seu irmão?...

— O senhor meu irmão não tem nada que se meter! não faltam partituras, é só escolher! minha mãe tinha três pianos, eu conservei o Steinway... sou eu mesma que o afino, nós tocávamos harpa antigamente... meu pai cantava... os afinadores não aparecem mais... todas as partituras de minha mãe e as minhas estão aqui do lado!... na sala ao lado!... estão me ouvindo?

— Oh, sim!... sim!... sim!..."

Elas estavam gritando... Marie-Thérèse estava vermelha... mais alto do que o tambor e os motores das "fortalezas"... Marie-Thérèse insiste ainda...

"Os afinadores não vêm mais de Berlim! daremos um jeito, a senhora escolhe!... tenho tudo, acho! todos os balés!"

Queria que fôssemos ver em seguida! e leva-nos... dois degraus... uma porta... anuncia:

"À direita, alemão e inglês!... os livros!... francês, ali, e a música!... estão vendo?... basta escolher!

— Voltaremos amanhã, se concordar, senhorita!"

Um pouco de descanso! principalmente porque não adianta mais gritar, o sujeito do capacete de ponta deve ter entrado na própria casa... na escada... faz um barulho que abafa tudo... todas as nossas vozes e o eco das bombas, e as "fortalezas"... não quer ficar lá fora! corneta e tambor! fico pensando... aqui há algum conchavo! tenho certeza de que essa tal de Marie-Thérèse não come só sanduíches com margarina... todo mundo ali se abarrota em casa... os andares recendem a cozidos... frangos... pernis de carneiro... perus... e o pior é no subsolo, em todo o corredor de La Vigue, naquela cozinha que não tínhamos conseguido ver... o jejum é só para nós e para Iago, o cachorro dinamarquês... o coitado, ainda por cima, puxa o *Rittmeister*, leva o sujeito do chicote, na bicicleta, a dar a volta da aldeia todas as manhãs, para as mulheres e os prisioneiros verem bem que Iago é só pele e osso e que mesmo assim ainda dá duro, duas voltas ao redor de Zornhof, todas as manhãs... para provar que lá no castelo a vida não é mole, que se observam as grandes *Recomendações* "Privem-se de tudo"! todo mundo pode ver que Iago está se privando bastante! um osso, um pedaço de pão por semana, e só!... e que esforço ele faz!... puxa o velho à volta de toda a aldeia, duas vezes, raspando pelas valetas, os

buracos, e o chicote zunindo!... *zip!*... é isso o que nos vai acontecer um dia para não ficarmos inúteis?... puxar alguma coisa... ajudar no campo de beterrabas, pastorear as vacas?... mas uma coisa nós já sabíamos... comer de verdade, muito pouco!... se houvesse possibilidade de escolher eu teria optado pelos *bibelforscher*... ninguém nos pedia nada... nem que voltássemos para a França, nos acabarmos na Villa Saïd botando as tripas pela boca, pra provar que tínhamos feito mal... não! não tínhamos escolha nenhuma!... de repente, as coisas ficam esquisitas, não se trata de exagerar, de ficar doente por isso, ora bolas! digamos que eu estivesse presente na rua Girardon, que espetáculo teria eu diante dos olhos?... quatro Comendadores da Legião de Honra carregando os meus móveis... você está surpreso? olhe só a roubalheira!... quatro caminhões de mudança... que diabo! não há escapatória!... um revólver Colt enorme!... e o idiota de boca aberta! mas por quê? o homem é o mesmo há quinhentos milhões de anos!... não vai mudar nem um pingo, na caverna ou no arranha-céu! e se o gorila for motorizado, então? aeroportado? mais depressa será ladrão e assassino! que enrascada! foguete teleguiado!... em Zornhof, Berlim ou Montmartre nossos destinos estão traçados... malditos seres!... todas as guerras totais, Revoluções, Inquisições, Quebra-quebras, danças de Regimes, são ótimas ocasiões, providenciais, para muitas pessoas... a prova disso sou eu, como afanaram minha casa na rua Girardon com tudo o que havia dentro... e por acaso eles pensaram em colocar uma plaquinha! "Aqui morou... e foi saqueado, etc."? Pois, sim! posso ficar esperando!... zero!... e eu vou me zangar por isso? oh, claro que não! é só De Gaulle convidar Cousteau para ministro... da Justiça! e ele vai se espantar com o interesse pela reabertura da Villa Saïd, e por dar cabo de todos os partidários da Anistia! ele vai ser forçado a moderar os fanáticos!

"Cousteau! Cousteau! por favor!..."

Isso tudo veio à guisa de divertimento, pequenas digressões... a simples narrativa das nossas atribulações pode parecer monótona ao leitor... que tem tanta coisa para fazer ou simplesmente sentar, beber... artistas, televisões, ginástica, cirurgia do coração, das mamas, de entre as pernas, dos cachorros de duas cabeças, o Abade e seus espasmos homicidas, uísque e vidas

longas, as alegrias do volante, a alcova da Grã-Duquesa, abaladora de tronos... e eu ainda por cima forçando-o, bem ou mal, a ler esta chatice... acho que está mal!... aconteça o que acontecer! paciência! vamos à continuação!

No nosso colchão de palha... La Vigue na sua cela de porão... eu e Lili na nossa fração de torre!... La Vigue sobe do seu buraco, temos que conversar... a coroa com o seu piano e os seus tapetes e aquelas histórias de herança, ia ficar uma beleza na janela, acho eu, pendurada pelos pés... condessa de meia-tigela!... eu poria o *Landrat* para fazer par com ela!... e Harras na outra ponta, quando voltasse!... pra não terem inveja!... e mais Isis e o seu aleijado...

"Oh, você tem toda a razão, Ferdine! e todos pendurados pelos pés!... mas e nós? vamos para onde?... como?"

Pois é! eu estava dizendo no meu livro anterior que, quando a gente está marcada, com a corda no pescoço!... a gente só agrava o caso quando parece pouco convencida, reclamando do nó...

Disse isso e pronto!... passamos a outra coisa!...

"Escute, meu chapa! nós nos esquecemos! Você não se lembrou, Lili?"

Ficam espantados!

"Mas ora, o jantar!... tinham nos convidado aí em frente!... na fazenda!... em casa do aleijado!"

Eles caíam das nuvens!

"Ah, não tem importância... atravessar o parque assim, nesta escuridão?... foi melhor termos esquecido!... esses parques deles são esquisitos!"

Entendo o que ele está querendo dizer, Grünwald, o alerta... que nós quase... é verdade... mas ali é diferente... estamos sendo esperados... eu quero que tudo comece a tremer... as paredes, a escada... a impressão também, ao longe, dos aposentos de Marie-Thérèse, de que Berlim transformou-se em vulcão... de que é um estrondo permanente... Grünwald deve ter se transformado num lago de fogo com as mocinhas no fundo e os telegramas!... e a cratera da sauna... e a minha granada!... Harras não é louco!... eu estava vendo que ele não ia voltar tão cedo para tratar dos nossos problemas... ele, na certa, não tinha mais

nada em Grünwald!... com o que estava passando por cima de nós, trens de minas e bombas de fósforo, não ia levar muito tempo para a nossa planície pegar fogo também... pra fazer parte do cataclismo!... na próxima vez, não iam errar!... isso não era garantido nem ia demorar... iam acabar matando-se à faca... mas em todo caso, dessa vez, La Vigue estava mostrando bom senso... era arriscado sairmos!... o que víamos e o que não víamos... doidos! iríamos no dia seguinte à fazenda, bem cedinho!... enquanto isso, já que estávamos sozinhos, sem ninguém por perto, podíamos ainda pensar um pouco... era preciso, claro, era certo que o lugar era feio... e não só por uma razão, por dez!... cem!... Harras tinha nos enganado direitinho!... um lugar para descansar!... o guarda-civil continuava tocando tambor... por uma alameda... e outra... não parava... saíra da escada... *rrrrr!*... *rrrrr!*... não me impedia de pensar!... eu tinha uma idéia... guardava-a para mim... quando a gente conta as idéias, elas saem mal... as velas só iluminavam as nossas cabeças... no nosso torreão há uma escuridão suave... um efeito de claro-escuro como nos quadros de Le Nain... nós três... pobres coitados... a vela era implacável... eu digo a eles: é hora de nos regalarmos!... do nosso banquete! já temos a broa, que eu comprara por cem marcos, e o mel sintético, da mulher do armazém... era o momento certo, antes de eles virem nos roubar tudo... sob qualquer pretexto!... pela seteira, vejo os reflexos de Berlim... deviam ser os incêndios fosforescentes... amarelo-junquilho...

"La Vigue, me dê a sua faca!"

É a mesma faca de mola que ele leva sempre consigo... bate na broa... pode-se dizer que é um pão bem compacto, úmido, pesado... eles podem reduzir Berlim a pó e o *Obergesund* e Pretorius e as suas flores raras, e Adolf e a sua Chancelaria e o Zenith e tudo o mais que tínhamos visto, eu lhes dava de presente!... e a Alsácia e a Lorena!... e o meu domicílio, Saint-Malo... eu trocaria tudo!... por uma geléia de verdade, marmelada Dundee!... vivi dela, posso dizer, durante meio século, desde a minha juventude em Bedford Square London, Mile End road, e em muitos armazéns do cais!... puxa! e pensar que agora são os altos S.S., os Titãs do Ruhr, os Krupp *Konzern*, e os

Kommissars do Kremlin, que recebem as *Dundee!*... repare só, os mesmos traseiros, os mesmos apetites! *Kommissars,* Arcebispos, Magnatas... podem-se ver os seus distintivos, cruzes, bandeirinhas, braçadeiras, galões... tudo perda de tempo!... você está nas nuvens! é a bosta deles que vale! a bosta de graça!... os cretinos mais gordos, as panças maiores, a merda mais forte, é isso que manda!... e a mística! papadas duplas e triplas! nós ali, caçoando, também éramos aproveitadores no nosso gênero! uma broa!... outra broa!... o golpe dos cem marcos para a dona do armazém, e depois a gororoba do *Tanzhalle*... já podíamos esperar... ah, lembro-me... a minha japona!... eu devo ainda ter um pão preto no bolso!... na minha japona debaixo do colchão... com certeza eles não viram... procuro-a debaixo das cobertas... uma coisa se mexendo!

"Me dá a vela!"...

Vi logo!... saíram três ratos... não fogem, só vão embora... nós os incomodamos... uns ratos de porte médio... eu já vira bem maiores no tempo em que era médico de bordo, principalmente no Báltico... Dantzig, Gdynia... lá podemos ver realmente os campeões!... bichos terríveis... mas os daqui deviam vir dos silos... o rato indica bem se o lugar é rico... aqui os silos são médios... em todo caso é bom ficar de olho, Bébert!...

"Tire-o do saco!"

Um pulo! Bébert viu logo!... bom! calma... poderíamos tentar dormir... eu nunca durmo muito nem profundamente... contento-me com deitar-me bem esticado... bem espichado, fico pensando no que aconteceu... já havia acontecido muito, mas ainda havia muita coisa pela frente...

La Vigue sai com a vela para o seu subsolo...

"Boa noite!"

Ouço-o descer os degraus... hesita, torna a subir, desce de novo... não o ouço mais... penso: voltou para o quarto!... um minuto ainda... ouço passos... chamo-o...

"La Vigue!

— Que é?

— Abra...

— E então?

— Sabe, o Iago?

— E daí?

— Está atravessado no corredor!

— E então?

— Venha comigo...

— Não... fique você aqui!"

Eu não vou descer ao porão, deixar Lili sozinha... basta ele se deitar, o que não falta é palha... mas e a vela dele?

— "Apague a vela!"

Temos cobertores de sobra... reconheço-os, da cavalaria alemã de 1914... os nossos eram azuis, os deles eram cor de pistache, uma bonita cor... o que são as recordações!... Madeleine Jacob ainda não tinha nascido, nem Cousteau, e eu já trazia, para as nossas linhas, cavalos do outro lado... perdidos pelas patrulhas...

Todos aqueles que eu agora estou vendo tão bem, da direita, do centro ou da esquerda, ainda estavam no Limbo... e saíram todos dizendo disparates!... o bom senso morreu em 14, em novembro de 14... depois, acabou-se, está todo mundo dizendo besteiras...

La Vigue hesita, não apaga a vela...

"O que é que você tem? Viu fantasmas?

— Não... mas quantos ratos! estão fazendo fila!

— Passe-me a sua luz!"

Aperto o pavio entre os dedos... ele se deita, em seguida está roncando... se eu dormisse tão depressa quanto ele, queimaríamos vivos!... se a gente não prestar uma atenção enorme, na vigília, de dia e de noite, acaba fatalmente ardendo em chamas...

"Você não está ouvindo o canhão, burro?"

Um animal, um saco de farinha!

"Não está ouvindo o tambor?"

Nada...

"Você não está sentindo tudo se mexer?"

Nem sinal!... ele continua a roncar...

Pensei na condessa herdeira, musicista, cartomante... Lili fizera amizade com ela!... ela tinha predito muitas chamas e um homem completamente nu...

"De que é que você está rindo?"

Ora, começo a rir, ele ouviu!

"De nada!... de como eles vão ser amáveis!

— Quem?

— O aleijado e a mulher!..."

Um barulhinho... é Bébert mastigando... deve estar acabando de comer os peixinhos da corcunda... estavam no bujão grande... deve ter derramado tudo... ele pouco se importa com o dia ou a noite!... deve ter pensado, eles podem ir embora a qualquer momento... pra quem tem garras, não são as palavras que valem, mas sentimentos... ele deve pensar... isso não vai durar... eu também acho que não...

*

Para dormir é preciso otimismo, além de certo conforto... puxa! estou falando de novo de mim!... é muito feio falar de si mesmo, todo eumesmismo é odioso, irrita o leitor...

"Você não faz outra coisa!"

Sim, mas de qualquer forma, de vez em quando, a título de experiência, um certo eu é necessário... a prova disso, por exemplo, é o sono... eu posso dizer que só durmo alguns instantes desde novembro de 14... fico às voltas com ruídos no ouvido... ouço-os tornarem-se trombones, orquestra completa, estação de entroncamento... é um jogo!... se a gente sai de cima do colchão... se demonstra impaciência, por mínima que seja, a gente está perdida, fica louca... se resiste, esticada, rígida, depois de horas chega um momentinho de sonolência para recarregar o acumulador quase pifado a fim de poder, no dia seguinte de manhã, voltar ao batente... não dá para exigir mais!... é claro que, quando se é rico, a questão é diferente!... ninguém lhe pede para fazer nada, a não ser ir cortar o cabelo, passar no banco, no calista, em casa de Coccinelle... mas em condições precárias, quero dizer, realmente difíceis, o importante é ficar firme, bem duro, esticado e esperar que todos os trens se choquem... *chit! pum!*... se desviem!... apitem... e caiam fora... basta ter um quarto de hora pra carregar o acumulador de vida... e pra poder ganhar no dia seguinte esta maldita existência de merda!... já se vê que não abuso do eu, pois sou eu que agüento e não outro! tenho um lado da cabeça que já ficou sem cabelo de tanto que forço o crânio no travesseiro ou na palha ou no chão mesmo, depende... eu estava dizendo que, para dormir, é preciso certo

conforto, além de certo otimismo... para mim e os homens na minha situação os trens não vão parar de apitar!

Recebo uma carta: "é um padre que lhe está escrevendo!" e depois, seis páginas cheias de sermão...

Mas que jeito de escrever!... o meu!... eu devia me envergonhar!...

"Seu sacana, e a sua locomotiva?"

Nem sempre consegui o meu curto instante de sonolência, mas onde quer que fosse, sempre tentei... estivesse num quarto comum ou numa cela, numa tenda árabe ou num iglu, sempre fiz o que pude... desde novembro de 14... sem dizer nada, bem quieto... esperando os meus trens começarem a correr... até o maluquinho na enfermaria, na cela dos agitados, condenados à morte, o local especial todo iluminado a noite inteira onde o pobre-diabo não parava de espetar a coxa debaixo das cobertas com cacos de moringa e berrando como um possesso... nunca dei um pio... ficava firme, bem quieto, esperando os trens partirem e que o outro maldito acabasse por cortar a femural, perdesse a consciência e parasse com aquilo...

"O senhor podia se operar para resolver o problema do ouvido!"

É o que podem objetar...

"Com o progresso atual!..."

Mas vou lhe confessar uma coisa, leitor... o progresso... é como os ministérios, sobem, enchem-se, desmancham-se... mal se tem tempo para vê-los e já se acabaram...

Meu caro e jovem amigo, uma das nossas clientes está sofrendo do mesmo mal que o senhor, zumbidos intensos e vertigens, ela possui um grande parque, todas as noites manda o guarda-florestal atirar de doze a quinze salvas... isso parecia aliviá-la... mas ela desistiu... não suporta mais!... acredite-me, faça como ela, não se mexa mais!

Lermoyez tinha toda a razão... com o passar dos anos, das décadas, e através de tantos acontecimentos, eu me tornei um hábil afinador de todas as algazarras possíveis... e vertigens também!... de dia e de noite... tento convencer-me de que tudo vai passar um dia... a minha conversa fiada, o meu nervo auditivo, os meus carrilhões, e as pequenas habilidades do meu cérebro... tudo isso terá sido útil em certo momento, como

Lermoyez, como Gallimard e os seus contratos, como os nossos problemas em Moorsburg...

O próprio *Landrat*, aquele sujeito feroz, nos foi de grande serventia, como contarei mais tarde...

Mas andei me perdendo de novo! ah! eu estava deitado na palha, não me mexera ainda... mas eu tinha ouvido Lili... abro um olho, vejo quase no escuro... ela está olhando pela seteira... vou até lá... algo se mexe... fagulhas bem debaixo das árvores... e depois chamas... o incêndio de Berlim... já tínhamos estado lá!... o que será que ainda podia queimar? ... as fachadas?... estavam se divertindo... acho que o nosso Harras tinha dado o fora em tempo... devia ter tomado o último avião... o que é que poderia trazer de Lisboa? outras insignificâncias! deve ter se divertido à grande!... quando voltasse, poderia atiçar o fogo sobre o seu *bunker* Grünwald!... procurar as secretárias no meio das cinzas... com o raiar do dia, vemos que os aviões mudaram de tática... não estão mais passando rente às choupanas... mergulham bem do alto, como flecha... deixando um longo rastro de espuma... e *brum!*... atiram! *brum!*... na cratera! bem no meio! Lili está muito mais interessada num pequeno escândalo dos passarinhos... um pau de lenha oco de onde eles saem por um buraquinho... há "elas" e "eles"... mas acho que é "ela" que manda... que toma conta da casa... tão zangada, de crista em pé, como uma mãe de família em plena função... a ninhada toda está num galho, em frente, nada prosa, de bico caído... ao mesmo tempo ela joga fora a palha, as titicas, e diz para eles o que pensa a respeito, *piu! piu!* de onde é que eles trazem tudo aquilo?... eles, bem quietinhos, no seu galho, de bico pra baixo, sem responder nada... essas algaravias entre os passarinhos não são apenas por razões sentimentais, mas domésticas também, de limpeza dos locais, dos troncos onde eles moram...

As labaredas dos despojos de Berlim não são uma razão para se deixar o tronco cheio de palha! que ninho sujo! quanto à limpeza, nós achávamos, ali, que o melhor era deixar que Lili desse um jeito... se começássemos a varrer os três juntos, íamos acabar por nos machucar... é muito apertado... além disso, La Vigue e eu temos de ir primeiro à fazenda para apresentar nossas desculpas...

"De quê?

— Do convite de ontem à noite!... você não sabia?

— Ah! sim, a pequena Cillie me disse isso!"

De todos os vexames do exílio, o mais deprimente talvez seja sermos obrigados a pedir desculpas... e disto! e daquilo!... de repente, a gente não faz outra coisa senão pedir desculpas... a gente está sempre sobrando, em tudo... em todos os lugares... até depois que a tragédia termina, o pano cai, a gente ainda perturba... vejam só o que acontece nas editoras... eu ainda fico lá... olhando para os outros a pontificarem... a dizerem besteiras...

Mas uma coisa é certa!... tínhamos de ir à fazenda...

"Escute, La Vigue!"

Lili iria visitar a herdeira, Marie-Thérèse, na outra ala do castelo... a velha lhe oferecera o piano, o salão e as partituras... uma amizade repentina, achava eu, e bem ardente!... enfim, depois veríamos!... para nós, urgente era falar com o aleijado e a mulher... pediríamos desculpas para salvar as aparências, mas tínhamos tido toda a razão não saindo de noite e atravessando o parque... as "fortalezas", verdadeiras armadas invencíveis, Berlim e as suas erupções de minas eram ninharias!... mas coisa séria, para mim, era passar muito perto das valetas!... em Grünwald, quase tinham atirado em nós... *rrrrr!*... ninguém era responsável!... já havia sido um milagre, Lili no parque do Centro de Saúde de Sartrouville... da margem fronteira, de Maison-Lafitte... *rrrrr!*... uma patrulha estafeta alemã... na véspera, quando íamos pela estrada com os arquivos da cidade, a bomba d'água e a ambulância... o famoso reide do qual ninguém fala mais, ah, que marcha de "vitória às avessas", Sartrouville-Saint-Jean-d'Angély... e não éramos só nós! toda a francesada, exército, cidades, aldeias, com as calças na mão...

Eu via ali Zornhof, o parque, uma criação de Mansard, teria sido um perfeito alvo para uma boa rajada... até de dia!... estou falando daquelas valetas, debaixo das copas das árvores!... além dos *bibelforscher*... dos interstícios daquela espécie de isbá deles... e em direção ao final das alamedas... aquela selva tão cerrada... podia-se esperar qualquer coisa... eu indico a La Vigue... "você vai pela direita! eu pela esquerda!"... na nossa

situação, aquela ramagem toda de faias, carvalhos, pinheiros, não era nada animadora... quando sentimos a hostilidade a toda a volta, a atmosfera carregada, gente se contorcendo pronta para nos cortar em pedaços, temos de desconfiar do menor montinho de pedras, de um carrinho de mão...

Nada até a estrada... só quatro... cinco... seis *bibelforscher* que nem sequer levantam a cabeça para nos verem passar... ocupados demais raspando os troncos de fatias para fazer mais outra isbá! Dizem que os forçados são muito tagarelas... mas estes não, estão bem calados.

Já vi muitos cavalos, bois, formigas, trabalhando, americanos acorrentados, negros no tronco... sempre se ouvia um suspiro, um gesto de agradecimento com o queixo, mas os dali: nada... atravessamos aquela espécie de estrada... e depois, o grande pátio da fazenda... do prédio próximo aos silos, os dois franceses, trabalhadores supostamente livres, fazem sinal para nos aproximarmos... querem ficar no estábulo... bem! vamos! do outro lado do pátio, o pessoal está como que reunido... pergunto aos franceses o que há?... ora! o pastor fora apanhado no campo de aviação... aquele pastor que não tínhamos conseguido conhecer... Hjalmar, de capacete de ponta, o guarda-civil, Hjalmar, como se chamava, o traz acorrentado, com uma algema no pulso, só uma... só tinha aquela!... o camburão viria naquela tarde, buscar o delinqüente, levá-lo para Berlim... não é muito certo... devido ao estado do céu e das estradas... como foi que o pastor se deixou apanhar?... estamos curiosos... parece que foi perseguindo um enxame... tinha sido interpelado pelo sargento-aviador que o entregara ao guarda, Hjalmar, de capacete de ponta... agora só dependia do camburão... aquele golpe de perseguir as abelhas nas próprias asas dos aparelhos colocava-o numa situação bem difícil... e era sobre aquilo que todos estavam descutindo, ali, do outro lado do pátio... estavam Hjalmar e o seu pastor com corrente e algema, estavam, naturalmente, as empregadas russas, e as donas-de-casa do povoado, e até a dona do *Kolonialwaren*, e soldados de uniforme, franceses, polacos e alemães... esse caso do pastor apanhado de gatinhas e a vinda do camburão para buscá-lo provocavam mutos comentários... cada um dizia o que pensava... havia uns "a favor", outros "contra"... "ah, se

eu fosse a justiça alemã", era a opinião dos nossos dois franceses, Léonard e o outro... informam-nos... Hjalmar, o do capacete de ponta, só usava a espada aos domingos... muito bem!... olhamos à nossa frente, para o outro lado, para o agrupamento... com certeza aqueles estavam ali por causa do café!... quente!... à porta da cozinha!... pergunto a Léonard e Joseph o que eles acham...

"Vocês podem ir lá... nós, não!... nós, não!"

Pois então... o que temos a perder? atravessamos todo o pátio... pois bem! um bule enorme! e quanto ao pão, vocês nem podem imaginar!... *brötchen* em quantidade!... bem diferente da nossa broa!... ah, eles aceitam repartir conosco, bem amáveis!... e dizem para nos aquecermos! Hjalmar dá ordens às criadas, que nos trouxessem bancos, manda que nos sentemos e pede para darmos também nossa opinião... não nos fazemos de rogados... está bem frio, já é outubro... mas com o café, melhora!... e nossa opinião sobre o pastor?... dissemos que deveria ter ficado em casa, e não andar bisbilhotando debaixo dos aviões, que ele tinha o que merecia, abelhas ou não! a maioria pensava a mesma coisa, que ele não tinha nada que se meter sob os aparelhos...

Mas e Lili?

Eu esperava que a Kretzer tivesse subido... ela nunca deixava de aparecer assim que La Vigue e eu saíamos... vinha saber das últimas fofocas... ela, as suas túnicas e as suas lágrimas... quem sabe se subiria com algo para comer? pãezinhos, bolinhos? ao mesmo tempo? a cadela era quituteira!... perversa em tudo... sabia fazer tortas de massa folhada, com amêndoas... eu ficava só pensando no cianureto... era uma idéia... oh! que perigosa aquela bruxa!... talvez de todos, os da fazenda e do castelo, ela fosse a mais imprevisível com aquelas túnicas dos filhos... e as suas sopas roxas, ralas, mornas.

Estou me deixando levar!... é a minha verve!... vou voltar logo ao ponto onde ficamos... no desjejum quente... em Hjalmar e o seu pastor apicultor infeliz... por enquanto tudo ia bem!... café do bom e pão branco às pampas!... e uma porção de criadas... à disposição... e a cozinha...

"Quando é que vem o camburão?

— Não vai ser já, vem de Berlim..."

Com a impressão que se tinha de Berlim, com aqueles estrondos, labaredas e centelhas subindo até as nuvens, eu achava que o camburão não vinha tão cedo!

"Fiquem aí sentados! chame a sua esposa!... haverá sempre o que comer!... é a ordem!"

Hjalmar insiste! está como em sua casa... tira a algema do pastor para ele poder beber e comer à vontade e passa a corrente em volta de seu próprio tornozelo... assim não haverá perigo de fuga... começa o sermão!... o pastor aproveita a nossa presença para nos fazer ouvir a palavra...

"Deus vê tudo!"

Bem calmo no seu banco, pede mais um café... dirige-se de novo a nós...

"*Sie verstehen?*... os senhores compreendem?

— *Ja!*... *ja!*..."

Ele podia continuar... em alemão... ou francês... como quisesse!

"Os homens não são nada!... as correntes também não!... Deus pensa em nós!... o dia está nascendo!... rezemos!..."

Não havia clareado, havia muitas nuvens... Hjalmar, o guarda-civil, não fazia nenhuma questão de rezar... cochichava com a criadinha... era para ela trazer, além do café, alguma coisa para levantar o ânimo, acho que genebra... eu pensava na Kretzer, tomara que ela tivesse subido para falar com Lili... para fofocar... era mais do que certo... mas também com café, pão, manteiga... os Kretzer tinham de tudo... quando queriam... nós, fosse nossa vontade ou não... tínhamos von Leiden!

Estou sempre falando do pastor mas não contei do traje dele, não estava usando sobrecasaca e sim um blusão comprido cinzento e, na cabeça, um chapéu imenso, cinzento também, e um véu amarrado debaixo do queixo... era o apicultor em plena colheita... aliás, ele explica-me que não queria que fôssemos embora antes! precisávamos saber... a sua preocupação com as colméias, a procura dos enxames tinham-no levado até às asas dos aviões... ele encontrava todas as suas abelhas lá, nas cabinas... havia mais de dois anos que um avião tinha decolado... o último avião, o último piloto fizera um buraco no terreno... o aparelho ainda

estava lá e o piloto também, enterrado no fundo... contavam-se ainda doze aviões, imobilizados no chão, bem sossegados... então, é claro que os enxames sentiam-se atraídos!... principalmente pelo interior das asas...

"Vou dizer para eles em Berlim!... eles não sabem, nunca vêm aqui!... o céu pertence a Deus! Foi Deus quem criou as abelhas! seja feita a sua vontade!

— *Sicher!* certamente!"

Concordamos!... Hjalmar, o do capacete de ponta, aprovava... eu bem que gostaria de falar do mel!...

Vinha alguém lá do fundo... alguém de botas... Kracht, o nosso *Sturmapotheke!*... que diabo vinha ele fazer aqui? ele vinha observar, diz Hjalmar... deve relatar tudo sobre nós ao seu *Standartführer* em Berlim... bem!... já está aqui!... atravessou o pátio... depressa... não faz perguntas ao pastor mas faz sinal para que fiquemos todos de pé! há reunião!

"Komm! komm!"

Devemos acompanhá-lo... aonde quer ir? Hjalmar, acorrentado ao pastor, não pode se mexer... depressa!... depressa!... a chave! ele levanta-se!... tiram-lhe a algema! pronto... vamos todos juntos em fila... afinal, Kracht fala, vamos ao campo de aviação para o inquérito... ele não pode nos deixar aqui?... bem!... lá vamos nós... primeiro pelo campo de alfafa... depois atravessamos um bosque... andamos... andamos... é longe, acho... desde Berlim que eu achava tudo longe... eu arrasto... sigo-os a distância... ah! finalmente!... uma clareira bem grande... chegamos... Hjalmar tinha levado a corneta e o tambor... tudo às costas chacoalhando... ele também manca, até mais do que eu... deve ser também ferido de guerra... devemos ser do mesmo quilate!... os instrumentos fazem um barulho!... tornou a puxar o pastor pela corrente, pela ponta, pela algema... não entendo bem o que Kracht quer, por que nos trouxe... eu que tinha tanto o que fazer na fazenda e no castelo, e ainda no armazém... para que estávamos perdendo o nosso tempo aqui?... assim que pode, todo mundo quer fazer a gente perder horas, meses... usam a gente como anteparo para o pingue-pongue das suas besteiras... e blablablá! e blablablá!... por uma hora desse joguinho amável, a gente leva quinze dias

para se recuperar... blá! blá!... é só pegar um puro-sangue e atrelar ao arado, ele vai demorar um ou dois meses para recuperar o passo... e talvez nunca consiga... o mesmo pode acontecer com a gente só por ser amável e dar atenção...

Kracht, entretanto, não é do tipo falador ou efusivo, devia ter um bom motivo para nos trazer ali, àquele terreno militar... principalmente nós, franceses muito especiais... onde não tínhamos que fazer porra nenhuma! vejo surgir algo da terra... de uma trincheira!... um casquete... uma cabeça... depois o busto... é um aviador... sargento aviador... tem uma fitinha amarela no boné... *heil! heil!*... olha fixamente para todos! *heil! heil!*... sai inteiramente do buraco... só tem um braço... pelo que entendo, ele toma conta do campo e dos aviões... que aviões?... onde? longe!... mostra-nos no fim da clareira... com o binóculo dele, eu vejo... ele tem um binóculo... seis aviões no chão, efetivamente... ele era o sargento que prendera o pastor... debaixo de uma cabina... flagrante delito... não dava mais... ele já o apanhara três vezes!... não se preocupava mais com ele agora!... entregara-o para Hjalmar!... pelo que vi, o tal sargento aviador só estava comandando provisoriamente... o Comandante titular fora a Berlim... ou Potsdam para receber ordens... o sargento tentava entrar em contato com ele... todas as linhas tinham sido cortadas... com tudo o que estava caindo, não era de surpreender... uma espécie de jornal oficial chegava, apesar de tudo, a Zornhof, de madrugada, o "Comunicado da Wehrmacht" com mais duas ou três explicações sérias: *"Estamos recuando em todas as frentes, mas, brevemente, a nossa arma secreta aniquilará Londres, Nova Iorque e Moscou."*

Ninguém prestava mais atenção àqueles "comunicados"... nem os soldados nem as donas-de-casa nem os prisioneiros... só interessava o papel, aquele papel tão escasso chegava até nós trazido por ciclistas... quatro já tinham sumido sem deixar vestígios!...

Por falar nisso, o camburão também não tinha muita chance de chegar um dia... o pastor estava resignado... Hjalmar também... enquanto isso, lá em cima, nas nuvens, viam-se traçados de espuma enroscando-se uns nos outros, divertidos... longos, muito longos... e de repente... eles eram cortados! eram o que

chamaríamos de "abstrato", e *bruuum!* cratera sobre cratera!... e nós ali naquele terreno, a cem quilômetros, sentíamos as rajadas das minas... não era sonho!... eu fizera bem ao comprar minhas bengalas... aquela loja a essa altura devia ter virado pó!... já estava a céu aberto!... quanto ao jornaleco deles, onde o imprimiriam?... pergunto a Kracht...

"Num *bunker* a dez metros debaixo da terra, ao sul de Potsdam!..."

Realmente, são teimosos! mas eu continuo me perguntando por que eles nos teriam trazido... se nos convidam para dar uma volta é porque têm alguma intenção... como Harras a respeito de Felixruhe?... o que tínhamos ido fazer lá?... ainda me pergunto... nós estávamos ali, admirando o céu, os rabiscos nas nuvens... de repente ele me diz:

"Doutor, o senhor quer vir comigo até os aviões? lá, está vendo? no final do terreno... gostaria de lhe perguntar a sua opinião... para o meu relatório...

— Claro!... Claro!..."

Mas com que finalidade?... de repente esse S.S. está tão íntimo!... passear no bosque?... me afastar dos outros?... o terreno está coberto de cinzas... mas, mesmo assim, muito mole... ele, com as botas, ainda afunda mais do que eu... sente mais dificuldade em caminhar...

Ah, chegamos aos aviões... seis aparelhos... um com a capota levantada num estado lamentável!... cada buraco na asa!... nas asas!... buracos que vão aumentando... enferrujados... e as cabinas e as hélices!... só servem para ferro-velho! digo o que penso a Kracht... não há ninguém por perto... ele responde com toda a franqueza:

"Doutor, vou lhe dizer o pior!... bem pior!... eles não têm mais pilotos!... nem óleo!... nem gasolina!... o último piloto está ali..."

Mostra-me, pouco adiante, um buraco... uma cratera na própria pista... e uma cauda de avião aparecendo...

"O piloto está no fundo do buraco... o último piloto... enterrado... os técnicos deviam vir de Berlim, mas nunca vieram... mandei derramar cal virgem, era tudo o que podíamos fazer, não?

o buraco está cheio de cal virgem... mando despejar todas as semanas..."

Mas e os enxames?... ele mostra-me... no interior! em cada asa... eu vejo!... três... quatro enxames... o pastor tinha razão ao procurar... e a prova disso era que tinha deixado todas as suas caixas e redes de borboletas no mesmo lugar em que o sargento o surpreendera... mas ele não tinha podido guardá-las no seu abrigo... não havia lugar! ele não tinha nem corrente nem algemas, dera-as a Hjalmar, que desempenhava a função de carcereiro enquanto não vinha o camburão... o principal era arranjar-se naquelas condições difíceis...

"Escute, doutor, olhe aqui... eu mandei o senhor vir para lhe pedir um servicinho...

— Com muito prazer, Kracht!"

Ah, pensei, afinal!...

"Um servicinho muito delicado... o senhor tem cigarros?

— Eu não, Kracht!... eu não fumo... minha mulher também não... mas tenho a chave do armário... você sabe..."

É inútil ele continuar falando, o que quer é que eu mexa no estoque... eu não posso dizer não... também não posso dizer sim, sem mais nem menos! Trouxera-me para longe para me experimentar a moral... depois que se vive um pouco, já se conhece o jeito de todos os agentes provocadores... começam sempre por um preâmbulo adocicado, "de coração aberto"... depois do "coração aberto", o amargo... o sujeito se descobre! eu nunca teria voltado lá do final do terreno se tivesse dito o que pensava...

"Mas claro, meu caro Kracht!... o que deseja? Craven? Lucky? Navy?"

Eu fazia a propaganda...

"Acho melhor os Lucky! vinte cigarros só... chegam!

— Mas onde?

— Aqui!... no meu coldre!"

Mostra-me...

"Vou deixá-lo, de propósito, na entrada... no porta-chapéus! pendurado!... quando nós descermos... sabe... na *mahlzeit!*"

Como nós rimos da *mahlzeit!*

"Não deixe de fechar bem o coldre!..."

Acrescenta:

"Pode ficar tranqüilo!... Harras nunca mais vai voltar!..."

Disse isso para me tranqüilizar! seria mesmo certo que Harras não ia voltar nunca?... eu já estava achando que a nossa situação estava péssima... que ele podia fazer o que quisesse, o pior... propor-nos as piores marmeladas... ia dar tudo na mesma!... aquela história de eu enfiar cigarros no coldre dele era para todo mundo ver!... ora!... toda a *Dienstelle,* todas as moças e ainda os Kretzer... deviam estar nos gozando! Kracht jogava forte, achava eu, aquilo bastava para nos mandarem para longe acorrentados e algemados... no mesmo camburão que o pastor Rieder... não só eu, mas La Vigue, Lili e o bichano... devíamos estar incomodando o pessoal do castelo, deviam estar conniventes... traficando não sei o quê... gansos? mel?... uma combinação com a polícia?... em todo caso, nós os incomodávamos... chega um momento em que as pessoas não vacilam mais, vocês vão ver na próxima... quando soar a hora de todas as cidades pegarem fogo e eles só tiverem uma idéia na cabeça, que você queime com elas!

"Muito bem, Kracht!... estou inteiramente de acordo!... no seu coldre, no porta-chapéus!"

O mais importante era voltarmos!... eu precisava falar com La Vigue... aquele passeio já tinha durado o bastante, tínhamos visto os aviões, os enxames, as caixas do pastor... e estávamos combinados quanto aos cigarros...

Eu ainda olhei para o terreno... era umas duas vezes maior, diria eu, do que a praça da Concorde... viam-se, bem ao longe, por cima dos pinheiros, o campanário de Zornhof, o relógio... quanto àquele terreno e ao abrigo, as "fortalezas" que não param de passar, sabem perfeitamente da situação, que o último piloto está enterrado há três meses, na cal virgem e que pode esperar! ninguém veio indagar, era por isso que nos deixavam em paz... só Hjalmar continua tocando o alerta!... fingindo que acredita!... retomamos o mesmo caminho de lama e cinza... e nos encontramos!... La Vigue! até que enfim!... estava curioso sobre o que Kracht poderia querer comigo...

"Oh, nada!... só uma pequena informação... você sabe, a respeito do meu pedido...

— Que pedido?

— A licença para exercer...
— Ah, sim!... ah, sim!..."

Eu não ia falar com ele sobre o armário... depois ele saberia, eu lhe contaria mais tarde... agora, vejamos!... o sargento do campo recebe sua ração na fazenda, vai buscar sua tigela... o tenente também, antes de desaparecer... as cozinheiras russas de von Leiden fazem a comida... para todo aquele pessoal, civis, militares... aqui estamos nós na fila, com o sargento maneta e Kracht, o sargento também manca... pelo menos tanto quanto eu... bem que precisava de uma bengala... eu não poderei dar-lhe o endereço onde eu comprei as minhas... aquela loja já deve ter-se desfeito em pó, com certeza!... eu também não ia perguntar sobre o endereço do Hotel Zenith... parece, segundo me disse a corcunda, que a Chancelaria fora arrasada, Adolf devia estar viajando...

Atrás de Kracht e do sargento maneta, sempre em fila, talvez a dois metros, mancando muito também, vem Hjalmar, equipado da mesma forma que quando saímos, com o tambor e a corneta, e o pastor amarrado à corrente... a corrente fora presa de novo! tirada! e colocada outra vez!... aquele Hjalmar do capacete de ponta manca mais do que qualquer um de nós!... o pastor dá-lhe o braço, ajuda-o... pronto! chegamos!... logo Hjalmar fica impaciente... queria que as mulheres andassem logo... ele fica olhando para o céu... foi-se há muito tempo... o que é que está acontecendo? talvez um alarma especial?... telefone?... pergunto...

"Nein! ach!... nein! Kaput!... Kaput! telefon!"

Há muito tempo que não funciona! *telefon!* então ele deve mais ou menos calcular a olho!... tocar a corneta quando quer! aliás, ele mesmo vê os putos desse aviões! indo e vindo!... e o horizonte... lá longe, o exército enlouquecido das labaredas! amarelas... verdes... mostro para ele...

"Achtung! Hjalmar... atenção! *rrrrr!"*

É para rirmos um pouco!... mas ele não, ele não ri, leva a coisa muito a sério... vai se machucar... os acontecimentos são como o amor, primeiro são gravíssimos, palpitantes, e depois ficam grotescos... o relógio interior de Hjalmar não estava funcionando, ele ainda pensava que estava em 14... a sua Berlim! um mingau

de ruínas, Moscou, Hiroxima, Nova Iorque nunca mais poderiam horrorizar nem sequer ser levadas a sério... o mundo de 60 está demasiado desligado, nicotinizado, alcoolizado, aeroportado, conversamolado, para a gente não achar natural que ele não exista mais... ali, o pastor Rieder, que bem poderia estar preocupado, nos dava, ao contrário, o exemplo da mais completa calma... até cantarolava uns trechos de salmos... eu não entendia tudo, mas quase... um canto que ouvira muitas vezes na Inglaterra, na Dinamarca... "A sabedoria é a minha força!"... entretanto, aquela sua história de caçada às abelhas num terreno militar podia causar-lhe transtornos... e de tal forma que ele nunca mais teria vontade de cantar... os tribunais da *Luftwaffe* nunca tinham sido generosos... mas agora, desde o fiasco total, que a R.A.F. fazia o que queria, reduzia uma cidade a pó por dia, eles só viam espiões por todos os lados e todos os suspeitos, pastores ou não pastores, eram fuzilados em série... não era cantando que o pastor ia-se livrar, pensava eu...

Pronto, chegamos perto da outra porta... vejo que a cozinha deles está escancarada... as três criadas saem, estão descalças, os cabelos soltos pelas costas... bem bonitonas, nada magras... penso com os meus botões: essas não estão se privando... usam o avental amarrado, à maneira russa, acima dos seios... não que seja bonito, mas é prático... elas nos acham engraçados!... com o nosso pastor acorrentado, de braço com o guarda-civil e o sargento maneta e Kracht... e principalmente La Vigue com uma cara de quem está caindo das nuvens... por que elas nos acham tão engraçados? Kracht pergunta-lhes, fala um pouco de russo... elas não sabem... estão cansadas de ver os incêndios de Berlim, as "fortalezas" passando e repassando, nem sequer olham mais... mas nós, Hjalmar com o seu pastor na corrente... valemos a pena... pois bem, que tragam logo o caldeirão, o sargento não tem que fazer cerimônia, exige a sua ração e depressa!... elas trazem... uma daquelas sopas de pão! muito mais forte e mais gorda do que a dos *bibelforscher*... o sargento pede para nós três tigelas que elas mergulham em pleno caldeirão... manda elas trazerem três cadeiras... e não bancos! somos cinco a degustar... devo dizer que está meio frio... a sopa cai bem, assim como o café e a broa... penso em Lili... eu devia levar alguma coisa

para ela, mas talvez Marie-Thérèse ou a perturbada da Kretzer lhe tivessem levado o necessário... oh! mas não é certo! não espero nada daquelas mulheres a não ser alguma encrenca... penso na nossa herdeira com o seu piano de cauda... e na outra com as túnicas... olho a hora no relógio da igreja... o café, a broa e a sopa fazem bem ao pastor... ele muda de cara, muda de tom... pára de cantar salmos, agora são *lieder*! e tem boa voz! ele sabe! uma voz e tanto! artista frustrado! só se ouve a voz dele, grita mais do que os estábulos... as cozinheiras russas que o achavam chato cantando os salmos, dão risadas com os *lieder*... saem todas da cozinha, em grupos de três, são seis!... e aplaudem para ele recomeçar!

ô Vater! ô Vater!

É preciso admitir, ele canta bem, uma voz própria para *lieder*, grave, apaixonada, quente... apaixonada para chegar aonde?... "ó pai! ó pai!" *O rei das bétulas!*... precipitam-se! eles são assim, assim quiseram... Berlim, o V-2 e tudo mais! fiquei ali, olhando-os, ouvindo! *Vater! ô Vater!*

"É melhor entre os *bibel!*"

Fico pensando... não é tão simples! eu sei o que o *feldwebel* deles quer, ele também quer cigarros... e como!... estão todos sabendo sobre o armário e que eu tenho a chave! estão sabendo de tudo!... não só os cigarros... o número dos gansos e perus, até os ovos, quantos são chocados por cada galinha... cigarros? eles poderiam me dizer quantos havia... enquanto espero, fico olhando, tínhamos voltado para a entrada da escada... é a hora de subir para pedir desculpas... depois iríamos ao *Dancing*... e depois ao *Kolonialwaren*... para comprar o pote de mel "sintético"... não podemos mais contar nem com o pastor nem com as donas-de-casa... mas não podíamos deixar que nos vissem no boteąuim! iam cair em cima de nós, ia ser um massacre na primeira oportunidade!... na primeira oportunidade mesmo? os russos ali?... iam descer em Zornhof?... *commando* das nuvens? não se podia entender nada dos comunicados da Wehrmacht, a não ser que eram, quanto à forma e ao tom, mais

gloriosos e resolutos do que nunca, em "posições preparadas antecipadamente"...

Por mais limitados e tapados que fôssemos, podíamos estar quase certos de ver nossos executores surgirem de um momento para outro, do ar ou da planície, com verdadeiramente tudo o que era preciso, cestas, guilhotinas, flautas e mil pandeiros, para nos fazerem dançar o rigodão com as cabeças como bilboquês soltos! avisando, com certeza, com aquelas espumas rendadas no céu, aqueles avisos enormes de um horizonte a outro... era certo, tudo estremecia... a água dos lagos e dos charcos, as árvores até as menores folhinhas, as paredes do castelo e a porta da cozinha... e até nós nas nossas cadeiras bem firmes... e talvez até de mais longe do que de Berlim... Le Vigan tinha certeza... era de mais ao norte segundo ele... ao norte era o exército inglês... a oeste, Eisenhower... tinham todos má vontade com Zornhof... Harras escolhera o lugar para nos levantar o moral... ele também escolhera gente realmente boa e acolhedora... o *Rittmeister,* o filho aleijado, Kracht, o S.S., a Kretzer e suas túnicas... e aquela doce coroa na sua torre... os *bibelforscher* lacônicos... todos nos espiando, sem dúvida nenhuma, preparando alguma brincadeira para nós...

Ali, na minha cadeira da porta da cozinha, eu olhava para o sargento maneta... ele olhava para mim também...

"Aus Paris? aus Paris?"

De onde é que nós éramos?

"Ja! ja!

— *Shöne frauen da!...* belas mulheres!"

Onde quer que se esteja... debaixo de uma nuvem de confete ou das bombas, nos porões ou na estratosfera, na prisão ou numa embaixada, no Equador ou em Trondheim, pode-se ter certeza de não se enganar, de despertar o interesse direto, é tudo o que pedem: a famosa vagina da parisiense! o homem em questão já se vê entre as coxas, em plena convulsão epilética de gozo, em pleno vôo nupcial, inundando a "parisiense" com o seu entusiasmo... era o que dizia o sargento maneta... bem triste...

"Niemehr wieder!... niemehr! nunca mais!..."

Paris, nunca mais!... era essa a catástrofe para ele!... o braço, ora! bem ou mal, ele já se habituara... mas o que ele

não conseguia suportar era "Paris, nunca mais"... *niemehr! niemehr!* deviam ser os grandes bulevares que provocavam os seus *niemehr! niemehr!*... quando os alemães começam a ficar tristes é exatamente como quando eles bebem... eles se acabam...

"Mas o senhor vai voltar a Paris, ora!... de Berlim a Paris, só uma hora!... não sou eu que vou lhe ensinar!... os progressos de amanhã! depois da guerra!... uma só moeda e o avião! uma hora!... nem será preciso passaporte!"

Agora ele me escuta.

"O senhor acha?... acha mesmo?

— Mas é para isso que existem as guerras!... o progresso! o fim das distâncias! o fim dos passaportes!"

Eu falo com segurança... sou convincente.

"Na!... na!... na!"

Duvida um pouco, balança a cabeça... seus traços afrouxam-se... mais um pouco e concordará comigo... ia tornar a ver-se na praça Saint-Michel...

Mas nós estávamos aborrecendo Kracht, falando de Paris... ele nunca tinha estado na França... queria falar comigo... levanto-me, dou alguns passos no pátio em direção ao parque, como se fosse procurar Lili... ele também se levanta... alcança-me...

"Doutor!... esta noite, está combinado? no meu coldre?

— *Ja!... ja!... sicher!...* claro!"

Tudo isso é ultra-indiscreto mas eu não conhecia a verdadeira intenção... e a quantas andávamos!... ora!...

Volto para buscar Le Vigan... há um verdadeiro espetáculo!... Hjalmer se aproveitara das panelas, comera três tigelas sozinho... mas não se agüentava mais, pegou no sono devagarinho, o capacete de ponta caiu em sua testa... o tambor rola ao chão, ele nem se importa... os braços caíam-lhe, moles... acomoda-se na sua cadeira e lá fica, entregue... La Vigue e eu ficamos a vê-lo acomodar-se... o pastor segurando-o pela corrente, se não ele rolaria pelo chão... com o tambor... mas ele que caísse logo! dormirá melhor... tenho uma idéia!... La Vigue também pensa a mesma coisa... a chave da algema! ele levava-a amarrada num barbante, pendurada ao pescoço... tiramo-la devagarinho... a algema!... e *tac!* pronto! o pastor está livre! oh! mas ele não

foge!... também está cochilando, encostado à parede... Hjalmar-o-capacete ronca por inteiro, parecemos uns idiotas com a algema, a corrente e a chave! não podemos deixá-los na porta da cozinha! se Kracht voltasse ou Isis descesse... enfio tudo no bolso... quando acordassem, iam ficar fazendo conjecturas...

Agora, vamos falar com o aleijado, nós tínhamos, entre uma sentada e outra, adiado o assunto para mais tarde... basta de protelação... subimos!... veremos!... esta escadinha de madeira é muito íngreme e suja, coberta de rabiscos e titicas... a escada do castelo em frente, a nossa, tem outro aspecto!... mas tenho que admitir que, no primeiro andar, as coisas andam melhores... diria até muito luxo... objetos rebuscados, bandejas de cobre, garrafas de cristal da Boêmia, pufes e estátuas florentinas... lembranças de viagens... não iam dar muito dinheiro no Palácio dos Leilões ou no Mercado das Pulgas! mas enfim, o ambiente é bem simpático, no seu estilo rococó alemão... como em Berlim, o bricabraque de Pretorius... desculpamos muita coisa aos alemães devido ao clima e à paisagem, qualquer cacareco de vidro parece sempre mais alegre... mas o que compensa tudo é um janelão envidraçado de toda a largura da casa, todo o panorama do lado norte... eles têm uma situação espetacular como a condessa, do seu torreão, mas a vista deles passa sobre os grandes lagos, além da terra lavrada... só olho a paisagem, tentando me situar... não há nada que sobressaia, só copas de árvores, muito, muito longe... eu não via o aleijado nem a mulher, mas eles estavam ali, pertinho, bem no meio da sala, sentados a uma mesa de jogo, botando as cartas... nós tínhamos batido mas eles não tinham atendido, absorvidos pelas cartas... se eu tivesse pensado um pouco, não teria subido para surpreendê-los... eu poderia logo ter pensado que eles estariam todos lendo o futuro... oh! não só os von Leiden... e os alemães!... Moscou, Londres... Montmartre... onde as coisas iam parar? de joelhos! rezando!... que jogada!... cruz-credo!... a Sra. de Thèbes ou Santo Eustáquio!... o futuro ia ser um dilúvio, ou seria cor-de-rosa?

Os dois, Isis e o seu aleijado, não ficaram contentes ao nos verem... acho que ficaram principalmente ofendidos por serem surpreendidos às voltas com as cartas...

"O que desejam?" pergunta ele secamente... Nicolas, o altão, ao lado dele...

"Vimos pedir desculpas por ontem à noite...

— Desculpas de quê?...

— Fomos retidos aí em frente pela Srta. Marie-Thérèse...

— Não esperamos por vocês!... vão embora!... saiam daqui!..."

Isis, a mulher, deve achar que ele está sendo um pouco brusco.

"Doutor, não ligue! ele não dormiu... não conseguiu adormecer... passou mesmo muito mal... vou contar...

— Ora, minha senhora, eu compreendo muito bem!"

Mas não é absolutamente a opinião do aleijado!

"Não, Isis!... *nein!... nein!... los! los! raus!...* eles têm de ir embora todos!"

Ela não lhe deu atenção...

"O senhor viu a minha filha Cillie?... está lá em frente, foi levar leite para o gato... e o café da manhã para sua esposa, para seu amigo, e para o senhor...

— Por que é que você ainda está falando com eles, sua ordinária?... escute!... são sabotadores!... você não está vendo?... os dois!... os três!... você está me ouvindo, puta?... ponha-os já no olho da rua!... Nicolas! Nicolas!... mande-os embora!... não!... me leve!"

Nicolas aproxima-se... o aleijado agarra-o pelo pescoço com os dois braços... Nicolas levanta-o devagarinho... leva-o para o fundo, os tocos balançando... levanta um grande reposteiro... deve ser o quarto deles...

Nós não podíamos nos surpreender... ele não quer nos ver, ora!... os outros também não!... Em Montmartre, Bezons, Sartrouville, Londres, Tegucigalpa, os mesmos sentimentos! abominados por todos em toda parte! e ainda por cima, reféns! e o pior, porra, é que ainda somos! se houver uma nova depuração amanhã... já estamos marcados... não serão outros! seremos nós! estejam eles num conflito tremendo, arranquem-se as tripas para saber quem está certo ou errado, engulam a cortina de ferro, as raivas, raças, religiões, seitas, cores, estão todas absolutamente de acordo em que somos nós os culpados e não outros! que fomos nós que cometemos todos os crimes!

Os sistemas nervosos, as revistas, as academias, os salões, as câmaras, precisam de certas certezas...

Ali, pelo que podiam ver, o aleijado e a mulher, todo o horizonte norte, como já disse, eles já podiam saber, não precisavam perguntar às cartas!... primeiro as nuvens, tão escuras ao norte como as nossas ao sul... ainda mais negras talvez... mais pesadas... por trás do reposteiro, o aleijado queixa-se alto... de quê? de dores?... se ele recomeçasse eu ia perguntar se podia ser útil... não!... ele não recomeça... estamos cansados de andar de lá para cá... ficamos sentados...

Penso em Harras, que queria que eu desenvolvesse a sua grande idéia "a história da Ciência e Medicina"... "os médicos franco-alemães através das eras"... patife! como tinha dado o fora!... nós não íamos vê-lo nunca mais! quanto ao tifo e à varíola, era só ele ter ficado aqui, calamidades, ele teria à vontade!... não havia necessidade de documentação!... estava escrito lá no alto, em todas as cores, embaixo e em cima das nuvens, era exatamente o que se podia pensar das Ciências, fulminatos, fósforos, enxofres... do Oeste... Norte... de que exército?... de que hordas?... ainda estavam longe, de fato... mas havia quatro dias que a fumaça era mais espessa... deviam estar queimando as florestas...

Em todo caso, uma coisa em favor daqueles alemães: os von Leiden... o *Landrat* e até os Kretzer não iam ficar muito bem por nos terem hospedado, alimentado, muito mal, mas mesmo assim... teriam de prestar contas... oh... eles sabiam... estavam esperando... só desejavam livrar-se de nós... mas onde? como? eu pensava em falar a respeito, com Isis, ela me parecia mais apta a compreender... não muito favorável mas menos tola... o marido, absolutamente hostil... não adiantava falar com aquele maluco invejoso... crises?... crises de quê?... drogas?... eu ia ver...

"Minha senhora, nós estamos criando embaraços para a senhora... mas, acredite!...

— Eu sei! eu sei!... ora, eu os compreendo, doutor!... vocês são muito infelizes... posso entendê-los... eu também sou muito infeliz... talvez..."

Ela não ousa dizer: mais do que vocês!... é a primeira vez que eu olho para essa mulher... na verdade, não olho mais para as mulheres há anos... deve ser a idade... e também os fatos... quando a floresta pega fogo, os animais mais afoitos e os mais ferozes não pensam mais nem em bagatelas nem em se devorar... quanto a nós, desde 39 que a nossa floresta estava pegando fogo... é verdade que há exceções, pessoas que sentem com mais força, que só gozam nos suplícios, para quem os olhos e línguas arrancados propiciam as galanterias... é a mesma coisa que comer cocô e beber nos mictórios... mas eu não tenho jeito... aquela mulher ali, eu preciso olhar bem para ela!... uma pessoa dos seus quarenta anos... um rosto de certa forma bonito... de traços muito nítidos, muito bem desenhados... sobre o qual, diria eu, a Natureza tinha caprichado... a arte final do retrato... a Natureza não capricha muito nas nossas caras abatidas... as nossas encantadoras, maravilhosas, do palco e das revistas, cretinas e gabando-se disso... "modelos" que o mundo nos inveja, caras mascaradas, sombra e pestanas postiças... meio garçonetes, meio chapeleiras, não falo do resto, corpos esqueléticos, pneumáticos, celulite, pêlos e sutiãs... mocinhas de balcão ou freguesas, elas conquistaram o mundo!... vejam só!... nas Embaixadas ou no Passage des Princes, basta sair um pouco e vê-se a multidão atrás delas... suplicando que não resistam... belezas notáveis, ora!... mais ou menos feitas a machado, pernas atrofiadas e tortas... nádegas saltitantes, peitos idem, fazem um sucesso!

Mas com essa Isis! ora, prudência! era preciso se emocionar, ser sensível... ela estava esperando por isso... lindos olhos amendoados, pretos... as mulheres se olham no espelho desde a primeira infância, imaginem só aos quarenta, a prática do fascínio aperfeiçoada... bom!... ela fazia questão de me fascinar... eu, quanto aos "espelhos da alma"... quando é preciso, é preciso, eu posso também ser muito atento... os olhos dela valiam a pena... em geral os olhos das senhoras são simplesmente do gênero "cadela aveludada"... ela, um pouco mais... disposta a tudo!... oh! simples impressão!... era a primeira vez que eu olhava para ela... o corpo, agora! pode-se dizer que o mundo não liga para os corpos, basta olhar um pouco as grandes Revistas da Beleza, diacho!... estou me repetindo!... que museus de

horrores!... inegáveis! ali na frente da gente! e não "imaginários"!... uns joelhos, umas bundas, uns tornozelos, umas varizes, uns peitos!... que atrofia, quantos quilos de gordura, de pneumáticos e papadas, dos mais famosos ídolos da tela! estrelas milionárias, egérias de papas!... não há necessidade de máquinas e átomos para destruir a nossa bela espécie!... não dá mais para se olhar as mulheres! quero dizer, veterinariamente, da forma sã e séria como são julgados os potros, os cães de caça, os cockers e os faisões... não haveria mais concurso agrícola se fosse preciso premiar as "mulheres"!

Mas as "mulheres" não são só corpos!... sacana! elas são "companheiras"! e que delícia as suas tagarelices, encantos e enfeites! para quem tem gosto pelo suicídio, diante dos encantos e tagarelices, três horas por dia, vale mais a pena se enforcar! faz até muito bem!... e isso sem má intenção! ou então o cara passa a velhice inteira a querer mal ao seu pinto por tê-lo feito perder tantos anos dando pulinhos de impaciência... bonitinho, em pé nas patinhas traseiras, num pé ou noutro, para merecer a esmola de um sorriso...

Quanto a Isis, dado o lugar e o momento, eu não podia fazer pouco-caso... nem bancar o cético ou o cansado... muito interessado, ao contrário!... eu podia adivinhar-lhe um pouco o corpo... tinha um quê!... em trajes matinais, roupão de babados... cetim, musselina... rosa e verde... eu tinha que ver, por baixo um corpo adorável, desejável, tinha que me perturbar... gaguejar, enrubescer, perder o fio... tudo enfim!...

Ela recostou-se... isto é, quase... o suficiente para eu ver suas pernas e até um pouco das coxas... pelo decote, também, os seios sem sutiã... é este o momento, penso eu, em que todas as literaturas, da empregadinha ou dos Goncourts, das sacristias ou das cloacas, engrenam... "a pele acetinada e deliciosa, as curvas das ancas..." eu deveria, também, ser mais poético... mas já perdi o jeito e o espírito!... é claro que, antigamente, eu poderia!...

Quanto a fazer parte de uma seita, de uma academia ou até de um terraço, a literatura espera sempre, como os salões, que os corpos estejam quase podres, para se entusiasmar... os seus julgamentos lembram o chacal... quanto ao autêntico, ao novo, eles

não se atrevem... têm um certo pudor... precisam ver um pouco de varizes, muitas estrias, tornozelos inchados, para se entusiasmarem realmente...! qualquer feixe de ossos ou alguém já meio pifado é um regalo!... mas aquele não era o momento de eu fazer cara disto ou daquilo! La Vigue também não: mostramos entusiasmo! vendo-a de perto, eu tinha que admitir que ela estava bem conservada ainda... as coxas, os seios, o rosto... devia ter nascido de pais fortes, nem alcoólatras, nem variólicos... criada nos bosques da Prússia oriental, bem alimentada... vergonha e miséria, o terrível *handicap* dos pobres! eu sei o que estou dizendo...

Aliás, na nossa condição, Isis, aquele mulherão, um pouco gasta talvez, se fosse a condessa lá de cima, ou a Kretzer, tivesse ela quinze ou cem anos, devia deixar-nos desvanecidos!... e até excitados!... admitir-nos no seu seminu entre bordados, cetins e musselinas... nós não íamos faltar-lhe com o respeito... oh, meu Deus, não!... antes tomar cianureto!

O que ela nos dizia?... em francês... banalidades... que Berlim estava em chamas!... diabo! nós já sabíamos!... que os ingleses eram uns monstros!... e daí?...

Oh, uma lágrima! sim, está chorando... duas lágrimas!... um lencinho!

"Sabem, senhores, eu ia todas as terças-feiras a Berlim, nunca mais irei!"

Mais lágrimas... não ficamos indiferentes...

"O *Landrat* me levava... ele tem o seu carro... aqui nós não temos nada... mais nada!..."

Mais lágrimas... explica-me que a sua manicura fica em Berlim... o cabeleireiro, a modista, o massagista, tudo em Berlim!... por falar nisso, e o *Landrat,* onde está?... viria almoçar... mas nem uma palavra!... devem estar nos porões!... sorri!... nós sorrimos... massagista, *Landrat,* modista, todos nos buracos!... nós, aqui, não sabemos nada... só sabemos que há bombardeios... e que tudo estremece...

Por falar em tremor, justamente lá no fundo a pesada tapeçaria desaba! com trilho e tudo... *rrrrac!* foi tudo arrancado!... e alguém!... o aleijado montado em Nicolas! o gigante! o aleijado

furioso!... uma aparição!... revirando os olhos em nossa direção!...

"*Schweine!* porcos!... *raus! raus!*... fora!"

Estou traduzindo... o aleijado não fala francês... só alemão...

"*Spione! Spione!... lauter Spione!*"

Não somos só porcos, somos espiões!...

"Você não quer botá-los para fora? *Spione! Spione!* ah, você não quer! *Nicolas!*"

O gigante passa-lhe a espingarda... e lá do alto, a cavalo, ele mira em nós, por assim dizer, à queima-roupa... a uns quatro ou cinco metros... não temos tempo de pensar, Isis, que estava numa pose lânguida, fazendo charme para nós, entre coxas e soluços... dá um pulo! uma tigresa! toma a arma dele! joga-a do outro lado da sala! com ele junto!... ele cai de cabeça!... berrando: puta!... puta!... duas vezes... está ali no tapete... de repente pára... começa a babar, a contorcer-se, a estertorar... ah! afinal, uma coisa definida que eu reconheço!... ele morde a língua... debate-se, grita... não é nenhuma siringomielia... é outra coisa... esse filho von Leiden é epiléptico... ali no tapete... é inegável!... todas as características... Isis surpreendeu-me, que presença de espírito! como o desarmou! não lhe deu tempo para nada! foi mesmo admirável, firme, precisa!... Harras devia saber, com certeza, que o aleijado era perigoso...

"O senhor está vendo, doutor!... está vendo?"

Mas claro que eu estava vendo!... ele ainda ia ficar mais uma hora pelo menos se contorcendo e babando...

"É de ciúme!... e também por causa dos alertas!... há dois anos que ele não dorme mais... desculpe, doutor!... e o senhor também, Sr. Le Vigan!... ele não sabe mais o que faz! pensei que Harras pudesse conseguir que ele fosse tratar-se em Berlim... para dizer a verdade... mesmo... não suporto mais!... principalmente por causa da menina!... é perigoso até para ela!... ele não sabe mais o que faz! e sente dores!... sofre demais para um ser humano!... não acha? das costas... do coração... e dos nervos... tem crises durante noites inteiras!... o senhor não pode fazer nada por ele, doutor?

— Veremos, minha senhora, veremos!..."

Enquanto isso, ele, ali de costas, se contorce todo em convulsões... aos nossos pés... os toquinhos das pernas balançam... os braços parecem lutar com o carpete... a cabeça tão crispada, como que fechada dentro das rugas, e uma espuma grossa de baba e de sangue a escorrer-lhe pelo queixo...

"Veja como ele está, doutor!... fica desse jeito pelo menos duas vezes por semana... cada vez pior...

— Seria necessário, evidentemente, que o recebessem em algum lugar... que o tratassem em algum sanatório... ele não pode ficar sempre aqui com esses alertas... na Suíça por exemplo...

— Ele não vai querer sair daqui nunca, é muito ciumento!

— Vou falar com Harras...

— Oh, se é que ele vai voltar!...

— Quanto tempo duram as crises?

— Variam muito! *verschieden!*... dez minutos!... duas horas!... todos os médicos recomendaram que esperássemos bastante tempo... que o deixássemos dormir... três horas... quatro horas... é isso mesmo?

— Perfeito!... mas o que é que ele toma?

— Olhe!"

Ela me leva até ao armário de remédios... há o necessário! eu vejo... de tudo... pós... ampolas... frascos... luminal... dolosal... morfina... heroína... ela pode regalá-lo!... pergunto-lhe quantos comprimidos lhe dá... quantas ampolas...

"Tudo o que ele quer, tanto quanto quer!... Harras me disse... certos dias, duas vezes... três vezes... mas, principalmente, à noite... as crises dele surgem lá pelas onze horas..."

Ele não tinha crises só por causa dos alertas... mas, muitas vezes, por uma contrariedade... agora era por ciúme... ela tinha certeza... ele tinha um ciúme doentio... ciúme de Harras ou do *Landrat*... eu compreendia que ele tivesse de Harras... mas de nós? não tínhamos com que provocar ciúme! capengas e birutas... absorvidos pelas tigelas e os tremores das paredes e o artigo 75 no rabo... se aquela senhora pensasse na sua saúde! na verdade, não há situação difícil que se mantenha, é impossível fazer com que as damas ardentes entendam que não se está pe-

dindo nada... nem entrada, nem prato principal, nem sobremesa... elas podem ficar com tudo! contanto que nos deixem em paz pelo amor de Deus!

Ó raiva! ó gagás! morte a todos!
Que regras na vida das damas!
Salve! tesão! e pronto! e fogo!

Quanto a nós, nem pensar! La Vigue e eu... bem-comportados... para sempre!... é terrível a mania das belezas! quanto mais as cidades se incendeiam, quanto mais se massacra, enforca, esquarteja, tanto mais elas ficam loucas por intimidades... o artigo número um do mundo: a foda!... eu que não me esqueço de muita coisa (sem falsa modéstia), lembro-me de que, em outubro de 14, o regimento desmontado estava acampado à margem direita do Lys, esperando o amanhecer sob o fogo contínuo das baterias do outro lado... muitas moças e senhoras, burguesas, operárias, aproveitavam-se da escuridão para nos apalpar, levantavam as saias, sem dizer uma só palavra, nenhuma palavra perdida, nenhum rosto visto, de um cavaleiro a pé a outro... os bons costumes fazem com que os noivados se arrastem por dez meses, dez anos, de uma temporada de esportes de inverno a outra, de uma exposição de pintura a outra, festinhas, carros enguiçados, comes-e-bebes grandes e pequenos, bebedeiras formidáveis, arrotos, proclamas, cartório, mas quando é preciso as circunstâncias fazem com que regimentos inteiros trepem com apaixonadas malucas sob os obuses, mil mulheres de cada vez!... por minuto!... sem cerimônia!... buracos na natureza?... mortos por todos os lados?... um bordel total! amores como moscas!

Estou comunicando meus pensamentos, sinto que não vou viver muito, se eu não aproveitar a ocasião, todos os meus inimigos vão sair ganhando, vão me contar tudo errado, já estão fazendo isso... sei que vão dizer que ninguém se importa!... eu me importo muito!... eu estava falando do aleijado von Leiden... ali deitado... em plena crise... preciso falar de novo daquele sujo!... eu não via nem colarinho nem gravata nele!... bem!... ele começa a debater-se, prende a língua... mas não há perigo de ele ficar sufocado... é um ataque clássico de epilepsia... e a espin-

garda? vou apanhá-la... estava carregada... dois cartuchos... meto-os no bolso...

"Ele também nos ameaça muitas vezes, a mim e a minha filha!"

Eu imagino!... ora! é problema dela!... nós, quanto a preocupações, somos bem-dotados!... mas penso em Lili... ela deve estar indagando o que terá sido feito de nós... penso nas tigelas... estamos muito longe do *Tanzhalle!*... muito longe do armazém!... não consigo nos ver de novo passando em frente ao botequim!... nem em frente às choupanas... todas as mulheres e viúvas de tocaia!... como aquelas mulheres vigiam!... não, não dá!... o melhor é eu tirar da panela, lá embaixo!... sem pedir licença! se eu pedir a Isis von Leiden, ela vai começar com suas histórias, que não confia nas criadas russas, que elas têm ordem de não tocar na sopa sem a autorização do aleijado... e os nossos cupons com a autorização?... com o *Landrat?*... nos cafundós-do-judas?... o único meio é roubar... pois se só ouvimos "não" por todos os lados... o jeito é nos servirmos e darmos o fora... adeus!... despedimo-nos de Isis, o mais discretamente possível, na ponta dos pés... o marido dela continua de costas, se contorcendo, mas babando menos... deve voltar a si dentro de uma hora mais ou menos... não nos terá visto sair... talvez nem se lembre da crise... descemos a escadinha íngreme, e logo ali embaixo encontramos Hjalmar e o pastor, roncando... não se mexeram, nem um nem outro... o pastor na cadeira, de costas para a parede, Hjalmar estendido na sarjeta, o tambor, a corneta, jogados... e é hora de ele tocar e soprar!... o céu está sendo riscado pela R.A.F., ida e volta de Londres a Berlim... as nuvens dispersam-se... pretas... brancas... flocos de neve, montes de graxa e espuma... Hjalmar está roncando e o pastor também... e as moças na cozinha?... vou até lá... ninguém... a gororoba em plena confecção... panelas enormes, fumegando e cheirando!... vejo que só preciso servir-me, nem mais nem menos!... há uma porção de tigelas, as mesas estão cheias... encho uma!... duas!... três!... quarto!... só temos que atravessar o pátio... o castelo é ali pertinho... é só rodear o grande charco e depois os estábulos... depois, a estradinha... a nossa alameda de faias e as isbás... talvez os pacifistas tenham acabado de aplainar... conscienciosos, silenciosos... silêncio, felizmen-

te!... se eles começassem a falar, a coisa não ia ser sopa! bastava olhar para a cara deles... tinham mais ódio do que nós... continuamos portanto caminhando ao longo dos estábulos...

"Epa!... epa!... por aqui!"

Franceses... não é difícil... eles nos viram... com as nossas tigelas... também querem... eu disse: "está bem! tomem! uma para cada um!..." guardamos duas para nós, à noite... contolhes que a Kretzer, Kracht e os outros nos afanaram os cupons... uma corja de bandidos!

"Não se apoquentem, são todos piratas!... e os russos na comida!... eles remexem na panela das mulheres alemãs! é por isso que elas nunca estão lá!"

Bem no alto, lá em cima, através das nuvens, parece um cardume de sardinhas... ficamos olhando...

"Estão cada vez aumentando mais!"

É Joseph quem fala... o outro, Léonard, que parecia ainda mais sorrateiro e nos topa ainda menos, observa:

"Como estão atacando!"

Eu não deixo por menos... respondo na bucha...

"Pelo estado em que nós vimos Berlim, já deveriam ter acabado, hem, La Vigue?"

La Vigue aprova.

"Ah, a gente fica se perguntando... o que é que eles ainda podem estar bombardeando?... os buracos?

— Há ainda muitos alemães nos buracos!... eles nunca vão queimar o bastante!... e de cabeça para baixo!"

É essa a opinião de Joseph...

Para Joseph, nós também deveríamos estar lá, na fogueira... é lá o nosso lugar, sujos, vendidos!... nada de especial!... é a opinião de todos e todas, não só de Joseph, guarda-porcos, e de Léonard, prisioneiro de merda, de Cocteau também, da Academia, e de tantos outros, amigos de Montmartre e de Cousteau, condenado à morte, e de Vaillant, do prêmio Goncourt... é a magia da minha humilde pessoa, tão gratuita que todas e todos me acusaram, preto no branco, e ainda me acusam e vão me acusar para sempre..., por eu ter me apresentado em todas as repartições... ocultas... oficiais... atravessado todas as cortinas de ferro, fixas, móveis, todos os mictórios, passado por todos os

buracos de camundongo, de um pedaço de pão a outro!... é nisso que dá ser o espelho das almas!... putas só querem saber de putas por toda parte!... o leitor pode ter certeza de que aqueles dois prisioneiros voluntários não participavam da discussão, eles bem que tinham as suas idéias a nosso respeito!... e já que estávamos no estábulo e não havia nenhum alemão por perto, Léonard se abre conosco...

"Pra vocês isso não interessa, não é?... mas nós... é isso o que queremos! todos os nazistas pelos ares com bombas de fósforo!... e os outros!... toda a alemoada!... as raparigas e os pirralhos... tudo! vocês gostam deles!

— Não!... não podemos dizer isso... e eles não nos toleram! é claro!

— Então por que vocês estão aqui?

— Porque em Paris ainda é pior!...

— Pior do que o quê?

— Nossas cabeças a prêmio!

— Ah! estão vendo!"

Ali está a prova!... a confissão!... Léonard, Joseph enchem os cachimbos... com uma espécie de fumo...

"Feno!... é a isso que temos direito!... e olhe lá, hem?... com os nossos cupons!..."

Nós compreendemos... cheiramos o que eles fumam... não é bem feno... tem um pouco de fumo... fumo?... fumo?... fico pensando... a mesma idéia!... ora! eles também deviam saber!... o armário!... que eu possuía a chave... acho que ainda não tinham ido ver... ainda não... mas, com certeza, tinham contado a eles... e que Harras trazia de Lisboa caixas e caixas... não é possível guardar segredos em Zornhof!... era só o que eles faziam todos!... prisioneiros, donas-de-casa, a mulher do armazém: descobrir tudo o que estava trancado à chave!... eles não paravam de tentar ver, de rondar... e de cochichar... então era fatal!... nós éramos novatos, acabávamos de chegar... mas eles, habituados a roubar, teimosos, raivosos, curiosos campônios... umas fuinhas!... e havia muita coisa escondida em Zornhof, não era só o meu armário... os meus Lucky, Navy e o patê de porco!... aqueles dois, Léonard e Joseph do estábulo, sem serem vistos, viam tudo!... manjavam até o que acontecia

lá em cima em casa do aleijado, do outro lado do pátio... e as gargalhadas do velho, como ele pedia para apanhar, quantas vezes andava em volta do salão e do quarto, de quatro, com as gurias às costas, *upa! upa!* cavalinho!... o cu de fora, bem vermelho... eles viam aquilo tudo do estábulo sem aparecerem... sabiam tudo a respeito da *Dienstelle,* qual a secretária que estava de barriga, e os acontecimentos do povoado, qual o prisioneiro revoltoso que viera à padaria com um ganso que eles tinham comido, os três... e com castanhas... e que o *Landrat* soubera e o *Simmer,* cheio de jóias, ia mandar fuzilá-los!... e a que horas e em que lugar, encostado em que muro da estrada Moorsburg—Berlim... o *Landrat* ia sempre pessoalmente às execuções... principalmente nos últimos seis meses... há seis meses ele tinha sido encarregado da Justiça dos dois tribunais, militar e civil, e das polícias... dos Processos... podia se considerar popular!... Léonard e Joseph conheciam-no bem... ele sempre vinha à fazenda, vinha almoçar e apanhar Isis para levá-la à manicura e fazer compras em Berlim... todas as castelãs das redondezas iam a Berlim todas as semanas... que o *Landrat* comia Isis já era coisa sabida!... primeiro o banquete, vinhos, licores, duas ou três carnes, um peru, e depois a dama !e café do bom!... ah, as Ordens do *Reich!*... para nós, a privação total! para eles tudo e mais alguma coisa! até rebentar a pança!... era isso que Léonard achava uma vergonha, ele era comilão... acho que Joseph se contentaria com Isis, era mais fogoso... aliás, com isso eles me fizeram pensar naquela mulher, ela havia subido na minha estima depois que eu a vira pular... ah... uma tigresa!... eu tinha lhe dado uma nota baixa, 4 ou 5... não!... ela valia mais!... talvez 8 em 20!... Joseph e Léonard não são ligados em notas de estética... são mais nos cupons... que não recebem aquilo a que têm direito, nem margarina, nem fumo falsificado...

"Ia ser bom se a gente botasse fogo neles!... no *Landrat* também!"

Eu proponho isso de brincadeira!

"Ah, isso mesmo! isso mesmo!"

Vejo que estamos de acordo...

Com o tempo, vinte anos mais tarde, as cabeças atômicas estão prontas, setenta e cinco mil, parece, fantasticamente desejadas,

merecidas! tomara que eles as lancem, e que tudo saia esguichando, porra, depressa! que todos se desatomizem! perdigotos cósmicos!

Já ali, há vinte anos, o *Landrat,* Simmer, Isis, o aleijado, o velho das chicotadas, *Rittmeister,* Marie-Thérèse na sua torre, o carregador hercúleo Nicolas, e o nosso Harras, sempre ausente, longe, eram todos da mesma laia, todos abomináveis, patifes, e mais a Kretzer, aquela chorona com os dois filhos mortos na guerra, e o Kracht, *Apotheke* de botas, espião dos piores!... e as secretárias e até a nossa corcundinha com o pai encantador de peixinhos, campeão do Spree, farinha do mesmo saco!... vinho da mesma pipa! todos mancomunados!

A essa altura, Léonard e Joseph não se mexiam mais... eu arranjava cada adjetivo que eles ficavam de boca aberta... eles nunca os encontrariam... é para isso que serve a cultura... para xingamentos de todos os tipos, adjetivos tremendos... a máquina política, os comissários do povo, a censura... os intelectuais dos partidos não são supérfluos, sem eles até Próspero claudicaria, todas as suas cóleras acabariam em mugidos gordos, ruídos de diarréia... o empurrãozinho do escriba da esquina conserta todos esses horrores, salva o dó de peito, apaga as dissonâncias...

Nós, quanto a salvar alguma coisa, pensamos logo nas nossas tigelas... tinham esfriado com tanta conversa... poderíamos esquentá-las, mas onde?

"Até logo, Joseph! Até logo, Léonard! nós já voltamos!... temos o necessário!"

O principal era ficarmos amigos... ou pelo menos que eles não nos detestassem... quando tudo é ódio, e só se encontram matadouros por toda parte, se aparecem dois ou três carrascos, um pouco menos apressados do que os outros, de quem se consigam as boas graças por meio de gentilezas, um pouco de fumo, uma meia tigela, isso já é uma grande coisa! pode até se falar em milagre ou coisa que o valha! Lisieux* nunca conseguiu pegar enquanto Bernadette em Lourdes vive em pleno triunfo... uma gruta de dois bilhões e dois mil trens e mais outras tantas coisas extraordinárias!

---

* Lugar de nascimento de Santa Teresinha do Menino Jesus. (N. da T.)

Bernadotte, de Pau, o marechal, era de outro gênero, virou casaca quando precisou, virou rei e pronto! ainda é!... conheço quarenta milhões de franceses que fizeram a mesma coisa, calças, armas e tudo o mais!... nem por isso se tornaram reis!... participaram apenas da corrida, só... disputando os cem mil cadáveres!... isso é o que dizem! falam!... a verdade virá mais tarde!... quando se abrirem os arquivos e ninguém mais se interessar... talvez! mesmo assim!... três esclerosados chorões tomando 1939 por 1870!... De Gaulle por Dreyfus... Laval pela abadessa de Montmartre... Pétain por um intendente do Palácio...

Estou brincando!... já ia esquecendo as nossas tigelas!... elas não iam esquentar de uma piada a outra!... não iam surgir das nossas reflexões!...

Ao passar pelos *bibelforscher*, eu vejo mais uma isbá... puxa! aqueles, credo, trabalham bem e depressa!... não são vagabundos sem trabalho! nem aprendizes, e aquelas isbás não são anexos pequenos e sim mansões para, pelo menos, quinze ou vinte famílias... é isso que está faltando à França... não perdigotos estimulantes ou padrecos fotogênicos... mas pacifistas! com aquela qualidade e rapidez, reconstruiriam a França em menos de trinta e cinco dias, o tempo daquela caganeira louca, Breda-Pireneus... estou dizendo!... afirmando!... que pretensão!... "nós todos sabemos tudo muito bem depois que o fato acontece!..." mas, ali, o fato era a nossa janta!... bastava atravessar o parque... o nosso peristilo... e a nossa torre... ouço vozes... o casal Kretzer... empurramos a porta... oh! tudo vai bem!... é só conversa fiada... não há nenhum drama... os Kretzer e pelo menos dez secretárias, reunidos à volta de uma cigana, isso eu não esperava... de onde viria a cigana?... os ciganos deveriam ser suprimidos segundo os decretos de Nurembergue?... altamente contaminadores!... cripto-asiáticos!... uma cigana livre e falante? era o mesmo que dizer que a guerra fora inútil! A ordem de Hitler, não esqueçamos, era tão racista como a dos negros de Mali ou a dos amarelos de Hang-Keu... íamos ver!... não se viu nada, felizmente!... tanto quanto Monnerville, rei da França ... e os gauleses, expulsos com um pontapé do seu pretenso império!... não é racista quem quer!

E aquela ali, acocorada em nosso colchão, vinha de onde?... pergunto a Lili, no ouvido... pergunto a Marie-Thérèse... e aos Kretzer... ela vinha simplesmente da Hungria... eles cochicham... não está sozinha... são cinco famílias num carro-reboque ali no parque, do outro lado das isbás... que lêem a sorte, trabalham muito bem com vime, empalham, tocam violino e roubam, é claro... e, é quase certo, espionam... e o mais bonito: têm passaportes perfeitamente em dia, mais em dia do que nós!... com carimbos em cera, fotografias, impressões e licença para toda Berlim, *ausweis* e abastecimento de gasogênio... nós só precisamos ir ver, ali pertinho, ao lado dos *bibelforscher*... deviam acampar ali três semanas, o tempo suficiente para dar cinco ou seis espetáculos, cinema, cantos, danças, empalhar todas as cadeiras, consertar os cestos, tornar a montar as colméias... aqueles artesãos chegavam na hora... e o vime não faltava... as valetas e os lagos cheios... três semanas eram pouco para tudo o que tinham de fazer!... o agradável no III *Reich* quando se começa a julgá-lo, e a História já está fazendo isso, agora que acabou a gritaria, é que eles pensavam nos mínimos detalhes... por exemplo, quanto aos judeus, quantos deles eram designados para a Chancelaria?... e bem próximo de Adolf?... belos e belas!... um dia, vão escrever um livro sobre eles... como os fuzilados das cortes de justiça, tão depuradoras quanto nazistas, colaboradores de primeira... Sachs não era uma exceção... absolutamente!... conheci, em Sigmaringen, exemplos muito mais grandiloqüentes!... a terrível catástrofe dos *goim** é que eles estão tão apavorados, são tão cartesiano-lamuriantes que o que não é bem compreendido, admitido, bem de acordo... simplesmente não existe!... só o que se entende bem é que vale... por aqui os pequenos Loyolas!... por aqui os assalariados carrascos de Himmler!... é só perguntar um pouco mais... detalhes?... e eles ficam completamente malucos, delirantes, antropopitecos, loucos por álcool, cambaleando, ansiosos por publicidade, uma merda!... assassinos como cinqüenta filmes, mais porcos de que os "Consultórios Sentimentais", o teatro de Mayol

* Plural de *goi*, palavra hebraica referente ao não-judeu. (N. da T.)

e o do Grand-Guignol juntos! provocaram? agora vejam no que deu! paciência!...

Nós dois ali com as nossas tigelas, homínidas ou não, chegamos na hora H... eu podia ver, em cima da palha, grandes pratos de *butterbrot!*... pilhas de fatias de pão com manteiga e bolinhos... nós com as nossas tigelas, ainda por cima frias, ficamos com cara de tacho!... o melhor era levá-las a Iago... ele devia ter voltado do seu sacrifício diário de puxar o velho e mostrar a magreza... falei ao ouvido de Le Vigan... merda!... a cigana me escutou...

"Vão logo! vão!"

Grita... manda-nos embora... sabe quem somos... esse pessoal se informa logo... mal tinham chegado, naquela manhã!... ela nos despachou em francês!... "vão logo!"... precisávamos ver um pouco da cara daquela tipa agressiva!... não havia quase luz!... só duas velas... era uma questão de habituar os olhos, como acontece com o rádio, de adaptar-se... agora eu posso vê-la, está sentada, de cócoras, embaralhando as cartas... é a doença da época, recrutas, civis, prisioneiros, todos, todas botando as cartas!... é a grande doença!... aonde quer que se vá, há gente lendo a sorte!... ah! Harras, que está procurando um Apocalipse! que terrível epidemia!

A cigana chega a Lili... quer que demos o fora, eu e La Vigue!... nada em nossa presença!

"Gehen sie, doch!"

Eram tão sérias aquelas cartas que pareciam coisa da polícia!...

Harras está em Portugal contatando os outros barrigudos, ali da frente, eram capazes de estar também botando as cartas, eu não ficaria admirado... mas como aquela cigana é impaciente!...

"Los!... los!..."

E com uma voz rouca... quase de homem... e pintada, mal tive tempo de ver as pestanas e sobrancelhas pintadas de azul... e devia estar usando peruca... aqueles cabelos não eram dela... e peruca loura!... acho que ela não gosta de ser encarada... oh!... eu não quero mais complicações, naturalmente... saímos devagarinho com as nossas tigelas... para as senhoras tratarem do futuro!... na vida real, como passavam "fortalezas"... não no futuro, mas naquele momento, bem em cima de nós!... esqua-

drilhas e mais esquadrilhas e não são brinquedo, não são de cartas!... e não fazem cerimônia voando em formação, abaixo das nuvens... a uns trezentos metros... só!... e todas as luzes piscando para nós sabermos que eles estão como em sua casa, que todo o ar alemão lhes pertence, não só a capital e os arredores, que vão deixar tudo em frangalhos!... crateras e fósforo! virar tudo de cabeça pra baixo, as ruínas e o Spree, Adolf e a sua Chancelaria, e os seus *Obersturm* e *bunker*... e os cemitérios também!

E os nossos cupons?... lembro-me! o nosso *Landrat* devia tratar daquilo, fazer punhados de confetes com eles!... pois muito bem!

"Não solte o corrimão!"

Vamos para o porão, agora pelo corredor... Iago devia estar lá... o velho tinha voltado, eu vi a sua bicicleta embaixo, o guidom apoiado numa coluna... o importante era que Iago não nos mordesse... La Vigue propôs: "Ele o conhece, vá você!"... coloco uma tigela sobre a laje... e chamo Iago... ele aceita... três lambidas!... e pronto!... engoliu tudo!... dou-lhe a outra ... mais três lambidas!... que bonito, Iago!... somos amigos! fácil!... voltaremos para os "bibel"... tinham de sobra! se a gente não bancar Deus, repartir os bens com justiça, vai morrer de raiva, de indignação, de ódio recalcado... eu sei o que estou dizendo... estou chegando perto... eu estava falando da publicação, a bandalheira que é!... e do gosto abominável do público!... eu, que já tenho o hábito das dissecações e de temas bem avançados, fico de coração mole quando penso nos livros e comentários... não há piores escorpiões peludos, no fundo dos Sargaços, do que os leitores avisados... consumidores de excrementos dialéticos, apanhados nas algas, e frasíbulos formados com pólipos, "mensagens" geniais... sensacionais bolhas de lama... só de entrever esses fundos de nada pode-se muito bem acabar com a vista, o gosto, o olfato para sempre...

Quanto a nós, ali, Iago não era uma fera, mas se o assustássemos, ou o surpreendêssemos, ele era bem capaz de nos comer... não tínhamos feito besteira, tínhamos ido devagar... ele nos compreendera muito bem... não que fosse um animal ávido! não! mas, realmente, ele não agüentava mais... era preciso que ele ficasse

nos conhecendo... já que eu mexia no armário, os cigarros serviriam para as tigelas! se Harras voltasse... ia ver!... ele tinha comido todos os dias em Portugal... por que é que para nós... aquelas Ordens estritas?... todas as privações do grande *Reich!*... Iago, nós!... e se aquele Harras não voltasse nunca?

Já que podemos ir ao quarto de La Vigue, pois Iago nos deixa passar, é a hora de falarmos um pouco dos nossos projetos... primeiro, claro, das nossas impressões!... não tínhamos podido conversar nada, nem um momento sozinhos, sempre gente em volta, faladeiras, espiões e espiãs, mais ou menos... quando a gente passa a ser suspeita, procurada de um lado ou de outro, esse tipo de gente aparece logo... crescem como cogumelos depois da chuva... o ser humano é delator, espião de nascença, nasce assim, não pode ser diferente... se vai embora, despede-se da gente... não há necessidade de perguntar aonde vai? vai telefonar para a Polícia, que viu a gente, assim, assado...

Já contei que a cela de La Vigue era bem no fundo de um corredor, de terra batida e tijolos... entre a cozinha do Comandante von Leiden e a lenheira... o velho mandava as meninas lá para apanharem lenha... precisava para a lareira, uma espécie de monumento, toda de louça, que ocupava a metade da sala... era mesmo um aquecimento atravancador, mas é preciso admitir que estava bem no seu lugar, naquele entressolo majestoso, levando-se em conta a atmosfera Brandemburgo e todas as suas janelas dando para a planície... a cela de Le Vigan também dava para essa mesma planície mas mais abaixo e por trás das grades!... ah! conheci lugares muito piores... mas o quarto de Le Vigan não era nada alegre... devia ter sido dormitório das ajudantes da cozinha antigamente, agora as raparigas dormiam em outro lugar... aquela janela dava primeiro para uma grande poça, logo ali, um charco de lama amarela, riscada de fios d'água... dou esses detalhes porque mais tarde, algumas semanas depois, tivemos que nos ocupar muito com aqueles fios de água e com aquelas algas compridas, eu contarei... por enquanto ali, no seu subsolo, nós falamos de tudo o que tínhamos visto havia dois dias... na verdade, não estava bem claro o que tinha contecido... a um certo momento, as complicações se embaralham... tanta estupidez! era de abestalhar!... não era possível! era sim!...

não dava mais para perguntar, ninguém tentava entender a gente! os leitores, espectadores, na verdade, só exigem uma coisa, que você estrebuche na forca! e depressa! alto, curto! em que estilo, você vai ficar lá, pendurado? não se podem complicar as Escrituras! o gênio desta Civilização foi ter justificado as piores e mais paranóicas matanças... o sentido da História!... *new look*, segurados da Previdência escorrendo sangue, com os fígados em mingau, as meninges em frangalhos, sádicos vagabundos motorizados, televisados, encantados!... beatos!... e mais ainda!... muito mais!... um copo!... dois!... um arroto!

Ah! quanta saudade!
Das pernas bem-feitas!
Dos braços perfeitos!
Da minha mocidade!

era o mesmo estribilho, é verdade... mas e nós? em quarentena nos cafundós da Prússia... em *sursis!* mas de quê?... todo o pessoal em volta na maior hostilidade, tanto os S.S. como os anti!... não mais do que seriam em Montmartre, em Sartrouville ou Courbevoie... *sursis* para onde? o Instituto Dentário?... a Villa Saïd?... já deviam ter tomado providências... eram mais do que suspeitos, não eram só os "trabalhadores voluntários"... Kretzer... Kracht... a herdeira Marie-Thérèse, tão amável com os seus bolinhos... e os outros da fazenda em frente com a sua pretensa cólera... o aleijado com a espingarda carregada... para brincar ou para nos assustar?... pensando nos pequenos detalhes, concluímos que aquilo tudo era uma comédia... ensaiada... que a mira, o pulo da tigresa tinham sido para provocar *suspense*... que ela fizera desviar o cano... mas que já estava combinado entre eles... então por quê?... nós não entendíamos...

"Eu estou lhe dizendo, eu já dizia em Grünwald, não devíamos ter vindo para cá... eles precisavam ficar conosco em Berlim! teria sido melhor esperar os acontecimentos!"

É absurdo!...

"Nós também não deveríamos ter vindo nunca para Baden-Baden! você achava que aqueles do Brenner eram gente séria? a tão anti-hitlerista von Seckt?... e o filho da puta do Schulze,

aquele hipócrita!... os magnatas do Ruhr, grandes fãs de De Gaulle!... pois sim!... e todos os *maîtres d'hôtel* suspeitos?"

Não adiantava tentar fazer La Vigue, "o homem-de-lugar-nenhum", pensar com a cabeça, era loucura, não valia a pena, mas eu também podia pretender que não me enganara tanto, entretanto, afinal de contas, estávamos num povoado tão cheio de intrigas que seria uma boa se nunca tivéssemos posto os pés ali!... seria melhor em qualquer outro lugar!

"Escute, quem é essa cigana, hem? você viu que cabeleira? peruca loura?... de onde pode ter saído?... você ouviu a voz dela?... aquilo, uma mulher?... você acha?... um homem?... e aquela nojenta nos botou pra fora, ela vai fazer as mesas se mexerem!... é pra isso que as levou lá para cima!

— Todas, quem?

— Todas as mulheres!... E Lili também! enquanto isso, escute só... o que eles estão jogando em cima de Berlim!"

Era verdade, mais do que de costume... cascatas de bombas!

"Já imaginou nós lá?... pense no Zenith e em Pretorius!... suspenso, o sujeito... ouça o que estou dizendo, meu filho, eles vão revirar tudo!... os buracos também!... pelo avesso, como dedos de luvas!... as crateras!..."

Não era exagero, bastava só olhar para as paredes, como estremeciam, a cem quilômetros, eles faziam um Vesúvio com as bombas!... Berlim, o povo e as ruínas... acho que, agora, estão mais aperfeiçoados... vamos ver, vamos julgar... mas ali já era um espetáculo, e bem variado... não eram só "fortalezas", esquadrilhas... pequenos caças também... um por um, *marauders*... *mosquitos*... os alemães, bem passivos, nada!... nem uma partida, nem uma bateria!... já tínhamos visto por alto o último aviador! ele mesmo cavara o seu próprio buraco!... digo o único, talvez esteja exagerando, mas os outros, que não se viam, só podiam ter feito ainda melhor... mais fundo... o que é que íamos fazer em Berlim se por acaso nos deixassem ir?... se já não havia mais do que escombros, agora, pelo modo como estavam bombardeando, só poderiam restar cinzas sobre cinzas... o homem-de-nenhum-lugar era idiota! bastava prestar um pouco de atenção nas paredes e nas lajotas... e a sua cela era bem debaixo da terra...

"Você acha que eles vêm aqui?
— Não estaremos mais aqui!
— Onde, então?
— Deixe-me pensar!"

Pensar, eu me gabava um pouco... mas mesmo assim tive uma idéia... há muito tempo tinha aquela idéia... pequena e prática... "só se vê aquilo para o que se olha e só se olha para aquilo que já se tem na mente..."

"Você não ouviu o sargento?
— O sargento onde?
— O do terreno, do pintarroxo...
— E então?
— Ele não falou de Heinkel?
— Que Heinkel?
— A fábrica de Rostock...
— E então?
— Então eu lhe digo mais tarde... enquanto isso, vamos lá em cima, elas devem ter acabado de ler o futuro...
— Você acha?"

Saímos às apalpadelas da cela dele... a luz era proibida... e não tínhamos vela... chamamos Iago, ele vem ao nosso encontro, fareja-nos... eu passo a mão na cabeça dele, ele gosta... faço-lhe carícias, ele nos deixa passar... La Vigue apanha as duas tigelas... voltaremos a passar pelos *bibelforscher*... Iago nos entende... ele me faz lembrar de uma canção-zinha...

Não se passa assim pelas pessoas!

Não que ele fosse um cachorro de maus bofes! não!... mas com aquele patrão nojento que o obrigava a puxá-lo horas a fio, o pobre coitado não agüentava mais, e ainda por cima sem comer!... quanto às tigelas, eu fazia o que podia! simplesmente por cigarros!... não ia fazer cerimônia!... o armário de Harras estava ali! se eu ia tirar coisas para o Kracht, por que não para os outros, ora?... ia deixar o barco correr!... as cozinheiras da fazenda?... elas também queriam fumar!... e os nossos malandros dos estábulos?... um pouco!... e a dona do armazém?...

e o guarda-civil?... todos!... todas!... Kretzer e senhora!... quanta gente eu ia deixar feliz!... com delicadeza, é claro, mas, afinal Harras, eu queria ver se ele voltava, mentiroso sem-vergonha, vadiando, correndo atrás do tifo! ele não ia levar muito tempo para compreender... se ele tivesse apanhado aquelas bombas no meio da cara, ele teria feito a mesma coisa!... o cachorro!... ele ia buscar o seu Grünwald e as suas mocinhas *telefunken* e os seus sucos de frutas! estava tudo em chamas! chamas!... o horizonte inteiro! verdes... amarelas... alaranjadas... e lá em cima, nas nuvens, as ondas de graxa... em nossa direção... em cima de nós... ondas furiosas... com certeza Harras sabia... porra! nada mais devia existir do seu *Obergesundt!* nem com pinças encontraria uma só *fräulein!* nem um finlandês, nem um guarda-costas, tudo tinha ido lá pra cima... ia ter muito de que rir!... *ooooh!* mas, para nós, o importante era achar a nossa porta, subir para o quarto... totalmente às apalpadelas... era a única coisa que tinham como "passiva", as velas eram totalmente proibidas!... até um fósforo!... entretanto eles tinham nos seus quartos, eu via os clarões debaixo das portas... também cozinhavam... sentia-se cheiro de comida... deviam também fazer doces, um cheiro de caramelo... naturalmente, eles não comiam à mesa!... em toda parte, em todos os países em guerra, é o vício geral, não se pode ver o que se come, nem o que se bebe... dão uma batida nas rações das crianças, principalmente de leite, para o café do papai... eu via em Bezons, eu dava mais leite para os "de menos de quatro anos", e nunca eles viam sequer uma gota daquilo... as mães se defendiam por outros meios, com os cupons... apanhavam as gulodices, mandavam os pirralhos brincarem lá fora, embaixo, e então, sozinhas, vinhos, queijo, pão, sem ninguém pra ver, sem cheiro, se fartavam! as ogras!... em toda parte, em todos os países em guerra, é preciso ter a esperteza de uma raposa, e a paciência de um gato para ver as pessoas se regalarem... nunca os víamos quando se alimentavam... uma mágica! só nós e Iago estávamos magros... devia bastar para o povoado... exemplos perfeitos de austeridade... perfeitos hipócritas, todos aqueles espectadores do castelo, da fazenda, das choupanas... as falsidades são como as línguas, cada uma tem as suas regras, suas estruturas... a hipocrisia

alemã não se diverte muito com as grandes demonstrações, desfiles de massas, rosnados de chefes, entusiasmos loucos, *über alles!* mas entre as famílias, *mahlzeit* era passar mal, era preciso mostrar bem que só se comia um nadinha de sopa, e gritando bem alto!... *heil!*... *heil!*... o retrato de Hitler na parede, ídolo. bigode fino, lábios finos, não ria nem um pouco... só depois da *mahlzeit*... eles subiam para os quartos, sozinhos, para preparar uma coisinha... a prova era que não havia ninguém magro... uma coisa era certa, a nossa protetora, Marie-Thérèse, não se privava, ela não vivia só de guloseimas!... eu esperava que Lili tivesse podido pedir-lhe restos para La Vigue e para mim... onde quer que eu tenha visto, todas as reuniões de senhoras, de mesas giratórias, de leituras de mão, de predição do futuro nas cartas, ou de damas loucas e sensuais, onde quer que seja, Londres, Neuilly, Nova Iorque, Dacar, as mulheres são sempre loucas por comer... coisinhas leves, é verdade, mas ainda mais sanduíches, montanhas de bolinhos... e tanto vinho do porto, gim, *scotch*, que as mulheres saem das mesas giratórias estufadas e arrotando... pelos dois extremos... muito indecentes!

Claro que Lili não estava bêbada, eu a conhecia... e tinha pensado em nós... subimos... achamos a nossa porta... Lili está aqui... sozinha... estava nos esperando...

"E então?... então?... o que é que ela disse?

— Quem?

— A cigana.

— Ela fez a mesa falar...

— E daí?

— Que ela estava vendo você e La Vigue numa casa grande muito escura... muito grande...

— É só isso?

— Uma casa com grades...

— Por que ela nos mandou sair?

— Não queria falar na frente de vocês...

— Você acha que é mulher?

— Não tenho certeza... vamos tornar a vê-la amanhã... o carro deles está no parque... ela deve voltar para apanhar cadeiras, todas precisam de conserto, as da casa de Marie-Thérèse e as do velho... e também na fazenda, em frente..."

Podíamos contar com Lili... ela havia pensado em nós... uma cestinha cheia de sanduíches!... e não eram *ersatz* como em Berlim, eram legítimos e com manteiga! e ainda pão com patê, *foie gras*... era a prova de que tinham tudo o que queriam!... como?... eu ainda não sabia... mas estava desconfiado... de um agente a outro... já com o falso mel, os cigarros, o panelão do *Tanzhalle*, e as broas do armazém... nós estávamos começando a nos defender... se mexêssemos no armário de Harras, não íamos precisar de mais nada... o que vale, em circunstâncias difíceis, é agarrar-se com gente exaltada, dando, dando sempre, para eles contarem com a gente... "para levantar a terra, dêem-me uma alavanca!" gritava Arquimedes... dê ao fumante em privação algo para encher o cachimbo e ele lhe entregará um mercado inteiro... o fumante em privação é capaz de tudo, ele acha tudo, rouba tudo...

No armário de Harras havia pelo menos três anos de fumo... dez anos de Navy Cut e Craven... seis meses de Lucky... eu já nos via engordando... eles podiam esperar sentados, os pérfidos, o aleijado, Kracht, Isis e os outros! era o plano deles deixar-nos em petição de miséria... e a diplomacia? basta ter um acerto, um arranjo, e esperar... nós tínhamos o estoque de Harras... os homens cansam-se de tudo, até dos coquetéis mais agressivos... enquanto o fumo, ora!... é quase mais procurado do que a vida!... na hora da pena de morte... a escolher: rum?... fumo?... ganha o cigarro... eu estava vendo que, pelo nosso pequeno estratagema, íamos poder passar perfeitamente sem os cupons... só que eles ficariam insuportáveis quando começássemos a aporrinhá-los... podia-se até prever que ficariam intratáveis... para nós já não era sem tempo avistar o meio de dar o fora... antes que eles nos pregassem uma boa peça, não sei qual... é claro que eu tinha uma idéia... duas... três... quatro... não sou ladino mas sou desconfiado... não sou otimista... avaliava as vantagens e desvantagens... havia meses... sem contar para ninguém... nem para Lili, nem para La Vigue... veríamos! ali, naquele instante, eu estava só querendo saber o que elas tinham podido dizer umas às outras... primeiro no nosso refúgio, na torre, e depois lá em cima, em casa da herdei-

ra... não tinham só consultado as mesas!... tinham lanchado, e muito bem!... a prova eram os folheados de morangos, a gelatina de ganso, as sardinhas, o pão branco, tudo o que Lili tinha guardado para nós... parece que havia dez vezes mais do que aquilo...

"E a cigana?"

Não era mesa, era uma mesinha pequena!... que ela tinha feito se mexer, num pé e no outro...

"E o que é que a mesinha respondeu?

— As mesmas coisas!"

Que nós dois, La Vigue e eu, passávamos por entre as chamas, e de novo mais chamas! estávamos presos numa casa muito grande completamente escura... inteiramente escura e com grades.

Quanto às chamas, bastava olhar!... todos os horizontes!... e tudo o que passava do leste e do norte, uma esquadrilha atrás da outra, não era para derramar bolinhos sobre a paisagem!... só pela maneira como tudo estremecia, as paredes, o chão, os estábulos, nós também poderíamos profetizar! segredos!... que as bombas das "fortalezas" iam revirar todas as beterrabas e a terra também com os nazistas todos! proprietários e solteironas e mais o *Landrat* com as suas pulseiras e os trabalhadores não-voluntários, e os *bibel,* que tudo aquilo ia parar nas nuvens!... bastava ver o que estava vindo, rolando em temporais, como de propósito, em cima de nós, em ocre... preto... fumaças de quê?... das florestas?... do alcatrão? das fábricas?... os aviões não faziam cerimônia, atravessavam, como em missão de rotina... agora, de noite, com todas as luzes piscando, era certo que iam reduzir Moorsburg a pó quando não houvesse mais ruínas em Berlim... iam derrubar todas as fachadas!... iam fazer dali, do castelo e tudo o mais, só uma pequena cratera de nada... quando não houvesse mais nada no grande *Reich,* na maldita Prússia e em Brandemburgo!... mais uma razão para não esperar!... não havia necessidade da cigana com as suas mesinhas! a tal que se dizia mulher!... era preciso sumir, meu Deus!... e sem demora!... mas como? não houvera só espiritismo e comilanças... Marie-Thérèse oferecera a Lili toda a biblioteca do velho, tudo o que ela quisesse!... era ali, na porta ao lado da sala!... eu vi o que Lili apanhara... Paul de Kock inteiro... Murger todo...

para mim e La Vigue, coisas sérias!... a *Revue des Deux Mondes* dos setenta e cinco últimos anos... a *Vie des Astres* de Flammarion... as mulheres todas, inclusive a cigana, tinham ajudado a trazê-los e a arrumá-los em ordem, por números, datas, para que a nossa torre ficasse com a aparência de apartamento mobiliado, decente... o engraçado é que tivemos tempo de ler tudo!... romances, ensaios, críticas, discursos... posso portanto afirmar, com provas, que os reis, deputados, ministros, dizem sempre, década após década, as mesmas besteiras... só com um ou outro imprevisto aqui ou ali... mais cretino, menos cretino... que os romancistas escrevem sempre os mesmos romances, mais ou menos chifrudos, mais ou menos passados, pederastas, confusão, veneno, revólver... afinal de contas, não passam de adorno, lianas de pensamentos fortes... Tallemant basta, no seu gênero compacto, mostra tudo, grana, crimes, amor... em menos de três páginas... pode-se sempre observar que os críticos, de uma revista a outra, estão sempre com o mesmo dedo tapando o olho, não deixam de errar, do fim de um século ao outro... só se entusiasmam com merda, quanto mais vazio mais se exaltam... loucos! louvam, apaixonados, arfam! de joelhos!... as revistas dos fundos das bibliotecas são sempre bem atuais... sempre o canal de Suez... sempre as vinte guerras iminentes!... a humanidade sempre aumentando... já se sabe tão bem o que vai acontecer que se chega a não ler mais nada, a não querer mais saber de nada...

Falei tanto de comezainas... espero que não me tomem por um comilão!... não o sou nem um pouco!... mas por comer tão pouco, eu tinha medo de que ficássemos fracos e acabássemos pifando... é muito bonito sonhar com fuga! mas se a gente não vai lá das pernas?... aconteceu isso, um pouco mais tarde, na Dinamarca... depois da prisão... acabaram comigo, cheguei a cem anos em dois... pra essa gente entendida, guardas, técnicos, é fácil fazer a gente parecer ter cem anos em menos de dois...

Mas, ali em Zornhof, com as minhas bengalas, mal ou bem eu ainda andava... depois que fui preso, não conseguia mais... não estou me queixando... já vi gente com câncer no reto, ainda bem agressiva, agentes do Ministério do Interior, espiões ardorosos... é para vocês verem!... eu podia aproveitar... irritar o

público: "Ele está blasfemando, juro!... mas ainda não bateu a bota?... monstro desnaturado!..."

O nervosismo, a impaciência dessas pessoas vem do fato de que elas não leram números da *Revue des Deux Mondes* de cem anos... ali, veriam claramente que já se está preparando outro mil vezes pior, no sentido da História... mil vezes mais rancoroso, uma peste!...

Ali, do lugar do qual estou falando, de Zornhof no Brandemburgo, nós podíamos pensar que já nos tinham sacudido bastante de um lado para o outro!... nada disso! eram só as banderilhas... o mais sério ainda estava por vir... mas eu tinha a impressão de já ter passado por um bocado de coisas... Montmartre, Sartrouville, La Rochelle, Bezons, Baden-Baden, Berlim...

Eu devia contar a Lili o que se passara na fazenda?... o pulo da Isis!... o ciúme do aleijado! o ataque? e a espingarda?... não!... quem sabe?... mais tarde... ela trouxera lá de cima, dos aposentos da herdeira, um belo candelabro de cinco braços... mas só uma vela... a vela única não nos iluminava muito, mas assim mesmo, lá de fora, do parque, eles deviam ver uma luz...

"Você não acha, La Vigue?"

No mesmo instante, parecia até que tinha sido combinado, um toque de corneta, de baixo... Hjalmar, na certa!... era só ele, a corneta!...

"A vela, La Vigue!"

Precipitamo-nos... apagamos a vela... La Vigue aperta o pavio... estão chamando... é conosco... do parque...

"Franzosen!... franzosen!"

É mesmo conosco... eles que subam... talvez não seja Hjalmar... agora é o tambor! *trrrr*... deve ser ele!... não quer subir?... está com medo?... então vamos descer, droga! eu e La Vigue... mas não no escuro!... com a vela... pela escada... eles que reclamem à vontade!

"Acende logo!..."

É uma descida bem perigosa!... mesmo degrau por degrau... mesmo com a vela!...

"Ora, vamos dizer para o cretino subir, apague a vela."

Abro bem a porta... é mesmo Hjalmar!... com o pastor... o que é que eles querem?

"Schlüssel! schlüssel!"

Ele quer a chave... que chave?... mostra-me o punho do pastor, a algema... onde eu a tinha metido?... lembro-me, é verdade, eu a tinha apanhado no bolso dele enquanto os dois roncavam... mas onde a tinha posto?... apalpo-me... reviro os bolsos... ah, lá está ela!... que sorte!... dou-a a Hjalmar... pensei que ele fosse algemá-lo de novo... não!... um fósforo!... para eu ver bem as caras deles... são eles, sim!... o pastor continua com o chapéu panamá e o véu de apicultor... Hjalmar, talabarte, tambor, corneta, capacete de ponta...

"Nun gut! agora, está bem!"

Põe a chave no bolso... a algema, a corrente... vai perder tudo!... todo esfarrapado como está... farrapos cheios de buracos...

Tranqüiliza-me.

"Er braucht nicht!... não precisa!"

Explica-me:

"Er kommt mit!... ele vem comigo!"

Que bom!... que bom!...

Vão-se... não é difícil!... dois, três passos!... desaparecem... a clareira estava negra como tinta... só lá no alto há nuvens iluminadas, brilhantes... com os fachos de cem holofotes e os reflexos de outras explosões... ao norte... a leste... mas no nosso parque, nada... uma escuridão de breu... dois passos... três passos... nessas situações, parece que a gente se transforma em algodão e se deixa envolver pela noite... a um dado momento a gente até se surpreende procurando, procurando o quê?... não se sabe mais... ouço de novo as últimas palavras...

"Ele não precisa... Ele vai conosco..."

Hjalmar... ele devia saber para onde ia com o seu cutuca-enxames... o pastor de véu... em todo caso, quem sabe?...

"Komm mit!"

Esperamos os dois se afastarem... ficamos olhando a noite... ah, a corneta!... um toque!... dois toques... é Hjalmar... já está longe... além da igreja...

Só revi os dois bem mais tarde... em certa ocasião... vou contar... para mim, a verdade em primeiro lugar!... a verdade consiste em pensar... espere um pouquinho...

*

Vejo aquela pequena Esther Loyola, com o mundo a seus pés, implorando, suplicando que ela se dignasse ir deitar-se numa "Sainte-Chapelle"... que Hollywood, com os seus milhões, faria o resto, trinta e cinco "superproduções"...

A questão das mansardas, perseguições nos telhados, tiras por todos os lados, nós também já tivemos... é claro! mas não nos rendem nada! diacho, nada!... nem "Sainte-Chapelle" nem contratos a peso de ouro...

Meus irmãos de raça são gente bem mandada, Esther é dos que dão as ordens... deviam ter me dito quando eu ainda estava no berço: "Garoto, você é da raça dos lacaios, seja bem modesto e bem rastejante, e principalmente não vá se meter com o que estiver acontecendo à mesa dos patrões!" eu teria ficado num cantinho, bem escondido em 14, não teria aberto o bico... a não ser para dizer sim! sim! sim!...

Em 40, eu teria fugido com os outros e me "reengajado" entre os "heróis"...

Depois que a trapaça tivesse dado bom resultado e os historiadores se acomodado... eu não me esquecia de mandar, de quinze em quinze dias, o meu belo artigo: "Ah! aquela pequena Esther Loyola!" eu recebia o Nobel, ficava rico, todo mundo me adorava, Mauriac, Cousteau, Rivarol e Vichy-Bresson... "ah! como estamos orgulhosos de ter na França um admirador tão grande de Esther!..." os meus pobres pais não me avisaram quando ainda estava em tempo, no berço em Courbevoie, na Rampe du Pont...

"Escute aqui, neném! nem uma palavra sobre certas coisas, nunca!"

Eu teria dado o fora com todo mundo, o resto do pessoal da casa, e teria gritado com eles, vinte anos depois, que tudo tinha acontecido de forma admirável!... ia ter pleno direito, então, a um ministério, ao Nobel e à Academia...

Eu não insisto!... muitas pessoas, até muito pacientes me disseram que eu estava me repetindo... portanto chega de chorar! depressa o nosso *Figaro!* as notícias de Genebra, da conferência pré-atômica... notícias muito animadoras, revigorantes... que nos dão a certeza de que passaremos férias perfeitas!

"Conte-me o que eles comeram e beberam?"

O Figaro-Vichy, literário e imobiliário, sociedade agrícola reunida, conta:

Enfim poderão prosseguir as conversações que se iniciaram hoje entre o Sr. Gromyko e o Sr. Couve de Murville durante um almoço oferecido pelo chefe da delegação soviética. O banquete prolongou-se por uma hora e meia. Comeu-se muito bem, o cardápio era o seguinte: caviar, vol-au-vent, *truta ao champanhe, costeleta de vitela, frutas frescas. Tudo regado a vodca, vinho da Geórgia e champanhe da Criméia. Segundo as fontes oficiais, a conversa girou em torno de banalidades e o ambiente foi cordial e descontraído...*

Já se pode imaginar como esses senhores, de paladar tão refinado, com esses cardápios memoráveis se mostram na televisão em pleno regabofe e os seus povos seguem o exemplo, saem pelos mares, pelas montanhas, bem sossegados... a fé... é o essencial! a confiança! confiança e esquecimento!... e eles, o que comeram tão bem em Genebra, já digeriram e evacuaram!...

Não dou dez anos para os jovens tomarem Pétain por um armazém... Colombey-les-Deux* por um trocadilho sujo... Verduns por um tipo de anisete... "confiança, férias, esquecimento ..." vá dizer aos operários de Billancourt que foram um pouco bombardeados!... vão tomá-lo por louco!... vá procurar uma plaquinha que seja, um pequeno buquê escondido!

"Fulano?... Beltrana?...

— Bastava eles se protegerem. Você com as suas perguntas, pare com isso!... já é um colaboracionista muito esquisito, fa-

---

* Colombey-les-Deux-Eglises — local onde se situava a casa de campo do General de Gaulle. (N. da T.)

zendo-se de vítima da R.A.F.! e andando assim pelas ruas, de propósito!..."

Realmente aquele farsante estava conseguindo alguma coisa fazendo-se de vítima!... em que guichê?... mas há os que sabem... voltaremos a falar disso.

*

Nem tudo foi sempre turístico com helicóptero e banheiros, e recepcionistas *pin-up* como hoje em dia... claro que não! todos os que conheceram o *Vardar* e até diria eu, todos os Bálcãs, bem antes de Tito, na época dos Karageorgevitch, mesmo na de Stampar tiveram problemas com mosquitos!... e tifo! e pestes de todo tipo!... e com os *felchers*... quero dizer, nas províncias, vales e mercados, não como turistas, gente carregada de bagagem, motorizada, nunca satisfeita, nunca bastante farta, cheia de bebidas folclóricas bem fortes, de gororobas bem apimentadas, nunca encontrando bocetas que cheguem, mariscos bastante suculentos e menininhos bastante rechonchudos... os ônibus não enormes o bastante, e insuficientes bundas grandes e falantes dentro, em cima, em volta...

Naquele tempo, o dos Karageorgevitch, toda a Saúde Pública da Europa preocupava-se com os *felchers*... como o tempo que fará, neste verão, vem da Groenlândia... as grandes epidemias, as verdadeiras, bem mais poderosas do que os conflitos, até os atômicos, vinham dos ratos... eram os *felchers* que davam o alerta, segundo a direção das migrações dos cadáveres de ratos de barriga para cima, o número deles... os *felchers* passavam por todos os mercados, bazares, templos, com o seu "gancho de prospecção" e alarmavam, tranqüilizavam a Europa...

É só dar uma olhadinha para trás... Karageorgevitch, Stampar... as epidemias...

Agora, é Roger que, bom amigo, vem me procurar... não tenho nenhuma ilusão... vem me ver um pouco como *felcher*... se já estou de barriga para cima?... se estou perdendo os pêlos?... se eu ponho a língua para fora?... se não estou mais ofegante?... menos do que na semana passada?... quanto a isso, preciso

admitir que o nosso inverno foi duro!... para Achille, não!... vejam só Achille, aos oitenta anos, saltar do carro de cravo na lapela para um casamento, um garoto!... o que é que eu pareço ao lado dele? desabando, me lamentando, impotente... eu sei que Achille não trabalha nunca, desde que nasceu, neres! não serve pra nada, de uma mamata para outra, manda, mete no bolso... e é só!... é este o verdadeiro método para se chegar à velhice... não fazer nada, aproveitar-se e fazer pouco dos outros!... todas as estatísticas provam isso...

Meia-volta! cale a boca!... acontece que, tendo nascido bastante estudioso, tendo vivido um pouco, e sabendo quantos amigos eu tenho, inclusive Achille, estou demorando um pouco a falecer... é esta a questão, se eu não me decido é porque sinto muito acabar trabalhando ao invés de não fazer porra nenhuma como Achille, não que eu tenha inveja dos abraços... oh, não!... nem dos milhões... mas puxa, que merda essa maldita vergonha de acabar curvado ao peso do trabalho!...

Oh! que bom não fazer nada!
quando em volta é só labuta!
trrrrru! trrrrru!

E não é só bom, é um diploma de longa vida, com ou sem óculos!... por exemplo Krukru... o coronel Eueu, Eisenhower, se fossem mineiros, nas profundezas, já teriam morrido, os três, há muito tempo!... não falariam mais, não arbitrariam mais, não decidiriam mais... ao passo que, como estão, entre papos e almoços, irão direitinho para o *Larousse*, com comentários e tudo o mais!... de três, quatro páginas!... ah! e ainda os funerais! de arromba! toques de clarim, desfiles de meninas e flores em profusão!

Digo isso a Roger e ele não me contradiz, ele bem que sabe de muita coisa, sabe que, mesmo um pouquinho só, quando não se está do lado certo, vagabundo, perverso, tratante, é difícil de conseguir, principalmente com os anos... quando se chega a certa idade, tem-se a maior dificuldade, principalmente eu, com a minha fama, pode-se dizer mundial, de "monstro nunca visto"! os homens têm de pagar um preço, só existem se se sentirem virtuosos, puros,

amáveis, culpados, no máximo, por terem um coração bom demais, por não terem mandado enforcar, esquartejar a gente no momento propício... culpados de a gente ainda não ter morrido!... oh, é claro que tudo se pode fazer de novo!... os severos senhores da Justiça podem reabrir os seus processos! e os tribunais!... já me tomaram tudo, só me sobrou o pescoço!... que já está sobrando!... e como buzinam isso pra mim! de perto, de longe! de todos os extremos e do meio, de *Rivarol* ao *L'Humanité*... sou o elemento de união sagrada das ânsias de vômito... clínico teimoso como eu sou, esse ódio tão meticuloso, ora surdo, ora tonitruante, que eu encontro no mundo inteiro, me parece um pouco imperialista... complô, conspiração!... impressões...

Roger é um homem cheio de finura e amizade, de elegância de coração e espírito... sutil, sensível, sagaz! como *felcher*, ao invés de querer a morte do rato, faz tudo para tirá-lo da crise... já se pode imaginar que uma mansidão como essa é mal interpretada nas cúpulas e que se fala disso como o diabo, em redações, camarins, rádios, sacristias, livrarias dinâmicas... e que coisas dizem dele! *felcher* sem consciência!... bode expiatório sou eu! caem na minha pele e descarregam todo o ódio! pula! erecta como louco! ejacula, desfalece!

Roger vem me visitar para me pôr um pouco a par dos meus últimos fracassos... *D'un château l'autre* não está mais vendendo... a tiragem não chegou aos 30.000... ao passo que estes e aqueles... têm tiragem de 500... 700.000... e sempre mais edições! e se disputam aos tapas! nas estações e nas comissões, nos coquetéis e nos *boudoirs*... então, o que é que eu posso fazer, eu e meu complô? *A Revista Compacta de Aporrinhação*... que é o Argos da Editora, recusa-se a publicar uma linha que seja sobre mim, mesmo de graça... vejam a minha situação!... a podridão que eu represento, como tão esplendidamente contaram e demonstraram os maiores escritores da época, da direita, da esquerda, do centro, archotes da consciência universal, Cousteau, Rivarol, Jacob, Sartre, a Sra. Lafente e Larengon... e mais outros cem!... e mais cem ainda na América, na Itália, no Japão...

Roger ali, aos poucos, me garante e dá provas de que é extremamente delicado, mais delicado do que o assassinato das três

pastoras, dos dois capitalistas e do carteiro, apresentar a menor das minhas obras do *Fígaro immobilier* ou na tevê ou até no botequim... mesmo com pinças bem fortes!

Roger não mente, já vi repórteres virem aqui e fugirem aos gritos deixando tudo! sacolas, aparelhos, chapéus!... fora de si... em pânico!

É claro que eu sei tudo isso... desde a rua Lepic, já estou habituado e ainda não é o fim! o meu azar decisivo é que todos os "poderosos" estão contra mim... é claro que eu tenho alguns "fracos" a favor, mas prefiro que eles se calem, só podem acabar me criando problemas... como seria bom se alguém se entusiasmasse com um dos meus balés!... posso muito bem passar sem eles!... ou, melhor ainda, me fizesse um filme da *Viagem*... eu espero!... é só arranjar um produtor... ah, que bom!... que seja bem da oposição!

Roger sabe disso, admite, lastima... faz o mesmo com a Enciclopédia, a qual, porém, está com Achille!...

"Nunca! nunca!... talvez... talvez?... quando ele morrer!"

Ora vejam só a minha situação atual, com as despesas subindo, o novo franco, o verão que só dura três meses, o carvão!... "Vamos ver!" safados!... eu bem que acabaria com os romances e tudo o mais!... mas e a aposentadoria?... merda! eu tenho direito! trabalhando para os patrões, depois para os doentes, e enfim pela glória da França, desde que me conheço com diploma e tudo... talvez já seja hora de eu descansar... é mesmo!... filho do povo vinte e cinco vezes como o outro, mutilado setenta e cinco por cento, acho que o melhor seria eu pendurar as chuteiras...

"Ferdine, você está desanimado! é verdade, você tem certa razão! admito! rajadas! furacões! mas, se você se queixar, vai aborrecer os outros! ora, todos os gigantes da pena perguntam consigo mesmos todos os dias, ao despertar, olhando-se no espelho: "sou chato mesmo? mais ou menos do que ontem?"... jornalistas de si mesmos!... você está riscado do cinema... sabe?... banido da televisão!... tratado de tudo o que é sujo por Cousteau, Juanovici, Thorez... e entre os pobres da comunidade de Emaús... em Neuilly e nos Ternes... em toda parte em que há um sopro de espírito... Montmartre, nas *Caves*, nos mictórios, nos salões...

nos covis de malfeitores!... em Arago, Roquette, no Bois de Boulogne... você vai desistir por causa disso? vai pedir perdão?

— Eu, Roger, nunca!

— Já pensou nas histórias em quadrinhos?"

Tive que admitir que não estava a par...

"Ora, as histórias em quadrinhos!... mais importantes do que a bomba atômica!... a supersensação da época!... Renascença, ah!... melhor do que o *Quattrocento!* ora!... quadrinhos! quadrinhos! não dou dez anos para tudo pertencer aos quadrinhos!... só!... na Sorbonne, nas escolas públicas, superiores!... você já pensou?

— Não... não, Roger... mas eu poderia aprender..."

Não me achou muito convencido...

Insiste...

"Olhe aqui, você conhece Achille, sabe como ele é jovem, não?... quero dizer que rejuvenesceu!... que está todo voltado para o futuro... pois bem, ele não vê mais televisão!... passa horas no banheiro hipnotizado pelas historinhas!... quando vai fazer as suas necessidades, é preciso arrancá-lo do assento, fica grudado, não quer sair mais... você sabe como ele é econômico, não?...

— Um prodígio!...

— Pois bem, chega ao ponto de assaltar os jornaleiros!... só para apanhar os jornais!... por causa das histórias em quadrinhos!

— Puxa vida!"

Roger não se contenta em falar, passa logo à ação...

"Quantas você já tem aí, prontas?

— Umas mil páginas..."

Estava falando justamente deste manuscrito, *Norte*...

"Podem ser ilustradas?

— Acho que sim.

— Quantas você acha que tem ainda?

— Outras tantas mais ou menos...

— Vou procurar um artista... um artista que queira... talvez seja a sua chance!... mas cuidado, Ferdinand!... três ou quatro quadros por capítulo... capítulos condensados... três linhas para cinqüenta das suas, das comuns... entendeu?

— Ora se entendi, 'estilo rótulo'!... você vai ver!... Roger!... se eu sou do futuro e da juventude! vai ver que Achille não vai sair nunca mais do escritório, da cama, nem do banheiro..."

*

Revistas em quadrinhos?... quadrinhos?... desenhista?... acho que não... ele não vai achar... "fantasmas simpáticos", os que eu conheço me hostilizam!... me delataram por todos os lados, apavorados furiosos! quanto às histórias em quadrinhos, eu as conheci na minha infância e em sete cores... as *Belles Images,* 10 centavos... atualmente não posso entender, mesmo condensando bem a minha história, como ela poderia ser vendida nas bancas, estações e livrarias, quando estas todas vomitam os encalhados... quando o público tão apressado, tão besta, tão bêbado, tão cansado não quer mais ler nada nem ouvir, quem sabe alguma coisa sobre bichas?... uma creche enlouquecida? confidências de amas rosadas e ardentes?... então eu estou mal encaminhado com as nossas peripécias por entre chamas, bombas de fósforo e terremotos...

Eu estava falando de Isis, do aleijado, dos *bibelforscher,* dos Kretzer, das nossas *mahlzeit* de sopa de água morna, na escuridão da grande sala de jantar, debaixo do imenso retrato daquele que deveria se jogar no fogo, dentro de alguns meses... *heil! heil!* toda aquela gente em volta da mesa fingia gostar da sopa, como nós, eles pediam para repetir como nós, era preciso, as secretárias e os contadores... era prova de confiança, de ânimo elevado... Kracht, farmacêutico da S.S., *herr* Kretzer, chefe do Anexo e dos Arquivos, a mulher, a chorona tão nervosa, e nós três, como repetíamos! aquela boa sopa, gostosa, excelente!... não éramos nós que íamos ficar de cara amarrada!... a corcundinha também se regalava... não ia mais a Berlim, não ia mais pescar, não via os pais havia meses... o tal *bunker* invulnerável sofrera um derradeiro golpe... tinha se aberto, partido, desmanchado... com os pais dela debaixo... o melhor era não falar naquilo... a sopa morna, nos pratos, encrespava, estremecia em pequenas ondas... eu estava contando como estavam esmagando, arrasando

Berlim, a cem quilômetros dali... e não era só a sopa, os copos d'água também e o retrato de Adolf... na sua moldura dourada... não se recebiam mais "comunicados", mas pela sopa e os copos podia-se bem ver que as coisas estavam se aproximando dia a dia... que devia ser o exército russo... o barulho vinha principalmente do Leste... deviam estar apertando Berlim num torniquete... e não seria de admirar que aparecessem breve por ali... que mandassem um tanque em missão de reconhecimento... de tanto ouvir as bombas caírem a gente acaba se achando importante, Zornhof, o povoado, o esterco e as choupanas, o ponto de encontro dos exércitos... começam-se a fazer desatinos... quanto a nós, na verdade, o importante era o fumo e o armário... e mais a liberdade que eu tomava... que atrevimento! *Lucky! Navy! Craven!*... claro que não eram para mim, mas para os outros, todos os dias, dois ou três maços... a gente se habitua... eu repartia... seis cigarros para Kracht no seu coldre, no lugar que ele me mostrara, no cabide... e todos e todas estavam a par!... como tinham farejado o fumo!... era exatamente o que Kracht, o espião, queria, que eu mexesse no armário e que ficassem sabendo... se Harras voltasse, veríamos!... já que tirava para Kracht, também podia tirar para trocar pelas tigelas... o S.S. deles compreendia também o do *Dancing* na cozinha... ele preferia os Navy... ah, e também para a dona do armazém, para as nossas broas e o mel *ersatz*... todas as noites, cinco ou seis *Camels*... é claro que eu podia meter a mão, tinha pelo menos três anos pela frente para esgotar o estoque... isso, sem falar do resto, do conhaque, do caviar, do *pernod*, do *chianti*... não sabia exatamente a quantidade, mas havia bastante!... parecia que ninguém tinha mexido ali, não era eu que ia levantar a lebre... eles iriam assaltar aquele armário!... pelo passo com que eu tirava, três, quatro maços, e charutos, a guerra já estaria terminada quando eu chegasse ao fim...

Eu estava contando, pois, à mesa, na cerimônia da *mahlzeit* todas as secretárias e Kracht repetiam a sopa, como nós... nós, sem nenhuma careta, eles, um pouquinho... Kracht para mostrar ainda mais dedicação punha-se a cofiar o bigode, mais fino do que o do *Führer*... três fios... toda a mesa comentava, não em voz alta, mas, pior, aos cochichos...

E não era só engolir a sopa morna, tínhamos também que conversar... dar provas, todos os dias, de excelente ânimo... comentar as últimas notícias... *Frau* Kretzer era o nosso jornal... de onde é que ela sabia?... nunca contou... sempre a notícia mais recente: o *Revizor* deles, o inspetor-juramentado para Brandemburgo, saíra de Berlim havia três semanas, devia ter se perdido... e não se podia fazer nada sem ele, todas as contas da *Dienstelle* tinham que esperar... nem sinal dele!... devia vir por Moorsburg... talvez tivesse sido detido em algum lugar?... mas onde?... por quem?...

Depressa, outro assunto!... quando *Frau* Kretzer não chorava mais, ela gracejava, caçoava de um modo bem constrangedor, quero dizer, para os homens... a respeito de um carro-reboque no nosso parque... os senhores tinham estado lá? o que achavam?... jovens ciganas, bonitas! uns olhos como fogo! o que é que os funcionários achavam?... e o S.S. Kracht? não a que estivera lá em cima, à nossa torre, aquela virago mal enjambrada, que nos mandara sair a mim e a La Vigue... não! outras! moças lindas... precoces!... ondulantes!... lassivas! verdadeiramente orientais! e cada par de seios!

"O senhor resistiu, Kracht?"

Ele não fora vê-las...

"Viu, sim!... viu!"

Todas as moças riam, elas o tinham visto!... ele se defendia...

"Nein! nein!

— Ja!... ja!... ja!..."

Mas não tinham prova! a cadela da Kretzer só pensava naquilo!... aquela nojenta!...

Dizem-se as piores!... vão começar a atirar pratos um no outro!

Eu intervim... a Kretzer é perigosa!

"Nós vamos lá os três!"

Estou falando de La Vigue, de mim e de Lili.

"Depois vamos dizer se são bonitas!"

Íamos tirar as coisas a limpo... primeiro, eu queria saber se a que tinha vindo ao nosso quarto, aquela atrevida, era homem ou mulher... ia fazê-la sair do seu carro... ia pedir-lhe para nos falar de novo da "casa escura"... e do nosso futuro!...

ciganos ou não, eles não deviam ter Luckys!... o fumo, principalmente o lavado, mais do que a aguardente, mais do que a manteiga, já disse, mais do que o ouro, é um meio certo de se saber o que se quer... faz os mais agressivos falarem... assim que você mostrar o maço, oferecer... sem falar!... e fósforos... se você resolver mesmo tentar, você deve saber aonde vai... quanto a nós, primeiro, Bébert na sua sacola, eu não queria deixá-lo com os Kretzer... nem com as diabinhas polacas... nem com os funcionários... pensava no destino que lhe dariam!... não gostavam de nenhum bicho, não havia nenhum cachorro ou gato na fazenda... exceto Iago lá embaixo, mas ele servia para puxar o velho e mostrar as costelas, para todo mundo ver a miséria do castelo...

Levantamo-nos da mesa... cumprimentamos a todos! *heil! heil!* eles respondem...

E lá vamos em busca do carro-reboque... não está longe, a uns cem metros à esquerda... puxa!... os pacifistas estão construindo outra isbá!... que turma incansável!... ah! vejo o carro ali do lado!... todo torto, cheio de remendos, de todas as cores... pintado de amarelo... roxo... cor-de-rosa... como que camuflado... seria de propósito?... como seria de perto?... chegamos mais perto... de uma janelinha, um velho está olhando para nós pela vidraça... abre-a...

"O que desejam?"

Fala francês... deve saber quem somos... um velho de cabelo todo branco, crespo... nada amável... fala alemão, mas, coisa estranha, não tem sotaque de cigano... um sotaque carregado... alemão... francês...

"Fas follen chie?... fochés chão francheches?

— Somos, sim... somos nós!

— *Pom tia...*"

Logo em seguida, os Lucky!... e fumo para cachimbo... eu já previra...

"Ah, fósforos! *francheches tampém?*"

Sotaque do Maciço Central...

Passo-lhe a caixa... ele pode ficar com eles... grita lá para dentro:

"Zénoné!... Laïka! Sinül!..."

As moças vêm nos ver... e outras mais... ficam nas janelas... deviam estar trabalhando... no fundo... em geral os ciganos trabalham ao ar livre... mas eles não!... vejo que estão consertando cadeiras... pelas vozes dos homens e mulheres, devem ser muitos... falam húngaro?... tcheco?... ah, vejo as cabeças ... principalmente das mulheres... jovens, acho eu... ah, mas não são bonitas... a Kretzer não olhou bem para elas!... o que eu vejo é o ar oriental, mas são todas bem gastas, exaustas... os cabelos, uma massa disforme... massas de óleo... não são absolutamente irresistíveis!... piores do que as criadinhas russas que também estão um bocado esgotadas... as russas se defendem sempre pela pele, mesmo as que mais trabalham na roça, cavando, faça chuva ou faça sol, com vento, rajadas, nevadas... mas aquelas ciganas, não!... parecem besuntadas de óleo e enxofre... e não só as mulheres, os homens também, e ainda por cima, acobreados... o velho usava brincos nas orelhas... as mulheres não tinham jóias... acho que não falavam, todos, a mesma língua... em todo o caso, estavam amontoados... eu não via a nossa "leitora do futuro"... todos eles estavam consertando cestas, cadeiras?... pergunto... não falam alemão, só o velho... *sprechen nicht!* só sabem isso e gestos... *nein! nein!* o alemão deve ser proibido... nunca descem do carro? e as necessidades?... e a bóia? eu não via panelas... dormem uns por cima dos outros?... estão mais ou menos bem acomodados do que nós? não enxergam muito mais do que nós, ali, também... junto da isbá e debaixo das copas das árvores tão altas!... mas onde é a entrada do carro?... do outro lado?... não podem ser só cadeiras e cestas... devem fazer outra coisa... nós não temos nada que ver com isso, vão nos mandar embora e pronto!... vimos ver... quando falarem das persianas, talvez as entreabram... torno a olhar para o carro... como é comprido... pelo menos trinta janelas... um monumento!... e todo desconchavado... em três... quatro pedaços... uma quantidade de rodas... com pneus balões... e aquela tralha toda motorizada! dois motores! um enorme gasogênio na frente... E Roger que queria histórias em quadrinhos!... ah, aquilo vai fazer sucesso como desenho! ainda, quatro pequenas chaminés... provavelmente as cozinhas... e eu ainda não vira tudo... o outro lado está

cheio de portinholas... e de ganchos enormes... uns vinte... aparece uma das ciganas bem jovens... para ver o que queremos... oh, muito amável!... um grande sorriso... faltam-lhe dentes... mostra-nos um pandeiro... bate *pã!*... *pã!*... ora, claro que ela dança!... *ja! ja!*... iremos vê-la!... damos outra volta!... é mesmo uma bagunça, um troço remendado por todos os lados... pedaços de zinco, arames, barbantes... pintado de rosa, amarelo, verde... e com desenhos... signos... arabescos... eu vou perguntar ao velho... se é que está ainda à janela... ah, sim!... a mesma janela... não me ouve, não me escuta!... está tocando violino... nada mal... cigano mas nada mal... devem estar ensaiando... íamos vê-lo na sessão "Força pela Alegria"... ia ser no *Tanzhalle*... ficamos amigos pela janela... os outros, os jovens, fazem cara feia... exceto a dançarina do pandeiro... o velho olha de mais perto a mão de Lili, apalpa-lhe os dedos... "*ponito* anel! *ponito* anel! rubis! rubis!... eu também, rubis!"... ele não nos mostrara o anel em seu dedo... tinha-o virado de cabeça para baixo... na palma da mão... um rubi! e uma esmeralda... no outro dedo, mostra-nos uma safira... e no dedinho um "*prilhante* azul"!... mostra-nos tudo... "quanto quer pelo *cheu* rubi, *péla chenhorra?* não quer *fender?*" e baixinho, num cochicho: "eles *fão lhe roupar tuto!*" Eu vejo que o velho não toca só violino, é joalheiro também...

Enquanto isso, eu ainda não descobri o que era aquela mulher, ou homem de peruca, que subira ao nosso quarto, tão malcriada... ele a conhece? o que é que ela faz além de botar as cartas e fazer as mesas se mexerem? espiã, na certa!... pergunto-lhe...

"Oh, a *chorte, o chenhor chape! o chenhor chape* como é!"

Começa a rir... é só... não diz mais nada... e como fala lá dentro... em russo... em alemão... e acho que também em espanhol... oh! não nos mandaram entrar!... estariam em tribos?... quantos?... aquela caranguejola é comprida e larga, mas mesmo assim eles não saem nunca dali?... pergunto:

"Vocês não saem?

— Saímos, sim senhor!... todos juntos!"

Eu gostaria de vê-los, todos juntos!

"Quando é que vocês saem?

— Oh, não sei!"

Mentira!... eu ia perguntar à Kretzer, aquela megera suja deve saber, com certeza... o que é conversa fiada e o que é verdade... mas uma coisa é certa, eles são qualquer coisa, sujos e sujas, e besuntados, mas são ciganos, portanto inimigos figadais do Reich, traidores... por que os deixavam lá?... "autorizados para circular", carimbos, assinaturas, Kracht me mostrou... que nós não tínhamos!... e quando saem do carro, o que fazem?... ciganos, não-ciganos, húngaros, valáquios, para que servem afinal?... para consertar as colmeias?... não vimos nenhuma nos ganchos... nenhuma colmeia, só cadeiras e cestas... é tudo puro embuste, acho eu...

"Até logo, vovô! Vamos todos ao espetáculo!

— Oh, sim!... vai ser ótimo! *ponito!*

— Está certo, vovô!"

Apertamos as mãos... das mulheres, a única que vem se despedir de nós é a do pandeiro... até joga beijos para nós!... com certeza é ela a dançarina!... não tem só um pandeiro... tem também castanholas... toca para nós, da janela... *trrr! trrr! trrr!* um trinado!... eu digo a Lili: "peça a ela para lhe emprestar!..." Lili não quer... insisto... e de que jeito! a Esmeralda* chama os outros para rirem, a convencida pensa que Lili não sabe tocar... querem caçoar de nós... com licença!... Lili passa os cordões pelos dedos e *trrr!* bem melhor do que ela!... é para eles verem o que é uma artista!... que revoadas de trinados!... rajadas! *pizzicati!* de leve! bem de leve! é a vez de eles ficarem de boca aberta... em todas as janelas!... batem palmas... não têm outro jeito!... bis!... bis! pedem!... o velho, também, chega a gritar... é apreciador... para Lili tocar de novo!... mais fino!... mais fino!... e depois mais forte!... mais forte!... furioso!... deve ser ele o regente da orquestra, é o mais entendido, vê-se... toda a clareira ressoa... *trrr!* é mesmo um eco magnífico para aquelas castanholas minúsculas... os *bibelforscher* marceneiros, que não são de brincar, não param de fazer rolar os troncos e de levantar outros, interrompem o

---

* A cigana, personagem do romance *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo. (N. da T.)

trabalho e vêm ver... eles, forçados de primeira linha, põem as pás no chão, o martelo, os pregos, e ficam escutando Lili... *trrr! trt! tac!*... começa a juntar gente, penso... poderíamos ir embora... dito e feito... bem naquela hora, Kracht atravessa a estradinha... e mais adiante, lá longe, vejo Cillie von Leiden e duas mulheres russas da fazenda, acho que criadas... puxa!... quanta gente!... e, mais longe ainda, Isis... estão todas saindo do bosque, vão embora... e outros ainda mais longe... daqueles eu não sei nada... mas quanto à pequena Cillie, às duas criadas e a Isis, tenho certeza!... onde podiam estar?... uma idéia? talvez no fundo do veículo enquanto nós conversávamos do lado de fora!... deviam estar se divertindo no carro, as quatro! elas não tinham vindo ao castelo... eu não digo nada a Lili... Kracht vinha atrás de nós... primeiro para nos vigiar... e depois, para nós voltarmos para a mesa... não queria que andássemos à toa... amanhã!... amanhã!... íamos todos com eles apanhar vime... uma expedição! apanhar hastes e galhos... eles precisavam de muita quantidade para consertar as poltronas... não íamos só nós com eles, ia toda a *Dienstelle*, estenógrafas, contadores, secretárias, caixas e os Kretzer... todo o pessoal dos escritórios... e Kracht!... aos vimeiros ao longo dos riachos, ao longe, na planície... iam trazer o vime em carrocinhas... Kracht explica-me, nunca devíamos deixá-los sozinhos, eles fugiam, eram uns larápios consumados, voltavam com gansos, perus, patos e até vacas! ... quando iam embora, não se encontrava mais nada! assim, no dia seguinte, estaríamos de serviço com os catorze contadores, para vê-los contar... nunca se é demais em torno deles, eles sempre encontram meio de surripiar alguma coisa... é preciso revistá-los na volta... as mulheres carregam dúzias de ovos nos babados das anáguas e entre as pernas, em sacos, e até *libras* britânicas falsas! que elas encontram não se sabe onde... teriam caído do céu?...

Mesmo assim, têm todas as "licenças" de residência e circulação! *Ausweis*... quem quisesse que entendesse!... pergunto a Kracht por quê?... já que são, no conceito de Nuremberg, os piores maculadores de raças que há... pior que judeus... por que não os prendiam ao invés de deixá-los vagar pelo Leste, o Sul e o Norte?... ele não sabe, admite, todas as licenças estão em

ordem, ele tem as "duplicatas", mostra-as para mim... selos, carimbos, não há a menor dúvida!... faz-me um gesto de que aquilo está acima do seu entendimento... que os carimbos vêm lá de cima, de bem alto!... já em Baden-Baden havia desses "passes"... eram de embasbacar... para se ficar pensando... mas, principalmente, não divulgar! aqueles também, crespos, oleosos, maltrapilhos, deviam ter algum arranjo em algum lugar... quinze anos depois, eu ainda me pergunto, já ouvi muita coisa sobre o assunto! não aparece tudo nos jornais, nem no *Le Figaro* nem no *L'Humanité* nem na *L'Express,* aquelas merdas que enchem o saco, mais chatas do que o Carnaval de Nice, e tão falsas, de papelão e estuque como lá...

Quem comandava aqueles ciganos? puxava os seus cordões? aquele teatro de fantoches vinha de algum lugar? mais tarde, muito mais tarde, na prisão, em Copenhague, todos os prisioneiros alemães tinham uma palavra só para explicar tudo: *Verrat! verrat!* traição! caralho!... invocam sempre a traição quando as coisas não andam mais... de um lado ou do outro! ora, agora no Kremlin e no campo fronteiro, o Pentágono, os traidores pululam... os corredores estão cheios deles, esperando só a hora de desabrochar... mal um regime diz: "sou eu"... proclama! exibe-se! berra! chora! mete um bando de adversários na cadeia! e os complôs começam a florescer! vira-casacas! traidores por todos os lados! os renegados fazem festa! heróis, convictos e hipócritas, oportunistas, de cima do muro, fazem mil juramentos por hora, beijos melosos e guilhotinas! traidores por toda parte!... César, Alexandre, "Poléon", Pétain, Malagaule, Cleópatra, Cromwell já viram isso! e verão! enforcados, esquartejados, picados! serão!

Se se trata de amor, é só uma questão de tempo... beijos roubados, consentidos, trejeitos de bundas, braguilhas esticadas, pupilas reviradas, implorando... para acabar em que porcarias!... depois do juiz e do padre!... naquela luta aos solavancos da foda...

Ah, estou fugindo do assunto, mas nós estávamos em Zornhof, atrasados para a sopa!... ah, já vou contar!... nós não tínhamos acabado!... Kracht viera nos surpreender... voltamos com ele ... não falei de Isis... nem da filha, nem das criadas... que as vira de longe... não disse nada!...

Depois que nos sentamos outra vez... eles querem saber o que tínhamos visto... nada! nada!... *heil! heil!* eu bem que vi o coldre na entrada... na saída faria o combinado... mas tenho a impressão de que aquilo tudo é planejado, ensaiado e que eu sou o palhaço... agora eu entendo, se tivesse que fazer de novo, não faria!... que levem tudo! que reação ia ter contra mim toda aquela gente, nazistas, membros da Resistência, dona-de-casa, apicultor, guarda-civil, proprietário e aleijado! pra se livrarem de mim! sorrisos e caretas, vencedores e vencidos, eram todos uma só panela!... só o que a gente quer, no fim da vida, é não vê-los mais, não falar mais de nada, já se sabe tudo... avesso, direito, cabeça, cu... com o trabalho que já se teve!...

Mas, ali, eu tinha vinte e cinco anos menos, à mesa, como conviva, e *Mahlzeit!*... eu ainda era bom... o falatório estava no auge... era preciso! a conversa para levantar o moral!... cheia de notícias animadoras!... os exércitos estavam avançando por todos os lados! em Creta! em Stalingrado!... na Bielo-Rússia! havia tantos milhões de prisioneiros que não se podia contar mais... eles estavam bem informados... por onde seria?... por quem?... eu não queria bancar o cético, La Vigue também não... *heil! heil!* é preciso ser cético no momento certo, não no errado! é só ir gritar, até em Moscou, agora, que Eisenhower caiu bastante... será uma vez só! ali, era o grande retrato de Adolf, entre dois enormes candelabros, que era preciso olhar com devoção... nada de "patife"! *heil! heil!*... e era só!... nem um pio para dizer que a guerra estava quase ganha agora, como a Argélia, atualmente, como Hérault e o Poitou, amanhã, como os Camarões não são racistas, nem os bandidos dos asiáticos assassinos de missionários... ali era o retrato de Hitler, seus belos olhos azuis, seu bigodinho e só!... a moldura na parede sofria um bocado! estremecia como os nossos pratos e a sopa morna, pela repercussão das bombas, embora isso fosse a mais de cem quilômetros, como eu já disse... não paravam, de dia e de noite, de revirar ruínas e crateras!... todas as nossas sopas vibravam, crespas e ondulantes, como o Führer na sua moldura, as paredes, as vidraças, as árvores enormes... pergunto-me onde meteram, a esta altura, aquele tremendo retrato de Adolf! os russos que chegaram a Zornhof devem tê-lo queimado na certa, talvez tenham

guardado a moldura para Stalin... idolatrado, queimado também!... e "Krukru" no lugar? quando eles queimarem este, outro! o Marechal "Yuyu"? Sidi-Petzareff?... Francisco I? quem viver, sobreviver, verá!... essas molduras imensas todas de ouro esperam sempre por um outro Titã! são molduras predestinadas! Profeta, Átila, Washington, Lyautey, Robespierre, Bernadotte, Papa, que diabo! tudo bem! rios de sangue! uma boa espanada!... e pronto! pendura-se de novo! o ídolo está servido! oh, mas não por muito tempo! há outro batendo o pé, impaciente, debaixo do quadro, quer a sua vez!... quer subir! Venham de onde vierem, Pompeu, Zé-ninguém, Magaule exasperam-se, furiosos!

E a todas essas, eu esperava que eles terminassem de fazer caretas... *mahlzeit!... heil!...* que acabassem de comentar as notícias... eu conhecia o ritual... não tínhamos demorado a perceber... a iniciar-nos... já que era a hora de dizer besteiras... eu ia fazer uma pergunta... a Kretzer corta-me a palavra: "o que eu achava dos ciganos?" e o Sr. Le Vigan? não o conquistaram? e o senhor, Kracht?

Vejo que a Kretzer está exaltada! excitada? ciumenta? não me deixa responder, ataca:

"Vão vê-los dançar! e depois cantar!... aí o senhor vai ver, Kracht... o Sr. Le Vigan também!..."

É agressiva a cadela, com as túnicas dos dois filhos sempre no colo...

"Todos esses ciganos são acrobatas, os homens, vocês vão ver! e violinistas!... e encantadores de serpentes!... o carro está cheio deles!... e caldeireiros também!..."

Ah, que engraçado!... o que ela bebeu? não há nada para beber!... uma risada que faria medo até aos animais e ao pessoal de um circo... e ninguém a tinha provocado! é uma atitude inteiramente espontânea!... com as duas túnicas debaixo do braço, ela faz *ach! ach! ach!...* e repete: *ach! ach!* eu não entendo a graça, ela vai nos contar...

"*Sie wissen nicht?* Não sabem?... o cigano?... o velho toca harpa, não é só violino! *ach!... ach!*"

O acesso volta.

Vai nos mostrar lá fora!... Temos que olhar!... o parque! ... o carro-reboque!

"*Alle Kabbala!*... todos da cabala, *wunderbar!*... vocês não viram? eles não viram!... que maravilha!..."

Como somos idiotas, de dar pena!... *ach! ach!*... todos! eu não vi nada... La Vigue, um pouco... Kracht, ah, ele, sim!... o quê?... os signos, os desenhos... só isso?... cabalísticos, pintados, em rosa... verde... e daí?... eu quero saber tudo... do outro lado do carro... Kracht explica-me... eu não tinha reparado... devia... um pouco de memória... numa certa idade, a gente já tentou tudo para ganhar a vida... ora, bem mal, é verdade, mas mesmo assim... no tempo em que eu era empregado, encarregado de entregas, secretário de Paul Lafitte, eu andava correndo... então, era bem mais econômico e ágil do que o Metrô n.º 1, entre Gance, Mardrus, a Sra. Fraya, Bénénictus e a gráfica da rua do Temple... e Vaschid, "das linhas da mão" e Van Dongen, da Villa Saïd... os espíritos, sem dúvida, andam muito depressa, mas eu não os temo... principalmente na correria através dos bulevares, da avenida Champs-Elysées e da praça de Ternes... para buscar as provas, sem perdê-las nunca, juntar tudo, e ainda acrescentar mais, redigir um comentário, em estilo tão atraente e fascinante que o leitor não dormisse mais, não vivesse mais até ler o próximo "número"... posso dizer que esse gênero xerazade, *suspense* e magia, eu já dominei um dia, na ponta da pena... há meio século... mais as entregas, provas, ilustrações e paginações... totalmente a pé, esportivamente, às carreiras... sem despesas de ônibus ou metrô... mas ali, no carro, eu confesso que não vira nada... cansaço?... a idade?... eu não vira as garatujas esotéricas... mas vira Isis von Leiden... e a filha e as criadas... não falo nelas... não me perguntam nada... só fico pensando... às vezes torna-se tão perigoso a gente aparentar curiosidade...

De qualquer modo, deixamos a Kretzer num estado!... fica revirando os olhos para nós... também está prestes a pular como Isis... eu conheço bem a histeria, não é para menos... mas observam-se pouco, na França, essas formas, digamos, guerreiras... observam-se mais nas nossas mulheres e nos nossos jovens, pequenos sobressaltos, palidez, lágrimas e grandes gritos... Isis

von Leiden, ao tomar a espingarda do aleijado, num salto, tinha mostrado aquela forma de histeria agressiva, sem palidez, sem gritos, a forma de assalto, atrevo-me a dizer... eu via a Kretzer prestes a fazer o mesmo, ameaçando-nos com uma Mauser qualquer... se respondêssemos *ja! ja! ja!* a tudo o que dissesse, poderia acalmar-se... mas não!... de pé, encostada à mesa, apertando junto ao coração as duas túnicas dos filhos... o que queria? não eram *ja! ja! ja!... ach! ach! ach!* então?... queria que gritássemos?... não! ia nos dizer tudo o que pensava! fica de pé na cadeira e, dirige-se à mesa:

"Isso mesmo!... é!... *noch!* ainda! vocês não sabem? vocês não sabem nada!... a condessa von Tcheppe está lá!... sim!... ela estará aqui amanhã!"

Que importância tinha aquilo?... eu não entendia?... primeiro, quem era a tal Tcheppe? Kracht sabia... deixou a Kretzer reclamar... do quê?... eram coisas deles, ela não gostava da Tulff-Tcheppe... Kracht me informa, pode falar, os gritos da Kretzer abafam tudo... eu já ouvi muitos gritos, gritos de oradores, gritos de prisioneiros, gritos de cancerosos, gritos de ministros, gritos de generais, gritos de partos, e muitos outros ainda, mas os da Kretzer não podiam se interromper... uma comédia, perigosa, eu acho que ela não tinha o coração muito forte... que desse urros, pouco importava, mas que desmaiasse, seria grave... pedi a Kracht que repetisse o que me dizia... a tal Tulff está em Moorsburg, passando uma semana em casa do *Landrat*... condessa Tulff von Tcheppe... ele sabia tudo... qual o parentesco?... mãe de Isis von Leiden... mãe adotiva... vinha de Königsberg... entedia-se muito em Königsberg... detalhe importante: fala francês e muito bem!... adora os franceses! ficará muito contente ao nos ver! tanto melhor!... que bom!... chega em boa hora!... Kracht avisa-me de que ela é um pouco exuberante... com certeza, ia nos convidar, os quatro... e o gato?... o gato também... possui uma propriedade enorme, lá... dez vezes maior do que a dos von Leiden!... e um castelo!... e florestas!... e lagos! nós veríamos!... na verdade, tudo aquilo parecia-me distante... enfim, se aquela condessa Tulff-Tcheppe quisesse nos receber e fosse amável... o que tínhamos a perder?

... Kracht insiste para que eu compreenda bem: Isis era só filha adotiva!... eu não entendia muito que importância aquilo podia ter... *ora! ora!* para mim, dava no mesmo!... a importância era que os Tulff-Tcheppe eram condes da Ordem Teutônica... e que os títulos da Ordem Teutônica só podiam transmitir-se de varão para varão... e não aos filhos adotivos... era por isso que a bela Isis não tinha interesse por Königsberg... mas aquela Kretzer, berrando sempre, trepidante, não era adotiva de nada, histérica era o que era! e só!... acho que estava com ciúmes, ciúmes de tudo! de Kracht que não olhava para ela... e do marido, e de Le Vigan... Kracht, pelo que eu via, inclinava-se mais para o lado de Isis... não que ousasse, mas de qualquer forma... sabia tudo sobre os von Leiden, que eles eram de pequena nobreza, condes do Brandemburgo, enquanto os Tulff-Tcheppe eram quase príncipes... Isis adorava títulos, casara-se com o aleijado só para ser condessa! apesar de tudo!... mas ali, também, havia outra coisa!... o título era transmissível, segundo a lei do Brandemburgo, por vontade do último conde, a quem este desejasse!... Kracht sabia muitas coisas!... que davam vontade de rir na situação em que estávamos, com o céu completamente escuro, a terra e as paredes tremendo, a mesa, a sopa e o enorme retrato de Adolf... aquela brincadeira bagunçada sobre linha direta ou não! a Kretzer em pé, na cadeira, aos berros, ainda assim preocupava-se conosco... se Kracht e eu estávamos falando dela... ataca-nos...

"Vocês não sabem nada! não sabem nada!"

Os contadores protestaram...

"Sabem, sim! Sabem!

— Ah, sabem? então me digam onde está o guarda-civil?"

Todo mundo fica calado.

"E o pastor? Sabem também?"

Ninguém sabe...

"Idiotas!... burros! eles sumiram!... sumiram! e vocês também vão sumir! todos!... ouviram?"

Claro que ouvimos!... Kracht nos faz um sinal para que a deixemos gritar... para que não respondamos nada, que ela é maluca... está claro... é melhor deixá-la... está louca! mas

aquilo não a acalma nem um pouco! .. um ataque! fica excitada por nós não a olharmos!... contorce-se! requebra-se! aperta as duas túnicas contra a boca... beija-as!... e outra vez!... chora sobre o sangue... os coágulos... fica com a cara toda lambuzada...

"Não estão ouvindo as bombas? *bum! bum! heil! heil!*"

Desce da cadeira e começa a imitar:

"Bum! Bum! heil! heil!"

Passa por trás das moças .. imita a bomba ao ouvido delas... faz o mesmo com Kracht!... *bum! bum!*

"Vocês todos vão explodir! e os *franzosen* também, todos! Simmer também!... e a sopa! *heil! heil!*"

Pula em um pé e noutro... *bum! bum!*... e bate nas vidraças das janelas com as duas mãos... as duas palmas... *bum!* ninguém dá um pio...

"Vai explodir na barriga de vocês! de todos! dele também! *heil! heil!*"

Ele é Adolf na sua moldura... mostra-o para nós... está bem debaixo... sapateia... um pé, depois o outro!... dança! *pã!... pã!...* e como ri!... não achamos graça... é o tal riso de fera ... quase de hiena... vai apanhar as túnicas, pinta-se, faz um bigodinho com o sangue, como ele, na moldura... não dá para olhar... todo mundo finge que não está vendo nem ouvindo... mas ela já fez muito barulho e provocou muito... Kracht cochicha para o marido e para mim também e para La Vigue, que o ajudemos a levá-la para outro cômodo... com jeito... pela porta do fundo... ela aceita, fica até contente, de repente passa a fúria... acalma-se, deixa-se agarrar, levantar, levar, com as suas túnicas... vamos deitá-la de costas... pára de chorar... não ameaça mais a Hitler... todo mundo, então, levanta-se da mesa ... *heil! heil!*... saudações!... todos tornam a subir... todos juntos sem uma palavra, como se nada houvesse acontecido... nós, Kracht, La Vigue e eu, fazemos comentários... que o céu está mais escuro do que na véspera, talvez mais amarelo, de enxofre... o vento é do leste... não se vêem mais os aviões mas pode-se ouvi-los... não é o mesmo barulho da *Luftwaffe* que parece moinho de café, o da R.A.F. é baixo e contínuo... Kracht comenta isso comigo, queria que eu desse a minha opinião...

eu não tinha mais opinião... e não ia ter opinião tão cedo!... *musik!* diz ele...

Que fosse! *musik!*

*

Nós nos retiramos, posso dizer, bem modestamente... Lili, La Vigue, eu e Bébert... na passagem, coloquei no cabide o combinado... tudo aquilo, eu estava vendo, era uma farsa... não era mais segredo para ninguém que eu estava mexendo no armário de Harras... aquilo ainda ia dar pano para mangas... bem... veríamos!... quando chegamos ao nosso canto na torre, sacudimos os colchões de palha e os trapos e pedaços de tapetes... e os ratos também... não fugiam mais... com o frio estavam ficando atrevidos, tomavam intimidades... Bébert, embora não fosse um gato amável, nem ligava para eles... vi que, se nós lhes déssemos duas ou três tigelas cheias, a raça toda ia vir para o nosso quarto, todo o porão e o bosque... mas não tínhamos só que limpar a casa e nos preocupar com os ratos... tínhamos também que pensar no ataque histérico da Kretzer... estava claro que era tudo encenação... mas aquela história de bronquear com Hitler, de se besuntar com os coágulos, de imitar o bigodinho dele... e os *heil! heil!*, ainda por cima, davam muito o que pensar... e julgar!... toda Zornhof devia ter ficado sabendo e até Moorsburg... o que Kracht ia resolver?... nós três não tínhamos dito nada... éramos apenas testemunhas!... mas isso já bastava! eu com os meus *Beaux draps,** que eram apenas uma crônica da época, o que eu ouvi! e ouço ainda hoje! ali, também era muito grave, éramos "traidores para a forca"! como na rua Girardon... na certa, iam nos culpar de tudo!... mas, pensando bem, mais tarde, essa maldição geral traz certas vantagens... principalmente, dispensa, de uma vez por todas, a gente de ser amável com quem quer que seja... não há nada que amoleça mais, acovarde mais, avacalhe mais do que a mania de agradar... nada de amabilidades! pronto! acabou-se!... mas por causa daquela cadela da

* Título de um dos livros do autor, que se poderia traduzir por *Maus lençóis*. (N. da T.)

Kretzer, logo ia se espalhar a notícia de que tínhamos atacado o *Führer!* o que é que poderíamos responder?... pergunto a Lili e La Vigue... bem baixinho... a desconfiança nunca é demais ... La Vigue começa a rir!...

"Estamos na cabala! ora! oh! oh!

— Cabala é você! homem de lugar nenhum!

— Espere, que eu lhe mostro!"

Ele me olha... fixo!... depois envesga! envesga!... pior que nos filmes...

"Você é alucinante, barreira do som! barreira do som!

— Como foi que você disse?"

íamos nos atracar, se aquilo continuasse...

"Você é o maior cômico do século!... Adolf não passa de um veado berrador! o *Landrat* também!"

Lili aprova-me:

"É sim! é sim! La Vigue!

— Você tem certeza, Ferdine?

— Tenho, juro!

— Ah, então!... então!..."

Então, começamos a falar tranqüilamente de uma coisa e outra...

*

A vida tem de continuar, mesmo se não for divertida... oh! fingir acreditar no futuro!... claro, o momento é delicado, mas todo mundo sabe que, com confiança, gentileza e bom humor, serão superadas as dificuldades... se a gente toma um partido, é perigoso, naturalmente, mas bem no fio da História, vai ter tudo o que quer... o fio da História? a gente está equilibrada em cima dele, com a escuridão em volta... está envolvida... se o fio rebentar! se encontrarem a gente lá no fundo, esmagada, uma papa ... se os espectadores, furiosos, ébrios, vierem arrancar as tripas da gente, fizerem bolinhos por vingança, amontoarem, enterrarem, em pequenos Katyns particulares, a gente não vai poder se queixar! ninguém mandou a gente se meter, pronto!... eu, por exemplo, que sou acusado de ter recebido dos alemães... que fortunas!... não foi um só a acusar, foram centenas, e de todos os

lados, muito bem informados!... Cousteau, empregado de Lesca, Sartre, o resistente do teatro do Châtelet, Aragon, o meu tradutor, e outros mil! e Vailland Goncourt, que morre de arrependimento, não consegue se consolar... que me tinha na mira do seu fuzil!... posso me gabar de estar no fio certo, tão odiado pelo pessoal de uma ponta quanto pelo da outra... posso dizer, sem me gabar, que o fio da História me passa de um lado ao outro, de alto a baixo, das nuvens à cabeça, ao ânus... Cromwell lançado no monturo, fervilhando de bichas, não tinha o fio!... aprendeu com a própria experiência! desenterrado, foi reestrangulado e reenforcado!... enquanto não se está morto ou vivo, com a corda no pescoço, não se passa de uma carniça inconveniente... quando vejo todos os que não têm fio e estão empoleirados num estrado agitando bandeiras, discursando, Kommissars, Supertais, Ministros, Cardeais do Vento... pobres, pobres coitados!

Alto lá! estou me exaltando! vou falar de Cromwell numa outra ocasião! por enquanto tratava-se de percorrer os nossos pontos de contato... *Dancing*... Armazém... e talvez encontrar Hjalmar? ... não se ouvia mais o seu tambor... tinham sumido? ele e o pastor?... eram espertos os dois!... digo a Lili:

"Você vai visitar a herdeira! vai subir para dançar lá em cima... levará o bichano na sacola... nós dois vamos dar uma volta... se o bombardeio for muito forte, nós voltamos... escuta!"

Escutamos os três... as paredes estremecem... tremem... como ontem... não mais... e *bruum!* da mesma distância... o céu está tão coberto... de preto e amarelo...

Pronto!... deixamos Lili e Bébert... descemos... o peristilo ... digo a La Vigue, que gosta tanto da natureza:

"Olhe que miséria de terra!... morda isso!... uma papa de fuligem amarela, é por isso que as batatas não querem germinar! ... eles podem meter no rabo esse pesadelo de Prússia deles! reconheço que o parque não é feio... mas não foi feito por eles!... nada é deles! só esse jeito fúnebre...

— Admita, apesar de tudo, estas árvores altíssimas... estas abóbadas rendadas de folhas e ramos!..."

La Vigue é sensível às harmonias verdes e ao rendilhado... La Vigue é pagão panteísta... ainda deve ser lá onde está... é

melhor... num dado momento, só olhar para as folhas e as copas das árvores... mas naquele momento, tratava-se de juntar a nossa grana e tentar arranjar uma ou duas broas no *Kolonialwaren*... quem sabe, um daqueles potes de "mel artificial"... eu não queria ir mais lá à noite... aquele jeito dele de bater na vidraça podia muito bem ser um sinal para os "resistentes" do botequim... de que nós estávamos lá, que eles nos apanhassem!... tudo é possível... mas, também, chegar de dia não era recomendável!... tudo é só farsa e hipocrisia quando já se está bem marcado, como era o nosso caso, bandidos, celerados, suspeitos por todos os lados, traidores da França e da Alemanha... as freguesas do armazém não tinham dúvidas, não cochichavam, gritavam, de um lado para o outro da choupana, que nós éramos a vergonha do povoado, que o nosso lugar era num campo de concentração ou numa prisão, que vínhamos roubar a comida delas... o que era um desaforo e uma mentira pois o *Landrat* de Moorsburg tinha ficado com todos os nossos cupons! nós mendigávamos, é verdade, mas pagando com o nosso dinheiro... que as cadelas não recusavam... nem os cigarros de Harras... tirarem tudo da gente e depois nos dizerem as maiores barbaridades!... chega um momento no qual só uma pergunta: por que não nos enforcaram? já é, por assim dizer, oficial!... todos os meus móveis e manuscritos já foram liquidados, e meu editor... o armazém não tinha nada a dizer... adiante!... e zás! mas... não muito depressa!... eu via o chão se mexendo um pouco... e não só à minha frente... por toda a planície!... os sulcos das beterrabas subindo... descendo... ao longe... muito longe... eu não tenho as minhas crises, muito seguido... quem sabe, um pequeno mal-estar?... pronto! meia-volta!... e os cigarros!... nos detestam e nos desprezam, mas será pior se chegarmos lá sem fumo... damos meia-volta... depressa, o armário!... três maços... quatro!... fecho de novo... voltamos às pressas... não tínhamos dado vinte passos... "alto!... alto lá!" Kracht está à nossa frente!... acho que está com uma cara horrível... não dormiu?... está bêbado? doente?... "Algo errado, Kracht?..." a cor amarelada, quase verde... tinha ficado cheio de rugas em menos de dois dias... e o bigodinho à Hitler está meio torto... aborrecido? o que aconteceu?... más notícias?... basta olhar o céu e ouvir o que cai... não há necessidade

de notícias!... ele não precisa ficar transtornado... leva-nos um pouco mais adiante... não gosto muito daquele jeito de ir mais adiante, ele já tinha feito aquilo uma vez comigo no campo de aviação...

"E então, Kracht? o que é que há? *was?*"...

Se quer nos matar, que o faça logo!... se é daquilo que se trata!... fazer a gente excursionar por quê?... La Vigue, que praticamente não fala desde que saímos de Grünwald, faz-nos sinal, com o dedo na têmpora, que já basta, que resolva logo!...

"Ach! nein! nein! verrückt!"

Ele começa a rir... acha que não estamos bons da bola... nada disso!... estávamos sendo sinceros!... estávamos fartos de sermos levados de um lado para o outro... com essa, tira a pistola!... eu já conhecia aquele troço... e o coldre!... e mostra-me a têmpora, a dele, o lugar onde eu devo atirar!...

"Nun!... Nun!... Já!"

Insiste...

"Los!"

Quer justamente o que nós não queremos! já estamos com a vida por um fio e agora matar nosso S.S.! é demais! ele não vale nada, claro, mas nós não temos nada que ver! que diabo de bigodinho!... ele não tinha olhado para nós!... queria satisfazer o seu vício, sua vontade de se suicidar!... alto lá!

"Nein, Kracht! *nein! braver mann,* Kracht! *freund! freund!* amigo!"

Queremos continuar amigos, e mais nada! que ele afaste aqueles maus pensamentos!... colocamos o seu revólver de novo no coldre... fazemos demonstrações de afeto... palmadinhas! abraçamos e beijamos o "amigo"!... ele nos assustou... tudo não durou mais de dois minutos, três suicídios e as ressurreições... nos homens, as crises emocionais não duram muito, as mulheres e moças ficam à vontade na tragédia, sempre pedem mais!... rezando, fazendo tricô, nas arenas, na cama, nunca se contentam! nós, ali, emoção por emoção, só tínhamos tido um pouquinho de medo de que ele nos levasse a passeio para acabar conosco... ainda tenho algumas dúvidas...

"Escute doutor, o senhor quer? *Hören sie?"*

O que é que ele queria nos perguntar?... com aquele ar constrangido, quase arrependido... devia ser algo muito delicado... Le Vigan queria nos deixar a sós...

"Não! não!... o senhor também, Sr. Le Vigan!"

Olha para nós... para ver se estamos rindo dele.

"Vocês viram a *Frau* Kretzer? vocês estavam lá!"

Fico pensando: o que é que tem?

"Skandal!... skandal!"

Segundo ele, todo mundo estava falando daquilo... já desconfiávamos!... até em Berlim! e muito... as fofocas correm depressa em Berlim!... estava tudo cortado!... rádio, telégrafo, cartas!... os escritórios... mas mesmo assim tudo parecia chegar, tocar os espíritos e as línguas... pior do que em tempo normal ... nada acaba com as fofocas... foi assim até o fim, até o Reich acabar... entre as piores carnificinas, sob as mais fulminantes tempestades, que falatório tremendo!... Ah!... acrescentam, inventam!... é por isso que não me surpreende o fato de que César, na Espanha, e não estava na farra, em plena rebelião, e sabia de tudo o que ocorria em Roma, hora por hora, no Circo, nos lupanares, no Senado, nos subúrbios...

Os fios elétricos não servem para nada, nem os telegramas, nem as "caves" com suas cantorias, quando as pessoas ficam tremendo, vibrando, totalmente dominadas pelo medo... não é necessário nenhum aparelho, elas mesmas emitem, transmitem, de corpo e alma, gaguejando, soluçando, as notícias... é só passar perto delas... pronto!... é uma avalanche!... escorrendo, espirrando! ... que azar! fica-se arrasado! por tudo o que elas contam!... assim por alto, o verdadeiro e o falso... quanto a Kracht, eu não via a gravidade... o escândalo?... aquela crise de nervos?... ele queria que déssemos nossa opinião, que lhe disséssemos que não estava desonrado... já tinha tomado providências... eu podia atestar que a mulher era maluca?

"Claro, Kracht! claro!"

Mesmo assim, proponho, seria talvez preferível chamar um médico de Moorsburg... nenhum queria vir!... eu devia exercer a "função", já que tinha assistido ao fato, mesmo sem ser "autorizado"... Harras já me tinha prevenido, todos os ministérios deles eram muito hostis, muito antinazistas, principalmente o do

Interior!... ah, eu podia esperar pela minha "licença"!... não tinha importância, ia recebê-la diretamente, e bem depressa, através dos S.S.... tenho que admitir uma coisa esquisita: eu não fazia nenhuma questão de ter aquela licença vergonhosa... era isso mesmo! não estaríamos sempre na Alemanha!... mas Kracht queria que eu a conseguisse!... o "Interior" e todos os ministros que fossem à merda!... maldita turma de traidores, vendidos, anglófilos!... e monarquistas!... só a forca!... eu não ia contrariá-lo!... queria, isso sim, acalmá-lo... primeiro subir para ver a Kretzer?... que seja! ele a tinha trancado onde?... no quarto? na cama?... voltamos, pois, para o castelo... passamos de novo pelo carro dos ciganos... pela isbá dos *bibelforscher*... e chegamos ao peristilo... Kracht vem comigo, mas La Vigue ia me esperar lá em cima, com Lili e Bébert... e conhecia os cômodos dos Kretzer, no segundo andar... um verdadeiro apartamento com vista para o parque... *toc! toc!*... batemos, o marido abre... chorando... as lágrimas escorrendo, os óculos encharcados... suplica logo a Kracht que não leve sua esposa! levá-la? levá-la para onde?... Kracht se ri...

"Você viu algum carro?"

Não, ele não viu!... então, estávamos zombando dele?... com essa, lança-se aos pés de Kracht... continua implorando:

"Bitte!... bitte!"

Kracht afasta-o, quer que eu olhe a mulher, deitada... o que eu vejo, de início, comparando-os a nós, é que eles não têm absolutamente de que se queixar... não estão num paiol como nós!... tudo do mais elegante!... tapetes, camas, divãs... cortinas trabalhadas em ouro e prata!... enfim, luxo!... os móveis um pouco no estilo bricabraque de Pretorius, mas não em "madeira crua", bem apresentáveis... sou curioso, em todo lugar por onde passo, olho para os móveis... Kracht pergunta-me:

"O que acha?"

Quer saber sobre a Sra. Kretzer, e não sobre as cortinas!... Ora, ela quer ficar ali, não quer sair! quer, sim, se arrepender de tudo, gemer, urrar para nos pedir perdão, arrastar-se aos nossos pés... qualquer coisa, menos sair dali... fecharam todas as janelas... ordens de Kracht!...

"Ela está doente, não, doutor? a luz pode lhe fazer mal?...

— Mas certamente!. certamente, Kracht!"

Inclino-me sobre aquela pseudonervosa... mando levantar um pouco a cortina... ah! consigo ver a doente... examino-a... depois daquele ataque diante do retrato de Adolf ela podia estar um pouco cansada... está pálida, muito pálida... o marido chora ao lado dela, sempre de joelhos... e sempre implorando a Kracht ... *"bitte! bitte!"*... tirou os óculos, chorava demais... vejo que naquele quarto enorme, eles não têm camas, só sofás... meus olhos estão habituados... torno a examinar *Frau* Kretzer... ela não soltou as túnicas, segura-as junto ao seio, sempre crispada... ausculto-a... o coração não bate depressa... 64... 66... as pálpebras cerradas... pergunto-lhe se come... um pouquinho... o marido força-a... mingaus... como faz as necessidades?... um pouquinho, num balde, ali... é verdade... e agora, a minha opinião? grave? não?... Kracht quer saber... estado de nervos!... um pouquinho de fingimento, sem dúvida! sim!... mas não muito!... ao ouvir falar de si, começa a fazer "oh! oh!"... e a soluçar... mas não como embaixo, sem escândalo!... como fazendo eco, baixinho, aos *bum!* de fora, da planície!... quase sem descerrar os lábios... *bum! bum!* como na *mahlzeit,* mas bem em surdina... bem discreta, afinal, deitada, tensa...

"Ela não incomoda..."

Aconselho-o a deixá-la com o marido... já bastam as outras complicações...

Oh, claro!... Kracht não quer outra coisa!... mas e o *skandal?* nada se fizera quanto a isso!... começamos a pensar, sentamo-nos, ficamos escutando... há o que escutar... sempre mais e mais esquadrilhas passando... *bzzzz!*... fazem mais barulho do que a nossa histérica... Kracht pergunta-me:

"E Hjalmar?"

Não tornamos a ver Hjalmar... nem o pastor... não ouvimos nada!

"*Verschwunden?*... desaparecidos?"

Oh, podem estar, mas eu me pergunto onde?... eu sinto que Kracht não se sente muito à vontade... um *brum* lá em cima no ar... já era de se esperar...

Os prazeres duram pouco, enquanto os aborrecimentos não acabam mais... e a gente só existe por causa deles, que triste astú-

cia!... dissabores dos primeiros pesadelos da infância até os últimos estertores... e vai o pano!... o nosso S.S., coitado, está totalmente arrasado... o *Apotheke,* de botas, não olha mais nada, nem a mim, nem a *Frau* Kretzer, nem as "fortalezas", nem as nuvens... agachado ali, com a sua pistola Mauser, e a braçadeira deste tamanho! com a suástica... só falta-nos pedir para botar as cartas... oh, teve uma idéia!... esqueceu-se de nos contar!... agita-se...

"O *Revizor!*... vocês não o viram?"

Claro que não!... ele também não! o *Revizor* também sumiu! *"Verschwunden!"*

Ele de fato saiu de Berlim... foi visto perto de *Kyritz* e pronto... a cinqüenta quilômetros a oeste de *Kyritz*... o que teria ido fazer lá?... verificar as contas de quem?... a Caderneta de Poupança?... isso se saberia... com certeza pegara o trem errado em Spandau... tomara a linha de Hamburgo... era possível... tudo era possível!... o que é que nós achávamos?... os trens eram tão raros, agora, que não havia muita possibilidade de engano... e o *Revizor* não era um estouvado! era uma pessoa seríssima!... seqüestrado? ele não levava grandes quantias... levava, sim! os pagamentos do mês da *Dienstelle*... talvez tivesse sido isso... que coisas aconteciam!... não é só na avenida Junot que se prende, rouba, assassina!... era em toda parte! ali mesmo... em Brandemburgo... em Zornhof... estava na moda!... era a época!... os ciganos, as donas-de-casa, os prisioneiros, os apóstatas de todos os exércitos, russos, valáquios, *franzose,* e com certeza ainda muitos outros que eu não via... já no metrô de Berlim, tínhamos tido a impressão... vadios e vagabundos!... aliás, Picpus era um deles! não o tínhamos visto mais... dava que pensar, a planície ali, à nossa frente, onde não se via vivalma, devia estar cheia de covis... o *Revizor* talvez tivesse sido apanhado e enterrado em algum lugar... Kracht que desamarrasse a cara, que risse um pouco!... ele nos olhava para ver se estávamos caçoando dele... nós, também, olhávamos para ele, para aquela cara toda enrugada, tinha envelhecido pelos menos dez anos depois do *Skandal* da *mahlzeit*... o bigodinho à Hitler subia-lhe pelas ventas, arrepiado... o nariz, amarelo e torto... e as sobrancelhas, como tinham crescido! como vassouras grossas, cinzentas...

é verdade, ele tinha mais dez anos na cacunda, não estou exagerando... na certa, iam responsabilizá-lo pela cena debaixo do quadro e de toda a histeria da Kretzer...

"O que acha?

— Agiu com a maior correção, Kracht, perfeitamente!"

Surpreendeu-se com a minha aprovação.

"Mas claro!... claro!... a mulher está deitada, doente! ora! muito doente!... é só isso, Kracht!... está delirando... sempre delirou... e pronto!... uma crise de nervos: silêncio absoluto!...

— O senhor quer escrever isso para mim, doutor?

— Mas claro, Kracht! o caso é claro!... escute lá em cima! escute só!"

Aliás, ouviam-se os *bum* de Berlim... ao longe... e, mais fracos, surdos, os da *Frau* Kretzer, como um eco... os *bum* também das paredes... das vidraças...

"Apalpe as paredes, Kracht!"

Ele apalpa... aquilo lhe faz bem... começa a acreditar em mim...

"Toda a planície, há meses! a nossa nervosa ficou doente com essas vibrações! já tinha o desgosto das túnicas... nervos, Kracht!... crise de nervos!... o senhor não tem nada com isso!"

E a fumaça no ar, então? ele não reparou?... entreabro a persiana, não é mentira!... ele precisa ver!... e lá em cima umas ondas!... amarelas... pretas... e tudo parece estar caindo em cima de nós! a prova, as folhas!... como pintadas em cores berrantes... e os bosques todos, amarelos, pretos... então?... é verdade!

"Agora, Kracht, cuidado! ninguém deve vir visitá-la! só o marido!"

O relatório eu fazia, mas para que ia servir? "que eu tinha observado aquela senhora, antes, durante e após a crise... que ela me parecia ter agido num 'estado secundário'... depois de tomar doses muito fortes de diversos tóxicos... que tinha ficado prostrada... com nítida diminuição de pulso... 62... 66... perturbações da fala... enfraquecimento dos reflexos..."

Redigi em seguida... com um papel de receita com o cabeçalho *Ville de Bezons*... dia...

"Está bem, assim, não, Kracht?

— *Ja!... ja!... ja!...*"

Pergunto-lhe se o *Landrat* também não tinha sumido... não!... Kracht recebera notícias dele... está em Berlim!... debaixo das bombas, então?... sim!... mas viria logo... e não viria sozinho!... com a condessa Tulff-Tcheppe... já tinha sido bem anunciada a tal condessa da Pomerânia! estava em Moorsburg!... não estava mais!... agora, estava em Berlim? será que existia mesmo?... claro! Kracht tinha certeza!... e sabia até que era muito falante e adorava os franceses, mais uma! que falava a nossa língua melhor do que a filha Isis e melhor do que Harras, melhor do que Marie-Thérèse, a herdeira, e melhor do que o velho... ia ficar muito contente ao nos ver... eu também, pensava eu... ela devia saber um bocado sobre cada um deles... talvez pudéssemos perguntar-lhe... oh, mas vamos ao mais urgente!... o que é que íamos contar?... a todos os burocratas lá de baixo? já que Zornhof inteiro estava falando?... fazê-los compreenderem bem que *Frau* Kretzer tivera um momento de loucura... que o que dissera não tinha sentido?... que não tinha querido, absolutamente, insultar o *Führer!* que ela e o marido eram, e sempre foram, nazistas entusiastas!... que tinham sofrido muito, mas que teriam dado dez filhos para o sucesso das idéias!... da verdade!... mas eu sugeri que não se falasse muito de moral, que se organizasse uma festinha... no bom sentido!... para levantar os ânimos!... eles todos estavam com fome, embora sempre fizessem uma boquinha, escondidos no quarto, uns pedacinhos de *wurst,* assim mesmo não eram refeições completas... primeiro um pouco de cachaça, aperitivo!... eu achava que havia um pouco no armário... não tinha procurado... ele achava que havia vinho... para regar a *mahlzeit*... mas que vinho?... ele sabia bem onde havia... na casa do aleijado!... iria pedir-lhes, explicar-lhes que o moral da *Dienstelle* estava baixíssimo, que três ou quatro garrafas de espumante dariam... ele mesmo ia reforçar o vinho do Reno... tinha com quê... um pequeno estoque de xarope de cola... aquilo ia curá-los, iam sapatear de alegria...

Sai, vai tratar do vinho... pelo menos, seis garrafas!... ia dizer-lhes que havia ameaça de levante, que a granja estava em perigo... pergunta sobre a cafeína... além da cola?

"Claro! *ja! ja! prima! prima!*"

Aprovo... eu aprovo tudo contanto que o povoado inteiro, donas-de-casa, prisioneiros, ciganos, não venham assaltar o castelo... fazer todo mundo em pedaço, e nós também... havia sempre motivos em quantidade!... a espécie humana não pára nunca, está sempre trepando, procriando, matando, esquartejando, sem parar há quinhentos milhões de anos... desde que os homens existem e pensam... por mal ou por bem vai-se ver, mas com a maior temeridade! copulam, populam e *brum!* explode tudo! e recomeça tudo!

Chegou a hora da *mahlzeit*... eles estão esperando... com cara de quem está por dentro... não demorou muito!... Kracht ataca!... corto-lhe a palavra... não vale a pena! eu é que tenho de falar! eu falo alemão bastante bem para dizer-lhes umas verdades... "eles acham que viram?... que ouviram? não é verdade! absolutamente nada!" é só delírio da Kretzer que está doente, de cama, muito mal, e não deve receber ninguém! *"ja! ja! ja!"* entenderam, aprovam... a corcundinha serve a sopa, duas conchas para cada um e mais uma porção de creme de beterrabas... e meia broa cinzenta... se quisessem mais, era só pedirem!... eles pedem... *ja! ja!* e a surpresa!... vinho do Reno!... espumante! e não são três garrafas, doze! uma para cada um!... estão debaixo da mesa!... vinho do Reno "reforçado"!... *prosit! prosit!* Kracht ergue-se! levanta o copo à saúde do *Führer!* os outros todos fazem o mesmo, toda a mesa... *prosit! prosit! heil!... heil!* e de pé!... voltara o ânimo! excelente, confiante! e a Kretzer é mesmo uma louca! devia ir para o hospício, *sicher! sicher!* com certeza! entenderam bem o que eu disse!... *prosit! prosit!* e mais um copo! *heil! heil!* Kracht tem mais reforços... eles não fizeram questão na fazenda!... com o medo que tiveram de que houvesse barulho, de que toda a *Dienstelle* se revoltasse, os contadores perdessem a cabeça, se levantassem e fossem cortar a cabeça deles! ah! que estivessem conspirando nos estábulos!... a fazenda saqueada, sangue e fogo!... como soltaram as garrafas!

O vinho já estava agindo!... eu via a mesa toda mudar de cara, contadores, secretárias e matronas!... quem estava pálido ficou encarnado! e *prosit!* à saúde do *Führer! heil!* de pé! Kracht não agüenta mais a posição de sentido e de levantar o braço...

precisa se segurar! balança... mas levanta-se mesmo assim... a corcundinha tem uma idéia, ela, tão amável, tão cheia de atenções, sugere que a gente suba para dar umas palmadas na Kretzer! *plaft! plaft!*

"Não! ora, não!"

Kracht não quer... o que quer é bater na parede... com os punhos... com a cabeça... ao mesmo tempo que as bombas!... os *brum!* sobre Berlim!... oh! como é engraçado! todo mundo da mesa faz o mesmo que ele!... Kracht deixa a parede, volta à mesa e torna a beber... no gargalo!... os outros também! pode-se dizer que o bom humor reina!... oh, arranca o bigodinho à Adolf... estava colado... era falso... *teufel! teufel!*... diabo!... e bebe mais!... o efeito sobre eles, que só bebiam água, foi que esse vinho espumante do Reno deixou todos embriagados!... e debatendo-se pelas paredes... ao mesmo tempo que Kracht!... quanto ao moral, o problema está resolvido! está altíssimo! eu não bebo, não bebo nada, observo... Lili não tocara naquele *Rheinwein*, La Vigue também não, éramos mesmo estrangeiros... agora eles se abraçam, amam-se... com entusiasmo!... os homens entre eles, e as mulheres... todos cambaleando, se empanturrando como porcos... o S.S. Kracht quer sair para respirar um pouco... de braço dado comigo... tudo bem!... bem devagar!... vamos até o peristilo... ficamos ali sentados num banco de pedra... ele tresanda a *Rheinwein*... vai falar... fala...

"*Destouches!* doutor! *ich habe sie gern!*... gosto muito do senhor!... é valente!... é honesto!... aqueles todos! todos!"

Mostra o lugar de onde saímos... a sala de jantar, as janelas...

"*Dreck! dreck!* um lixo!"

Que novidade!

Quer me dizer ainda... que eu o escute!... uma confidência!... ora, anda logo!...

"*Braver mann, Destouches!* homem valente!... *vorsicht!* cuidado! Léonard!... Joseph!... *alle mörderer! vorsicht!* todos assassinos!"

Que dupla!... eu concordo!...

"Kracht! *alle!* todos! *mörder! donnerwetter!*... raios!"

Que engraçado! mas como ele me preveniu, entre abraços e lágrimas, fez tudo o que podia... agora vamos a outra coisa!

deixa-me e vai atravessar o bosque por ali! mostra-me, na direção da fazenda... vai, com certeza, nos delatar, de novo!... vai contar-lhes que eu disse isso!... que disse aquilo!... sai andando, não muito reto, mas mesmo assim... em ziguezague... não vou com ele... ele que conte o que quiser!... que importância tem? ... volto, torno a subir... o peristilo, a escada... Lili, La Vigue e Bébert estão esperando... os outros estão todos bêbados debaixo da mesa... é o que me parece... roncando... La Vigue pergunta-me o que disse Kracht...

"Oh, nada!"

Então, o que é que eu penso?... que Zornhof é um lugar maldito... Harras um refinado salafrário... um demônio de bandido!... etc... etc... sempre a mesma ladainha... repisando durante pelo menos uma hora...

*

No fim, tínhamos esgotado todos os prós e os contras e não tínhamos chegado a nenhuma conclusão... estávamos ali, e era só!... mas e as tigelas?... a nossa rotina... era preciso ir, fazer com que as enchessem antes do anoitecer... não era muito complicado nem arriscado, o cozinheiro dos *Bibel* tomara gosto pelos cigarros, pelos ingleses, o sargento também...

Estavam à nossa espera, tudo corre bem, voltamos pelo armazém... vejo que não há ninguém na loja, não bato, entro... coloco seis "Lucky" sobre o balcão... pronto!... e me sirvo!... uma broa... duas... além disso, no lugar, deixo vinte marcos... o dobro do preço!... com certeza, a dona do armazém deve estar nos vendo... mas não aparece... em todo o caso, não a roubamos, recomeçaremos amanhã, voltaremos... três choupanas mais à frente do armazém, é o *Wirtschaft*, o botequim... ali, não vale a pena tentar, todos os antinazistas estão lá, e *anti-collabo* ferozes ... naturalmente, eles não dizem nada à nossa passagem, mas entreabrem um pouco a porta e *pluft! pluft!*... escarram! longe! se tivessem coragem, eram capazes de atirar... mas não se atrevem ainda... é melhor saber, para não voltar pelo mesmo caminho... mas não há outros!... talvez uma trilha?... procuraremos... temos as nossas tigelas, uma para Iago, outra para Bébert... logo que chegamos ao castelo, descemos para ver o cachorro,

para ver se ele gosta da comida... para que La Vigue possa voltar para a cela, no fundo... Iago aceita logo, colocamos a gororoba na frente dele, não demora, três lambidas... *vuaf! vuaf!*... acho que somos amigos... La Vigue aproveita, corre para a sua toca, pronto! "você pode até roncar!"... realmente, deita-se e, logo em seguida, está dormindo... torno a subir para os nossos cômodos, Lili está me esperando... há novidades, a pequena veio, Cillie... fomos convidados para amanhã ao meio-dia na fazenda... Lili não compreendia muito bem... ela e Cillie subiram para pedir a Marie-Thérèse que traduzisse... Marie-Thérèse também irá ao almoço... é estranho que a tenham convidado! um almoço de família e de amigos, e mais o velho von Leiden... por que toda essa gente?... para dizer-nos, a La Vigue, a mim e a Lili, que precisavam da nossa torre, do nosso canto?... para outros refugiados?... que nos iam mandar de volta para Grünwald?... ou Felixruhe?... a gente se habitua mas demora a pensar que está sobrando em qualquer lugar, que está exalando um cheiro insuportável, que está mesmo prestes a morrer... até agora eu vejo, observo, não é imaginação, a mesma repugnância nas pessoas que se aproximam um pouco de mim, ou só ouvem falar de mim... e eu resisti a tudo isto, a tudo aquilo... e eu continuo pensando que, sejam eles da esquerda, da direita ou do centro, são todos uns palhaços inúteis! cada um tem que dar o seu palpite! é claro que vão me dizer: "por que você tinha que se meter?" é verdade! deixar! deixar toda essa gente despencar!... miragens!... mais outro!... abismo! debaixo de milhares de toneladas de cal viva!... amém!

Lá em Zornhof, não estávamos ainda no ponto... um misto de coragem e covardia nos fazia pensar que, apesar de tudo... resistindo ainda... três... quatro meses...

Pois é! que merda aqueles três ou quatro meses! foram séculos que carregamos às costas! é um crime, humanamente falando, um erro irremissível: pensar nos outros!... Prudência e Egoísmo fazem uma dupla excelente, horrorosa, de merda, mas muito compacta; encantadora, firme!

Eu não dizia nada a Lili sobre minhas cogitações... principalmente quanto às "fortalezas" e aos furacões sobre Berlim não havia muito o que indagar... a terra, as paredes, o assoalho!...

cada vez pior!... principalmente de noite... em Jericó, precisaram de trombetas... ali, o nosso Hjalmar, de tambor e corneta, já fizera o necessário!... era certo que não havia mais paredes em Berlim... e, falando nisso, cadê o pastor Rieder? e o sargento do campo de aviação? com o seu pintarroxo?... nas horas difíceis em que não se consegue dormir, o melhor é pensar amavelmente em pequenos seres realmente simpáticos...

Aquele pintarroxo... os ratos não o apanharam!... o sargento voltou com ele!... que bom!... muito bem!... parabéns!... parabéns!... ali entre o sono e a vigília... muito bem!... muito bem!...

*

Não foi absolutamente o que estávamos esperando... contávamos com que eles nos prevenissem disso... daquilo... e principalmente que tínhamos que dar o fora... foi exatamente o contrário! uma recepção das mais calorosas... desde a escada, desde a entrada, uma grande flâmula "Viva a França"... com certeza, para nós... e todos os degraus pintados de azul, branco, vermelho... para nós também?... demonstração?... lá em cima, estão todos à mesa... e que mesa!... bem diferente da nossa *Mahlzeit!*... abarrotada de travessas e saladas de frutas... três ou quatro presuntos... perus e galinhas... um verdadeiro banquete!... era para nós?... íamos ver!... eles já se tinham aboletado... fazem-se as apresentações... eu conhecia o conde von Leiden, *Rittmeister*... conhecia Simmer também, Harras já nos tinha levado até ele, um velho, muito antipático, pintado, cheio de creme, ferido em Verdun... parece que muito cruel, já nos tinham prevenido... segundo os disse-me-disse, mandava fuzilar, sob o menor pretexto e com prazer, os prisioneiros das cadeias, russos, polacos, franceses, também mandava enforcar as mulheres... não faltavam oportunidades, principalmente o mercado negro, manteiga e ovos... eu não o vira desde Moorsburg... nunca vinha a Zornhof... embora parecesse ter ótimas relações com Isis von Leiden... mexericos... ele estava ali, todo arrumado, de pó-de-arroz, com o grande colar de ouro e os anéis de cabochão em todos os dedos, realmente maquilado, como uma mundana velha, de batom, esmalte nas unhas... logo que o vi,

eu disse... "Colega, ele ia fazer sucesso no teatro do Châtelet e com música!"... pensava nos balés... Harras tinha me dito que tomasse cuidado... ofendia-se por qualquer coisa, ficava terrível e caía em cima... "plenos poderes"... não era de brincadeira!... primeiro, o coronel dos ulanos da Imperatriz não gostava de nós!... era preciso vê-lo, botas de pompons, barretina, alamares roxos, espada com fiador de ouro... inesquecível!... e, afinal de contas, talvez não fosse pior do que os outros... eram todos perigosos!... eu o via ali, muito amável, surpreendente... quanto tempo aquilo ia durar?... apresenta-nos à sua vizinha... fala francês bem, com certo sotaque, mas não é áspero nem importuno... deve ser de boa família, as boas famílias, na sua época, tinham governantas francesas, na Rússia, na Alemanha, na Dinamarca, na Inglaterra... pode-se observar que todos os velhos gagás, assim, de boas famílias, têm sotaques bem suportáveis e usam termos elegantes e adequados... a harmonia da "grande época"... as outras línguas não tinham a mesma adequação, não eram muito recomendadas nem recomendáveis...

Apresentou-nos à condessa Tulff-Tcheppe... ela, afinal! pode-se dizer que se fez esperar!... fala-se dela há pelo menos três meses!... que diabo! a mulher é uma verdadeira máscara... mais maquilada do que o *Landrat!*... e com muito mais jóias, três colares longos!... um lornhão cravejado de brilhantes... uma bengala estilo Regência com o punho trabalhado... cabeleira loura, certamente postiça... com um grande coque... a tragédia de todas as mulheres, do povo ou da sociedade, é que se elas se agarram à vida, parecem cafetinas... elas se descuidam?... senhoras *patronesses* só servem para chorar, para vestir defunto... oh, como a Natureza é madrasta!...

Aquela senhora, a condessa Tulff von Tcheppe não é nada besta, ao contrário... como está contente em nos ver! encantada! exclama!...

"Vocês aqui!... franceses! que alegria! e todos três!... minha filha está tratando vocês bem?... quero saber! o meu genro é um pobre aleijado, vocês o conhecem!

— Claro, claro, senhora!

— Tudo em sua honra, caros amigos franceses!... concedam-nos o prazer!... a nossa muito modesta refeição!"

Aos gritinhos!

Quanto à modesta refeição, eu via aqueles *hors-d'œuvres* de salmão defumado... frangos em gelatina... caviar... e compotas de frutas... pratinhos de manteiga... como eu nunca vira desde o *Brenner*... o que eles iam fazer conosco depois? muito bonitos aqueles banquetes copiosos, mas e depois? nos Camarões, eu sabia que era o costume embriagar os que eles iam cozinhar... talvez fosse isso o que aquela gente tão amável de repente estava preparando para nós... dava para desconfiar... já que todos costumavam ser muito hostis... e não só contra nós, entre eles também... e muito... o velho *Rittmeister* ao lado de Isis... não se falavam... mas estavam ali... o que é que aquilo estava escondendo?... eu fiquei olhando para ver o que eles comiam... um pouco de *hors d'œuvre*... talvez os outros pratos tivessem alguma coisa... e o marido aleijado? Simmer pergunta onde ele está... em alemão...

"Com Nicolas!

— Traga a espingarda dele! depressa! faça o favor, Isis!... já!... com Nicolas!"

Mas Isis não fez caso...

"A espingarda, Isis! já! por favor!"

Ela resolve, vai buscar... ouve-se uma pequena discussão e ela volta... com a arma... Simmer apanha-a... retira dois cartuchos!... e não larga mais a coisa!... sobre os joelhos... todo mundo desconfiado... mas a condessa Tulff-Tcheppe está tão contente em nos ver, cheia de trejeitos e sorrisos que não se preocupa mais com o *Landrat*... só conosco!... "então, vieram de Paris?... os três? e com o gato? Bébert?"

"Oh, sim! sim! senhora!"

Já que parece tão afável e eu tenho muitas perguntas a fazer, arrisco-me, pergunto-lhe, com muito respeito, se, onde ela mora, a paisagem se parece com a dali... planícies?... planícies?...

"Oh, planícies, naturalmente, meu caro doutor!... imensas, vai ver! enormes, imensas, posso garantir! eu fico entediada em casa, amigos! posso chamá-los de 'meus amigos'?

— Certamente, condessa! é uma grande honra!

— Imaginem, só o meu castelo tem 42 salas!... nunca contei os quartos! meu marido sabia!... e a floresta!..."

Suspira ao pensar na floresta...

"Não sei quantos hectares, doutor!... meu marido sabia!... e lobos!... e ursos!... vão ver!"

De repente, começa a rir...

"Virão comigo... irão se divertir!... os três... com Isis!... com Cillie!... Marie-Thérèse também virá!... não é?

— Claro! claro, senhora!"

Nem pensar em recusar!... ela tinha tanto prazer... eu já nos via na Pomerânia! bem!... quem viver verá!

"Oh, mas nós não nos conhecemos!"

É verdade, exato!...

Vamos lá, então, com as recordações!... nós temos direito!... todas! todas!... as mais exaltantes! a França!... Paris!... o encantamento do Bois de Boulogne! a alameda das Acácias! o Grande Prêmio... a batalha das flores... eu respondo com gosto, conheço, participo do seu entusiasmo... mas quanto ao palácio do Elysée, fico mudo, nunca estive lá... o Presidente da República... o grande baile da Ópera... a festa em Neuilly... ah! eu já estou tomando pé! como a senhora condessa se divertiu em toda parte!... e o Moulin Rouge então!... o Céu! o Inferno!... a abadia de Thélème*!... como?... por quê? o marido, o falecido conde Tulff von Tcheppe era presidente da Comissão Léon-Bourgeois pela Alemanha do Norte... tudo se explica!... ah, o Sr. Léon Bourgeois!... que homem distinto!... delicado!... eloqüente!... ela chega a chorar!... as horas que passara lá!... ah! Paris!... o paraíso!... por todos os lados!... foram a todos os lugares!... até ao Mercado das Pulgas! e as comprinhas, que divertidas! nós veríamos quando fôssemos visitá-la na Pomerânia... bibelôs!... retratos! o conde era apaixonado pelas "Pulgas"!... veríamos essas lembranças com os nossos próprios olhos... um andar inteiro do castelo é mobiliado "à parisiense" ... de fato, ela conhece bem a Europa! todas as grandes cidades!... e as estações de águas!... cidades aceitáveis, residências passáveis... mas para viver mesmo, a alegria de viver, uma única cidade!... nós concordávamos plenamente!... prontos a

* Alusão irônica. A abadia de Thélème é fictícia e tornou-se conhecida pelas obras de Rabelais. (N. da T.)

chorar com ela... não exatamente pelas mesmas razões... mas quase...

"Não conhecem Königsberg?"

Confesso...

"Sentimos muito!

— Vão ver!... a cidade é tão triste!... o mar fica gelado durante seis meses por ano!... e que florestas!... as minhas, doutor!... os ursos!... os veados!... tudo meu!..."

Eu podia perceber que a condessa tinha medo do seu castelo... e das suas florestas... e de Königsberg...

"E o pior, doutor!... o pior!... é que eles resolveram lutar lá também!... sim!... acho que um pouco mais acima!... perto de Memel... eu ouço os canhões!... meus criados me dizem: são os nossos! imagine o senhor!... eu os ouço... principalmente à noite... os nossos?... os deles?... os meus guardas contam qualquer coisa!

— Senhora condessa, aqui mesmo!..."

Eu não ia dizer-lhe que escutasse!... era melhor falar do Mercado das Flores... do Cours-la-Reine... e de Versalhes... ainda com o Sr. Bourgeois... os grandes repuxos!... a condessa sonhava com eles!... e o fato de termos vindo, os três, de Paris para Zornhof, aquele lugar miserável!... que milagre! eu não ia contar para ela que tipo de franceses nós éramos... ela nos via no Palácio do Elysée com ela, na Ópera, trinta anos antes!... o encanto de Paris, na demência, não está nas canções... efeitos de sombras projetadas por bicos de gás, refrões conservados no álcool que só existem no coração dos velhos exilados, desesperados, ao longe... é a vida!... Königsberg... Oklahoma... o Caribe... estávamos todos de acordo!... era claro que íamos à casa dela! combinado! jurado!... Kracht já me avisara: cuidado para não contrariá-la!... ela era muito esquisita... mas tinha mesmo um castelo... não era imaginação!... nem as enormes florestas... nem os lobos, etc.... era tudo verdade!... os combates também, perto de Memel!... os russos deviam estar se aproximando... à mesa, ou melhor, no banquete, só ela falava, ninguém mais... nem sequer o *Landrat!*... era ela que presidia e só!... o *Landrat,* porém, também tinha o que dizer... mas ela não deixava... *bitte! bitte!*... com licença!... e um leve

gesto da mão para ele se calar! e escutar!... e ele, o elegante e empoado coronel, com a espingarda no colo... repetia o frango e o peru... e molho... regando tudo com três copos alternadamente... vinho do Reno, *Bordeaux*, *kirsch*... mas não podia dizer o que queria, ela não deixava... *bitte! bitte!* e ele se agitava com a baba escorrendo da boca!... sacudia a cadeira... pedia a palavra! e a mim! a mim! queria falar comigo! apontava para mim com o dedo... *sie! sie!*

"O senhor! o senhor! *ruhe! ruhe!* silêncio!"

Queria que a velha se calasse, aquele diabo de gralha palradeira!

"O senhor! ora! *sie!* o senhor!"

Tira um papel do bolso... da túnica... para que eu leia... *sie! sie!*... naquele instante!

Ah! está bem, leio... já estava desconfiado... "licença para exercer"... *Erlaubnis*... é isso que estamos festejando?... esse rega-bofe... toda aquela gente reunida? por minha causa? ... e as bandeirinhas tricolores? o *Landrat* agora quase amável... a velha maluca de Königsberg, com as suas florestas patrimoniais e a sua amizade apaixonada... tudo isso?... é verdade que Harras me avisara que eu acabaria por consegui-la, depois de meses, anos talvez... que a Administração, em Berlim, tinha má vontade... que eram antinazistas, antifranceses, anticolaboracionistas, antitudo... "o tempo completa a sua obra", dirá o leitor... "pessoas diferentes, costumes diferentes"... nada disso! ... Porra! tudo a mesma coisa ali!... e vinte anos depois! ainda ontem, a televisão, a francesa, me fez uma boa!... uma covardia, uma sujeira daquelas!... bem pior do que a dos piores teutões!... é preciso admitir que certos seres são excepcionais, no piano, no violão, na pederastia... outros na matemática, na pintura, nas palavras cruzadas... o meu talento é para me fazer excomungar, subalterno, intragável, importuno... ora, ainda anteontem, a televisão!... vieram, eles é que quiseram, me olharam, e lá se foram, apavorados!... com o material todo estragado, os filmes velados... nem pediram desculpas... nada!... assim mesmo!... a que ponto chegamos! "tudo vai acabar pelo povinho"... Nietzsche já tinha previsto... e é isso mesmo!... Ministros, Sátrapas, Diên-Biên-Phu por todos os lados! fugas e cuecas cor-de-rosa!

Se eu suspiro, minha situação fica pior!... e se, em Zornhof, no Brandemburgo, eu suspirasse contra os ministros?... contra os seus gabinetes da Wilhelmstrasse? e se protestasse? se metesse o pau em alguém? eles me depurariam! sem mais nem menos! *La Croix* teria ficado contente... Malraux também!... e tantos outros!... não pensavam que eu saísse do Brandemburgo... pré-depurado pelos nazistas!... meu cadáver adubando as beterrabas!... é tão frágil aquele que tem razão!

"*Lesen sie! Lesen sie doch!* leia!"

Insistia... *Erlaubnis*... "Licença até o dia 30 de dezembro"... gozados aqueles cheques para o futuro! que atrevimento! que embuste!... quem é que ia viver? onde, no dia trinta de dezembro?... muito bem! muito bem!... está tudo em ordem!... toda aquela gente em volta da mesa não tinha só um ar de família, caras patibulares, deviam ter alguma coisa em mente, alguma coisa a mais do que a *Erlaubnis*... pensei... a festa estava no auge... nos ofereciam de tudo... nós não recusávamos, é claro, mas quase não comíamos... isso era irritante!... o *Landrat* está muito irritado... pergunta a Lili o que leva na sacola... uma mochila, de turista...

"O nosso gato Bébert, senhor!

— Faça a gentileza de mostrar-me o gato."

Lili abre a mochila... Bébert mostra a cabeça...

"É de raça?... pode reproduzir?"

Explico-lhe que é castrado...

"Então é um animal a ser destruído... o senhor já conhece o nosso Regulamento... animal impróprio para a reprodução!..."

E faz um gesto de agarrar Bébert pelo rabo e *plaft!* contra a parede!...

Lili não diz nada, mete Bébert na sacola... "adeus, senhor"... levanta-se e vai embora... sai da mesa... vai embora... ninguém deu um pio... só o *Landrat* acha engraçado... dá gargalhadas... *ooooh!* La Vigue e eu ficamos bem quietos... sem nenhuma jactância... precisamos sair também, mas com muita cortesia... antes, nos desculpamos... por nós... por Lili... que ela está muito, muito cansada... nervosa... eu olho principalmente para o *Landrat*... o que ele vai fazer?... birutas, são todos... mas ele, ainda por cima, tem a espingarda... pode

muito bem nos derrubar... o que tem a perder?... Harras me prevenira, ele é tão impulsivo quanto o aleijado!... La Vigue e eu saímos, andando de costas... quem sabe se já está combinado entre eles, todos eles, passar fogo em nós... *bum!*... é para isso o banquete?... mas está combinado há tanto tempo com tanta gente que nós temos que ser executados, que talvez ainda não sejam eles?... talvez sejam outros... adiava-se!... por que motivos?... razões?... adiante!... o que é que tem, porra?... já estamos indicados... poderemos requerer em outra ocasião, ou outra vida!... o coelhinho caçado e o touro valente vão alegar que houve má-fé?... que estão sendo sacrificados por engano?... ora, vamos! vamos deixar de brincadeiras!...

E, com a maior delicadeza, devagarinho... um passo... dois passos... rumo à porta da escada... Simmer viu...

"Ora, doutor!... não nos deixe!... à sua saúde!"

Marie-Thérèse insiste também...

"À saúde do seu gato Bébert!"

Voltamos à mesa... mas, mal retomamos o fio... duas ou três palavras amáveis, eu ouço Lili chamar-nos... do pátio... e ao mesmo tempo ouvimos *cuac! cuac!* não eram dois, ou três! ... eram centenas de *cuac*!... e mais ainda! muitos! de todos os lados!... todos os gansos da fazenda! o levante dos gansos!... é engraçado!... olhamos!... ah! milhares de gansos!... e não só os gansos da fazenda! de toda parte! e furiosos!... e nem um granjeiro! nem um camponês! só gansos!... mas eles não podiam ter vindo assim, sozinhos!... todos juntos... um comício organizado! alguém devia tê-los trazido!... alguém devia ter espalhado urtigas! o pátio todo está cheio de urtigas!... montes delas por todos os lados!... enquanto conversávamos lá em cima!... mas as urtigas não cresciam sozinhas... alguém devia tê-las trazido... para os gansos se fartarem e invadirem o pátio... e para que nós não pudéssemos sair... era uma trama... o *Landrat* fica vermelho... vê... bate com o pé!... que é de propósito!... contra ele!... que assim não dá!... ele é ainda mais odiado do que nós, segundo parece... é o número um... nós não mandávamos fuzilar ninguém, ele sim! e não só prisio-

neiros, por qualquer coisa, alemães também, e até soldados de licença... e os convidados se divertiam à custa dos gansos que enchiam o pátio e se empanturravam de urtigas!... e também do *Landrat*, furioso! vermelho a ponto de explodir!... aquilo precisava parar!... *cuac! cuac!*... eles também estavam furiosos!... e Lili que queria passar pelas urtigas carregando Bébert na sacola!... grito-lhe: "espere, já vamos!..." mas o *Landrat* quer ser o primeiro!... não estavam só os gansos dos von Leiden, estavam os de todas as fazendolas da vizinhança!... quem os trouxera assim, em formação militar? uma coisa é certa: eles não queriam que se passasse através deles, regalando-se com as urtigas, hostis como, na França, as famílias almoçando... ferozes, suscetíveis!... estamos ali, encalhados... todos, as condessas, o *Rittmeister*, o *Landrat*, e Kracht, o S.S., sem poder ir a parte alguma... *cuac! cuac!* ir a parte alguma!... que vontade!... de ir à casinha!... e Isis e o seu aleijado!... ele estava com Nicolas, a cavalo... lá de cima tinham visto o motim, o ataque dos gansos às urtigas! ... não podiam arriscar-se!... felizmente, não havia só um W.C.!... havia dois outros no jardim... não do lado do pátio, para os lados da planície do Norte... Isis leva todo mundo para lá, já estavam fazendo pipi nas calças, não se agüentavam... Isis conhecia bem o caminho... a horta... lá não havia mais gansos... foram todos, um de cada vez!... as senhoras, primeiro... e depois o *Landrat*... praguejando "*donner! donner!* raios!" molhou a calça... com certeza, você já observou, depois que passam de meio século, todos os seres, mais ou menos, começam a pingar, não se controlam mais... portanto, os excessos nos comes e bebes são uma crueldade... o mesmo acontece com os barcos e as casas... por qualquer coisa, tudo começa a pingar... esfíncteres, bexigas, calhas, intestinos... o meio século é um terror para os homens e as damas... pior ainda para os cães e gatos!... para eles chega ainda mais cedo!... cinco... seis anos...

*

La Vigue, Lili e eu tivemos um pouquinho de tempo... aqueles montes de urtigas, todos aqueles *cuac!*... os gansos não tinham

vindo sozinhos, alguém os encorajara... de todos os charcos... quem? por quê?... contra Simmer?... contra os von Leiden?... o extraordinário é que não era por nós, em geral era sempre por nós... ainda agora, vinte anos depois, não adianta procurar... estou vendo aqui os cachorros latindo que não deixam as pessoas dormirem, os gatos miando como loucos, o meu papagaio palrador... a fábrica embaixo, o barulho infernal, o maldito cheiro, os carros que sobem às calçadas, atropelam mães e crianças... não é preciso procurar o criminoso!... agora, depois de vinte anos, estou habituado... mas eu ainda não estava, lá no Brandemburgo, em Zornhof... agora, depois de vinte anos, eu já acho tudo normal, já estou habituado a ser acusado de tudo, assim, ao acaso, lá eu ainda me espantava um pouco... La Vigue acostumou-se logo, quase sem esforço... mas também, tinha um talento monstruoso!... ator nato... podia-se dizer a ele: "La Vigue, você matou sua mãe!..." Pronto... ele mudava completamente! ... virava um monstro sendo julgado... a cara, o jeito... "agora, você é o malvado Javert!... agora o infeliz Valjean!"*... ele mudava totalmente! era aquilo que todos os que "não tinham nascido para aquilo" não podiam perdoar-lhe... eram capazes de deixá-lo morrer na cadeia, ele fez muito bem ao ter vindo para ali... tão longe... ele queria fazer-se de culpado?... na mesma hora, já o era tremendamente... fazia toda a encenação, o Conselho de Guerra, o cadafalso, o Teatro dos Champs-Elysées... todo mundo sofria por ele!... mas era isso o que ele queria... lá em Zornhof era difícil para mim sentir-me culpado... não tenho talento ... mais vinte anos de sérios percalços, desde aquele tempo... e ainda não estou pronto para confessar!... não tenho jeito nenhum!

Aonde vai?... ah, se eu soubesse!... o que é que eu podia dizer para aquelas turbas obstinadas e ululantes?

Nós pensávamos, pois, para resumir, que tudo ia de mal a pior... os ciganos, os von Leiden, Berlim cada vez mais bombardeada, o pastor... não se sabia onde... o céu cada vez mais escuro... fugir, claro!... mas para onde?... e como?... eu tinha uma idéia, já contei... mas eu não dizia nada... Lili des-

* Personagens do romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. (N. da T.)

confiava... mas era preciso que eu sondasse La Vigue e que Lili fosse buscar as cartas... estávamos no fundo do corredor, na cela de grades, depois da cozinha...

"Toc! toc!

— *Herein! herein!* entre!

— Kracht!"

Apresenta-se...

"E então, Kracht?"

Uma surpresa!... a Sra. Isis von Leiden viria nos buscar, se nós aceitássemos, na manhã seguinte, às dez horas! Lili, eu, La Vigue, Bébert, para nos levar em excursão!

"Com muito prazer! claro, Kracht!"

De carroça... iríamos até os lagos... veríamos as sequóias... a célebre floresta... a única floresta daquelas árvores tão altas na Europa... Kracht sabia tudo, ele me dá detalhes... não é uma floresta tão grande quanto a da Sra. Tulff-Tcheppe, mas mesmo assim, nós íamos ver, imensa... e as sequóias não crescem na Pomerânia... uma floresta única na Europa!... a outra floresta, na América... árvores destinadas a desaparecerem, gigantescas demais para os tempos que correm, cento e oitenta metros de copa... queriam impressionar a condessa, vi logo... e a nós também... ela não tinha sequóias nos seus domínios... só ali, aquelas árvores! só ali! tínhamos muito que agüentar! aquela floresta, a serraria, os lagos!... e, evidentemente, a Tulff-Tcheppe não ia nos poupar o relato, pela milésima vez, de todas as banalidades mundanas, a batalha de flores, o Grande Prêmio... as noites da Ópera... em poucas palavras, os mesmos sentimentos, as mesmas lembranças da Sra. von Seckt, mais ou menos...

"Está bem, Kracht!... estaremos prontos!

— Oh, ela não vai levá-los a toda parte!"

Neste momento em que escrevo, o que terá sido feito deles todos?... ninguém sabe... oh, eles já estavam esperando... não eram tão ingênuos para acreditar na lengalenga oficial, *heil!*... mas mesmo assim... nós, de modo algum!... mas eu preciso confessar, eu nunca imaginara que nos acossariam por tanto tempo... já se passaram duas gerações! quase quarenta milhões de crianças, jovens idiotas... tudo mudou tão diabolicamente desde

César! "eles prometem, riem e é só!" tchau! não se esquecem de nada!

Má-fé, impostura, sacanagem...

*

Parece que está totalmente fora de moda escrever que "às dez horas, o coche das condessas estava à nossa porta", que merda! o que é que eu posso fazer se estou ficando fora de moda?... o que foi, foi!... e nós também, Lili, La Vigue, eu e Bébert, totalmente fora de moda, prontos à hora marcada!... no alto do peristilo!... a herdeira Marie-Thérèse, o irmão, o *Rittmeister*, tão trêmulo como de costume, as suas garotas polacas descalças, e Kracht de uniforme, também estavam lá, mas só para assistirem à nossa partida... para certificarem-se de que tudo ia bem... e se despedirem de nós... e que voltássemos logo!... nós levávamos três cestas grandes, cheias, abarrotadas!... pãezinhos, presunto, patê de porco, mel... havia de tudo... água mineral, cerveja, vinho... íamos apanhar alguém pelo caminho?... talvez... eu sei que estava previsto que iríamos parar num dado momento... mas apanhar gente? eu achava que não... teria feito bom tempo quando saímos se o céu não estivesse como que rabiscado de um horizonte ao outro... alcatrão e enxofre... e principalmente ao sul e ao norte... mais ou menos, foi o que me pareceu, de Berlim a Rostock... devo dizer que a terra continuava a estrondar, toda a planície, não era pior, mas não era menos... é verdade que a gente se habitua a sentir tudo vibrar e tremer e a ser coberta pelas nuvens de fuligem, mas mesmo assim aquela espécie de pintura no ar dava a tudo, ao castelo, aos riachos, às árvores, à carroça e aos cavalos, às condessas, à moça e à velha, um jeito esquisito que me faz indagar a mim próprio onde íamos... uma comidinha debaixo das sequóias?... está já bem escuro!... eu não consigo entender o que vamos fazer lá... nós já sabemos mais do que o suficiente!... o campo de aviação deles, o sargento maneta do pintarroxo, os ratos, o aparelho enterrado... agora, aquela excursão o que seria? para nos agradar?... eu não tinha nenhuma confiança!... todos aqueles víveres, os montes de sanduíches, o frango, os doces, aquele

encontro de caçadores na floresta, aquela vasta floresta... que intenções?... bom, veríamos!... um pozinho no patê?... era bem possível... cochicho no ouvido de Lili... é melhor esperar!... nem tudo está pronto! as criadas correm até a fazenda... vão voltar... trata-se de agasalhos, de cobertas, podíamos sentir frio!... talvez!... eu aproveito para perguntar a Kracht... não precisa ficar cheio de dedos... ninguém nos ouve... no outro lado do patamar...

"Não há veneno nos sanduíches?... o senhor acha, Kracht?... em certos sanduíches feitos especialmente para nós?"

Ele sabe com certeza, aquele tartufo de botas! aviso-o para que ele diga às comadres!

Então não vamos tocar neles... Bébert também não!... e então?... para que aquele passeio? todo aquele cansaço?... Kracht!... Kracht, não vai levar a nada!... imagine só, a mãe, a filha, o cocheiro, dois cavalos!... pra nada!..."

Demos umas boas risadas... eu não estava contando nenhuma novidade!...

"Não! não, doutor! absolutamente! pode ir sem susto!"

Que bom apoio!... mas é ele que tem um pequeno pedido...

"Doutor! eu... eu preciso da sua ajuda! quer me ajudar?

— Mas claro, Kracht!"

Cochicha:

"Se vir lá pelo lago, marcas, sinais... se lhe disserem...

— Está bem, Kracht, está combinado! o guarda-civil, não é?

— Ah, já sabe?

— Só penso nele!... e também no pastor Rieder!... e no *Revizor!*

— E se notar alguma coisa?

— Eu pulo logo em cima! amarro os dois! e trago para o senhor!"

Pronto!... elas estão prontas!

"Aqui estamos!"

Deixo Kracht... mas ele quer esperar a partida... acompanha-me... subimos... eu não tenho outra saída senão sentar-me entre a condessa Tulff-Tcheppe e a filha... Kracht aperta-nos as mãos e deseja-nos tempo bom, bom passeio, tudo bom! pronto, ele desce... e nós saímos!

A carroça recorda-me o bonde de burro da praça Clichy antes de 14, o trocador no estribo, as paradas... "a primeira, Auteuil! a primeira!... para os indecisos se prepararem... ali não se tratava de Auteuil... tratava-se não sei do quê... certamente de um passeio encantador... as senhoras que estão conosco... as cestas... lá vamos nós a trote... por uma estrada que não se pode chamar de boa... não!... uma trilha entre as beterrabas... larga... coberta de areia... um desses caminhos que não têm motivo para acabar... a gente entra nele e vai indo, vai indo... o carro sacudia um bocado... tinha umas molas muito duras... talvez até nem tivesse molas... quebradas?... era possível!... quando os cavalos iam devagar, o carro jogava um pouco menos ... não muito... mas havia uma vantagem, a condessa Tulff-Tcheppe não podia obrigar-me a escutá-la... "os seus dias maravilhosos em Paris, a Batalha das Flores, o Pré-Catelan, o roseiral de Bagatelle... os passeios a Étampes..." o carro, mesmo a passo, fazia um tal barulho de correntes que não dava para falar... eu a via abrir a boca de vez em quando, tentar... atravessamos ainda outros campos... batatas... e mais outros... e depois areia... só areia... e pedregulho... e, afinal, depois de duas horas... algumas árvores... pinheiros... um bosquezinho... a orla do bosque... era aquela a caçada deles?... a cada três ou quatro árvores, lá no alto, entre os ramos, uma plataforma... para os caçadores esperarem a raposa, de tocaia ... aliás, quando eu estava na prisão, em Copenhague, na Dinamarca, conheci militares que tinham servido nas proximidades de Tromjö, eles me contavam a estratégia dos "commandos" russos... eram também em plataformas, no alto das árvores... tiros precisos e de longe sobre os batalhões de oficiais e suboficiais... vão me dizer que eu já contei em outro livro... que eu estou ficando velho e me repetindo!... que não dou mais conta do recado!... mas vejamos Duhamel, por exemplo, não se encontram dez linhas em que não apareça o seu *non médiocre* ... manias da idade... como as pantorrilhas grossas, um certo arqueamento do pé, o culto dos peitos grandes ou pequenos... são para toda a vida!... para toda a vida também o *non médiocre* de Duhamel Basile... vão gravar na sepultura dele... peguem o próximo *Figaro*, divirtam-se percorrendo as colunas, bons-bocados

para tartufos, será difícil vocês não encontrarem *non médiocre*... é ele!... é ele!...

"Mas você está tropeçando, meu amigo!..."

É a idade! claro, como Duhamel! mas ele, todos os dias e muito bem pago! eu... quase nada!... e não é todos os dias, de quatro em quatro... ou cinco anos!... Duhamel soube se arrumar... cinco... seis academias no rabo!... azar se eu estou caduco e repetitivo, minha musa está cambaleando... mas é fácil fingir-se de distraído e pôr a culpa na memória!... "prove! prove!"... aqui, oh!... para provar, eu começo a contar esses combates na Lapônia... em que a astúcia dos comandos russos consistia principalmente em esconder entre os galhos algumas "atiradoras de precisão"... elas tinham que avistar os oficiais... e *ptaf!*... só tinham direito a uma bala!... se fosse encontrada, *tichbum!*... lá se ia a donzela!

Estou vendo, estou levando-os a passear, a viajar!... paciência!... é a idade! estou falando dessas mulheres-soldados e de suas plataformas no alto das árvores... víamos... ali os mesmos poleiros na orla dos pinheiros... quanto a sequóias gigantes, eu via só árvores bem comuns, lariços, bétulas, cerejeiras bravas... acabei perguntando...

"Sequóias, senhora condessa?

— Não!... não!... mais longe!..."

Tudo bem, mas não chegaremos nunca... principalmente naquela estrada cada vez pior, de buraco em buraco... o veículo chega a inclinar-se... inclinar-se... e as senhoras também!... parece que vamos todos cair!... eu não posso ter menos dignidade do que aquelas senhoras... vamos devagarinho... de charco em charco... enfim!... vejo umas árvores mais altas! e dos dois lados... deve ser isso!... a famosa floresta!... eu não falo, fico esperando... talvez ainda mais um quilômetro... dois... a estrada de areia torna-se menos ruim... enfim, vamos chegar àquele danado de "ponto de encontro dos caçadores"... vejo troncos de árvores, cerrados... eles não mentiram... eu que já vira árvores enormes na África, tenho de admitir que aquelas são mesmo impressionantes e, por baixo, uma ramaria!... sombras profundas!... paramos...

"Estão cansados?

— Não, senhora!... nem um pouco!... encantados!... maravilhados! é assim que estamos!

— Então vamos descer... vamos?... não está chovendo!... vamos merendar...

— Certamente!... naturalmente, condessa!"

Sempre de acordo!... nunca não!... à sombra das grandes árvores... Isis e a mãe querem ir um pouco mais adiante... começam a discutir entre elas... penso "pronto!... eu já sabia! estão de combinação!"... desde o começo eu desconfiara, principalmente por causa daquele exagero de sanduíche... e do *pâté en croûte* e dos *champignons!*... as damas estavam de parabéns!

"Senhora!... Senhora!"

Chamam Lili... para junto das árvores ali na frente... ela volta... não é nada sério... trata-se de fazer pipi... eu não falo em "pipi" de propósito, podem acreditar... parece que Isis quer que tornemos a subir para dentro do carro... que seja... pronto!... esperamos... ah! aquelas senhoras!... afinal! ... agora, o lanche! as cestas!... e a condessa Tulff-Tcheppe desde o primeiro sanduíche volta à vaca-fria!... pede-nos que a escutemos e corrijamos o seu francês... pois sim! o que o estrangeiro quer mesmo é falar o seu francês cheio de erros... e vá a gente tentar corrigir alguma coisa! mesmo com a maior cortesia!... estamos ali para não dizer nada, para escutar... todos os bailes da Prefeitura... e outra vez o Sr. Bourgeois... e de novo... Sarah Bernhardt no seu camarim... a duquesa de Camastra... Boni de Castellane... e fulano... e beltrano...

Isis cuida das cestas... arruma a mesa... pronto!... patê, salsichas, *delikatessen,* agrião, doces de frutas... fico olhando para os gestos delas... um cansaço que nem aparece, observar todos os gestos durante anos... o sentido, as intenções... tudo à volta de si... e não só durante uma hora, vinte anos!... na cela, fora da cela... não acaba mais... os seres humanos têm cada gesto e intenção que a gente pode mandá-los para o diabo e eles ainda voltam piores!.. até reduzidos a pó pela bomba atômica eles são capazes de voltar como minhocas... vermes superativados, de uma tal maldade demoníaca que não deixam nem a gente morrer... bem, vamos adiante!... estávamos naquele

lanche debaixo das sequóias... Lili, eu e La Vigue já tínhamos combinado que não tocaríamos em nada... mas, por cortesia, íamos fingir!... Lili oferece-me um sanduíche... dois... La Vigue também... eu tenho bolsos bem grandes... só tenho uma mão, mas muito ágil... acho... o problema é que elas vejam os meus bolsos começarem a crescer, a inchar... ia ficar mal... jogo alguns atrás de mim... e como mastigo... e mastigo... só para constar!... e sempre respondendo à velhota que é realmente extraordinário tudo o que ela tinha visto em Paris!... a Exposição... a Roda Gigante... e o Bazar de Caridade... que se incendiaria um ano depois!

"Acha?... mesmo?...

— Mas claro, condessa!

— Fui convidada, sabia?

— Naturalmente, condessa!"

E eu recordo... e recordo... o Bazar de Caridade... os maiores nomes da França... e a fornalha... a catástrofe que foi!... aproveito a emoção para encher os bolsos... e como tenho!... dez!... doze de cada lado... *Leberwurst!* patê... e aquilo tudo escorrendo, derretendo, se espalhando... o fundo das calças cheio... eu não terei mais coragem de me mexer... será horrível quando for preciso!... mas Isis interrompe a mãe... temos de levantar-nos!... acabou a merenda!... temos, ainda, pelo menos três horas de passeio pela frente... os cavalos estão descansados.

"E como a senhora sabe, mamãe, eu tenho que falar com o doutor!"

Ora! ora! falar de quê? ela podia falar comigo em Zornhof, por que aqui? devia ser alguma coisa combinada entre ela e a mãe... a prova é que a condessa Tulff-Tcheppe leva Lili e La Vigue para o outro lado!... a passear debaixo das sequóias à nossa frente... fico sozinho com Isis...

"Venha comigo!"

Quer que eu a acompanhe... bem!... obedeço... primeiro de joelhos e depois de pé... graças às minhas duas bengalas... e enquanto isso, na minha calça... pelas duas pernas... toda a gordura e a maionese... e o patê começam a escorrer... ela acha engraçado!...

"Desculpe! desculpe!

— Mas o senhor não comeu nada!... nem o seu amigo! nem a sua esposa!..."

Ela vira todos os meus trejeitos, a minha agilidade!... como eu sou engraçado!... quando ri, é bem alemã, dura, desagradável de se olhar... os alemães não nasceram para rir...

"Esvazie os seus bolsos!... quer que eu o ajude?"

Não, eu não preciso de ajuda!... já que é assim!... *ploft! ploft!*... jogo fora toda aquela papa, aos punhados!... longe!...

"Venha por aqui, agora... sim?... eu preciso falar com o senhor..."

Ela também!... aquela mania deles de levarem a gente para um lado e para o outro!... todos!... não só Kracht! a passeio!... onde iria Isis?... falar nisso, Hjalmar, o guarda-campestre?... e o *Revizor?*... e o pastor?... Kracht recomendara muito... eu podia perguntar a Isis... mas ela não me ouvia, me levava para mais longe!... era macio o chão, coberto de espinhos de sequóias... adiante, sua farsante de primeira!... eu não confio nem um pouco nessa mulher, anda melhor do que eu, não tem o problema das bengalas, segue a grandes passadas... um momento: levanta as saias!... até os quadris! ela está se divertindo!... nada malfeitas, bem musculosas, longas... mas, meu Deus, não é hora para isso!... nunca mais, eu já vira pernas demais para toda a vida!... eu estou pensando em outra coisa, Isis!... pronto, acabou-se a peça, o pano cai!... as mulheres, cujo sexo não desiste nunca, não compreendem que nos homens, horrivelmente priápicos, uma gota de chuva basta para que tudo se encolha!... insistem! fazem de tudo!... é um golpe monstruoso para as mulheres o fato de os homens não ficarem com tesão!... vejo isso nas gatas!... como ficam, que vida dura elas dão aos gatos castrados! são capazes de matá-los se eles não fugirem!... mas eu, ali, para onde posso fugir?... o melhor é fingir um pequeno interesse... paramos perto de um tronco de árvore... não é dos mais grossos... podemos nos sentar pelo menos... ela me convida a ir para junto dela... bem!... acho que estamos bem no lugar mais fundo do bosque... ninguém pode nos ver... eu acho, pois não se pode estar muito certo... talvez alguém esteja tirando fotografias... ou quem sabe se há atiradores?... ou atiradores no alto?... não seria surpresa!... ela toma uma das minhas

mãos... as duas mãos... talvez seja o momento para eu beijá-la... seria cortês?... eu não sei... aquele jeito de me arrastar para tão longe... e no escuro... aqueles galhos tão cerrados... tão espessos...

"Doutor, eu preciso lhe dizer!..."

Ela me beija...

"O senhor deve ter percebido, não?"

Eu não respondo nada...

"O meu marido?..."

Rumo à emoção...

"Oh, sim... sim, senhora!

— Ah, mas o senhor não viu tudo!"

Quanto ao resto, posso imaginar...

"Pois é, eu queria lhe pedir...

— Por favor, senhora!

— Ora, vai ser muito difícil!"

Pelo menos eu estou prevenido...

"Kracht também sabe... mas ele não quer... é farmacêutico, o senhor sabe, mas também é S.S.... o senhor sabe como é..."

Eu não vejo o que aquilo tem a ver...

"E então, senhora?

— O senhor sabe que o meu marido bate em mim... não é mau... por natureza... mas quando tem os seus acessos... o senhor viu!..."

Claro, eu sou sutil e rápido... não é à toa que passo noites, tantas noites, pensando, para não prever quase tudo...

"O senhor sabe o que eu vou lhe pedir?

— Imagino, senhora...

— O senhor acha?"

Entreabre a blusa... uma blusa de seda azul... para eu ver bem os seus seios... e, entre os seios, um papel... bem dobrado... passa-o para mim, para que eu o leia... é em francês e à máquina... são raras as máquinas por essas bandas, eu não vi nenhuma...

"O senhor tem sua licença para exercer?"

Banco o bobo...

"Erlaubnis?

— Ah, sim, senhora! tenho sim!"

Um tempo para pensar... acha-me burro... toma-me a mão...

"Ponha a mão aqui, veja como está batendo!"

Obriga-me a pôr a mão sobre o coração dela... e depois, *zás!* entre as coxas!... a outra mão!... para eu aproveitar!... me divertir!... nada disso!... de jeito nenhum! ela ainda tem esperanças, a Sra. Isis... ainda não entendeu, mas nós sim!... pensa que com as suas pequenas malícias, um assassinato ou dois, ia conseguir safar-se... pois sim!... mas desde a estação do leste, desde a borboleta de entrada... nós sabemos o que nos espera... que somos pau para toda obra, para as piores falcatruas... de pés e mãos atados... a Sra. Isis acredita em certos jeitinhos... ora!... o que é isso?... sacanagem, ora!...

"Por favor, senhora!"

Pergunta se ela pode mesmo...

"Claro!... claro, senhora!"

Pois é!... com a minha licença, eu devia ir a Moorsburg, conhecer Wohlmuth... falar com ele, pedir-lhes alguns produtos... Athias Wohlmuth, farmacêutico... pois bem! é simples... e os produtos?... tudo bem escrito em francês e à máquina... *dolosal... curare... morfina... cianureto...*

"Tudo o que ele puder lhe dar!"

Mais uma pequena recomendação!... dois farmacêuticos em Moorsburg! mas o dela, o que eu devia procurar, ficava logo ali na estrada, eu acharia com facilidade, veria uma estátua... *Fontane! Fontane!* de sobrecasaca!... eu não posso me enganar... bem defronte à farmácia... estátua!... ah! eu devo ir sozinho!... Lili e La Vigue me esperarão... vejo que está tudo previsto... de onde viria aquele papelzinho batido à máquina em francês?... não faço perguntas... saberia depois... por enquanto, o que eu temia é que, ao invés de estarmos sozinhos, estivéssemos rodeados de fotógrafos... as moitas cheias de câmeras... que tudo tivesse sido preparado... a velha Tulff metida no golpe! e então?... eu estaria em maus lençóis! vão me dizer: inverossímil!... nem um pouco!... pois ela estava quase nua... a roupa toda arregaçada!... levantada!... e descabelada! então? ora como eu ia provar que não tinha nada a ver com aquilo?... fico pensando, agora, quinze anos depois... ela não merecia mais do que 5... é o que eu lhe dava... mas é raro achar alguma que consiga nota 5 mesmo entre as belas mais elogiadas... puxa vida! que monte de imperfeições! gorduras, celulites, manchas... mulheres que só

podemos ver sentadas, na sala ou no carro... ou deitadas... em grupos... bem, em resumo, o que nos interessava era dar o fora!... e não besteiras e sacanagens! Isis estava atrasada, era isso!... ela ainda não tinha percebido... Athias Wohlmuth e as suas drogas? para envenenar o aleijado dela? que porra! que besteira!... na certa ainda veríamos outras!... as pessoas que vivem confortavelmente só têm pensamentos cor-de-rosa e macios, acham que tudo vai dar certo!... e a sujeira e podridão delas?... ora! calúnias!

Isis von Leiden, ali, debaixo das sequóias gigantes não me surpreendera muito!...

"Naturalmente, senhora, naturalmente!... amanhã mesmo!

— Eu não posso ir com o senhor... vai sozinho falar com Athias... não leve nem sua esposa nem seu amigo!

— Oh, claro que não!

— E só entregará os remédios a mim... mas assim que chegar!... imediatamente!... mandará me chamar na fazenda..."

Eu não podia me enganar... eram ordens bem claras... enquanto ajeitava o vestido... e se penteava... os cabelos espalhados... se fosse um estupro, não teríamos uma cara mais estranha... mas e as fotografias?... eu não via nada... nem nas moitas... nem nas alturas... eu achava que aquela Sra. Isis era capaz de tudo... os outros também, diabo!... a herdeira, o *Rittmeister*, o aleijado e o seu colosso, então!... todos! todos!... o castelo, a fazenda, o povoado e os prisioneiros e até os gansos...

No dia seguinte, iríamos a Moorsburg, estava combinado!... mas agora, ali... aonde íamos?... íamos voltar para o carro?... eu podia pensar que também ela talvez quisesse me levar para visitar um refúgio subterrâneo... como o outro quisera mostrar-me o que restara do campo de aviação... Isis não me parecia armada... é claro que se podia esperar um tiro disparado de uma árvore ou de um monte de terra... eu já tinha visto coisa pior em Grünwald... no bosque é fácil... quem atirou?... nunca se poderia saber!... ali, afinal de contas, não acontecera nada, só nos restava voltar às primeiras árvores... para encontrar Lili, a condessa... e La Vigue... eles tinham esperado um bocado, mas não se tinham aborrecido... a condessa tinha-lhes oferecido bolinhos... eles tinham, discretamente, cuspido tudo... com ela era fácil, ela não olhava... Bébert fora premiado com

um peixinho frito tirado do lago, ao lado... tinham ouvido a mesma cantilena, a mesma conversa, com poucas variações, o tapete rolante, um baile em Bullier, às margens do rio Marne... tinham-na escutado bem e respondido bem... mas ficaram felizes em ver-me!... o que é que tínhamos feito lá dentro, no fundo da floresta?... ora, nada! *Psiu! Psiu!*... nunca dizer nada, nunca, sobre nada, a ninguém... tínhamos que ir mais adiante... e upa! cavalinho! senhoras e senhores, para o carro!... subimos, nos instalamos!... uma alameda! tão imponente! da largura da avenida dos Champs-Elysées... sequóias cada vez mais enormes...

"Tudo isso lhe pertence?"

Ora, posso tomar essa liberdade...

"Oh, sim! e ainda bem mais longe!"

Vejo que são pessoas realmente ricas... ela acha engraçado que eu esteja tão curioso... mas vou diverti-la ainda mais...

"Senhora, vou lhe dizer uma coisa, meti-me nesta situação tão perigosa, e não fui só eu, minha mulher também, meu amigo, por infinita curiosidade!... não foi por ambição nem por interesse! é por isso que a senhora está nos vendo aqui, procurados por todas as polícias, postes, matilhas... porque me meti onde não fui chamado!..."

Isis não era idiota... não se surpreendeu...

"Pois, doutor... seja curioso! pergunte tudo o que quiser!... eu vou lhe dizer... não tenha medo!... não se sabe como agradá-lo... pelo menos, uma coisa é possível: dizer-lhe o que não é da sua conta!...

— Isso mesmo, senhora! admito!

— Então, primeiro vamos à serraria!... vou mostrar-lhe, à beira do lago... emprega sessenta operários... todos condenados, cumprindo pena... há três assassinos entre eles... expulsos do exército... indignos... quanto aos *Bibel*, é a Bíblia!... estes são mesmo forçados... um pouco mais dignos das galés do que os pacifistas... os senhores vão vê-los... o lago também é nosso... é bastante grande... dezoito quilômetros até Moorsburg... vão ver os barquinhos... os barquinhos são de meu sogro... são velhos como ele... vai ser preciso arranjar outros... temos outra serraria um pouco mais longe... mas não iremos lá, hoje... já sabe o bastante?... está bem claro?

— Sim, senhora!..."

Mas a condessa Tulff-Tcheppe talvez pudesse dizer alguma coisa?... não! está zangada!... a filha percebe...

"Mas, mamãe, a senhora também tem! lagos bem maiores!

— Ora, e eu não sei?

— Dez vezes mais florestas.

— Claro, Isis! claro!"

E nada mais... o carro pára, chegamos!... eu pensei que não chegaríamos nunca... eu conheço as florestas tropicais, todo mundo as conhece agora, todo mundo viaja, ninguém mais se espanta... antigamente, punha-se um capacete... e ia-se esnobar em Brazza... agora, as cachoeiras do Congo dão no máximo para um fim de semana... tinha-se, então, a impressão de estar encerrado para sempre na escuridão úmida, numa confusão de cipós, raízes, pântanos cheios de serpentes... mas ali, ao contrário, a sombra, bem seca... e amarela... o tapete de espinhos... em suma, uma floresta belíssima, suntuosa demais... o lago também, límpido demais, azul demais... e tudo tão poético, diria eu, sinfônico, profundo, terrível, bem alemão... que o leitor não poderá escapar nunca... não é minha intenção fazê-lo ir até lá!... nem ao Congo nem à Prússia!... a vantagem daquele enorme tapete de espinhos é amortecer o ruído, não se ouvia mais a bacanal das bombas sobre Berlim... a água do lago estremecia um pouco... as margens... até os caniços vibravam... vibravam...

"Doutor, tudo isto é nosso... aqueles lenhadores também, lá!... está vendo?"

Sim, eu os via!... aqueles forçados não estavam serrando... empurravam troncos de árvores gigantes e faziam com que rolassem até a água... outros, embaixo, amarravam os troncos... eu entendia... quando eu era pequeno, era um garoto apaixonado pelos "trens de toras"... desde Ablon, desde a represa até Pont-au-Change... os marinheiros quase caíam de cabeça a toda hora... era preciso ter força e olho vivo, vinham do Morvan... aonde iam? eu nunca soube... mas os dali não pareciam muito entendidos... eu freqüentara os areeiros, conheço o trabalho... Isis percebeu o que eu pensava...

"Acha que vão chegar?

— Aonde?

— A Moorsburg!...

— É possível... mas não é garantido...
— Se eles se afogarem, o que acha que vai acontecer?
— Virão outros..."

Ah! começam a rir, as duas... a filha e a mãe... que estava trombuda... por causa da maneira como eu respondi!... e o *Revizor?*... e o guarda-civil?... o pastor? é o momento de eu me informar!... Isis pergunta a um grisalho ali perto... não!... ele não sabe! não viram nada!... não se conseguia tirar nada daquela gente... não lhes dissemos "adeus" nem "felicidades"... eu mesmo, mais tarde, preso na minha cela, só pedia uma coisa: que me deixassem em paz... eu compreendia bem aquela maneira de pensar... Léon Bloy moribundo pedia: o Espírito Santo ou os cossacos!... eu, que já passei por coisas muito piores do que ele, o que eu grito e exijo é "a bomba mais possante e os chineses!" estou brincando!... mas ali não era o momento de gracejar, e sim de retomar a alameda do bosque, nos sacudindo uma ou duas horas, aos solavancos, moídos, de buraco em buraco... o carro rangia pelos quatro eixos... o pesadelo daquela guerra eram os corpos graxos... eixos, pistões, bielas... queimados, rachados, fundidos... no ar, na terra ou debaixo dos mares... ali, naquele carro, as molas, os eixos já não agüentavam mais... quase urravam... mas, afinal... bem devagar...

À medida que avançamos, vejo árvores menos altas... e não se viam mais sequóias e sim pinheiros... de repente, quando eu menos esperava, Isis ordena: *Halt!*... o cocheiro pára... "venha comigo"... tem que falar comigo... "só o senhor!"

"Quero mostrar-lhe o meu chalé!..."

Que história é essa?

"O senhor vai ver! venha comigo!... Sra. e Sr. Le Vigan!... fiquem aí!"

Um outro capricho!... desço do carro... leva-me por uma vereda... mais uma!... tem a mania das veredas... aquela passa por entre os pinheiros... o que será?... oh, nada mau!... um grande pavilhão todo de madeira, elegante, bem limpo, bem escovado, mais limpo do que a fazenda... ela ia na frente...

"Venha!"

Entramos... era realmente luxuoso, bem mais do que a casa deles... carpetes, almofadas de couro, divãs enormes e prateleiras cheias de garrafas!

"*Raus!* fora!"

A ordem é brutal!... a alguém... quem?... eu não vejo ninguém... mas ouço alguém fugindo... criados num outro cômodo?

"Não quero vê-las!... voltarão quando eu tiver ido embora! elas voltam sempre!"

Acho que são as polacas... então, dirige-se a mim:

"Doutor! Doutor! desculpe!... o senhor quer pedir a Athias...

— Athias?"

Não me lembrava mais...

"O senhor sabe, em Moorsburg?... o farmacêutico?... lembra-se?

— Ah, sim! ah, sim! às suas ordens, condessa! o *Apotheke!*"

Mais uma droga?

"Esqueci!... toalhinhas de papel... para senhoras... o senhor sabe? para todos os meses?

— Oh, sim, senhora!

— Aqui, chamam-nas de 'kamelia', com 'k'... na França há iguais mas se escrevem com 'c'!... três pacotes, se ele tiver!... se disser que não tem, o senhor insista... que ele tem, sim! ele guarda-as para outras!... e também o meu batom... e o meu pó-de-arroz... ele sabe os que eu uso!... se ele disser que não... não mesmo!... então avise que eu mandarei Kracht, ele vai ter que dar!... compreendeu?... Wohlmuth Athias... defronte da estátua...

— Claro, senhora, amanhã mesmo!

— Então vamos sair!... vamos voltar para o carro... não quer me beijar?

— Quero, sim, senhora!"

Beijo-a... ela me beija... e saímos... como bons amigos... não demoramos muito... eles não arredaram pé do carro... não fizeram nada, não viram nada... pergunto-lhes... nem o *Revizor*, nem Hjalmar, nem o pastor... Lili viu um animal ao longe... quase na orla dos pinheiros... mostra-nos... sim!... tem razão... olhamos todos... uma raposa olha para nós... nas três patas, como pode... uma raposa que escapara da armadilha... Isis explica-me... já que a caça é proibida, há "armadilhas" por todos os lados!... não teriam mais um pato, um

ganso, um frango, seria uma devastação se não fossem as armadilhas!... e não só ali, em toda a Alemanha...

"Agora o senhor sabe?

— Certamente, senhora!"

A raposa vai andando rumo ao bosque... nós a vemos afastar-se... vamos para o outro lado... a estrada não provoca tantos solavancos... as rodas fazem menos barulho... pronto! a condessa Tulff-Tcheppe aproveita o fato de que os eixos rangem menos... para tomar a palavra... penso: lá vem de novo o Elysée!... não! nada disso!... é a vez do Brandemburgo! começa a nos contar... mas não do tempo presente, de antigamente, da sua mocidade... os costumes, as recepções, os casamentos das famílias nobres... os empregos, os postos de cada um... e também os lugares, as guarnições, a artilharia da Guarda, a escola de tiro, o polígono... não era só a sua Pomerânia natal que a senhora condessa conhecia, o Brandemburgo também!... eu escutava... escutava... mas não muito... ela estava sentada à minha esquerda e eu a ouvia mal... eu pensava em Moorsburg, no *Apotheke*, defronte da estátua... eu iria?... não iria?... Wohlmuth Athias?... ainda precisava pensar... afinal, aos pequenos solavancos, devagar, estávamos chegando... o parque, a isbá dos *bibelforscher*... o nosso peristilo... Kracht não está longe, ei-lo!... "boa tarde! *heil!* bom passeio?" estamos contentes, principalmente, por ter voltado... o final do passeio poderia ter sido pior... vinte anos depois, eu ainda penso que as coisas poderiam ter sido bem piores... mas ali não disse nada... pensei naquilo a noite inteira... mas não disse nada... nem a Lili... nem a La Vigue...

*

Não que esse passeio a Moorsburg, a sete quilômetros, a pé, nos parecesse muito divertido, mas já que estava combinado!... eu iria procurar o *Apotheke!*... mas, quanto às drogas, com certeza, não da primeira vez... curare... cianureto... dolosal... veríamos!... quanto ao batom, ao pó-de-arroz e às "kamelias" não havia problema, eu trataria daquilo logo! quanto ao resto... primeiro conhecer um pouco o tal Wohlmuth Athias... pertinho da estátua... quanto à estrada de Moorsburg, é uma

linha reta através da planície, não há possibilidade de engano!... é só seguir as indicações... primeiro avistaríamos de longe, nós já conhecíamos... o melhor era sair de madrugada, digamos, às cinco horas, sem ninguém para se despedir da gente... discretamente!... estava combinado!... preparamo-nos durante a noite, nos nossos antros... Iago deixa La Vigue passar... encontramo-nos no peristilo e avante!... um!... dois!... um!... dois!... devagar! por minha causa, principalmente, pela minha rengueira... está tudo quieto... no carro dos ciganos... nas isbás... não se ouve um barulho... nem dos gansos!... pronto!... continuamos andando... lenta, mas calmamente... Bébert, enrolado na sua sacola, já está habituado... os gatos não gostam das nossas espertezas, das nossas fugas, mas quando sabem que é preciso, é preciso... ficam imóveis, enrolados... é isso, acho!... um!... dois!... um!... dois!... de madrugada... o céu já está preto... amarelo... mesmo antes de o sol nascer! que chatice!... vão dizer: "porra, como ele é chato!... não sai disso!..." esses também não saíam do céu!... esquadrilhas e mais esquadrilhas... para ir jogar os seus horrores sobre a horrível Berlim!... todas as suas porcarias!... e não só as "fortalezas"!... *mosquitos*... *marauders*... de tudo!

"Se não fossem os seus três pontinhos, o seu estilo, como ele chama, ora, talvez desse para lê-lo um pouco mais!... desde a *Viagem* que ele é ilegível!... a *Viagem* ainda vá lá! agora ele está tão apatetado, parece, pelo menos, que até na televisão não dá pra olhar pra ele, a prova é que o Sr. Petzareff fez ele pular fora, bem a tempo, 'uma hora de conversa'... já estava tudo decidido!... a França ainda estava perdida!... Juanovici está na prisão, mas Petzareff, que está sempre de olho, não perde um gesto dos antitudo!... e sem diploma!... da rede 'Honras e Vantagens'..."

Que palavras amáveis!... mas ali, nessa estrada de Moorsburg, não temos grandes esperanças... ainda estávamos bastante longe... a planície... algumas pessoas... lá longe... todos aqueles sulcos amarelos, cinzentos, até o Ural... umas pessoas não muito distantes... não há necessidade de perguntar-lhes o que fazem, estão trabalhando... acho que estão fazendo umas construções... tijolos e telhas... preciso prestar atenção, não posso divagar muito, do contrário sou capaz de perder o leitor

na estrada de Moorsburg... ali, de repende, de um lado, de uma valeta, aparecem dois homens... dois homens vestidos como nós, assim-assim, com sacos, trapos, barbantes... falam conosco e em francês...

"Para onde vão?

— Para Moorsburg!

— Ah, são vocês os colaboracionistas?"

Vejo que todos nos conhecem... e bem longe do castelo...

"Nós somos prisioneiros!"

Não se pode confundir! oh! não! absolutamente! pergunto-lhes como vão as coisas?... não muito mal!... o patrão deles é um criador... criador de carneiros e aves, fora para a frente do leste... eles cuidam da fazendola... a mulher do dono dorme o tempo todo... não há mais nada a fazer na fazenda, quase todo o gado morreu... duas epizootias, uma em cima da outra...

"Não teríamos mais nada que comer, mas a gente se vira!"

Por eles e pela mulher, eles furtam...

"Não nos falta nada, mas o importante é não ser apanhado!..."

Só sabem isso...

"Se nos apanham, estamos fritos... seremos fuzilados, vocês também, mas não pelos mesmos motivos!"

Ah, que engraçado!... morremos de rir!

"Vão filar a bóia do *Landrat?*

— Não, ele não nos convidou!

— Vocês conhecem ele?

— Conhecemos, um pouco...

— Mandem lembranças!"

Tudo bem... seguimos! mais uns metros e alguém nos disse *halt! halt!* alguém de dentro da valeta! do outro lado da estrada... um policial alemão... faz um sinal para que nos aproximemos... *papier!*... eu tiro o meu *Erlaubnis,* mostro-lhe... *gut! gut!* vê com quem está falando!... não somos vagabundos!... pergunta-nos aonde vamos, assim, tão cedo!... muito amavelmente... à farmácia do Sr. Athias Wohlmuth! *gut!*... *gut!*... muito natural!... aproveito para lhe perguntar se ele não viu o pastor... ou o guarda-civil... e o *Revizor*... não! mas, ora essa, ele também os está procurando!... se por acaso nos dissessem alguma coisa... aqui... ou ali... que nós fizéssemos a gentileza de avisá-lo!... pelo Correio... no nome dele!... Guarda Hans! claro!... está

contando conosco! mas, naturalmente!... está combinado!... nos separamos como bons amigos... quantos quilômetros?... três ainda!... não se pode dizer que vamos depressa, mas mesmo assim... andamos um bocado... avistamos Moorsburg... a igreja... nos sentamos na grama... Bébert vai fazer suas necessidades... ele sabe que não é hora de fazer das suas... que é preciso ter juízo... volta logo para a sua sacola... tornamos a partir... as primeiras casas... ainda não são oito horas... as pessoas já estão de pé... olham para nós quando passamos... eu não diria que fossem hostis... mas estavam surpresas... ah! eu estou reconhecendo... Moorsburg é uma cidadezinha com cinco... seis praças Vendôme... pelo menos tão grandiosas! é ali que Frederico II realizava as manobras dos seus pracinhas... e o *Apotheke?*... não é naquela praça?... eu não vejo a estátua... *Fontane*... ah, lá está! é aquela!... e o farmacêutico... o nome, o nosso: Wohlmuth Athias... bem!... empurro a porta... a garotada já nos viu... amontoam-se na calçada em frente... vai ser como em Berlim... os *Hitlerjugend* do metrô... entramos na botica... lá está ele!... desculpa-se por não falar francês... bata branca, barbicha... mil gentilezas... apresento Lili, La Vigue, Bébert... ele nos convida a tomar alguma coisa... epa!... "muito obrigado!" nem um copo d'água!... pergunta-nos como estão as coisas em Zornhof?... se estamos satisfeitos com os von Leiden...

"Encantados, meu caro *Apotheke!* que anfitriões adoráveis!..."

Se não achamos a gente do povoado um pouco rude?

"Oh, não! são encantadores! delicados! tantas atenções que chegam a comover!..."

Percebo que o sacana do Wohlmuth Athias está especulando... bem que queria que eu começasse a falar mal... pode ficar querendo...

Quanto à idade, fico a olhá-lo, deve regular comigo, não é criança... bom, chega de papo, quero mostrar a minha "licença"... não!... não! fica ofendido! está inteiramente a par!... estávamos sendo esperados!... depois de cada frase, aparece com um cacoete no canto da boca... assim: *ngü! ngü!* como se fora uma careta de dor... e logo em seguida, um sorriso...

"Em que lhe posso ser útil, doutor?... diga, por favor!... peça o que quiser!..."

Mas eu não lhe vou pedir nada!... ah, sim! batom, pó-de-arroz e três pacotes de "kamelia"...

"Para a condessa von Leiden?

— Exatamente!

— Não quer mais nada, doutor?

— *Danke!... danke!...* obrigado!"

Muito amável, o barbicha!... claro que eu não quero nada mais!... *kamelia,* batom, pó...

"*Apotheke,* nós vamos voltar aqui, vamos dar uma volta pela cidade, mas voltamos logo..."

Quanto é?

"Depois!... depois, já que vão voltar! temos tempo! vão visitar a cidade!... não podem perder-se, todas as avenidas vêm dar aqui... na estátua!... já lhe disseram!... estátua de *Fontane... Fontane,* conhece o nome?... francês e alemão, *Fontane!...* huguenote!... conhece a história dele?"

Sinto que quer contá-la... nesse caso é melhor nos sentarmos e não aparentar pouco caso... para dizer a verdade, eu nasci tão curioso que, para ficar sabendo de alguma coisa, nem que seja futilidade, eu era capaz de trepar na Torre Eiffel com as minhas duas bengalas... ele sabe um bocado sobre *Fontane,* o grande escritor de Moorsburg... valia a pena nos atrasarmos principalmente porque, talvez, os nossos cupons tivessem caducado... nós que precisávamos tanto de *lebenwurst!...* ou seriam para outro mês?... pode-se ter certeza de que, em certo momento, faça a gente o que fizer, atraem-se os piores aborrecimentos... melhor ficarmos sentados... ele que fosse falando de Fontane!... era dali, bem do lado, de uma daquelas casas... devíamos ler "Passeios do Brandemburgo", a sua obra-prima... bem! Wohlmuth conhecia sua vida, os menores detalhes... uma coisa engraçada!... Fontane estava na França durante a guerra de 70... que idéia... e ainda por cima!... tinha sido apanhado ao visitar a casa de Joana d'Arc pelos "secretas" de Domrémy!... franco-atiradores da época... turista durante aquele ano terrível!... e não era só aquilo!... acusado, é claro, de ser renegado, traidor... por pouco não acabaram com ele... mas a Providência sabe o que faz, fora anistiado pelo próprio Gambetta, e solto... voltara para ali para passar o fim da vida, cheio de raiva... ali, de

sobrecasaca, de pé no seu pedestal, não parecia... mas, graças a Wohlmuth, ficamos sabendo...

"Obrigado, Sr. *Apotheke!* vamos ver se aceitam os nossos cupons! sabe! os *lebenwurst!*... voltamos logo!"

Saímos... passamos por duas ruas... e, logo, uma praça, grande... La Vigue pergunta-me: "você acha que ele me reconheceu?"... não! não! ah, achamos uma casa de frios! o dono olha para os nossos cupons, bem sério... *"franzosen? franzosen?"* resolveu logo!... não quer, de jeito nenhum, saber dos nossos cupons!... quanto a nos atender, sim!... patê de porco?... salsichas?... *lebenwurst?*... e nós aproveitamos!... ele não quer aceitar nossos marcos!... de modo algum!... tudo de graça, então?... pois bem!... não vamos fazer cerimônia...

"Acho que este me reconheceu!

— Oh, claro... naturalmente!"

E Le Vigan inclina-se... uma grande reverência!... uma saudação de palco!... a toda a loja!... ao dono, à mulher, aos caixeiros!... eles ficam olhando para ele, se é mesmo com eles... sim!... e então? ele espera... dobrado ao meio... o chapéu colocado no chão... aplaudem-no...

"Você está vendo?... está vendo?..."

Retira-se com grandes reverências... comovido... lisonjeado!... nós fazemos a mesma coisa, saímos, com grandes cumprimentos... sem esquecer do pacote, do patê... na calçada, acabam-se os salamaleques!... corremos à padaria! esse comerciante também não quer saber dos nossos cupons... absolutamente!... mas o que é que nós queremos? três pães pretos grandes, compridos!... *gut! gut!* não quer nem cupons nem marcos... não responde aos nossos *"guten tag"!* já que fomos atendidos, que déssemos o fora!... ótimo! estamos nos habituando... mas não é tudo! os garotos, que nos seguiam de longe, aproximaram-se em maior número e com um bando de mulheres ainda por cima, pelo menos cem, berrando... quando nos viram, nos disseram os piores desaforos... canalhas! carniças! *fallschirmjäger!*... pára-quedistas!

Tudo o que pensam de nós...

O que podiam fazer aquelas harpias furiosas de vassouras, pás e ancinhos em punho?... garis!... o esgoto!... Kracht já me prevenira para que eu não respondesse nada... nem aos garo-

tos... certo! mas nós tínhamos que passar e eles ocupavam toda a calçada... os garotos, meninos e meninas, eram, com certeza, da *Hitlerjugend,* não iam nos soltar, já tinham o necessário, o que estavam procurando há meses!... três! três pára-quedistas sabotadores! não se podia levar na brincadeira, era a mesma coisa que em Berlim... foi só graças a Picpus que conseguimos escapar de ser linchados!... ali, eu não via nenhum Picpus!... uma quarta praça Vendôme... garotada terrível! berrando, agressiva! cada vez mais... eu disse:... vamos parar!... há um bar, *wirtschaft,* entremos!... eu já estava precisando... mal pus a mão no trinco e os garotos estão em cima de nós!

"*Fallschirmjäger!* pára-quedistas!"

Ah, é isso!... as nossas japonas! as mesmas de Berlim, éramos o mesmo trio de malditos sabotadores, procurados por todas as polícias!... em Berlim, se não fosse Picpus, teríamos caído! debaixo do metrô! por onde andaria Picpus?... ele reconhecera La Vigue!... nenhum daqueles pirralhos podia reconhecer o grande ator!... mas, meu Deus, como se agarravam a nós!... e obrigavam a andar!... dez! vinte! meninos, meninas, nos empurrando... para onde?... não adiantava eu gritar que éramos de Zornhof!... que estávamos hospedados com os von Leiden! aonde é que nos queriam levar?... ao Posto?...

Lá longe, numa outra praça, um S.S.! eu não estou enganado! "Kracht, Kracht", gritamos para que ele nos visse!... os três!... veio! ei-lo! ri quando nos vê quase afogados, sufocados pelos *Hitlerjugend*... está de uniforme S.S., botas e tudo! só faz um gesto e *weg!*... basta!... afastam-se, fogem!... não sobra nenhum!... ajeitamos as nossas japonas... proponho que entremos no bar... ali, pertinho... mas com ele... oh, não sem ele!... ele aceita... nos instalamos e fazemos nossos pedidos... três cafés *ersatz!*... aproveito para perguntar-lhe quem são aquelas mulheres da rua que nos tinham dito as piores... são as prostitutas de Berlim que estão se tratando em Moorsburg, as muito contagiosas, que não queriam se tratar lá... ali, sim, são tratadas, mas têm que trabalhar... pelo menos que ajudem!... evidentemente, comportam-se mal, insultam os transeuntes, não somente a nós!... todos!... dentro de pouco tempo será impossível mantê-las na cidade, mesmo nos esgotos!... não têm mais policiais suficientes!... já quebraram três lojas!... dentro e fora!...

tudo!... o melhor seria mandá-las para os campos... os de beterrabas, onde não poderão quebrar nada... pergunta-me se não vimos o *Revizor*... e o guarda-civil?... não!... perguntamos em toda parte... nada!... e o que eu penso do *Apotheke,* Wohlmuth?...

"Oh, muito amável! e que erudito!... Sabe tudo sobre Fontane!"

Não falo dos remédios...

Ele tem ainda algumas coisas que fazer... não!... não ia fazê-las... sim!... partiremos na frente, devagar... ele nos alcançará com sua bicicleta... pensa em tudo, deu-me o seu apito... se os garotos voltassem à carga, era só eu apitar... *rrrrt!* ele não estaria longe... ótimo!... e voltamos para a calçada... nos separamos... no segundo portão, dois prisioneiros de macacão estão puxando uma grande lata de lixo, muito pesada, são prisioneiros franceses... cumprimento-os, eles nos respondem, mas secamente... vejo o que é, estão sabendo quem nós somos... as notícias correm, todo o Brandemburgo deve saber que há três monstros chacoalhando por ali... quanto mais odiosos os mexericos, mais depressa se espalham, das donas-de-casa às beterrabas, aos prisioneiros e aos botequins... bem, tiro dois maços, três!... dou a eles... "obrigado!"... e então? pergunto... que notícias?... as notícias são essas: que Simmer, o *Landrat,* aquele veado cheio de jóias, mandara fuzilar, na véspera, três prisioneiros, lixeiros como eles... o motivo: chamaram de "alemães sujos" os tiras da *Kommandantur* que tinham vindo fazer a chamada e apanhar os macacões deles para pintá-los de vermelho e preto...

Estamos consternados!... esses alemães são nojentos!

"Oh, isso não vai durar muito!... vai haver barulho por aqui! e vocês, também, que se cuidem!..."

Já estamos classificados, é evidente... não vale a pena nos atrasarmos... nós lhes damos nojo... dou-lhes mais dois maços...

"Heil! heil!"

É assim que me agradecem... e tornam a pôr os arreios de couro... as correias nos ombros... engancham a enorme lata de lixo... "puxa!"... não vale a pena insistir... seguimos nosso caminho... já estamos na outra praça e ainda os ouvimos... *heil! heil!*... eram mesmo agressivos aqueles dois lixeiros!... e os garotos, então!... e as putas!... e o *Landrat* ainda por cima! unanimidade total!... e mais os gansos e os *Bibel!*... Moorsburg

devia estar ainda cheia de gente, pronta pra tudo e pra nos reduzir a pedaços, antes de mais nada!... penso: com certeza vamos encontrar outros como aqueles, dispostos a tudo, dali até Zornhof... não! ninguém!... nem um sequer!... deviam ter reforçado a vigilância...

"Você acha que eles sabiam quem eu era?"

Eu não entendo a sua preocupação...

"Os lixeiros?"

Ah, se eles tivessem reconhecido Le Vigan!

"Claro! claro que sim!

— Foi por isso que nos desfeitearam!

— Sem dúvida!"

Eu acho que realmente íamos bem... voltar é sempre mais fácil... mas eu não levava nada para Isis... exceto o pó, e batom e os "kamelia"... ela compreenderia... eu pensava nela ao ver o relógio... a igreja... já em casa... as choupanas... tudo passa depressa a ser a "nossa casa"... o pior lugar... a gente se habitua, passa a desejar, a gostar... até na prisão, quando se muda de cela, já se estava adaptado... que crueldade, levar a gente para outro lugar... para outra fossa...

*

Kracht devia ter tomado um atalho... em todo caso, estava ali, à nossa espera...

"E então? correu tudo bem?

— Oh, foi ótimo!... ótimo!"

Deixa-nos... subimos para os nossos cômodos... La Vigue quer falar comigo... "vem cá! vem!"... a sua cela, lá embaixo, não é nada alegre, eu já contei, pior do que a nossa torre... eu compreendo por que ele prefere os nossos colchões de palha... o nosso canto não é nada divertido, mas o dele, no subsolo, é um túmulo... e ainda há Iago... não era certo que ele deixasse passar... oh, mas por falar nisso... o salame, o pão preto, o patê?... está na hora? não tínhamos dado duro à toa... e sem cupons!... tínhamos andado mais de quinze quilômetros, tínhamos ouvido muito desaforo, mas uma coisa fora positiva, estávamos livres, pelo menos naquele dia, de ir choramingar por comida... as donas-de-casa iam ficar a ver navios, não iam se divertir

com a nossa passagem... preparamo-nos, pois, para a orgia, pão preto, salame... o pão preto está muito mole... e bem na hora: *toc! toc!*... alguém!... Kracht!... de novo!...

"Veio ver o que estamos comendo, Kracht?

— Não!... não! caro amigo! desculpem por incomodá-los... mil desculpas, senhora!... uma palavrinha só... é urgente!

— Uma sujeira?

— Não!... não doutor! uma tristeza...

— Então conte logo a tristeza!

— Iago morreu!

— Lá embaixo?

— Não!... na estrada com o *Rittmeister*...

— Eles não o envenenaram?

— Não!... acho que não, o senhor vai ver, ele não vomitou... vai ver, acho que foi do coração... sabe como puxava...

— Porque eles são capazes de tudo!

— Oh, sim!... oh, eu sei!... mas acho que foi do coração...

— E então?

— Não temos mais veterinário... a aldeia pede que o senhor se encarregue... têm medo pelo gado... que Iago tenha morrido de algum mal contagioso!... sobretudo têm muito medo por eles mesmos... medo!

— Está bem, Kracht! às ordens! entendi perfeitamente!... mas espere dois minutos... as nossas... as nossas iguarias... absolutamente sem cupons!

— Meus amigos, por favor!

— Kracht, a você que sabe tudo, eu posso perguntar uma coisa?

— Por favor!

— Se a guerra vai acabar logo...

— Harras deve saber!"

Harras, ah! Harras!... onde andaria o patife?... rimos... gracejamos!... vejo que ele está sem o bigodinho... tinha-o raspado!... já tinha raspado muitas vezes aquele seu bigode à Adolf... e depois deixa-o crescer...

Pronto... acabamos... ainda tem salame... se o deixássemos ali, assim que saíssemos, os ratos iam acabar com ele... eram capazes de devorar Bébert se nós o deixássemos... como os meus depuradores da rua Girardon!... não deixaram nada... queimaram até a minha cama, furiosos por não conseguirem trazê-la para

baixo, era muito pesada... então, acabamos de comer três sardinhas e o resto: na mochila!... com o pão preto e Bébert!

"Agora, Kracht, vamos 'atestar'!"

Pertinho?... mesmo assim, era bastante longe... depois das últimas choupanas onde a estrada bifurca... oh! mas havia muita gente... donas-de-casa, prisioneiros, trabalhadores russos, polacos... e, claro, os nossos capangas, Léonard e Joseph... e ainda muitos outros curiosos, vindos, sem dúvida, das fazendolas mais distantes... perto do lago... Kracht manda todo mundo recuar! recuar!... para eu poder examinar Iago... está de lado... não há baba nem vômitos... as quatro patas rígidas... o corpo ainda morno... pergunto, tinha morrido há duas horas mais ou menos... puxando o velho... de repente!... as pessoas que estavam ali, tinham visto... ao fazer o passeio da tarde... não tivera convulsões, nada!... bem!... eu posso concluir, o coração!... o coração não resistiu, a idade, o esforço... não tinha nada de contagioso!... nenhum perigo! e também por não comer bastante carne... um cão do tamanho e do peso de Iago deveria comer pelo menos quinhentos gramas de carne crua por dia... portanto, nem doença, nem envenenamento... sou categórico!... privações! Kracht repete o que eu dissera para eles... mas com mais ênfase ainda! rosnando, bronqueando como um *führer!*... uma criada traduz tudo para o russo, para todo mundo entender... agora, pode-se enterrar o cachorro, Kracht já tinha previsto... chegam oito *Bibelforscher* com pás, enxadas e três pedras largas... logo cavam um buraco... o pobre totó no fundo, a terra socada... acabou-se... viro-me... ora, Isis!... ela que quase não sai de casa... cumprimento-a... inclino-me... dei-lhe o batom, os "kamelia"... não tinha nada para lhe dizer... ela olha para mim... olha para nós... foi só... bem!... eu digo a Lili e a La Vigue que podemos entrar... uma voz: *halt!*... a voz do velho... está chegando... e a cavalo!... está atrasado... Kracht explica-me... ele tinha apanhado o cavalo na fazenda, o filho tinha-o posto no arado, um cavalo branco, meio-sangue... oh! mas não fora fácil!... tinha tido um verdadeiro acesso de cólera para que o devolvessem!... que era ele o patrão da fazenda e não outros!... ele, *Rittmeister,* conde von Leiden! que ele não admitia!... que queria o seu bucéfalo!... que era uma vergonha! que ele não podia andar a pé!... que não ia andar por ali mon-

tado em russo como o filho, nunca!... que ele não era aleijado!... e já que Iago tinha morrido, ele ia montar a cavalo, e já!

Tinham tido medo de um derrame, que ele caísse fulminado como Iago... tinham lhe devolvido o cavalo todo encilhado, com rédeas, correias e não um simples bridão... não achavam mais as esporas dele... afinal tinham achado; e pronto, lá estava ele, o diabo maluco, furioso, do von Leiden, no seu meio-sangue branco... e armado que era preciso ver!... espada, revólver... não estava mal, mais garboso do que na bicicleta, via-se que sabia montar... mas com a espada à direita? tinha servido no regimento dos ulanos... os ulanos usam a espada à esquerda... estava inovando! dirige-se para nós... eu diria, para o montinho de Iago... tira a espada, faz continência...

Aí, acho que já dá para entrarmos... o *Rittmeister* que se afaste primeiro...

Pronto, lá vai ele!... já nos álamos... pode-se vê-lo bem, de longe, no seu cavalo branco... principalmente recortando-se no céu, tão cinzento, tão amarelo... nós voltamos devagar, com os seis *Bibelforscher*, dois ciganos e Léonard e Joseph... e Kracht, três passos atrás de nós... sacudo a palha e estou de pé... não vamos depressa... onde está Isis?... eu não a vejo mais... não deve ter ido pela estrada... ou talvez por outra?... ou por alguma vereda... a gente pensa que pode ver tudo nessas planícies... mas tudo some... em todo caso, ela não se aproximara de nós... não é de admirar!... talvez não fosse nada... eu veria...

*

Tenho de admitir que estava preocupado... principalmente por causa de La Vigue... ele era esquisito... sempre fora... mas, ao voltar do passeio, parecera-me mais barroco do que ao sair... eu não dormia muito, só por eclipses... assim que clareou um pouco na seteira... pulei da cama!

"Escute, Lili, vou descer pra ver La Vigue!

— O que é que você acha?

— Que ele está doente!"

Não é difícil, sacudo a palha e estou de pé... a gente não se veste, está sempre pronta... vou pela escada... lá no canto

onde Iago ficava, só a grossa coleira e a corrente... o corredor de tijolos... vou andando... no fundo, a porta de Le Vigan, a cela dele... não bato, entro... ah, é isso mesmo!

"É você!... você!... um rato!... um rato!...

— Está maluco, La Vigue!... não é rato nenhum, sou eu! sente aí!... você me cansa!"

Está em pé no colchão, faz gestos com os braços, que eu sou terrível, de dar medo! que vou comê-lo!

"Ora, La Vigue, pare com isso! Sente aí!

— É sim, é sim!

— Não! não! me deixe em paz!... você está gritando demais!

— Então olhe pra minha mão! eles não me morderam?"

Olho para o polegar dele... é verdade!... uma mordida de rato...

"E a minha calça?... é invenção também?"

É verdade... tinham arrancado toda a parte de baixo de uma perna da calça...

"Pois bem, você não fica mais aqui, vá dormir lá em cima conosco... temos ratos lá em cima também, mas não tantos e dá para a gente se defender! por que é que eles vieram assim de repente?

— Porque não há mais cachorro! e porque queriam comer o meu pão... olhe só!"

Era verdade também, tinham comido mais da metade do pão dele...

"Você não acendeu a vela?

— Com toda essa palha, você ia ver que incêndio! passei a noite lutando no escuro!"

Era certo também... ele estava com a cara abatida, os cabelos caindo pelo nariz, o rosto todo sujo, pegajoso, escorrendo...

"Quando penso que eu representei o *Misanthrope!*

— Não faz muito tempo, La Vigue...

— Séculos, Ferdine! séculos!

— É isso mesmo, meu filho, séculos!

— E pensar que nunca mais vou trepar!

— Você que era tão ardoroso!

— Acabou-se! acabou-se, sabe? elas me dão nojo! e você?

— Eu era capaz de afogá-las para elas deixarem de ser assanhadas!

— Escute, e a Isis von Leiden?
— Não me fale!
— O céu está cor-de-rosa... você viu?... uma cor nova!
— Com certeza você tem razão, La Vigue... não tem importância!... são histórias lá de cima, das nuvens...
— As paredes estremecem mais do que ontem!
— A terra também!"
E *bruuum!... bruuum!...* explosões por toda parte... por toda Berlim... no Sul... no Leste...
"Quem sabe se é o exército russo?
— É possível!"
Eu não quero tranqüilizá-lo a esse ponto...

"É aos senhores, por favor, que este discurso se dirige!"

Versos, deixo que continue...
Ele melhora quando desempenha um papel.
"Muito bem, La Vigue!... vamos lá para cima!..."
Ele quer fazer mais uma pergunta...
"O farmacêutico?"
O que é que eu acho?
"Não sei ainda...
— E Isis?
— Está desconfiada!... muito!
— Ora, vamos lá!"
Estavam todos desconfiados!... afinal, resolve, subimos... Lili prepara-nos um café, fajuto...
"Este não faz mal!"
Lili é gentil, cheia de cuidados e atenções... La Vigue conta-lhe que quase fora devorado...
"É verdade, Lili... verdade mesmo! pensa La Vigue que ainda não acabou!
— É claro que ainda não acabou!"
E tem um acesso de riso... biruta? ou não biruta? estava fingindo? com ele, nunca se sabia...
"Pense, Ferdine, em tudo o que nós já vimos!... von Seckt! a von Seckt!... velha nojenta! Pretorius... o Hotel Zenith!... a Chancelaria! o fantasma de Adolf! e os veados lá em cima, no meu apartamento da avenida Junot!... você quer que eu comece de novo?

— Não, La Vigue!... você está se cansando, é só... não comece mais nada...

— Eles me entregaram, todos! denunciaram! todos os federados! e todos os generais de Montmartre!... e mais Lecomte e Clément Thomas!

— Você vai ficar doente, deixe-os, já foram fuzilados!

— Você acha? acha mesmo?

— Tenho certeza!

— Ah, que bom! vou descansar!"

Está deitado na palha, bem esticado...

"Aqui, você não tem nada a temer... nem um rato!...

— Mas escute, Simmer, às vezes...?

— Às vezes o quê?

— Coisas!

— E Harras então? você não acha?"

Eu não tinha o que responder... ele ia se acalmando...

"E os gansos?... as urtigas?... alguém trouxe as urtigas! você viu aquele tumulto?

— Vi sim, não aconteceu espontaneamente!...

— Ah, você acha?... você pensa como eu!

— Mas claro, La Vigue!..."

Oh, está bem melhor do que lá embaixo... conosco... deixo-o cochilar... ele cochila...

"La Vigue, escute, agora o céu está cor-de-rosa!... todo rosa! excelente sinal!...

— Você acha?... acha?..."

Não pode mais duvidar, não tem mais força... adormece...

*

La Vigue e nós esperávamos, depois daquela noite tormentosa... não pelos ratos que tinham ficado quietos... só dois ou três pulinhos debaixo da palha... e mais nada... Bébert nem se mexera... La Vigue tinha dormido um pouco, não muito, Lili também, eu acho, um pouco... quanto a mim, não sabia, tinha muito o que pensar... podia se passar sem sono... qual era a primeira coisa que íamos fazer?... ao amanhecer, eu digo a Lili:

"Você vai lá em cima?"

Ela não sabia...

"Falar com a Marie-Thérèse?
— Antes das dez, não!
— Mais cedo!... já!
— Tenho medo de incomodá-la...
— Não!... não!... vai logo!... por favor!"

Por ela, saberíamos se os russos estavam em Berlim... ela tinha sempre notícias, não sei como... mas é quase certo... Lili sobe... deviam ser oito horas... tinha o pretexto da dança... mas, mesmo assim, oito horas era cedo...

La Vigue e eu ficamos cogitando sobre o que Marie-Thérèse diria... com certeza, não contaria tudo... enquanto isso, na escada, subia gente a toda hora, desde antes de clarear... e tagarelava... deviam ser as garotas... vozes de meninas... as polaquinhas do velho... do peristilo até a galeria do primeiro andar... estavam se divertindo muito... com o quê?... não se sabia... a juventude ri por qualquer coisa... os tártaros podiam estar ali cortando cabeças que elas iam achar muito engraçado... o pessoal do carro-reboque também estava lá, meninos e meninas... morenos, acobreados, besuntados de óleo... com os vestidos das irmãs mais velhas... encurtados, as cinturas nos ombros... e para zombar de nós, tocando castanholas!... o andar inteiro! crepitando!... Marie-Thérèse não ia poder dormir com um barulho daqueles!... eu digo a La Vigue... "está acontecendo alguma coisa"... toda essa invasão dos ciganos e das garotas daqui, essa dança do peristilo às lucarnas... tomam tantas liberdades e brigam tanto, numa algaravia tremenda, deve ter acontecido alguma coisa!... Kracht já devia ter sabido, não estava lá... Lili nos deixou esperando... dançando lá em cima?... Marie-Thérèse talvez a tivesse prendido... para tomar o café da manhã, quem sabe?... o tempo ia passando...

Já fazia pelo menos uma hora que a estávamos esperando... e as garotas não paravam de rodopiar, descalças, o mais que podiam! e ainda por cima as castanholas... e gritos, como já disse, em todos os dialetos... de alto a baixo!...

Ah! alguém, afinal!... na sacada de cima, ou melhor, na passarela para o outro torreão... nós também podíamos ir lá... achei que fosse Lili... sim, era ela... e então?... pois bem, valia a pena!... toda aquela azáfama de garotas era causada pelas crianças do carro-reboque e as polaquinhas do chicote que prepa-

ravam a partida do velho... sim, ele ia embora!... tinha resolvido afinal!... já que não tinha mais Iago, recuperara o seu cavalo de guerra e partia para o combate!... os russos que se cuidassem!... ia combater para defender Berlim!... ia fazer centenas deles comerem toda a lama das planícies antes que conseguissem sequer tocar nele!... e o mais esquisito era que a irmã, Marie-Thérèse, estava inteiramente de acordo!... ele não podia ser contrariado... uma palavra que fosse... da irmã ou de outro, e ele perdia o controle... ainda jovem, quando tinha os seus acessos de cólera, as governantas fugiam, queria furar os olhos delas... como último recurso usavam máscaras, como na esgrima, para ele acabar a sopa... agora, aos oitenta anos, era o exército russo... orgulhava-se de ir ao seu encontro, provocar um general e cortar-lhe as orelhas!... e dos outros também!... orelhas e cabeças!... ninguém resistiria aos seus golpes... *zzz!*... ele mesmo tinha afiado a espada! ah, as cabeças russas!... a lâmina de barbear!... invencível!... Marie-Thérèse ia ver as cabeças deles passarem lá em cima! por cima de nós! por cima da igreja!... ia mandá-las de Berlim! ah, o exército russo!... todas as cabeças!...

"Sim... sim, mano!"

Como ele ia tratar os russos!... provocá-los para a luta corpo-a-corpo!... ela sabia o que eles eram?... malditos, fedorentas jibóias de esgoto!... eles, os seus generais, e o seu czar!

"Claro, Hermann!

— Os russos me conhecem! e não é de ontem! a horda Rennenkampf em agosto de 14!... Tannenberg!..."

Eram eles que vinham desafiá-lo agora?... eles! ah! queriam vir a Zornhof!... chegariam ali com os pés pra frente... pois sim!

"É claro, Hermann, mas você não vai ser o único!

— Vou sim, vou sim!... vou ser só eu... já que Hindenburg se foi! eu sozinho contra todos!

— Ah, você tem razão, mano, receba o meu abraço!... não pode hesitar!...

— Ah, você me compreende, mana! um abraço!... e a cavalo!... esta noite, cadáveres! e mais cadáveres! olhe só para o relógio!... para a igreja!... cabeças!... cabeças!... vai vê-las passar! Tártaros, vocês provocaram!... olhe, mana!... a planície vai ficar rubra!... toda rubra!... até o Oder!

— Claro, mano, vou assistir a tudo!..."

Ela pelo menos estava de acordo, compreendia-o, não o contrariara! agora... a cavalo! ao peristilo!... era a hora de ajudá-lo a montar... descemos, nós três e a irmã... e as polaquinhas descalças... todo o povoado devia saber que ele ia embora... mas ninguém tinha se incomodado... exceto três *bibel* da estrebaria... eu estava falando de cavalo, desculpem, era uma égua!... Bleuette! por que aquele nome francês?... estava ali diante do peristilo, encilhada... um *bibelforscher* segurava-a... firme... um homem que conhecia os cavalos... na fazenda, eles não a tinham desancado!... e olhe que na lavoura o trabalho era duro... não era para meio-sangue!... lá estava o *Rittmeister*, todo equipado, de esporas, dragonas, alamares, cruz de ferro... e barretina!... apalpa-se para ver se não falta nada... não!... e os estribos?... usa-os curtos... leva bastante aveia?... sim, duas mochilas!... e o saco de lona?... bem!... um dos *bibel* oferece-lhe o estribo... *nein!* recusa... sem ajuda!... uma das mãos no santo-antônio e *upa!*... monta... mantém-se ereto, à vontade, sem rigidez... bem de acordo com o "Regulamento"... eu posso apreciar... era outro modo de montar, tinha muito mais classe do que os ginetes que eu vi mais tarde, que vejo todos os dias atravessando a ponte de Saint-Cloud... ou no Bois de Boulogne, apavorados, agarrados ao pescoço dos cavalos... gente que nunca montou, que não sabe a posição adequada, agachada nos colhões, abominável, horrível... antes de 14, era preferível morrer na cadeia do que se apresentar dessa forma... joelhos levantados, cotovelos salientes, como asas...

Agora, está bem, está tudo bem!... "Vamos filmar!"...

Mas, eu estou perambulando com o leitor para cima e para baixo, estou me deixando levar também!... será que estou ficando frouxo?... presente, passado, eu tomo toda a liberdade!... tão velho... fico pensando, ora, paciência! não vou poder escrever sempre, e se eu cortar um pedaço?... Nimier, justamente, me prometia, outro dia: quando você aparecer em quadrinhos, vai ser bem cortado!... vão cortar isso!... aquilo!... "vai acabar tudo se acanalhando como o povinho!" Nietzsche... diacho, chegamos a ele!... vocês conhecem alguma coisa mais vagabunda do que a Televisão francesa? impossível... não há quarta-feira em que não apareça um sujeito medonho qualquer, incapaz, me

plagiando desavergonhadamente e gritando, vejam só o topete! que eu já era!...

Imaginem só! eu não tenho televisão mas Lili tem!

Bom!... voltemos ao Brandemburgo, onde estávamos, diante-da planície... aquele infinito de beterrabas... batatas-doces... sulcos e mais sulcos... e o *Rittmeister* montado... era estranho como tinha vindo pouca gente para vê-lo partir!... nem da fazenda, nem dos escritórios!... com certeza sabem, mas não querem aparecer... sem dúvida, os Kretzer estão em casa... e Isis von Leiden? e Kracht?... é claro que querem ver o velho flagelador partir para a guerra... estão espiando de onde?... eu só queria saber... nós não nos escondemos... o *Rittmeister*, firme na sela, afasta-se a passo... as polaquinhas abanam-lhe: "adeus"! "adeus"... fazem caretas também, ao mesmo tempo... botam a língua para ele... estão se divertindo muito!... jogam punhados de pedregulho nele!... ele, ao longe, quase no final do parque, consultando um mapa com atenção... nem olha para as garotas... está se orientando... e com uma bússola!... leva-a pendurada ao pescoço, é bem grande... passa para o trote... o trote curto... já está bem longe quando começa a trotar de lado... e então: meia-volta! vira-se para nós com a espada levantada!... uma reverência... La Vigue e eu respondemos... continência e posição de sentido!... as garotas não contêm as risadas... fogem soltando gritos!... e jogando pedras em nós também... aos punhados!... devem nos achar tão esquisitos quanto o velho biruta!... afinal, ficamos só nós três olhando para a planície, Lili, La Vigue e eu... e Bébert na sua sacola... o velho retoma o trote rumo ao sol... recorta-se no horizonte... ele nem tanto... a égua Bleuette, toda branca, no fundo de nuvens, já contei, na direção de Berlim, pretas e amarelas, enxofre... nós não saímos do lugar... esperamos... eu achava que os outros iam descer para nos perguntar o que estávamos fazendo ali... por falar nisso, onde estaria a Tulff-Tcheppe? tão tagarela!... ninguém a tinha visto!... ninguém! ninguém nos pergunta também... uma coisa... ou outra... se o velho foi mesmo embora... nem uma palavra!... nem na *mahlzeit*, à noite... nem mais tarde... nada...

*

"E então! você sabe!... e então! você sabe!..."

Era só o que o nosso misantropo tinha para dizer... e repetir... com o olhar fixo... à sua frente...

"E então!... você sabe!"

Como tinha ficado marcado o fato de o nosso *Rittmeister* partir para a luta...

"E então!... você sabe!"

Para nós não adiantava nada ele estar todo comovido por ter visto o nosso velho maluco de espada desembainhada... oh! de repente teve uma idéia!... saiu do marasmo...

"Ferdine!... Ferdine!... vá procurar Isis!

— Por que eu?

— Ora, você se dá bem com ela!

— Você está muito enganado!"

Eu não ia conseguir tirar-lhe da cabeça que tinham se passado certas coisas no fundo do bosque, que ela me levara com segundas intenções... e que portanto eu tinha um certo direito de perguntar a ela o que tinha sido feito de Harras...

"Por quê?"

Era ele que nos tinha levado até ali!... e não outro!... onde andaria o maldito paspalhão?... ela sabia, na certa!... nazista de uma figa!... quando é que ele ia voltar?

"Então, vamos os três!"

Resolvi... eu estava certo de que nos iam pôr no olho da rua... ele não sabia nada, não desconfiava de nada... depressa metemos Bébert na sacola!... e pronto!... na mesma hora!... descemos... está fresco lá fora, principalmente na alameda dos plátanos... está quase tão escuro quanto no nosso quarto... pois as árvores são altas, espessas e copadas... ninguém mais se importa com aquelas alamedas, as folhas que caíam há dois invernos estão ali, no chão, como enormes tapetes... a gente se enterra nelas até os joelhos, o parque de Mansard, abandonado... já que os parques de Mansard não estão mais sendo cuidados, principalmente no Brandemburgo, pode-se dizer que é o fim, que o Grande Século está morto, que é só esperar os chineses... os relógios precisam de alguém para dar corda neles... apanhar as folhas, podar as árvores exigem anos de trabalhos... de tradição... isso não existe mais!...

Eu guardava aqueles pensamentos fortes para mim mesmo... passamos pelos *bibel*... por entre as isbás deles... já tinham acabado outras!... enormes, altas... vastíssimas, diria eu... monumentos de troncos... os construtores moram dentro... estão mais bem instalados do que no *Tanzhalle*... os médicos finlandeses de Berlim, os que tomavam banho em água gelada não viriam nunca! ó Deus! o que terá sobrado de tudo aquilo?... não mais do que do Hotel Zenith... e de Pretorius e do seu andar de flores raras... ah, e o *Rittmeister,* conde von Leiden!... era por aquilo que ele partira em direção do oeste de Berlim, com a espada desembainhada! nós o tínhamos visto!... estava uma beleza!... com certeza já devia estar lá! não falaríamos nele na fazenda! nem de nada, aliás!... exceto de Harras! uma idéia de La Vigue!... chegamos perto do carro-reboque, que fica pequenino ao lado da isbá... das isbás... os ciganos fazem sinais para que nos aproximemos... mas seguimos... nada a lhes dizer... queriam botar as cartas de novo para nós?... nós já sabemos mais do que o suficiente!... sobre o futuro e os seus encantos!... ah! chegamos à fazenda... ao pátio calçado de pedras... alguns gansos e só... eu desconfio dos dois franceses da pocilga... principalmente de Léonard... eles também nos fazem sinais...

"Sim!... sim!... daqui a pouco!..."

Tinha chovido... observo que a esterqueira transbordou, a metade do pátio é uma verdadeira piscina... e não só o esterco, a urina e a chuva, deve ser também o suco de beterrabas, acho... daqueles silos altos... porque o cheiro é tremendo!... a gente se habitua naturalmente... chegamos à escadinha... bato... não demoram nada, deviam estar nos espiando... o aleijado e a mulher!... uma criada russa desce para abrir... "Senhora! senhor! *flaft!*" e *vlang!*... bate a porta em nossa cara!... doentes?... eu acho que não... mas pelo menos já sabemos em que pé estão as coisas!

"Você entendeu, La Vigue?

— Entendi, sim!... está bem!"

Não temos outra coisa a fazer senão voltar para casa... oh, mas Léonard e Joseph tinham visto tudo lá do fundo da sua estrebaria!... e estão nos gozando!... fazem sinal de que têm uma coisa para nos dizer... eles?... o quê?... fomos margeando

a esterqueira... chegamos a eles... dirigem-se a nós... e então?... eu ataquei...

"O que é que há?..."

Nós precisamos voltar para o castelo!

"Vocês não vão contar pra ninguém?

— Há muitos dedos-duros, mas nós não!

— Não!... não!... mas enfim...

— De que se trata?"

Simplesmente de duas Mauser com as quais eles não podem ficar!... uma bobagem!... eles vão remexer na palha do fundo da estrebaria... eis os objetos!... eles nos mostram... duas grandes *pistol!*...

"Para metê-las onde?"

Pergunto...

"Pensamos no seu armário... não vão revistá-lo...

— O nosso armário?

— O de Harras, ora!"

Vejo que não há segredos...

Se eu recuso, fico sem saber que sujeira há naquilo... mas deve haver, pelo jeito deles, sempre maquinando, tramando... fico pensando no que eles ainda podem arranjar... é preciso parecer de acordo...

"Sim... sim... vocês têm razão!"

Já que se trata de esconder o troço... penso... é claro que não pode ser no armário de Harras!... em qualquer lugar, mas não lá!... todo mundo já sabe que eu fumo, basta... com a minha generosidade, se ele ainda demorar muito tempo, longe, não sei onde, Harras não vai achar mais nada!... está claro que eu os jogarei em qualquer valeta, mas nunca no armário!

Durante a *mahlzeit* só penso naquelas bostas de pistolas!... só nelas!... *heil! heil!*... esforço-me para ouvir o que dizem... nunca se sabe!... tagarelices! palavras maliciosas... sobre o quê?... sobre quem?... Kracht não abre a boca... a Kretzer é quem leva o papo... gracejos... a nosso respeito?... ela começa a rir... riso de fera, de hiena... não, não é de nós que se trata!... comenta!... eles comentam uma ordem do *Landrat* da véspera... "Todas as armas, revólveres, fuzis, granadas, devem ser entregues no *Tanzhalle*"... um caminhão da *Kommandantur* virá buscá-las... de madrugada... até as espingardas de caça!...

sem exceção... todo contraventor será colocado sob "vigilância"... eu não vejo a graça... ah, sim!... tem, sim!... o aleijado já entregara a sua arma... até ele!... e dera-a a Kracht!... acabaram-se os sustos da mulher e dos convidados!... ele não quer arriscar a pele, o aleijado!... sabe o que é a "vigilância"... e desconfia do *Landrat,* seu amigo íntimo!... todo o povoado tem que saber que ele obedece à ordem!... é essa também a opinião de Isis, sua mulher, que teme que, com ou sem ciúme, se ele ficar com a espingarda, ele acabe por matá-la... e a Cillie também!... tudo aquilo fazia com que se torcessem de riso, a mesa inteira... e até a nossa corcundinha... e qual o motivo para eles rirem?... talvez um pouco também de nós?... os nossos pinga-fogos?... claro que eles sabiam... não era difícil, bastava olhar para nós andando pra lá e pra cá... sentados, ainda passava!... mas de pé, aqueles nossos bolsos enormes!... La Vigue vira-se para mim, eu estou entendendo?... claro! claro!... tudo!... a Kretzer, pelo jeito com que sacudia a cadeira, a mesa, devia estar se mijando toda... que balbúrdia de pratos!... e ela continuava bronqueando... os subentendidos faziam com que eles dessem gritinhos!... irresistíveis!... as datilógrafas, as secretárias e até Kracht... ela não falava alemão em gíria, mas por meias-palavras e omissões de verbos... e tudo isso, na certa, contra nós... a prova era que eu ouvira a palavra *Mauser*... duas ou três vezes... no meio da bronca... que até entre os cacarejos das garotas tinha surgido a palavra... *Mauser*... aquilo bastava!... já tínhamos entendido!... com soluço ou sem soluço!... não íamos levar lá para cima aquelas Mauser-bibelôs! era o que nos tinham recomendado: nos colchões ou no armário! pois sim! seus fedorentos cheios de fel!... e se resolvessem dar uma batida no nosso quarto?... e depois, outra lá embaixo, no apartamento do velho?... e nos apanhassem! mas eu não durmo, só finjo, fico bem alerta e... mãos à obra!... levanto-me da mesa...

"Não estou me sentindo bem, La Vigue, preciso sair!... Lili, vem comigo!"

Antes que eles percebessem, já estávamos do lado de fora... o peristilo, o parque... a primeira alameda à esquerda...

"E então?... então?...

— E então?... os pinga-fogos!"

Estão mesmo conosco e como pesam! Lili achava que devíamos devolvê-los a Léonard... grande astúcia!... eles iam recusar na certa!... diriam que não tinham sido eles, que era invenção nossa para provocá-los... com certeza eles já tinham previsto aquilo, iam dar um jeito de sermos presos e pronto! não devia ser por outra razão que eles nos tinham dado as pistolas! campônios ardilosos, sacanas! e então?... na esterqueira?... era enorme, profunda, bem escura... mas eles nos veriam, já que estavam sempre de tocaia lá na pocilga... havia outros buracos cheios de lama na aldeia... mas qual?... em Grünwald fora numa cratera bem funda e cheia d'água que eu tinha jogado as minhas granadas... e eles as tinham encontrado no dia seguinte!... quando se começa a procurar, é certo que se acaba encontrando... estou falando de coisas, não de pessoas... ali, observando as nossas idas e vindas, com certeza eles iam achar as nossas Mauser, qualquer que fosse o buraco!... podíamos percorrer todas as poças, procurar uma, examinar, não era complicado, em frente a cada choupana!... uma!... duas!... três!... todas quase secas... os gansos tinham ido embora... afinal, há uma quase cheia de lama... os gansos saem todos!... *cuac! cuac!*... com bicos para nos atacar! e asas furiosas!... avançam para cima de nós!... as donas-de-casa, curiosas, vêm ver... aquela revolta dos gansos!... e recomeçam!... mas não é tanto contra nós, o que eles querem mesmo são as urtigas, os montes de folhas como no outro dia!... nos reconhecem da fazenda... mas não temos nada para dar a eles... eles tinham tomado gosto... lembravam-se das nossas caras e do que fizéramos por eles!... o pátio inteiro cheio de urtigas! aos montes! era hora de recomeçar! insistiam para não darmos o fora sem reconhecê-los!... nunca iriam nos deixar passar! gulosos, ávidos, safados... como os burgueses nas refeições familiares... não tinham vindo à toa!... até fomos obrigados a fazer meia-volta! nos enfrentavam, e de que maneira! em grupos de dez!... de vinte!... e *cuac!* e *cuac!* não que vigiassem as choupanas, nem o Capitólio, nem os pântanos, eles não ligavam para nada, a não ser para nós! as nossas urtigas!... glutões! queriam nos tirar tudo!... a barriga... as mangas... as costelas, *cuac! cuac!*... que vício tínhamos dado a eles!... as nossas japonas!... abrir tudo!... pra tirar tudo o que tínhamos dentro! arrancar nossos olhos!... com as urti-

gas!... imagino o que deve ter acontecido em Roma, para que os bárbaros fugissem! diacho! eu via todos os gansos de Zornhof amotinados só por causa de um monte de ervas de que gostavam, de tal forma que ninguém podia passar... como o povo de Paris tinha tomado Versalhes, investindo para capturar o casal real e os cabeças... ali, do pátio da granja, só pudemos fugir por um portãozinho e daí para o depósito de turfa e para o bosque... e com cuidado, para não nos estraçalharem! tínhamos de andar a passos curtos, bem juntos, de braços dados, as mãos espalmadas diante dos olhos... com muita coragem... para aqueles malditos gansos não nos arrancarem tudo!... até depois da igreja!... felizmente eu conhecia um caminho calçado de tijolos entre duas choupanas, bem estreitinho... impossível para os gansos... eu sabia como me insinuar entre choças e palhoças sem ser visto... prestava sempre atenção aos meandros e curvas... já estava conhecendo aquele maldito povoado... e afinal... ufa!... chegamos! a cozinha dos *bibelforscher!* o sargento mestre-cuca nos conhece bem... *heil! heil!* dois maços de *Lucky* por dia!... agora a gororoba, sopa de repolho, nabo, salsichas... para Bébert... ele não vai comer tudo... nós, um pouquinho, o resto para os ratos... oh, mas vejo um convidado! e não é desconhecido!... é o sargento maneta do campo de aviação... eu não pensava encontrá-lo com uma bengala... o que estaria fazendo ali?... *heil! heil!*... nos reconhecemos... o sargento do pintarroxo!!... como vai o passarinho?... nada mal!... o sargento conta-me que o abrigo estava insuportável, cada vez mais cheio de ratos, e sempre maiores, e o que era pior, a água!... uma chuva!... que o *bunker* estava transbordando!... não era mais abrigo, era tanque!... o seu tenente, o comandante do campo, não voltara, devia ter sido apanhado e mandado para o Leste... quando voltaria?... não se sabia... quanto a ele, ninguém lhe perguntara nada, não recebera nenhuma ordem... voltara para Zornhof com o seu pintarroxo... era freguês da bóia do *Tanzhalle*... era lá também que dormia... havia bastante lugar!... os outros todos pousavam nas isbás... outra coisa também... havia eletricidade no *Tanzhalle,* era o único lugar de Zornhof... força para a marcenaria, a oficina... um motor muito barulhento!... e o barulho também era um achado, podia-se andar por ali e dizer qualquer coisa, o Diesel abafava tudo!... *bruuum!* até os berros...

e então se lhe desse na veneta!... ele não gostava do pessoal da fazenda!... e dizia isso aos urros!... todos os da fazenda, os russos e os proprietários!... no mesmo saco!... que fossem à merda!... ah! podiam fazer pouco dele e de seu uniforme!... mas iam ver outros!... *bruuuum! ptaf! Diesel! donner!* o cozinheiro tentava fazê-lo berrar menos... ele não se podia conter! estava indignado!... que todo mundo caçoava dele!... e não eram só os von Leiden... os criados deles também!... polacos!... russos!... *franzosen*... todos lhe perguntavam por que ele não ia lá em cima acabar com as "fortalezas"... afinal, diziam, ele era aviador ou não?... mesmo com um braço só!... que ele tinha que arrumar um avião com o que tinha sobrado por lá, montes de ferragens que iam ajudá-lo! o que é que ele estava esperando?... porra, ele pensava exatamente o contrário!... eram eles que deviam cavar uma cova, já, já, pra se enterrarem todos nela!... já chegava de cavar aquela maldita planície!... que fossem todos para o buraco, e cal viva por cima!... as raparigas, os senhores e os pirralhos!... todo mundo pro buraco! berrava ele... o sargento cozinheiro achava que ele tinha razão, mas mesmo assim ele gritava demais... mesmo com o motor em pleno funcionamento! *bruuum!*... os galpões estremeciam... ele berrava mais alto do que a serra... podiam passar donas-de-casa... para abafar a voz dele, melhor do que o motor eram as "fortalezas" e as bombas... para a gente não ouvi-lo mais, absolutamente, só havia um recurso, o gramofone... o instrumento continuava em seu lugar num canto do salão de dança... e então fazia o necessário!... nos três pavilhões! eu já o ouvira berrar quando os *bibel*, uma companhia inteira, tinham vindo descascar batatas... eles, que não deviam se falar nunca, aproveitavam a oportunidade no *Tanzhalle* para ouvir os últimos sucessos... não tinham muitos discos... além dos salmos para o serviço dominical... *nun freut euch liebe christengemein*... e depois "nosso Deus é uma muralha"... o sargento cozinheiro achava gozadíssimo ouvi-lo berrar contra os discos e a serra, o motor e as bombas!... totalmente furioso!... "todos na cal viva!... farei com que voem pelos ares!... e você também, cozinheiro *bibel* de uma figa!" *bruuum! vraaan!*... e nem isso o fazia calar!... ao contrário!... "e von Leiden também, lá no buraco, com os outros!... e a mulher e o aleijado!" eles não desconfiavam de nada... e Harras tam-

bém!... ele era um explorador refinado!... "para o buraco! para o buraco!" Harras, um espertalhão!... e como! era o cúmulo!

Aquele maneta tinha má vontade, evidentemente, mas nos fazia dar boas gargalhadas e não dizia nenhuma besteira!... os outros é que estavam cegos, na fazenda e no castelo, pensavam estar ainda na época de Guilherme II... no castelo, deviam ouvir tudo, o motor, a serra e o gramofone! os *bibel* tinham ainda mais dois discos, que não eram religiosos, o *Wacht am Rhein*, presente do exército... e o *Horst Wessel*, presente do partido... o sargento mestre-cuca estava radiante com as predições que o outro fazia de tantas catástrofes, ele, pacifista havia tanto tempo!... de antes do aparecimento de Hitler... qualquer dilúvio convinha-lhe às mil maravilhas!... mas era muito prudente! estivera na escola, sabia que, em Dachau, havia setores especiais, chamados de "silêncio"... para os que falavam demais... tagarelas de todos os tipos! filósofos, políticos, militares, evangelistas!... e até heróis! e de todas as frentes!... do ar, da terra e do mar!... mas o maneta não sabia o bastante, ele e o seu passarinho!... defendendo-se atrás do braço amputado! ora! eu bem que podia dar-lhe umas lições... é a mesma coisa em todos os países!... acabou-se a carnificina?... toques de corneta, bandeirolas e cai o pano!... os que não morreram, quatro a quatro! e silêncio!... e quieto aí! na nossa situação eu só via uma coisa, que escutar aquele sargento tão exaltado podia nos custar bem caro!... já estávamos bem arranjados, íamos acabar indo para "o silêncio"... anti-von Leiden, anticastelo, anti-Zornhof, anti-Reich... afinal, os russos já estavam quase lá! penso: vamos dar o fora!... La Vigue pega uma tigela e eu, outra... dois maços de *Lucky* para aqueles valentes... despedimo-nos efusivamente!... saímos ao som da *Wacht am Rhein*... precisam de nós no castelo... não encontramos ninguém... cada vez eu conheço mais becos, já contei, com curvas e viravoltas... aquelas ruazinhas que parecem que vão dar na estrada e se perdem pelo campo... astúcias de índios Sioux de uma a outra, até às árvores... para que ninguém pudesse dizer que nos tinha visto, nem os gansos, nem as donas-de-casa, nem a dona do armazém, nem os "resistentes" da *Wirtschaft*... era melhor assim... as Mauser, nos nossos bolsos, davam uma impressão esquisitíssima... entre as choupa-

nas dava para tapear, mas a céu aberto!... principalmente com as mãos presas segurando as tigelas... afinal, chegamos!... o peristilo, a escada... Lili está aqui, preocupada conosco... não demoramos muito para contar-lhe tudo, o *Tanzhalle,* o maneta, o cozinheiro, os salmos... que tínhamos saído para não ouvir mais, mas que, com certeza, outros estariam ouvindo!... apesar do motor e da serra! *bum! bruuum!* e os canhões!... Simmer tinha ouvidos por toda parte!... e entre os *bibel,* então!... Simmer era o mais cruel de todos, queria até suprimir Bébert...

"O seu *Landrat!"*

era assim que Lili o chamava... mas não era nada nosso! arre!... agora os detalhes!... que o sargento maneta tivera que deixar o seu *bunker,* que não podia mais agüentar aquilo, inundado!...

"E o passarinho dele?"

Era só o que Lili queria saber...

"Na mesma gaiola?

— Está sim!... na mesma!"

Era aquilo que a interessava! aquela maldade!... uma gaiolinha tão pequena!... acho que Lili via tantas tragédias humanas à sua volta que, estava combinado, era proposital, ela não queria ter nada a ver com elas... enquanto que as desgraças dos animais eram outra coisa, ninguém ligava para eles, e assim ela só queria saber dos bichos... o tempo passou e muitas coisas também... pensando bem, acho que tinha razão...

Em todo caso, agora eram os nossos bolsos!... nos livrar daquelas joças!... eu achava melhor afogá-las em algum buraco, mas onde?... como eu fizera em Berlim, com as granadas... no tanque da sauna... é verdade que eles as tinham tirado da água, e não tinham demorado!... mas aqui, isso é menos provável, ninguém olha para a esterqueira... La Vigue concordava comigo... qualquer coisa, em qualquer lugar, contanto que nos livrássemos delas... Lili não pensava da mesma maneira... ao contrário!... estava desconfiada, quase certa de que aqueles dois tremendões, Léonard e Joseph, iam ficar espiando os nossos menores gestos... e que iam revirar a esterqueira!... que tudo estava previsto, combinado pelos dois!... que seja!... La Vigue e eu iríamos quando começasse a clarear! quanto à urgência, era mesmo muito urgente!... naturalmente!... mas, mesmo assim, era preciso esperar o amanhecer... algumas horas ainda... podíamos

deitar-nos um pouco, palha não faltava... Bébert na sua sacola, Lili, eu e La Vigue, lado a lado... não posso dizer que estivesse tranqüilo... não!... não havia motivo!... eu estava começando a ficar confuso... mas tinha, um pouco, o direito de estar cansado!... não!... não tinha!... o cansaço é um luxo... os pobres, e principalmente nós, só têm o direito de tomar cuidado... pensar... pensar de novo... não estou mais falando dos ruídos de Berlim, dos desmoronamentos, das rajadas... das nuvens cheias do vaivém dos aviões... você já está sabendo daquele movimento monótono... eu já contei sobre aquelas manobras chatas... mas eu pensava em Hjalmar, nos seus toques de corneta... por onde andaria?... e o pastor, então? muitas perguntas a serem feitas... havia pelo menos uma hora que eu estava pensando... não dormia... ouço um ruído na escada... é!... um passo... alguém à nossa porta... e *toc! toc!* não é imaginação... bateram mesmo!... àquela hora?... sacudo a palha, levanto-me e vou até lá... abro... três degraus abaixo, uma voz!... é Kracht!... cochicha que não quer falar comigo no quarto... pede-me para descer com ele até o peristilo... bem! assim como estou!... acompanho-o... ele não me leva longe, diz logo do que se trata... diz em alemão bem claro... eu o compreendo... oh, eu já esperava! que Léonard e Joseph nos houvessem denunciado naquela manhã mesmo, como "sabotadores e detentores de armas"... sim! sim!... que o *Landrat* dera ordem para que se revistasse o nosso torreão, as nossas roupas e os nossos colchões, e que confiscassem tudo... Kracht cochicha-me as boas notícias ao ouvido... era até cômico! de dar risadas!... com aquele fundo de clarões de incêndios até as nuvens, Berlim em chamas... e fundo bem sonoro!... *bruuum! braaam!* bombas pequenas e grandes! não há disso no teatro *l'Ambigue* nem em nenhum cinema... e então?... e então?... tínhamos de tratar da vida!... ele me espanta... pede-me para lhe dar as duas Mauser, a minha e a de La Vigue... que eu não fosse jogá-las em lugar nenhum... que ele ficaria com elas!... para o *Landrat*, nada!... *nichts! nichts!* nada!... eu estava entendendo?... perfeitamente!... muito bem!... era um pouco demais, mas afinal!... por que é que ele queria as Mauser?... isso era com ele!... eu nunca soube!... de qualquer modo, eu concordava com ele!... ele estava organizando uma defesa?... particular?...

contra a *Wehrmacht?* contra os ingleses? contra os prisioneiros?... mais tarde, na prisão na Dinamarca, ouvi contar muitos casos de revolta das S.S.... das S.A.... da *kriegsmarine*... eu estava com eles... tantas conjurações com bombas, venenos, facas, que é realmente impressionante o regime ter-se mantido durante dez anos... dirão que "Poléon", César, Alexandre, Pétain resistiram também uma ou duas décadas!... assim que o cara é ungido, coroado, carregado, instalado no trono, dono de tudo... começa a bacanal... não dá mais para fugir!... beijos, corda, buquês, *dinamiteros*... o seu povo querido só esperava por aquele momento para lhe mostrar o que espera dele: as entranhas de fora, espalhadas pela arena... são assim os hominídeos...

Ah, lembro-me de Roger e das suas histórias em quadrinhos!... Achille já no seu segundo bilhão!... vamos adiante! com Kracht, eu não gracejava, não ia fazer-lhe perguntas... ele estava me livrando e era só!... se ele estava metido em algum complô?... isso era lá com ele!... ele insistiu para eu subir depressa e apanhar os objetos!... subo às apalpadelas... não quero me enganar de porta... mesmo à minha revelia, estou metido num complô... era melhor deixar as brincadeiras para depois! o importante, ali, era eu não quebrar a cara! eu vacilo... tropeço muito sem as minhas bengalas... La Vigue fica muito admirado...

"Você acha?... acha mesmo?"

Não respondo... torno a descer...

"Escute, doutor!... escute aqui!..."

Cochicha ainda mais baixo...

"Se alguém lhe perguntar...

— Me perguntar o quê?

— O que aconteceu...

— E então?

— Responda: nada!... não se esqueça... *nichts!* pronuncia-se *nix!*

— Sim! está bem! *nix!*

— Lá em cima também: *nix!* não é?

— De qualquer modo não vão lhe perguntar nada!"

E começa a rir! eu achava tudo aquilo muito confuso, enigmas e mais enigmas... pelo menos uma coisa: não tínhamos mais as Mauser! Porra, que ele fizesse o que quisesse com elas! bons ventos as levassem! e por que aquelas gentilezas conosco?...

chega um momento em que tudo é permitido!... vinte anos depois, eu ainda me pergunto... agora que aquele lugar nem existe mais!... pelo menos com aquele nome... nem as pessoas... os von Leiden... seu castelo, sua fazenda... já perguntei a muita gente... a alemães do Leste... a outros do Oeste... Zornhof?... não sabem... *nix!*... se está ocupado?... pensei, por certos indícios dados, pelos poloneses... mas não é certo!... em todo caso, uma coisa é certa, já é hora de refazer os mapas, corretos... como tínhamos na escola... não tanto do pólo norte ao pólo sul, que não têm mais segredos, com os menores recantos marcados e mais freqüentados do que o saguão de uma estação... e sim da Europa tão próxima, mas da qual não se sabe mais nada... com o que está acontecendo nela... *nix!*

*

Passa-se um dia... e mais outro... eu penso: é melhor ir procurar os conhecidos... com certeza estão tramando alguma coisa! os seres humanos não ficam assim depois de uma emoção forte... têm que ficar doentes... evolução, crise etecétera... a gente vai ver?... eles enforcam a gente simbolicamente... e depois apanham a gente de novo e empalam pra valer, e com a Lei a favor deles... o melhor é ir cumprimentá-los para se ter uma idéia... portanto, vamos ao nosso passeio de costume!... o *Tanzhalle*, o armazém, os gansos... e sempre as mesmas poças, claro, as mesmas choupanas, as mesmas cortinas se abaixando ou levantando às pressas, os mesmos *cuac*... lá na serraria, o sargento maneta nos conta outra vez tudo o que sabe da fazenda, dos criados, dos prisioneiros e tudo o mais... e dos Leiden! um verdadeiro monturo! e ainda se achavam com direitos de proprietários! aquelas bostas!... o mutilado lelé! estavam lá, rindo!... *buuuum! pruuuum!*... o motor!... quem é que eles pensam que são?... e têm o topete de insultá-lo! a ele!... de tratá-lo de covarde e preguiçoso, que ele devia ir lá em cima e não amanhã... mas já! acabar com as "fortalezas"!

"Sacanas!... eu vou levá-los, sim!... vou levá-los para dançar em Berlim! eu!... todos!"

O sargento cozinheiro nem concorda mais... já assistira a mais de cem acessos de fúria do cara contra os nojentos dos

Leiden... ele só quer saber do seu motor Diesel, que não perca a velocidade, que a serra funcione, que continue fazendo o seu *zzzzz* atroz... e a vitrola também, ao mesmo tempo... *Horst Wessel Lied*... e entre dois... "Deus é o meu refúgio"... acho que lá fora, mesmo esforçando-se muito, eles não iam ouvir grande coisa, quero dizer palavras, além da vitrola, da serra e do *pum! pum!*... mesmo assim grito, é importante, eu queria saber...

"Viram a Tulff-Tcheppe?"

Não!... tinha ido embora há uma semana... acham... não têm certeza... ela que insistia tanto conosco que a escutássemos, que lhe respondêssemos e corrigíssemos o seu francês... como tínhamos agüentado!... e o Bazar de Caridade e a Revista de Longchamp! e as suas viagens a Monte Carlo... e assim, de repente, tinha-se evaporado!... acabaram-se as histórias do Presidente, do Elysée, dos tapetes rolantes! e nós que fôramos obrigados a jurar que ela falava francês com perfeição!... melhor, muito melhor do que nós!... ela que não nos largava... nem na fazenda... no passeio, a pé, de carro... assim de repente! zás!... sumiu!... acabou a condessa!... sem nem sequer se despedir!... Lili achava que a tinha visto perto dos choupos... aqueles dois hereges deviam saber... o bibel-cozinheiro e principalmente o outro... repito a pergunta aos berros... oh! naturalmente!... naturalmente! não tinham podido me ouvir! o motor!... o Diesel!... *pruuum!*

"Ela está aqui, sim!... está aqui!... *pruuum!* mas não pode falar com vocês!... é proibido!... as pessoas como ela, vindas do Leste, não podem mais falar com ninguém!

— E então?

— Ela tem que ficar na fazenda!... comer, beber, roncar, e mais nada!... relações proibidas!"

Droga!... como quisessem! podíamos resolver! haveria sempre alguém que falasse... a outra na sua torre, Marie-Thérèse, a herdeira, a própria irmã do velho do chicote, que partira a cavalo para a guerra, lembram-se?... aquela ainda bem falante!... pelo menos com Lili, que era até sua amiga íntima... tinha mudado tudo, trocado os móveis de lugar, a cama, para que o seu andar, na torre, na outra ala, fosse um imenso estúdio... tocava durante horas a fio para Lili, criava danças para ela... a biblioteca do irmão, a porta ao lado, era tão rica em partituras,

sinfonias, fugas, adágios, balés, quase inéditos, tocados só uma vez em Berlim, Haia, de autores quase desconhecidos, das pequenas cortes alemãs, que elas poderiam levar meses, anos para revê-los... o que deixava as duas radiantes... teriam tempo de sobra para ver passar as hordas do Leste, do Oeste, do Sul, através das planícies... no horizonte... irem e virem... eslovenos, tártaros... curdos... saquearem... de tanque... a cavalo... de carroça... de carro de mão... e outros mais!... e outras raças e legiões! elas poderiam ver tudo, lá de cima, do estúdio! isto é, dos aposentos de Marie-Thérèse!... pelos janelões envidraçados... via-se ainda mais longe... mais longe do que os sulcos, o horizonte... o céu e ainda... devo admitir, para minha vergonha, e contudo, depois de mil aborrecimentos, sentia-se uma certa fascinação ao contemplar aqueles campos, aquelas terras ocres, um encantamento... nós massacramos as nossas horas... é preciso ser rico e tranqüilo para preocupar-se com o horizonte... quando se está encurralado, é dentro de dois metros por três que se é obrigado a pensar! no máximo!

Estava certo! não falaríamos mais com a condessa!... mas de onde vinha aquela proibição?... ia ser divertido descobrir... ordem de quem? Berlim?... Moorsburg... o *Landrat?*... talvez Isis?... de raiva por eu não ter trazido nada?... Wohlmuth... o *Apotheke* bem que me parecera estar esperando que eu lhe pedisse isso... aquilo... mas talvez houvesse outra razão... as coisas estavam cada vez piores desde que ele tinha ficado sem o fuzil? Joseph e Léonard deviam estar a par... aqueles dois da pocilga sabiam tudo, o que ia bem e o que não ia, pelos criados... chegavam até a falar russo com as empregadas... a melhor faceta das línguas estrangeiras: as fofocas da maldade... o "muro das línguas" vem abaixo... a tagarelice odiosa passa raspando!... conta tudo o que quer, revela todos os segredos e mais ainda... declinações, tempos e tudo o mais...

O próprio *Landrat* tinha vindo? era aquilo o importante... que a velha nos informasse mas não enchesse a paciência... de novo! com o baile da Ópera, os Dragões e Sarah Bernhardt...

A primeira coisa em que tínhamos que pensar era num meio de chegar até ela... até a velha proibida... podemos perguntar na cozinha... fomos... o Diesel continua roncando... tão forte que não dissemos nada... estamos cansados demais, voltamos!...

pela estrada... as donas-de-casa nos verão... paciência!... é mais curto do que pelas veredas!... ah! o estábulo... o grande pátio... parecia que estavam à nossa espera... pergunto logo...

"O *Landrat* veio?

— Veio sim! claro!... e vai voltar!... isso chateia vocês?"

Que espírito o daqueles senhores!... também têm uma pergunta a fazer...

"E as pistolas?... como foi?

— Sim!... sim! já está resolvido!"

Eles que pensassem o que quisessem!

"No armário?

— Claro!... claro!

— Mas há outra coisa no armário!... nós sabemos!

— Vocês têm sorte!... o que é que tem lá?

— Procure... e encontrará!

— Há linha!

— Linha!... linha!... e a cachaça!

— Nós não bebemos nada!

— Ora, mais uma razão!... nós estamos com sede!

— Vocês acham?

— Harras tem de tudo! não são só cigarros!... abacaxis! caixas assim!"

Mostra-me.

"Por aqui... você os encontrará! anis também!... e conhaque!... cestas!... você não corre nenhum perigo, ele não vai voltar!"

Têm certeza...

"Como não? claro que sim!

— Não é fácil.

— É sim!... muito fácil!... vamos contar pra você uma coisa bem séria!... muito séria!..."

E então me contam!... estão loucos para contar... oh! de Léonard eu já estava desconfiado... Joseph, ainda podia se ver, olhar assim de soslaio, mas mesmo assim... enquanto que Léonard virava sempre as costas pra gente... fitava o fundo do estábulo... a escuridão... já se pode imaginar, na condição de prisioneiros-trabalhadores, e com certeza "resistentes" do lugar, não tinham disposição para confidências!... principalmente conosco!... então, o que é que eles queriam nos dizer?

"Tragam a aguardente e saberão!... o importante é dizer a vocês para não ficarem aqui!"

Que confusão!

"Voltem amanhã!... com o que pedimos!...

— O quê?

— Tudo!... vocês vão achar!... no fundo à esquerda!... o fundo falso!... empurrem com força!"

Estavam bem informados!... e como insistiam!... seria sinal de que Harras ia voltar? ou outra coisa?

Lembro-me agora dos nossos cachorros, Deus sabe como os tratamos com carinho, mesmo assim estão sempre irrequietos, ficam sempre querendo saber o que vamos fazer... assim éramos nós em Zornhof, a mesma coisa... aqui ainda os nossos totós, tão velhos... e o outro lá longe, na Argentina...

*

La Vigue fala sozinho... "você sabe mesmo!... você sabe mesmo!..." resultado... ele não dorme mais lá embaixo, no fundo do corredor, só quer dormir ali, na nossa palha... o corredor dele é muito perigoso... desde que Iago se foi, os ratos fazem o que querem, constituem família, brigam, trazem patos, devoram-nos vivos... até o canto dele está desprotegido... os ousados roedores tinham-lhe carregado duas toalhas e umas calças... quanto a se lavar, todos os baldes estão na granja... Lili ainda pode, lá em cima, em casa de Marie-Thérèse...

Ali, cochilando na palha, não se pode dizer que ele sabe o que diz... La Vigue... risco um fósforo para ver seus olhos... estão abertos, fixos... nenhum movimento das pálpebras... está só repetindo "você sabe mesmo!..." não sai daquilo!... dorme sem fechar os olhos... muito bem!... eu gostaria também de dormir como ele, como um sonâmbulo... fecho bem os olhos, mas fico matutando, torno a ver as coisas, elas me dão vontade de rir... de rir muito... eu classifico... não durmo... estou contando só um pouco... guardo o conjunto para mim... a diferença entre mim e eles, os mundanos, é que eles falam o tempo todo, não guardam nada para si, exceto alguns crimes, envenenamentos, que realmente não podem confessar... só depois que prescreverem... mas aí quem é que vai se interessar?... os mundanos, à mesa ou nos salões, falam o tempo todo, estão no

palco... até na cama!... só são naturais mesmo no banheiro... e, um pouco, na hora de estrebuchar...

Estou falando sozinho, confesso, como La Vigue... já sei que estou zumbindo, estou acostumado... é certo que sou dado a brincadeiras... mas agora começo a me enrolar, "quadrinhos, quadrinhos" dirá Roger... não é isso, não! é a idade!... agora, acusado de tudo como eu sou, podem ter certeza de que me esbaldo!... vendido por aqui!... vendido por ali!... traidor!... sátiro!... falsário!... se começo a analisar com frieza, acho os outros bem mais loucos do que eu... mil provas!... uma coisa, eles dormem... o meu tormento, o meu grilo!... a felicidade, a desgraça das pessoas, é dormir, mais, menos... aquele ali, de olhos arregalados, estava dormindo... risco mais um fósforo... ele nem sequer pestaneja... pouco se importa... "você sabe mesmo!"... é só o que entoa... eu acho mesmo que tudo acabou... fugir?... mas para onde?... por onde?... já falei da Dinamarca, mas é lá em cima!... não é ao lado! não estamos pertinho da Dinamarca! quantos quilômetros? e embarcar onde? Warnemünde?... Rostock?... em tempo de paz... mas naquele momento? eu não posso perguntar o horário... Rostock... Rostock atual?... nem uma palavra a La Vigue... nem a Lili... eles entenderão...

*

O horário dos trens?... dava para rir!... primeiro, em que estação? e os navios?... navios de onde?... não via como podíamos perguntar... a quem?... voltar só para isso a Moorsburg?... aquela estrada tão simpática... talvez nem houvesse mais trens... com aquelas bombas que se ouviam, não devia haver muitas partidas!... Rostock, eu me lembrava da cidade... mas, agora, em que estado? talvez não passasse de uma cratera... eu podia perguntar ao maneta, ele devia saber, acho que era de lá... estava sempre falando de Heinkel... os motores... ora... começo a concatenar minhas recordações... já tinha viajado bastante para a S.D.N.... fiz muitas vezes o trajeto Dinamarca—Berlim... era por Rostock... mas Rostock?... La Vigue roncava... os olhos semicerrados... cochicho a Lili:

"Não trouxemos um mapa?

— Não... não... acho que não... um mapa de onde?

— Nada..."

Eu não ia começar a falar...

"Durma!"

Penso sozinho nos detalhes... Rostock... as fábricas... o maneta nem sempre diz besteiras, é possível fazê-lo falar sobre outros assuntos além dos infames von Leiden... eu acredito que ele tem raios de lucidez... se o motor não roncasse muito alto e não houvesse muitos pacifistas por perto, eu ia conseguir que ele dissesse uma palavra... ou duas... sobre o enigma Rostock-Warnemünde... eu pagara há muito tempo aquele pequeno *ferry* meio-madeira, meio-ferro... meio-diligência, meio-submarino... o sargento maneta devia saber... eu dormia um pouco, mas mesmo assim estava alerta... tinha razão... pela seteira, uma pequena claridade...

"De pé, La Vigue!..."

Nada de embromação!... sacudo-o no seu colchão, sobressalta-se, levanta-se, segue-me... é cedo, muito bem! é preciso! agora, lá para baixo, depressa! para o peristilo e a estrada!... as donas-de-casa nos vêem passar... as cadelas não dormem... agitam as cortinas... os gansos, dois bandos de gansos vêm ao nosso encontro... *cuac! cuac!*... a igreja, em seguida... e, a dois passos, o *Tanzhalle*... o motor Diesel ainda não está funcionando... o maneta está se barbeando... nós o pegamos de surpresa... "psiu! psiu!" disse-lhe eu... quero fazer uma pergunta sem que ninguém ouça... faz-me sinal para dizer que o mestre-cuca saiu!... bem!... então vamos lá, depressa!

"O trem continua funcionando? o de Rostock?

— Três vezes por semana!"

Até que enfim, alguém sabia!

"De onde?

— Moorsburg, Rostock!"

Ah, tudo bem!... explico-lhe:

"Eu queria saber por causa de minha mulher... ela quer ver o mar... não conhece o Báltico... La Vigue também não...

— Oh, *perfekt!* perfeitamente! boa idéia!"

Obrigado! muito obrigado!... apertamos as mãos e saímos... La Vigue está curioso...

"O que é que você quer em Rostock?

— Você vai ver, amigo... vai ver!... mas bico calado!...

— Essa idéia do Báltico é sua?
— Oh, é uma das minhas idéias!
— Você tem cada idéia!
— É, você tem razão!"

E voltamos pelo mesmo caminho... as donas-de-casa estão nas portas... os gansos ciscam no fundo das poças, não fazem mais *cuac!*... e, logo mais adiante, o castelo... chegamos!... não demorou!... Lili me pergunta o que nós temos...

"Nada! mas você pode descobrir uma coisa para mim!..."

Ela concorda mas eu tenho de contar... não quero falar na frente de La Vigue, que fala enquanto dorme! a corcundinha bate à porta...

"Mahlzeit frühe!"

Veio dizer que a nossa *mahlzeit* ia ser servida em seguida...

"Bem! Bem! já vamos!"

Que horas podiam ser?... aquela reunião tão matinal? por quê?... a sopa de água morna... com certeza, alguma coisa... um aviso?... que estávamos sendo muito vistos em Zornhof?... La Vigue, Lili e eu?... uma queixa dos *bibel*?... das donas-de-casa... que nós devíamos ficar no castelo, não sair mais? mas talvez fossem notícias de Harras... podíamos imaginar tudo... como um cachorro que fica inquieto, sem saber o que vão fazer com ele, e imagina tudo... com essa, esqueço os cigarros, porra!... não há tempo de ir até o armário!... a nossa escada, descemos e ali estamos!... na sala de jantar!... todo mundo já está à mesa... e então?... *heil!*... *heil!*... o *Führer* continua na parede, no quadro enorme... uma coisa, de um lado e de outro, os dólmãs dos jovens Kretzer, pendurados na moldura... rasgados, furados... uma idéia da mãe... nada que dizer... não... mas esquisito... Kracht está ali, à mesa... não se parece mais tanto com o *Führer*... está deixando crescer o bigode... não pára na cadeira... impaciente por quê?... para terminarmos a sopa?... começam a passar o caldo!... uma concha... outra... que manjar!... duas bolinhas de miolo de pão na água morna... e talvez uma colher de arroz... *Frau* Kretzer graceja e ri, eu não entendo tudo, ela fala depressa demais... mas é sobre nós! de novo sobre nós!... o que estão tramando contra nós?... presto muita atenção... não!... não é de nós... está falando

com as secretárias... com os contadores e as datilógrafas... oh, como é engraçado o que conta... é de morrer de rir!... a hiena faz uma das suas!... um zoológico!... fico perguntando a mim mesmo... toda a mesa... as estenógrafas, os contadores abaixam a cabeça... Kracht bate com os dedos no prato... poderia dizer-lhe que se calasse... não!... já estamos acostumados àquele riso... aos ataques dela... mas dessa vez é mais irritante do que de costume... mais forte do que os estouros das bombas que sacodem os ecos e os vidros... deve-se ouvir a nossa Kretzer do meio do parque... oh, isso não a incomoda!... o marido faz-lhe uns sinais... bate-lhe no cotovelo... ela nem liga... está em pleno ataque e pronto!... e vale a pena! uma notícia! e daquela!... "Ordem da *Kommandantur*"!... os ciganos vão nos regalar!... iremos todos!... noite de dança e canto no *Tanzhalle!*... organização oficial... "A Força pela Alegria"... para levantar o moral... acharam que o nosso estava baixando... tratam de tudo na Chancelaria!... Enfim é o que a Kretzer dá a entender e ela está a par dos detalhes!... todos os ciganos em grande gala, as mulheres com vestidos de babados!... danças da terra deles! tudo para nos distrair!... levantar nosso moral!... pandeiros, castanholas, violões!... *Frau* Kretzer imita-os, nos mostra... ninguém mais se atreve a olhar para ela... acho que ela vai perder os sentidos, até que enfim... já acontecera duas vezes, é epileptóide... todos ali, secretários, contadores, são reformados número 1, não têm nada a temer, estão garantidos, mas mesmo assim desconfiam de Kracht... se ela começar a xingar o *Führer* diante do seu próprio retrato... se recomeçar... e se eles parecessem rir, aquilo podia acabar mal... mas ela nem se importava! queria nos contar tudo!... não adiantava nada o velho cutucá-la... seria no *Tanzhalle*, o palco nós sabíamos, eu o vira, não era grande, e muito atravancado, iam tratar de desatravancá-lo... os ciganos cantariam a seis vozes, as mulheres, empalhadeiras de cadeiras, dançariam... programa fandango... teria também acrobacias de rapazes e moças... e depois, em sessão especial, no fim, "leitura da sorte"... nas cartas, na borra do café e na bola de cristal... e talvez numa coruja!... já nos tinham lido o futuro, lá em cima... bem sinistro, prisão... à mesa, ninguém achava muito divertido aquele programa da "força pela alegria"... por mais oficial que fosse... a Kretzer ria

sozinha!... cada vez mais alto!... a ponto de sua cadeira fazer a mesa estremecer... e todos os copos se chocarem, tinirem... e, então, dá um pulo! um salto!... até a moldura! ali, debaixo de Adolf, ela arranca as duas túnicas dos filhos ao mesmo tempo que uiva *"festpiel! festpiel!"* que eu traduzo... festa!... festa!... e desaba... eu já estava esperando... já a vira assim... rígida... final de crise... com os dois dólmãs nos braços... levaram-na para o quarto... tinha passado semanas em estado de letargia... iria recomeçar?... mas ninguém tugiu nem mugiu... ficam todos parados... nem sequer a olham, esticada ali, debaixo do retrato de Hitler... mas ela via bem que eles não ligavam porra nenhuma!... ah, minha senhora!... foi aí que ela começou a bater no chão com toda a força, com os calcanhares!... e *tã!*... e *taf!* ah! não estão ligando?... estão caçoando dela? já estamos sendo bem sacudidos pelo chão e as paredes, com as bombas... e agora ela! *tã! taf!* e arregaça a saia para sapatear melhor, com mais força! e poder levantar as pernas mais alto!... *vrang! brang!*... ia por abaixo o assoalho!... a saia rasga-se, abre-se de alto a baixo! *rzzzz!*... e as pernas nuas de fora!... e que fúria!... sai correndo com as túnicas debaixo do braço... pela porta dos fundos... ninguém se mexe... mas ela volta logo!... ainda não acabou!... tinha ainda o que dizer... principalmente a nós!... *"sie! sie! franzosen!"* assassinos dos filhos dela!... eu ainda não tinha pensado naquilo!... afinal, quem é que eu não matei?... os seus filhos bem-amados!... Hans!... Kurt!... sim, nós três! e o nosso gato!... nós, ladrões, traidores, sabotadores! somos tudo aquilo! absolutamente!... e assassinos! e dos seus dois filhos! ah, como me acusaram de assassino!... na França, na Alemanha, em toda parte!... Bougrat não passa de um aprendiz, Petiot um pobre coitado, Landru um malandro, explorador de coroas... enquanto que nós três ali, ora, não somos só assassinos dos dois filhos, somos responsáveis por todos os crimes! pelo arrasamento de cidades e estradas de ferro... por todas as desgraças da Alemanha!... como os que foram até lá em casa, na rua Girardon, para me roubar tudo, e mijar em cima e tudo o mais, e subiram para me pendurar na varanda e me mostrar a toda Paris, o mais horroroso dos "anti-France", o mais abjeto dos subornados... vendedores da linha Maginot... daqui, dali, chega um momento em que nos vêem da mesma maneira: o culpado de tudo... há

um qüiproquó... o leitor deve estar admirado, perguntando-se quem é que está maluco?... e depois se acostuma... é preciso! culpado de tudo?... vá lá!... está bem! mesmo que os quirguizes cheguem a Courbevoie, vai haver muita gente ainda para se lamuriar debaixo de cem miriatoneladas de escombros, debaixo de vinte e cinco metros de água de esgoto, sob o comando de Petzareff: é ele! ele mesmo! se for preciso alguém, esse alguém é a gente!... lá em Zornhof, entre os prussianos em estado de guerra, não era de admirar que aquela maluca me acusasse de tantos horrores... e ainda da dor de seus dois filhos, mas agora, vinte e cinco anos depois, e dentro da minha própria família, é um pouco mais engraçado!... e não é de crimes pequenos que me acusam!... "assassino da minha mãe!"... se eu dissesse que não! as coisas iam ficar pretas!... eu sei o que eles querem esconder... eles roubaram tudo da casa da minha velha... muito seguros de si! "ele não vai voltar nunca!"... e fizeram a mesma coisa com os meus móveis em Montmartre... e eu que fosse reclamá-los!... acabavam comigo... a lei dos bandidos!... e pelos quatro Comendadores!... ladrões e carregadores!... "Eia, aproveitem, ele não voltará jamais!" é a mesma farra com as minhas belas obras... eia, coragem!... fracassados do diabo, aproveitem!... ele não voltará jamais!... saqueiem tudo dele, seus cães danados! avante! filhos da puta! ninguém vai ver!... ninguém vai saber! ele não vai voltar!" lá em Zornhof eu tinha as minhas suspeitas, mas agora eu sei... era *Frau* Kretzer com suas crises de hiena que estava certa!... todo o futuro, sempre, a partilha dos despojos!... e ao mesmo tempo ela nos botava a língua! deste tamanho!... e fazia fiau... ah, é muito engraçada!... afinal, toda a mesa perde o controle e cai na risada! verdadeiras hienas!... como ela! e o marido!... ninguém a leva mais a sério!... Só Kracht... não quer mais saber dela! quer que ela saia! *raus!*... *raus!* à porta fez o seu ruído de vaca cagando... bem grosso, bem pesado... *raus!*... *raus!* já é demais! Kracht vai atrás dela... o marido também... fecham a porta à chave... ela torna a fazer o mesmo ruído atrás da porta, de vaca cagando... *bruuum!*... *vlaaf!*... não!... não é ela!... não!... não é isso, não! vem de fora!... de cima!... e principalmente das paredes... elas parecem estar com soluço... carradas de bombas rebentam ao longe... certamente estão progredindo no

gênero "não sobrará mais nada"... dos nossos pecadilhos, das nossas histórias! devo dizer, não disse, na nossa torre e debaixo do nosso monte de palha, noite após noite, sente-se que tudo vibra cada vez mais...

A Kretzer acabou, saiu e nós ficamos esperando... o nosso Kracht vai comentar... não?... ele fica ali, não está nervoso... não diz nada... ah, sim!... pigarreia! ah! e então?

"Hysterisch!... hysterisch!"

Foi tudo o que achou para dizer... que ela é *hysterisch*... e daí?... isso já se sabia!... ah, ele tem outra coisa!

"Quero comunicar-lhes, senhoras e senhores, que a festa não vai se realizar... Ordem do *Landrat!* mas vai haver amanhã de manhã uma grande excursão, a partida será daqui, em frente ao peristilo... às sete horas... comigo e toda a *Dienstelle!* Ordem do *Landrat!* todo mundo concorda?" pergunta-nos...

"Ja!... ja!... ja!"

Secretárias, contadores, datilógrafas e nós três...

"Não haverá a festa dos ciganos! mais tarde, talvez... mas amanhã será a grande excursão! para trabalhar com os *bibelforscher* e os ciganos: colheita do vime!... Ordem do *Landrat!*

"Ja!... ja!... ja!"

Iremos pela planície!... que prazer!... buscar vime!... já é dia claro às sete horas...

Mostra-nos sua Ordem... correta... assinada: *Simmer*... *Landrat*... *Moorsburg*... carimbo...

"O que é que vamos fazer na planície?"

Pergunto baixinho à corcunda ao meu lado... tanta gente, toda a *Dienstelle* espalhada pela planície para cortar vime em três ou quatro poças d'água... os vimes em torno?...

"Vá, doutor! o senhor vai ver!"

Talvez se tratasse de procurar o... *Rittmeister*... tinha sido visto por lá... um guarda irá conosco...

"Para onde?" pergunta La Vigue...

"Para Kyritz!"

Kracht aproxima-se... já que queremos saber tudo, tira um mapa do bolso... desdobra-o... que superfície! há muito por onde viajar!... todo o norte do Brandemburgo, toda a nossa planície... acho Kyritz a leste... um mapa realmente interessante... eu nunca teria pensado que aquela planície fosse tão

rica em lagos... lagoas... riachos... e não só na superfície... no fundo de todo tipo de buraco... crateras... nem se imaginava, mesmo de muito alto, da torre de Marie-Thérèse, tudo o que aquela planície pardacenta escondia... riachos... lagos... cavidades naturais ou obras de engenharia?... camuflagens?... era lá dentro que estava o *Rittmeister?*... tinha caído num buraco com a sua Bleuette?... ou numa armadilha?... havia o vime, a colheita, aquilo eu entendia, mas e os outros motivos?... eles deviam ter colocado as armadilhas em certos lugares... deviam ter pensado nisso, sem dúvida... pensavam em quase tudo...

Ora, a Flandres é assim... cheia de caminhos esburacados...

Mas vou perder vocês de novo! chega!... basta!... não vou lhes falar da guerra de 14!

*

O *Rittmeister* perto de Kyritz?... fácil demais!... longe de Kyritz!... nós também teríamos onde nos perder!... principalmente numa planície como a do mapa, toda de crateras e veredas, com as extremidades em pistas e curvas... indo para o Norte e, depois, para o Oeste... e voltando, em meandros, para outras planícies... naquele mapa, dois... três povoados como o nosso por aqui... por ali... três?... dez!... povoados de papelão, talvez, para enganar as "fortalezas"?... eu sei que eles tinham feito isso... principalmente no Oeste... de lona... e até igrejas... mas talvez tudo aquilo já não existisse mais... nós, de Zornhof, éramos de verdade! era melhor não gritar aquilo muito alto!... uma meia-bomba e pronto!... evaporados!... o castelo, o retrato do *Führer,* a fazenda, os Kretzer e nós! Íamos acabar nos expondo! quanto àquela excursão, para mim o risco maior era que, ao voltarmos da nossa procura de não-sei-o-quê pelos campos, tudo tivesse ido pelos ares e nós não encontrássemos mais nada... e eu lhes digo: nem sequer uma granada!... uma bomba!... aquelas choupanas pegavam fogo à toa!... a fazenda, o castelo, os silos e a sopa e a grande moldura... não nos perguntavam a nossa opinião... íamos com um guarda... não havia nada que dizer!... passeio vigiado... dava para pensar um pouco... nós pensamos a noite toda...

A planície até às nuvens... ele partiu para o Oeste, dizem uns... nada disso!... nós o vimos... Sudeste!... não foi em

direção a Kyritz... absolutamente!... montado na sua Bleuette... quem sabe se perdeu?... apesar dos mapas e da bússola... talvez tivesse tomado Kyritz por Berlim!... ia repelir os russos, tinha jurado, talvez os russos estivessem em Kyritz... era outra hipótese... íamos ver, com o guarda... talvez fôssemos todos aprisionados... que maneira essa de esquadrinhar a planície em busca do *Rittmeister*, que talvez nem nos reconhecesse, que era capaz de nos tomar pelos tártaros se nos visse!... ia nos atacar, andava bem maluco!... principalmente depois que Iago morrera... num dia, de uma vez só, repelir os eslavos e retomar Berlim?... veríamos!... Kracht parecia saber... se sabia, não precisava de nós!... que fosse sozinho... mas não se podia discutir, não éramos só nós três!... havia os *bibelforscher* e os ciganos do carro-reboque, e todos os matutos do povoado, e os prisioneiros, seríamos pelo menos trezentos... de tanto a gente ficar maquinando, se debatendo de um lado para o outro e cochichando o que pensava, o dia acabou por clarear... ou quase... tomo uma decisão: é agora!... Bébert na sua sacola, um pão em cada mochila e pronto, nem nos lavamos, descemos, eu não me enganara muito, já havia umas vinte famílias esperando Kracht e o guarda... e mais todo o pessoal do carro-reboque... todo mundo se cumprimenta! *guten tag!* e *heil!*... *heil!*... em profusão!... é um passeio como qualquer outro, com conversinhas e sanduíches... não!... não se tinha sempre a oportunidade de ir tão longe e em coro... quem seria o guarda?... de Stettin, segundo consta... por ali, eles não têm mais policiais, é preciso que mandem chamar de Stettin... a mais de duzentos quilômetros!... é preciso terem muito pouca confiança!... uma vez soltos na planície, rumo a Sterlitz ou onde o diabo perdeu as botas, éramos capazes de sumir!... de bater asas e... o guarda não ia conseguir nos impedir se nós quiséssemos mesmo... oh, justamente, ei-lo que chega!... o guarda *feldgendarme*, e Kracht!... e não só eles, todo o povoado, todo o mundo atrás deles, as criadas da fazenda, os trabalhadores voluntários, polacos e tchecos, e o resto dos *bibel* no trinque, com os seus mais belos blusões xadrez, de botas, lilás e vermelhas... eram pelo menos uns cem... e, vale aqui uma observação, o tal guarda de Stettin é só um pouquinho menos velho do que o nosso *Rittmeister*, tem os mesmos tremeliques que ele, nas duas mãos, talvez até seja um "procurado"

também... fugido de Stettin?... os velhos têm a mania de fugir!... vejam só Tolstoi!... acabar numa estação, qualquer uma! vejam agora Kruschev!... acabar no *Subway*, em qualquer estação!... Eisenhower não pára mais, de um avião para outro!... Dulles já se foi! escapam velhos do asilo de Nanterre que não sabem mais nem por quê, nem como, nem para onde... são apanhados depois...

E, por falar nisso, eu vou acabar perdendo o meu leitor... é a idade, é claro!... De Gaulle tem os seus motociclistas fortemente armados... ninguém quer que ele acabe se perdendo na estação de Toul ou de Luneville... quanto a mim, o meu fraco quanto à fuga é a Gare d'Orsay!... não é Saint-Lago nem Austerlitz!... ainda falaremos disso!... naquele exato momento fazia-se a chamada do pessoal agrupado diante do *feldgendarme*... sob o seu comando!... em fila, dois a dois!... um *bibelforscher* e uma dona-de-casa!... tantos casais!... o guarda tinha a sua tática... caminharíamos de mãos dadas e todos numa linha só! e depois, a seguir, prevenia-nos... como "forrageiros"... a cinco metros uns dos outros! perfeito, eu bem que queria, mas com as minhas bengalas ia atrasar tudo, na certa! imagine só, os sulcos de terra argilosa!... eu digo isso a ele... "*sicher! sicher!* certamente!"... concorda... é um policial cordato... eu ficaria na retaguarda com Lili e La Vigue... veríamos se sobrava alguma coisa... combinado!... o desaparecido talvez estivesse em algum sulco, deitado, roncando, era preciso procurar bem... nós podíamos!... o guarda concorda... mas eu não nos via chegando a Kyritz, sulco por sulco!... olhamos de novo o mapa, pelo menos sessenta quilômetros! não íamos chegar lá aquela noite nem no dia seguinte, sulco por sulco!... eu não ia ficar protestando... mãos à obra! aquele policial não parecia mau, mas podia impacientar-se!... eu, com as minhas bengalas!... a planície, sulco por sulco!... íamos passar a lavoura pelo pente fino!... vejo que os outros não estão achando nenhuma graça naquela história de catar o campo, beterraba por beterraba... gostariam mais de ir pela estrada, pelo asfalto!... zero! o guarda grita! assim não dá! eles discutem... que assim iam ficar cobertos de lama, que não iam ganhar terreno! "tentem", diz ele... os ciganos deviam aproveitar o passeio para se encherem de vime... levantarem o artesanato... não?... cortarem feixes de brotos à beira das lagoas...

mas não era certo também! só boatos!... então, resolvem outra coisa: não iam mais de mãos dadas! formação de "forrageiros" imediatamente!... mais ou menos a cinco metros de distância uns dos outros... pode-se dizer que tínhamos um plano... nada nos escaparia, devíamos ver tudo dali até Kyritz, as menores dobras do terreno!... a marcha combinada: passo a passo!... já era uma beleza ir passo a passo naquele lamaçal!... em frente!... percorremos pelo menos um quilômetro assim, abertos em leque... eles acham que Kyritz é para aquele lado... peço a Kracht que olhe de novo o mapa... é de desesperar o tal mapa!... nós ali, embora fôssemos trezentos... e como "forrageiros" não fazíamos nada naquela vastidão... éramos como pontinhos perdidos... que cretino aquele guarda!... aliás, a terra está mais barrenta, cola-se em placas a cada pé, tão pesada que não se pode agüentar mais... cada beterraba é uma proeza... cada buraco cheio de lama... aquilo nos dá tempo para olhar... vejo que os "forrageiros" são só os pobres-diabos da propriedade, prisioneiros russos, criadas, ciganos, os *bibelforscher* e nós três... mas ali não estão Isis, nem Marie-Thérèse, nem a condessa Tulff-Tcheppe!... tinham ficado em casa!... nem Léonard, nem Joseph!... mas era ali que deviam estar as pessoas da fazenda e do castelo, eles eram todos filhos, filhas, sobrinhos do *Rittmeister!*... eram todos ligados ao velho... mais do que nós!... nunca deixaríamos de ficar indignados com todas as injustiças e privilégios, e a gente sempre dando duro... eles estavam isentos e pronto!... é sempre preciso alguém, o mais fedorento, o mais indigno, e esse alguém é sempre a gente!... sempre a gente!...

Quanto à formação como "forrageiros", eu conhecia bem... marchando no flanco ou no centro... mas a cavalo!... eu via nas "escolas de tiro", em Mourmelon, e um pouco mais tarde em Flandres, pra valer, as "baterias volantes" ficavam presas até os eixos... não podiam avançar nem recuar... e com seis cavalos nervosos puxando!... era preciso que a engenharia ajudasse com alavancas, sarilhos, cabrestantes e as puxasse com soldados, pangarés, peças... os cavalos retesando-se, os ferros enterrando-se o mais que podiam... e a ala em marcha, às carreiras, ao longe!... um! dois! um! dois! os quatro esquadrões e a banda... *taratá!*... *ti! tatá! ti!*... os cavalos conhecem bem a corneta!... *tatá! ti!*

Nós ali não éramos a ala em marcha, estávamos procurando o velho... eu não achava que ele estivesse num buraco!... partira em linha reta, rumo a Berlim, e não para o Oeste, a não ser que tivesse bifurcado... que diabo ele iria fazer em Kyritz?... ele queria repelir os russos, não os ingleses ou os franceses... os russos eram a mania dele!... como é que a gente ia entender?... ele também tinha um mapa grande e uma bússola, podia muito bem orientar-se... mas os nossos dois, Kracht e o estrategista-guarda, pareciam absolutamente certos de que ele se escondera em Kyritz... informados por quem?... enfim, estávamos andando... devagar, prestando muita atenção... primeiro para não atolar... retirar uma perna... a outra... e não deixar o velho entre dois pés de beterraba... isso era possível!... já fazia oito dias que o víramos partir... em ziguezagues, reviravoltas... demonstrando passos e figuras... talvez para nos enganar... mas fora rumo a Berlim!...

O policial ordena: *halt!* todo mundo!... viram alguma coisa?... não!... é uma das mulheres metida na lama!... três... quatro homens conseguem tirá-la... e em marcha!... *halt!* de novo!... alguma coisa?... uma lagoazinha na ponta da nossa fila... à direita... uma lagoazinha rica, cheia de vimes grossos na margem... lá se foram os ciganos!... que se apressem! grande colheita!... nós ficamos esperando... eu acho que vamos levar pelo menos três dias para perceber que tínhamos passado o ancinho em toda a planície à toa, e nem sombra do velho pirado!... ah! uma idéia do tira!... mais uma!... enquanto os ciganos cortam vime, mandar quatro *bibelforscher* bem para a frente, descobrir!... ele diz que está vendo fumaças, ele o estrategista, lá longe, perto de um bosquezinho, bem à esquerda... que é preciso ir até lá!... bom!... é o único a ver fumaças... os outros trezentos não vêem nada... nos agrupamos para ver melhor... não!... não!... nada!... aquele guarda bebeu!... e os nossos quatro *bibelforscher?*... esperamos que estivessem bem longe... sim!... sim!... pelo menos a dois quilômetros de nós... sim!... sim!... há!... eles vêem alguma coisa também!... fazem sinais... estão vendo fumaças!... portanto somos nós que estamos errados e não o guarda!... somos nós os cegos!... e não é longe de Zornhof, a cinco... seis quilômetros!... pede-nos para fazer um esforço... para irmos até

lá!... por entre as beterrabas!... ora!... mesmo com as minhas bengalas, eu não podia mais... os outros, em toda a linha, estão caídos, os prisioneiros, a dona do armazém, como estátuas.... eu não via como iam poder correr!... nem sequer até os macacões mais adiante, com os traseiros listrados de lilás e vermelho... não que eles recusassem, até queriam, mas como?... de repente, o guarda se zanga! "vadios! bêbados! bandidos! pára-quedistas!" grita para nós... "vagabundos! corruptos!"... temos de nos levantar todos!... eu também, com as minhas bengalas!... uma perna!... oh! outra!... pronto!... talvez, afinal de contas, não houvesse nada... alguma fumaça de uma explosão de bomba velha?... ou um abrigo de caçador clandestino?... enfim, lá voltamos nós a andar em fila, de mãos dadas, a primeira idéia dele... seis ciganos na frente... há uma certa tática!... não avançamos ao acaso... lá longe, vêem-se os nossos batedores rastejando... nós também gostaríamos de rastejar... os seus traseiros vermelhos e lilases, e os seis ciganos... param de repente! inclinam-se... deve ser um buraco... buraco de quê?... buraco de bomba?... estrada?... túnel?... Kracht não acredita que haja alguém... mas eles continuam ali, em cima do buraco, abaixados... olhando... e fazem sinal pra gente ir também... depressa! gritam! "Olá, Kracht!" agora não podemos mais hesitar, estão vendo alguma coisa!... Kracht não está muito certo... é sim!... é!... eu acho que quando chegarmos à beira do buraco estaremos sem joelhos... uma ravina?... oh, mas não há só fumaça... estão berrando!... e muito... deve haver um monte de gente no fundo daquele buraco... eu acho que é uma ravina... veremos quando chegarmos mais perto... pronto!... chegamos!... e não são só os joelhos que estão em petição de miséria... a calça acabou com tantos rasgões... e os cotovelos!... bancamos o Pequeno Polegar, semeamos nossos trapos pela lama, bem longe, atrás de nós... ia ser fácil nos encontrarem... pelos rastos... de qualquer forma, estávamos ali e olhamos também... são muitos... é uma cratera... quantos seriam eles ali no fundo?... eles, não! elas! só mulheres!... em torno de uma fogueira... devem ter trazido a lenha de longe!... não é um foguinho qualquer, uma fogueira mesmo!... tinham posto alguma coisa para assar no fogo, diretamente... não era de admirar que não se visse nada de longe, a cratera é muito funda, com um

pequeno charco no fundo... elas organizaram um acampamento... estão cozinhando... ou melhor, queimando carnes... o cheiro é muito forte!... pedaços enormes!... oh, mas eu conheço aquelas cozinheiras... elas também devem nos conhecer, as nossas caras... elas nos olham de baixo... e logo depois os desaforos! "traidores! espiões! veados! ladrões!"... traduzo aproximadamente, mas é esse o sentido... e logo, têm um acesso, talvez por nós estarmos olhando pra elas... começam a brigar!... mas não é de leve!... com paus!... caem todas em cima de duas delas... e as duas gritam! e não é para menos!... como estão apanhando! que surra! coisa de selvagens!... vão matá-las!... e *planct!*... e *plaft!*... e não só com paus, com os pés, os punhos, tudo!... por nossa causa!... infelizes!... acho que é por nossa causa!... na lama, lá no fundo, as duas berram como animais sendo mortos!... e como gritam em nossa direção!... lá da lama!... do fundo!... as duas que estão sendo moídas de pancadas nos conhecem!... pelos nossos nomes!... *hilfe! hilfe! Kracht! Kracht!*... ah, eu entendo... compreendo afinal... aqueles que elas estão surrando não são mulheres!... são homens!... temos que ir até lá!... e depressa!... o tira não quer... é muito fundo!... objeta... deve, principalmente, estar achando que é uma armadilha!... é um declive de lama muito escorregadio... e lá embaixo as megeras e só!... Kracht está armado, pode-se arriscar!... *hilfe! hilfe!*... eu não sei o que elas estão fazendo às duas vítimas... Kracht lança-se, derrapa, escorrega... nós também... caímos assim uns vinte metros... cobertos de lama... tropeçando... eu chego lá embaixo antes de todos os outros, com as minhas bengalas... Lili logo depois de mim com sua mochila e Bébert... e depois La Vigue e o *feldgendarme*... ninguém quebrou nenhum osso!... é um declive mole como antigamente a colina Saint-Vincent, especial para os garotos... mas vimos logo o charco e a fogueira, e por cima os pedaços de carne... enormes!... tostando e fumegando! e ali, quase embaixo, dois vultos, em farrapos, no meio da lama... eram eles que estavam apanhando!... eu não vejo as cabeças... apalpo... ah, reconheço um!... todo mundo o reconhece!... todos vêm ver!... é o *Rittmeister*, o nosso *Rittmeister!* o próprio!... como tinha acabado ali?... não tinha saído absolutamente por aquele lado! nós o tínhamos visto montado na sua Bleuette! rumo a

Berlim... para o Sul! e não para o Oeste! mas era ele!... não havia engano! não pode nem se mexer mas é ele!... o outro também não pode mais se mexer... viramos a cabeça dele... para vê-lo!... ninguém o conhece... é um homem... bem grisalho... tiramos as placas de lama... levou uma tremenda surra... era hora de nós chegarmos!... está cheio de feridas e acho que de fraturas também... galos, inchações... começa a gaguejar... não pode articular, baba e deita sangue pelo nariz, pela boca, em coágulos... o *Rittmeister* soluça... soluça... quer falar conosco... faz-nos um sinal...

"*Was? was?* continue!"

Entre dois soluços, consegue...

"*Revizor!... Revizor!*"

Era o que nos queria dizer!... quem ele era... entendemos!... o que ia chegar!... ele! então tinham se encontrado?... assim, atravessando a planície... ou em Kyritz?... enquanto perguntávamos uma coisa e outra... as mulheres davam o fora!... escalavam a vertente do outro lado, em frente... quem eram elas?... não as tínhamos reconhecido... Kracht, sim... reconhecera sim... eram as prostitutas! as que nos tinham dito os piores palavrões!... as de Moorsburg!... também tinham fugido!... cheias dos esgotos e das latas de lixo!... cheias de bater calçada! não queriam mais obedecer!... tinham dado uma surra no carteiro, o único que ficara em Moorsburg, jogado todas as cartas no esgoto... não queriam mais saber de se tratar, não tomavam mais as suas injeções... levante total!

Brum!... brang!... o estrondo era tão forte no fundo daquele buraco como lá em cima no castelo ou na cela de La Vigue... pra você ver o abalo que sofria aquela planície... do Norte, do Sul e do Oeste... e Berlim tinha o seu quinhão! eu não podia imaginar que sobrasse alguma coisa... ah, Pretorius!... ah, o nosso Zenith!... até a Chancelaria, o *bunker* do *Führer* devia estar mais fino do que uma peneira, com aquele *bruuum* dia e noite!... La Vigue, Lili e eu começamos a falar sobre aquilo... enquanto conversávamos, todas as mulheres lá do fundo deram o fora, aquelas cozinheiras ferozes... não esperaram por nós... eu as via andando lá longe, era a vez delas! as raparigas!... as sifilíticas revoltosas!... já longe!... uma ficou para trás... a única... "brutos! animais!"... berrava... pra

nós!... de propósito... "bodes velhos"! o vento nos traz aquelas besteiras, a nós que, se não tivéssemos chegado antes, teríamos encontrado os dois, o *Revizor* e o outro, mortos por elas a pancadas!... eram capazes de assá-los na fogueira com as outras carnes!... aliás, os dois ali deitados na lama estavam de dar pena... percebia-se que nunca mais iam poder se levantar... ainda estavam soluçando... faziam-se entender por frases entrecortadas... compreendi que as putas haviam pensado que tinham sido denunciadas e que tinham sido eles, o conde e o *Revizor* que mandaram chamar o *feldgendarme*... ainda por meias-palavras o *Commandant* conta que se tinha perdido a cavalo... que, em vez de ir para o Sul, achara melhor, em movimentos circulares, surpreender o exército russo perto de Potsdam... dera com as mulheres que, justamente, acabavam de fugir!... na mesma noite!... tinham largado tudo, a quarentena, as latas de lixo, o carteiro... o objetivo delas, das putas, era ir para o Oeste, de qualquer forma!... Hamburgo, a Bélgica, o Reno... no Oeste se comia, tinham lhes dito... elas não sabiam muito mas uma coisa era certa, estavam livres do monturo!... e da quarentena... e das injeções!... ao nos verem chegar tinham pensado que iam de novo para o xadrez e daí a fúria!... e estavam em pleno banquete!... churrasco de pedaços enormes!... diretamente na fogueira!... aquela fumaça que o tira tinha visto! e não sossegara enquanto não fomos até lá... agora queria saber tudo, não era à toa que era *feldgendarme!*... como é que eles tinham sido apanhados?... os dois?... o conde von Leiden primeiro?... ele tinha dificuldade até para gaguejar... puseram-no sentado... não se sente bem sentado, tampouco... está com frio, tirita, o outro também... mas menos... e daí?... o inquérito! elas tinham batido muito neles, com cabos de enxadas... e com cabos de pás e com panelas... elas tinham roubado tudo do seu acampamento, todo o necessário para uma instalação provisória... mas era muita coisa para carregar pelo campo... muito material... ali, elas não tinham nada que fazer com aquilo... tinham encontrado aquele buraco com um charco no fundo... um acampamento já pronto!... bastava achar uns galhos para fazer fogo... eu não vira muitas árvores... elas deviam tê-las trazido de longe... estavam ali há quanto tempo?... o interrogatório... o *Rittmeister* não sabia bem, só sabia uma coisa, que elas tinham batido muito

nele, bastava olhar! era verdade!... o corpo dele era só feridas e inchações... principalmente do lado direito, da cabeça aos calcanhares... como tinha sido?... elas o agarravam, prendiam-no debaixo delas e batiam... com os pés... com as enxadas!... *plact! plaft!*... e toma!... duas, três vezes por dia... com o *Revizor* era a mesma coisa, um pouco menos... o uniforme de von Leiden excitava-as, elas o tinham despido todinho e depois vestido como prisioneiro, como elas, bata, xale, avental de couro... uma vestira o seu uniforme, as esporas e a barretina... era a que os queimava com um tição... era por isso que elas tinham fugido... e a égua dele?... tinham-na matado a golpes de enxada!... não fora depressa... devagar... com feridas profundas, em três dias... e depois tinham-na cortado em pedaços... aquilo bastava como inquérito!... enquanto isso, as mulheres se afastavam... só uma ficara para trás... ao alcance da voz, para nos atazanar... "animais!... espiões! delatores!"... não ia embora... as companheiras, no horizonte, eram só uns pontinhos... o velho von Leiden que curtia as chicotadas das suas polaquinhas já enchera as medidas!... estaria curado?... é verdade que tinha várias fraturas... e fraturas na sua idade não iam se resolver facilmente... principalmente ali, como estávamos, sem hospital nem rádio nem ambulância... o tira queria saber tudo... como a égua tinha morrido?... como elas a tinham assado?... tinham-na matado primeiro?... a golpes de enxada na barriga e no crânio!... e, depois, tinham-no cortado em pedaços... membro por membro... e depois assado... nós podíamos ver! elas tinham comido... muito!... ele também comera... e o *Revizor* também!... entre duas sessões de pontapés... e enxadadas... os dois precisavam comer... engolir!... tanto um como outro! e beber? perguntava o tira... a água dali! uma água muito feia!... barrenta, escura, verde... e todas as tripas de Bleuette ali de molho... elas eram umas açougueiras e tanto!... tinham esvaziado completamente o animal e posto os bons pedaços no fogo para assar... ainda havia uns tostando!... elas não paravam de fazer bifes... quantas eram as fugitivas?... umas cem, segundo o velho... "oh! mais!" pensava o *Revizor*... "umas duzentas!"... isso poderia ser verificado em Moorsburg, no registro, o número exato, o tira iria lá... mais tarde... ali, só havia uma que continuava a nos dizer as últimas, lá de cima... talvez

lá longe pudessem ser vistas algumas ainda... pernas, para que te quero!... como corriam as tipas!... não eram como nós!... e havia velhas entre elas, eu as vira em Moorsburg, avós e bisavós públicas... e todas já longe, não havia uma para trás, a não ser a que estava ali em frente... olho para a água, para aquela espécie de charco... é uma água parada, cheia de tripas... e então? e os bifes no fogo?... não eram mais aqueles enormes pedaços escorrendo sangue... talvez alguém tivesse fome... quem sabe?... primeiro os feridos!... pergunto ao *Rittmeister*... *"ja! ja!"* está com fome!... no seu estado!... fico estupefato... o *Revizor* também está com fome... eu nunca acreditaria... tinham-se habituado... as tipas loucas cobriam-nos de pancadas duas vezes por dia mas, nos intervalos, empanturravam-nos de carne... e davam-lhes aquela água gostosa para beber... os nossos ciganos, os nossos colhedores, homens, mulheres, crianças, estavam bem interessados na carne... perguntam a Kracht... se podem provar um pedacinho... os bifes já estão queimando... e as enormes coxas de Bleuette... não ousam servir-se mas bem que queriam... têm facas bem afiadas, punhais curvos... Kracht pergunta ao guarda.... *"ja! ja!"*... todo mundo então! não só o velho ulano, cada um recebe o seu bife!... é um cigano que corta... fatias pequenas? finas?... ou grossas?... pergunta-nos como queremos... vê-se que é entendido... em tempo de paz deve ser garçom, tem estilo... deve trabalhar em um hotel ou restaurante... o que preferimos?... coxa?... pescoço?... será preciso levar aquela carne conosco, não íamos comê-la toda... e ainda estaria boa... fazemos as honras e pronto!... as fulanas não podem mais com a nossa cara, que pena!... o que vão comer por lá?... vão passar fome! cadelas sanguinárias, vão acabar achando um cavalo qualquer!... e... quem sabe?... um tira?... no espeto!... eu queria que Kracht risse... mas ele não ri... está ressentido...

"São elas que vão arder!"

Ele podia correr! elas tinham ido para o diabo!... nós, de qualquer forma, precisamos voltar... tínhamos encontrado o *Rittmeister* e o *Revizor*, não em bom estado, é verdade, tanto um como outro, um pouco amassados, surrados, mas vivos!... eu acho que com algumas fraturas... se não os tivéssemos achado, ou então, dois dias depois, eles teriam morrido... havia uma

semana que elas estavam se divertindo à custa deles no fundo daquele buraco... se o guarda não visse a fumaça, nós teríamos ido em frente... afinal, naquele passo... éramos capazes de ser seqüestrados por outras putas, de outras prisões... devia haver muitas... por que não?... mas havia um problema, os nossos dois sujeitos não conseguiam soltar-se do barro... esforçavam-se mas estavam grudados... sentiam-se um pouquinho melhor mas só deitados de costas e na lama... batiam o queixo... elas tinham vestido neles as suas saias, aventais e batas... tinham vestido os coitados como elas!... e tinham levado tudo o que era deles, a sobrecasaca do *Revizor,* sua sacola e seus papéis... e todo o uniforme do velho, e mais a espada, as botas e o revólver... o guarda anotava... na certa, elas iam tentar revendê-los e então seriam apanhadas... eu pensava: "quem sabe?"... enquanto isso estávamos nós ali com os dois atolados, massacrados, arrasados... e como!... farrapos humanos!... não iam conseguir andar... felizmente éramos muitos, podíamos carregá-lo até o castelo... seriam dez para o *Revizor* e outros tantos para o conde von Leiden... seriam transportados em mãos, não era uma má idéia!... eles continuavam gemendo... mas principalmente de frio... estávamos no outono, o vento do Leste muito forte... os corvos estavam voejando por cima de nós e no buraco... havia muitos, por todos os lados... claro, a carne... e gaivotas!... as gaivotas eram de Rostock... Warnemünde... do litoral... Rostock era por aquele lado!... eu penso no litoral... em casa de Marie-Thérèse, com certeza, deve haver mapas, e em relevo... na biblioteca do velho... não só mapas, partituras de todas as óperas e balés... e romances, todos os clássicos e mais George Sand, Paul de Kock, Jules Verne, ilustrados... Lili devia subir para falar com Marie-Thérèse... fora aquela excursão repentina, maluca, que atrapalhara tudo... aquela correria pelo meio das beterrabas... eu pensava naquilo, caminhando entre os sulcos, bem atrás dos carregadores... já se viam a igreja, o relógio, as choupanas... o que íamos fazer com aqueles dois delicados?... com certeza, eram só feridas e fraturas... quando chegássemos... era eu que ia resolver... mas antes de mais nada, eu queria que eles parassem!...

"La Vigue!... Lili! eh! Que diabo!"

Eles se viraram, todos.

"Esperem-me!"

Concordam... põem os inválidos no chão, que aliás é bem menos mole, não é mais lama, é quase cascalho... eu consigo me equilibrar mais facilmente... pronto!... e então?...

"Doutor, onde deseja colocá-los?"

Eu já tinha pensado naquilo... é cômodo ficar para trás... dá tempo para pensar...

"Os dois embaixo, no salão!

— Juntos?"

Eles não entendem... eu explico, o salão bem grande, o do armário, eles ficariam bem acomodados!... não ficariam sozinhos, Lili, eu e La Vigue dormiríamos nas poltronas... eu teria o necessário ao meu alcance... algodão, ampolas, gaze... as fraturas, eu veria... não podia tratar delas ali... a primeira coisa era que eles parassem de tremer!... conseguir que uma ambulância os levasse?... besteira!... "Ajuda-te que Deus te ajudará!"... óleo canforado, eu tinha... mais uma caixa... duas caixas... dariam... eu tomo o pulso do conde von Leiden... e do outro... bem... bem fracos!... peço a Kracht... "rum!" eu sei que ele tem de tudo quando quer... chegou a hora... e "dois cobertores"... eu não posso cobri-los como a nós, com um metro de palha!... iam ficar sufocados... o rum é importante, um grogue... mas eu me lembro de que há uma cama no salão, o divã do velho!... vamos lá!... e as cobertas? e as almofadas?... remexemos em tudo, nada... sempre as primeiras coisas a sumirem, travesseiros, lençóis, cobertores!... eu vira, acontecera comigo na rua Girardon, em Saint-Malo, em Sartrouville... mal a gente sai, *zás!* some tudo! imediatamente, num piscar de olhos!... a rapinagem começa por ali!... todas as grandes campanhas nacionais de reação começam por roubos de roupa de cama... na mesma hora!... não se encontra mais um lençol sequer... nem depois da Convenção, nem depois do Terror branco, nem depois do de 44... um regime, outro, tanto faz! mas os lençóis!... sempre aparece alguém!... eu disse a Lili:

"Não perca tempo, suba ao apartamento da velha, diga-lhe que estamos com o irmão dela, que ele estava lá longe, na planície, que está doente, muito doente, que ela desça para vê-lo!... mas primeiro!... antes de mais nada!... ela que te dê dois cobertores, que não são para nós! são para o irmão, que eu não posso

cobri-lo com palha, tenho medo que ele engula e fique sufocado!..."

Lili entende, sai correndo... Kracht também sai, vai buscar o rum... o *feldgendarme* não quer ficar... ***nein!... nein!*** de modo algum?... nem sequer para provar o nosso café sintético, quentinho... nem pelo gole de rum que deve chegar... ***nein!...*** *dienst! dienst!* serviço! tinha de trazer o *Revizor,* já o fizera!... não muito em forma, mas era ele mesmo!... agora, tem outras urgências!... primeiro, ir a Moorsburg e dar parte! e depois procurar outros... muitos outros!... pergunto-lhe se são muitos... eu aludo ao grupo, à sua legião...

"*Nein!... nein!... allein!* sozinho!"

É verdade, eu não vira outros *feldgendarmes*... ele tinha de correr um bocado!... *allein! allein!* itinerante! *allein!* via-se que não era criança... devia ser da classe de 10, mais ou menos... tinha mais cabelos brancos do que eu...

"*Gutten tag! lebe wohl!* boa vida!"

Ele vai embora... apertamos as mãos...

De qualquer forma, tinha comido um pouco lá no nosso buraco... volto atrás... o que os outros teriam feito com o que tinham apanhado? eu os vira, cada um trouxera um pedaço... nunca soube... eu também agora preciso fazer uma coisa com urgência... ferver a minha seringa... aonde eu iria?... ali defronte, à fazenda... ou ao estábulo, pedir a Léonard... ele tinha um fogareiro, tipo *Primus*... ou então ao quarto da Kretzer... eu iria aonde fosse preciso falar menos, explicar, contar... as explicações são chatíssimas!... ora, justamente agora, estou explicando a vocês... mas é preciso!... e mais mil páginas! se eu fosse rico, não explicaria nada!... não haveria contrato, nem Achille... eu tiraria férias que passaria à beira-mar... cansado, ofegante... todo mundo teria pena de mim...

E então?... para falar menos?... acho melhor a fazenda, com os mujiques, não nos entendemos...

Ora, o guarda volta!... torna a apertar-nos as mãos, com força!... arrependeu-se do "adeus" muito seco... e disse também *heil! heil!* que esquecera antes!...

Agora, vai embora... eu fico só com La Vigue... e os dois, deitados de costas...

"Ora essa!... você acha? acha mesmo?"

La Vigue pergunta-me... envesga um pouco... queria também que eu lhe explicasse... eu prefiro que ele se cale... meus dois clientes respiram com dificuldade... eu percebo... num ritmo desigual... eu ia auscultá-los daí a pouco... não me sinto com forças... La Vigue pergunta-me se estou com frio...

"Olhe a planície!

— Ora! você sabe!

— Você está vendo alguma coisa?

— Não!... nada!

— Então, está bem!... mas cuidado!"

Eu quero que ele faça alguma coisa... eu, que estou contando a história, também poderia calar-me... daqui, da minha janela, não tenho mais a planície à minha frente... nem Zornhof... nem Moorsburg... nem os dois velhos... por onde andará tudo isso?... e o *Apotheke?*... e o Fontane, de sobrecasaca, na sua estátua de bronze? e Kracht... e a velha na sua torre? e a pequena Cillie?... ninguém sabe... só por falarmos nisso já nos olham de um jeito esquisito... bem feito, quem mandou ver coisas, gente, terras, gansos que nunca deviam ter existido?... uma pessoa de tato nem mencionaria nada disso...

Os corvos são raros por aqui... as gaivotas, numerosas! planam! no alto do céu!... quando vêm as primeiras tempestades!... as de lá vinham de Warnemünde... aqui, elas devem vir de Dieppe... é o que dizem... já diziam isso antes... e de bem mais longe...

*

É claro que, mesmo resumindo muito, eu já exigi muito de você... leitor paciente, é verdade, quase atento, amigo ou inimigo, você está chegando perto da milésima página, não agüenta mais... tropeçando por minha culpa!... aqui, ali... de uma palavra... a outra... no longo trajeto deste castigo... você parou por causa de um "merda"... como você ficou satisfeito!... com os diabos!... Théodule Ribot afirma: "o homem só vê aquilo que ele olha e ele só olha aquilo que já tem na mente"... de Ribot, a conclusão é que a cachola do leitor não passa de uma bosta, o caminho é curto e corre para baixo... repugnante vingança!... principalmente para com um autor como eu, desprezado ao máxi-

mo, por tantos plagiadores, invejosos de todos os tipos, facções, direita, esquerda ou centro... denunciado como monstro inimigo do homem, traidor de tudo, de Cousteau condenado à morte, a Madeleine Jacob, musa dos ossários, do *Huma* ao *Echo du Pape*... é raríssimo os homens se entenderem... principalmente os franceses... observemos, observe você, eles não concordam nunca a respeito dos méritos, virtudes ou crimes, de ninguém!... de quem quer que seja!... mesmo completamente bêbados, se arrastando pelo chão, vomitando... seja sobre Landru, Petiot, Clemenceau, Poincaré, Pétain, Guilherme II, Mistinguett, De Gaulle, Dreyfus, Déroulède, Bougrat... controvérsias dialéticas, um não acabar mais de adulações!... o pequeno êxito da minha existência foi ter realizado, apesar de tudo, a proeza de que todos estejam de acordo, por um momento, a direita, a esquerda, o centro, as sacristias, as lojas, as células, os ossários, o conde de Paris, Joséphine, minha tia Odile, Kroukroubezeff, o abade Poupança, em que eu sou a pior merda que existe na terra! de Dunkerque a Tamanrasset, da U.R.S.S. aos E.U.A.... todos esses pretensos filmes de horror não me chegam nem aos pés!... ora!... realmente, para mim nada é impossível! já esvaziei o cálice da amargura! vou levá-lo de novo à Prússia onde o deixei plantado, leitor... voltemos à minha história tão pouco agradável!... à crônica daqueles espaços cobertos de lama e choupanas... aos pequenos feitos, gestos e medos de toda aquela gente desaparecida... como?... onde? daqueles povoados?...

Agora, as coisas sérias!... a minha seringa... as minhas seringas? talvez eu devesse fervê-las...

"Venha cá, La Vigue!"

Precisamos atravessar o parque... já está escuro... o pátio da fazenda... eu bato à porta da cozinha... e à da escada... com força... nada!... silêncio... ora!... eles não querem responder... paciência!... vamos ao estábulo!... estão lá, com certeza!... os dois!... sim!... as vozes deles!... "olá!"... não se vêem as cabeças... eles não têm vela... isto é, não a acenderam... falam conosco, não podemos ouvi-los bem, por causa dos porcos... estes estão fazendo um verdadeiro concerto!... de fome?... de medo?... grunhem!... como se fossem mil... Léonard quer mesmo falar comigo, cochicha-me ao ouvido:

"Você se lembrou de nós?

— Lembrei-me sim! claro!

— E então?

— Então o quê?

— Não basta só se lembrar de nós!"

Acho-o grosseiro... eu devia ter-lhes trazido isso... e aquilo!... mas não tinha tido tempo!...

"Vamos dizer-lhe também alguma coisa..."

O que seria?... os porcos grunhem cada vez mais... pergunto o que é, mostro-me interessado...

"Não se trata de porcos e sim de se lembrar de nós antes que seja tarde!"

É quase ameaçador...

"Não têm uma vela?... nem um 'Primus'?"

Eu sei que eles têm...

"Não!

— Eu queria ferver a minha seringa.

— Pra quê?

— Para tratar do velho von Leiden... e do *Revizor*... nós os encontramos na planície!...

— Já sabemos!... com o guarda!... eles que batam a bota!... e nós?... ninguém pensa em nós?...

— Claro que sim! e como prova eu vou lhes trazer o necessário!

— Quando?

— Já, já! já voltamos! mas primeiro tenho de ferver as seringas... só isso!... e dez minutos!"

Ah, como são teimosos!... eu não os vejo... continuam cochichando... de nós, claro!... se vão ou não... afinal, resolvem... Joseph vai buscar o "Primus"... bem lá no fundo.. aqui está o fogareiro... dá umas bombadas... e mais outras... e acende... um pouco de água...

"Dez minutos!

Eu dou as ordens...

"Dez, não dois! esperem a nossa volta!..."

O "Primus" dá uma certa claridade... eu posso ver os dois... fico a olhá-los, não há mais necessidade de cochichos... Joseph me pergunta:

"Eles não estão bem?

— Não, nada bem!

— Traga o rum, o gim e o pernô... tudo o que achar! e todos os charutos!

— Por quê?

— Harras vai voltar!"

Eles sabem cada coisa!

"Está bem!

— Vamos pensar em vocês!"

Como podem aqueles patifes pensar em nós?... não pode ser coisa boa!... afinal, conversa vai, conversa vem, as seringas fervem... não são dez minutos, mas uns cinco pelo menos, devem bastar!... acho melhor levá-las comigo...

"Esperem por nós!... já voltamos!... vou lhes trazer a panela de volta!..."

Passamos pelo pátio... e depois pela alameda, debaixo das árvores... La Vigue me pergunta:

"O que é que você acha?

— Nada!"

Está menos escuro do que no estábulo, as nuvens lançam um pouco de claridade... rosa... e verde pálido... seria bonito numa festa... chegamos ao peristilo... e ao salão... e logo, o óleo canforado!... duas ampolas para cada um...

"Lili, a vela!"

Ela estava à nossa espera... tinha todo o necessário... ou quase... minha caixa de ampolas... mas não tinha álcool nem algodão... depressa, dois centímetros cúbicos em cada um... não melhoraram nada... mas estão respirando!... parecem ter um pouco de febre... eu deveria ter comprado um termômetro em Moorsburg... deveria ter feito muita coisa em Moorsburg!... "eles estão com fome?" pergunto a Lili... não, nem um pouco!... eles vomitaram... ah?... a carne?... a água? é possível! e ainda poderiam vomitar de novo... mais tarde veríamos, temos a noite inteira... nessa hora o principal é remexer no armário, tirar a bebida e os charutos... enfim, obedecer àqueles dois do estábulo, empanturrá-los!... aqueles tipos de dar medo... mas era preciso!... o que é que eles teriam a dizer?

"La Vigue, apanhe um saco lá embaixo!...

— Que saco?

— Um saco de beterrabas! grande! vazio!

— O que é que você vai botar dentro?

— Tudo!... ande logo!"

Ele acaba indo...

"Você, Lili, suba à biblioteca da herdeira... traga uma geografia!... uma grande, com mapas!... um mapa da Dinamarca principalmente! ande logo!"

Lili nunca demora para nada... só que ela vai me perguntar o que eu quero na Dinamarca... eu lhe digo que se cale, ela se calará... La Vigue volta com dois sacos, enormes... fizera bem!... eu quero regalar aqueles nossos brutamontes fingidos de uma vez por todas, que caíam de bêbados: *plaft!*... que botem as tripas pra fora de tanto vomitar, como os velhos!... eu pressinto que eles sabem alguma coisa... e naquele momento, só pode ser um pequeno estratagema... veremos! aqueles dois "mais do que suspeitos" sabiam melhor do que eu o que estava no fundo... eu nunca revistara realmente o armário, só apanhara, dia após dia, os maços de Lucky... e não eram para nós!... oh, tinha tirado, no total, uns cinco ou seis pacotes...

"La Vigue!... levante!"

Mostro-lhe a tábua do fundo... ele força... empurra... então vimos!... como tem!... para anos!... pacotes e caixas!... Harras não tinha se virado tanto, e voado tantas vezes, por pouco!... e embaixo?... o que há embaixo? os nossos dois secretas sabiam! uma cesta de garrafas de champanhe!... não vamos levar tudo para eles!... uma caixa de pernô... sim... charutos! a parte de baixo todinha coberta de caixas de havanas!... e lá no fundo, caixotes de sardinhas!... cheio!... e latas de caviar... e presuntos! nós não tínhamos visto nada! mas eles sabiam! um verdadeiro armário de Ali Babá!... nós mal tínhamos tocado na superfície... e não fora para nós!... para nós?... *nichts! nix!*... era o caso de dizer!... tudo para Kracht e sob coação!... se nos perguntassem... uns poucos *Navy Cut* para a cozinha dos Bibel... eu admito... se é preciso confessar tudo!

La Vigue me acha biruta...

"Você vai levar tudo isso pra eles?"...

Está me vendo encher o saco...

"Não, ainda vou deixar muito!"

Deixo três quartos do armário... pelo menos!... o estoque é grande!... mas, primeiro, o caso urgente!... servir os nossos

gulosos!... sinto que eles são perigosos... no começo não achava mas agora eu os vejo metidos em alguma coisa...

"Upa! vamos lá!"

Cada um com um saco cheio... eu só pego uma bengala... indo devagar, ia dar certo... mesmo no escuro... às apalpadelas... o caminho debaixo das árvores, a vereda... vejo uma luz de vela... no carro dos ciganos, à direita... nada nas isbás?... lá em cima, no céu, continua o *vrrrr* das "fortalezas"... e os longos fachos nas nuvens... os holofotes... e longe, bem longe, os incêndios... cor-de-rosa... não é mais Berlim, a cidade não deve existir mais... mesmo que o ataque fosse sobre as crateras!... dispenso o leitor dos *bruuuum* e dos *vrang!*... e das folhas e das árvores estremecendo, de tudo!... você já sabe... não parou de estrondar e tremer durante seis ou oito meses... de dia... de noite... estou dizendo as folhas... mas as pedras também... o pátio... a esterqueira... o estábulo...

"São vocês?

— Somos!... trouxemos tudo!"

Aviso logo para não perdermos tempo.

"Traga a vela!"

Uma pequenininha... fósforos...

Eles vêem o que trouxemos... não é pouco!

"Ah, puxa!... puxa vida!"

Eles sabiam que havia muita coisa... mas não tanto!... champanhe!... vinho do porto!... patê!... absinto!

"E não é só isso! Tem mais!

— Ah, com licença! com licença!"

Tiram tudo dos sacos!... uma mostra e tanto!... olham para as garrafas, para os rótulos...

"E não acabou!... ainda está cheio!... hem, La Vigue?

— Está sim!... um outro armário!"

Ele exagera...

"Ah! puxa!... puxa vida!"

É mais do que eles podiam imaginar... sentam-se... Léonard pega o outro pelo pescoço... balançam, assim, de um lado para o outro... radiantes...

"Ah, mas é demais!"

Não acreditam no que vêem...

"O que é que vocês acham?"

Cada pergunta!

"É mesmo absinto do bom?"

Léonard não quer ser tapeado...

"Setenta graus! vocês não sabem ler?... merda!

— Claro!... claro!... nós sabemos ler! vocês dizem que há mais?"

Léonard não quer me ofender.

"Vocês querem que a gente traga mais?"

Falávamos no escuro com a vela apagada...

"Tragam sim!... mas não nos chamem... saberemos que são vocês... joguem tudo ali!..."

O monte de palha à esquerda...

Ainda estão desconfiados... eu também, ora!... eles que levassem a breca!

"Vocês vão trazer mais?

— Claro!"

Ouço o outro remexendo no bolso, é Joseph... está procurando um saca-rolhas...

"Vou abrir!"

Ploft! abriu!... *hum!* prova!

"É do bom?

— É!... legítimo!"

Já era hora de ir embora!... o outro, Léonard, está provando... *hum!*

"Agora, Léonard, conte logo!... há um segredo, não é?... nós já esperamos bastante!... chega de artimanhas!"

Acho que é hora de atacar...

"Conte logo!

— Você compreende, não é só isso... nós também vamos partir..."

Ah, então é isso!

"Você e Joseph?

— Vamos!"

Em que direção?... afinal, isso é da conta deles! querem beber tudo e fumar tudo... antes de ir embora?... é isso?... não, não é!... eles querem levar as garrafas!... como e para onde?... com um carrinho de mão?... é problema deles!... mas e nós, o que temos a ver com isso?... trazer-lhes sacos de pernô?

"Escutem aqui, vocês dois!... vocês três!... não deixem suas esposas no castelo... amanhã à noite, o pessoal do carro-reboque vai representar uma comédia para o *Landrat* e os von Leiden...

— Pensei que tinha sido suspensa...

— Mentira!... toda a aldeia virá!... Kracht também!... uma contra-ordem de Berlim!... estarão todos lá!....

— Berlim?

— Sim!... isso mesmo!... não se afastem de Kracht!... será na serraria dos *bibelforscher*... vocês conhecem... no *Tanzhalle*... vocês três têm de ser vistos lá... os três! e não saiam antes do fim!... antes do fim, não!... era isso o que tínhamos para lhes dizer!

— Pensei que tivessem adiado...

— Não! é amanhã à noite!... não saiam de perto de Kracht... e agora, voltem para os seus cômodos!... não terão tempo de voltar... os ciganos viram vocês com certeza!... eles vêem tudo!... não voltem!... amanhã, de passagem, quando forem apanhar as tigelas, ponham uma caixa na calça...

— De quê?

— De charutos, primeiro!... joguem longe!... não faz barulho!... do lado esquerdo!

— Só charutos?

— Só, por enquanto... depois veremos... vocês não falam?

— Não!... nunca!"

A prova disso é que eu não dou os nomes deles... eu poderia... os verdadeiros... já faz tanto tempo...

Mas é nisto que eu sou bom: memória, discrição...

*

Eu pensava que eles iam falar da nossa expedição, etc.... que nós tínhamos encontrado o velho... e o *Revizor*... que eles falariam tanto que eu os mandaria fechar a boca... "chega!... nem uma palavra mais!"... nem à mesa, na *mahlzeit*, nem na serraria, nem o sargento maneta, nem os *bibelforscher*... silêncio total!... nem a Kretzer no seu quarto... como se não tivesse acontecido nada... e a Kretzer, aquela megera, uma fúria para as fofocas... zero!... sem dúvida, eles estão agindo assim de propósito, nenhuma alusão... ninguém me pergunta se

os dois estavam melhor, como tinham passado a noite... e até a herdeira, na sua torre, ela que era tão carinhosa, que parecia querer bem ao irmão, tinha dado os cobertores mas não tinha descido para vê-lo... não!... sobre o *Revizor* também não, ninguém perguntara nada, se havia esperanças de que ele se restabelecesse... os Kretzer, que eram os primeiros interessados, já que ele vinha examinar as contas deles, todos os registros da *Dienstelle,* poderiam ter tido um pouquinho de curiosidade... não! nem uma palavra!... ela que era tão histérica, que vivia espionando, escutando!... deixavam-nos os três, Lili, La Vigue e eu, sozinhos com os nossos enfermos, tínhamos que nos arranjar!... Kracht, é preciso reconhecer, mostrava-se um pouco mais preocupado... sabia que logo me faltaria óleo canforado... não havia mais na Alemanha, nem na farmácia de Athias, em Moorsburg, nem em Berlim, mas ele tinha cardiazol na sua farmácia pessoal... o cardiazol é meio perigoso, é um tônico do coração, realmente, mas violento... enfim, se acabasse o óleo, o cardiazol seria melhor do que nada... fornecido por Kracht?... eu podia ainda duvidar... mas, ora!... só havia dúvidas por todos os lados, então?... preparo a solução, a seringa e injeto nos dois... um tão abatido quanto o outro... estão na pior, pode-se dizer... aquelas putas loucas teriam acabado com eles se nós não tivéssemos chegado com o tira... mas eles ainda estavam muito mal... quebrados por todos os lados... cabeça, pernas, tórax... eu bem que via o sangue escorrendo... mas de que adiantaria apalpá-los, fazê-los sofrer... o máximo que eu podia fazer era manter-lhes o coração batendo... já era alguma coisa... cardiazol... o de Kracht... em pequenas doses... primeira injeção... ausculto-os... não houve nada... podemos ir buscar as tigelas, ficar sabendo o que há de novo por lá... se é mesmo verdade que vai haver a representação, o festival cigano... se estão preparando a sala...

"Adiante, La Vigue!... você, Lili, fique aqui, não vamos demorar! não vá a parte alguma, não saia daqui... olhe, escute se eles respiram bem, os dois... se ouvir que estão ofegantes ou que estão chamando... vá correndo me chamar!... você sabe onde, no *Tanzhalle!"*

Fomos!... no parque, ninguém!... na estrada, algumas donas-de-casa... conversando... elas nos conhecem mas não olham

para nós... os gansos também nos conhecem... estão esgravatando o fundo dos seus charcos, remexendo no lodo, nem sequer sobem mais até a estrada para nos injuriar, não batem mais as asas, indiferença total... passamos... chegamos ao *Tanzhalle*... depressa, vamos encher as tigelas!... pergunto ao sargento cozinheiro: "estão se preparando para amanhã?"... eu devia ter desconfiado!... está cheio de *bibelforscher* lá dentro e eles não estão brincando!... em plena função!... todos tirando caixotes numa barulheira de ferramentas, fresadoras... e limpando, varrendo! e o que há de lixo! há anos que a sujeira está se amontoando pelos cantos, anos também que não se dançava mais... o *Tanzhalle* tinha servido de tudo, de quartel, de intendência, de *stand* de tiro, de serraria, de jogo de bocha... eles iam precisar pelo menos de dois dias só para a poeira assentar...

"Vão estar prontos amanhã?

— Amanhã?... nem pensar! esta noite!"

Tudo bem... como eles quisessem!... observo que não disseram uma palavra nem do *Revizor* nem do ulano von Leiden... mas eles sabem, é evidente!... não sou eu que vou tocar no assunto! fomos embora... "*guten tag!* adeus!"... tornamos a passar pelas donas-de-casa... com as mesmas caras, olhando para outro lado... nem olham para nós... ao castelo, para ver os nossos triturados e já! não pioraram... mas deveriam ter voltado a si, e isso não acontecera... estão desacordados mas o cardiazol deveria, pelo menos, ter feito com que abrissem os olhos... ou se virassem na cama... pergunto a Lili... não!... tinham molhado a cama e era só... beberam uma colher de água... mas não quiseram comer... eu tento, ofereço-lhes um pouco de sopa... não! não querem... eu não posso dizer que seja má vontade!... é falta de apetite... a solução é esperar!... nós temos o que fazer, não são só eles!... malucos teimosos! a nossa *mahlzeit, heil!*... e, antes, o estábulo, os nossos espertalhões de dar medo, os nossos piratas de araque... puta merda, quanta atividade!... quando eu comparo o que sou agora, quase tão acabado quanto o velho von Leiden, ulano de merda, penso: como foi rápido!... como a vida foi dura comigo!... talvez tivesse sido bem pior em Büchenwald ou em Montrouge... mas o resto ainda está para ser contado!...

Por enquanto, os charutos!... duas caixas para cada um, dos compridos, de Cuba, não temos dificuldade em ajeitá-las por trás dos cintos, não engordamos... La Vigue usa uma calça de pernas afuniladas à gaulesa, estaria na moda agora... a minha é bem larga, de veludo cotelê, de antes de 14, estilo cavouqueiro-artista... mas perdi a parte de baixo arrastando-me entre as beterrabas... consigo colocar três caixas no cinto... La Vigue também, mas bastam duas... chegamos ao estábulo... jogo todas as nossas caixas na direção do lugar que eles tinham me mostrado, bem no fundo, por cima dos porcos... os porcos não grunhem, estão dormindo... os gansos também, ao longo da esterqueira... aquilo nunca fora tão tranqüilo... pronto! já lançamos os nossos havanas, agora é a hora da *mahlzeit!*... vamos saber de alguma coisa!... ou então ninguém vai aparecer para a bóia, de propósito!... mas nós tínhamos trazido o ulano... e o *Revizor!* devia haver muito o que comentar!... tínhamos posto em debandada as cem putas loucas... que estavam prontas para comer os dois coitados... os três!... estou incluindo Bleuette... e como tudo aquilo fora abominável, exaustivo, perigoso... não esperávamos reconhecimento nem efusões, não!... mas pelo menos uma palavra: parabéns!...

Neres!

No cabide, como de costume, encho o coldre de *Lucky, Navy* e três havanas... eu quero agradar Kracht! eu darei também às comadres no caminho da sopa, só para vê-las menos sérias!... e a todos os mujiques... e aos porcos!... para que não sobre nada no armário!... já que o *Reichsgesundt* não dá bola para os nossos mil problemas, em Portugal ou no diabo!... Ora, coragem!... avante!... os Lucky!... esvaziamos os bolsos!... e agora à sopa!... espero que me peçam notícias... como vão os nossos dois feridos?... e as nossas aventuras na planície?... como tínhamos conseguido nos safar?... não me perguntam nada... falam de tudo, menos disso... ninharias do trabalho, que perderam um recibo... que está faltando um carimbo... que a sopa com cominho é melhor... entretanto, o *Revizor* deveria interessá-los, é ele que fiscaliza os registros deles... mas nada!... arrisco: "ele está melhor!"... ninguém responde, abaixam os narizes... não querem saber de nada e pronto!... o caso do *Rittmeister* é mais fácil de entender, aquela fuga de doido... o

galope pela planície com o sabre desembainhado... mas o *Revizor,* enviado pelo Reich, tinha se comportado de modo impecável, não havia nada a censurar nele! vítima das pequenas estações e das sifilíticas loucas... eu esperava que *Frau* Kretzer, restabelecida de sua crise, descesse para a *mahlzeit,* aquela era batuta nos mexericos, ia dizer uma porção de besteiras... sondei-a... provoquei-a...

"Eles estão bem melhor!... os dois!"

Ela também não ouve! e é ela quem me faz uma pergunta... que não tem nada a ver com os dois velhotes...

"O senhor vai também, doutor?

— Aonde?

— À festa dos ciganos!

— Oh, claro!... eu, minha mulher e meu amigo! e meu gato!"

É uma pequena manobra... eu quero acabar com isso, para eles ficarem sabendo logo!... e ela, antes de todos, aquela gralha palradeira... e para que repetissem!... que estaremos... todos, no *Tanzhalle!*... nenhum de nós ficará no castelo!... iremos todos ver os ciganos!... os três!... e acrescento:

"Vamos pedir para nos lerem a sorte! eu acredito nisso!... a senhora também, *Frau* Kretzer?

— Claro! certamente, doutor!"

Ah, que engraçado!... mas não tanto! não tanto... onde é que eu quero chegar? ataco Kracht...

"Com o senhor, não é, meu caro?

— Certamente!... sem dúvida, doutor!"

Ele não pode dizer que não... deixei a mesa inteira constrangida com as minhas histórias da planície e dos dois pirados, as minhas notícias sobre a saúde deles... não devia ter falado deles... ali, todos com o nariz nos pratos, sabiam alguma coisa, e principalmente que não se deve dizer nada de tudo o que é mais ou menos militar... eu sei o mais importante, que não me desgrudaria de Kracht, o que saberia Léonard?... sobre quem?... sobre a volta de Harras?... é duvidoso, penso, mentirosos como são aqueles dois apaches de vela na mão... bem, veremos... em todo caso, no *Tanzhalle* não dizem nada... e, com certeza, estão por dentro... não só do festival cigano, da festa, do "Moral pela Alegria", programa Göbbels... na granja também não dizem nada... e Marie-Thérèse não desceu para nos visitar... eu pedi

que viesse ver o irmão... mas nada!... e, por falar nela, cadê a geografia?... Lili achou uma, esplêndida, trouxe-a para o salão, eu posso folheá-la à vontade... vou lá, é mesmo um bom trabalho, todo o Brandemburgo, Schleswig... as costas, os portos, as profundidades do mar... exatamente o que eu estava procurando... mas voltemos à sopa!... à sopa! a Kretzer serve-nos duas conchas a cada um... a "Força pela Alegria"!... eu me sinto bem indisciplinado... repito... recomeço... os mesmos erros!... ela começa a rir... aquele riso dela... de hiena velha, profundo, gordo... de fera!... mas não repete aquele número antigo, dos desaforos para o quadro, o tremendo retrato!... não temos mais direito à grande crise... penso: "aí vem coisa... é melhor não ficar aqui, vão acabar dizendo que somos nós os culpados!"... *heil! heil!* de pé e vamos cuidar dos nossos caros doentes... no salão!... as duas macas... o *Revizor* está um pouco melhor e pode até me dizer alguma coisa... aproximo-me... "sabe, ele parou de respirar!..." o *Rittmeister,* o vizinho... ausculto-o... sim, respira, mas aos trancos... o coração fraco e descompassado... hesito em dar-lhe uma injeção... é melhor esperar...

"Ele deve estar com o crânio partido, o senhor não acha? elas bateram com muita força na cabeça dele!... duas vezes por dia!... eram dez!... vinte!..."

Ele, o *Revizor,* está bem melhor, prova disso é o interesse que tem pelo que está acontecendo...

"Por que essa mulher está rindo?"

É *Frau* Kretzer que ele está ouvindo... rir!... rir!... através de uma... duas... três paredes...

"É a mulher do contador-chefe, está rindo por causa da "Força pela Alegria"!

— Ah, o contador-chefe...

Fica pensando... a ele eu não darei mais cardiazol... diz que está sentindo dor na perna... olho... o perôneo... uma fratura... não posso fazer nada...

"*Herr Revizor,* fique quieto, não se mexa... daqui a alguns dias, veremos..."

Palavras de consolo...

Acho que ele é um homem sério, não é um louco como o outro, o ulano pronto para libertar Berlim e reduzir os cossacos a pó... este é um velho grisalho, um funcionário pontual, e só! vinha

ver as contas... e caíra nas garras daquelas putas furiosas... elas não o tinham cortado em pedacinhos, mas a intenção fora essa... oh, ele se dava conta!...

"O senhor é francês?

— Sou! sou sim!

— É refugiado!

— Certamente!

— Falaram-me do senhor em Berlim..."

Eu não quero cansá-lo... quero que ele durma...

"Amanhã conversamos!"

Lá fora continua tudo na mesma, o vaivém das "fortalezas"... persistentes... e *bruuuum!*... a outra, a hiena Kretzer, não pára mais... quer que a ouçamos, sabe que a estamos escutando... *Ach! ach! bruuuum!* as bombas dão-lhe uns acessos de riso!... podem ser ouvidos através de duas ou três paredes, como eu já disse... mas, pelo menos, por causa dos nossos esfolados ofegantes, eles nos deixam em paz... nem tanto!... nem tanto! de repente, uma gargalhada geral! todo mundo, subitamente, se torce de riso! lá embaixo!

Mas nós fomos tratar da vida!

"Lili, a geografia!"

Que tamanho!... que peso!... ela mal pode trazê-la...

"E a vela!... e um lápis!

— O que é que você vai fazer?

— Você vai ver!"

É bastante simples! eu vou copiar como na escola... na escola é ainda mais simples... faz-se um decalque... aqui, eu vou riscar com muita atenção... poderia rasgar a página... é verdade... duas páginas até!... todo o Brandemburgo Sul... Norte... o litoral... as cidades... os trilhos... todo o Mecklembourg e Schleswig... Rostock principalmente!... Warnemünde, o porto... e a Dinamarca, em frente!... eu poderia recortar... ela não deve folhear muito essa geografia!... mas mesmo assim, talvez... nunca se sabe... acho melhor copiar... eu teria mais conforto no outro salão, ao fundo, uma mesa maior... ao lado... levamos tudo... abrimos o livro sobre a mesa... e eu, mãos à obra...

O pessoal da *mahlzeit* continua às gargalhadas... podemos ouvi-las... a nosso respeito?... com certeza!... e daí?... o

importantes são os nomes, eu tenho de soletrá-los bem... Nordenborg e não Nordborg... o porto de chegada da Dinamarca... o navio de Rostock... eu conheço a linha, já a tomara em tempo de paz... Copenhague—Berlim... mas e agora?... talvez não passem mais por lá... Lili olha para a minha aplicação... não faz perguntas... La Vigue, sentado no divã, em frente a mim, também não me faz perguntas mas não pára de comentar, depois de cada *bruuuum* sobre Berlim... diz "errou!"... "errou!"... ele não sabe se é erro ou não! podem nos atingir!... em todo caso, depois de cada pancada, ele revira os olhos... ali sentado... baixa a cabeça... levanta!... *bruuuum!* "errou!"... não se podia pensar em dormir... eu tinha de ir ver os meus dois estouvados... e ainda caprichar nos mapas... principalmente quanto às pequenas ilhas do sul do Báltico... La Vigue não pára com suas observações "errou!... errou!"... e pede-me a vela!... que topete!... só temos uma!...

"Robert! Robert! fique quieto!...

— E os outros, você não os está ouvindo?"

Refere-se à sala de jantar... às gargalhadas...

"É de nós que estão rindo! idiota!

— E os velhos? por acaso estão chorando?"

É melhor eu me calar... não íamos acabar nunca...

*

"Olhe aqui, Ferdine, olhe só a minha testa!"

La Vigue pede-me... devem ser cinco horas... não se pode dizer que dormimos... eles, talvez... devo ter soprado a vela lá pelas duas... três horas... tive tempo de copiar os mapas... o que é que ele tem na testa?... acendo a vela... examino a testa dele... nada!... talvez um pouco vermelha perto de uma das têmporas... uma marca de dedo...

"Onde é que você se machucou assim?

— Não fui eu!... as pessoas!

— Que pessoas? eu as teria visto! não veio ninguém aqui!

— Mas eu as vi... você nunca vê nada!"

Voltou a mania dele, das aparições...

"Você está tendo visões, meu filho?

— Não estou tendo visões, eu vi!"

Eu nunca sei se é mentira ou se ele acredita mesmo... se é sua mania de blefar... ou se é mesmo vítima... em todo caso, não seria bom eu contradizê-lo... quebraria tudo... deixo que ele me espante... eu digo: ah?... ah?... ele conta-me que, enquanto dormíamos, Léonard e o outro entraram ali no salão, com o gigante russo, Nicolas... remexeram em tudo, as cômodas, o armário e roubaram uma porção de garrafas... e fugiram... mas ele ficou na frente deles!... sim! houve uma luta e dela resultaram aquelas marcas vermelhas na testa dele...

"Sim, sim, La Vigue! eu estou vendo!"

Olho bem para ele, está doente... quero dizer, muito nervoso...

"Escute, Ferdine, eu estou sonhando!... não me perturbe!... você também vai chegar lá, como eu!... Lili também! Bébert também!... todos os quatro sonhando!... não é bonito?

— É sim!... é! uma beleza! eu vou ver o armário!"

Realmente, mexeram ali... mas quem?... não deve ter sido Léonard nem Joseph... foram outras visitas... mas quais?... Léonard e Joseph não se arriscariam... acho que não... eles preferiam que nós fôssemos... La Vigue, só de contar essa luta noturna, treme... está em "estado de palco"... revira os olhos como em seu último filme... e até mais, parece-me... em geral é ao amanhecer que ele tem o seu acesso...

"O sonho, Ferdinand!... o sonho! vou levar todos comigo!... você vai ver com outros olhos!... tudo, você vai ver!...

— Ora, eu quero sim, La Vigue!... vai ser uma beleza!"

Era preciso! quero dizer, quanto a divagar!... é o jeito dele... não se pode discutir!... aconteceram certas coisas... mas quais?... eu nunca saberia!... ele se acalmaria lá fora, ao ar livre... devia estar fazendo bastante frio lá fora...

"Sabe, Ferdine, eu contei os *bruuuum!*... sabe quantos houve?

— Não? Quantos?

— Dois mil duzentos e oitenta e sete!... não foram menos!

— Não! claro!

— Pois bem!... eu me enganei! três mil quatrocentos e noventa e dois!...

— É um número e tanto!"

Já estamos fora... está fazendo frio... eu estava vendo, ele não estava melhor, estava envesgando mais ainda...

"Escute, vamos à granja?"

Eu quero que ele se mexa...

"Pra quê?

— Para ver se há alguma novidade... você sabe, isso pode acontecer!...

— Então dê-me o braço, não me solte!"

Eu mesmo não estava muito firme...

"Por quê?

— Porque você entende, eu estou feliz!... eu sei quantos caíram!..."

Ele a segurar-me ali, durante horas, me contando o número, os números, eu prefiro ir em frente... mas nós não olhamos os velhos... antes de sair!... voltamos atrás... eles estão quietos... pelo menos, parece-me... estão dormindo... aos sobressaltos, diria eu... respiram também aos solavancos... as fraturas devem despertá-los... e voltavam a cair no sono...

"Lili, leve os Atlas lá para cima... e pergunte à velha se ela vai descer? e se vai à festa?

— Vocês vão demorar?

— Não... o tempo de ir e voltar!...

— Pra quê?

— Pra ver se eles foram embora!...

— É... você tem razão..."

Eu não solto La Vigue... ele está estranho, tenho que admitir... mais do que de costume... diz frases entrecortadas... conta os ecos... se antes já tinha tantos cacoetes, agora está um verdadeiro autômato... "estado de sonho", disse ele... que estado!... já que estamos falando nisso, eu também!... Lili também!... veremos!... mas ele, La Vigue, com aqueles sonhos, é de preocupar... mas vamos ver Léonard... eu não acredito que eles vieram, ele, Joseph e o mujique... repito o que já disse... é evidente que mexeram no armário... mas quem?... e as marcas na testa de La Vigue?... ele talvez tenha batido em algum lugar... não é grave... ele disse que quis impedi-los... eu não posso fazer nada pelos dois escapados por um triz... gemem um pouco... quando eu voltar, darei uma injeção neles e eles dormirão... afinal, saímos... o parque... La Vigue não pára de resmungar...

"como estou feliz!" e de me perguntar "você não está feliz também?..." eu o tranqüilizo... "estou, sim!"... chegamos à cozinha... eu bato, bato!... ninguém! na escada de Isis também não há ninguém! rodeamos a esterqueira... nos estábulos, chamo os dois... nada!... só os cento e poucos porcos... grunhindo... os nossos malandros talvez estejam lá no fundo... não querem responder?... meia-volta!... de novo o parque e chegamos ao salão... Lili já está lá... Marie-Thérèse mandou dizer-nos que nós não saíssemos dali, que ela nos traria uns bolinhos e, aproveitando, veria o irmão... La Vigue continua envesgando...

"Pare de envesgar! É só você querer!

— Não!... eu não posso!

— Você continua feliz?

— Continuo!... você também?

— Também!... cabotino!"

Não o ataco mais, ele podia despertar... diz que está sonhando, finge muito bem.... deixo-o... não iremos à *mahlzeit*... resolvo... esperaremos pela noite... eu não quero tornar a ver a Kretzer, ouvir de novo aquele riso dela... não que eu seja tão sensível mas às vezes a histeria provoca dramas... é o que a *frau* quer!... tomaremos a nossa sopa ali no salão... a sessão é às oito horas, eu preciso apanhar Kracht às sete e meia... e não mais arredar pé de perto dele... eu não sei por quê... não sou, nem de longe... como certas pessoas que prevêem, por ondas invisíveis, o que vai acontecer no futuro... de mau ou de bom... melhor do que na borra do café ou nas cartas... nascimentos, menina, menino, prêmio da loteria, atentado, câncer, linha férrea... eu talvez seja um pouco intuitivo mas é só... sou muito cético... mas, nesse caso, eu não duvido, não é para rir... os dois campônios da vela já nos tinham avisado do que devíamos fazer... e eram uns malditos, falsos como Judas!... estamos bem arranjados!... "enquanto esperássemos, não devíamos sair de onde estávamos!" bem!... enquanto isso, mais um pedaço de pão!... é La Vigue que corta... sempre sonhador... nós olhamos para a planície...

"Escute, Ferdine, é inacreditável o quanto eu estou feliz!... você também, não é Lili?... hem, você não acha, meu bem?

— Felicíssima, caro La Vigue! felicíssima!"

Lá em Berlim, o barulho diminuiu um pouco... mas a luz continua nas nuvens... rosa de incêndio e amarelo de enxofre...

"Ah, como estou feliz!"

Ele repete...

"Eu já lhe disse, radiante... somos bem-aventurados!

Quanto a gaivotas, há muitas! em bandos... e mais outras em revoada... planando... abatendo-se... os corvos fogem...

"La Vigue, uma planície como esta... é infinita!

— Infinita?

— Não!... não é infinita!... do Somme ao Ural!..."

Eu quero que ele pense um pouco...

"É, você tem razão!... mas, Ferdine, você é feliz?

É só isso que o preocupa... o tempo passa... raspamos as nossas tigelas... lá na fazenda, penso, o aleijado e a mulher devem estar lendo o futuro... ora bolas!... podíamos ir lá!... bater até derrubar a porta!... afinal, não são só eles, são todos que botam as cartas... as donas-de-casa! com as cortinas fechadas!... os ciganos, virtuoses!... ela, Isis e o seu perneta, tão metidos com as cartas que quase não aparecem!... a dona do armazém é freguesa assídua!... tinha dois ou três baralhos atrás do mel sintético... dá para entender o nervosismo deles mas, e se eles estivessem no nosso lugar! a prova é La Vigue, que na sua maluquice percebe e não ousa mais ver as coisas como são...

"Escute, Lili, a velha lá de cima não está botando as cartas?

— Ora, se está... não pára nunca!..."

Eu sabia...

"É por isso que ela não desceu... não teve tempo!...

— Não podemos chegar atrasados!"

Na *mahlzeit*, disseram que haveria uma pequena ceia na sessão recreativa... mas não é certo!... em todo caso, vamos agarrar o Kracht e não desgrudaremos dele!... eu sou burro e quando empaco... não é sempre, é verdade! ainda me arrependo das vezes em que hesitei...

Ouço passos no vestíbulo... em direção à *mahlzeit*...

Epa! vamos também!

Aliás, estamos na hora... chegamos antes de todo mundo... a mesa está posta... cheia de *butterbrot*... querem nos regalar!... quatro pilhas de sanduíches... de margarina e patê... não está mal!... chegaram os outros!... a coroa velha, a herdeira, a Kretzer e o marido, e todo o pessoal da *Dienstelle*... não falta um!... fico um pouco admirado... todos!... e Kracht!... ele, bem, *"guten tag! heil!"* parece que deixou crescer um pouco o bigode... de novo?... estará usando o bigodinho à Adolf?... não, vejo que ele não fez a barba... prudência?... mau humor?... não faço comentários, não é da minha conta... mas o que é: os dois feridos... se eles batessem a bota na minha ausência, a culpa seria minha... o que eu deveria ter feito e isso e aquilo... ataco diretamente o assunto... em voz alta... para todos me ouvirem...

"Kracht, meu caro amigo... vá à festa?... todo mundo estará lá!... nós também!... mas quero pedir-lhe um favor...

— Diga, doutor...

— No intervalo... haverá intervalos... vou lhe pedir que dê um pulo até aqui comigo para ver os nossos doentes... não quero deixá-los sozinhos por muito tempo... compreendeu bem?

— Mas, claro, doutor!..."

Pronto, está resolvido... ninguém abre o bico, estão atracados com os sanduíches... regalam-se... ainda bem!... Kracht olha o relógio... quase oito horas... já estamos nos preparando há bastante tempo!... ele apanhou suas lanternas elétricas... as *torch*, uma bem grande... como S.S., tem direito às *torch*... então, adiante!... o *Landrat* deve vir presidir... talvez já esteja lá... a "Força pela Alegria" não é um simples *show*, é um espetáculo "em prol da Vitória" sob o alto patrocínio de Göbbels... nós veremos!... eu ficaria muito surpreendido se conseguissem nos divertir... mas não podia fazer cara feia!... aplaudir bastante!... ao mesmo tempo que Kracht!... eu estava preocupado... primeiro, por deixar os dois velhos sem ninguém... mas não posso levá-los!... o intervalo não deve demorar, eu voltarei ali com Kracht, está combinado... então, em frente! o parque de novo, depois a aldeia, as ruazinhas, todos juntos... passamos em frente ao armazém, o *wirtschaft*, a igreja... tropeçamos, cambaleamos mais do que em pleno dia... claro... Kracht poderia iluminar o caminho para nós... mas não quer, tem medo de usar as *torch*... parece que podem ser vistas de muito alto, das nuvens... eu ouço as vozes das datilógrafas à nossa frente... não ouço Isis nem o perneta nem a condessa Tulff-Tcheppe... já devem estar no *Tanzhalle*... deve ser logo ali... Kracht pode-

ria iluminar para nós, acharíamos logo... mas não quer... vamos acabar caindo num charco... e há também os montes de beterrabas... na terra mole... Kracht não quer!... por causa das "fortalezas"... ora, que merda! há muito tempo que elas sabem onde nós estamos, aquelas putas de "fortalezas", se elas não incendeiam esse maldito povoado é porque não querem!... Kracht está maluco!... o *Tanzhalle*... depois do lugar em que as estradas se juntam... sim!... o violão!... ah!... já estão tocando... *Hier! hier!* por aqui! e nos chamam... a porta!... levemente entreaberta! uma lâmpada de soldador diante da porta!... entramos... o barracão todo iluminado!... nos quatro cantos! com gás acetileno!... "a porta! a porta!"... já começam nos dizendo desaforos! e a lâmpada deles? lá fora? aquilo, eles não vêem! paciência, é lá fora, mas nós temos de fechar a porta! todo mundo à vontade, cheio de chucrute! e agora, a sala, eu vejo o palco todo... só vejo isso... esmaecido... quanto ao público, não posso distinguir nada, só nucas de homens e coques... os faróis de acetileno são de uma violência! têm um efeito de preto e branco... cegam a gente... mas dá para ver os ciganos... homens... mulheres... crianças... o velho de cabelos brancos que se interessara tanto por Lili... principalmente por suas castanholas, e seu anel... acho que está toda a tribo, amontoada, as velhas ao fundo, as moças na frente... elas estão se preparando para dançar... um fandango!... uma odalisca gorda está cantando... cigana ou húngara, nada jovem e gorda!... cheia de pneumáticos!... e com braços de homem, uma barriga que dá pelo menos para três fibromas... e cada peitão!... canta uma romança brandemburguesa... é o que me diz Kracht... a voz não é feia, clara, tem o seu encanto... ela levanta a saia... bem alto!... vai dançar também... o velho anuncia: uma seguidilha!... bem alegre!... com os calcanhares!... com os seios!... e como sapateia!... o pátio estremece!... uma mulher dos seus cinqüenta anos... nada feia, até bem bonita... e um temperamento ardente... bem mais fogosa do que as garotas que a rodeiam... as garotas, embora ciganas, têm outras coisas na cabeça... não têm temperamento ardente... absolutamente!... acho que pensam em se casar bem direitinho, cuidar-se, fazer compras, ir ao cabeleireiro, pintar o cabelo de louro, cor de trigo... ter sua casa, serem respeitadas, trabalhar como funcionárias em alguma

repartição, nos correios, vender selos... e não ficar ali gesticulando para uns malucos sem educação! num palco, vê-se tudo, todos os futuros, todos os desejos... o teatro não engana... talvez ainda afanar discretamente alguma coisa nas lojas, só para equilibrar o orçamento... mas só um pouquinho... sem escândalo!... os rapazes também não são mais o que foram seus pais, ciganos trágicos!... dançam uns com os outros, se esfregando, uma *jota* de veados... "vai tudo acabar se acanalhando"... ora bolas!... não é preciso Nietzsche dizer, podia-se ter certeza em Zornhof... a velha peituda ainda acreditava no fogo sagrado, mas a juventude, não... o público não entendia nada mas queria sempre mais... que a velha peituda levantasse as saias ainda mais alto! mais alto! pediam! que ela agarrasse uma daquelas bichas e a beijasse na boca!... *küss! küss!* é o que querem! e exigem!... ela agarra uma... o veado faz uma careta... ela dá-lhe uma bofetada! aquilo sim é que é espetáculo!... a sala grita! hurra! hurra!... casais de rapazes!... casais de moças!... numa esfregação! e a dança continua! que entusiasmo! esse sim é autêntico!... o pessoal é evoluído em Zornhof... encantados! quem diria?... ah. o moral, que golpe! se tinha subido!... e como!... a *Propaganda* não tem do que se queixar! e bem depressa!... os ciganos não sabem só empalhar cadeiras!...

Ah, agora eu estou vendo melhor, meus olhos habituam-se aos projetores... eu distingo certas pessoas no meio daquela gente toda... via tudo esmaecido... reconheço uns e outros... procuro Isis, tento achá-la... e o *Landrat?*... devem estar nos primeiros lugares... não os vejo... a sala está bem arrumada, com bancos e mais bancos... os *bibelforscher* trabalham bem, não fazem artigos de luxo mas coisas sólidas, práticas... há pelo menos trinta fileiras de cadeiras, eu contei... tudo como pronto para um sermão, protestante, digamos... há lugar para toda a aldeia sentar-se... e como batem com os pés!... e bisam a velha e o seu gigolô! e pedem que voltem ao palco, aos gritos!... é verdade que, onde quer que fosse, o espetáculo seria bom!... eu quase sentia entusiasmo... eu ria com eles!... não é hora de fricotes... eu animo...

"Ora, vamos!... e você, Lili!... e você, Kracht!... não está se sentindo bem?"

Acredito na "Força pela Alegria"!... La Vigue está de cara amarrada... ele bem que poderia declamar alguma coisa!... o mau humor faz mal... já estão olhando para nós!...

"É sim! você tem razão!"

Ele percebe... aí começamos... batemos palmas! Kracht também, entusiasmado!... o que me azucrinava era achar o *Landrat*... na certa ele estava ali, no escuro... ou nos lugares de honra... eu só via Isis e a filhinha... continuo procurando... por todos os lados... ah! afinal!... os von Leiden! entre duas mulheres que eu não conheço... a condessa Tulff-Tcheppe um pouco mais atrás, perto de nós, sozinha... a pequena Cillie num outro banco... como propositadamente, eles se colocaram longe uns dos outros... toda a família no auditório... espalhada... mas nenhum deles perto de nós... sem dúvida, fingindo que não nos conhecem!... somos birutas, párias... medida moral e salutar tanto ali na Alemanha como na França... em Moorsburg como em Meudon...

"Não se dar com essa gente! malditos, fedidos, leprosos!..."

Encarando-se pelo outro lado, é até interessante... a condição de pária tem as suas vantagens, não se precisa mais conversar, perder tempo com gentilezas... quando eu vejo De Gaulle visitando Adenau... Adolf e Philippe em Montoire... Carlos V na corte da rainha Elizabeth... que desperdício de salamaleques, de batom e pó-de-arroz, para nada!... o "intocável" não precisa se pintar... um pouco mais de merda, de alto a baixo, é só o que lhe pedem!

Mas voltemos à vaca fria! eu o levo à festa e depois fico aqui, perdido em filosofias!... leitor, você vai dizer que eu estou pouco me importando com você!... não é nada disso! eu estava lhe mostrando a sala... a Kretzer e o marido... e todo o pessoal da *Dienstelle*... já estava começando a me ambientar, a ver uns e outros... os Kretzer estão um pouco atrás de nós... parecem estar se divertindo muito... é a primeira vez que eu os vejo rir... no palco, as coisas estão pegando fogo... as velhas ciganas vêm lá do fundo... passam pelos casais, aproximam-se da ribalta para cantar... o chefe cigano de brincos anuncia:

"O Coro do Danúbio com violão e castanholas!"

Palmas!... tem pelo menos uma hora que a sessão pra levantar o moral começou, e ainda não acabou... pergunto a Kracht:

"E o intervalo?
— Ainda não!
— Então, temos que ir lá!
— Como queira!"

Eu estou pensando nos dois velhos... La Vigue não gostou de termos que sair, resmunga... Lili também não fica nada satisfeita, ela estava esperando as castanholas... saímos bem discretamente... acho que não repararam, estavam acompanhando o *Coro do Danúbio*, a sala inteira, batendo com as mãos e os pés... a "Força pela Alegria"! lá fora está muito frio... seria bom que Kracht iluminasse o caminho... ele tem duas *torch*... só por um segundo!... mas não é preciso, basta o céu... sempre aquele clarão cor-de-rosa... amarelo... nas nuvens... olhando-se bem pode-se ver a estrada... vêem-se os muros... as choupanas... o castelo não é longe... mas justamente naquele instante: *halt!* um pouco depois do armazém... e alguém à nossa frente... uma cabeça!... Kracht acende a lanterna... a cabeça fala... fala com ele, cochichando... eu não conheço esse alguém... não entendo o que dizem... é em alemão... um dialeto... uma cabeça pálida, mais do que pálida, como pintada a cal... e com lábios grossos e pestanas compridas... não há projetores do lado de fora! seria por acaso a minha vista que fora afetada pelo acetileno? acho que não... um pierrô?... pierrôs? Kracht também parece surpreso... continua falando com aquela figura esbranquiçada... mais uma cabeça sai da escuridão!... e depois outra!... uma fila inteira!... cochichando com ele em dialeto... eu nunca tinha visto cabeças tão brancas, tão empoadas... seriam refugiados?... de onde?...

"O que é que eles estão dizendo?"

La Vigue pergunta-me mas eu não posso responder, não entendo nada... deve ser sério...

Sem nos dar tempo sequer de dizer "ai"! Kracht atira!... para cima!... dois tiros de pistola!... de onde viriam aqueles homens empoados?... eu nunca soube... partiram sem se despedir... nunca mais os vi... agora era Kracht que ia na frente com as duas lanternas... não fazia mais cerimônia... estava com uma pressa de fazer não sei o quê!... chegava gente de toda parte, esbaforida... os do povoado, eu conhecia de vista... os dois tiros para cima faziam-nos acorrer... "Kracht! Kracht!"...

chamavam de dentro da escuridão... deviam estar vindo também da sessão... o espetáculo devia ter parado de repente... eu vi pessoas que estavam entre os espectadores batendo com os pés, gaguejando... "o que é que há?"... os tiros de Kracht... mas nós também não sabíamos de nada!... íamos ver!... porra!... primeiro o bosque!... o parque!... o castelo!... o pessoal quer vir atrás de nós, claro! entrar conosco... Kracht afasta-os... na mesma hora, um tiro para cima! e de novo! *pã!*... saem todos correndo... Kracht está mesmo decidido agora... a pistola e as lanternas!... ele, eu, e Lucette La Vigue corremos para ver os feridos... já era hora!... primeiro o *Revizor*... está melhor... *guten abend!* boa noite!... o pulso está fraco mas em todo caso... ausculto-o... respira bem... e não tem febre... eles não tinham sentido frio?... não!... na perna, uma fratura com certeza... ele que não se mexa... veremos depois!... o outro, o conde ulano, não diz nada... pego a lanterna... coloco perto da cabeça dele, pronto, aconteceu... Kracht pergunta-me *"glauben sie?"* acha? *"oh! ja! ja!"*... está morto há mais de uma hora... eu estou habituado aos atestados... o *Revizor* ao lado dele está surpreso, não ouviu nada!... nem um gemido... o conde von Leiden morreu depressa... nós tínhamos estado fora mais ou menos duas horas... ele não estava bem... mas eu não esperava... tão depressa... uma síncope? enfim, é preciso comunicar a notícia para nos deixarem em paz!... "o *Rittmeister*, conde von Leiden, morreu!"... eu sugiro: morreu em combate... não! não!... Kracht não concorda!... primeiro, avisar Moorsburg!... como avisar?... ele vai de bicicleta!... naquele instante?... sim!... de noite?... por aquela estrada?... protesto...

"Kracht, nós vamos com o senhor! não vamos ficar aqui, sozinhos!"... reunidos assim como estavam, todos, donas-de-casa, mujiques, prisioneiros, só estavam esperando uma oportunidade para nos pegar sem o nosso S.S.... iam nos liquidar... e depois, acabar com o armário!...

"Ja! ja! ja! sicher!".

Concordou comigo... os alemães são podres de defeitos mas têm uma qualidade... se a gente lhes diz alguma coisa sensata, eles aceitam... os franceses, nunca!... naquele caso, Kracht concordou que, se ele fosse embora, ia nos encontrar reduzidos a frangalhos... massacrados, porra! o povoado inteiro em cima de

nós!... ficamos pensando... logo, bateram à porta... *"herein!* entre!"... ninguém!... ah, sim!... uma cabeça!... não é empoada, caiada, uma cabeça comum, mas não é do povoado... eu conheço as cabeças...

"O que é que há?"

Kracht mete as duas lanternas em cima dele... o desconhecido fala... dialeto de novo... eu só entendo uma palavra... duas... oh, está ficando complicado!... trata-se de um homem lá fora... onde?... na granja?... no pátio?... e de mais um!... ali perto!... aproveitaram a nossa ausência, parece!... Kracht tem de ir lá!... com licença!... sem nós, não!... tínhamos razão para desconfiar de Léonard, o patife pronto para tudo, com certeza... mas Léonard sabia o que aconteceria se acabassem conosco, haveria um saque total... o armário seria reduzido a zero!... não sobraria nada... nem para o porqueiro... nem para ele... "não arredem o pé de junto dele" começava a ter sentido... quando as pessoas se preocupam com a gente, na verdade é em si mesmas que estão pensando, têm as suas idéias... "não se desgrudem dele!..." ora, imagine só se nós íamos sair de perto dele!... vamos ver o que aconteceu!... do que se trata?... lá fora, com Kracht... o pessoal todo atrás de nós... à nossa frente... eles sabem onde é... do lado da planície, no charco, debaixo da janela de Le Vigan, ele não dormia mais lá, eu já contei... um quarto de tijolos e terra batida, janelas com grades... uma cela!... o charco está ali... muito pouca água, em compensação quantas algas!... capim crescendo alto e cerrado... capim e areia... com a lanterna vê-se o fundo, os fiozinhos de água pura... e os reflexos do alto, das nuvens... o incêndio ao longe... os clarões projetados, cor-de-rosa, amarelos... seria bonito... notem bem, eu digo "seria"... mas não é isso o que nós viemos ver... vejamos... do lado da planície, lá no fundo, debaixo das algas, o pessoal nos mostra: umas botas... pergunto a Kracht: *"ja! ja!..."* ah, vi logo... deve ser alguém soterrado!... esse alguém, desconfio... trata-se de tirá-lo de dentro d'água... com certeza era isso que os "empoados" lhe tinham dito... eu não tinha entendido... à saída do *Tanzhalle*... Kracht chama quatro *bibelforscher*... eles vêm e na mesma hora moram no assunto... vêem as botas... entram na água... enlameiam-se... agarram as botas e puxam o corpo, arrancam-no de sob as algas...

ei-lo, ele mesmo, em cima das algas, de costas agora, deitado.. oh, não é surpresa, eu já desconfiava!... o *Landrat* Simmer... está morto, afogado... e não é só isso!... tinham-no estrangulado ainda por cima!... desamarram a corda do pescoço dele... um cordão grosso de seda... onde encontraram a seda?... isso é um enigma, nunca vejo seda em Zornhof e muito menos em cordão!... nem em Berlim! mas não é engano, é seda mesmo... primeiro deram-lhe uma pancada na cabeça... ele tem uma ferida profunda que ainda sangra... em pleno crânio... parecia um golpe de enxada... acima da têmpora direita... amarraram-no e depois estrangularam... mas primeiro a enxadada, com certeza... haveria um inquérito... depois, tinham-no jogado na água, debaixo das algas... de onde viria ele?... de onde sairia?... era ele que devia presidir o espetáculo... teria jantado na granja? com certeza... não se sabia mas era quase certo... em todo caso, fizéramos bem em não ficar no castelo... ou no pátio... mando fazer o necessário... que lhe apertem o estômago, a barriga... com força!... viram-no para todos os lados! para ele vomitar!... nada!... está muito frio... molhado, claro... rígido como se tivesse morrido há horas... é isso que eu não entendo direito... escorre água por todos os lados... das roupas, das botas dele... e o semblante está calmo, nada crispado, amarelado... não houve luta... os cochichos crescem à nossa volta... eles sabem de tudo!... não sabem nada, mentirosos!... mas eu não posso dizer que estávamos prevenidos... nem o próprio *Landrat*, ali esticado no charco, não devia desconfiar... e ele tinha a sua polícia, os seus informantes... não, se ele tivesse sabido alguma coisa, não teria saído!... e daí?... La Vigue revirava os olhos!

Bem naquele momento: *zzzzz!* um aviãozinho precipita-se... lá de cima... passa por cima de nós... nem temos tempo de dizer *ai!* e ele volta!... e de novo!... fazendo *loopings!*... controlo-me... consigo vê-lo... é um Marauder da escolta das "fortalezas"... isso já acontecera duas vezes... há um mês atrás... eles se aproximaram assim para observar... nesse caso, eu entendo, são as *torch* de Kracht... mas afinal eles devem ter mais o que fazer, penso eu!... nós não dissemos nada às "fortalezas"!... mas lá estão elas de novo!... insistem!... a cada mergulho iluminam vinte... trinta bombas de fósforo!... balançando, boian-

do... de uma nuvem para outra... querem ver tudo... as bombas crepitam, flamejam... não temos mais nada que esconder deles!... está mais claro do que à luz do dia... as árvores, as isbás, o carro dos ciganos, o charco, tudo!... como se o sol estivesse brilhando!... e as donas-de-casa, e o *Landrat* esperando ali, no capim, deitado de costas!... ou melhor, num leito de folhas encharcadas... os *bibel* tiraram-no do charco, deitaram-no à beira das algas, com as mãos postas, ali... eu penso que talvez aqueles aviões carregados de bombas fossem afinal atirar em nós... para acabar com isso!... de uma vez!... *bruuuum!*... o povoado, a igreja e nós... e o *Landrat!* porra! *zummm! bruuuum!*

"Escuta, meu irmão, você não acha que chegou a nossa hora?"

A beatitude de La Vigue acabou, ele não me pergunta mais se estou feliz... não!... ao contrário, está certo de que as coisas vão mal... recobra a razão... eu não quero dizer o mesmo que ele, mas realmente nós fizemos tudo para que isso aconteça... para os acrobatas da R.A.F. mirarem em nós e *bruuuum!* nós provocamos... principalmente Kracht com as suas *torch*... ele não queria mais apagá-las... todo o público da festa estava ali, e os ciganos... e eles sabiam tudo! comentavam!... não sabiam de nada, estavam lá, estavam conosco, portanto estavam inventando!... e com detalhes! e que detalhes! como o *Landrat* morrera, a maneira como o tinham agarrado e estrangulado! para se tornarem interessantes, as pessoas inventam qualquer coisa... você vai dizer: "e você, merda?"... o que eu conto é pura verdade, perfeitamente certo, não tem nada de gratuito!... ao contrário, eu até reduzo... sou um cronista amável... eles não estavam na fazenda e nem no pátio... e então? o que podem ter visto?... mas sabem e pronto... e a prova disso é que eles nos levam... para onde?... não basta o *Landrat,* há outro afogado, dizem eles... quem é o outro? vejo a condessa Tulff-Tcheppe... havia uma semana que ela estava nos evitando... mas está ali e eu aproveito para perguntar-lhe... onde estava o *Landrat?*... na fazenda? sim, ela jantara com ele... então ele estava saindo bem no momento em que o tinham atacado, derrubado e afogado... aonde ia ele?... encontrar-se conosco, que diabo!... pois devia presidir à sessão!... foi quando atravessava o pátio que o derrubaram e depois o estrangularam... a condessa não hesitava, acusava, mas quem?... os assassinos tinham-no arrastado até o charco e

depois jogaram-no ali dentro... eu também sabia disso tanto quanto ela, ele estava deitado num leito de algas... ela que fosse ver!... a R.A.F. estava nos regalando, estava tudo iluminado, uma verdadeira festa!... o ar estava cheio de centenas de velas!... estava mais claro do que de dia!... o que é que nós tínhamos ainda que ver? eles insistem em que nos apressemos, para aproveitarmos a claridade!... todo o povoado está ali, os Kretzer, o senhor e a senhora, e os *bibel,* e os prisioneiros... eu ia aos trancos e barrancos, mas não desistia!... observo que nem Léonard nem o outro estão lá... Nicolas, o gigante russo, está bem no meio do pátio, de joelhos, vomitando... seria indigestão? ou excesso de bebida?... dizem que tinha acabado com todas as garrafas da cozinha... e havia muitas guardadas... ele sabia... ora! mas eu nunca o vira bêbado... aproveitara que todo mundo estava na festa?... talvez estivesse só fingindo!... e o patrão aleijado dele?... onde o largara?... carregava-o por toda parte... nunca saía de perto dele!... todo mundo pergunta...

"Nicolas!... Nicolas! diga onde?"

Nicolas está mesmo destripando o mico, vejo... e todo o mundo a cutucá-lo... para ele responder alguma coisa!... não pode ficar aii, só vomitando!

"*Sagt Nicolas!*... diga! diga!"

Não responde nada, deita-se...

"Sagt!"

Deitado de lado, vomita mais ainda... ali na lama, uma gosma... seria algum veneno?... pergunto a mim mesmo... a R.A.F. esmera-se numa iluminação grandiosa... vê-se todo o parque a igreja as choupanas... nunca fora assim, tão claro, tão nítido...

"Sagt Nicolas! diga!"

Ele se crispa, se esforça... uma porção de pequenas chamas agora... subindo para o céu... voando... poderiam tocar fogo em tudo!... umas vírgulas... talvez já tenha acontecido em algum lugar... só há uma coisa importante, o resto veremos, o que aconteceu ao aleijado?... bem no momento certo, tão crítico, uma dona-de-casa puxa Kracht pelo cinto, quer falar com ele, não pode esperar... afastam-se... eu os vejo de longe, ela faz gestos, aponta para o nosso lado, para alguma coisa... ah, pronto!... a fossa! é para a esterqueira que ela está apontando

com o dedo, ali... era por isso que queria falar com ele... sem demora... ora, penso, ela sabe!... não é difícil!... ela vira o grandalhão Nicolas lançar o aleijado... eu tinha razão! Kracht assobia duas vezes!... ele tinha, no mínimo, uns quatro apitos... na mesma hora, vieram todos correndo... um bando de *bibelforscher!*... dá-lhes uma ordem... várias ordens!... acho que para procurar o perneta... em seguida! no fundo da esterqueira, penso: "este buraco é mais perigoso do que o outro"... o outro só tinha mato e lama... este é em cimento armado... ouço o que estão discutindo... parece que é fundo, da altura de um homem e não fora esvaziado nos últimos três anos!... estavam esperando o fim da guerra... aquele toco de homem, se está no fundo, bem que pode esperar o fim da guerra!... eu e La Vigue daríamos umas boas risadas se não estivessem ali Isis e a menina... discute-se à beira do tanque... fora construído especialmente para as beterrabas, o suco dos silos, e depois para o esterco, as quatrocentas vacas... aprende-se muita coisa... não se podia mergulhar assim naquele tanque, era preciso, primeiro, esvaziá-lo... como? abrindo a comporta?... e então se encontraria o aleijado no fundo!... Nicolas não dissera nada, continuava deitado de lado, tentando vomitar... soluçando...

"Sagt Nicolas!"

Todo mundo tenta fazê-lo falar... a dona-de-casa o vira!... com os seus próprios olhos!... arremessando o aleijado! ela mostrava como... ele estava sozinho no pátio, com o perneta às costas, a cavalo como de costume, estava passando junto ao tanque e *ploft!* jogara-o lá! bem longe!... ela vira... *ploft!* ouvira o barulho... ele ia para o *Tanzhalle* com o perneta... o *Landrat* também ia... e acabara no outro charco... ele também viera da fazenda von Leiden... mas ninguém vira como acontecera... o cordão... o estrangulamento... e fora quase à mesma hora... enfim, tudo se saberia... mais tarde... se houvesse tempo!... agora, era urgente tirar o perneta dali!... abrir a comporta!... isso, eles sabiam! parece que era um grande prejuízo, aquele esterco valia muito... eles começam a trabalhar... seis... oito... e o troço começa a escorrer, a derramar! aos borbotões... que quantidade!... lá de cima não caem mais velas nem chamas... eles não estão achando mais graça, já sabem... não precisam mais iluminar, está escuro... só as duas *torch* de Kracht... a

R.A.F. não nos jogou nada!... e pensar que só com uma bombinha eles podiam ter acabado com tudo, Zornhof e os nossos mistérios e os charcos e o nosso futuro tão comprometido e o armazém e o *Tanzhalle!*... tinham se divertido e pronto, nós não valíamos uma bomba... os *bibel* fizeram a comporta ceder a golpes de enxada... aquele suco grosso escorria, um esterco precioso que daria para adubar muitos hectares... Kracht, ajoelhado na beirada, tentava apanhar o aleijado... naquele grude do fundo... grosso... pronto!... conseguiu!... mostra-me... a uma profundidade de pelo menos dois metros!... Nikolas teria feito de propósito?... é possível!... teria ficado doente para não poder responder?... é bem capaz!... com o quê?... bebida?... veneno?... formicida?... não era eu que ia dizer isso... ou aquilo...

Podia-se ver o mutilado agora... ali no meio da bosta, era ele, o filho de von Leiden... encolhido, um tronco enorme, as pernas atrofiadas... não havia engano!... recoberto de esterco, preto e amarelo, besuntado, imundo como se estivesse pintado... não tinha corda no pescoço como o outro, não fora estrangulado... felizmente Kracht está iluminando, os *bibelforscher* podiam ver, remexer... quatro bem robustos tiram-no de lá... puxam-no até a beirada... é a minha vez, agora! minhas funções!... apalpo, ausculto... é mesmo um esterco bem forte... o antebraço está rígido... tivera morte súbita... talvez uma síncope?... eu resolvi calar-me!... tinham feito o trabalho bem depressa enquanto assistíamos ao espetáculo! antes, até, do intervalo!... no tempo exato... evidentemente dava para se prever... mas não tanto e não em menos de uma hora!... o *Rittmeister*, o filho, o *Landrat*... todos eram da alçada de Kracht, o S.S.! nós não! oh, nós não!... nós estávamos em plena festa... todo mundo nos vira lá... Lili, eu, La Vigue e Bébert!... nós tínhamos ficado devendo alguma coisa a Joseph... e eu não nego!... por que aquele patife odioso... que era do outro lado e não nos topava, aquele "recruta forçado", nos tinha avisado? ele que tinha os mais fortes motivos para querer nos ver na pior, nós os traidores!... por que Léonard e o outro nos teriam avisado?... por causa das bebidas?... pelos charutos?... talvez um pouco, mas não podia ser só por isso... agora, vinte anos depois, eu ainda me pergunto...

Enfim, agora, tratava-se do que se ia fazer com o perneta, o nosso terceiro defunto... Kracht resolve que vamos levá-lo para outro lugar, ao lado do outro, ele não pode ficar ali no pátio... é preciso arrumá-lo decentemente... estendê-lo também sobre os leito de folhas... deu as ordens... lá se vão os *bibel*, como sempre, seis deles... levantam o corpo... bem mais escuro e pegajoso do que o *Landrat*... Isis, a filha e a condessa acompanham o corpo... e Marie-Thérèse e todo o pessoal da *Dienstelle* e os Kretzer e nós três... e todos os ciganos... através do parque... chegamos ao local!... o mesmo leito de folhas que o *Landrat*... um pouco de arrumação... limpam-no, esfregam-no... há água ali!... juntam-lhe as mãos sobre o peito... e agora? é preciso avisar Moorsburg com urgência!... pelo menos a *Kommandantur!*... Kracht vai lá de bicicleta!... alto lá! eu me oponho!... de maneira nenhuma!... ou ele fica ou nós vamos com ele!... assim que ele saísse ia ser um verdadeiro massacre, iam nos esfolar vivos! ele não nos encontrará quando chegar!... é simples! eles só estão esperando por isso! o povoado inteiro!... rugem para nós ficarmos sozinhos!... ele concorda...

"Vocês têm razão!"

É melhor, então, ele nos matar ali mesmo, em seguida, eu prefiro, não estou brincando! ele não quer... fica conosco... manda quatro *bibelforscher* com um recado... *dringend*... "urgente"... esperaremos a resposta... muito bem! La Vigue não entende mais nada... eu lhe pergunto:

"Como está você?

— Mal!"

Parece, de novo, sonâmbulo... acontecia a mesma coisa na rua Lepic quando ele andava às voltas com um papel que não dominava... ainda ausente... entre o real e o palco... sacudo-o...

"Vamos subir!"

Tudo bem... segue-me... *epa! epa!*... estão nos chamando... é Kracht... já recebeu a resposta!... não de Moorsburg, da própria estrada!... tinham encontrado o capitão que estava a par do ocorrido... sim!... sabia de tudo!... o capitão comandante... ele até já tem a ordem consigo, escrita... "não ir a parte alguma, sob nenhum pretexto, ficar nos nossos quartos e não tocar nos mortos"... ora! já tínhamos mexido, e como! se

houvesse inquérito, estaríamos em maus lençóis!... é a lei européia: "não tocar nos mortos!"... aos vivos pode se partir o crânio! e tudo bem!... até em plena agonia! azar o deles! mas já frios? não é possível! criminosos loucos!... eu já nos via numa situação horrível... seria uma boa hora para dar o fora... mas para onde?... e como?... eu tinha umas idéias, já contei, mas e os outros, não têm idéias? e das boas?...

"As coisas vão mal, Ferdine!"

O jeito era responder como ele...

"As coisas vão mal!..."

Lili também... "mal"... veríamos no dia seguinte!... adormecemos nos degraus, ali, sentados... no Sul, continuavam os bombardeios... no Sudeste... não eram muito fortes... o ruído bastante regular... é assim que tem que ser... *bruuuum!*... um ruído regular...

*

Enquanto a gente está trabalhando, as pessoas pensam: coragem, é agora!... pulam em cima da gente, saqueiam, sabotam tudo!... eles, que não fazem nunca porra nenhuma, além de mil besteiras e caretas, acham que a oportunidade é ótima para sabotar os instrumentos e destruir vinte anos de esforços! que estupro! da manhã à noite é possível vê-los comer, arrotar, se encharcar de bebida, botar as cartas para ler a sorte, espiar de novo dentro da braguilha, mandar flores uns para os outros e upa! vamos lá, mais uma boca livre! se a gente se ausenta, encontra a casa revirada, vigas, tijolos, sacadas, arcos, de dentro, de fora, tudo na maior bagunça!... uma confusão horrorosa!... passaram pelo serviço da gente, discutindo, desvairados, macacos espumando de raiva!... o único jeito é consertar tudo, refazer tudo com muito mais esforço, morrer de medo, avante! ânimo!

Ah, eu já via onde estava, quase na página 2500... neste ponto, em que já tenho três mortos, três assassinados, preciso reconhecer uma coisa... a quem é que isso pode interessar? Bem neste momento, a Srta. Marie, minha secretária, vem falar comigo... pergunto-lhe o que acha...

"Oh, sabe... os seus livros... desde a *Viagem*...

— O que é que tem a *Viagem?*

— O senhor já não pode esperar muita coisa...

— Eu não espero mais nada, juro, Srta. Marie, se não me tivessem roubado tudo!... logo a mim que me contento com tão pouco, que ocupo tão pouco lugar, e não peço para falar com ninguém...

— E então?

— Vou acabar trocando de nome... em um lugar onde ninguém vai... nas dunas, ora!... em qualquer lugar por aí..."

A Srta. Marie tem a cabeça bem assentada, não sonha... eu já lhe contei todas as minhas desgraças!

"Bem, mas e o seu extrato de conta? o senhor viu?"

Claro que vi!... nove milhões de dívidas!... uma ninharia! para um homem que vive com tão pouco!...

"Estão me sabotando, Srta. Marie!"

Ela sabe de tudo... de todos os detalhes...

"Me acusam de tudo!... todo mundo!... de Cousteau, o condenado à morte em Petzareff, o Büchenwald de honra... como é que eu vou conseguir me safar?

— É claro!"

Oh, naturalmente eu já estou prevenido... quantas vezes me repetiram: "seus livros não se vendem mais!"... aliás, não são só os seus livros, todos os livros! as pessoas não compram mais! têm os impostos, não é? a televisão, as férias, o aperitivo e mais o carro e o seguro!... nem têm mais tempo sequer!... aliás, para dizer a verdade, nunca se compraram livros, pediam-se livros emprestados que depois ficavam esquecidos... roubavam-se os amigos ou as bancas... um esporte! mas agora há o golfe, o *strip-tease,* as jaquetas! as cabeças estão em outra coisa!

"Pouco se me dá, porra! digo eu... vou falar com o tremendo!"... não se pode mais falar com ele!... minha secretária está bem informada... depois do problema nos ouvidos, ele trancou-se... protegido!... vive e dorme dentro do cofre... contando o seu rico dinheirinho, os seus francos pesados... "vamos falar com ele" digo eu... "vamos falar com ele!"...

"Srta. Marie, faça a gentileza, venha comigo, será testemunha!"

Chamo um táxi e pronto! chegamos!... o lugar é conhecido... sinistro... grandes placas de mármore, pretas e brancas... um imenso anfiteatro... bem frio... parecendo um necrotério... esperamos... ah, um divã... só um... bem instalado, de pernas

cruzadas, o irmão do "tremendo"... não fala conosco... eu penso na página que acabo de deixar, que estava me esperando, a 2500... esse irmão do "tremendo" me deixa chateado... que tempo eu estou perdendo!... e os três defuntos lá... deitados nas algas molhadas... ataco o sujeito:

"Onde está Brottin?"

Abana a cabeça, não sabe...

"E os outros?"

Ah, responde:

"Na aula!

— Aula de quê?

— Clarineta!"

Fico na mesma...

"E o Sr. Nimier?

— Nos 'oito dias' de Trebizonda..."

É só, vejo que ele não responderá mais... está com a paciência esgotada... boceja em direção ao busto do irmão, do outro lado do anfiteatro... depois boceja de novo... e acaba indo embora... está cansado... a Srta. Marie e eu ficamos sozinhos... de costas para o busto... enxergo uma banqueta... um móvel realmente paupérrimo, não daria cem francos (leves) no Mercado das Pulgas... todas as molas... os saca-rolhas estão de fora...

Do corredor chegam vozes... eu quero escutar... uma discussão acalorada... vou até lá!... ninguém!... é nos gabinetes...

"Em quem é que vocês votam?"

Cada um dá sua opinião... duas vezes... três vezes!... "em quem?" e de repente, uma canção, o ritmo marcado pelos aplausos...

Eles vão se foder!
Olê! Olê!

Homens e mulheres...

Eles vão se foder!
Olá! Olá!

Ah, sai uma!... vermelha como um tomate... me vê... me interpela...

"E o senhor!... e o senhor?... em quem vota?..."

Parece urgente! eu não tenho o que dizer... não voto em ninguém...

"Oh, mas o senhor não é Céline?"

Ela se lembra...

"Sim, sou eu mesmo!

— Veio por causa da aula!"

Devo estar com ar de quem vive no mundo da lua... irresponsável...

"O senhor não sabe?... depois dos banhos de pés? a reunião dos flageladores?

— Não, não! pode ter certeza... nós viemos falar com Achille... perguntar-lhe...

— Ah, que engraçado!"

Não contém o riso... estou assim tão cômico?

"Desde o problema com os ouvidos, há três meses, Achille está dentro do cofre!... o senhor não sabe?"

Sai correndo... vai contar aos outros... lá no fundo... e faz todo mundo rir lá no fundo... quem são eles?... sai um agora, de pulôver e óculos... e cachimbo na boca...

"Eu sou Rastignan, apresento-me, o senhor não me conhece, Céline!... Diretor da revista *Compacta!*

— Meus parabéns, caro amigo! mas quem é essa gente gritando?

— É a nossa 'Comissão', Céline!

— Estão gritando e votando!

— Isso mesmo! é uma idéia genial! minha idéia!

— Não duvido! mas quem são eles?

— Pessoas da sociedade e de posses, totalmente ociosas!... pederastas... alcoólatras, é preciso! faço questão... alguns assassinos... alguns de jaqueta de couro...

— Ah, eu o compreendo, Rastignan...

— É a *nouvelle vague*, sabe? Comissão de leitura! todos completamente incapazes, eu insisto nisso! esse pessoal avalia, sabe 'julgar'... toda a vida deles!... e fala inglês... e é duro!...

— É!"

Eu não tenho o que responder...

"Trouxe o seu texto, Céline? a Comissão está pronta! o senhor está pronto?

— Ela já refugou a *Viagem*...

— Oh, sabe, naquele tempo... todos eram de letras... literatos!...

— Eu o 'disturbei', Rastignan!

— Oh 'disturbei'! repita! Céline!... diga de novo! que verbo encantador!"

Eu o tinha comovido...

"*Disturb!* Rastignan!"

Mas como gritam lá no fundo!... querem votar! a "Comissão de leitura"... dizem cada palavrão...

"Bosta!... língua de trapo!... sacana!... vai se foder!

— Está ouvindo?

— Oh sim!... oh sim! vamos deixá-lo!... eles querem votar!...

— Caro Céline, repita por favor!

— *Disturb! disturb!* Rastignan!"

Já é demais... a Srta. Marie faz-me sinal de que já chega, podemos ir embora...

Sem dúvida!... tudo o que poderíamos dizer ou fazer!... o papelão é voltar a um lugar onde as pessoas dançam assim... assado... de modo bem diferente da gente... a gente nem sabe mais!... olham para a gente com um jeito esquisito... fico pensando, insensivelmente, o tempo já levou muita gente... esse... aquele...

"Olhe, até a minha própria filha, senhorita!

— É mesmo?

— Nunca mais a vi...

— E daí?

— Não sei..."

Tínhamos acabado no meu lugar de sempre... tudo acaba dando ali, na praça Boucicaut... ao redor da praça giram os carros... giram... três... quatro pessoas... vêm da rua, entram... nunca mais... de quatro, três são padres... sua casa matriz é pertinho, na rua de Babylone... quando eu era menino, morei ali juntinho... da Missão deles... ainda me lembro *ding! dong!* o sino tocando as matinas... agora, eu vejo, nós podemos continuar... o bulevar Raspail... mas que barulho! não é absolutamente um lugar para a gente se lembrar disso ou daquilo...

ora!... aquela visita me irritou! Brottin que vá à merda! e com Comissão, cofre e tudo!

"Claro! claro! táxi!"

A Srta. Marie concorda...

Aparece um!

"Táxi!... Meudon!... volto às minhas histórias!

— Claro! Vamos lá!"

Pelo menos, havia um homem educado!

"Srta. Marie, me diga uma coisa: esse pessoal das Edições Brottin não foi atrevido conosco?

— Oh, só um pouquinho!... quase nada!

— O que é que eu tinha de meter o nariz lá?

— Ora, foi cumprimentá-los!

— É isso mesmo! não foram muito corretos...

— Oh, foram sim... foram! é o jeito deles!... estavam trabalhando...

— Nós os perturbamos?

— Talvez... um pouco..."

*

Imagine só!... eu não ia voltar lá tão cedo! eles podiam me tapear, zombar de mim, passar calote! cretinos e cretinas!... que vão para o diabo! louco é quem dá importância a gente assim!... chatos, subversivos, veados!... dançando fora do ritmo!... ora!... e perdidos naqueles corredores... se são chamados, não sabem quem é nem por quê... nada... o telefone responde por eles... "O Sr. Péliotrope saiu!... espere!... ele já volta!..." *toc*... desligam!... não espere!... o Sr. Péliotrope não volta nunca, aquele imbecil!... você também não!... ora! se eu tivesse tido um pouco mais de paciência, poderia ter falado, talvez, com o próprio Nimier... sobre o projeto dele, das histórias em quadrinhos... ele ainda estará pensando naquilo?... de verdade?... na próxima vez, dentro de alguns anos... eu tomarei a liberdade... de dizer-lhe umas palavras... mas e nós? onde estamos?... onde estou eu?... estou com a cabeça abalada... perco você de novo!... tenho desculpas, é verdade... mas mesmo assim é grave... meu último leitor, talvez?... vamos! vamos! para onde estávamos! não fiquemos assim à

toa!... são outros problemas!... eu, que tenho um sono tão leve, desperto por qualquer coisa, não durmo mais... o que está acontecendo?... ali no parque?... mal amanhece... nem os desmoronamentos nem os Marauders me despertam... tudo aquilo faz parte do cenário, da zoeira maior ou menos nas nuvens... e no chão... o tremor das paredes também... não, é outra coisa... é gente!... e gente de automóvel, nós não vemos automóveis há meses... nem sequer "gasogênios"... reconheço uma voz: Kracht!... e outras vozes... tenho um pressentimento de que aquilo é conosco... basta ir ver!... talvez venham para nos enforcar... têm direito, eles têm todos os direitos... levantamos logo... não é difícil, dormimos vestidos... Bébert na sua sacola e pronto!... realmente, eu tinha razão: um grande Mercedes a gasolina e cinco homens em volta... mas não era para nos enforcar!... era para o inquérito!... Kracht nos apresenta... o promotor!... o *Untersuchungsrichter!* de cara inchada, barbado, grisalho... levantara-se cedo!... quatro reservistas com ele, *landwehr*... de onde vêm? de Berlim?... não! de outro lugar!... *psiu!* não dizem!... vejo que têm mais carros... devem estar estacionados lá no fundo!... o promotor continua olhando para nós... Kracht informa-o sobre quem somos, de onde viemos... ele não fala francês... só usa o boné militar... o resto, civil... a braçadeira com a suástica, um terno velho e um paletó de caça... não tem jeito de rico... oh, mas na certa ele come bem e poderia estar de bom humor... mas não está... é até bruto...

"Todo o mundo aqui embaixo! depressa!... *schnell!*... *schnell!*"

Que todo mundo desça!... todo o castelo!... ele tem pressa de ir embora... e nós então!... oh, Kracht está de acordo! para as isbás imediatamente!... dois trabalhos logo!... e dois da fazenda!... e mais o agrupamento!... todo o pessoal! as datilógrafas, os contadores!... e os Kretzer!... e Isis von Leiden com a filha!... e as criadas e os jardineiros... esse promotor não está para brincadeiras!... quer também Marie-Thérèse... fica esperando, não nos diz nada... ah, sim!... dirige-se a mim *"wo sind die?* onde estão eles?..." num alemão que eu entendo... com certeza refere-se aos defuntos... *"einer ist da!*... um está ali! *tzwei sind da!"* mostro-lhe um no salão, lá dentro...

pusemos os dois outros sobre um monte de folhas, o aleijado e o *Landrat*... à beira d'água, isto é, do charco... e o cordão do *Landrat*?... o cordão de seda que o estrangulava?... o que fora feito dele? primeiro ele quer ver os que estão no salão!... concordamos!

"*Sie wohnen da*?... moram aqui?

— *Ja! ja! ja!*

— Então venham!"

Eu lhe mostro o caminho... chegamos... inclina-se sobre os dois...

"*Sie sind Arzt*... o senhor é médico?"

Kracht deve tê-lo informado...

"*Ja! ja!*

— *Tot*?... morto?..."

Pergunta-me... e curva-se de novo, levanta uma pálpebra... enganou-se!... não é o morto, é o outro!... a pálpebra do *Revizor!*... que estava roncando!...

"*Oooh!... oooh!...*"

Gritam!... ele reage!

"*Die Frauen!*... as mulheres!"

Está louco de medo... pensando que elas voltaram!

"*Nein!... nein!*"

Acalmo-o... mostro ao juiz o que já é cadáver... o *Rittmeister*... com aquele pode fazer o que quiser!... sacudi-lo à vontade... experimenta o braço... não dá!... mais duro do que um porrete!...

"*Tot?... tot?...*"

Pega a caderneta e anota... tira o relógio do bolso... de aço preto... a hora... anota de novo...

"O outro?...

— *Revizor!*

— *Ach!... ach!*"

Anota... pronto...

"*Die andern?* os outros?"

Do outro lado, lá fora, disse-lhe eu...

"*Nun!... nun!*"

Está com pressa. Vamos ver os outros dois...

"Estes também estão mortos... bem mortos!... afogados! *ertrunken!*"

Uma palavra que eu conheço... esses, ele pode sacudir à vontade!... não toca neles... acredita na minha palavra... anota, na caderneta, a hora e a data...

"Da der Landrat? da der sohn Leiden?"...

Não quer enganar-se...

"Ali o *Landrat!* ali o filho de Leiden!"

Não me pergunta onde está o cordão... não sou eu que vou falar naquilo!

"Gut! gut! nun Kracht!"

Kracht chega... traz uma porção de gente... uma pequena multidão... todos os que achou na fazenda... e no castelo, nos andares e no jardim... e as senhoras... todas!... Isis von Leiden e a pequena Cillie, e Marie-Thérèse, a herdeira... e os Kretzer... e todo o pessoal da *Dienstelle,* não vejo Léonard nem Joseph... ninguém diz nada... eles estão esquisitos, ali, todos calados, mudos... eles que estavam sempre batendo papo em todos os cantos, nos escritórios, à mesa, lá fora... é a primeira vez que eu os vejo assim parados, naquela discrição absoluta... lá está Nicolas, o gigante russo... não está mais vomitando, fizeram-no levantar, quatro estão ali a segurá-lo e não são demais... é um verdadeiro touro... fazem-no sentar-se sobre as folhas... totalmente apatetado, idiota, está fora de si!... o barbudo faz-lhe uma pergunta... em russo... duro! seco!... ele não responde nada... eu não sei o que ele bebeu... ou comeu... ou se está só fingindo... talvez fosse bom fazer-lhe uma lavagem de estômago... mas eu não vou sugerir!... ah! chega o sargento maneta... e o cozinheiro-chefe do *Tanzhalle* e mais outros!... prisioneiros russos e alemães... o barbudo quer que todo mundo esteja presente... ele deve ter outras perguntas a fazer... acende um charuto pequenino, uma guimba bem mastigada... vejo que ele tira do bolso três punhados de guimbas mastigadas e torna a guardá-las... eu poderia oferecer-lhe outros, ótimos, novos... talvez mais tarde... é durão, não há dúvida!... mau, eu ainda não sei... nazista talvez... usa a braçadeira... mas a suástica não quer dizer nada... eu descobriria... ele quer que todo mundo fique em volta do charco... em círculo... os que não podem ficar de pé, sentados ou deitados... mas todos ali!... Nicolas deitou, não resistiu... parece que adormeceu... está respirando bem... os outros estão, quase todos, de pé, encostados uns nos

outros como aglomerados ao redor do charco... estão abatidos, não dão um pio... Isis von Leiden também não diz nada, nem Marie-Thérèse, quase ao lado dela... o barbudo vai falar... cospe a guimba, pigarreia, anuncia, devagar e em voz alta... para nós podermos traduzir simultaneamente... para os franceses... ele vira-se para nós... "vocês me compreendem?... *ja! ja!*"... são oito horas da manhã, posso ver o relógio por cima das choupanas... ainda não clareou completamente...

"Vocês todos que estão aqui sabem alguma coisa?... viram, ouviram alguma coisa?"

Ninguém responde... ele aponta para Isis von Leiden...

"Nein!"

Ela estava no *Tanzhalle*... "e vocês?"... é a nós que se dirige...

"Nein!"

Nós também estávamos assistindo ao espetáculo...

"Und der?"

Der é Nicolas, ele está dormindo sobre o monte de folhas, não pode responder...

"*Später!* mais tarde!..."

Ah, Kracht!... chama-o!... dá-lhe uma ordem... entendo que se trata de ataúdes... *särge*... Kracht já tinha providenciado... os ataúdes estão prontos... o barbudo quer vê-los... basta uma palavra e os ataúdes estão aqui... três, resistentes, de pinho vermelho... só falta encaixotar os três... o barbudo quer que isso seja feito em seguida!... chama de novo os *bibelforscher!*... eles vêm... o corpo do aleijado não entra bem... ele está com a cabeça quase nas costas, torcida... seria por causa dos esforços que fizera na esterqueira ou então dos outros para tirá-lo dali?... pronto, conseguiram!... as tampas!... Léonard?... Joseph?... Kracht pergunta-me por eles... eu não os tinha visto?... não, absolutamente... nem um nem outro...

"Amanhã de manhã, às seis horas!"

O barbudo anuncia... de novo o inquérito?... não!... o enterro dos três!... "provisório"... o definitivo será dentro de dois meses, depois da autópsia! eles têm todo o material necessário em Berlim, mas nesse momento está tudo fora... os Institutos e o Necrotério mudaram-se... parece que para perto de Bremen... enfim, os nossos três defuntos serão enterrados em

caráter provisório... nós conhecemos o pequeno cemitério... logo depois da escola, *volkschule*... um lugar cercado, arenoso, em declive... não é longe... a duzentos... trezentos metros... antes do bosque de bétulas...

"Está combinado!... no peristilo!"

E eu acrescento:

"Às cinco e meia!"

Como inquérito, foi rápido... apressado, diria eu... o barbudo deve ter algum motivo... talvez fiquemos sabendo mais tarde... por enquanto: cinco e meia! vejo logo que não vamos dormir muito... oh, não se trata de sono! La Vigue dorme um pouco... ou melhor, cochila, está como que ausente... fico olhando para ele... torna a envesgar!... aí, ele começa a gritar... em alemão!...

"Leute! leute!... ich bin der mörderer!... ich! ich!"

Bate no peito! acusa-se!...

"Sou eu! eu! o assassino!

— Cale a boca, ora esta! cretino! você estava conosco!"

Todo o mundo o vira conosco! felizmente! e entre Kracht e Isis!... mas a coisa caiu mal mesmo assim!... o barbudo quer saber... eu começo a explicar... Kracht explica...

"Nichts!... nichts!... schauspieler! nervös! ator! histérico!

— Ele é ator?

— *Die Bühne! die bühne gesehen!"*

Eu quero que ele entenda que foi a cena!... por ter visto a cena e não participar!... que era só isso!... um acesso de inveja! o juiz responde:

"Ach!... ach!"

Todo o pessoal que ia embora volta... ouçam-no gritar: *ich! ich!* eu... *mörderer!* mas não acreditam, começam a caçoar dele... eles sabem, todos!... até os russos e as donas-de-casa... estavam todos no *Tanzhalle!*... esse *franzose* está completamente biruta! *"schauspieler! verrückt!"* que ele é!... *"überspannt!* superexcitado!" eles o conhecem, eles sabem! percebo um movimento de simpatia... não muito agradável, mas já é alguma coisa... o único que despertamos em Zornhof... o *untersuchungsrichter* barbudo afasta-se um pouco, no meio da lama... planta-se ali, olhando para nós... La Vigue parou de gritar, retomou a expressão "homem de lugar nenhum"... e a vesgueira...

"Sie nehmen ihn mit?"

Grita-me...

"Ja! ja! ja!"

Respondo categoricamente, claro que eu vou levá-lo comigo!

"Sie sind verantwortlich?"

Claro que eu sou responsável!

"Sicher! sicher!"

Marie-Thérèse vem em meu auxílio, receia que eu não tenha entendido...

"Ele perguntou se o senhor vai levá-lo consigo...

— Sim! sim, senhorita!... estou inteiramente de acordo!... muito obrigado! e a responsabilidade! por tudo, aliás, eu sou responsável!"

Ela vai procurar o promotor, andando pelo meio da lama... fala com ele... ele tira um monóculo do bolso do colete e nos mede dos pés à cabeça... observo que eles falam... falam! estão atolados, os dois... de braços dados, conseguem arrancar-se dali... voltam... passam pertinho de nós... sem sequer uma palavra... como se nós não existíssemos... muito bem!... sendo assim, só nos resta subir para o salão, mas então, "epa! epa!"... Kracht me faz parar... é conosco... uma ordem... temos de nos mudar imediatamente!... o promotor vai ocupar o salão... ele e os seus quatro soldados da *Wehrmacht*... eu só devo passar lá de manhã e à noite para tratar do *Revizor*... e levar-lhe a sua tigela... e só!... e ficar lá em cima na nossa torre... esperando!... não estávamos mal acomodados no salão... Marie-Thérèse, tão gentil, falara mal de nós, com aquela sua amabilidade, era disso que ela tinha estado falando com o barbudo, bolas!... um minuto para eu pensar... eu digo a Lili e a La Vigue:

"Vocês vão lá para cima!... arrumem um pouco!... eu já vou!... vou dar uma injeção!... primeiro!"

Uma idéia... o *Revizor* deve saber quem é esse barbudo, promotor... bato na porta do salão, entro, não há ninguém... exceto o *Revizor*, deitado de lado, na sua cama improvisada... não mexeram em nada... é o *Revizor* que fala comigo... ele me viu... pergunta-me:

"Untersuchung?... inquérito?

— *Ja! ja!"*

Minha vez agora!

"O gordo ali?... *dieser dicke?*...

— *Ja! ja!*

— Quem é?

— Conheci-o como cabeleireiro... cabeleireiro de senhoras... na *Gegmerstrasse*... antes de Hitler... andou agitando! sabe?... *politik!*

— *Nein!... nein!*"

Eu não quero que ele me conte mais nada, aquilo basta!...

"O seu braço?"

Examino-o... e a perna... é mesmo uma fratura do perôneo, no terço inferior... ia fazer-lhe um pequeno aparelho com duas talas... ele poderá andar... duas bengalas... não ia ser bonito mas era melhor do que nada... aviso-o...

"Passear! *spazieren!*

— Oh, *danke!... danke!*"

Fica radiante... mas volta a mania!...

"*Die Frauen! die Frauen!* as mulheres!"

Está possesso! sente as megeras em cima dele!

"*Nein! nein! kaput! kaput! alle kaput!*"

Acalmo-o... *bruuuum! bruuuum!*... começo a imitar as bombas, para a gente rir um pouco... eu conheço o moral, conheço suas leis!... o pior é melhor!

"Eu voltarei para vê-lo antes de anoitecer, *Herr Revizor! bruuum!*... não está com fome? *hunger?*

— *Ja! ja!*... muita!... *sehr!*"

Eu ia lhe trazer a tigela... se o outro estiver ali, o promotor cabeleireiro de senhoras, veremos... e os *Wehrmacht* de quebra...

*

Assim que me levanto da palha, penso: o *Revizor!*... primeiro ele!... não tive dificuldade em levantar-me, estava só esperando o dia clarear... para dizer a verdade, ainda está escuro... "quatro horas" no meu cronômetro... eu estou adiantado, portanto!... desço, empurro a porta, entro no salão... nada!... nem o barbudo nem os funcionários... o *Revizor*, ali, deitado de lado, fala comigo... escorregou da cama num esforço para fazer pipi... está deitado no assoalho... informa-se logo...

"Eles não vieram... foram embora... ficaram com medo!...

— De carro?

— *Nein! nein!... zu fuss!* a pé! *sofort!...* imediatamente! *ein!... zwei!"*

Ri, imita-os, e isso lhe faz mal... *ein! zwei!* marchando!... eu o ajudo a subir, equilibro-o na cama improvisada... pergunto-lhe:

"Medo de quê?

— *Die Frauen!...* as mulheres!"

É a mania dele!... não há nenhuma mulher... elas estão longe... ele está obcecado!... a lembrança da surra!...

"Elas estão em Hamburgo agora!"

Para ele se acalmar... Hamburgo fica pelo menos a trezentos quilômetros...

"Deu para agüentar a noite?"

A perna?... as costelas?... o cérebro?... sim, muito bem!... só um pouquinho de dor... mas levantar-se? como?... ele não quer quebrar de novo alguma coisa... não! não! eu ia ajudá-lo!... voltarei com o necessário... trarei a minha seringa e acomodarei a sua fratura! mas ele que não se mexa!

"Vai doer?

— Oh, não!... mas agora preciso deixá-lo!

— Vai ao enterro?

— Acho que sim..."

Dito isso, beijo-o e saio... já estão todos reunidos!... pelo menos cinqüenta... os *Bibelforscher* com pás e enxadas... uma ninharia, pelo menos uma hora adiantados!... nós também, nós três e Kracht... com as suas *torch!*... vejo que está tudo pronto no cemitério, que eles cavaram a noite inteira, não temos forçados vagabundos... seja para derrubar árvores, montar um teatro, preparar o cemitério, eles estão sempre a postos, dedicados, capazes e mudos!... quantos são?... não posso saber... vejo os ataúdes, os três... aplainados, pregados... prontos para a partida, ouso dizer... lado a lado... com os nomes... os nomes, não! as iniciais... em vermelho... dois grandes LS... com certeza, o *Landrat* Simmer... um outro L... von Leiden?... o aleijado... enfim um grande R... o terceiro ataúde... *o Rittmeister*... para reconhecermos... agora o desfile, três a três como no exército alemão... mas eles com pás e enxadas ao ombro...

outra tropa para os ataúdes... quatro *bibel* carregando cada um... pouco a pouco, com a claridade, eu vejo que eles vestiram roupa limpa, os macacões n.º 1, com os círculos em roxo, amarelo e vermelho... tamancos raspados, limpos, no capricho!... onde acharam tempo para tantos cuidados?... olho para nós três... e até Kracht!... não há dúvida: pavorosos!... e eles não estiveram se divertindo... passaram a noite cavando... quanto a trabalho, não é fácil dizer, é preciso optar, ou *bibelforscher*, ou joão-ninguém!... bom, atenção, começa a cerimônia!... a partida! os três ataúdes, um atrás do outro... e atrás os *bibel* com suas pás... e La Vigue, Lili e eu... e, depois, Kracht com as suas *torch* e o revólver na mão... está desconfiado e com razão... todos esses forçados com pás e enxadas podiam muito bem fugir... são muito religiosos, mas e o medo? podem entrar em pânico... principalmente com aqueles aviões em revoada... se um "Marauder" se destacar, mergulhar, e *pum! pum! pum!* na cerimônia, vai ser um Deus-nos-acuda!... não se podia apanhar um!... no caminho, mais gente junta-se a nós... prisioneiros... trabalhadores... e outros que eu não conheço... vai dar uma multidão no cemitério! passamos pela igreja... bem nessa hora, ouço um tambor, por trás de um arbusto... todo mundo vira a cabeça... há meses que não o ouvimos... Hjalmar voltou?... e depois um canto, um salmo... ou coisa parecida... o pastor também estaria de volta?... naturalmente, as pessoas vão ver... é incrível, mas, a pura verdade! Hjalmar e o pastor Rieder... eles mesmos!... um tocando tambor e o outro cantando... por onde andaram todo esse tempo?... as pessoas lhes perguntam, Kracht também... eles não respondem... mas são eles mesmos!... o pastor já não canta com muita afinação... não... Hjalmar amarrou um crepe no tambor... três camadas!... onde teria encontrado o pano?... o rufar está bem abafado... naturalmente... *drrr!... drrr!...* o luto... agora podem ser vistos em pleno dia... o pastor pôs o colarinho... o colarinho grande plissado, sua roupa preta está quase verde, caiu muita chuva em cima dela... Hjalmar está bem maltrapilho, mas não mais do que antes... talvez um pouquinho mais... a calça acima dos joelhos, como um escoteiro velho... os sapatos descasados, uma meia-bota e um escarpim... oh, mas a corneta compensa tudo!... lustrosa, polida... os dois estão bem barbeados, bem melhor do

que nós!... onde estariam morando?... já fazia dois meses que tinham desaparecido... não tinham engordado, mas também não estavam tão magros, tinham sobrevivido... mas todo mundo queria saber como... eles não diziam!... nem uma palavra!... neres!... o pastor cantava, o outro, *drrr, drrr*... e só!... tinham se juntado ao cortejo logo depois dos *bibel* com as enxadas... o pastor, além de cantar, carregava um livro enorme debaixo do braço... provavelmente a Bíblia... as donas-de-casa comentavam... que eles eram malucos, os dois, mas que o pastor, além disso, era responsável pelas abelhas... e que desertara tudo! deixara tudo abandonado! que as abelhas tinham ido embora!... um perfeito poltrão! um sabotador das Arábias, aquele pastor Rieder!... podia cantar quanto quisesse!... mas elas também iam dizer tudo o que pensavam dele!... *"honig!"*... *honig!* mel!"... que ele devia ser preso!... ele e o cúmplice!... para a forca na mesma hora!... os dois!... *honig! honig!*... não havia necessidade de ataúdes!... "para a cova!... para a cova!" já! era preciso aproveitar a ocasião!... *honig! honig!* mas eles não se deram por achados... continuaram bem sossegados... um no tambor, o outro nos salmos, acompanhando os ataúdes... pareciam pessoas de outro lugar, um pouco como La Vigue... ah, pronto!... chegamos!... o cemitério... uma cerca viva... e do outro lado um declive de areia... e lajes... pequenas... altas... nomes... alemães... só alemães!... nenhum francês como em Felixruhe... vejo a cova... enorme!... funda, larga... dá para vinte... e até mais!... os *bibel* capricharam!... alto! os ataúdes baixam!... em menos de cinco minutos, tudo está recoberto!... para mostrar como o pessoal é ativo!... vale a pena ver a cena... o pastor parou de cantar, abriu o enorme livro, Hjalmar segura-o, serve-lhe de estante... o pastor lê... recita... os *bibel* não ficam sem fazer nada, sempre em ação, batem na terra, na areia, alisam o montículo... colocam as lajes... todo mundo está em volta... as donas-de-casa repetem... repetem... e bem alto!... porcos! *honig!* sabotadores!... covardes!... isso é com Rieder... mas também para o outro, o da estante... mas eles não se mancam!... acabou-se a cerimônia... os *bibel* desfazem os torrões... nuvens de pardais precipitam-se, e também de canários, tudo isso depois que se revirou a terra... as minhocas... é preciso ser pássaro para ver os

pequenos vermes... parece que todo o céu está esvoaçando... uma festa!... pintarroxos também!... e corvos e gaivotas!... Lili e o sargento maneta fazem *chô!*... para afugentar os corvos! o pastor acabou de recitar... fecha o livro... as donas-de-casa continuam a insultá-lo: "porco! ladrão!... cagão!..." *drr... drr!... drr!* Hjalmar volta ao tambor e lá se vão... sobem rumo ao bosque de bétulas no alto do cemitério, ninguém vai correr atrás deles! ficamos curiosos... Kracht acha que não vale a pena... *"kein sinn!* não tem sentido!" eu não quero ser mais curioso do que ele... as aldeãs continuam gritando *"honig! honig!"*... que as colméias estão vazias... que o pastor e o outro palhaço levaram tudo! que nós também somos uns covardes!... e que somos cúmplices!... todo o mel de Zornhof!

"Olhe lá! lá!"

Gritei... elas estavam vendo o pastor e o outro... tão bem quanto nós!... debaixo das bétulas! bastava que elas fossem até lá! correndo!...

Os *bibel* não queriam mais saber de nada, queriam voltar para as isbás, depressa!... nós também!... e os ciganos ao seu carro!... nós três, por último... Bébert na sua sacola, Lili, eu e La Vigue... Lili mostra-me, ao longe, depois do bosque de bétulas, a outra planície... o pastor e Hjalmar... já no outro lamaçal... ao norte... devem ter alguma idéia...

"Você acha?... acha?

— Não têm dificuldade em ser mais malandros do que nós!..."

Quanto às idéias... La Vigue... ora!...

"Escute, La Vigue, você não vai mais dizer nada?

— O quê?

— Que você matou o *Landrat*...

— Eu disse isso?... eu?

— E como! você berrou! e para o promotor!

— Ferdine! Ferdine, você está doido!"

Ah, que coisa!... o que é que há comigo? aponta para mim... a mão na minha testa! deve ser ali! só pode ser!... olha para mim... consternado!

"La Vigue, vamos para casa, meu filho!... preciso dar uma olhada nas cartas...

— O futuro?

— Não! pouco me importa o futuro, porra! nada disso! a costa, nos mapas!...

— Vai ser lindo!"

Antes do parque, paramos... um instante... ficamos ouvindo... ouvia-se um pouco... o tambor, ao norte... bem fraquinho... talvez?... a cerração é muito densa... eles podem também estar em alguma cratera... não digo nada a La Vigue... nem a Lili...

*

Aquela cerimônia podia nos dar muito o que pensar... de nós três, era La Vigue quem me parecia mais abalado... não mais alucinado do que de costume, mas revirando os olhos... ora para uma parede... ora para outra...

"La Vigue, não se preocupe!... acabou-se!... não vai acontecer mais nada!

— Vai sim, Ferdine!... muita coisa!... muita coisa!... você não pode compreender, está doente!..."

A minha cabeça... aponta de novo para a minha cabeça... desde que descobrira que alguma coisa andava mal ali... não tinha mais dúvidas, sabia...

"Vai acontecer sim, Ferdine! eles vão voltar!"

Quem seriam "eles"?... melhor concordar com ele!... contanto que ele não se mexa... que fique deitado na palha...

"Você não acha, meu filho, que eles podem ficar com as *mahlzeit*... e as tigelas deles?... os outros?"

Não precisamos nos preocupar... um pouco de mel sintético no fundo de um pote e meio pão... iremos ao *Tanzhalle* à noite ou no dia seguinte de manhã...

"Não?

— Está bem! mas e Bébert?"

É verdade ele não tinha mais nada... a corcunda não trazia mais peixes e nós não tínhamos mais nossos cupons... nem *leberwurst*... o pobre bichano já estava praticamente jejuando!... mas havia um consolo, o *Landrat* não podia mais massacrá-lo!... era ele que tinha de se defender agora, a sua podridão entregue aos vermes!... palhaço! e a sua arrogância... nós o tínhamos

visto ir lá para o fundo com o seu grande L pintado em vermelho... para o grande encontro...

"Vamos, La Vigue... pegar as tigelas!"

A vida é uma chateação contínua de ponta a ponta! se a gente resolve evitar uma, é pior! vem uma porção em cima da gente... tudo se esquece, tudo se apaga, o tempo realiza o seu trabalho mas as chateações continuam sempre!... são fortes, resistentes!... se a gente não quer mais saber delas, são elas que procuram a gente, amolam, acuam, torturam e matam...

"Então, Lili, você vai subir!"

Não acredito em castelos mal-assombrados... mas, de qualquer forma, aquele nosso cantinho, na torre, cheio de ratos, não era lugar onde ela ficasse sozinha!

"Você faz questão?

— Faço sim!

— E vocês?"

Tranqüilizo-a... vamos voltar logo... não vamos ficar andando por Zornhof!... só encher as tigelas e meia-volta! e depois, lá fora há os barulhos!... sem dúvida estamos escarmentados mas... mesmo assim... com tantos aviões...

Deixamos Lili... apalpo as paredes... estão tremendo mais ou menos?... a mesma coisa!... talvez um pouco mais, ao norte... isto é, parece-me... as nuvens não estão mais escuras... olho para La Vigue... continua envesgando... a cara talvez um pouco mais parada, mais espantada... não está pior... chegamos ao parque... Lili está com Marie-Thérèse, eu espero que ela possa dançar, que o piano não esteja proibido por causa do luto... seria ela mesmo, a herdeira?... a nossa coroa ou Isis, que era mulher do filho?... Kracht me dirá... nunca entendi muito aqueles títulos deles, tão complicados... em linha direta, indireta... porra, não era da nossa conta! leis bem deles... entre ordens nobiliárquicas... uma coisa é certa, os dois morreram quase ao mesmo tempo... era mesmo motivo para um luto de família... que dava ensejo, talvez, a nada mais além de salmos... e não danças? uma coisa eu ia dizer a ela, que não tinha vindo vê-lo uma só vez, que o conde *Rittmeister* morrera sozinho... coroa precavida! enquanto o irmão esticava a canela!... se não a encontrar, vou subir para lhe dizer isso, na sua torre! só há uma coisa verdadeira no mundo, esperar! esperar e se lembrar

bem, com detalhes, e depois atacar!... enfiar a espada até o punho!... pregar na parede!... epa! cortar, de alto a baixo, a barriga! estourar o balão!... para espirrar tudo para fora! sangue por todos os lados!... e toquem as flautas, ressoem as trombetas!

Alto lá!... você vai pensar que eu estou perturbado... vai me acusar como o outro!... *taratatá*... vamos buscar as tigelas...

"Meu filho, vamos pensar um pouco!... nós não estamos esquecendo nada?..."

Percebo agora, velho como estou, que sempre fui sério... muito sério!... e que os outros são muito, muito fúteis... mas tão arrogantes, tão metidos a sebo!... um drinque e já saem voando!...

"Pense, La Vigue!... esquecemos alguém!

— Já sei!... já sei!... o *Revizor!*

— La Vigue, precisamos voltar!

— Ora, no ponto em que estamos, não tem importância!"

Não discordo dele... a questão dá o que pensar... sento-me... ele fica de pé... não está nada quente... a neve está custando a cair... dizem que é por causa das bombas que fará muito frio, mas sem neve... claro, eu bem que queria, La Vigue também... mas, mesmo como estou, de cócoras, eu me sinto extremamente cansado... isso não é bom para o *Revizor!*... resolvo, apanharíamos as tigelas depressa... isto é, capengando... espero que os *bibel* estejam lá... isto é, o cozinheiro e o outro... chegamos à estrada asfaltada, para os carros... não se vê ninguém... exceto os patos... e os bandos de gansos... eles nos conhecem, ficam chateados, param de bater as asas, atravessam a rua bem devagar... mesmo quando se trata de gansos, há hora para tudo, por exemplo, vejamos o caso do Capitólio, se os bárbaros voltassem vinte vezes eles nem sequer olhariam para eles... Priapo, tão assustador para as menininhas... faz as mães de família bocejarem... acho que, naquele povoado, todo mundo estava farto de nós... não havia ninguém às janelas!... em geral viam-se as cortinas estremecerem... era de se crer que, depois do enterro, tinham combinado não nos ver mais... levanto-me, vamos até lá!... *Tanzhalle!* talvez a uns duzentos metros... ninguém ainda... tem-se a impressão de que desertaram... no botequim também, e é o *wirtschaft*, o bar mais freqüentado... uma verdadeira permanência... homens que escarravam em nós

de longe... e até a patroa, a Madelon deles, uma ruiva, acho que viúva de guerra... pelo que eu entendera, uma megera, antinazista, anti-von Leiden, anti*franzose,* e principalmente, era voz corrente, antinós!... chamava-nos de *scheissbande* *... não traduzo, não vale a pena... pois bem, ali, agora, não há mais ninguém!... ficamos parados, de propósito em frente àquele *wirtschaft*... nada! nem um escarro sequer!... solidão completa!... pergunto-me se a cozinha *bibel* também não ia estar fechada... não!... chegamos...

"E então?... e daí?

— Nada!..."

Lacônico... entretanto, haveria muito o que dizer... eles estão calados... entrego nossas tigelas... o cozinheiro enche-as... e pronto! bem depressa, para darmos o fora logo!... muito bem! *tchau!*... na estrada também ninguém... nem cá... nem lá... nem uma dona-de-casa... só os gansos... bem sossegados, agrupados por famílias... dormindo, com a cabeça debaixo da asa... indiferentes...

"Ande logo, La Vigue!"

Eu estava pensando no *Revizor*... o sobrevivente... não era garantido!

"Vamos!... depressa!"

Eu não podia falar! sempre mancando, tropeçando em tudo... chegamos às árvores... o parque... ah! o aparelho!... tinha me esquecido... dois pedaços de pau!... não ia ser uma obra de arte, mas... eu prometera... ia arranjar com os outros *bibel* na isbá, acharia na certa... que bom! eles estão lá! peço-lhes... eles pegam um pedaço de madeira... começam a cortar! é exatamente o que eu quero... com uma faca... pronto! é isso mesmo!... observo que mudaram de roupa, não usam mais macacões, e sim túnicas verdes... o traje de inverno?... e outros tamancos também, enormes, com certeza por causa da palha... um feixe em cada pé... saímos!... *danke! danke!* rápido ao salão!... ele podia muito bem ter morrido enquanto estávamos fora... não! não!... está lá, muito amável... calmo... não teve medo das megeras "furiosas"?... pergunto... oh não!

* Bando de merda. (N. da T.)

claro que não!... absolutamente! elas estão em Hamburgo!... eu não lhe dissera?... eu não me lembro mais? estou me sentindo mal?... pergunta-me... é o cúmulo! era eu o obcecado, o doido!... ele também me acha biruta! onde é que eu vira aquelas megeras? não insisto!... ótimo!... o *Revizor* está com o moral bem alto! então vamos tratar do aparelho!... examinar a perna dele: vermelha e inchada, um edema enorme... não ia ficar muito bom, mas afinal de contas...

"Lili! Lili!"

Chamo-a.

"Kracht!"

Ele também!

"Dois pacotes de algodão! e três ataduras grandes..."

Kracht vai, volta... pronto!... agora, é preciso levantá-lo e ajudá-lo a sentar-se... carregamos o velho até a poltrona mas ele não agüenta... sente muita dor... disse-nos que não suportaria!... e não é do tipo de ferido que geme à toa, pelo contrário! é melhor não insistir, fazê-lo deitar-se, ele teria que esperar... na maca, ele não se queixa mais... ofereço-lhe uma tigela... está com apetite, aceita logo... o "aparelho para andar", eu já estava imaginando... teria sido preciso adormecê-lo... assim como está, é impossível... mais tarde outros médicos tratariam do caso...

"O senhor acha?

— Oh, sim, sem dúvida!

— Médicos de onde?

— Vamos ver!... o senhor vai ver!"

Não posso dizer mais... era uma outra preocupação!...

"*Und die* Kretzer? E os Kretzer? o senhor sabe?"

Pergunta...

"Eu sou o *Revizor!*

— Eu sei!... eu sei!

— Preciso verificar as contas deles! *konto! konto!... kassa!...* a caixa!"

Não está preocupado, mas de qualquer forma gostaria de verificar as contas...

"Ele veio aqui!... sim! Kretzer!... mas o senhor estava dormindo..."

Disse aquilo para ele não insistir mais!...

"Schön! Schön! está bem!..."

Acalmou-se um pouco... bem naquele momento, explosões... *bruuuum!* e *crrrac!*... parece bem perto!... para os lados do campo de aviação... ele tornou a ficar preocupado!

"Eles bombardeiam seguido?

— Muito pouco!... cada vez menos!... estão sendo, todos, derrubados!... a "passiva"!... a *flach!*... sabe?

Para levantar o moral, não há ninguém como eu nem ali nem em parte alguma... tenho sempre uma palavra!... se estivéssemos chegando no Inferno eu o chamaria de estufa total! eu faria todo mundo ficar com tesão... iam pedir bis! não estão pedindo a guerra de novo? com requebros do rabo!... "a paz! a paz!" tartufos, mentirosos... o que eles querem é o crematório! bem caprichado! final!

Esse sujeito está me chateando com as suas contas e a sua *kassa!*... ele que acabe logo a tigela!... oh, agora é a vez dos 2 cc. para ele dormir!... não fervo... com o quê?... dou a injeção... quase em seguida fica sonolento, pronto, eu fiz o que pude... mas ainda há um porém... Léonard?... Joseph?... não posso cuidar de todo mundo!... e Bébert?... pensei ouvi-lo... está suspirando... Bébert já não era muito novo... ainda viveu sete anos, eu o trouxe para aqui, para Meudon... morreu aqui, depois de muitos outros incidentes, cadeias, acampamentos, cinzas, toda a Europa... morreu ágil e gracioso, impecável, naquela manhã ainda pulou pela janela... eu resolvi... "vamos deixá-lo!... vamos subir para o nosso quarto..." para o nosso cantinho na torre!... no dia seguinte, veríamos!... no dia seguinte... ao amanhecer...

O dia seguinte custou a chegar... não que eu estivesse nervoso... claro que não!... mas eu me lembrei de uma coisa!... exatamente às duas da manhã... eu pedira a Kracht que me emprestasse uma *torch*... olho para o relógio... Bébert rosna... ele que não rosna nunca... sim!... há alguém lá fora!... na escada... um empregado da *Dienstelle?*... eles não saíam à noite... ficam em seus quartos, mesmo em caso de alerta... talvez fosse o tremor das paredes... não!... é um degrau que estala... range!... outros pequenos rangidos... claro, é na escada!... Bébert torna a rosnar... levanto-me para ir até lá!... não quero despertar La Vigue... um grito!... dois gritos!...

não só gritos, mas berros!... enchendo a escada! e cada soco *plact! plaft!*... um verdadeiro pugilato!... por cima de nós! no andar das secretárias... e vozes de homens!... Lili e La Vigue levantam-se da palha... perguntam-me o que é... eu não sei... socos, pancadas, e gritos e só!... abro a porta... compreendo!... é todo o pessoal em fúria, em luta... o andar deles projeta-se sobre o vazio... uma espécie de sacada... não é entre eles, é contra duas mulheres... subo, vejo tudo com a minha *torch*... vejo as duas mulheres que eles estão surrando! matando a pancadas! mordendo!... e elas pedem socorro "*hilfe!* socorro!" são Isis e a Kretzer! o que será que estão fazendo lá em cima, porra?... vão jogá-las por cima do parapeito!... no vazio!... o que é que elas estavam tramando? ah, gritam para nós!... elas estavam pondo fogo!... e a prova, pura e simples, as garrafas de álcool!... bastava cheirar... os degraus ensopados, desde o salão até lá em cima, no terceiro andar, o apartamento da coroa! queimar tudo? exatamente!... até em cima, nos aposentos de Marie-Thérèse!... quatro garrafas de álcool para fogareiro... elas tinham derramado álcool por toda parte... eu não me enganara ao ouvir os degraus estalarem... Bébert também não... Isis e a Kretzer que nem sequer se falavam!... tinham se unido para incendiar o castelo!... eu não ia dizer nada, íamos acabar metidos na história também!... e elas ali para serem lançadas longe a qualquer instante! juntas!... aparece o marido! todo mundo fica morrendo de medo ao vê-lo!... é o chefe... ameaça... ameaça de quê?... eu não entendo bem... ele que nunca fala muito alto, urra!... oh! Kracht!... enfim, aparece... onde estava?... chega de roupão!... quer saber... "elas estavam pondo fogo!..." contam-lhe e mostram-lhe as três garrafas... ele quer verificar... cheira uma garrafa... subo com ele ao outro andar... até a porta da herdeira... é verdade!... ainda está úmido!... um fósforo e tudo pega fogo! nós, na nossa palha, tivemos sorte!... o *Revizor* também ia pegar fogo e, com ele, todas as senhoritas da *Dienstelle*... um tapa, outro! outra bofetada!... as datilógrafas queriam acertar as contas! "atrevida! criminosa! puta"... dizem a Isis o que pensam dela...

Tem umas vinte em cima de Isis... dessa vez é pra valer... ela ia parar lá embaixo!... ficamos olhando de cima... Kracht sabe o que é preciso fazer... a pistola Mauser!... de novo! dois

tiros no teto!... *pum! pum!*... foi uma verdadeira debandada... camundongos em pânico!... voltaram para os quartos!... acabou-se!... não há mais ninguém na escada, além de nós três e Kracht... os Kretzer e Isis von Leiden... as duas senhoras estão um pouco despenteadas... sangram por todos os lados, com as mordidas ficaram quase sem roupa, esfarrapadas... mas safaram-se muito bem... se não fôssemos nós, já estariam mortas, massacradas... escaparam por um triz... agora é preciso tomar providências... compete a Kracht fazê-lo...

"Doutor! não posso deixá-las aqui... a aldeia inteira viria buscá-las...

— Oh, com certeza!... com certeza, Kracht!

— Elas queriam incendiar tudo, não é?

— Claro! claro!... cinco litros de álcool!"

Exagero um pouco...

"Não posso mandá-las a parte alguma... vou prendê-las aqui... isto é, aqui do lado... nas isbás... o senhor concorda?

— Como não?... Perfeitamente!"

Que idéia!... mas eu não tinha certeza de que elas ficassem lá!

"Quem vai vigiá-las?

— Os *bibelforscher!*"

Dá-me os detalhes... o que resolveu... uma só das isbás! tinham sido preparadas para os médicos finlandeses... o navio deles devia estar avariado... em algum lugar... era pouco provável que eles chegassem algum dia! e os *bibelforscher*, quereriam vigiá-las?... era um problema... eles aceitaram, mas não armados! forçados, galés, mas sem fuzil!... não eram soldados! as Escrituras!... totalmente antimilitaristas! sempre disseram "não!"... se Adolf cedera, não era Kracht que ia obrigá-los a pegar em armas! estava combinado então!... e não só Isis, a Kretzer também! na isbá grande, e quatro *bibel* em cada porta, armados somente de suas pás e enxadas... é a minha opinião, que eu lhe dou em seguida...

"Excelente! não podia ser melhor!... mas e a pequena?... e o marido Kretzer?"

Oh sim, nem era preciso dizer!... todos juntos!

"O senhor irá visitá-los todos os dias!... duas vezes por dia!"

Concordo!... ele, Kracht, de noite, quer ir de noite... de hora em hora!... conhecíamos as boas biscas que elas eram!...

ah, não podemos esquecer os ciganos... a todas as horas! também! a cada hora! aqueles não são nada bíblicos!... uns tremendos patifes! bem! é esse o nosso programa!... de dia e de noite... tínhamos um serviço e tanto pela frente!... é o meu jeito de falar... se tornássemos a ver Harras, nós lhe perguntaríamos também o que ele achava!... se por acaso, algum dia... ele aparecer... Kracht desce para descansar... nós também vamos tentar... já tivemos muitas emoções!... não, Kracht não pode descansar... vai levar Isis e a outra... nós o esperaremos... sim, mas e La Vigue? ele não está dormindo...

"Escute, La Vigue, você se lembra de Baden-Baden?..."

Ele tenta lembrar-se...

"Não, Ferdine! não!...

— E da Sra. von Seckt?"

Ele também não se lembra...

"Não...

— E de Berlim?... e de Pretorius?

— Espere! espere! um pouquinho..."

Mostro-lhe com o dedo...

"Berlim é pra lá!... você está ouvindo? *bruuuum!*... está ouvindo Berlim? continua o massacre!

— Ah, é verdade, meu filho!... você tem razão!"

Repete como eu: *bruuuum!*

"Eles não param!... você se lembra da Chancelaria?

— Você acha mesmo?"

O fato de ele duvidar da Chancelaria e das bombas não é grave... grave seria se ele fizesse de novo um escândalo... uma vez ainda passava, o pessoal dali o conhecia... mas se fosse em outro lugar?...

"Basta você fazer *bruuuum!* La Vigue, é só isso!... Kracht já vem!

— Você acha?

— Acho sim! já o estou ouvindo!"

*

Dá para calcular que não dormimos muito aquela noite!... o hábito!... o hábito! tratava-se de não sermos surpreendidos... Isis e a Kretzer na isbá... vigiadas pelos *bibel*... já era o sufi-

ciente para nos inquietar... na certa, elas iam voltar! elas iam escapar!... e furiosas!... e aí?... Kracht devia ir lá três vezes entre meia-noite e seis horas... às sete horas, era a minha vez... ainda tínhamos bastante tempo... quando clareasse um pouco, eu me levantaria... estava frio... pela clarabóia entrava um pouco de neve... fui me certificar... acendi a lanterna!... sim!... flocos espessos... Lili e La Vigue também não dormem... então eu pergunto... quero surpreendê-lo...

"Escute aqui, amigo...

— O quê?

— Você se lembra?... do que a cigana disse?

— Não!

— Que você matou Simmer, ora!"

Afirmo, insisto...

"Não! não matei ninguém!... você está inventando, Ferdine!... é mentira!"

Assim, à queima-roupa... sobressalta-se...

"La Vigue, eu disse isso só para te acordar!

— Você é uma besta!

— Você tem razão, meu filho! aperte esta mão!"

Apertamos as mãos... sem ressentimentos!... eu queria só verificar... ele está melhor... talvez eu me tivesse precipitado... paciência!... o que se ia fazer?... ficamos dizendo bobagens até às seis horas... saio da palha...

"Vocês, meus queridos, fiquem sossegados!... vou dar uma espiada na isbá e já volto!"

Não... querem ir comigo... bem!... eu até prefiro... mas depressa!... é preciso admitir, quando não se tira mais a roupa, tudo anda bem mais depressa... ganha-se tempo!... é só pensar nos bombeiros, nos sinistros... eles nem sequer pensam, saem correndo!... um minuto! e já estão a postos!... é esse o verdadeiro passo do gênero humano!... sem tempo para pensar... como os cavalos que se atrelam e lá se vão! saímos correndo... o peristilo... e pronto!... olho as horas no meu relógio... Kracht nos viu... está voltando da isbá...

"Doutor, o senhor vai até lá?... elas estão insuportáveis! a aldeia inteira está lhes trazendo móveis... o senhor vai ver!... os *bibel* estão fazendo um fogão para elas! sim, senhor!... vai ver!... de tijolos!... elas estão intragáveis!"

Íamos ter de enfrentar uma grande resistência, eu já estava imaginando... depressa!... já há um belo tapete de neve... estamos em fins de outubro... mas nós não estamos sozinhos!... o povoado inteiro está carregando móveis, cadeiras, almofadas... para as prisioneiras!... e nós tínhamos visto a aldeia vazia!... onde eles teriam se escondido?... era a nós que eles não queriam ver, só isso!... agora, todo mundo acorre à isbá... que entusiasmo! que movimento! um "entra-e-sai" tremendo! e cheio de crianças, descalças... trazendo troços, também, panelas, bacias... as senhoras estavam se instalando bem... acho que são, principalmente, crianças russas... que nos conhecem... nos mostram a língua e nos dizem os piores palavrões... dos cabeludos!... e riem!... meninos e meninas... agora, cada um carrega um tijolo... caem uns por cima dos outros, com tijolos e tudo... e levantam-se, apanham os tijolos e se atracam, a socos e pontapés! *bum!... bruuuum!* até os pequeninos fazem *bruuum!*... imitando! as bombas sobre Berlim! lá longe! e *zzzzz!* como os aviões!... eles sabem!... *bruuum!* e *zzzzz!*... e que caía tudo no chão! a garotada e os tijolos!... *zzz!* adiante!... acessos de riso, a bomba?... os tijolos?... é a idade em que tudo é engraçado!... nada tem importância... cai outro no chão! e *paft!* um bofetão!... e, lá em cima, *zzz!* um avião que não pára!... um tijolo escorrega... é pesado demais!... fomos todos arrancá-lo do buraco na neve!... parece que eles nunca riram tanto!... e *paft!* outro tapa!... lá está a isbá!... ah, vejo, ao primeiro olhar, que toda a aldeia está lá... todas as donas-de-casa... e os gansos... e os patos... vejo o interior, o fogão, tão falado, de tijolos... um modelo da Ucrânia, enorme... com uma chaminé que atravessa o telhado de palha... há pelo menos dez *bibel* além das crianças... tudo bem! as coisas estão indo depressa, até à noite, tudo estará pronto!... dez *bibel* pedreiros, que não perdem tempo, os garotos sobem, entregam os tijolos... caem... gritam!... caem na gargalhada!... e começa tudo de novo!... dá-se um jeito para tudo! para todas as diabruras! e as bombas verdadeiras continuam a explodir... *bruuum!* ao longe... e as crianças imitando!... *bruuuum!* ali pertinho!... enquanto isso, vai chegando a mobília... transportada por todo o povoado... com o frio e a neve... para que não falte nada às distintas senhoras... que horror, as coitadas na isbá!... vítimas daqueles bruta-

montes!... toda a aldeia está comovida!... os russos, os polacos, as donas-de-casa e os prisioneiros... todos!... quanto ao aleijado, a Simmer e ao heróico Comandante não se dizia nada, parecia que era tudo invenção... tinham sido massacrados?... estrangulados? seria mesmo?... esmagados, esfacelados?... ora, ora! mas a Sra. von Leiden expulsa de casa, tratada como uma qualquer, e nós ali, rebotalho dos *franzosen,* os piores dos piores, a fazer pouco... Zornhof tinha passado por reveses terríveis, havia pelo menos uma viúva em cada choupana, mas nós três ali, a nossa arrogância passava dos limites!... afinal, era preciso nos jogar na esterqueira! e já!... era o que corria! estava se preparando... as crianças estavam com os pés gelados... uma fogueira imediatamente!... e todo mundo ria!... fogueira improvisada!... galhos amontoados sobre estacas de minas... e fogo!... Kracht não concorda... grita: *verboten! verboten!* os garotos nem ligam! "cale a boca! *maul zu!*" acho que ele teria sido capaz de atirar, mas diante daquele ódio que eles tinham, não adiantava, iam saquear o castelo e a fazenda, estou falando dos garotos, das mães e dos prisioneiros... e nós íamos de cambulhada! nós, os monstros!... Kracht não mandava mais, eles até esperavam que ele atirasse... eu lhe disse: "Kracht, não vale a pena!" é verdade, bastava olhar... todo o povoado entrava, saía, trazia mais almofadas, mais móveis... "para aquelas pobres senhoras"... era melhor nós voltarmos mais tarde, depois que eles tivessem acabado o fogão... Kracht concorda, retomamos o mesmo caminho... neve por todos os lados... a garotada nos vaia... *"heil! heil! mörderer! heil, heil,* assassinos!"... pura e simplesmente!... não há o que responder, a opinião geral está contra nós!... mas, pelo menos, eles não nos massacraram!... bem que poderiam!... é isso que eu venho repetindo desde 39, "bem que poderiam!"... mil oportunidades! a mesma ladainha!... Herold Paqui, caminhando para a morte, chorava despeitado... "eles não fuzilaram Céline!"... teria morrido contente... Cousteau também, aquele canceroso insatisfeito... o valente Cousteau!... que fizera tudo o que pudera para que acabassem comigo... oh, outros mil também, é verdade!

Ali, tratava-se de um assunto mais sério... aquelas senhoras "sob vigilância" não podiam fugir!... e também ninguém devia ir atrás de nós... vamos, pois, com muita prudência, de vala em

vala... a neve continua a cair... chegamos ao peristilo... duas senhoras estão lá, bem agasalhadas... não são camponesas... estão nos esperando!... chegamos mais perto... sim! Marie-Thérèse, a herdeira, e a condessa Tulff-Tcheppe... de pé, na neve... que desejam de nós? dirigem-se, primeiro, a Kracht... que querem?... saber se iam ser presas, se também iam para a isbá... tinha quase amanhecido... elas estão abatidas, com o nariz escorrendo... estão esperando há muito tempo?... eu nunca as vira juntas, acho até que não se davam... uma na casa da filha, na fazenda, a outra na sua torre... agora são amigas, de braço dado... tiritam... de frio e de medo!... a condessa Tulff-Tcheppe explica-me que elas não querem voltar à fazenda... por quê?... Nicolas está lá!... o gigante russo!... e Léonard e Joseph!... e os outros todos... iam tocar fogo de novo!...

"Fogo? fogo?"

Eu a corrijo...

"Era Isis von Leiden que estava pondo fogo!... e Isis está presa... quer vê-la?"

Proponho...

"Oh, não!... não!"

Têm ainda mais medo de Isis que do gigante russo... "e então?" Kracht pergunta... elas vão ficar lá em cima?... as duas juntas nos aposentos de Marie-Thérèse?... e depois?... à noite, desceriam para o antigo gabinete do irmão... teriam menos medo de Isis...

Fariam também companhia ao nosso *Revizor!*... preciso apresentá-lo a elas!

Elas acompanham-me...

"A Sra. condessa Tulff-Tcheppe! Srta. Marie-Thérèse von Leiden!"

Ele ali, deitado, fica bem contente... gostaria de levantar-se, cumprimentá-las... mas não pode... queria fazer um gesto de boas-vindas... mas só pode mexer um braço! nada mais!... e as honras?... sente-se como na sua própria casa...

"Aqui, vejam, senhoras, dois divãs! desculpem a desordem! ali, uma poltrona!... e lá, acho que é um piano!... ao fundo, as janelas! Kracht, o S.S., as senhoras o conhecem, proíbe que se abram as persianas! é idéia dele!... ah! ah!"

Começa a rir, mas sente dor... seu semblante crispa-se...

"Oh! oh!

— Sr. *Revizor,* nós estamos vendo! não se mexa!... não se mexa!"

Ele insiste...

"Poderiam ver a esterqueira! bem embaixo da sacada, o seu irmão morreu ali, ao meu lado... o *Landrat,* o seu sobrinho, senhora, disseram-me que morreu na fossa... a senhora sabe, não é?... na fossa?"

Preocupa-se com a precisão... mesmo assim, nesse estado, cheio de dores, não quer saber de erros, não quer que elas acreditem numa história qualquer... Kracht escuta, não diz nada... La Vigue torce-se de impaciência, queria voltar à isbá... uma mania... "já vamos!" disse eu... tinha de ir lá ainda três vezes... Kracht à noite... eu, para tratar da saúde delas, de dia... com certeza iam nos receber!... pergunto às senhoras se querem dar uma voltinha... também não! não iam subir para o apartamento... iam instalar-se no salão, imediatamente... o *Revizor* não perturba, assim que tenta mexer-se, começa a gemer... e geme ainda mais quando temos de segurá-lo no vaso... é hora, antes de sairmos... nós o levantamos e o mantemos assim, ele se queixa só um pouquinho, é valente... agradece-nos afetuosamente... agora, até a próxima vez... sua fratura não é fácil... quero dizer, a consolidação... o edema já diminuiu bastante, mas o calo me envergonha... ele que ficasse deitado, merda!... é preciso recomendar-lhe que não incomode as senhoras!... elas nem se preocupam conosco, estão tentando abrir as persianas lá no fundo... é proibido!... mas isso nem é com elas!... o que querem é ver bem!... muito bem!... se acomodarão nos divãs... já dormimos neles... dividiremos o salão em dois... em três... elas estarão melhor do que nós, deitados na palha... o *Revizor* geme muito alto, mas, depois que toma a injeção acalma-se... agora, precisam de colchões... não há dúvida, é só apanhar no apartamento dos Kretzer, no andar de cima... faremos isso ao voltar da isbá!... agora é a minha vez de visitar! faço questão que La Vigue venha... não quero que ele fique com as mulheres e o *Revizor,* ia dizer besteiras... disse-lhe "venha comigo, La Vigue!"... é uma ordem, eu não estou com muita vontade de ir

ver Isis, mas, afinal de contas, é preciso... saímos... você já sabe... o caminho... perto do último arbusto antes da isbá... eu digo a La Vigue: "cuidado!" há pouca gente em volta, só os *bibel* de guarda, como estava combinado!... andavam de um lado para o outro, era a guarda à moda deles, sem fuzis mas com pás e enxadas... grito-lhes:

"Nada de novo?... *nichts neues?*

— *Nein! nein! niemand weg!* ninguém saiu! tudo em ordem!"

Eles me conhecem bem... não pergunto mais nada... estou tranqüilo, mas não muito... Isis é capaz de tudo... eu voltarei, para minha outra visita, dentro de duas horas... ah, mais uma coisa!... ia esquecendo!... "*niemand krank?* ninguém doente? *nein!... nein!...*" pois então, muito bem!... meia-volta!... ao castelo!... o peristilo!... o salão... as coisas não iam mal... as senhoras se instalaram... não em um acampamento improvisado, em quartos completos!... tinham se arranjado!... eu não conhecia os biombos... elas descobriram aquelas coisas lindas! folhas muito bonitas, altas, bordadas... o solar von Leiden tivera a sua elegância... não fora só o parque... um palácio de Versalhes em miniatura...

"Não é só isso!... agora, vamos apanhar as tigelas!"

Mas não... nada disso! Lili não quer!... a aldeia inteira está pronta para dar cabo de nós, de nós dois e das nossas tigelas! só estavam esperando uma oportunidade! é verdade... além disso, o céu está cada vez pior... uma "fortaleza" atrás da outra!... ela tem razão!... escuto, não há necessidade de pôr a mão nas paredes... elas vibram, vê-se de longe... e o assoalho... *bruuuum!*... não são só explosões, um ronco depois de cada bomba... *rrrrr*... o aparelho em parafuso!... se espatifa, se espalha por toda parte... longe... bem longe... e depois mais perto... Lili está certa... e as nossas tigelas?... agora não estamos com muito fome, mas... e mais tarde?... além disso, somos seis, sete com Bébert... claro que temos a despensa, o armário, sempre o armário!... mas na frente das coroas?... com certeza, estão a par, mas me constrangem... em comparação com a isbá, eu acho que eles lá é que estão sendo bem tratados, tenho certeza de que eles estão levando de tudo... a nós, se mandassem alguma coisa, seria da parte de Isis, o necessário, gasolina... fósforos... e dessa vez ia ser para valer! tudo ia

pegar fogo!... na certa! não é engraçado?... chegamos a rir!... o *Revizor* também está bem instalado!... tinham-no cercado de biombos... três!... e ele se queixa... ouço-o e vou vê-lo... a perna está doendo... e, além disso, ele está com fome!... pede-me... quer um pouco de pão preto!... uma vontade!... zás! aviso Lili... aviso também as velhas... elas sabem, claro, que eu já mexi no armário, que regalei Zornhof inteiro... e mais Léonard e Joseph... e os ciganos... e a cozinha dos *bibelforscher*... então, para o *Revizor*, ferido como está, que pode falecer de uma hora para outra... seria desumano eu hesitar...

"*Natürlich!* naturalmente!"

Elas concordam comigo... se Harras voltar algum dia, ele entenderá...

"Claro... claro!..."

Avante, se é que sobrou alguma coisa! eu já tirei tanto!... as senhoras também precisam comer... e talvez nós três, um pouquinho... e o nosso Bébert... não é só o *Revizor!* "Caridade bem organizada..." claro que com os *bibel* sempre se daria um jeito... eles não iam recusar, mas a ida e a volta? uma expedição bem perigosa, diante da agitação... não!... comeríamos algumas conservas, havia pelo menos dez ou doze latas, eu as tinha apalpado, debaixo dos cigarros, bem no fundo, mas as senhoras não queriam! feijão, não!... sardinhas, sim, muito bem!...

"Eu vou buscar!"

Eu tinha certeza de que, na isbá, havia sardinhas... eles tinham de tudo... traziam-lhes de tudo! por quê?... como?... então, uma troca, quem sabe?... mais tarde!... agora, o pão!... nós bem que podíamos passar sem pão... mas era melhor com... o *Revizor* fazia questão de pão preto...

"As raparigas, Ferdine!"

Eu tinha esquecido!... as datilógrafas deviam ter!... as moças furiosas do terceiro andar!... se Kracht não tivesse atirado, Isis, àquela hora... babau!... e não só ela! a Kretzer também!...

Eles eram capazes de querer jogar-nos lá de cima também! mas nós não tínhamos posto fogo!... só queríamos um pedaço de pão, para um doente... realmente, era arriscado... elas podiam ainda estar com os nervos em pandarecos...

"Vamos!"

Já contei que as portas dos quartos delas davam todas para a mesma sacada por cima da grande escadaria... eu ia propor devolver-lhes o pão!... subimos... diante de cada porta *toc! toc! was?* quem é?... nada amáveis!... grito bem alto: "um pouco de pão para o *Revizor!*"... as portas entreabrem-se... ah, uma meia-broa!... uma inteira! e mais uma!... basta!... *danke! danke!* obrigado!... tornamos a descer... voltamos ao salão... o *Revizor* pergunta-me:

"Elas não lhe falaram dos registros? e das contas?

— Falaram sim! estão prontos!

— Ah! ah!"

Percebo que ele precisa mijar... as senhoras poderiam ajudar-nos... elas concordam... mãos à obra... é uma manobra delicada, ele sente muitas dores... pronto, acabou!... ele não tem febre, mas a fratura... as fraturas... estão muito feias... será preciso refazer tudo!... mais tarde... mais tarde... o importante agora é ele comer... havia pouco, sentira fome... pão preto puro? com alguma coisa!... eu acho que ele vai gostar do patê de porco... mas onde está o patê de porco?... não tenho coragem de dizer, eu sei!

"Vamos, La Vigue!"

Ele também sabe... no armário!... ele precipita-se, revira tudo... com os dois braços... o *Reichsoberarzt* Harras não viajou à toa... quanto às epidemias, *neres!*... mas quanto a charutos!... caixas e mais caixas!... presuntos... ah, o patê de porco!... três potes!... e garrafas em penca!... conhaque... anisete... *chianti*... Marie-Thérèse está curiosa, quer ajudar-nos... a condessa Tulff-Tcheppe também... elas sabem onde estão os copos... em um dos aparadores... e os saca-rolhas... oh, champanhe!... La Vigue tira seis garrafas!... do fundo, debaixo dos cigarros... as senhoras não se fazem de rogadas... as rolhas saltam fora, é do bom!... elas servem-se outra vez... e o *Revizor*, que tínhamos esquecido, também quer... *mmm! mmm!*... que delícia!... pede para repetir... Lili serve-o... as duas condessas, Marie-Thérèse e a outra, vêm ver o *Revizor* beber... como ele está engraçado! mas são elas que estão altas! o efeito *extra dry* não demorou a se fazer sentir!... e a prova é que elas tropeçam nos biombos! juntas! as duas! alto, se endireitam!... de braço dado!

"Doutor! doutor! que bom! doutor, por favor, prometa... assim que chegar a Paris..."

A outra interrompe, grita, pede mais!

"Pingue-pongue!... Pingue-pongue!"

Marie-Thérèse quer jogar pingue-pongue... e já! há uma mesa ali... mas e as raquetes?... é preciso saber... elas devem encontrá-las lá, acho eu, mostro-lhe onde é, entre o divã e o depósito de lenha... bem do outro lado do salão... em um monte de coisas!

"Depois vocês procuram!... agora comam!..."

Não! elas querem jogar imediatamente! pingue-pongue! pingue-pongue!... malandras!... não podem esperar! lá se vão... batendo com os pés! enredam-se nos panos! que quantidade há!... montes de veludos!... braçadeiras, varões de cortinas... as duas condessas caem de joelhos... querem, de qualquer forma, achar as raquetes!... levantam nuvens de poeira... espirram... ofereço uma taça... e mais outra... deitam-se no chão... a Tulff-Tcheppe repete-me:

"Doutor! doutor! não se esqueça!... doutor, promete?..."

Claro!... claro!... prometo tudo... Marie-Thérèse continua remexendo... que dor de lumbago ela ia ter!... assim de joelhos, tira, do meio dos trapos, um ferro de passar roupa, uma panela, três espreguiçadeiras... mas há tanta poeira que todo mundo tosse... o *Revizor* também... está ficando sufocado... não posso levantá-lo!...

"Doutor!... doutor!"

Não se vê mais nada, só nuvens!... acabou-se o champanhe... eu digo a La Vigue...

"Vá apanhar outras! ainda há muitas!"

Ele vai... apalpa, tira... é "água vegetomineral"... provamos... as senhoras tomaram um gole tão grande que ficaram com a boca ardendo... ui!... sopram... e pedem mais pão preto! La Vigue sabe cortar em fatias bem finas... serve-se e, depois, às damas e ao *Revizor,* deitado de lado... nós já o tínhamos quase esquecido... é preciso admitir, o moral está bem mais alto!... mais um pouco, seria até divertido... o assoalho estremece e as paredes também... e daí? já estamos habituados!... e às "fortalezas" também!... quem não estaria?... talvez estivéssemos sendo um pouco mais sacudidos do que na véspera... parece

que sim!... Berlim está pior!... quero que você saiba, leitor, que eu não toco em nada!... não me embriago!... os outros que bebessem, eu não!... o meu uísque é água ao natural!... as senhoras não querem saber de água!... mas beberam de tudo depressa demais... seria aconselhável que descansassem... que parassem de procurar as raquetes, de remexer naqueles cacarecos, naquela bagunça, para não achar nada... além de nos fazer tossir!...

"Fiquem deitadas!"

Não querem!

"Deitem-se sim!"

Ordeno... estão num pileque!... desabam ali mesmo... penso que vão vomitar... nada! caíram no sono... imediatamente!... o *Revizor* também! o álcool tem suas vantagens!... aproveito para dar uma injeção em cada um!... pelo menos três horas de sono... 4 cc...

"Agora, filho, à isbá!"

Ele aceita logo... só bebera a água vegetomineral...

"Lili, espere por nós!"

Lá fora, vejo logo um fogo, entre o castelo e os arbustos... uma fogueira de lenha e, em cima, um ganso no espeto... eles não fazem mais cerimônia! é proibido tocar nos gansos!... "Ordem do Reich"... aquilo é sabotagem grave!... mas a polícia é com Kracht e não comigo!... eles que se regalem!... Hjalmar poderia tratar do assunto, mas está longe!... a mim compete estritamente o estado sanitário... o melhor, acho eu, é não chegar perto, ficar de longe!...

"*Nichts neues?*... nada de novo?

— *Nein! nein!*"

Não vamos ficar bisbilhotando... meia-volta! eu não acredito muito nos *nein! nein!* mas Kracht resolverá!... justamente, ei-lo!...

"Vai tudo muito bem!"

Afirmo... é o que ele quer... não insiste, volta conosco... a neve agora está derretendo, uma papa... ele está de botas... chegamos ao peristilo... ao salão... as duas condessas dormem, deitadas no tapete... a sono solto... os braços de qualquer jeito, as pernas também, as saias em farrapos... Kracht pergunta-me o que acontecera...

"Alguma briga?

— Não, elas beberam!... estavam com sede... muita sede...

— Não vomitaram?

— Não, ainda não!

— Não se envenenaram?

— Não... acho que não..."

Só estão curtindo a bebedeira... tranqüilamente... mas por que tinham engolido tudo tão depressa? afinal, mal tinham comido!... as senhoras estavam com os nervos em petição de miséria, e com aquele choque do álcool, do champanhe, não se controlaram... Kracht observa que talvez fosse melhor cada uma ficar em um divã...

"O senhor tem razão, Kracht, as damas no salão!"

Não muito espirituoso, mas estou cansado, tenho direito, dei muito mais duro do que aquelas duas velhas bêbadas, de saias levantadas... pronto! nós as seguramos pelos ombros e pelos pés... e deitamos cada uma em um divã... a Tulff-Tcheppe entreabre o olho...

"Doutor!... doutor! não se esqueça!... o museu da Orangerie!... a Orangerie!

— Não! Não, senhora! juro!"

Torna a dormir... mesmo naquele pileque, não se esquecia do palácio das Tulherias... eu lhe prometera que iria lá assim que voltasse... e também à rua Saint-Placide... por que aquela rua?... em todo caso, eu jurara... estavam nanando as duas... bem! bêbadas tão depressa?... estavam drogadas, isso sim... Kracht podia suspeitar... era um pouco anormal...

"La Vigue, o que é que você acha?"

Ele está ali, sentado ao meu lado... com o nariz para cima...

"Não são só as paredes!... o teto também! saca só a rachadura!"

Não há nada de surpreendente, mas é de ontem que o teto está para cair...

"Você é como os gauleses, La Vigue!"

Bruuuum!... eu não pensei que acontecesse tão depressa... uma placa... duas placas... está tudo se despregando!... realmente, as explosões estão cada vez mais próximas... e o barulho não vem só de Berlim, do Norte também... parece... em todo caso a isbá acabou para nós... é a vez de Kracht!... a noite

chega... comemos um pouquinho, não estamos assim tão mal!... quem sabe se seria bom aplicar mais uma ampola no *Revizor?*... oh, ele ia me acordar!... ia gemer... as duas damas, cada uma no seu divã, suspiram... escuto... estão roncando... não temos escolha, é o chão, confortável ou não!... o principal é nos deitarmos e pronto... e ficarmos de olho!... cada um com direito a um cobertor... basta!... eu digo a La Vigue:

"Você acha que os gauleses dormiam?"

Ele nem teve tempo de responder... *rrrrr!*... um ruído de motocicleta... e mais outro... *rrrrr!*... no parque!... e mais perto... no peristilo... não vamos olhar!...

"Diga o que é!"

Não há motocicletas em Zornhof... pelo menos nunca vimos... e então?... mais duas... *rrrrr!*... vêm por nossa causa?... o melhor é não aparecermos... são alemães?... russos?... ingleses?... não entram... falam lá fora... é fácil... são nazistas!... Kracht desce... vai falar com eles!... tento ouvir... eu entendo um pouco... vêm de Berlim... o que querem?... falam de uma forma tão entrecortada, tão rouca que quase me dão vontade de sair para pedir que me expliquem... ah, outro *rrrrr!*... muito mais forte!... arrastando uma porção de ferros... correntes... é um automóvel blindado, eu conheço... e logo a voz de Harras... não há engano, é ele! pode se gabar de ter nos feito esperar, aquele pilantra!... de onde é que ele vem? e, ainda por cima, está rindo!... que atrevido! é o jeito dele: *ooooh!* eu não posso imaginar do quê!... ele fala com os outros, sem pressa... nós podemos aparecer para ele!

"*Heil* Harras!... *heil!* com os diabos!

Sim, é ele mesmo!... e o carro blindado! afinal, chegara o patife!... ataco-o e de que jeito!

"Harras! seu malandro! você merece uma condecoração! palmas e cruz! quase não nos encontra mais! quase nos mataram! mataram todo mundo aqui, esses seus canalhas!... férias campestres, você disse!... que férias! casa de repouso!"

Ele ri... *ooooh!* sempre achara muita graça em nós... olho para ele, emagreceu... mas, mesmo assim, está duas vezes mais gordo do que eu... não está triste, não! é um homem que não pode estar triste... deve ter viajado demais... pergunto-lhe...

"Não... não, meu velho!... tivemos umas pequenas dificuldades... muitas! mil!... pior do que aqui, meu velho!... pior! você não acredita?"

Eu compreendo que Grünwald não existe mais... nem o telégrafo... nem o grande *bunker*... nem os colegas finlandeses... nem as datilógrafas... que tudo tinha sido esmagado, destroçado, incendiado!... que tudo se espatifara em duas noites!... apenas duas noites! *pfff!* ele imita e faz um gesto... nós com certeza vimos daqui... com certeza! todas as noites!... a toda hora, aliás!... *pfff! pfff!*

"E Lisboa?" pergunto...

"Lisboa acabou-se!... todos os chefes sanitários aí da frente se perguntam também... quem?... o quê?... *ooh!* são todos ridículos!... eu também!... todos os pequenos cóleras abortam!... uma varíola duvidosa em Beirute!... sete lepras em Dacar!... e só! nos exércitos? nada!... nem entre os russos nem entre os turcos... civis, militares, vacinados, Destouches, é o fim!... nem há mais alcoólatras na França... só um *delirium* em Toulouse!... meu pobre colega, a guerra agora está afugentando a peste!... e curando os loucos!... Dürer tem que ser refeito! *ooooh!*... tudo diferente! sabe, os quatro cavaleiros do quadro dele? vacinados, todos vacinados! pertencem ao serviço de saúde! não há mais nenhum motivo para esta guerra terminar! Apocalipse asséptico! agora, só com lança-pedras, colega!... ou com arbaleta!... a arma secreta?... já era!... *ooooh!*"

Está às gargalhadas de novo! mas continua armado! porra! eu vejo! duas Mauser! e mais três granadas de cabo! é a minha vez de rir!...

"Você também vai fazê-los recuar?

— Quem?

— Os russos, ora!

— Sabe que eles não estão muito longe?"

Pelo menos ele não doura a pílula...

"Onde acha que estão?

— *Ach,* os aliados deles?... bem perto... acredito... talvez... não digo que não..."

Harras é um cientista, vê as coisas objetivamente... não à moda da "propaganda"...

"Onde estão eles agora?

— Com certeza em Frankfurt an der Oder!
— Os russos?
— É!"

Estou informado... nós, ali, íamos assistir a tudo de camarote... é bom saber das coisas... não só sobre os tifos e cóleras que não dão em nada... mas também sobre os tártaros... Frankfurt não fica longe!...

"Harras, o nosso livro, sabe?"

Ele não se lembra mais...

"O que nós tínhamos planejado...

— Ah, sim!... ah, sim!

— A Medicina Franco-Alemã!"

Lembra-se...

"Nem peguei nele!... não foi por preguiça, mas não tive um minuto! nem de dia, nem de noite!

— Eu sei... eu sei...

— Os dossiês estão ali... olhe! encostados na parede... as pilhas!..."

As pilhas estremecem...

Ele vê os dossiês... *ooh!* que engraçado!... ah, mas como eu também posso ser brincalhão!

"Harras, os russos podem chegar!... temos isbás para eles!... estamos prontos! e com damas dentro!"

Por falar nisso, preciso ir vê-las... peço licença, ele concorda... não ia ficar sabendo nada de novo!... sabe, melhor do que eu, o que acontecera... enterro... assassinatos... não me disse nada, mas não é homem para se surpreender... mas aquele ar bonachão... tão farto de tudo... talvez ele não soubesse de tudo... o armário?... já que estamos num tom de brincadeira!... pois bem, eu começo...

"Sabe, Harras..."

Oh, não precisa!... ele me faz parar...

"Mas claro!... claro! meus pobres amigos! um caso de força maior!"

Deixa-me à vontade! até defende o nosso caso... nós somos vítimas e pronto!... é um caso muito triste o nosso... sim! sim! e, a todas essas, *ooooh!*... enorme! a prova de que somos inocentes é que pensamos ter esvaziado o armário e ele continua cheio!... eu duvido?... ah, duvido! Harras vai abri-lo, de

joelhos... o enorme corpanzil sarapintado, engraçado, de joelhos, um camaleão... empurra um painel! e surge uma abundância de frascos! um esconderijo e tanto! presuntos, salsichas! e mais quatro cestas de champanhe! o bastante para amaciar muitas hordas... o exército russo pode vir!... o pessoal do povoado sabe... Harras sabe que eles sabem, mas pouco se lhe dá!... tem seis S.A. consigo... oito... e daí?... a guarda da isbá?... precisamos falar a respeito... primeiro Kracht!... ele está chamando... posso escutá-lo!

"Kracht!... Kracht, cuidado!... esses *bibelforscher* são uns traidores, covardes e pederastas... nunca confie nessa gente!... mande dois S.A. para lá... se alguém sair: *pum!* avise-os!... não tem conversa! está entendendo?... esses *bibel* sabem fazer ataúdes muito bem... então, não é? não é?

— *Ja!... ja!* Sr. *Oberarzt!*

— Agora mande levar tudo!... tudo isso para lá!

Tudo isso são pelo menos vinte garrafas de vinho tinto, mais duas cestas de champanhe *Mumm*... e três presuntos grandes... e mais, uma coisa incrível, dúzias de potes de patê de fígado e de patê de porco... dá para montar uma loja de *delikatessen!*

"Eles que não façam cerimônia! quero que comam tudo! amanhã haverá mais!... mas ele não podem sair!... *pum! pum!* Kracht!... você me compreendeu?

— Claro, Sr. *Oberarzt!*"

Agora é comigo... apruma-se com suas pistolas Mauser, suas granadas e seus binóculos... assim postado, é duas vezes mais gordo do que eu... mesmo tendo emagrecido muito!... e multicolorido, capacete, capote, botas, verde, amarelo, vermelho... camuflado... os *bibel* também estão pintados de verde, amarelo, vermelho... mas é para que se possam ver melhor de longe!... não dá para entender!

"Meu caro Destouches, não é só isso! o juiz veio, ao que parece... o *Untersuchungrichter!* ah, diga essa palavra! para me agradar!"

Eu digo...

"*Ooooh!* e o nome dele? sabe?

— Ah, não!

— Ramke! sabe o que ele fazia em Hindenburg?

— Sei! o *Revizor* me disse: cabeleireiro de senhoras...

— Isso mesmo! Na *Gegnenstrasse... Meisterfrisör...* Salão Danae...

"Meu caro Destouches, não é só isso! chega de ninharias! vamos tratar da administração!... nós dois! uma mesa!... duas cadeiras! você vai ver!... a administração nazista! Colega, eu vou comprometê-lo! você será fuzilado!... logo!... ou por estes ou por aqueles!... *coooh!*... você é 'atentista'? não é?... um pouco 'alarmista' também? *ooooh!* eu dou um basta!... temos que tratar de coisas sérias!... a mesa!... a mesa!... já não é sem tempo!"

Eu não via a mesa... a do pingue-pongue?... metida no monte de trecos... um pé! ah, um pé!... agarra-o... puxa-o... é forte!... e upa! põe a mesa no chão! conto-lhe que as duas senhoras, a Tulff-Tcheppe e Marie-Thérèse, queriam disputar uma partida de pingue-pongue... como duas garotinhas!... mas que, ao procurarem as raquetes, levantaram tanta poeira que tinham precisado beber... de tal forma... fosse o que fosse, que tinham vomitado e depois caído num sono profundo!...

"Mas não basta, colega! não basta! quero um sono de criança!... é preciso! estou notando sobressaltos..."

Está desconfiado... e com razão... Kracht volta da isbá...

"Correu tudo bem?

— Muito bem, Sr. *Oberarzt!*

— Estão comendo?... bebendo? Isis também?... e a menina?..."

A menina, ele não tinha visto...

"É preciso leite para os jovens!... muito leite!... há de tudo aqui!... tudo o que é preciso!... vá até o armário, Kracht, eu abri o fundo falso, você, um farmacêutico, não pensou no leite?... *Skandal*... outro *skandal!*... *ocooh!*... vai ver as latas... leite condensado... do melhor!... não é *ersatz!*... leite suíço! mande levar dez latas!... mas escute, cuidado para que a mãe não beba tudo!... nem os outros!... os pais, quando sofrem grandes desgostos, têm uma avidez terrível por leite!... principalmente pelo leite 'condensado' suíço!... eu mesmo vou verificar! conheço Isis von Leiden... conheço os Kretzer!

— Vamos tratar da administração, colega! vamos administrar! classificar esses humanos!... a espécie! que espécie?... as duas!... qual é a sua opinião, colega?... não há possibilidade

de hesitação: *Homo deliquensis!* os dois! os Leiden! os Kretzer! delinqüentes natos!... hereditariedade!... prontos para tudo!... e estas duas?..."

Referia-se à Tulff-Tcheppe e a Marie-Thérèse, ali, de pernas para o ar entre as cortinas...

"Pobres velhas, bêbadas, caducas... não são perigosas... não! gagás, otimistas, alcoólatras! os outros sim!... imagine, Destouches!

— É verdade, Harras!

— Ah, estamos de acordo!

"E você, Kracht... uma outra coisa! mande chamar o russo Nicolas... quando penso que fui eu quem o deu à fazenda... sou responsável... ferido em Orel, estava servindo comigo, na minha ambulância... tratei dele... mandei-o para aqui... de presente, para os Leiden! ah, e ainda há outra coisa!... os seus dois simpáticos compatriotas! preciso também avisá-los!

— Léonard?... Joseph?...

— Exato!"

Vi que estava bem-informado, embora tivesse estado lá longe, não sei onde...

"Não vai demorar muito, colega!... ainda não conhece a nossa fórmula *blitz?*... renovadora! em profundidade!... administração! oh, é muito simples!... muito simples! vai ver!... é inteiramente alemã!... filosófica acelerada!... vou mostrar-lhe... você vai ver... sente-se!... bem germânica, refletida! mas acelerada! antigamente, os vencidos eram enforcados, não é?... pura e simplesmente! uma banalidade! você sabe tudo isso, colega!... é ainda esse o sistema russo!... barbárie!... eu!... você! amanhã... *ooooh!*"

Que engraçado!

"Depois, não eram mais enforcados! não!... a escravidão!... nas pirâmides!... mais tarde, nas galeras!... não é?

— É verdade, Harras!

— Pois bem, a nossa Revolução!... filosófica, acelerada!... acabou-se a escravidão dos vencidos! você vai ver, admirar, espero! à sua frente!... mística nacional-socialista! os assassinos no comando!"

Chama Kracht...

"Mande chamar Joseph... Léonard... e Nicolas!"

Pergunta-me:

"São todos assassinos!... não, colega?

— Parece que sim!...

— Faça-os entrar, Kracht!"

Ei-los.

"Ah, Kracht, um tradutor!"

Kracht já providenciou... há um *bibel* à porta... que pode traduzir...

Joseph e Léonard entram... bem desenxabidos!... olham para as paredes... para o chão... Nicolas encara-nos... de repente, despertou... não é a ele que Harras se dirige...

"Léonard! escute!"

Léonard não ousa olhar para nós...

"Léonard, eu preciso de você!... estou dizendo: preciso de você!... mas cuidado! você conhece bem os estábulos... a fazenda... os silos... os animais... não é, Léonard?"

Léonard faz que sim, mas não responde...

"Ora, ora, diga: sim!

— Sim, meu coronel!

— Então, muito bem! você será o patrão!... o patrão daqui: vai ser responsável pelo gado e pelo pessoal! entendeu?

— Sim, meu coronel!

— Se as coisas não correrem bem, você será fuzilado, Léonard!

— Sim, meu coronel!

— Quanto a você, Joseph!... vai tomar conta dos polacos e dos prisioneiros! dos jardins e da cozinha!... entendeu?... se não der certo, será enforcado!... entendeu, Joseph?

— Entendi sim, senhor Presidente!

— É inútil tentarem fugir, o tanque e os S.S. vão ficar aqui, vocês serão apanhados!... agora, vocês dois são patrões!... vou lhe pedir logo uma coisa, Léonard: mande preparar oito vacas!... oito vacas atreladas... sabe?

— Atreladas como?

— Dê um jeito! mas tem de ser já!"

Kracht sabe... à carreta das beterrabas... sim, mas não é assim tão simples!... primeiro é preciso ferrar as vacas... isso Léonard sabe!... eu compreendo... com "escarvas"... La Vigue explica-me... ele sabe das coisas, foi quase agrônomo em certa época...

"Imediatamente!... imediatamente!"

Saem todos os três... levam uma *torch*... duas *torch*... apressam-se a tratar de tudo... são quase onze horas...

"Agora, caros amigos, vamos tratar de nós!"

O que vamos fazer?... observo que, lá em cima, continua o mesmo movimento... uma "fortaleza" atrás da outra... sobre Berlim! por quê?... já que não há mais nada, disse ele... mas as explosões continuam... e a prova são as nossas paredes... seria por hábito? rotina?... não quero fazer comentários...

"Vamos vê-lo?"

O *Revizor* geme... no outro lado do salão...

"*Guten abend!* boa noite! como vai?"

Faço as apresentações... *Reichgesundheits* etc.... o *Revizor* está muito honrado, não pode levantar-se... não tenta mais... mas sente muito!... oh, muito mesmo!

"*Nein! nein! bleibt!* fique! fique!"

Explico a sua fratura... e que tínhamos conseguido salvá-lo por um triz!... que as prostitutas iam acabar com ele... como fizeram com o outro...

"O outro?

— O *Rittmeister!*"

Ele sabia!... sabia de tudo, os detalhes e as circunstâncias... mas divertia-se com o que eu lhe contava... eu não tinha podido fazer muito pelo *Revizor*... não tinha meios!...

"Você não podia!

— Morfina...

— Claro! claro!

— Dois centímetros cúbicos...

— Isso não vai bastar para esta noite... muitas emoções esta noite!... administração de choque!... vou nomeá-lo diretor! o seu *Revizor* despedaçado!... sim, colega! sim, senhor! Diretor da *Dienstelle!* a maior autoridade depois de Deus!... não precisará mexer-se, poderá verificar as contas, toda a caixa!... é a obsessão dele!... aqui!... os outros que vão para o diabo!... ele vai ficar sossegado!...

— Kretzer?...

— Sim!... e Isis von Leiden!

— E a condessa Tulff-Tcheppe?

— Também! e de carro!... está combinado!... as etapas estão prontas... Rostock... Stettin... Dantzig... a administração nazista!... de choque e meticulosa! filosófica e acelerada! você vai ver, caro colega!... nada foi deixado ao acaso! preparado há muito tempo! minuciosamente! e Nicolas... o meu prisioneiro Nicolas!... *ooooh!*... você sabe, eu lhe contei... eu o tinha dado ao aleijado... ele jogou o aleijado na esterqueira... o seu patrão!... *ooooh!* normal!... normal! inibição, liberação, choque!... você sabe!... choque em contrapartida, normal! o general médico Göring, você vai vê-lo daqui a pouco, estudou muito os prisioneiros russos... comunicou esses casos... "liberação, choques"...

— Göring?

— Não é o gordo Hermann, não!... Werner Göring, o alienista!... oh, este é muito moderado, sensato, nem um pouco abracadabrante!... ele ficará muito contente em conhecê-lo, fala francês bem melhor do que eu!... fez um trabalho muito importante, em francês, em Paris, com Dupré...

Deu outra risada... *ooooh!*...

"Werner é um clínico muito hábil!... você vai ver!

— Então vai mandar tudo e todos para Königsberg? essas mulheres e todos os que as cercam?

— Isso mesmo!... por Stettin, ao longo do Báltico... sabe? a vida lá é uma beleza!... não conhece? florestas!... lobos!... ursos!... coelhos! *ooooh!* ela não os convidou?

— Oh, sim... a todos!

— Vocês irão depois... se quiserem!... um castelo enorme! ela não pode tê-lo percorrido todo, impossível! ela não conhece todo o seu castelo!... e que florestas! que nevascas!... que raposas!... águias!... e 'guerrilheiros' também! russos!... em quantidade!

— Harras, acho que você sabe tudo!

— Tudo não, mas bastante...

— Então aqueles que vieram aqui, aqueles homens empoados?

— *Ooooh!*... é bem possível!... eles se infiltram, não é?... e então...

— E as prostitutas de Moorsburg?

— Estão em Hamburgo... Hamburgo está em chamas!... pior do que Berlim! elas queriam ir para lá, não queriam?...

todas as prostitutas da Alemanha querem ir ao encontro dos ingleses!...

— Claro!... claro!

— Quanto a você, colega, a sua idéia fixa é o Norte: a Dinamarca... há 'guerrilheiros' também na Dinamarca!... sabe?... ferozes!... enfim, a idéia é sua!... eu não posso fazer nada por vocês, mas Göring pode! ele tem o carimbo!... um carimbo deste tamanho!..."

Mostra-me... do tamanho da mão dele... um carimbo enorme...

"Göring pode, o general Göring!... e até mais!... você vai ver!... *pã!* assim!"

Imita o gesto do general carimbando...

"Administração! *pã!*... o general-médico Göring!... oh, é muito simpático!... vocês vão ver!... não fala tanto quanto eu, não!... é muito sério, alienista! ponderado! sensato!... Kracht!"

Kracht acorre...

"Tudo bem?... *es geht?*

— Sim, senhor!... estão trabalhando... acho que tudo ficará pronto...

— Vamos ver o nosso ferido, colega!..."

Eu acho que ele deve estar dormindo...

"Tomou quatro ampolas...

— As duas senhoras também?

— Marie-Thérèse? a Tulff-Tcheppe?...

— Tenho certeza de que não estão dormindo bastante..."

Realmente, com aquele barulho, é preciso convir... estamos habituados, mas assim é demais!... o assoalho... as vidraças... tudo!... as explosões continuam, parece que se espalham... desde lá de cima até a planície... cascateando!... ao longe... Harras tem razão, o *Revizor* não está totalmente adormecido, só cochila... não pode compreender nada, não fala francês... mas e as senhoras?... não estamos dizendo grande coisa, mas de qualquer forma eu proponho:

"Aplico-lhes mais 2 cc.?... elas vão vomitar!

— Não tem importância!

— Elas ainda estarão dormindo amanhã...

— Tanto melhor... Marie-Thérèse pode ficar aqui!... está em sua casa, vai ficar em paz, sem problemas!... a outra nós vamos levar!"

Então, morfina!... injeto... primeiro no *Revizor*... e depois nas duas senhoras... a mesma seringa para os três... e a mesma agulha... Harras observa:

"Os morfinômanos nunca fervem suas seringas... e, mesmo assim, quase nunca têm abcessos..."

Estamos de acordo! conto-lhe que eu, quando médico do "Chella", tive de aplicar, numa noite, mais de duzentas injeções... da mesma maneira!... nenhum abcesso!... tratava-se de um naufrágio! comentando outros horrores, ele conta-me que, prisioneiro em Krasnodar, precisara amputar, a sangue-frio, absolutamente sem anestesia, uma sala inteira de prisioneiros russos...

"Harras!... como Ambroise Paré!

— Oh, os russos são impressionantes, colega!... os bichos se queixam, mas eles quase nunca!... e, ainda por cima, sabe o que me pediam? já que eu estava com a mão na massa?... que eu lhes arrancasse um dente!... dois dentes!... além da perna... são muito raros os dentistas entre eles..."

Le Vigan nos escutava, mas nossas histórias não o distraíam...

"Le Vigan, me ajude!"

Percebi que as senhoras não estavam dormindo... maldita morfina!

"Falsificada, Harras!"

Preparo a seringa...

No primeiro divã! a condessa Tulff-Tcheppe... naquela época, em Zornhof, eu trabalhava ainda com muita habilidade, não se sentia a minha picada, agora fica todo trêmulo...

"Ao *Revizor!*"

Ele nos vê voltar... fica radiante...

"*Merkwürdig!*... maravilhoso!"

Harras avisa-me...

"Sabe, colega? Nós não vamos poder dormir!... para nós, nada de tebaína!... para nós, cafeína!... precisamos ficar aqui, esperando!...

— Mas eu não estava mesmo com vontade de dormir, meu caro Harras! nem um pouco!

— E a Sra. Destouches?

— Oh, ela também não!
— Talvez o Sr. Le Vigan?
— Hum! Hum!"

Le Vigan está em dúvida, Harras levanta o dedo... uma idéia!... ora!...

"Sr. Le Vigan, café com leite! é melhor ainda, não é?... estava me esquecendo! eu tenho de tudo!... de tudo!...

— Mas claro!... café com leite?... onde?...

— No carro! como sou tolo... vocês vão ver!... a administração! Kracht! Kracht! sabe?... o malão de zinco!... traga-o para cá... por favor!"

Ficamos esperando... ele traz o malão... não é malão, eu observo, é uma "cantina"... perfeita!... ele a abre... está cheia de garrafas térmicas!...

"Bebam!... bebam!... café com leite! à sua saúde!"

Provo... é bom, do verdadeiro!... não dormiremos mais!... sete ou oito garrafas, bem quentes!...

Le Vigan prova... ah, não é *ersatz!*... café com leite legítimo!

"Isso você não têm no armário, *ooooh!*"

Brincadeira sutil!

Le Vigan começa a cantar... e bem alto...

"Harras, não dormiremos mais!

— Atenção!... o nosso general vai chegar!"

Le Vigan?... o general?... ele já vira outros!... esse que venha!

"Dez moças no prado a cantar!
As dez querendo se casar!
Estava Dine!... e também Chine!"

— Psiu! psiu!... La Vigue!

— Está vendo como eles dormem?

"E a duquesa de Montbazon!"

— Cale a boca!"

Ofende-se...

"Então eu vou contar tudo para ele!

— Você quer ir para a cadeia? cretino!

— Claro que quero!

— Você quer ser fuzilado!

— Ah, e por que não?... me diga por que não?"

Faço sinal para Harras... a cabeça dele!... ora! não tem importância... ele sabe... o que é que ele não sabe?...

Mas e as vacas? tinham sido atreladas à carreta?

"Kracht!... Kracht!"

Kracht de novo...

"Sim!... está tudo pronto!... Nicolas está pronto... e os dois S.A. da escolta... precisamos esperar... ordem de Harras!..."

Kracht vai de novo à isbá e volta...

"Não os faça sair ainda... eles comeram?... dormiram? todos?

— *Ja! ja! ja!*"

Nós ficamos esperando... um minuto, dois minutos!... e *rrrr!*... uma motocicleta... mais outra... um esquadrão de motos!... é alguém importante! ele me avisara... repete:

"Não o chame pelo nome!... muito cuidado!... só lhe diga 'colega'!... colega!... faça como se não soubesse de nada... a senhora também... Le Vigan também... ele é muito amável, muito simples..."

Rrrrr!... mais motocicletas... e depois um barulhão de ferragens... correntes arrastando-se...

"Ele vem num tanque!... *panzer!*... *panzer!*... general, não é?... general!... sabe muito bem falar com os loucos!... é muito amável!... vocês vão ver!... não é daquele tipo de alienista intolerante! não! maníaco, não!"

Ainda teve tempo de dizer-me:

"Muito compreensivo!... mas não se pode falar no irmão dele!

— Não... não! claro que não!"

Eis o general... desce do tanque... deve conhecer a propriedade... e o castelo... veste-se como Harras... um perfeito camaleão militar... mas está sem armas... pelo menos, aparentemente... dirige-se para onde estamos! *heil! heil!* e bate os calcanhares... apertos de mão... inclina-se diante de Lili... tira o capacete... faz uma reverência!... não é espalhafatoso como Harras, absolutamente!... eu diria que é até muito austero... nada de *ooooh*... La Vigue interrompe-o...

"Catherinette!... Catherina!
E a duquesa de Montbazon!"

Não se mostra surpreendido...
"Mas naturalmente, meu caro, está certo!"
Ele sabia...

"Quem eu amo... é Célimè... è... ne!
Mas também quero a Du... mai... ai... ne!"

Muito bem! muito bem! o general bate palmas... La Vigue senta-se... está diante de alguém que o compreende... e logo no primeiro encontro...

"Vamos falar francês, Harras!"

Esse Göring está na casa dos quarenta, não é grandalhão como o outro!... absolutamente!... nem fala alto... sua voz é rouca, baixa... os cabelos completamente brancos... um homem que tinha tido desgostos... e que rugas!... cem anos!... os olhos muito claros, azuis... afinal de contas, nós também temos desgostos... La Vigue amarra a cara... apanha outra cadeira... não!... um banquinho!... vou dizer-lhe ao ouvido:

"Olhe, La Vigue, você pode fazer a sua cena... pode berrar que matou o *Landrat!*... ande! experimente!

— Ele nem liga, você não acha?

— Oh, liga sim!

— Não! não vou dizer nada!"

Pega o banco e leva-o para o outro canto... senta-se... está zangado... envesga... endireita os olhos... o general médico começa a falar... comigo!... vai explicar-me... eu estava pensando em outra coisa...

"Pois é, caro colega!..."

Fala devagar, receia não ser compreendido... reparo que tem as mãos finas, muito finas... mas as unhas estão sujas... fora a viagem no tanque...

"Pois é... a Chancelaria está preocupada com Zornhof... fui enviado para resolver tudo... bem depressa!... o senhor sabe, não é?... dificuldades no Leste... e no Oeste também, recentemente... muito sérias... vamos ter de retirar mais tropas...

a retirada!... o senhor sabe: a retirada... como Napoleão!... e ainda muitos outros problemas!...

— Oh, claro, meu general!

— Não, não... para o senhor, nada de general!... sou seu modesto colega... e só!... e psiquiatra!... e daí?... loucos entre os loucos!... sabe?"

Ia sorrir... não... só esboça o gesto...

"Sim!... sim! está bem visível! cobriram-me de bordados... não pode faltar nada!... não é, Harras?

— *Ooooh!* o senhor está se amofinando!

— Nem tanto!... nem tanto, Harras!"

Explica-me:

"Zornhof fica muito perto de Berlim... um escândalo! todas essas histórias!... não é?... está compreendendo! cem quilômetros, só! praticamente ao lado!... se fosse a trezentos quilômetros, não teria importância!... o partido não ia fazer caso!... mas ali é impossível! o escândalo é o quarto ali do lado!... ouve-se tudo... não é, colega?

— Sou inteiramente da sua opinião!

— Tenho de resolver tudo! bem depressa!... para não se falar mais nisso!

— Naturalmente, colega! Naturalmente!

— As ordens já foram dadas... de Berlim!... nós, aqui, vamos tratar dos detalhes!... e então, Harras?"

Harras vai e vem sem parar... o general pergunta-lhe:

"Está tudo pronto?

— Sim senhor!

— Faça-os sair, mas cuidado!... eles vão resistir!...

— Não!... não!... estão dormindo!

— Os da isbá?

— Sim..."

As duas mulheres, ali, nos seus divãs, a Tulff-Tcheppe e Marie-Thérèse, não se mexem... não tinham vomitado... o *Revizor* também não, geme um pouco, mas dormindo...

Kracht sopra-me ao ouvido que é melhor carregar a Tulff-Tcheppe como está, enrolada nos cobertores, até o carroção... concordo... seríamos seis ou oito... íamos deitá-la na carroça, bem coberta... ela não ia despertar... e chegaria assim ao seu castelo, adormecida! que engraçado!... estou muito cansado,

mas assim mesmo observo que o nosso eminente colega não nos falara dos dois mortos... três! eu ia me esquecendo do *Landrat!* não! ele não está se esquecendo de nada! é só a pressa! Kracht está com os três "atestados" no bolso... Harras pede-os... "depressa, Kracht! depressa!" Göring deve autenticá-los... recebe-os e começa a ler...

"Harras, e as horas?... falaram-me disso em Berlim... von Leiden, o filho, morreu às 'vinte e duas horas'? o perneta? que estupidez! Isis, então, é a herdeira?... não! não está certo! é impossível!... Marie-Thérèse é a herdeira!... é preciso!... ela fica aqui! o *Rittmeister* morreu primeiro!... Isis vai para longe!... o *Rittmeister* às 'vinte horas', vamos escrever!... não é?... é preciso!"

Oh, nós estamos de acordo!... vejo que é preciso nos apressarmos!... Harras observa:

"As horas foram indicadas pelo promotor, não?... no inquérito que ele fez?

— Estúpido!... idiota!... o que é que ele sabia do caso? não estava aqui!... testemunhas?.... nenhuma!... vocês estavam todos no *Tanzhalle!* é verdade, não é? o *Rittmeister* morreu primeiro!... é preciso!... você sabe, Harras, o tempo!... a hora!"

Eram agonias bem complicadas!... mas a Chancelaria de Berlim, que aliás já tinha tantos problemas, ainda achava meios para se envolver com aquelas ninharias! e com "atestados" duvidosos!... e, ainda por cima, para mandar um general especialmente para aquilo...

O ilustre colega hesita... pode fazer o que quer, sem dúvida!... Harras me disse... anular as horas...

"Não!... eu prefiro!... vocês concordam?... será melhor!..."

Risca as horas com lápis verde... as horas dos óbitos... e escreve com lápis vermelho, com a sua própria letra, por cima... *unbestimmt*... incerto!

"Isso vai dar processos, eles vão ter o que fazer!... vão se distrair!... depois da guerra! dez anos!... não é, Harras? quer assinar, meu caro amigo?"

Harras assina...

"O senhor também, colega?"

É a minha vez...

"E depois Kracht!"

Ele assina...

"Agora, os meus plenos poderes!"

Tira um carimbo bem grande do bolso... de um tamanho incrível... é difícil de manipular... do tamanho da palma da mão...

"Olhe, colega!... veja só! nunca vai conseguir ler tudo!

— Vou tentar!"

É mesmo muito importante!

Todo mundo ri! o nosso Göring está se divertindo!... começo a decifrar...

"É alguém importante, não?

Leio em voz alta...

"Der Reichsbevollmächtigter!"

E traduzo... encurtando:

"O plenipotenciário do Reich!"

Mostro minha admiração... ele me interrompe... bate no peito...

"Sou eu!... sou eu!... que paranóia, não?... evidente? não?

— Oh, meu general!

— É sim! é sim!... não tenha receio! mas eu vou devolvê-lo!... só o trouxe para esta missão... por causa desta questão! os poderes estão lá! todos os poderes!... lá, é preciso, é preciso!... não é? a Chancelaria: são todos paranóicos!... é a guerra!... é preciso!"

"Agora, colega, vou carimbar!"

Do outro bolso!... também com muita dificuldade... a caixa!... a almofada de tinta... e *pã! pã!*... duas vezes embaixo de cada assinatura!...

Harras dirige-se a mim:

"Escute, colega... quanto à sua viagem a Rostock... é esta a oportunidade!"

De fato, eu estava pensando naquilo, mas não me atrevia... ele atreve-se! até explica... nós queremos ir até o mar!... ver a praia... Warnemünde... Lili e eu... por três dias!... férias!... quatro dias!... turistas!..."

La Vigue fica aqui... ele irá depois...

"Mas claro!... com todo o prazer!... para que é que eu tenho plenos poderes? vejamos!..."

Pega uma folha grande... branca... carimba-a em três lugares... e assina...

"Preencha-a por mim, Harras!"

Não é possível ser mais amável...

"Agora, meus amigos, vamos ver a partida!"

Sempre com pressa!... é verdade, está na hora!... está quase amanhecendo... saímos todos... só ficam no salão Marie-Thérèse e o *Revizor*... ensopados de álcool e morfina!... com certeza, não ouviram nada... embrutecidos... assim mesmo, vomitaram um pouco... nós não carregaremos a condessa... Kracht faz-me sinal: os *bibel* estão aqui, seis... iam levá-la com divã e tudo!... então, vamos para a isbá... lá está a carreta!... está quente, cheia de palha... atrelada a oito vacas... não são animais gordos, mas também não muito magros... a carreta está carregada, eles puseram de tudo... eu vejo... fardos de feno, sacos de pão, sacos de arroz, caixotes de conservas, latas, garrafas... elas teriam com que se manter até Stettin... já que Stettin...

"Não vão passar mal..."

Göring olha...

"Por onde?" pergunto a Harras.

"Já lhe disse, primeiro Stettin!... a *Kommandantur* já está avisada, lá vão lhes dar um trenó... Stettin não é longe... três dias... quatro dias... bem devagar... vamos dar-lhes outra escolta, com outros S.A.... e depois, para o Leste e o Norte... Dantzig... Königsberg... perto de Memel... lá, a condessa estará em casa!... todas as florestas são dela... com a filha e a pequena Cillie... a *Kommandantur* de Stettin ficará com as vacas... e lhes dará cavalos... cavalinhos tártaros... especiais para a neve... tudo isso, claro, depende do frio!"

Eu imagino... estamos em fins de outubro... o principal é que elas partam logo!... o general e Harras vão ver, mas nem dá tempo... ei-los!... estavam prontos... primeiro os Kretzer, em prantos... não devem ter dormido muito... estão de braço dado... ela segura as duas túnicas junto ao peito... caminham vacilantes até à carreta...

"Estão bêbados?

— Não! não! é a tristeza!"

Sinto que La Vigue está prestes a provocá-los... acalmo-o...

"Está bem!..."

Começa a cantar... a cantarolar... os Kretzer sentam-se em cima dos sacos... ela continua soluçando... os *bibel* trazem a condessa, no seu divã, enrolada nos cobertores, colocam-na, como está, sobre a forragem... bem devagarinho...

"Sabe, colega, estou me lembrando da minha mocidade!... o embarque para a ilha de Cítera!..."

Esse embarque deixa-o pensativo... fica olhando... estou falando do nosso médico general...

"Sabe, colega? eu já dancei muito aqui!... o velho conde von Leiden, não o *Rittmeister,* o pai dele, Hugo, dava grandes bailes... eu era, então, tenente-médico em Moorsburg no regimento da Guarda dos Granadeiros... dancei muitas vezes com a jovem Tulff-Tcheppe... Meu Deus, como mudamos!... eu com os meus carimbos, ela com as suas florestas!... aquele seu monumento! tão grande quanto triste! o castelo!... o senhor vai ver! a Bastilha teutônica! duas guerras!... quase três!... dá vontade de rir!"

É a primeira vez que eu o vejo rir... não é um *ooooh* como Harras... mas, mesmo assim, uma risada...

"Oh, aquele castelo, amigos! dá para hospedar Königsberg inteiro!... e mais os ursos com as suas famílias!... e os russos!... o conde já se entediava lá, passava os dias caçando... e ela, agora, sozinha?... é natural que queira levar tudo o que encontra!... ela falou-lhes de Paris?

— Caro colega, ela só pensa em Paris!

— Não é novidade... já tinha essa mania quando mocinha... e falar francês... Isis von Leiden também, mas menos..."

Tudo o que ele nos diz me faz pensar que ele tem muito mais de quarenta anos... à primeira vista, parece jovem...

"Conhece a cidade de Königsberg?... é o lugar das obsessões!... Kant, por exemplo!... amanhã, o senhor!... depois eu, se formos para lá!... mas não iremos!... nem a Cítera!"

Rimos todos!... não iremos lá! mas aonde iremos?

"Ora, Marie-Thérèse, a que ficou, eu a conheci bem pequena... a herdeira!... ainda não estava na idade dos bailes... vinha só olhar..."

Bem naquele momento, Kracht sai da isbá... ele só, não... Isis toda de preto, um lenço preto amarrado debaixo do queixo... e, sobre os olhos, um veuzinho preto... a pequena Cillie está

de mãos dadas com ela... Kracht ajuda-as a subir ao carro... Isis primeiro... o casal Kretzer está quase no meio da carreta, bem em cima do eixo... a condessa Tulff nem percebe como a deitam no divã, no meio dos nabos, do feno e da alfafa, roncando...

"Onde está Léonard?" pergunta Harras...

Ele não o vira... ele estava ali... mas não como no estábulo... ensopado de urina, coberto de bosta!... não!... bem limpo, lavado... penteado até... é por isso que não o tínhamos visto logo!... irreconhecível!... em plena função de proprietário...

"Está tudo em ordem, Sr. *Oberarzt!* tudo o que é preciso!... as vacas ferradas... e forragem para cinco dias, pelo menos..."

Ele sabe o que está dizendo...

"Muito bem, Léonard!..."

E para implicar comigo:

"Está vendo, colega? tudo funciona!... eles conseguirão... não se pode deixá-los agitar-se livremente!... nunca! responsabilizá-los imediatamente!... uma ordem! precisa! carimbo!... e pronto! uma promoção!"

É indiscutível! estou vendo!...

"Na Chancelaria, eles compreendem... um pouco! não são todos idiotas, mas são muito lentos!... a vida continua!... e então?... um enxerto imediato... ou a infecção!... a podridão!... veja aqui, Isis é uma criminosa! absoluta! é evidente!... mas o marido dela, o aleijado, o perneta, também, só vivia pensando em matá-la!... e então?... o gigante Nicolas também!... o importante é que vão embora juntos!... não concorda?

— Oh, sim!... oh, sem dúvida!

— As psicoses se propagam em um lugar, desaparecem em outro, no caminho... um assassino sai, pára na ponte, lança o anzol... e passa a pensar bem tranqüilamente!... de forma totalmente diferente!... não é, Harras? há cem casos como esse! na França... na Polônia... na Alemanha... mas assim, tão perto? a cem quilômetros?... eu já lhe disse: impossível!"

O ilustre colega não está arrependido...

"Eu não teria tido o prazer de encontrá-lo!... e à senhora! a grande honra! o principal é que todos partam! que se mexam!

a caminho de Moorsburg! não vão passar mal em Stettin... e ainda mais longe!... estão sendo esperados..."

Esperados? esperados por quem?, penso eu... a Kretzer continua apertando as duas túnicas ao peito... vai ter a quem mostrá-las daqui para Königsberg!

É a hora da partida com certeza...

Os dois S.A. colocam-se cada um de um lado... atrás... irão a pé... Nicolas, bem na frente, ia puxando a primeira parelha de vacas... a um sinal de Kracht, o cortejo põe-se em marcha... bem devagar... cumprimentamos, abanamos para dizer adeus... ninguém responde... nem Isis, nem os Kretzer, nem Nicolas... nem sequer olham para nós... afinal a carreta partiu... não tem molas... Harras observa que o tanque também não... informa-me:

"Vou deixar o meu carro aqui, o 'blindado'... para vocês e Kracht!... e quatro S.A.... para manterem a ordem! a guarda! vocês não têm mais guarda-civil!... *ooooh!* nem pastor!... e a moral, como vai ser?... e a ordem, colega? absolutamente nada? não?... vai ficar tudo como está!

— Muito bem!

— Mil desculpas, minha senhora... estou mesmo muito aborrecido... mas preciso partir, sabe?... imediatamente!

— A pé?

— Não!... não!... no tanque!... com o colega general! e todas as motocicletas!... na frente!... atrás!...

— As estradas estão minadas?

— Oh, claro!... claro! pelos alemães! pelos russos!... pelos prisioneiros!... não se sabe mais por quem! *ooooh!*

— E então?

— *Ave Cesar! bruuuum!* as senhoras na carreta correm menos riscos! depois de Stettin, talvez... depois de Stettin elas vão ver!... conosco vai ser já!... tanque! ferragem!... *ooooh! bruuuum!*"

Vejo que ele está se divertindo...

O general é mais sério, vai até a carreta... fala com os S.A.... abre um mapa... aponta uma aldeia... um nome... o trajeto deles... indica-o... por ali!... rumo a Leste, não há muitos bombardeios... mas no Sul? justamente na direção em que os nossos companheiros vão partir... que pirotecnia!... o céu!

as nuvens! a terra!... e as estradas também, com certeza! ia ser um regalo! as gaivotas estão habituadas, elas pairam, esvoaçam... roçam nos animais... a neve cai mas não é muito espessa... não estamos numa região de neve... a neve é depois de Rostock...

Agora é a despedida oficial!... vamos todos para lá!... com o braço levantado!... Léonard, Joseph... as moças da *Dienstelle*... *heil! heil!*... o general, Harras, Kracht... e nós três, La Vigue, Lili e eu... *heil! heil!* Nicolas responde... *heil!*... mas os outros não... ah, sim!... Cillie!... *heil! heil!* levanta os bracinhos para nós... *heil! heil!* está contente! diverte-se muito... começa a viagem... viagem!...

Não tomam a estrada, a pavimentada... não... tomam outra... eu diria antes um caminho bem lamacento... entre as plantações... Göring deve tê-los mostrado... afastam-se... não precisam ter pressa... o tempo clareia!... até surge o sol!... parece mentira, mas é verdade! a pequena Cillie não era alegre, nunca a vi alegre na fazenda; pois lá, na carreta, está contente!... a viagem! ainda faz outros *heil!* para nós! só ela! ninguém nos respondeu a não ser ela... a Tulff-Tcheppe continua roncando, só ia despertar depois de Stettin!... no divã! oh, Göring tem uma idéia!... de repente!...

"Kracht! Kracht! tapioca!

— *Wo? wo?* onde?

— No tanque!"

Eis o que faltava! *halt!*... *halt!* manda a carreta parar! nós também gritamos... para eles esperarem!... Kracht corre... e três *bibel*... voltam! acharam!...

"Levem para a carreta, depressa!... *für die kleine!* para a menina!"

Um *bibel* tira os tamancos e lança-se descalço na lama... patina... com dificuldade... é esforçado, um atleta... consegue alcançá-los, já estão longe... entrega os pacotes a Isis!... nem "muito obrigada"!... e tornam a andar... as vacas, a carreta, Nicolas, os S.A. da escolta... Harras observa:

"Meu caro Destouches, você está vendo a retirada da Rússia às avessas... de volta! *ooooh!*"

Göring interrompe-o...

"Desculpe! desculpe, Harras! me desculpe! mas eles nunca tomaram esta estrada! nunca!

— Ah, eu pensei!

— Não! claro que não! meu caro Harras! não pense isso!... muito poucos voltaram por Stettin... um punhado, apenas!

— Mas!...

— Oh, não, Harras! não fale mais!... eu sei!..."

O general-médico tinha certeza...

"Deixe-me sentar um pouco..."

Senta-se ali, na neve...

"Um momento! um momento, Harras!"

Era a primeira vez que se animava...

Nem diante do horrível caso do *Landrat*... nem no fim do *Rittmeister* eu o vira interessar-se, fizera o que pudera, mas só!... entretanto, a retirada da Rússia ele levava muito a sério!...

"Parecia-me, Göring...

— Deixe de imprecisões, Harras! espere!..."

Sentado na neve, ele vai lembrar...

"Não foi absolutamente por Stettin, Harras!"

Pôs as mãos na cabeça...

"Insterburg... sim! depois Elbing! e Gumbinnen... Thorn!... por lá, eles passaram!... e depois por Plock!... Landsberg!... foram essas as etapas! Neuenkirschen!... por Stettin, quase ninguém!... Neuenkirschen!... muitos doentes... em Neuenkirschen! ainda havia lembranças!... no hospital, sabe?... eu servi lá como médico-auxiliar... nomes na madeira, nas vigas, nomes... gravados a canivete, sabe?..."

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA ARTESTILO COMPOSITORA GRÁFICA LTDA E IMPRESSA NA ARTES GRÁFICAS GUARU S.A., EM DEZEMBRO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E CINCO.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP 22461 — Rio de Janeiro